



**HILARY
MANTEL**

WOLF HALL

A TRILOGIA DE THOMAS CROMWELL VOL. 1





Hilary Mantel

Wolf Hall

tradução
Heloísa Mourão

todavia

Lista de personagens
Árvores genealógicas

Parte 1

1. Cruzando o mar Estreito: Putney, 1500
2. Paternidade: 1527
3. Em Austin Friars: 1527

Parte 2

1. Visitação: 1529
2. Uma história oculta da Bretanha: 1521-1529
3. Tudo ou nada: Dia de Todos os Santos, 1529

Parte 3

1. O truque das três cartas: Inverno de 1529 — Primavera de 1530
2. Meu muito estimado Cromwell: Primavera — Dezembro de 1530
3. Os mortos se queixam de seu enterro: Natal de 1530

Parte 4

1. Componha seu rosto: 1531
2. “Ai de mim, que hei de fazer por amor?": Primavera de 1532
3. Missa da Manhã: Novembro de 1532

Parte 5

1. Anna Regina: 1533
2. O cuspe do demônio: Outono e inverno de 1533

3. O olhar de um pintor: 1534

Parte 6

1. Supremacia: 1534

2. O mapa da cristandade: 1534-1535

3. Rumor a Wolf Hall: Julho de 1535

Nota da autora

Agradecimentos

Autora

Créditos

*Seja este dedicado a minha amiga ímpar,
Mary Robertson*

Lista de personagens

EM PUTNEY, 1500

Walter Cromwell, ferreiro e cervejeiro

Thomas, filho

Bet, filha

Kat, filha

Morgan Williams, esposo de Kat

EM AUSTIN FRIARS, A PARTIR DE 1527

Thomas Cromwell, advogado

Liz Wykys, esposa de Cromwell

Gregory, filho

Anne, filha

Grace, filha

Henry Wykys, pai de Liz, comerciante de lã

Mercy, esposa de Wykys

Johane Williamson, irmã de Liz

John Williamson, esposo de Johane

Johane (Jo), filha

Alice Wellyfed, sobrinha de Thomas Cromwell, filha de Bet Cromwell

Richard Williams, mais tarde Richard Cromwell, filho de Kat e

Morgan

Rafe Sadler, principal funcionário de Cromwell, criado em Austin

Friars

Thomas Avery, contador da família

Helen Barre, mulher pobre acolhida pela família

Thurston, cozinheiro

Christophe, criado

Dick Purser, tratador dos cães de guarda

EM WESTMINSTER

Thomas Wolsey, arcebispo de York, cardeal, legado papal, lorde
chanceler: patrão de Thomas Cromwell

George Cavendish, principal intendente de Wolsey e, mais tarde,
biógrafo

Stephen Gardiner, professor do Trinity Hall, secretário do cardeal,
mais tarde secretário-mor de Henrique VIII: o mais ferrenho
inimigo de Thomas Cromwell

Thomas Wriothesley, guarda-selos, diplomata, protegido de
Cromwell e Gardiner

Richard Riche, advogado, mais tarde procurador-geral

Thomas Audley, advogado, presidente da Câmara dos Comuns,
lorde chanceler depois da renúncia de Thomas More

EM CHELSEA

Thomas More, advogado e acadêmico, lorde chanceler depois da
queda de Wolsey

Alice, sua esposa

Sir John More, seu pai idoso

Margaret Roper (Meg), filha mais velha, casada com Will Roper

Anne Cresacre, nora

Henry Pattinson, criado

EM LONDRES

Humphrey Monmouth, comerciante, preso por abrigar William
Tyndale, tradutor da Bíblia para o inglês

John Petyt, comerciante, preso por suspeita de heresia

Lucy, sua esposa

John Parnell, comerciante, envolvido numa prolongada disputa legal com Thomas More

Pequeno Bilney, professor queimado por heresia

John Frith, professor queimado por heresia

Antonio Bonvisi, comerciante de Lucca

Stephen Vaughan, comerciante da Antuérpia, amigo de Cromwell

NA CORTE

Henrique VIII

Catarina de Aragão, sua primeira esposa, mais tarde conhecida como a princesa viúva de Gales

Maria, filha do casal

Ana Bolena, segunda esposa de Henrique

Maria, irmã de Ana, viúva de William Carey e ex-amante de Henrique

Thomas Bolena, pai de Ana e Maria, mais tarde conde de Wiltshire e lorde do selo privado: gosta de ser chamado de “monsieur”

George, irmão de Ana e Maria, mais tarde lorde Rochford

Jane, Lady Rochford, esposa de George

Thomas Howard, duque de Norfolk, tio de Ana

Mary Howard, filha

Mary Shelton (damas de companhia)

Jane Seymour (damas de companhia)

Charles Brandon, duque de Suffolk, velho amigo de Henrique, casado com Maria, irmã do rei

Henry Norris (cortesão a serviço do rei)

Francis Bryan (cortesão a serviço do rei)

Francis Weston (cortesão a serviço do rei)

William Brereton (cortesão a serviço do rei)

Nicholas Carew (cortesão a serviço do rei)

Mark Smeaton, músico

Henry Wyatt, cortesão

Thomas Wyatt, filho

Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei
Henry Percy, conde de Northumberland

O CLERO

William Warham, o idoso arcebispo da Cantuária
Cardeal Campeggio, enviado papal
John Fisher, bispo de Rochester, conselheiro jurídico de Catarina de Aragão
Thomas Cranmer, professor de Cambridge, reformista, arcebispo da Cantuária, sucessor de Warham
Hugh Latimer, padre reformista, mais tarde bispo de Worcester
Rowland Lee, amigo de Cromwell, mais tarde bispo de Coventry e Lichfield

EM CALAIS

Lorde Berners, governador, professor e tradutor
Lorde Lisle, o governador seguinte
Honor, esposa de lorde Lisle
William Stafford, adido da guarnição

EM HATFIELD

Lady Bryan, mãe de Francis, encarregada da princesa infante Elizabeth

Lady Anne Shelton, tia de Ana Bolena, encarregada da antiga princesa, Maria

OS EMBAIXADORES

Eustache Chapuys, diplomata da Saboia, embaixador do imperador Carlos v em Londres
Jean de Dinteville, embaixador de Francisco I

OS PRETENDENTES YORKISTAS AO TRONO

Henry Courtenay, marquês de Exeter, descendente de uma filha de Eduardo IV

Gertrude, esposa de Henry

Margaret Pole, condessa de Salisbury, sobrinha de Eduardo IV

Lorde Montague, filho

Geoffrey Pole, filho

Reginald Pole, filho

A FAMÍLIA SEYMOUR, DE WOLF HALL

O velho Sir John, que tem um caso com a esposa de seu filho mais velho, Edward

Edward Seymour, filho

Thomas Seymour, filho

Jane, filha: na corte

Lizzie, filha, casada com o governador de Jersey

William Butts, médico

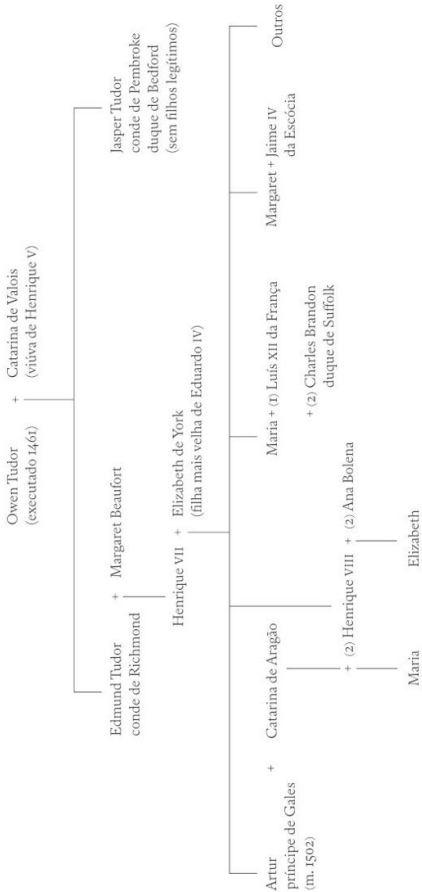
Nikolaus Kratzer, astrônomo

Hans Holbein, artista

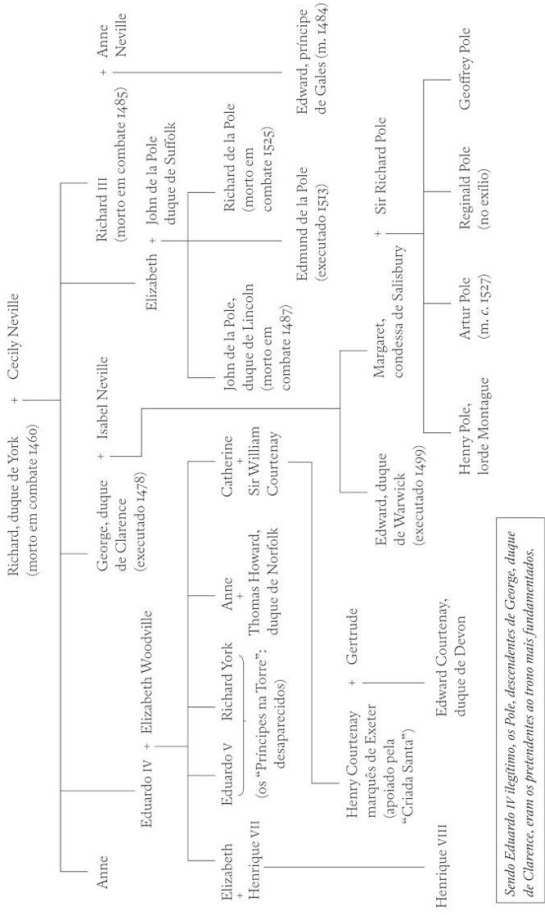
Sexton, bufão de Wolsey

Elizabeth Barton, profetisa

Os Tudor



Os pretendentes da Casa de York



Três são as espécies de cenas: a primeira se chama trágica; a segunda, cômica; e a terceira, satírica. Elas têm cenários diferentes e propósitos diversos. Cenas trágicas são compostas entre colunas, frontões, estátuas e outros objetos dignos da realeza; cenas cômicas apresentam ambientes privados, com sacadas e, no pano de fundo, diversas janelas, à maneira das habitações populares; cenas satíricas são decoradas com árvores, grutas, montanhas e outros elementos campestres, ao estilo das pinturas de paisagem.

Vitrúvio, *De Architectura*, sobre o teatro, c. 27 a.C.

Estes, os nomes dos atores:

Felicidade
Liberdade
Comedimento
Magnificência
Gosto
Falso Semblante
Engenhosa Partilha

Conluio Mascarado
Abuso Fidalgo
Loucura
Adversidade
Pobreza
Desespero
Ardil

Boa Esperança
Reparação
Circunspecção
Perseverança

John Skelton,
Magnificence: An Interlude, c. 1520

Parte 1

1.

Cruzando o mar Estreito

Putney, 1500

“Agora levante daí.”

Derrubado, atordoado, em silêncio, ele caiu; estatelado nas pedras do pátio. Sua cabeça vira de lado, seus olhos se voltam buscando o portão, como se alguém fosse chegar para ajudá-lo. Um só golpe, bem dado, poderia matá-lo ali mesmo.

O sangue do corte na cabeça — aberto no primeiro rompante do pai — escorre em seu rosto. E mais, seu olho esquerdo já não abre; porém, forçando a vista, com o canto do olho direito consegue ver as costuras da bota do pai se desfazendo. A linha grossa se desprende por completo do couro, do qual um nó duro atingiu sua sobrancelha e abriu mais um corte.

“Agora levante daí!”, Walter urra para o filho, escolhendo onde chutá-lo da próxima vez. Erguendo um pouco a cabeça do chão, de barriga para baixo, o rapaz se arrasta e avança, tentando não deixar expostas as mãos, as quais Walter gosta de pisotear. “O que é isso, você é uma enguia, por acaso?”, pergunta o pai. Ele recua, toma impulso e dispara mais um chute.

Isso lhe arranca o último fôlego; ele julga que talvez seja o último. Sua testa mais uma vez está colada ao chão; deitado, ele espera que Walter pule em seu corpo. Bella, a cadelinha, está latindo, trancada no banheiro fora da casa. Vou sentir saudades da minha cadelinha, pensa o garoto. O pátio cheira a cerveja e a sangue.

Alguém grita, lá pelas margens do rio. Não sente dor alguma, ou talvez tudo esteja doendo e ele apenas não sinta uma dor específica. Mas frio ele sente, e muito, num só lugar: nas maçãs do rosto, que estão encostadas nas pedras.

“Olhe só isso aqui, olhe só!”, ruge Walter. Ele pula num pé só, como se estivesse dançando. “Veja o que eu fiz. Arrebentei minha bota chutando sua cabeça.”

Palmo a palmo. Ele avança palmo a palmo. Não importa se Walter o chama de enguia, verme ou cobra. Cabeça baixa, não o provoque. Seu nariz está cheio de sangue coagulado e ele precisa abrir a boca para respirar. A distração momentânea do pai com a perda de sua melhor bota lhe propicia uma oportunidade de vomitar. “Muito bem”, grita Walter. “Pode vomitar à vontade.” Pode vomitar nas pedras limpas do meu pátio. “Vamos, garoto, levante. Vamos ver você levantar. Pelo sangue do caviloso Cristo, fique de pé!”

Caviloso Cristo?, ele estranha. O que o pai quer dizer com isso? Ele vira a cabeça de lado, esfregando os cabelos no próprio vômito; a cadela gane, Walter urra e os sinos badalam do outro lado do rio. Ele tem uma sensação de movimento, como se o chão imundo se convertesse no Tâmis, cedendo e oscilando sob seu corpo. Ele exala o ar, a última grande expiração. Dessa vez você conseguiu, uma voz diz a Walter. Mas o garoto cerra os ouvidos, ou é Deus quem os fecha. Ele é arrastado pela correnteza, uma grande maré negra.

Quando recobra a consciência, já é quase meio-dia, e ele está se escorando na entrada da taberna Pegasus the Flying Horse. Sua irmã Kat vem da cozinha com uma bandeja de tortas quentes nas mãos. Quando o vê, ela quase derruba toda a comida. O espanto faz seu queixo cair. “Olhe só para você!”

“Kat, não grite, isso dói.”

Ela berra para o marido: “Morgan Williams!”. Kat dá meia-volta, com o olhar agitado e o rosto vermelho pelo calor do forno. “Levem

essa bandeja, pelo corpo de Cristo, onde estão todos?”

Ele treme da cabeça aos pés, exatamente como Bella tremia quando caiu do barco aquela vez.

Uma menina chega correndo. “O patrão foi para a cidade.”

“Eu sei disso, sua tonta.” O susto de ver o irmão naquele estado apagara o fato da mente de Kat. Ela enfia a bandeja nas mãos da menina. “Se você deixar isso ao alcance dos gatos, vai levar tapa na orelha até ver estrelas.” Já de mãos vazias, ela as une por um momento numa reza fervorosa. “Brigando de novo, ou foi seu pai?”

Sim, ele responde, sacudindo a cabeça vigorosamente, o que faz grossas gotas de sangue lhe caírem do nariz; sim, e aponta para si mesmo, como se dissesse: Walter andou por aqui. Kat pede uma bacia, água, uma bacia com água, um pano e que o diabo se erga neste exato instante, faça de Walter seu lacaios e o leve embora. “Sente-se, antes que desmaie.” Ele tenta explicar que acabou de se levantar. Estava no chão. Pode ter acontecido há uma hora, ou mesmo há um dia inteiro, e pelo que ele sabe, hoje talvez seja amanhã; muito embora, se tivesse ficado no chão um dia inteiro, sem dúvida Walter teria aparecido para matá-lo por estar no meio do caminho, ou então as feridas teriam parado de sangrar um pouco, e a essa altura ele estaria sentindo dor por todo o corpo e quase não conseguiria se mexer; ele sabe, por sua vasta experiência com os punhos e as botas de Walter, que o segundo dia pode ser pior que o primeiro. “Sente-se. Não fale”, pede Kat.

Quando a bacia chega, ela se inclina sobre ele e põe mãos à obra, limpando o olho fechado, fazendo pequenos círculos ininterruptos na raiz dos cabelos. Sua respiração é entrecortada e a mão livre repousa no ombro do irmão. Ela pragueja entre dentes, às vezes chora e afaga a nuca do irmão, sussurrando “Calma, quietinho, calma”, como se fosse ele quem estivesse chorando, o que não é o caso. É como se estivesse flutuando e Kat o prendesse à terra; ele gostaria de jogar os braços em torno da irmã, enterrar o

rosto em seu avental e ali descansar, ouvindo as batidas do coração dela. Mas não quer sujá-la, espalhar sangue por toda a sua roupa.

Quando Morgan Williams chega, está vestido com seu elegante casaco de passeio. Ele tem uma aparência galesa e combativa; fica claro que já sabe do acontecido. Vai para junto de Kat, com os olhos baixos, temporariamente sem palavras, até que diz: “Está vendo?”. Ele fecha a mão e levanta o punho três vezes no ar. “Isso!”, exclama. “Isso é o que ele levaria. Walter. Isso é o que ele levaria. De mim.”

“Chegue para trás”, Kat adverte. “Você não vai querer pedacinhos de Thomas no seu paletó elegante.”

De fato, não. Morgan recua. “Eu não me daria ao trabalho, mas olhe para você, rapaz! Numa luta justa, você poderia aleijar aquele animal.”

“Nunca é uma luta justa”, Kat explica. “Ele chega pelas costas, não é, Thomas? Com algo na mão.”

“Dessa vez, parece que foi uma garrafa de vidro”, diz Morgan Williams. “Foi uma garrafa?”

Ele balança a cabeça, negando. O nariz está sangrando de novo.

“Não faça isso, meu irmão”, diz Kat. O sangue lhe cobre a mão; ela limpa as manchas em sua roupa. Que estrago no avental; bem que ele poderia ter descansado a cabeça ali, no fim das contas.

“Você não chegou a ver, não é?”, Morgan pergunta. “O que exatamente ele usou?”

“Para isso é que serve”, diz Kat, “atacar pelas costas; você faz mesmo muita falta no banco da magistratura... Escute, Morgan, quer que eu diga como é meu pai? Ele pega qualquer coisa que lhe apareça na frente. E às vezes é uma garrafa, verdade. Eu vi quando ele fez isso com minha mãe. Até nossa pequena Bet, já vi meu pai acertando a cabeça dela. E também já *não o vi* fazer, o que foi pior, pois nesse caso quem estava prestes a ser derrubada era eu.”

“Eu me pergunto em que família fui me meter quando casei...”, diz Morgan Williams.

Na verdade, Morgan fala isso apenas da boca para fora; alguns homens fungam o tempo todo, algumas mulheres vivem com dor de cabeça, e Morgan se faz essa pergunta. O garoto nem lhe dá ouvidos; ele pensa: se meu pai fazia isso com minha mãe, morta há tanto tempo, quem sabe não foi ele quem a matou? Não, Walter com certeza teria sido preso por isso; Putney é terra sem lei, mas todo assassino acaba sendo pego. Kat é a mãe que ele tem: chorando por ele, massageando sua nuca.

Ele fecha os olhos, para igualar o olho esquerdo ao direito; e tenta abrir os dois. “Kat, eu ainda tenho um olho aqui embaixo, não tenho? Esse não está vendo nada.” Sim, sim, sim, ela responde, enquanto Morgan Williams continua sua investigação dos fatos; sua conclusão é por um objeto duro, moderadamente pesado e cortante, mas talvez não uma garrafa, pelo menos não uma *quebrada*, ou Thomas teria visto as bordas cortantes antes que Walter rasgasse sua sobrancelha e tentasse cegá-lo. Ele ouve Morgan elaborando sua teoria e gostaria de explicar sobre a bota, o nó, o nó da costura, mas o esforço de mover a boca parece desproporcional à recompensa. No geral, ele concorda com a conclusão de Morgan; tenta dar de ombros, mas dói demais, e ele sente seu corpo tão esmagado e desarticulado que fica na dúvida se quebrou o pescoço.

“De todo modo”, Kat pergunta, “o que você estava fazendo, Tom, para que ele explodisse? Walter geralmente só começa depois que anoitece, quando é sem motivo.”

“Sim”, diz Morgan Williams, “houve um motivo?”

“Ontem. Eu estive brigando.”

“Você brigou ontem? Em nome de Deus, com quem você andou brigando?”

“Não sei.” O nome, bem como o motivo, fugiram de sua cabeça; mas é como se, ao sair, tivessem levado consigo uma lasca afiada de seu crânio. Ele toca o couro cabeludo, com cuidado. Garrafa? Talvez.

“Ai”, Kat diz, “eles vivem brigando. Garotos. Na margem do rio.”

“Certo, deixe-me ver se entendi bem”, começa Morgan. “O garoto chegou em casa ontem com as roupas rasgadas e os nós dos dedos esfolados, e o velho diz: o que é isso, brigando? Ele espera até o dia seguinte e acerta o garoto com uma garrafa. Em seguida, derruba-o no pátio, cobre-o de chutes, espanca o menino de alto a baixo com uma tábua de madeira que estava à mão...”

“Ele fez isso?”

“Toda a paróquia já sabe! As pessoas estavam fazendo fila no cais para me contar, já gritavam a história para mim antes mesmo que o barco atracasse. Morgan Williams, escute com atenção, seu sogro espancou Thomas e o garoto foi rastejando à beira da morte para a casa da irmã, eles chamaram o padre... Você chamou o padre?”

“Ai, esses Williams!”, diz Kat. “Vocês se acham tão importantes por aqui... Certo, as pessoas estão fazendo fila para lhe contar coisas... Mas por quê? Porque você acredita em qualquer história.”

“Mas é verdade!”, Morgan exclama. “Ou quase verdade. Não é? É só tirar o padre. E a parte em que ele morre.”

“Com esse minucioso estudo da diferença entre um cadáver e meu irmão”, disse Kat, “tenho certeza de que vai conseguir aquele cargo de magistrado.”

“Quando eu for magistrado, vou atirar seu pai nas galés. Multá-lo? Não existe multa que chegue para ele. De que adianta multar uma pessoa que simplesmente vai roubar ou extorquir o mesmo valor de algum inocente que cruzar seu caminho?”

O garoto geme: tenta fazê-lo sem interromper a conversa.

“Pronto, pronto, pronto...”, Kat murmura.

“Eu diria que os magistrados já tiveram o bastante”, diz Morgan. “Quando ele não está aguando a cerveja que produz, está criando animais ilegalmente em território público; quando não está pilhando áreas públicas, está atacando um beleguim; quando não está bêbado, está desmaiado de bêbado; e se ele puder chegar ao fim

de seus dias e morrer tranquilamente na cama, não existe justiça neste mundo.”

“Já acabou?”, Kat pergunta. Ela dá as costas ao marido. “Tom, é melhor você ficar conosco por enquanto. O que acha disso, Morgan Williams? Quando ficar bom, ele será útil no trabalho pesado. Tom pode fazer as contas para você, ele sabe somar e... qual era a outra conta mesmo? Ora, vamos, não riam de mim, quanto tempo acham que eu tive para aprender a fazer contas, com um pai desses? Se sei escrever meu nome, é porque o Tom aqui me ensinou.”

“Ele não vai...”, diz o rapaz, “... gostar disso.” Ele só consegue articular frases assim: curtas, simples e declarativas.

“Gostar? Ele deveria se envergonhar”, declara Morgan.

Kat diz: “Quando Deus fez meu pai, deixou a vergonha de fora”.

O garoto diz: “Porque. A uma milha de distância. Ele pode...”.

“Vir atrás de você? Ele que experimente!” Morgan exhibe o punho de novo: seu nervoso soquinho galês.

Depois de Kat terminar de limpá-lo, e quando Morgan Williams finalmente parou de fanfarronices e cessou suas reconstituições da surra, o garoto conseguiu dormir por uma ou duas horas para se recuperar. Durante esse tempo, Walter veio à casa com um de seus conhecidos e houve certa gritaria e chutes nas portas, mas o barulho chegou ao garoto de modo abafado e ele pensou que talvez fosse um sonho. Agora, a questão em sua mente é: o que vou fazer?, não posso ficar em Putney. Isso acontece, em parte, porque sua memória está voltando, as lembranças de anteontem e da primeira briga, e ele acha que talvez houvesse uma faca em algum momento; que fora enterrada em alguém, e que esse alguém não era ele; resta saber se teria sido por ele. Nada disso está claro em sua mente. Apenas sua decisão sobre Walter: para mim, chega. Se ele vier atrás de mim de novo, eu vou matá-lo, e se eu o matar, vão me enforcar, e se vão me enforcar, quero que seja por um bom motivo.

No andar de baixo, o tom das vozes sobe e desce. Ele não compreende todas as palavras. Morgan diz que Walter queimou seus barcos. Kat se arrepende da primeira oferta que fez ao irmão, um posto como ajudante de taberna, faz-tudo e guarda, pois, como Morgan ia dizendo: “Walter vai ficar vindo aqui o tempo todo, não é?”. E vai dizer sem parar: “Onde está Tom, mandem o fedelho para casa, quem pagou ao maldito padre para ensiná-lo a ler e escrever fui eu, e você agora está colhendo os malditos benefícios, sua puta morta de fome”.

Thomas desce as escadas. Morgan diz alegremente: “Você parece bem, considerando o acontecido”.

A verdade sobre Morgan Williams — e o garoto não deixa de gostar dele por isso —, a verdade é que essa ideia, esse plano de um dia espancar o sogro, só existe em sua mente. Na verdade, Morgan teme Walter, assim como muita gente em Putney — e, por sinal, em Mortlake e Wimbledon também.

Ele diz: “Pois bem, vou embora”.

Kat responde: “Tem que ficar esta noite. Você sabe que o segundo dia é o pior”.

“Em quem ele vai bater quando eu estiver fora?”

“Não é problema nosso”, responde Kat. “Bet se casou e saiu de casa, graças a Deus.”

Morgan Williams comenta: “Só digo uma coisa: se Walter fosse meu pai, eu colocaria o pé na estrada”. Ele espera um pouco. “Por sinal, conseguimos juntar algum dinheiro.”

Uma pausa.

“Um dia pago a vocês.”

Morgan diz rindo, aliviado: “E como pretende fazer isso, Tom?”.

Ele não sabe. Respirar é difícil, mas isso não quer dizer nada, é só por causa dos coágulos dentro do nariz, que não parece estar quebrado; ele o toca, especulativamente, e Kat alerta, cuidadosa, este avental está limpo. Ela está sorrindo um sorriso dolorido, não quer que o irmão vá, mas mesmo assim não vai contrariar Morgan

Williams, vai? Os Williams são gente importante em Putney, em Wimbledon. Morgan adora Kat com todas as forças; está sempre lhe lembrando que ela tem criados para cuidar dos assados e fazer a cerveja, então por que não fica sentada no andar de cima como uma dama, costurando e orando pelo sucesso do marido quando ele vai a Londres fazer negócios metido em seu casaco de passeio? Duas vezes por dia, Kat poderia dar uma volta pelo Pegasus usando um bom vestido e corrigir o que estivesse errado: essa é a ideia dele. Embora Tom tenha a impressão de que Kat continua a trabalhar tanto quanto nos tempos de criança, ele mesmo assim compreende que sua irmã goste de ser tratada desse jeito, e que Morgan insista para que ela se aquiete e viva como uma dama.

“Eu vou pagar”, ele repete. “Posso me tornar um soldado. Posso mandar para vocês uma parte do meu pagamento e posso saquear também.”

Morgan responde: “Mas não estamos em guerra”.

“Deve haver alguma guerra em algum lugar”, Kat comenta.

“Ou eu poderia ser ajudante de navio. Mas, vocês sabem, Bella... Vocês acham que eu deveria voltar para buscá-la? Ela estava ganindo, Walter a prendeu.”

“Para que ela não ficasse mordiscando os dedinhos do pé dele?”, diz Morgan. Costumava ser satírico em relação a Bella.

“Eu queria que ela fosse embora comigo.”

“Já ouvi falar de gato de navio. Nunca de cachorro de navio.”

“Ela é bem pequena.”

“Mas não vai passar por gato”, diz Morgan, rindo. “De qualquer maneira, você é grande demais para ser grumete. Os meninos têm que se pendurar pelos cabos como macacos; você já viu um macaco, Tom? Ser soldado tem mais a ver com você. Para ser sincero, tal pai, tal filho: quando Deus distribuiu força, você não ficou no fim da fila.”

“Muito bem”, Kat interrompe. “Vamos ver se entendemos direito? Um dia, meu irmão Tom sai para brigar. Como punição, o pai chega

por trás e o acerta com alguma coisa, mas uma coisa pesada e provavelmente cortante, e depois, quando ele cai, o velho quase arranca seu olho fora, faz questão de chutar suas costelas, espanca-o com uma tábua de madeira que tem à mão, arrebenta sua cara de um modo que, se eu não fosse sua irmã, mal o reconheceria; e meu marido diz: a solução para isso, Thomas, é você virar soldado, sair e encontrar um homem que você não conhece, arrancar o olho *dele* e chutar suas costelas, na verdade *matá-lo*, imagino, e ser pago por isso.”

“É melhor fazer isso”, diz Morgan, “do que ficar brigando na beira do rio sem ganhar nada. Olhe para ele! Se dependesse de mim, eu inventaria uma guerra só para contratá-lo.”

Morgan pega sua bolsa. Ele despeja moedas: ding, ding, ding, com sedutora lentidão.

Thomas toca o osso do rosto. Está intacto: mas dolorido e muito frio.

“Ouça”, diz Kat, “nós crescemos aqui, provavelmente há pessoas que ajudariam Tom...”

Morgan lhe dirige um certo olhar: que significa, eloquentemente, você acha que há um monte de gente que gostaria de comprar briga com Walter Cromwell? De tê-lo derrubando suas portas? Então ela diz, como se ouvisse os pensamentos do marido: “Não. Talvez... Talvez, Tom, seja a melhor solução, o que acha?”.

Ele se levanta. Kat continua: “Morgan, olhe para ele; Tom não pode viajar esta noite”.

“É melhor eu ir. Daqui a uma hora, ele vai ter entornado todas e vai voltar. Tacaria fogo na casa se achasse que estou aqui.”

Morgan pergunta: “Você tem o que precisa para a viagem?”.

O garoto quer se voltar para Kat e dizer: não.

Mas ela virou o rosto e está chorando. Não está chorando pelo irmão; Thomas acha que ninguém jamais choraria por ele, pois Deus não o talhou dessa forma. Ela está chorando por seus sonhos do que a vida deveria ser: domingo depois da igreja, todas as irmãs,

cunhadas e esposas distribuindo beijos e afagos, dando bronca nas crianças da família e ao mesmo tempo mimando e acariciando suas cabecinhas redondas, mulheres trocando bebês e comparando-os, e todos os homens reunidos debatendo os negócios, lã, fios, medidas, transporte, os malditos flamengos, os direitos de pesca, as cervejarias, as vendas anuais, as informações privilegiadas, uma mão lavando a outra, pequenos subornos, certas taxas de corretagem, meu advogado diz... Assim deveria ser, casada com Morgan Williams, já que os Williams são uma família importante de Putney... Mas, de algum modo, não é assim. Walter havia estragado tudo.

Com cuidado, rigidamente, Thomas se apruma. Agora, cada parte de seu corpo dói. Mas não tanto quanto doerá no dia seguinte; no terceiro dia os hematomas aparecem, e as pessoas começam a perguntar como você os recebeu, e é preciso dar respostas. A essa altura ele estará longe daqui e é de imaginar que ninguém pedirá explicações, porque ninguém o conhecerá ou se importará com ele. As pessoas pensarão que ter o rosto todo destruído é algo habitual para ele.

Ele pega o dinheiro. Ele diz: *“Hwyl, Morgan Williams. Diolch am yr arian”*. Obrigado pelo dinheiro. *“Gofalwch am Katheryn. Gofalwch am eich busness. Wela I chi eto rhywbryd. Pobl lwc.”*

Cuide da minha irmã. Cuide do seu negócio. Algum dia nos vemos de novo.

Morgan Williams o olha fixamente.

O garoto quase sorri; ele sorriria, se isso não fosse arregaçar seu rosto. Todos aqueles dias que ele passou nas casas dos Williams: por acaso pensaram que ele estava ali só para jantar?

“Pobl lwc”, diz Morgan lentamente. Boa sorte.

Ele pergunta: “É uma boa ideia seguir o rio?”.

“Aonde quer chegar?”

“Ao mar.”

Por um momento, Morgan Williams parece lamentar que a coisa tenha chegado a esse ponto. Ele indaga: “Você ficará bem, Tom? Ouça, se Bella aparecer procurando por você, não vamos mandá-la para casa com fome. Kat lhe dará uma torta”.

Ele precisa fazer o dinheiro durar. Poderia arranjar trabalho enquanto segue o curso do rio, mas teme que, se for visto, Walter o encontre com a ajuda de seus contatos e amigos, homens daquele tipo que faz qualquer coisa por bebida. A princípio, ele planeja se infiltrar num dos navios de contrabando que saem de Barking, Tilbury. Mas depois pensa: é na França que estão as guerras. Algumas pessoas com quem conversa — ele tem facilidade em abordar estranhos — são da mesma opinião. Muito bem, que seja então: Dover. Ele chega à estrada.

Geralmente, quem ajuda a carregar uma carroça ganha uma carona. Há gente que tenta passar direto por um portão estreito com um imenso baú de madeira. Uma simples rotação do objeto resolveria uma série de problemas. E há também os cavalos, ele sempre esteve rodeado de cavalos; aliás, de cavalos apavorados, porque quando Walter não está desmaiado pela manhã, dormindo para curar os efeitos da cerveja forte que guarda para si e seus amigos, ele se dedica a seu segundo ofício, o de ferreiro e ferrador; e seja por seu hálito ácido, por sua voz alta ou por seu jeito de fazer as coisas em geral, até os cavalos bons para ser ferrados começam a agitar a cabeça e tentam se afastar da confusão. Com os cascos aprisionados nas mãos de Walter, eles tremem; o trabalho de Tom era segurar a cabeça dos animais e falar com eles, afagar o espaço aveludado entre suas orelhas, dizer que suas mães os amavam e que ainda falavam sobre eles, e que Walter logo terminaria o serviço.

Já faz mais ou menos um dia que ele não come; dói demais. Mas quando chega a Dover, o grande talho em seu couro cabeludo já

está fechado, e ele crê que seus órgãos internos já estão curados: rins, pulmões e coração.

Pela forma como as pessoas o observam, ele sabe que seu rosto ainda está machucado. Morgan Williams fez um inventário de sua saúde antes da partida: dentes (miraculosamente) ainda na boca e dois olhos que, miraculosamente, ainda enxergavam bem. Dois braços, duas pernas: o que mais você quer?

Ele perambula pelas docas, perguntando às pessoas: sabe onde tem alguma guerra acontecendo?

Cada homem a quem ele pergunta o encara, recua um passo e responde: “Me diga você!”.

Eles ficam tão satisfeitos com isso, riem tanto da própria perspicácia, que o garoto continua perguntando só para dar esse prazer aos outros.

Para sua surpresa, ele descobre que sairá de Dover mais rico do que chegou. Observou um homem fazendo o truque das três cartas e, tendo aprendido, passou a fazê-lo sozinho. Por se tratar de um menino, as pessoas param para tentar a sorte. E esse é o azar delas.

Ele calcula o que tem e o que gastou. Separa uma pequena quantia para um encontro rápido com uma dama da noite. Não é o tipo de coisa que se possa fazer em Putney, Wimbledon ou Mortlake. Não sem que a família Williams fique sabendo e comece a mexericar a seu respeito em galês.

Ele vê três velhos das terras baixas da Escócia lutando com seus fardos e se aproxima para ajudá-los. Os pacotes são macios e volumosos, amostras de lã tecida. Um fiscal portuário exige ver os documentos deles, gritando na cara dos velhos. Fingindo ser um escocês simplório, ele se detém às costas do fiscal e, erguendo os dedos, mostra aos mercadores o que acredita ser uma propina justa. “Por favor”, diz um dos velhos ao fiscal num inglês penoso, “o senhor pode cuidar dessas moedas inglesas para mim? Acho que estão só ocupando espaço.” De repente, o fiscal é todo sorrisos. Os

escoceses também são só sorrisos; teriam pagado muito mais, se fosse preciso. Ao embarcarem, os velhos dizem: “O garoto está conosco”.

Enquanto esperam para zarpar, perguntam a idade do rapaz. Ele diz dezoito, mas os velhos riem e respondem nem pensar, criança. Ele lhes oferece: quinze; eles conferenciam e concluem que quinze é justo; acham que ele é mais novo que isso, mas não querem envergonhá-lo. Perguntam o que aconteceu com seu rosto. Há diversas coisas que Thomas poderia responder, mas ele escolhe a verdade. Não quer que os homens pensem que estão diante de um ladrão fracassado ou algo assim. Discutem entre si, e aquele que sabe traduzir vira-se para o menino: “Estamos dizendo que os ingleses são cruéis com seus filhos. E insensíveis de coração. Obrigam o filho a ficar de pé quando o pai entra no aposento. O filho sempre tem que dizer, com muita polidez: ‘o senhor meu pai’ e ‘a senhora minha mãe’”.

Thomas fica surpreso. Existem pessoas no mundo que não são cruéis com os filhos? Pela primeira vez na vida, o peso em seu peito se alivia um pouco; ele pensa que talvez haja outros lugares, lugares melhores. Ele conversa, conta aos homens sobre Bella, e eles parecem tristes e não dizem nada idiota como, você pode arrumar outro cachorro. Ele fala do Pegasus, e da cervejaria de seu pai, e de como Walter é multado ao menos duas vezes por ano pela cerveja aguada; conta como o pai é multado também por roubar lenha, por cortar árvores dos outros e pelas inúmeras ovelhas que cria em terras do Estado. Os velhos se interessam por isso; eles apontam para suas amostras de lã e discutem entre si o peso e o trançado, virando-se para o garoto de vez em quando para incluí-lo e instruí-lo. De forma geral, não acham o tecido inglês grande coisa, mas este carregamento talvez os faça mudar de ideia... Thomas perde o fio da meada quando eles tentam explicar por que motivos vão para Calais e a enumerar as várias pessoas que conhecem por lá.

Ele fala sobre o ofício de seu pai como ferrador, e o homem que fala inglês pergunta, interessado, você sabe fazer ferraduras? O garoto faz mímicas para que eles entendam como é a situação: um bocado de metal quente e um pai de gênio ruim, juntos num lugar apertado. Eles riem; gostam de seu jeito de contar histórias. Sabe conversar, diz um deles. Antes do desembarque, o mais silencioso de todos se levanta e faz um discurso estranhamente formal, enquanto um deles concorda e o outro traduz: “Somos três irmãos. Esta é nossa rua. Se você um dia visitar nossa cidade, haverá uma cama e lareira e comida para você”.

Adeus, ele diz aos três. Adeus e boa sorte com suas vidas. *Hwyl*, homens da lã. *Gofalwch eich busness*. Ele não descansará enquanto não encontrar uma guerra.

O clima é frio, mas o mar está tranquilo. Kat lhe deu uma medalha consagrada para usar, ele a leva presa ao pescoço por um cordão. O objeto provoca um arrepio na pele de seu pescoço. Thomas tira o cordão. Toca a medalha com os lábios, para dar sorte. Ele larga a medalha na água; o objeto mergulha com um sussurro. Ele sempre se recordará de sua primeira visão do mar aberto: uma vastidão cinzenta e rugosa, como o resíduo de um sonho.

2. Paternidade

1527

Pois bem: Stephen Gardiner. Está saindo na mesma hora em que ele vem entrando. O clima é úmido e atipicamente quente para uma noite de abril, mas Gardiner usa um casaco de peles, que parecem plumas negras, densas e oleosas; ele se detém, agitando-as, cerrando as roupas em torno de sua figura alta e ereta como se fossem as asas de um anjo negro.

“Atrasado”, diz o mestre Stephen, antipático.

Ele não se abala. “Eu, ou sua boa pessoa?”

“Você.” Gardiner espera.

“Bêbados no rio. O barqueiro disse que é véspera do dia de alguma padroeira deles.”

“E você ofereceu uma prece a ela?”

“Faço uma prece a qualquer um, Stephen, até chegar a terra firme.”

“Estou surpreso por você mesmo não ter remado. Deve ter feito alguns biscates pelos rios quando garoto...”

Stephen sempre martela neste mesmo ponto: seu pai réprobo, seu nascimento baixo. Supostamente, Stephen é uma espécie de bastardo com um pé na realeza, criado como filho, discretamente, numa cidade pequena, por gente discreta paga para isso. Essa família, por quem Stephen tem rancor e que deseja esquecer, lida com o comércio de lã. Por conhecer ele mesmo todo mundo no

mercado de lã, também sabe coisas demais sobre o passado de Stephen, a ponto de lhe causar desconforto. O pobre menino órfão!

O mestre Stephen se ressentia de tudo em sua própria situação. Ele se ressentia porque é primo não reconhecido de um rei. Ressentia-se de ter sido enfiado na Igreja, ainda que a Igreja o tenha ajudado. Ressentia-se do fato de que outra pessoa converse até tarde da noite com o cardeal, de quem é secretário particular. Ressentia-se de ser um daqueles homens altos, mas com peito afundado, sem massa corporal para se garantir; ressentia-se da certeza de que, se o enfrentasse numa noite escura, seria o mestre Thomas Cromwell quem iria embora limpando as mãos e sorrindo.

“Deus o abençoe”, diz Gardiner, afastando-se na noite de calor temporão.

Cromwell diz: “Obrigado”.

O cardeal, que está escrevendo, diz sem erguer os olhos: “Thomas. Ainda chovendo? Eu o esperava mais cedo”.

Barqueiro. Rio. Santa padroeira. Esteve viajando desde o começo da manhã, e depois de passar quase duas semanas a cavalo a serviço do cardeal, agora está aqui após uma viagem de várias etapas — etapas nada fáceis, aliás — desde Yorkshire. Ele já visitou seus colegas no Gray’s Inn^[1] e tomou emprestada uma muda de roupas. Andou pelo lado leste da cidade para saber quais navios chegaram e para verificar o paradeiro de uma consignação não registrada que estava esperando. Mas ainda não comeu nada nem passou em casa.

O cardeal se levanta, abre uma porta e fala com os criados à espera: “Cerejas! Como? Não há cerejas? Abril, você diz? Só em abril? Então teremos grandes dificuldades para satisfazer meu convidado”. Ele suspira. “Tragam o que houver. Mas não será o bastante, já sabem. Por que me servem tão mal?”

Então, toda a sala entra em movimento: comida, vinho, lareira acesa. Um homem tira sua sobrecapa molhada com um murmúrio

solícito. Todos os servos do cardeal são assim: agradáveis, de passadas discretas e mantidos em permanente estado de atenção e solicitude. E todos os visitantes do cardeal são tratados da mesma maneira. Mesmo que alguém aparecesse para importuná-lo todas as noites durante dez anos e permanecesse calado e carrancudo em todas as ocasiões, ainda assim seria seu convidado de honra.

Os servos desaparecem, deslizando em direção à porta. “Deseja mais alguma coisa?”, o cardeal pergunta.

“Que o sol apareça.”

“Assim tão tarde? Você exige demais dos meus poderes.”

“Ao amanhecer já serviria.”

O cardeal faz um sinal com a cabeça para os criados. “Eu mesmo atenderei a esse pedido”, diz ele, gravemente; e gravemente eles pedem licença e se retiram.

O cardeal junta as mãos. Solta um grande suspiro, profundo e sorridente, como um leopardo que se instala num lugar cálido, e observa seu homem de negócios; o homem de negócios devolve o olhar. Aos cinquenta e cinco anos, o cardeal ainda é tão belo quanto na flor da idade. Nesta noite, ele não traça o escarlate de costume, mas um roxo-escuro com finas rendas brancas, como um humilde bispo. Sua altura impressiona; a barriga, que na verdade deveria pertencer a um homem mais sedentário, é apenas mais um aspecto principesco de sua pessoa, e nela ele às vezes descansa, confiantemente, sua mão ampla, branca e coberta de anéis. Uma grande cabeça — certamente desenhada por Deus para exibir a tiara papal — se eleva soberba acima de ombros largos, sobre os quais repousa (embora não neste momento) o grande colar de lorde chanceler da Inglaterra. A cabeça se inclina e, em seus tons melífluos, famosos daqui até Viena, o cardeal diz: “Pois bem, agora me diga como foi Yorkshire”.

“Asqueroso.” Ele se senta. “O clima. As pessoas. Os modos. A moral.”

“Bem, creio que este é o lugar certo para reclamar. Embora eu já esteja falando com Deus a respeito do clima.”

“Ah, e a comida! A apenas cinco milhas da costa e não se encontra peixe fresco.”

“E poucas chances de se achar um limão, suponho. O que eles comem?”

“Londrinos, quando conseguem pegá-los. Nunca vi hereges como esses. São altíssimos, com testas curtas. Vivem em cavernas, mas, naquele fim de mundo, passam por aristocratas.” O cardeal deveria ir lá, ele mesmo, e ver tudo em primeira mão; é arcebispo de York, mas jamais visitou sua sé. “E quanto aos negócios de vossa eminência...”

“Estou ouvindo”, diz o cardeal. “Na verdade, digo mais. Estou fascinado.”

Enquanto escuta, o rosto do cardeal se crispa em suas dobras afáveis e perpetuamente atenciosas. De vez em quando, anota um número mencionado. Por fim, toma um gole de seu excelente vinho e lentamente diz: “Thomas... O que você andou fazendo, meu monstruoso criado? Alguma abadessa engravidou? Duas, três abadessas? Ou, deixe-me ver... Você pôs fogo em Whitby, por capricho?”.

Quando o assunto é seu braço direito, Cromwell, o cardeal tem duas piadas, que às vezes se mesclam para formar uma só: a primeira é que ele sai por aí exigindo cerejas em abril e alfaces em dezembro. A outra é que ele viaja pelo campo cometendo ultrajes e acrescentando-os na conta do cardeal. E o cardeal tem outras piadas, de vez em quando: de acordo com a necessidade.

São quase dez horas. As chamas das velas se curvam educadamente em direção ao cardeal e tornam a se aprumar. A chuva açoita as janelas de vidro — tem chovido desde o último setembro. “Em Yorkshire”, ele começa, “seu projeto é malvisto.”

O projeto do cardeal: já de posse da permissão do papa, ele planeja amalgamar cerca de trinta fundações monásticas pequenas

e mal administradas com outras maiores e desviar a receita dessas fundações — decadentes, mas em geral muito antigas — para investi-la nas duas universidades que está fundando: o Cardinal College, em Oxford, e outra em sua cidade natal de Ipswich, onde ele é lembrado como o filho culto de um açougueiro próspero e religioso, homem de guilda, dono também de uma estalagem grande e organizada, do tipo usado pelos melhores viajantes. A dificuldade é... Bem, na verdade há várias dificuldades. Bacharel em artes aos quinze anos, bacharel em teologia aos vinte e poucos, o cardeal é versado nas leis, mas não gosta de sua lentidão; para ele, é inaceitável que não se possa converter a propriedade imobiliária em dinheiro com a mesma velocidade e facilidade com que se transforma uma bolacha no corpo de Cristo. Certa vez, como um teste, ele explicou ao cardeal apenas um ponto menor da lei de terras referente a... bem, não importa, era apenas um ponto menor, e viu o cardeal suar frio e dizer, Thomas, o que posso oferecer para persuadi-lo a jamais tocar nesse assunto comigo de novo? Encontre um jeito, simplesmente resolva, dizia o cardeal quando apareciam obstáculos; e quando sabia de alguma pessoa sem relevância obstruindo seus planos grandiosos, ele decretava: Thomas, dê algum dinheiro a ela para que suma.

Ele tem tempo para pensar nessas coisas porque o cardeal está fitando sua escrivania, lendo a carta que deixou pela metade. O cardeal ergue os olhos. “Tom...” E então acrescenta: “Não, deixe para lá. Diga por que está fazendo essa cara feia”.

“Aquele povo lá no Norte está dizendo que vai me matar.”

“É mesmo?”, exclama o cardeal. Sua expressão significa: estou pasmo e decepcionado. “E vão matá-lo mesmo? Ou não? O que você acha?”

Às costas do cardeal se vê uma tapeçaria, que ocupa toda a extensão da parede. Com as mãos estendidas nas sombras, o rei Salomão cumprimenta a rainha de Sabá.

“Acho que se você quer matar um homem, que mate de uma vez. Não mande uma carta sobre o assunto. Não faça tumulto nem ameaças, não o ponha em guarda.”

“Se algum dia planejar baixar a guarda, avise-me. É algo que eu gostaria de testemunhar. Sabe quem foi? Bem, imagino que não assinaram as cartas. Eu não desistirei do meu projeto; selecionei essas instituições pessoalmente e com extremo critério, e sua santidade as aprovou sob seu selo. Os que se opõem não compreendem minhas intenções. Ninguém está propondo atirar os velhos monges na estrada.”

Isso é verdade. Talvez ocorram transferências; talvez haja pensões, indenizações. Com boa vontade de ambos os lados, é possível negociar. Curvem-se ao inevitável, ele aconselha. Obedeçam ao lorde cardeal. Percebam seu cuidado observador e paternal; acreditem que seu olhar arguto está voltado para o bem supremo da Igreja. São essas as frases com que se deve negociar. Pobreza, castidade e obediência: é o que deve ser destacado quando se diz a um prior senil o que fazer. “Eles não deixam de compreender”, ele explica. “Apenas querem os rendimentos para si.”

“Da próxima vez que for ao Norte, terá que levar uma guarda armada.”

O cardeal, que pensa no destino final de um cristão, já encomendou seu túmulo com um escultor de Florença. Seu corpo descansará sob as asas estendidas dos anjos, num sarcófago de pórfiro. A pedra venosa será seu monumento quando suas próprias veias já estiverem drenadas pelo embalsamador. Quando seus membros enrijecerem como mármore, uma inscrição de suas virtudes será gravada em ouro. Mas as universidades serão seu monumento vivo, funcionando até muito depois de sua partida; rapazes pobres, estudantes sem recursos, levando ao mundo a sabedoria do cardeal, seu sentido do belo e do sublime, seu instinto para o decoro e o prazer, sua fineza. Não surpreende que o cardeal esteja balançando a cabeça. Geralmente não é necessário

providenciar uma guarda armada a um advogado. O cardeal detesta qualquer demonstração de força. Ele deplora tamanha falta de sutileza. Às vezes, um membro de seu pessoal — digamos, Stephen Gardiner — chega denunciando algum ninho de hereges na cidade. O cardeal responde com seriedade: pobres almas mergulhadas nas trevas. Ore por eles, Stephen, eu também orarei, e vejamos se nós dois podemos trazê-los a um estado mental melhor. E diga-lhes que mudem seus hábitos, ou Thomas More se encarregará do caso deles e os trancará no seu calabouço. E só ouviremos o som dos seus gritos.

“Mudando de assunto, Thomas.” Wolsey ergue os olhos. “Você fala algo de espanhol?”

“Um pouco. Jargão militar, sabe. Coisa bruta.”

“Pensei que havia servido com os exércitos espanhóis.”

“Franceses.”

“Ah. É verdade. E não havia convivência?”

“Só até certo ponto. Eu sei insultar em castelhano.”

“Eu me lembrarei disso”, o cardeal replica. “Seu momento há de chegar. Por ora... Eu estive pensando, creio que seria bom ter mais amigos na casa da rainha.”

Espiões, ele quer dizer. Para ver como ela receberá as notícias. Para ver o que a rainha Catarina dirá, em privado e sem restrições, quando decifrar o significado do latim diplomático no qual será informada de que o rei — depois de cerca de vinte anos de matrimônio — deseja se casar com outra dama. Qualquer dama. Qualquer princesa de boa linhagem que ele imagine capaz de lhe dar um filho.

O cardeal repousa o queixo na mão. Com o indicador e o polegar, ele esfrega os olhos. “O rei mandou me chamar esta manhã. Excepcionalmente cedo.”

“O que ele queria?”

“Piedade. E numa hora daquelas. Acompanhei o rei à missa da aurora e ele falou sem parar durante toda a cerimônia. Eu amo o rei.

Deus sabe o quanto o amo. Mas às vezes minha capacidade de comisseração chega ao limite.” Ele ergue a taça, olha por cima da borda. “Pense nisso, Tom. Imagine que você é um homem de mais ou menos trinta e cinco anos. Goza de boa saúde e de um apetite exuberante, seus intestinos funcionam regularmente, suas articulações são flexíveis, seus ossos sustentam seu peso e, além disso, você é o rei da Inglaterra. Mas...” Wolsey sacode a cabeça. “Mas! Se ao menos ele desejasse algo simples. A pedra filosofal. O elixir da juventude. Um daqueles baús que aparecem nas fábulas, cheios de moedas de ouro.”

“Daqueles que se enchem de novo depois que a gente tira algumas moedas?”

“Exatamente. Entenda, no baú do tesouro, no elixir e em todo o resto, até posso depositar esperanças. Mas onde vou encontrar um filho para governar o país depois dele?”

Às costas do cardeal, movendo-se um pouco na tapeçaria, o rei Salomão se curva, o rosto obscurecido. A rainha de Sabá — sorrindo, os pés mal tocando o chão — faz pensar na jovem viúva com quem se hospedou quando viveu na Antuérpia. Já que os dois partilharam uma cama, será que Tom deveria ter desposado a mulher? Por honra, sim. Mas se ele tivesse se casado com Anselma, não poderia ter se casado com Liz; e seus filhos seriam diferentes dos filhos que tem agora.

“Se não pode lhe arranjar um filho”, diz ele, “arranje-lhe algum trecho das Escrituras. Algo que lhe dê paz de espírito.”

O cardeal parece procurar por isso em sua mesa. “Bem, o Deuteronômio. Que recomenda sem rodeios que um homem se case com a esposa do seu falecido irmão. Como fez o rei.” O cardeal suspira. “Mas ele não gosta do Deuteronômio.”

Inútil perguntar, por que não? Inútil sugerir que, se o Deuteronômio ordena que você se case com a viúva do irmão, e se o Levítico determina que não se case, do contrário não procriará, então você precisa viver com a contradição e aceitar que a primazia

entre os dois livros foi resolvida em Roma, mediante uma polpuda soma, pelos mais importantes prelados, há vinte anos, quando as concessões foram emitidas e entregues sob o selo papal.

“Não sei por que ele considera tanto o Levítico. Afinal, ele tem uma filha viva.”

“O caso é que geralmente se supõe que a palavra ‘filhos’, nas Escrituras, significa ‘meninos’.”

O cardeal justifica o texto, referindo-se ao Hebreu; sua voz é branda, cativante. Ele adora instruir, quando existe o desejo de ser instruído. Já faz alguns anos que os dois se conhecem, e embora o cardeal seja um homem muito ativo, a formalidade se desfez entre eles. “Eu tenho um filho”, o cardeal comenta. “Você já sabe disso, claro. Deus me perdoe. Uma fraqueza da carne.”

O filho do cardeal — Thomas Winter, é como o chamam — parece mais inclinado ao estudo e a uma vida pacata; embora seu pai talvez tenha outras ideias. O cardeal também tem uma filha, uma jovem que ninguém jamais viu. De forma um tanto mordaz, ele a batizou de Doroteia, presente de Deus; ela já está abrigada em um convento, onde rezará por seus pais.

“E você tem um filho”, diz o cardeal. “Ou melhor, você tem ao menos um filho, a quem deu seu sobrenome. Mas talvez haja outros que você não conhece, correndo pelas margens do Tâmis, não?”

“Espero que não. Eu não tinha nem quinze anos quando fugi.”

Wolsey se diverte com o fato de ele não saber com exatidão a própria idade. O olhar do cardeal atravessa as camadas da sociedade, indo examinar um estrato muito inferior ao seu — ele, filho de um açougueiro, nutrido à base de carne de boi; se estende ao lugar onde seu criado nasceu, num dia desconhecido, em profunda obscuridade. Seu pai, sem dúvida, estava bêbado no dia do nascimento; sua mãe, compreensivelmente, estava apreensiva. Kat inventou uma data para o aniversário do irmão, e ele é grato por isso.

“Certo, quinze anos...”, o cardeal comenta. “Mas creio que você já podia fazer filhos nessa idade, não? Só sei que eu podia. Veja só, eu tenho um filho, o barqueiro do rio tem um filho, o mendigo tem um filho, seus pretensos assassinos de Yorkshire sem dúvida têm filhos que farão juras de persegui-lo na próxima geração, e como já concluimos, você gerou toda uma tribo de moleques ribeirinhos. Mas o rei, só ele, não tem um filho. De quem é a culpa?

“De Deus?”

“Mais próximo que Deus.”

“Da rainha?”

“Mais responsável por tudo que a rainha.”

Ele não consegue conter um largo sorriso. “Vós mesmo, vossa eminência.”

“Eu mesmo, minha eminência. O que vou fazer quanto a isso? Eu lhe digo o que talvez venha a fazer. Posso enviar o mestre Stephen a Roma para sondar a Cúria. Mas, por outro lado, preciso dele aqui...”

Wolsey vê a expressão no rosto de Tom, e ri. Uma querela de subalternos! O cardeal sabe muito bem que, insatisfeitos com suas ascendências originais, os dois servos brigam pelo posto de seu filho favorito. “Apesar da sua opinião sobre Stephen, ele é bem versado na lei canônica e é um sujeito bastante persuasivo, exceto quando tenta persuadir você. Veja bem...” O cardeal faz uma pausa; inclina-se para a frente, repousa a imensa cabeça leonina nas mãos, a cabeça que realmente teria equilibrado a tiara papal se, no último conclave, o dinheiro certo tivesse caído nas mãos certas. “Eu implorei a ele”, continua o cardeal. “Thomas, eu caí de joelhos e, naquela humilde postura, tentei dissuadi-lo. Majestade, eu disse, deixe-me guiá-lo. Se vossa majestade de fato abandonar sua esposa, tudo que sobrevirá será um enorme número de problemas e gastos.”

“E ele respondeu...?”

“Ele ergueu um dedo. Em advertência. ‘Nunca’, ele disse, ‘descreva aquela prezada dama como minha esposa, até que seja capaz de me mostrar por que ela o é, e de que modo isso está correto. Até lá, refira-se a ela como minha irmã, minha querida irmã, considerando-se que ela foi, sem sombra de dúvida, a esposa do meu irmão, antes de contrair certa forma de casamento comigo.’”

Ninguém jamais arrancará de Wolsey uma palavra desleal contra o rei. “O que está acontecendo é...”, ele busca a palavra, “... é, na minha opinião... um disparate. Entretanto, minha opinião jamais sairá desta sala, claro. Ah, não tenha dúvida, na época houve gente que torceu o nariz para a dispensa. E, ano após ano, muita gente encheu os ouvidos do rei sobre isso; ele não dava ouvidos, embora agora eu comece a acreditar que estava, sim, escutando. Contudo, você sabe que o rei é o mais dedicado e amoroso dos maridos. Ele reprimia todas as dúvidas.” Ele pousa a mão, lenta e firme, sobre a mesa. “Reprimia e reprimia, repetidamente.”

Entretanto, não resta dúvida quanto ao atual desejo de Henrique. Uma anulação. Uma declaração de que seu casamento nunca existiu. “Por dezoito anos”, prossegue o cardeal, “o rei viveu um equívoco. Ele disse ao confessor que tem dezoito anos de pecados a expiar.”

O cardeal espera por alguma pequena reação obsequiosa. Seu funcionário simplesmente devolve o olhar: presumindo que o selo do confessor se rompe segundo as conveniências do cardeal.

“Certo, mas se o senhor enviar o mestre Stephen a Roma”, ele responde, “isso dará ao capricho do rei, se assim posso me expressar...”

O cardeal assente: pode.

“... uma exposição internacional?”

“Stephen pode ir com discrição. Digamos, para receber uma bênção papal em particular.”

“O senhor não compreende Roma.”

Quanto a isso, Wolsey não pode contra-argumentar. Ele jamais sentiu o frio na nuca que obriga um homem a olhar para trás quando abandona a luz dourada do Tibre e adentra um grande bloco de sombra. Junto a alguma coluna desmoronada, junto a alguma ruína imaculada espreitam os ladrões da integridade, a amante de algum bispo, um sobrinho-do-sobrinho, algum sedutor endinheirado com língua de veludo; ele às vezes se sente afortunado por ter escapado da cidade com a alma intacta.

“Resumindo”, ele diz, “os espiões do papa adivinharão o que Stephen está tramando antes de ele terminar de fazer as malas, e os cardeais e secretários terão tempo de estipular seus preços. Se de fato precisa mandá-lo, dê a Stephen uma boa quantia em dinheiro vivo. Esses cardeais não aceitam promessas; eles gostam mesmo é de uma bolsa de ouro para acalmar os banqueiros, pois, na maioria das vezes, já estouraram seu crédito.” Ele dá de ombros. “Disso eu sei.”

“Eu deveria mandar você”, diz o cardeal, jocoso. “Você poderia oferecer um empréstimo ao papa Clemente.”

Por que não? Ele conhece os mercados financeiros; isso poderia ser arranjado. Se estivesse no lugar de Clemente, ele tomaria um empréstimo pesado este ano para contratar soldados e cercar seus territórios. Provavelmente já é tarde demais; para os combates do verão, é preciso começar o recrutamento na Festa da Candelária. Ele responde: “O senhor não começará o processo legal do rei dentro da sua própria jurisdição? Faça com que ele dê os primeiros passos, e assim ele verá se realmente deseja o que diz desejar”.

“Minha intenção é essa. O que pretendo fazer é convocar um pequeno tribunal aqui em Londres. Vamos abordá-lo em tom escandalizado: rei Harry, vossa majestade parece ter vivido todos esses anos de modo ilegal, com uma mulher que não é sua esposa. O rei — com todo o respeito a sua majestade — odeia estar errado: e é nessa posição que devemos colocá-lo, com muita firmeza. Talvez assim ele esqueça que os escrúpulos originais eram seus. É

possível que ele grite conosco e, num acesso de indignação, corra de volta para a rainha. Caso contrário, terei que conseguir revogar a dispensa, aqui ou em Roma, e se tiver êxito em separá-lo de Catarina, eu o casarei rapidamente com uma princesa da França.”

Não há necessidade de perguntar se o cardeal tem alguma princesa específica em mente. Não só uma, ele tem duas ou três. O cardeal não vive numa só realidade, mas numa teia efêmera e nebulosa de possibilidades diplomáticas. Enquanto faz o máximo que pode para conservar o casamento do rei com a rainha Catarina e sua família imperial espanhola, implorando a Henrique que esqueça seus escrúpulos, Wolsey também faz planos para um mundo alternativo, no qual as hesitações do rei devem ser respeitadas e o casamento com Catarina, anulado. Uma vez que essa nulidade seja reconhecida — e os últimos dezoito anos de pecado e sofrimento sejam apagados —, ele reajustará o equilíbrio da Europa, aliando Inglaterra e França, formando um bloco de poder em oposição ao jovem imperador Carlos, sobrinho de Catarina. E todos os resultados são possíveis, todos podem ser manobrados, ou mesmo massageados até assumirem um formato desejável: oração e pressão, pressão e oração, tudo o que vier a passar, passará por vontade de Deus, uma vontade revista e redesenhada pelo cardeal, com as devidas emendas. Antes ele dizia “O rei fará isso ou aquilo”. Depois, começou a dizer “Nós faremos isso ou aquilo”. Agora ele diz “Isso é o que farei”.

“Mas o que acontecerá com a rainha?”, ele pergunta. “Se o rei abandoná-la, para onde ela irá?”

“Conventos podem ser confortáveis.”

“Talvez ela volte para casa, para a Espanha.”

“Não, acho que não. É outro país, agora. Faz... quanto?... vinte e sete anos que ela chegou à Inglaterra.” O cardeal suspira. “Eu me lembro de Catarina na sua chegada. Seus navios, como você sabe, foram atrasados pelo mau tempo, jogados de um lado a outro do canal por dias a fio. O velho rei cavalgou para o sul, decidido a

conhecê-la. Ela parou em Dogmersfield, no palácio do bispo de Bath, no seu lento progresso em direção a Londres; era novembro e, sim, estava chovendo. À chegada do rei, o séquito de Catarina conservou suas tradições espanholas: a princesa permaneceria velada até que o noivo a visse no dia do casamento. Mas você sabe como era o velho rei!”

Ele, obviamente, não sabe: nasceu mais ou menos na época em que o velho rei, renegado e fugitivo por toda a vida, abriu caminho a golpes de espada até alcançar um trono improvável. Wolsey fala como se ele próprio tivesse testemunhado tudo de corpo presente; e de certa forma ele testemunhou, pois o passado se organiza apenas em desenhos reconhecíveis por sua mente superior e agradáveis a seus olhos. Wolsey sorri. “Para o velho rei, nos seus últimos anos, qualquer coisa podia levantar suspeitas. Ele retrocedeu ostensivamente para debater com sua escolta, e depois saltou da sela, pois ainda era um homem ágil, e disse na cara dos espanhóis que veria a princesa ou eles se arrependeriam. Minha terra, minhas leis, ele disse; aqui não admitiremos véus. Por que não posso vê-la, por acaso fui enganado, ela é deformada? Estão propondo que meu filho Artur se case com um monstro?”

Thomas pensa que o rei se comportava de modo desnecessariamente galês.

“Enquanto isso, as damas de companhia puseram a criaturinha para dormir; ou foi o que disseram, porque acharam que na cama ela estaria a salvo do rei. Ledo engano. O rei Henrique marchou pelos corredores, aparentemente decidido a arrancar os lençóis da cama. As mulheres cobriram a princesa com algum decoro. Ele irrompeu no aposento. À visão dela, o rei perdeu seu latim. Gaguejou e recuou como um menino de língua presa.” O cardeal ri. “E depois, quando ela dançou pela primeira vez na corte — nosso saudoso príncipe Artur ficou sorrindo no estrado, mas a mocinha mal conseguia parar quieta na poltrona —, ninguém conhecia as danças espanholas, e por isso ela foi ao centro do salão com uma

das suas damas de companhia. Jamais esquecerei a inclinação da sua cabeça, aquele momento em que seus lindos cabelos ruivos deslizaram pelo ombro... Não houve um só homem que, ao vê-la, não imaginasse... Embora a dança fosse, de fato, muito recatada... Ah, meu caro. Ela tinha dezesseis anos e...”

O cardeal olha para o nada e Thomas completa: “Que Deus o perdoe?”.

“Que Deus nos perdoe a todos. O velho rei vivia debatendo sua luxúria no confessionário. O príncipe Artur morreu, logo depois a rainha morreu, e quando o velho rei se descobriu viúvo, pensou em se casar com Catarina. Mas em seguida...” Ele ergue os ombros principescos. “Eles não chegaram a um acordo quanto ao dote, compreende? A velha raposa, Fernando, pai dela. Era um homem capaz de se esgueirar a qualquer pagamento devido. Nossa atual majestade era um menino de dez anos quando dançou no casamento do irmão e, na minha opinião, foi ali mesmo que ele entregou seu coração à noiva.”

Eles fazem uma pausa e pensam por um momento. É triste, ambos sabem que é triste. O velho rei retendo a princesa, conservando-a no reino, empobrecida, recusando-se a perder a parte do dote que dizia ainda faltar e igualmente se negando a pagar a pensão de viúva e deixar que ela partisse. Entretanto, é também interessante observar os amplos contatos diplomáticos que a mocinha adquiriu durante esses anos, a experiência em pesar um interesse contra o outro. Quando se casou com ela, Henrique era um rapaz de dezoito anos, ingênuo. Assim que o pai morreu, ele reivindicou Catarina para si. Ela era mais velha que ele, e os anos de angústia lhe deram certa seriedade e lhe tiraram algo do viço. Mas a mulher real era menos vívida que a imagem que existia na mente do príncipe, o qual cobiçava aquilo que o irmão mais velho possuía. O jovem sentiu novamente o pequeno tremor da mão dela, como no dia em que ela pousou a palma da mão sobre seu braço quando ele era um menino de dez anos, como se ela confiasse nele.

Henrique confessou a pessoas próximas que era como se ela admitisse que jamais esteve destinada a ser esposa de Artur, exceto em nome; todo o seu corpo estava reservado para ele, o segundo filho, a quem ela agora voltava seus belos olhos cinza-azulados e seu sorriso dócil. Henrique dizia, ela sempre me amou. Cerca de sete anos de diplomacia — se é que se pode chamar assim — me separaram dela. Mas agora não preciso temer a mais ninguém. Roma deu sua dispensa. Os papéis estão em ordem. As alianças estão no lugar. Eu me casei com uma virgem, já que meu pobre irmão não a tocou; eu me casei com uma aliança, seus familiares da Espanha; mas, acima de tudo, eu me casei por amor.

E agora? Acabou. Ou praticamente acabou: metade de toda uma vida esperando por obliteração, por desaparecer dos registros.

“Pois bem”, diz o cardeal. “Qual será o resultado disso? O rei espera que seja à sua maneira, mas ela... Será difícil convencê-la.”

Há outra história sobre Catarina, uma história diferente. Henrique foi para a França, travar uma guerrinha, e deixou Catarina como regente. Os escoceses atacaram o reino; foram completamente derrotados, e seu rei, decapitado em Flodden. Foi Catarina, aquele anjo alvo e rosáceo, quem propôs mandar a cabeça dele num saco no primeiro navio que partisse rumo ao continente, para alegrar o esposo em seu acampamento. Eles a dissuadiram; disseram que seria um gesto pouco inglês. Em vez disso, ela mandou uma carta. E, com ela, a casaca que o rei escocês vestia quando morrera, que estava enrijecida, negra e rachada do sangue derramado.

A chama se apaga, um tronco carbonizado é o que resta; o cardeal, envolto em devaneios, ergue-se e chuta, ele próprio, sua cadeira. Fica ali de pé, olhando para baixo, girando os anéis nos dedos, perdido em pensamentos. Por fim, desperta e diz: “Foi um longo dia. Vá para casa. Não sonhe com gente de Yorkshire”.

Thomas Cromwell tem agora pouco mais de quarenta anos. É um homem de constituição forte, mas não é alto. Há várias expressões disponíveis para seu rosto, e uma delas é legível: uma expressão de

contido divertimento. Seus cabelos são escuros, pesados e ondulados; os olhos pequenos, de visão muito aguçada, se iluminam na conversação: é o que o embaixador espanhol nos dirá, muito em breve. Dizem que ele sabe de cor o Novo Testamento em latim e por isso está apto a servir ao cardeal — quando os abades gaguejam, ele tem o texto na ponta da língua. Seu modo de falar é baixo e rápido, as maneiras, seguras; ele se sente em casa num tribunal ou num cais, no palácio de um bispo ou no pátio de uma estalagem. Ele pode redigir um contrato, treinar um falcão, delinear um mapa, interromper uma briga de rua, mobiliar uma casa e comprar um júri. É capaz de citar uma passagem adequada dos antigos autores, de Platão a Plauto, de trás para a frente. Ele conhece a poesia atual e sabe recitá-la em italiano. Trabalha o tempo todo, é o primeiro a se levantar e o último a ir para a cama. Ganha e gasta dinheiro. Faz apostas sobre qualquer coisa.

Ele se levanta para sair. Diz: “Se o senhor trocasse uma palavra com Deus e o sol aparecesse, o rei poderia sair para cavalgar com seus cavaleiros; se ele não estivesse tão aflito e confinado, seu humor poderia melhorar e ele talvez não continuasse pensando no Levítico, e sua vida ficaria bem mais fácil”.

“Você só o compreende em parte. Ele gosta de teologia, quase tanto quanto gosta de cavalgar.”

Ele para à porta. Wolsey diz: “Aliás, estão dizendo na corte... Sua graça o duque de Norfolk anda reclamando que eu invoquei um mau espírito para persegui-lo por aí. Se ouvir alguém mencionando isso, apenas negue”.

Ele está junto à porta, abrindo um lento sorriso. O cardeal também sorri, como que para dizer, guardei o melhor vinho para o final. Por acaso não sei como agradá-lo? E finalmente o cardeal volta sua atenção mais uma vez aos papéis. É um homem que, a serviço da Inglaterra, quase não precisa de sono; quatro horas são o bastante para renová-lo, e ele já estará de pé quando os sinos de

Westminster badalarem em mais um amanhecer úmido, nebuloso e apagado de abril. “Boa noite”, ele diz. “Deus o abençoe, Tom.”

Do lado de fora, seus homens estão esperando com archotes para levá-lo para casa. Ele tem uma casa em Stepney, mas esta noite irá para sua residência na cidade. Alguém pousa a mão em seu braço: Rafe Sadler, um jovem esguio de olhos pálidos. “Como foi Yorkshire?”

O sorriso de Rafe bruxuleia. O vento transforma a chama do archote num trêmulo borrão.

“Não devo falar sobre isso. O cardeal teme que nos cause pesadelos.”

Rafe franze a testa. Em todos os seus vinte e um anos, ele nunca teve sonhos ruins; dormindo sob a segurança do teto de Cromwell desde os sete anos, primeiro na Fenchurch Street e agora na Austin Friars, ele cresceu com uma mente estável, e portanto suas preocupações noturnas são todas de ordem racional: ladrões, cães vadios, buracos inesperados na estrada.

“O duque de Norfolk...”, ele começa, mas se detém. “Não, esqueça. Quem perguntou por mim enquanto estive fora?”

As ruas úmidas estão desertas; a névoa sobe do rio. As estrelas são amortecidas por neblina e nuvens. Sobre a cidade, paira o cheiro adocicado e pútrido dos pecados esquecidos de véspera. Norfolk se ajoelha junto à cama, batendo os dentes; a pena noturna do cardeal rascunha, rascunha, como um rato sob seu colchão. Enquanto Rafe oferece um sumário das notícias do escritório, ele formula sua réplica, a quem interessar possa: “Sua eminência, o cardeal, rejeita por completo qualquer imputação de que convocou um espírito maligno para espreitar o duque de Norfolk. Ele abomina tal insinuação nos termos mais definitivos. Nenhum bezerro sem cabeça, nenhum anjo caído encarnado num cão de língua frouxa, nenhuma mortalha ambulante e previamente usada, nenhum Lázaro ou cadáver redivivo foi enviado por sua eminência para perseguir sua graça: e não há qualquer plano dessa natureza em andamento”.

Um grito, próximo ao cais. Os barqueiros estão cantando. Ouve-se uma agitação vaga e distante na água; talvez estejam afogando alguém. “Meu lorde cardeal assim declara, sem prejuízo a seu direito de perseguir e atormentar o duque de Norfolk através de um *fantasma* que poderá eleger segundo sua vontade; em qualquer data futura, sem qualquer notificação prévia; sujeito apenas a decisão do cardeal no caso.”

Esse clima desperta dores em velhas cicatrizes. Mas ele entra em sua casa como se fosse meio-dia: sorrindo e imaginando o duque trêmulo de pavor. É uma da manhã. Em sua mente, Norfolk ainda está ajoelhado. Um diabrete de rosto negro espeta os calos de seus calcanhares com um tridente.

3. Em Austin Friars

1527

Lizzie ainda está de pé. Quando ouve os criados abrindo a porta para Thomas, ela sai com a cadelinha, que se sacode e late, embaixo do braço.

“Esqueceu onde mora?”

Ele suspira.

“Como foi em Yorkshire?”

Ele dá de ombros.

“O cardeal?”

Ele assente.

“Comeu?”

“Sim.”

“Cansado?”

“Na verdade, não.”

“Bebida?”

“Sim.”

“Vinho renano?”

“Por que não?”

O forro das paredes foi pintado. Ele adentra o débil clarão de luzes douradas e verdes. “Gregory...”

“Carta?”

“Algo do tipo.”

Lizzie lhe entrega a carta e a cadela, e vai buscar o vinho. Depois vem se sentar, servindo-se também de uma taça.

“Ele nos manda lembranças como se fôssemos uma só pessoa. Latim fraco.”

“Ah, sei”, comenta Lizzie.

“Ouça isto. Ele faz votos de que você esteja bem. Espera que eu esteja bem. Faz votos de que suas queridas irmãs Anne e a pequena Grace estejam bem. Ele próprio está bem. Sem mais, por falta de tempo, seu filho obediente, Gregory Cromwell.”

“Obediente?”, ela exclama. “Só isso?”

“É o que ensinam a eles.”

Bella mordisca a ponta dos dedos dele, os olhos redondos e inocentes brilhando para o dono como luas alienígenas. Liz parece bem, ainda que exausta devido ao longo dia. Longas e eretas, velas se erguem às suas costas; ela está usando o colar de pérolas e granadas com que ele a presenteou no Ano-Novo.

“Você é mais agradável aos olhos que o cardeal”, diz ele.

“Esse é o elogio mais sem graça que uma mulher já recebeu.”

“E eu passei toda a viagem desde Yorkshire pensando nele.” Ele balança a cabeça. “Fazer o quê!” Ele ergue Bella no ar; ela sacode as pernas de alegria. “Como andam os negócios?”

Liz faz alguns trabalhos com seda. Etiquetas para selos de documentos; toucas de tecido fino para as damas da corte. Ela tem duas jovens aprendizes na casa e um bom olho para moda; mas, como sempre, reclama dos atravessadores e do preço do fio. “Nós deveríamos ir a Gênova”, ele diz. “Eu a ensinaria a olhar direto nos olhos dos fornecedores.”

“Eu iria gostar. Mas você nunca se afastaria do cardeal.”

“Esta noite ele tentou me persuadir a fazer contatos com gente na casa da rainha. Entre os que falam espanhol.”

“Mesmo?”

“Eu disse que meu espanhol não é tão bom.”

“Não é tão bom?” Ela ri. “Você é uma raposa.”

“Ele não precisa saber de tudo que eu sei.”

“Fiz algumas visitas na Cheapside Street”, diz ela, nomeando uma de suas velhas amigas, esposa de um joalheiro. “Quer ouvir as novidades? Uma grande esmeralda foi encomendada, e mais o engaste para um anel, um anel feminino.” Ela mostra o tamanho, tão grande quanto a unha de seu polegar. “A esmeralda chegou, depois de algumas semanas de expectativa, e eles começaram a lapidá-la na Antuérpia.” Ela estala os dedos. “Rachada!”

“E quem arca com o prejuízo?”

“O lapidador diz que foi ludibriado e que havia uma falha oculta na base. O importador diz: se estava tão oculta, como eu poderia saber? O lapidador respondeu: então peça indenização do seu fornecedor...”

“Vão passar anos na justiça. Não podem encontrar outra?”

“Estão tentando. Deve ser para o rei, é o que achamos. Ninguém mais em Londres procuraria uma pedra daquele tamanho no mercado. Para quem será? Não é para a rainha.”

A pequena Bella agora se aninha no braço do dono, os olhos piscando, a cauda sacudindo de leve. Ele pensa, ficarei atento para ver se e quando aparece um anel de esmeralda. O cardeal me contará. O cardeal diz, é muito esperta essa tática de se rechaçar os avanços do rei para obrigá-lo a dar presentes, mas sem dúvida ele a levará para a cama neste verão e no outono estará cansado dela e se livrará da sua presença pagando-lhe uma pensão; se ele não fizer isso, eu farei. Se Wolsey pretende importar uma princesa fértil da França, não vai querer que suas primeiras semanas sejam estragadas por cenas de ciúmes de concubinas substituídas. Wolsey acredita que o rei deveria ser mais implacável com suas mulheres.

Liz aguarda alguns momentos, até compreender que não ouvirá nenhum mexerico.

“Pois bem, e quanto a Gregory: o verão está chegando. Virá para casa ou não?”

Gregory está quase completando treze anos. Está em Cambridge com seu tutor. Thomas enviou seus sobrinhos, filhos de sua irmã Bet, para a escola com Gregory; é algo que ele faz de bom grado pela família. O verão é para a recreação dos meninos; o que eles fariam na cidade? Até aqui, Gregory mostrou pouco interesse pelos livros, embora goste de ouvir histórias, histórias de dragões, histórias de gente verde que vive em bosques; é possível arrastá-lo penosamente por um texto em latim caso você consiga convencê-lo de que há uma serpente marinha ou um fantasma na próxima página. Ele gosta de ir aos bosques e campinas e gosta de caçar. Ele ainda tem muito a crescer e todos acham que será alto. O avô materno do rei, como todos os velhos testemunham, tinha mais de um metro e noventa. (Seu pai, contudo, tinha a altura mais próxima da de Morgan Williams.) O rei tem um metro e oitenta e oito e o cardeal tem altura suficiente para olhá-lo nos olhos. Henrique gosta de estar rodeado de homens como seu cunhado Charles Brandon, de altura igualmente impressionante e ombros largos. Homens altos não são uma visão comum nos becos e ruelas; e, é óbvio, não em Yorkshire.

Ele sorri. O que sempre diz sobre Gregory é, pelo menos ele não é como eu fui quando tinha a mesma idade. E quando as pessoas perguntam: como você era?, ele responde: ah, eu costumava enfiar facas nas pessoas. Gregory jamais faria isso; portanto, o pai não se importa se o garoto não se entende com inflexões e conjugações — ou se ele se importa menos do que as pessoas imaginam. Quando os outros lhe contam coisas que Gregory deixou de fazer, ele responde: “Ele está muito ocupado em crescer”. Ele compreende a necessidade do menino de dormir, pois ele mesmo jamais conseguiu dormir muito, com Walter pisando duro por perto, e após fugir, esteve sempre em navios ou estradas, até finalmente parar no exército. O que as pessoas não entendem sobre exércitos são suas vastas e contínuas imensidões de inação: um soldado precisa vasculhar o lixo à procura de comida, acampar em qualquer lugar

alagado porque o capitão louco decidiu, é convocado no meio da noite para lutar em alguma posição indefensável, então nunca consegue dormir de fato, o equipamento é deficiente, os artilheiros vivem causando pequenas explosões acidentais, os arqueiros estão sempre bêbados ou rezando, as flechas são encomendadas mas não chegam na hora, e nossa mente só se ocupa com um medo premente de que as coisas saiam mal porque *il principe* — ou quem quer que seja a venerável figurinha encarregada na ocasião — não é muito talentoso na tarefa básica de pensar. Ele não levou muitos invernos para sair do combate e entrar para o departamento de provisões. Na Itália, você sempre pode combater no verão, se quiser. Se sentir vontade de passear.

“Dormindo?”, Liz pergunta.

“Não. Mas estou sonhando.”

“O sabão de Castela chegou. E seu livro da Alemanha. Eles sempre vêm embalados como se fossem outra coisa. Quase mandei embora o garoto da entrega.”

Em Yorkshire, onde paira o cheiro de homens sem banho, que usam pele de ovelha e transpiram de raiva, ele sonhava com o sabão de Castela.

Mais tarde, Liz pergunta: “Pois bem, quem é a dama?”.

A mão dele, pousada no conhecido mas adorado seio esquerdo da mulher, recua perplexa. “O quê?” Liz acha que ele arranhou alguma mulher em Yorkshire? Deitado de costas, ele pensa em como convencê-la de que isso não é verdade; se necessário, ele a levará a Yorkshire, e ela verá.

“A dama da esmeralda?”, Liz continua. “Só pergunto porque as pessoas dizem que o rei quer fazer algo muito estranho, e realmente não consigo acreditar nisso. Mas é o boato que corre na cidade.”

É mesmo? Os boatos avançaram bastante nas duas semanas em que ele esteve no Norte, nas montanhas.

“Se ele tentar fazer isso”, Liz continua, “metade das pessoas do mundo será contra.”

A única coisa que ele havia pensado, e que Wolsey havia pensado, era que o imperador e a Espanha seriam contra. *Apenas* o imperador. Ele sorri no escuro, as mãos apoiando a cabeça. Ele não pergunta quais pessoas e espera que Liz lhe diga. “Todas as mulheres”, ela conclui. “Todas as mulheres de toda parte da Inglaterra. Todas as mulheres que têm uma filha e nenhum filho. Todas que perderam um filho. Todas que perderam qualquer esperança de ter um filho. Todas que têm quarenta anos.”

Ela apoia a cabeça no ombro do esposo. Cansados demais para falar, eles repousam lado a lado entre os lençóis de linho fino, sob uma colcha turca de cetim amarelo. Seus corpos exalam um vago aroma emprestado de sol e ervas. Ele recorda que sabe insultar os outros em castelhano.

“Está dormindo?”

“Não. Pensando.”

“Thomas”, ela exclama, parecendo chocada, “são três da manhã.”

E de repente são seis horas. Ele sonha que todas as mulheres da Inglaterra estão na cama, acotovelando-se e empurrando-o para fora. Levanta-se para ler o livro germânico antes que Liz possa tomar qualquer providência a respeito.

Não que ela vá dizer algo; quando provocada, ela apenas diz: “Para mim, o livro de preces é uma boa leitura”. E ela de fato lê seu livro de preces e o leva na mão distraidamente durante o dia — embora interrompa seus afazeres apenas parcialmente —, intercalando entre sua murmurada litania instruções para os criados. O livro foi um presente de casamento de seu primeiro esposo, um livro de horas, e o falecido escreveu o nome da recém-casada nele, Elizabeth Williams. Às vezes, quando sente ciúmes, ele gostaria de escrever outras coisas, coisas com espírito polêmico: ele conheceu o primeiro marido de Liz, mas isso não significa que gostava do

homem. Ele disse a Liz, há o Novo Testamento traduzido por Tyndale, aqui no baú trancado, pegue as chaves, leia; ela responde, leia você para mim se está tão interessado; e ele retruca: está em inglês, leia você, é essa a questão, Lizzie. Leia, e você ficará surpresa em ver o que não há nele.

Ele achou que essa sugestão a interessaria; mas, pelo visto, não. Ele não se imagina lendo em voz alta para sua família, não é um padre frustrado como Thomas More, um clérigo fracassado. Sempre que encontra More — uma estrela de outro firmamento, que o saúda com um lúgubre cumprimento de cabeça —, ele tem ganas de perguntar, qual é o seu problema? Ou qual é o meu problema? Por que você acha que tudo que conhece, tudo que aprendeu, só confirma aquilo que você já sabia? Pois, no meu caso, aquilo que me foi ensinado e em que eu acreditava é aos poucos corroído, um fragmento, depois um pedaço, depois outro pedaço. A cada mês, rui mais uma aresta nas certezas deste mundo: e do próximo mundo também. Mostre-me onde a Bíblia fala de “purgatório”. Mostre-me onde fala de relicários, monges, freiras. Mostre-me onde diz “papa”.

Ele volta a seu livro germânico. Com a ajuda de Thomas More, o rei escreveu um livro contra Lutero, e por isso o papa o presenteou com o título de defensor da fé. Não que ele adore o irmão Martinho Lutero; ele e o cardeal concordam que seria melhor que Lutero jamais tivesse nascido, ou melhor, que tivesse nascido com mais sutileza. Mesmo assim, ele se mantém em dia com o que vem sendo escrito, com aquilo que é contrabandeado pelos portos do canal e pelos pequenos estreitos da Ânglia Oriental, pelas enseadas onde um pequeno bote com carga duvidosa pode ancorar e depois zarpar novamente, à luz da lua, rumo ao mar aberto. Ele mantém o cardeal informado; assim, quando More e seus amigos clericais irrompem na sala, cuspidos pelas últimas heresias, o cardeal pode fazer gestos tranquilizadores e dizer: “Cavalheiros, já fui informado”. Wolsey queima livros, mas não homens. Foi o que ele fez, há pouco

tempo, em outubro passado, na Cruz de São Paulo: um holocausto da língua inglesa, tanto papel de linho consumido, tanta tinta negra das gráficas.

O Novo Testamento que ele guarda no baú é uma edição clandestina da Antuérpia, mais fácil de conseguir que a impressão germânica apropriada. Ele conhece William Tyndale; antes que Londres ficasse perigosa demais para ele, Tyndale se hospedou por seis meses com Humphrey Monmouth, o tecelão da cidade. Tyndale é um homem de princípios, um homem duro, e Thomas More o alcunhou de A Fera, pois ele aparentava jamais ter sorrido em toda a sua vida. Contudo, que motivo há para rir quando se é expulso de sua terra natal? Seu Novo Testamento é impresso in-oitavo, em desagradável papel barato; na folha de rosto, onde normalmente estariam o colofão e o endereço da gráfica, leem-se as palavras “IMPRESSO EM UTOPIA”. Bem que Thomas More poderia ver uma cópia; ele se sente tentado a mostrar ao outro, só para ver sua cara.

Ele fecha o livro novo. É hora de começar o dia. Ele sabe que não tem tempo de traduzir, ele próprio, o texto para o latim, de modo que possa circular discretamente; talvez devesse pedir que alguém faça isso em seu lugar, por amor ou por dinheiro. É impressionante quanto amor existe, estes dias, entre os que leem germânico.

Por volta das sete da manhã, ele já está barbeado, tomou o desjejum e se vestiu perfeitamente em seus trajes de linho limpo e fina lã escura. A essa hora, às vezes, ele sente falta do pai de Liz, o bom velho que sempre acordava cedo, pronto para passar a palma da mão em sua cabeça e dizer: Aproveite seu dia, Thomas, aproveite por mim.

Ele gostava do velho Wykys. Seu primeiro encontro foi por um assunto legal. Naqueles dias ele tinha... Quanto? Uns vinte e seis, vinte e sete anos, recém-chegado do exterior, propenso a começar uma frase num idioma e terminá-la em outro. Wykys era astuto e fizera uma considerável fortuna no ramo do comércio de lã. O velho era natural de Putney; contudo, não foi por isso que o empregou, foi

porque ele chegou com referências e pedindo um salário baixo. Em sua primeira entrevista, quando lhe apresentou os papéis, Wykys disse: “Você é filho de Walter, não é? E o que aconteceu? Porque, por Deus, nunca houve alguém mais rude que você quando garoto”.

Se soubesse qual tipo de explicação Wykys compreenderia, ele teria explicado. Mas o que responder? Desisti de brigar porque, quando vivi em Florença, via afrescos todos os dias? Ele finalmente disse: “Encontrei uma forma mais fácil de viver”.

Mais tarde, Wykys se cansou e deixou o negócio decair. Ele continuava a enviar tecido fino de lã para o mercado do norte da Germânia, quando — em sua opinião, com a tosquia da lã tão demorada e a boa casimira tão difícil de tecer — deveria era entrar no comércio de sarjas, de tecidos mais leves, e exportar para a Itália através da Antuérpia. Mas ele escutou — era um bom ouvinte — as queixas do velho e disse: “As coisas estão mudando. Deixe-me levá-lo às feiras de tecido este ano”.

Wykys sabia que precisava ir pessoalmente à Antuérpia e a Bergen op Zoom, mas não gostava da travessia. “Ele ficará bem comigo”, garantiu à sra. Wykys. “Conheço uma boa família com quem podemos nos hospedar.”

“Tudo bem, Thomas Cromwell”, ela respondeu. “Mas tome nota disto: nada de bebidas germânicas estranhas. Nada de mulheres. Nada de sermões proibidos em porões. Eu sei o que você anda fazendo.”

“Não sei se consigo ficar longe dos porões.”

“Vamos fazer um acordo: pode levá-lo a um sermão, contanto que não o leve a um bordel.”

Ele suspeita que Mercy venha de uma família em que os escritos de John Wycliffe sempre são preservados e citados, em que as Escrituras em inglês sempre foram conhecidas; fragmentos de textos escondidos, versos proibidos guardados na memória. Essas coisas se reproduzem por gerações, assim como olhos e narizes, como a humildade ou a passionalidade, como a força muscular ou a

necessidade de correr riscos. Se é preciso correr riscos hoje em dia, melhor que seja pelo pastor que pela prostituta, e evitar Monsieur Cancro, conhecido em Florença como o Mal Napolitano e em Nápoles, sem dúvida, como a Pudendagra Florentina. O bom senso impõe abstinência — em qualquer parte da Europa, incluindo estas ilhas. Nesse sentido, nossas vidas estão limitadas de uma maneira que as de nossos ancestrais jamais estiveram.

No barco, ele ouviu as habituais queixas de outros passageiros: esses marujos canalhas, as rotas não marcadas, os monopólios ingleses. Os mercadores da Hansa preferiam que seus próprios homens conduzissem os barcos até Gravesend: os germânicos podem ser um bando de ladrões, mas sabem como fazer um barco subir a correnteza. O velho Wykys ficou nauseado quando saíram ao mar. Thomas permaneceu no convés, ajudando no que pudesse; o senhor deve ter sido ajudante de navio quando garoto, disse um membro da tripulação. Chegando à Antuérpia, eles se dirigiram para o símbolo do Espírito Santo. O criado que abriu a porta gritou: “Thomas voltou para nós!”, como se ele tivesse ressuscitado dos mortos. Então apareceram os três homens — os três velhos do barco — e, vendo-o, exultaram: “Thomas, nosso pobre menino perdido, nosso fugitivo, nosso amiguinho surrado. Seja bem-vindo, entre e se aqueça!”.

Aquele era o único lugar em que ele ainda era um fugitivo, ainda um garotinho surrado.

As esposas deles, as filhas e os cães o cobriram de beijos. Ele deixou o velho Wykys junto à lareira, surpreso em ver quão internacional é o idioma dos velhos — trocando dicas sobre bálsamos para dores, comiserando-se de pequenas aflições e discutindo os caprichos e exigências das esposas. O irmão mais novo traduzia a conversa, sempre impassível, até quando os termos ficavam anatômicos.

Ele saiu para beber com os três filhos dos três irmãos. “*Wat will je?*”, eles o provocavam. “O comércio do velho? A viúva, quando ele

morrer?”

“Não”, respondeu ele, surpreendendo a si mesmo. “Acho que quero a filha dele.”

“Jovem?”

“Viúva. Jovem o bastante.”

Quando voltou a Londres, ele sabia que podia salvar o negócio. Ainda assim, precisava pensar nos trâmites do dia a dia. “Já vi seus estoques”, ele disse a Wykys. “Já vi suas contas. Agora me apresente seus contadores.”

Essa era a chave, claro, a chave para o lucro. A chave está sempre nas pessoas, e se você consegue olhá-las no rosto, vai saber dizer se são honestas e competentes. Ele dispensou o dúbio contador-chefe — dizendo: ou você sai, ou abriremos processo — e o substituiu por um novato gago, um garoto que diziam ser burro. O rapaz era apenas tímido; ele conferia o trabalho a cada noite, indicando em silêncio cada erro e omissão, e em quatro semanas o garoto se tornou tão competente quanto interessado e passou a segui-lo como um cachorrinho. Quatro semanas investidas, e mais alguns dias nos portos, verificando quem estava na dianteira: ao fim do ano, Wykys já lucrava novamente.

Depois que Tom lhe mostrou os números, Wykys saiu pisando forte. “Lizzie?”, chamou ele. “Lizzie? Venha aqui embaixo.”

Ela desceu.

“Você quer um novo marido. Este serve?”

Ela parou e o olhou de alto a baixo. “Bem, papai, certamente o senhor não o escolheu pela aparência.” A Thomas, de sobrelhas erguidas, ela disse: “O senhor *quer* uma esposa?”.

“Devo deixar que resolvam a sós?”, perguntou Wykys. Ele parecia perplexo; pelo visto, o velho pensava que eles tinham de assinar um contrato ali mesmo.

E quase fizeram isso. Lizzie queria filhos; ele queria uma esposa com contatos na cidade e algum dinheiro de família. Eles se casaram em poucas semanas. Gregory nasceu no mesmo ano.

Chorão, forte, uma hora de vida, arrancado do berço: ele beijou o crânio de cabelos macios do bebê e disse, serei tão carinhoso com você quanto meu pai não foi comigo. Afinal, por que ter filhos se a cada geração não melhoramos o que veio antes?

Assim, nesta manhã — acordando cedo, ponderando sobre o que Liz dissera na noite anterior — ele se pergunta: por que minha esposa se preocupa com mulheres que não têm filhos? Talvez seja algo que as mulheres fazem: passam o tempo imaginando como é viver a vida das outras.

É possível aprender com isso, ele imagina.

São oito horas. Lizzie está no andar de baixo. Ela tem os cabelos presos sob uma touca e as mangas do vestido enroladas. “Ah, Liz”, diz ele, rindo da esposa. “Você está parecendo a mulher de um padeiro.”

“Veja como fala”, ela retruca. “Copeiro.”

Rafe entra: “Vamos primeiro ao meu lorde cardeal?”. Aonde mais?, ele responde. E reúne seus papéis do dia. Afaga a mulher, beija a cadela. Sai para a rua. A manhã é chuvosa, mas o tempo está abrindo e, antes mesmo de chegarem ao palácio de York, fica claro que o cardeal cumpriu sua palavra: uma cascata de luz solar se derrama sobre o rio, pálido como a polpa de um limão.

Parte 2

1.

Visitação

1529

Eles estão desmanchando a casa do cardeal. De cômodo em cômodo, os homens do rei despem o palácio de York de seu dono. Embalam pergaminhos, documentos e missais, memorandos e os cadernos pessoais de contabilidade; levam até a tinta e as penas. E desnudam as paredes das placas em que o brasão do cardeal está pintado.

Eles chegam num domingo, os dois vingativos aristocratas: o duque de Norfolk, uma águia de olhos claros, e o duque de Suffolk, tão ávido quanto o primeiro. Os dois informam o cardeal de sua deposição como lorde chanceler e exigem que ele entregue o grande selo da Inglaterra. Ele, Cromwell, toca o braço do cardeal. Uma apressada confabulação. O cardeal torna a se dirigir aos outros, gracioso: ao que parece, é necessário um mandado redigido pelo rei; os senhores têm um? Ah, que descuido da sua parte. É preciso muito atrevimento para conservar tanta calma; mas o cardeal é atrevido.

“Está sugerindo que voltemos a Windsor?” Charles Brandon está incrédulo. “Por um pedaço de papel? Quando a situação já está tão clara?”

Isso é típico de Suffolk; pensar que a letra da lei é alguma espécie de luxo. Ele murmura algo novamente para o cardeal, que diz: “Não, acho que deveríamos informá-los, Thomas... E não

prolongar o assunto além do necessário... Senhores, meu advogado aqui está dizendo que não posso lhes dar o selo, com ou sem mandado. Ele diz que, propriamente falando, só posso entregá-lo ao arquivista-mor.^[2] Portanto, é melhor que os senhores o tragam junto consigo”.

Ele diz, sorridente: “Estejam gratos porque nós os informamos, senhores. Caso contrário, teriam que fazer três viagens, não?”.

Norfolk sorri. Ele gosta de uma rusga. “Muitíssimo obrigado, mestre”, retruca ele.

Quando eles partem, Wolsey se vira e abraça o amigo, o rosto alegre. Embora saibam que esta é a última de suas vitórias, é sempre importante exibir engenhosidade; e vale a pena ganhar vinte e quatro horas, já que o rei é tão volúvel. Além disso, eles se divertiram. “Arquivista-mor”, Wolsey comenta. “Você de fato sabia disso, ou inventou?”

Na manhã de segunda-feira, os duques regressam. Eles têm ordens de expulsar os ocupantes no mesmo dia, pois o rei deseja que seus próprios construtores e decoradores preparem o palácio para Lady Ana, que necessita de uma casa própria em Londres.

Ele se prepara para fazer frente e contestar a decisão: por acaso perdi algo? Este palácio pertence à arquidiocese de York. Desde quando Lady Ana ocupa o cargo de arcebispo?

Mas o vagalhão de homens que invade o palácio pela escadaria que dá acesso ao rio os arrasta consigo. Nenhum dos duques deu as caras; portanto, não há ninguém com quem discutir. Que terrível visão, diz alguém: mestre Cromwell impedido de brigar. E agora o cardeal está prestes a partir, mas para onde? Sobre seu hábito escarlate, ele usa um manto de viagem de outra pessoa; eles confiscaram seu guarda-roupa, peça por peça, e por isso ele agarra tudo que consegue. É outono e, apesar de ser um homem robusto, o frio o afeta.

Os homens reviram baús e vasculham seu conteúdo. Espalham pelo chão cartas de papas, de eruditos da Europa: de Utrecht, de Paris, de Santiago de Compostela; de Erfurt, de Estrasburgo, de Roma. Eles empacotam os Evangelhos a fim de levá-los para as bibliotecas do rei. Os volumes são pesados para carregar nos braços, inconvenientes como se respirassem; suas páginas são feitas de velino de bezerros natimortos, recobertas pelo ilustrador em tons de lápis-lazúli e verde-folha.

Eles removem as tapeçarias e despem as paredes brancas. Os monarcas de lã são enrolados, Salomão e Sabá, envolvidos numa espiral de proximidade, os olhos de um preenchendo os olhos do outro, e seus pequeninos pulmões respirando entre as fibras de ventres e coxas. Vêm abaixo as cenas de caçadas, as imagens de prazer secular do cardeal: os camponeses atléticos nadando nos lagos, os corcéis nas baías, os cães uivando, os spaniels presos por fitas de seda e os mastins com coleiras de pontas de ferro; os caçadores com seus cintos e facas, as damas cavalcando com toucados elegantes, o lago de bordas agitadas, as ovelhas tranquilas nos pastos, as copas azuladas das árvores, fugindo a uma distância longa e suave, num cenário de escarpas fragmentadas e um céu com nuvens brancas navegado.

O cardeal observa os rapinantes em ação. “Temos frescos para nossos visitantes?”

Nos dois grandes salões contíguos à galeria, eles instalam longas mesas. Cada uma delas tem seis metros de comprimento, e outras são trazidas. Na Câmara Dourada, enfileiraram as baixelas de ouro, as joias e pedras preciosas do cardeal, e agora decifram os inventários e conferem o peso das peças. Na Câmara do Conselho, empilham a prata e as taças douradas. Já que tudo está listado, até a última panela amassada das cozinhas, eles põem cestas sob as mesas e nelas atiram todos os itens que provavelmente não atrairão os olhos do rei. Sir William Gascoigne, o tesoureiro do cardeal, desloca-se sem parar pelos quartos, preocupado, falando, dirigindo

a atenção dos comissários para cada canto, cada baú que acredita ter sido negligenciado.

Em seus calcanhares segue George Cavendish, o nobre intendente do cardeal; seu rosto é uma chaga aberta de consternação. Eles pegam as vestes do cardeal, suas murças. Rijos em seu bordado, aplicados com pérolas, cravejados de gemas preciosas, os hábitos parecem ficar de pé sozinhos. Os saqueadores fazem tombar cada um como se estivessem derrubando Thomas Becket. Registram o item e, depois de colocá-lo de joelhos e dobrar sua espinha, atiram-no nos caixotes de viagem. Cavendish está perplexo: “Pelo amor de Deus, cavalheiros, forrem esses baús com uma dupla camada de cambraia. Desejam destruir o trabalho magnífico que custou toda uma vida a diversas freiras?”. Ele dá meia-volta: “Mestre Cromwell, acha que podemos nos livrar dessa gente antes do anoitecer?”.

“Só se os ajudarmos. Já que precisa ser feito, podemos ao menos garantir que eles façam direito.”

É um espetáculo indecente: o homem que governou a Inglaterra, rebaixado. Eles sacam rolos de fina Holanda, de veludo e gorgorão, cetim e tafetá, metros e metros de escarlata: a seda escarlata em que o cardeal desbrava o calor do verão de Londres; os brocados carmesins que conservam o calor de seu sangue quando a neve cai sobre Westminster e gira em redemoinhos congelados sobre o Tâmisa. Em público, o cardeal veste vermelho, só vermelho, mas em vários pesos, várias tramas, vários tons de pigmentação, tudo do melhor em seu gênero, os melhores vermelhos que o dinheiro pode comprar. Houve dias em que, gabando-se, ele dizia: “Pois bem, mestre Cromwell, adivinhe o meu preço, por metro!”.

Ao que ele respondia: “Deixe-me ver”. Caminhava lentamente em torno do cardeal, e dizendo “Posso?”, ele apertava a manga entre os experientes polegar e indicador; dando um passo para trás, examinava-o, para estimar o tamanho da cintura (a cada ano, o cardeal se expandia), e chegava a um preço. Wolsey batia palmas,

deliciado. “Que os invejosos nos vejam! Avante, avante, avante!” Sua procissão se formava, as cruzes de prata, os sargentos de armas com seus machados dourados: pois, em público, o cardeal não ia a lugar algum sem uma procissão.

Assim, a cada dia, a seu pedido e para diverti-lo, ele punha uma cifra em seu senhor. Agora o rei enviava um exército de contadores para fazer o mesmo. Mas ele gostaria mesmo é de tomar suas penas à força e rasurar todos os inventários com a frase: *Thomas Wolsey é um homem acima de qualquer preço*.

“Ora, vamos, Thomas”, diz o cardeal, afagando-o. “Tudo o que tenho, eu devo ao rei. Foi o rei quem mo presenteou, e se ele se agrada em tomar o palácio de York todo mobiliado, sei que possuímos outras casas, temos outros tetos sob os quais nos abrigar. Isso aqui não é Putney, sabe?” O cardeal põe as mãos nos braços dele. “Portanto, eu o proíbo de bater em alguém.” Ele finge estar apertando seus braços, mantendo-os fechados junto ao corpo, num comedimento sorridente. Os dedos do cardeal tremem.

O tesoureiro Gascoigne entra e diz: “Ouvi dizer que vossa eminência deve ir direto para a Torre”.

“OuvIU?”, ele diz. “Onde ouviu isso?”

“Sir William Gascoigne”, diz o cardeal, medindo o nome, “o que o senhor acredita que fiz para despertar no rei o desejo de me enviar para a Torre?”

“É típico de você”, ele diz para Gascoigne, “espalhar qualquer história que escuta. É esse o consolo que tem a oferecer? Entrar aqui com boatos pífidos? Ninguém vai para a Torre. Nós vamos...” — os criados esperam, prendendo a respiração enquanto ele improvisa — “... para Esher. E seu trabalho”, ele não se contém e dá um pequeno empurrão no peito de Gascoigne, “é ficar de olho em todos esses estranhos e garantir que tudo o que está para sair daqui chegue ao devido lugar e que nada se perca no caminho, pois, se isso acontecer, você vai acabar esmurrando os portões da

Torre e implorando para ser posto lá dentro, só para escapar de mim.”

Vários ruídos: a maioria deles chega do fundo da sala, uma espécie de ovação contida. É difícil fugir à sensação de que tudo isso é uma peça, e que o cardeal está nela: *O cardeal e seu séquito*. E se trata de uma tragédia.

Cavendish o cutuca, nervoso, suando. “Mas, mestre Cromwell, a casa de Esher está vazia, não temos uma panela, uma faca ou um espeto. E onde meu lorde cardeal vai dormir? Duvido que tenhamos um colchão recém-arejado, nem sequer temos lençóis ou lenha ou... E como vamos chegar lá?”

“Sir William”, diz o cardeal a Gascoigne, “não se ofenda com o mestre Cromwell, que, devido à ocasião, peca por excessiva franqueza; mas guarde bem o que lhe digo. Já que tudo o que possuo vem do rei, tudo deve ser devolvido em ordem.” Ele dá as costas ao outro, os lábios em espasmos. Exceto quando provocou os duques no dia anterior, faz um mês que ele não sorri. “Tom”, diz o cardeal, “há anos que lhe digo para não falar desse jeito.”

Cavendish se dirige a ele: “Eles ainda não tomaram a barca do meu lorde cardeal. Nem seus cavalos”.

“Não?” Ele põe a mão no ombro de Cavendish. “Vamos subir o rio, tantos quanto a barca suporte. Os cavalos podem nos encontrar em... em Putney, na verdade, e depois nós... pegaremos coisas emprestadas. Ora, vamos, Cavendish, use a engenhosidade, já fizemos coisas mais difíceis nos últimos anos do que transferir a residência para Esher.”

Será mesmo? Ele nunca prestou muita atenção em Cavendish, um tipo de homem sensível que fala demais sobre guardanapos. Mesmo assim, ele tenta inventar alguma forma de inserir certa fibra militar no outro, e a melhor forma é sugerir que foram companheiros em alguma antiga campanha.

“Sim, sim”, diz Cavendish, “vamos arrumar a barca.”

Bom, ele diz, e o cardeal repete, Putney?, e tenta rir. Comenta: muito bem, Thomas, você realmente calou a boca de Gascoigne; há algo nesse homem com o qual nunca simpatizei, e ele pergunta, então por que o manteve no cargo?, e o cardeal responde, ah, bem, acontece..., e mais uma vez o cardeal diz, Putney, hein?

Ele responde: “Não importa o que encontrarmos no fim da jornada, jamais esqueceremos como, há nove anos, para o encontro entre dois reis, vossa eminência criou uma cidade de ouro sobre um pântano tenebroso na Picardia. Desde então, vossa eminência só se elevou em sabedoria e na estima do rei”.

Ele fala para que todos escutem, mas pensa: em teoria, aquela ocasião tratava de paz; em contrapartida, não sabemos o que significa esta ocasião, é o primeiro dia de uma campanha, talvez longa, talvez curta; é melhor cavarmos nossas trincheiras e rezarmos para que nossas linhas de suprimentos se mantenham firmes. “Acho que conseguiremos reunir alguns espetos de ferro e caldeiras de sopa e tudo mais que George Cavendish julgar essencial. Quando lembro que vossa eminência administrava provisões para os grandes exércitos do rei, quando partiram para combater na França...”

“Sim”, responde o cardeal, “e todos sabemos o que você pensava das nossas campanhas, Thomas.”

“O quê?”, pergunta Cavendish, e o cardeal responde: “George, não lhe vem à mente o que meu braço direito Thomas Cromwell disse na Câmara dos Comuns há uns cinco anos, quando pleiteávamos um subsídio para a nova guerra?”.

“Mas ele falou contra vossa eminência!”

Gascoigne, que insiste em se meter na conversa, diz: “Você não elevou sua situação naquela oportunidade, meu mestre, falando contra o rei e meu lorde cardeal, pois eu me lembro bem do seu discurso, e asseguro que outros também se lembrarão; você não conseguiu nenhum favor para si naquela ocasião, Cromwell”.

Ele dá de ombros. “Eu não estava em busca de favores. Nem todos são como você, Gascoigne. Eu queria que os Comuns extraíssem algumas lições da campanha anterior. Que pensassem retrospectivamente.”

“Você disse que seríamos derrotados.”

“Eu disse que iríamos à bancarrota. Mas uma coisa eu lhe digo, todas as nossas guerras teriam acabado de modo muito pior sem meu lorde cardeal para supri-las.”

“No ano de 1523...”, começa Gascoigne.

“Precisamos travar essa batalha mais uma vez?”, indaga o cardeal.

“... o duque de Suffolk estava a apenas cinquenta milhas de Paris.”

“Sim”, ele responde, “mas você sabe o que são cinquenta milhas para um oficial de infantaria faminto no inverno, quando ele dorme no chão úmido e acorda congelado? Sabe o que são cinquenta milhas para um comboio com equipamentos, com carroças enfiadas na lama até os eixos? E, quanto às glórias de 1513, que Deus nos livre!”

“Tournai! Thérouanne!”, berra Gascoigne. “Não consegue ver o que aconteceu? Duas cidades francesas tomadas! O rei foi um bravo no campo de batalha!”

Se estivéssemos no campo agora, ele pensa, eu cuspiria nos seus pés. “Se você gosta tanto do rei, vá trabalhar para ele. Ou já está fazendo isso?”

O cardeal limpa a garganta discretamente. “Todos nós trabalhamos para o rei”, diz Cavendish, e o cardeal conclui: “Thomas, nós somos obra das mãos dele”.

Quando eles partem para a barca do cardeal, as bandeiras estão tremulando: a rosa de Tudor, os corvos da Cornualha. Cavendish diz, de olhos arregalados: “Vejam todos esses barquinhos, subindo e descendo”. Por um momento, o cardeal pensa que os londrinos

saíram para lhe desejar boa sorte. Mas quando entra na barca, ouve vaías e apupos dos barcos; os espectadores se aglomeram na margem, e apesar de os homens do cardeal os manterem afastados, a intenção deles é bastante óbvia. Quando os remos começam a forçar a subida no rio, em vez de descer para a Torre, ouvem-se queixas e gritos de ameaça.

É aí que o cardeal desaba. Ele cai sobre seu assento e começa a falar, e ele fala, fala e fala, durante todo o trajeto, até Putney. “Eles me odeiam tanto assim? O que fiz além de promover seus negócios e mostrar minhas boas intenções? Semeei o ódio? Não. Jamais persegui ninguém. Ano após ano, quando o trigo escasseava, busquei formas de remediar a situação. Quando os aprendizes se rebelaram, implorei de joelhos e às lágrimas que o rei poupasse os manifestantes, mesmo quando eles já ostentavam no pescoço o nó da força.”

Cavendish responde: “As massas sempre desejam uma mudança. Sempre que veem a ascensão de um grande homem, precisam afundá-lo, apenas pela novidade da coisa”.

“Chanceler durante quinze anos. Vinte a serviço do rei. E do pai que o precedeu. Jamais me poupei... acordando cedo, desperto até tarde...”

Cavendish exclama: “Aí, está vendo? Isso é servir a um príncipe! Devemos ser cautelosos com as vacilações de temperamento deles.”

“Príncipes não são obrigados a manter a consistência”, ele diz. E pensa, vou acabar esquecendo quem sou, cruzando o barco e jogando esse sujeito no rio.

O cardeal não esqueceu a si próprio, longe disso; ele está relembando o passado, vinte anos antes, quando da ascensão do jovem rei. “Ponha o rei para trabalhar, diziam alguns. Mas eu respondia: não, ele ainda é um rapaz. Deixem que cace, que dispute a justa e solte suas águias e falcões...”

“Que toque instrumentos”, diz Cavendish. “Sempre dedilhando uma coisa ou outra. E cantando.”

“Você fala como se ele fosse Nero.”

“Nero?”, Cavendish se exalta. “Eu nunca disse isso!”

“Trata-se do príncipe mais bondoso e sábio da cristandade”, proclama o cardeal. “Não suportarei ouvir uma só palavra contra ele, vinda de homem algum.”

“E nem ouvirá”, ele diz.

“O que eu não faria por ele! Cruzaria o canal tão rápido quanto um homem pode pular por sobre um filete de urina na rua.” O cardeal balança a cabeça. “Do despertar ao adormecer, sobre uma sela ou nas contas do meu rosário... vinte anos...”

“Será algo típico dos ingleses?”, pergunta Cavendish em tom sério. Ele ainda está pensando na algazarra que ocorreu lá atrás, na hora do embarque; e mesmo agora, ainda há gente correndo pelas margens, fazendo gestos obscenos e assobiando. “Diga-nos, mestre Cromwell, já que esteve no exterior. Os ingleses são uma nação particularmente ingrata? A mim me parece que eles gostam da mudança apenas por mudar.”

“Não acho que seja algo apenas dos ingleses. Acredito que as pessoas são assim. Eles sempre esperam que algo melhor apareça.”

“Mas o que ganham com a mudança?”, Cavendish insiste. “Um cão saciado com carne é substituído por outro, mais faminto, que morde mais perto do osso. Sai o homem que engordou com honra e entra o homem voraz e raquítico.”

Ele fecha os olhos. O rio se agita sob o grupo — três figuras nebulosas numa alegoria da Fortuna. A Eminência Decaída sentada ao centro. Cavendish, inclinado à sua direita como um Conselheiro Virtuoso, murmura recomendações supérfluas e tardias, às quais a infeliz magnanimidade baixa a cabeça; como um tentador, ele se senta à esquerda e tem a mão dolorosamente agarrada pela grande mão do cardeal, com os nós cobertos de granadas e turmalinas.

George Cavendish decerto seria atirado no rio se, apesar das platitudes, não houvesse um soturno sentido no que está dizendo. E por quê? Por causa de Stephen Gardiner, pensa. Talvez não seja apropriado comparar o cardeal a um cão que engordou, mas Stephen é definitivamente raquítico e voraz, e foi promovido pelo rei ao cargo de seu secretário particular. Não é incomum que os funcionários do cardeal sejam transferidos dessa maneira, depois de cuidadosa formação na escola Wolsey de artes e ofícios; mesmo assim, os últimos fatos podem colocar Stephen — se ele administrar seus deveres de forma adequada — em uma posição muito próxima ao rei, talvez mais próxima que a de qualquer outro, com a possível exceção do cavaleiro que atende o monarca em sua retrete e lhe entrega o lençinho higiênico. Não me importaria se o rei escolhesse Stephen para esse cargo, ele pensa.

O cardeal fecha os olhos. Lágrimas assomam sob suas pálpebras. “É uma grande verdade”, comenta Cavendish, “que a sorte é inconstante, fugidia e mutável...”

Ele faz apenas um rápido movimento, imitando um estrangulamento, enquanto o cardeal está de olhos fechados. Cavendish, pondo a mão na garganta, capta o recado. E então os dois se olham, encabulados. Um se excedeu nas palavras; o outro se excedeu nos sentimentos. Não é fácil encontrar o fiel da balança. O seu olhar varre as margens do Tâmesa. O cardeal ainda chora e segura sua mão.

Enquanto sobem o rio, a confusão cessa no litoral. Não que em Putney os ingleses sejam menos volúveis; eles apenas não estão sabendo das novidades.

Os cavalos esperam. O cardeal, em sua posição de clérigo, sempre cavalgou uma mula grande e forte; contudo, por ter passado vinte anos caçando com reis, seu estábulo é a inveja de todo nobre. Lá está o animal, balançando as longas orelhas, paramentado em seus

arreios escarlate de costume e, junto dele, o mestre Sexton, o bobo do cardeal.

“Em nome de Deus, o que ele está fazendo aqui?”, ele pergunta a Cavendish.

Sexton se adianta e diz algo no ouvido do cardeal, que ri. “Muito bom, Patch. Agora, ajude-me a montar, bom rapaz.”

Mas Patch — o mestre Sexton — não está apto para o trabalho. O cardeal parece enfraquecido, parece sentir o peso da carne pendendo dos ossos. Ele, Cromwell, desliza de sua sela e faz um gesto com a cabeça, para três dos servos mais robustos. “Mestre Patch, segure a cabeça de Christopher.” Quando Patch finge não saber que Christopher é a mula e dá uma chave de braço no pescoço do homem ao lado, ele exclama: Ah, pelo amor de Deus, Sexton, saia da frente ou vou enfiá-lo num saco e afogá-lo.

“Obrigado, mestre Cromwell”, diz o homem que quase teve a cabeça arrancada, depois do que se apruma, esfregando o pescoço, e se arrasta à dianteira do bicho para segurar o freio. Com mais dois homens, ele, Cromwell, iça o cardeal para a sela. Wolsey parece constrangido. “Obrigado, Tom.” O cardeal ri, trêmulo. “Você levou uma bronca, Patch.”

Todos estão prontos para cavalgar. Cavendish ergue os olhos. “Que os santos nos protejam!” Um cavaleiro solitário se aproxima, descendo a colina a galope. “Uma ordem de prisão!”

“Trazida por um só homem?”

“Um batedor”, diz Cavendish, ao que ele responde: Putney é um lugar meio perigoso, mas também não é preciso mandar batedores. Depois alguém grita: “É Harry Norris”. Harry se atira da sela. Não se sabe o que veio fazer, mas o fato é que ele tem os nervos à flor da pele. Harry Norris é um dos amigos mais íntimos do rei; mais exatamente, ele é o homem que entrega o lençinho higiênico.

Wolsey compreende de imediato que o rei não mandaria Norris para lhe dar voz de prisão. “Muito bem, Sir Henry, recupere o fôlego. O que há de tão urgente?”

Norris diz, perdão, meu amo, meu lorde cardeal, sacando sua boina plumada, e limpa o rosto com o braço e sorri com sua máxima simpatia. Ele diz graciosamente ao cardeal que o rei lhe deu ordens de cavalgar até alcançar sua eminência, de lhe dizer palavras de conforto e de lhe dar um anel, que o cardeal conhece bem, e que Norris exhibe na palma da luva.

O cardeal se desvencilha da mula e se atira ao chão. Ele pega o anel e o cola aos lábios. Está rezando. Rezando, agradecendo a Norris, pedindo bênçãos para seu soberano. “Não tenho nada para mandar. Nada de valor para mandar ao rei!” Ele olha em torno, como se seus olhos pudessem topar com algo para mandar; uma árvore? Norris tenta levantá-lo e acaba se ajoelhando ao seu lado, ajoelhando-se — esse homem tão elegante e encantador — na lama de Putney. Ao que parece, a mensagem que ele dá ao cardeal é de que o rei apenas aparenta desagrado, mas não está realmente desagrado; que o rei sabe que o cardeal tem inimigos; que ele próprio, Henricus Rex, não é um deles; que essa demonstração de poder é apenas para satisfazer os tais inimigos; e que o rei pode recompensar o cardeal com o dobro do que lhe foi tirado.

O cardeal chora. Começa a chover e o vento joga a chuva sobre todos os rostos. Wolsey fala às pressas com Norris, em voz baixa, e depois tira uma corrente do pescoço e tenta pendurá-la no cangote do outro, mas ela se embola nas tiras da boina de montaria e várias pessoas correm para ajudar, sem sucesso, até que Norris finalmente se levanta e começa a se limpar com uma luva enquanto segura a corrente com a outra. “Use isto”, implora o cardeal, “e, sempre que o vir, pense em mim e me recomende ao rei.”

Cavendish, montado próximo aos outros, tem um sobressalto. “Seu relicário!” George fica irritado e perplexo. “Abdicar dele dessa maneira! É um pedaço da verdadeira cruz!”

“Nós arranharemos outro pedaço para o cardeal. Conheço um homem em Pisa que vende uma dezena por cinco florins, uma dúzia

se o pagamento for à vista. E você ganha um certificado com a impressão do dedo de são Pedro, para provar que são genuínos.”

“Que ultraje!”, diz Cavendish, afastando-se a cavalo.

Mensagem entregue, Norris também se afasta e todos tentam pôr o cardeal de volta na mula. Dessa vez, quatro homens grandes se adiantam como se fosse uma rotina. A peça agora se transformou numa espécie de breve interlúdio cômico. Deve ser por isso, pensa ele, que Patch está aqui. Ele cavalga para perto e diz, olhando de cima da sela: “Norris, pode nos dar tudo isso por escrito?”.

Norris sorri: “Difícilmente, mestre Cromwell; é uma mensagem confidencial para meu lorde cardeal. As palavras de sua majestade são apenas para ele”.

“E quanto a essa recompensa que o senhor mencionou?”

Norris ri, como sempre faz para desarmar hostilidades, e sussurra: “Acho que deve ser no sentido figurado”.

“Também acho.” Dobrar a fortuna do cardeal? Não com a renda de Henrique. “Devolva-nos o que foi tirado. Não queremos o dobro.”

A mão de Norris pousa sobre a corrente, agora presa em seu pescoço. “Mas tudo veio do rei. Não podemos chamar de roubo.”

“Eu não chamei de roubo.”

Norris assente, ponderado. “De fato, não chamou.”

“Eles não deveriam ter levado as vestes. Elas pertencem ao meu amo como clérigo. O que levarão depois? Suas terras?”

“Esher... é para onde estão indo, não? Claro, Esher é uma das residências que meu lorde cardeal detém como bispo de Winchester.”

“E?”

“Por enquanto, ele permanece em posse de tal propriedade e título, mas... como dizer? Isso deve passar pela consideração do rei, não? Você sabe que, sob os Estatutos de Praemunire,^[3] meu lorde cardeal é culpado por apoiar uma jurisdição estrangeira na nossa terra.”

“Não venha me ensinar a lei.”

Norris faz uma medida.

Ele pensa: desde a primavera passada, quando as coisas começaram a dar errado, eu devia ter persuadido o cardeal a deixar que eu administrasse seus rendimentos e mandasse algum dinheiro para o exterior, onde eles não poderiam pegá-lo; mas naquela época ele jamais admitiria que havia algo errado. Por que deixei que continuasse assim tão tranquilo?

A mão de Norris está na rédea do cavalo. “Sempre fui uma pessoa que admirou seu amo, e espero que ele se lembre disso na adversidade.”

“Pensei que ele não estivesse em adversidade. Segundo o que o senhor diz.”

Seria tão simples se ele tivesse permissão para esticar o braço e extorquir algumas respostas diretas de Norris. Mas não é tão simples; isso é o que o mundo e o cardeal Wolsey sempre conspiraram para lhe ensinar. Jesus Cristo, ele pensa, com minha idade, eu já deveria saber. Ninguém progride sendo original. Ninguém progride sendo inteligente. Ninguém progride sendo forte. Só se progride sendo um patife ardiloso; mais ou menos o que Norris é. Ele sente uma antipatia irracional criando raízes e tenta arrancá-las, pois prefere que suas antipatias sejam racionais, mas, no fim das contas, as circunstâncias são extremas, o cardeal na lama, o humilhante esforço para reconduzi-lo à sela, o falatório, o falatório na barca, e pior, o falatório de joelhos, como se Wolsey se desmanchasse num grande destrinchado de fio escarlate, que talvez leve de volta a um labirinto escarlate com um monstro agonizando no centro.

“Mestre Cromwell?”, chama Norris.

Certamente, ele não pode falar o que está pensando; por isso baixa os olhos para Norris com expressão abrandada, e diz: “Obrigado por tamanha consolação”.

“Bem, tire meu lorde cardeal da chuva. Informarei sua majestade de como o encontrei.”

“Conte ao rei como vocês se ajoelharam juntos na lama. Talvez ele ache engraçado.”

“Sim.” Norris parece triste. “Nunca se sabe o que lhe causará graça.”

É nesse momento que Patch começa a gritar. Pelo visto, na busca de um regalo, o cardeal deu o bufão de presente para o rei. O cardeal sempre dizia: Patch vale mil libras. O bobo agora partirá com Norris — a melhor hora é agora. Para subjugar Patch, mais quatro homens do cardeal são necessários. Ele luta. Ele morde. Ele se debate, socando e chutando. Até que é jogado numa mula de carga, despida de sua bagagem; por fim, o bobo começa a chorar, a soluçar, as costelas em espasmos, os estúpidos pés pendurados, o casaco rasgado e a pena do chapéu reduzida a um toco.

“Mas Patch”, diz o cardeal, “meu querido companheiro. Quando o rei e eu voltarmos a nos entender, você me verá com frequência. Meu querido Patch, eu lhe mandarei uma carta, uma carta só para você. Vou redigi-la esta noite e marcá-la com meu grande selo. O rei vai gostar de você; ele é a alma mais bondosa da cristandade.”

Patch geme numa única nota fina, como alguém aprisionado e empalado pelos turcos.

Viu só?, ele diz a Cavendish, Sexton não é bobo só na profissão. Ele não deveria ter chamado a atenção para si mesmo, não é verdade?

Esher: o cardeal desmonta sob a sombra da velha fortaleza do bispo Wayneflete, cercada por torres octogonais. O portão é embutido numa muralha defensiva, encimada por um parapeito; austera à primeira vista, toda a estrutura é, entretanto, feita de tijolos, ornamentada e coberta de belos apliques. “Não há como fortificá-la”, ele diz. Cavendish permanece em silêncio. “George, você deveria replicar: ‘Mas talvez nunca haja necessidade’.”

O cardeal não usa esse lugar desde que construiu o palácio de Hampton Court. Mandaram mensagens de antemão, mas por acaso algo foi arrumado? Ele ordena: façam com que meu amo se sinta confortável, e desce direto para as cozinhas. Em Hampton Court, as cozinhas têm água corrente; aqui, tudo que escorre é o nariz dos cozinheiros. Cavendish tinha razão. Na verdade, é pior do que ele pensava. As despensas são pobres e os suprimentos que abrigam dão sinais de má conservação e roubo. Há bichos na farinha. Há fezes de ratos onde as massas são preparadas. Já estão quase na Festa de São Martinho e os criados nem sequer pensaram em salgar a carne. A *batterie de cuisine* é um insulto e os caldeirões estão cobertos de mofo. Há alguns meninos sentados junto à fornalha, que, por dinheiro vivo, são induzidos a arear e esfregar; crianças se entregam prontamente a novidades e, ao que parece, a ideia de limpar é nova para eles.

Meu amo, ele diz, precisa comer e beber agora; e precisará comer e beber por... não sabemos quanto tempo. Esta cozinha deve estar em ordem para o inverno que se aproxima. Ele encontra alguém que sabe escrever, e pode então ditar suas ordens. Seus olhos estão fixos no chefe de cozinha. Com a mão esquerda, ele enumera os itens: você faz isso, depois isso e, em terceiro, aquilo. Com a mão direita, ele quebra ovos numa bacia com uma batidinha profissional e, entre seus dedos, a clara se separa da gema, pegajosa e lenta. “Esse ovo não está passado? Mude seu fornecedor. Eu quero noz-moscada. Sabem o que é noz-moscada? Açafrão?” Eles o encaram como se estivesse falando grego. Os gritos agudos de Patch ainda lhe doem nos ouvidos. Anjos empoeirados o observam quando ele marcha de volta ao salão.

Já é tarde quando eles instalam o cardeal numa cama minimamente digna de assim ser chamada. Onde está o intendente da sua casa? Onde está seu superintendente? A essa altura, ele de fato se sente veterano de uma campanha de guerra com Cavendish. Ele fica acordado com George — mesmo que quisessem dormir,

não há camas —, definindo o que precisam para prover o cardeal de um conforto razoável; precisam de prataria, senão o cardeal terá de comer em vasilhas de cobre amassadas, precisam de lençóis, toalhas de mesa, lenha. “Eu mandarei algumas pessoas”, ele diz, “para organizar as cozinhas. Serão italianos. No início, será brutal, mas, após umas três semanas, vai funcionar.”

Três semanas? Ele quer pôr os meninos para polir os pratos de cobre agora mesmo. “Podemos conseguir limões?”, pergunta, no mesmo instante em que Cavendish diz: “E agora, quem será chanceler?”.

Será que há ratos lá embaixo?, ele se pergunta. Cavendish diz: “Será que tornarão a nomear sua eminência da Cantuária?”.

Nomeá-lo outra vez? Quinze anos depois que o cardeal o escorraçou para fora do cargo? “Não, Warham está velho demais.” E teimoso demais, e refratário demais aos desejos do rei. “E o duque de Suffolk também não.” Porque, em sua opinião, Charles Brandon não é mais inteligente que Christopher, a mula, embora seja melhor em combates, em moda e em se pavonear de modo geral. “Suffolk não, porque o duque de Norfolk não admitiria isso.”

“E vice-versa”, concorda Cavendish. “O bispo Tunstall?”

“Não. Thomas More.”

“Mas, um homem laico e plebeu? E que se opõe tanto à anulação do casamento do rei?”

Ele insiste, anuindo, sim, sim, será More. O rei é conhecido por entregar sua consciência a quem fizer a melhor oferta. Talvez ele espere ser salvo de si mesmo.

“Se o rei oferecer o cargo, e acredito que, como gesto, talvez ofereça, Thomas More certamente declinará, não?”

“Ele aceitará.”

“Vamos apostar?”, diz Cavendish.

Eles combinam os termos da aposta e trocam um aperto de mãos. Isso afasta o pensamento de ambos dos problemas prementes, que são os ratos, o frio e a questão de como acomodar

uma equipe doméstica de diversas centenas de pessoas, retidas em Westminster, no espaço muito mais exíguo de Esher. A criadagem do cardeal, se incluídas as casas principais e contados desde padres e advogados até faxineiros e lavadeiras, soma aproximadamente seiscentas almas, das quais se espera que trezentas sigam para Esher imediatamente. “Do jeito que estão as coisas, teremos que reduzir a criadagem”, diz Cavendish. “Mas não temos dinheiro vivo para as indenizações.”

“Prefiro ir para o inferno a deixá-los partir sem o devido pagamento”, ele diz, e Cavendish responde:

“Acho que você vai para o inferno de qualquer jeito. Depois do que disse sobre o relicário.”

Os olhos dele encontram os de George. Os dois começam a rir. Ao menos eles têm algo que presta para beber; as adegas estão cheias, o que é uma sorte, segundo Cavendish, pois certamente precisarão de bebida ao longo das próximas semanas. “O que você acha que Norris *realmente* quis dizer?”, pergunta George. “Como é possível que o rei tenha duas opiniões ao mesmo tempo? Como é possível que meu lorde cardeal tenha sido destituído, se o rei não queria destituí-lo? Como é possível que o rei tenha cedido aos inimigos do cardeal? O rei não é o senhor de todos, não está acima de qualquer inimigo?”

“É de imaginar que sim.”

“Ou seria *ela*? Deve ser. O rei tem medo dela, sabe? Ela é uma bruxa.”

Ele replica, não seja infantil. George responde, ela é *muito* bruxa: quem disse foi o duque de Norfolk, e ele é tio dela, deve saber das coisas.

São duas horas, e logo batem as três; às vezes é libertador lembrar que não é preciso ir para a cama porque não há uma cama. Ele não precisa pensar em voltar para casa; não há casa para onde voltar, não lhe resta família alguma. Ele prefere beber com Cavendish, encolhido num canto da grande câmara de Esher, com

frio, cansado e temendo o futuro, do que pensar em sua família e no que perdeu. “Amanhã mandarei buscar meus assistentes em Londres e vamos tentar compreender o que meu amo ainda possui em termos de bens, o que não será fácil, já que eles confiscaram toda a papelada. Seus devedores não ficarão inclinados a pagar quando souberem o que aconteceu. Mas o rei francês paga uma pensão ao cardeal e, se lembro bem, vive em atraso... Talvez ele queira enviar uma bolsa de ouro, até que meu amo regresse ao favor do rei. E você... você pode sair pilhando.”

Cavendish tem as faces e os olhos encovados quando ele o atira em cima de um cavalo no romper da aurora. “Peça a retribuição de alguns favores. Praticamente não há nobre neste reino que não deva algo ao meu lorde cardeal.”

É fim de outubro e o sol é uma moeda recém-lançada sobre o horizonte. “Alegre o cardeal”, recomenda Cavendish. “Faça com que ele fale. Faça com que fale sobre o que Harry Norris disse...”

“Vá agora. Se você encontrar os carvões em que são Lourenço foi torrado, faremos bom uso deles por aqui.”

“Ah, não diga isso”, implora Cavendish. Desde o dia anterior, ele avançou muito e já consegue fazer piadas sobre mártires sagrados; mas George bebeu demais na última noite e, quando ri, sente dor. Contudo, não rir também é dolorido. A cabeça de George pende, o cavalo se agita sob o cavaleiro e seus olhos são pura perplexidade. “Como chegamos a esse ponto? Meu lorde cardeal ajoelhado na lama. Como isso pôde acontecer? Como é possível?”

Ele diz: “Açafrão. Passas. Maçãs. E gatos, arranje gatos, gatos enormes e famintos. Não sei, George, de onde vêm os gatos? Ah, espere aí! Você acha que podemos conseguir perdizes?”.

Se conseguirmos perdizes, podemos fatiar a carne do peito e refogar à mesa. Tudo o que for possível fazer desse jeito, nós faremos; e assim, se pudermos evitar, nosso amo não será envenenado.

2.

Uma história oculta da Bretanha

1521-1529

Era uma vez, em tempos imemoriais, um rei da Grécia que tinha trinta e três filhas. Cada uma das filhas se revoltou e assassinou o próprio marido. Perplexo por ter dado vida a rebeldes dessa natureza, mas sem querer matar seu próprio sangue e carne, o principesco pai exilou as filhas e lançou-as à deriva num navio sem leme.

O navio tinha provisões para seis meses. Ao fim desse período, os ventos e as marés já haviam empurrado as irmãs até os limites do mundo conhecido. Elas aportaram numa ilha encoberta por bruma. Como o lugar não tinha nome, a mais velha das assassinas batizou a ilha: Albina.

Quando chegaram à praia, as irmãs estavam famintas e ávidas por carne masculina. Mas não havia homens à vista. A ilha era habitada apenas por demônios.

As trinta e três princesas se acasalaram com os demônios e deram à luz uma raça de gigantes que, por sua vez, se acasalaram com suas mães e produziram outros de sua espécie. Esses gigantes se espalharam por todo o território da Bretanha. Não havia padres, nem igrejas ou leis. Também não havia qualquer forma de contagem do tempo.

Depois de oito séculos de domínio, eles foram derrubados pelo troiano Bruto.

Bisneto de Eneias, Bruto nasceu na Itália; sua mãe morreu durante o parto, e, quanto a seu pai, ele o matou por acidente com uma flechada. Bruto abandonou seu local de nascença e se tornou líder de um grupo de homens que haviam sido escravos em Troia. Juntos, embarcaram numa viagem para o norte, e os caprichos dos ventos e das marés os levaram à costa de Albina, assim como as irmãs foram levadas outrora. Quando aportaram, os homens foram forçados a batalhar contra os gigantes liderados por Gogmagog. Os gigantes foram derrotados e seu líder foi atirado ao mar.

Não importa sob qual prisma observemos: tudo sempre começa em massacre. O troiano Bruto e seus descendentes governaram até a chegada dos romanos. Antes de ser nomeada Lud's Town, Londres se chamava Nova Troia. E nós éramos troianos.

Alguns dizem que os Tudor transcendem, de alguma forma, essa história, tão sangrenta e demoníaca: que descendem de Bruto pela linhagem de Constantino, filho de santa Helena, que era bretã. Artur, alto rei da Bretanha, era neto de Constantino. Ele se casou com três mulheres, todas chamadas Guinevere, e seu túmulo fica em Glastonbury; mas, entendam, ele não está realmente morto, apenas espera pela hora de seu regresso.

Seu abençoado descendente, príncipe Artur da Inglaterra, nasceu no ano de 1486, filho mais velho de Henrique, o primeiro rei Tudor. Esse Artur se casou com Catarina, princesa de Aragão, morreu aos quinze anos e foi enterrado na catedral de Worcester. Se estivesse vivo hoje, seria rei da Inglaterra. Seu irmão mais novo, Henrique, provavelmente seria arcebispo da Cantuária, e não (ao menos esperamos devotamente que não) estaria por aí correndo atrás de uma mulher de quem o cardeal jamais ouviu nada de bom: uma mulher a quem o cardeal deverá voltar sua atenção, muitos anos antes daquele dia em que os duques virão desapropriá-lo; e cuja história ele precisará compreender, antes de ser arrebatado pela ruína.

Por trás de toda história, outra história.

A dama apareceu na corte no Natal de 1521, dançando num vestido amarelo. Ela tinha — quanto? — cerca de vinte anos. Filha do diplomata Thomas Bolena, ela foi criada desde a infância na corte da Borgonha em Mechelen e Bruxelas, e mais recentemente em Paris, seguindo a rainha Cláudia entre os belos castelos do Loire. Agora ela fala sua língua nativa com um sotaque leve e indeterminado, entremeando suas frases com palavras francesas quando finge que não se recorda da versão em inglês. Em Shrovetide, ela dança num baile de máscaras da corte. As damas estão fantasiadas como Virtudes e ela representa a Perseverança. Ela dança com graça, embora com energia, uma expressão divertida no rosto, um sorriso duro e impessoal de não me toques. Logo ela é seguida por uma fileira de senhores da pequena nobreza; e por um senhor de nobreza não tão pequena. Boatos se espalham de que ela se casará com Harry Percy, o herdeiro do conde de Northumberland.

O cardeal manda chamar o pai dela. “Sir Thomas Bolena, fale com sua filha, senão eu o farei. Nós a trouxemos de volta da França para casá-la com a Irlanda, com o herdeiro dos Butler. Por que ela está protelando?”

“Os Butler...”, começa Sir Thomas, e o cardeal o interrompe: “Ah, sim? Os Butler o quê? Qualquer problema que tiver lá, eu darei um jeito nos Butler. O que quero saber é: você a persuadiu a fazer isso? A armar conluíus pelos cantos com aquele garoto estúpido? Pois, Sir Thomas, serei bem claro: eu não admito isso. O rei não admitirá isso. É preciso acabar com essa história”.

“Praticamente não estive na Inglaterra nos últimos meses. Vossa eminência não pode imaginar que sou parte desse esquema.”

“Não? Ficaria surpreso com o que sou capaz de imaginar. Essa é sua melhor desculpa? Que não sabe governar seus próprios filhos?”

Sir Thomas parece desgostoso e estende as mãos. Está à beira de dizer: os jovens de hoje... Mas o cardeal o detém. Wolsey desconfia (e já explicitou sua suspeita) de que a jovem não está

interessada na perspectiva de viver no castelo de Kilkenny com suas amenidades frugais nem no tipo de vida social que terá à sua disposição quando, em ocasiões especiais, tiver de viajar pelas péssimas estradas de terra até Dublin.

“Quem é aquele?”, pergunta Sir Thomas. “Ali no canto?”

O cardeal meneia a mão. “Apenas um dos meus representantes legais.”

“Ponha-o para fora.”

O cardeal suspira.

“Ele está tomando notas desta conversa?”

“Você está, Thomas?”, pergunta o cardeal. “Se estiver, pare imediatamente.”

Meio mundo se chama Thomas. Em pouco tempo, Sir Thomas não saberá de quem se trata.

“Veja bem, meu amo”, Bolena diz, a voz subindo e descendo com entonação diplomática: ele é franco, um homem vivido, e seu sorriso diz, ora vamos, Wolsey, você também é um homem vivido. “Eles são jovens.” Faz um gesto com o intuito de simbolizar franqueza. “Ela chamou a atenção do garoto. É natural. Eu já falei com ela, a menina sabe que isso não pode continuar. Ela conhece seu lugar.”

“Acho bom”, diz o cardeal, “porque o lugar dela é abaixo de um Percy. Isto é, abaixo no sentido dinástico. Não me refiro àquilo que se pode vir a fazer num celeiro numa noite quente.”

“Ele não aceita, o jovem. Dizem que ele deve se casar com Mary Talbot, mas...”, Sir Thomas solta uma risadinha descuidada, “ele não tem interesse em se casar com Mary Talbot. Ele acha que é livre para escolher a esposa.”

“Escolher a...!” O cardeal se detém. “Nunca ouvi coisa igual. Ele não é um camponês. É o homem que terá de segurar o Norte para nós no futuro e, se ele não compreende sua posição no mundo, deve aprendê-la ou perdê-la. O casamento já combinado com a filha de Shrewsbury é uma união perfeita para ele, uma união arranjada por mim e aprovada pelo rei. E eu lhe garanto que o conde de

Shrewsbury não terá paciência com essa palhaçada amorosa por parte do rapaz que está prometido para sua filha.”

“A dificuldade é...” Sir Thomas se permite uma discreta pausa diplomática. “Acho que Harry Percy e minha filha, talvez os dois tenham ido um pouco longe demais no assunto.”

“Como é? Quer dizer que *estamos* falando de um celeiro numa noite quente?”

Das sombras, ele observa; ele pensa que Bolena é o homem mais frio e ardiloso que já viu.

“Pelo que me dizem, eles fizeram votos diante de testemunhas. Como pode ser desfeito agora?”

O cardeal esmurra a mesa. “Eu lhe digo como! Mandarei buscar o pai dele na fronteira, e se o filho pródigo desafiá-lo, será destituído dos seus direitos de herança bem diante do seu pródigo nariz. O conde tem outros filhos, e melhores. E se você não quer o cancelamento do casamento com Butler nem que sua honrada filha envelheça solteira em Sussex, custando-lhe casa e comida pelo resto da vida, esqueça toda essa conversa sobre votos e testemunhas; quem são elas, essas testemunhas? Conheço bem essas testemunhas que nunca mostram a cara quando mando procurá-las. Portanto, não me venha mais falar disso. Votos. Testemunhas. Contratos. Deus do céu!”

Sir Thomas ainda está sorrindo. É um homem elegante e esbelto; cada músculo perfeitamente afinado de seu corpo se esforça para conservar o sorriso no rosto.

“Nem vou perguntar”, continua Wolsey, incansável, “se você buscou conselho entre seus parentes da família Howard nesse tema. Eu relutaria em acreditar que você se lançou a esse esquema com a concordância deles. E lamentaria saber que o duque de Norfolk é conivente: ah, lamentaria muito. Portanto, não quero saber disso, compreende? Saia daqui e peça algum conselho *útil* aos seus parentes. Case a moça com a Irlanda antes que os Butler ouçam

qualquer boato de que ela já está usada. Não que eu mencionaria algo do tipo. Mas a corte fala demais.”

Sir Thomas tem duas manchas de um furioso rubor nas faces. “Já terminou, meu lorde cardeal?”

“Sim. Vá.”

Sir Thomas dá meia-volta, um giro de seda escura. Seriam lágrimas de ira o que se vê em seus olhos? A luz é fraca, mas ele, Cromwell, tem uma visão muito aguçada. “Ah, um momento, Sir Thomas...”, diz o cardeal. Sua voz se alonga pelo cômodo, enlaça e arrasta de volta sua vítima. “Lembre-se da sua linhagem. A família Percy é composta, creio eu, dos mais nobres deste reino. Ao passo que, apesar da sua notável sorte por se casar com uma Howard, os Bolena outrora eram comerciantes, não? Uma pessoa com seu nome foi lorde governador de Londres, não? Ou eu estaria confundindo sua família com outros Bolena mais distintos?”

O sangue é drenado do rosto de Sir Thomas; os pequenos círculos vermelhos desaparecem de suas bochechas e ele está quase desmaiando de ódio. Saindo da sala, ele murmura: “Filho de açougueiro”. E quando passa pelo advogado, cuja mão robusta repousa distraidamente sobre a mesa, ele rosna: “Cachorro de açougueiro”.

A porta bate. O cardeal exclama: “Aproxime-se, cachorro”. E se senta, rindo, os cotovelos fincados na mesa e a cabeça nas mãos. “Ouça e aprenda”, ele diz. “Nunca se pode elevar o próprio pedigree — e Deus sabe, Tom, que você nasceu em situação mais ignóbil que a minha —, portanto, o truque é mantê-los sempre abaixo dos seus próprios padrões. Eles inventaram as regras; não podem reclamar se as sigo estritamente. Os Percy estão acima dos Bolena. Quem ele pensa que é?”

“Irritar os outros é uma boa política?”

“Ah, não. Mas me diverte. Minha vida é difícil e eu descobri que quero diversão.” O cardeal lhe dirige um olhar bem-humorado e ele

suspeita que agora que Sir Thomas foi feito em pedaços e atirado ao chão como uma casca de laranja, a próxima diversão da noite talvez seja ele. “A quem se deve prestar deferência? Aos Percy, aos Stafford, aos Howard, aos Talbot: sim. E se preciso for, cutuque-os com uma vara longa. Quanto a Sir Thomas, bem, o rei o apreciava e ele é um homem capaz. E é por isso que eu abro todas as suas correspondências, há anos.”

“Então meu amo deve saber... Ah, perdão, isso não é apropriado para seus ouvidos.”

“O quê?”, pergunta o cardeal.

“São apenas rumores. Eu não gostaria de confundir vossa eminência.”

“Você não pode falar e não falar ao mesmo tempo. Diga-me agora.”

“É só o que as mulheres andam dizendo. As mulheres da seda. E as esposas dos comerciantes de tecido.” Ele espera, sorrindo. “O que não é de interesse algum para o senhor, tenho certeza.”

Rindo, o cardeal empurra a cadeira para trás e sua sombra se eleva com ele. Animada pelo fogo, a sombra salta. Seu braço se projeta à frente, o alcance é longo, a mão é como a mão de Deus.

Mas quando a mão de Deus se cerra, seu súdito já está do outro lado da sala, com as costas contra a parede.

A mão do cardeal recua. Sua sombra se agita, treme e depois volta ao repouso. Ele está imóvel. A parede reproduz o movimento de sua respiração. Sua cabeça se inclina. Sob um halo de luz, ele se detém para examinar um punhado de nada. O cardeal abre os dedos, a gigantesca mão iluminada pelo fogo. Ele pousa a mão aberta sobre a mesa e ela desaparece, mesclada ao tecido de damasco. Ele torna a se sentar. A cabeça está baixa; o rosto, à meia-luz.

Ele, Thomas, também conhecido como Tomos, Tommaso e Thomaes Cromwell, torna a enterrar suas personalidades passadas no corpo presente e se desloca para onde estava antes. Sua

sombra desliza pela parede, como um visitante incerto sobre como será acolhido. Dentre todos, qual Thomas viu o golpe chegando? Há momentos em que uma lembrança atravessa nosso corpo feito um raio. Então você se desvia, se agacha, foge; caso contrário, o passado domina seu punho e o impele à ação, sem intervenção da vontade. E se acaso houver uma faca em sua mão? É assim que os assassinatos acontecem.

Ele diz algo, o cardeal diz algo. Eles se calam. As duas frases não chegam a lugar nenhum. O cardeal puxa a cadeira de volta ao lugar. Ele hesita diante do cardeal, mas se senta. O cardeal diz: “Eu realmente quero ouvir os mexericos de Londres. Mas não tinha intenção de espancá-lo para consegui-las”.

O cardeal abaixa a cabeça e franze a testa para um papel sobre a mesa, deixando que o momento difícil passe; quando volta a se pronunciar, seu tom é comedido e agradável, como um homem que conta anedotas depois de um jantar. “Quando eu era criança, havia um amigo do meu pai... na verdade um cliente... que tinha a tez bastante corada.” Ele toca a manga, demonstrando. “Como este... escarlata. Revell era o nome dele, Miles Revell.” Sua mão vagueia um pouco, até voltar ao repouso, a palma deitada sobre o damasco negro. “Embora ele fosse um cidadão honesto, que gostava de uma taça de um bom Renano, por alguma razão, eu acreditava... eu acreditava que ele bebia sangue. Não sei... uma história que creio ter ouvido da minha babá, ou de alguma outra criança tola... E assim, quando os aprendizes do meu pai ficaram sabendo de minha crença (porque fui tolo demais para chorar e me queixar), eles passaram a gritar: ‘Aí vem Revell para tomar sua taça de sangue, corra, Thomas Wolsey!’ Eu disparava como se o diabo estivesse atrás de mim, escapava pelo mercado. Fico pasmo por não ter sido atropelado por uma carroça. Eu corria sem sequer olhar. Até hoje”, Wolsey diz — ele pega da mesa um carimbo para cera, gira entre as mãos, gira, gira e o deposita de volta —, “até hoje, quando vejo um homem louro e corado, digamos, o duque de Suffolk, sinto vontade

de me desfazer em lágrimas.” Ele para. Seu olhar se detém. “Diga-me, Thomas... Um clérigo não pode se erguer sem que você pense que ele quer beber seu sangue?” O cardeal pega o carimbo e torna a girá-lo entre os dedos; ele desvia os olhos e começa a brincar com as palavras. “Um bispo lhe causa pavor? Um pároco lhe dá pânico? Um diácono o deixa perturbado?”

“Qual é a palavra? Não sei como se diz em inglês... um *estoc*...”, ele responde.

Talvez não exista palavra para isto: a faca curta que, a pouca distância, é enterrada sob as costelas. O cardeal diz: “E isso foi...?”.

Isso foi há vinte anos. A lição foi aprendida, e bem aprendida. Noite, gelo, no coração paralisado da Europa; uma floresta, lagos de prata sob um desenho de estrelas de inverno; um cômodo, lareira, uma forma deslizando pela parede. Ele não chegou a ver seu assassino, mas viu o movimento de sua sombra.

“Mesmo assim...”, comenta o cardeal. “Faz quarenta anos desde que vi o mestre Revell pela última vez. Ele deve estar morto há algum tempo, suponho. E seu homem?” Ele hesita. “Também está morto há muito tempo?”

Não se poderia divisar forma mais delicada de perguntar a um homem se ele matou alguém.

“E no inferno, acho, se vossa eminência assim determinar.”

A frase provoca um sorriso em Wolsey; não a menção ao inferno, mas a reverência à amplitude de sua autoridade. “Quer dizer que quem quer que atacasse o jovem Cromwell desceria direto ao poço de chamas?”

“Se o senhor tivesse visto esse homem, meu amo... Ele era imundo demais para o purgatório. O Sangue do Cordeiro pode fazer muitas coisas, é o que ouvimos, mas tenho minhas dúvidas de que conseguiria limpar aquele sujeito.”

“Eu sou totalmente a favor de um mundo sem máculas”, diz Wolsey. Ele parece triste. “Você fez uma boa confissão depois disso?”

“Já faz muito tempo.”

“Fez uma boa confissão?”

“Meu lorde cardeal, eu era um soldado.”

“Soldados também têm esperança de entrar no Paraíso.”

Ele ergue os olhos para o rosto de Wolsey. Não há como decifrar em que ele acredita. Thomas responde: “Isso todos nós temos”.

Soldados, mendigos, marujos, reis...

“Então, você foi um rufião quando jovem?”, diz o cardeal. “*Ça ne fait rien*.” Ele pondera. “Esse sujeito imundo que o atacou... Será que, na verdade, ele não pertencia a alguma ordem religiosa?”

Ele sorri. “Não perguntei.”

“Esses truques da memória... Thomas, a partir de agora evitarei fazer movimentos sem lhe dar um aviso. Assim nós dois nos daremos muito bem.”

Mas o cardeal o examina; ele ainda está intrigado. Ainda estão no começo de sua associação, e o caráter dele, enquanto invenção do cardeal, ainda é, nesse estágio, um trabalho em andamento; na verdade, talvez a criação tenha iniciado naquela noite? Nos anos por vir, o cardeal dirá: “Muitas vezes questiono o ideal monástico, sobretudo quando aplicado aos jovens. Meu funcionário Cromwell, por exemplo: sua juventude foi restrita, passada quase inteiramente em jejuns, preces e estudando os Patriarcas da Igreja. Por isso ele é tão indomável hoje em dia”.

E quando as pessoas perguntam: É mesmo?, recordando da melhor maneira possível um homem que lhes parece peculiarmente discreto; quando dizem: Sêrio? Seu braço direito Cromwell?, o cardeal balança a cabeça e diz: Eu tento consertar as coisas, claro. Quando ele quebra a janela, nós chamamos os vidraceiros e pagamos o preço. E quanto à procissão de mocinhas prejudicadas... Pobres criaturas, eu pago e elas se vão...

Mas nesta noite o cardeal quer saber de negócios; ele tem as mãos entrelaçadas sobre a mesa, como se dominassem as horas

passadas. “Voltando ao assunto, Thomas, você me contava sobre um boato.”

“Devido a certas ordens dos mercadores de seda, as mulheres julgam que o rei tem uma nova...” Ele se interrompe. “Meu amo, que nome dar a uma prostituta quando ela é filha de um cavaleiro condecorado?”

“Ah”, diz o cardeal, compreendendo o problema. “Diante dela, dizemos ‘cara dama’. Nas costas... Bem, qual é o nome dela? Que cavaleiro?”

Ele meneia a cabeça para o local onde, dez minutos antes, Sir Thomas estava plantado.

O cardeal parece alarmado. “Por que não falou logo, então?”

“Como eu poderia abordar esse assunto?”

O cardeal compreende a dificuldade.

“Mas não se trata da dama Bolena que acabou de chegar à corte. Não é a paixão de Harry Percy. É a irmã dela.”

“Entendo.” O cardeal se recosta em sua poltrona. “Claro.”

Maria Bolena é uma lourinha dócil que dizem ter passado de mão em mão por toda a corte francesa antes de voltar para a corte de sua terra natal, distribuindo boa vontade, com a crítica irmã caçula sempre trotando em seus calcanhares.

“Claro, eu percebi a direção do olhar de sua majestade”, diz o cardeal. Ele concorda consigo mesmo. “Eles são íntimos agora? A rainha está ciente? Ou você não saberia dizer?”

Ele balança a cabeça. O cardeal suspira. “Catarina é uma santa. Mas se eu fosse uma santa, e rainha, provavelmente não pensaria que Maria Bolena representa alguma ameaça. Presentes, hein? De que tipo? Nada muito pródigo, você diz? Então sinto muito pela moça; ela deveria aproveitar sua vantagem enquanto dura. Não que nosso rei viva metido em aventuras, mas corre por aí... corre por aí que, quando sua majestade era jovem, ainda príncipe, foi a esposa de Thomas Bolena quem o libertou do seu estado virginal.”

“Elizabeth Bolena?” Não é sempre que ele se surpreende. “A mãe dessa outra?”

“Exatamente. Talvez falte ao rei alguma imaginação nesse sentido. Não que eu acredite no boato... Se estivéssemos do outro lado, sabe”, ele gesticula na direção da França, “nem sequer tentaríamos contar todas as mulheres. Meu amigo, o rei Francisco, dizem que certa vez ele se aproximou de uma dama com quem estivera na noite anterior, deu-lhe um beijo formal na mão, perguntou seu nome e expressou o desejo de que pudessem ser amigos mais chegados.” Ele meneia a cabeça, apreciando o sucesso de sua história. “Mas Maria não causará dificuldades. Ela é tarefa fácil. A escolha do rei poderia ter sido pior.”

“Mas a família dela vai querer lucrar alguma coisa com isso. O que ganharam antes?”

“A chance de se fazerem úteis.” Wolsey se detém e faz uma anotação. Ele pode até imaginar o conteúdo: o que pode conceder a Sir Thomas, se o homem pedir com jeito. O cardeal ergue os olhos. “Quer dizer que, na minha entrevista com Sir Thomas, eu deveria ter sido... como dizer... mais dócil?”

“Não acho que meu amo poderia ter sido mais suave. Sou testemunha da feição que ele tinha quando nos deixou. A imagem da mais plácida satisfação.”

“Thomas, de agora em diante, qualquer mexerico de Londres”, diz o cardeal enquanto toca o forro de damasco, “traga-o aqui para mim. Não importa a fonte. Deixe que eu me preocupo com isso. E prometo que jamais atacarei você. Sério.”

“Já está esquecido.”

“Duvido muito. Não se você carregou essa lição por todos esses anos.” O cardeal se recosta; ele pondera. “Pelo menos ela é casada.” Maria Bolena, ele quer dizer. “Ou seja, se ela engravidar, o rei pode reconhecer o filho ou não, como desejar. Ele tem um menino com a filha de John Blount e não desejará muitos outros.”

Um berçário real muito numeroso pode ser um estorvo para um rei. O exemplo da história e de outras nações mostra que as mães brigam por posição social e tentam introduzir seus fedelhos na linha de sucessão de alguma forma. O filho que Henrique reconhece se chama Henry Fitzroy; é uma bela criança loura, feita à imagem e semelhança do rei. O pai o nomeou duque de Somerset e duque de Richmond; o menino não tem sequer dez anos e já é o nobre mais elevado da Inglaterra.

A rainha Catarina, cujos filhos morreram todos, aceita a situação com paciência; ou seja, ela sofre.

Ao deixar o cardeal, ele está miseravelmente furioso. Quando pensa em sua vida pregressa — aquele garoto quase morto sobre o calçamento de Putney —, ele não sente qualquer compaixão por si, apenas uma vaga impaciência: por que o garoto não se levanta? Já por seu eu mais recente — ainda propenso a entrar em brigas, ou pelo menos a estar em situações em que uma briga pode acontecer —, ele sente algo próximo a desprezo, coberto por uma nauseante ansiedade. Disto está feito o mundo: uma faca no escuro, um movimento no canto dos olhos, uma série de advertências que atravessa a carne. Ele chocou o cardeal, e esse não é seu trabalho; seu trabalho, como definido neste momento, é alimentar Wolsey com informações e apaziguar seu temperamento, compreendê-lo e enriquecer suas piadas. O que deu errado foi apenas uma questão de momento; quem dera o cardeal não tivesse gesticulado tão rápido; quem dera ele próprio não estivesse tão aflito, sem saber como fazer um sinal para que o cardeal fosse menos despótico com Sir Thomas. O problema com a Inglaterra, pensa, é que ela é pobre em gestual. Deveríamos inventar um gesto de mão que signifique: “Contenha-se, nosso príncipe está trepando com a filha deste homem”. Ele estranha que os italianos não tenham inventado algo assim. Talvez exista algo do tipo, e ele é que nunca ficou sabendo.

No ano de 1529, com o lorde cardeal recém-derrubado, ele se recordará daquela noite.

Ele está em Esher; é aquela noite sem luz ou fogo, quando o grandioso cardeal se recolheu à sua cama (possivelmente úmida) e só há George Cavendish para animar seu espírito. Ele pergunta a George: o que aconteceu depois com Harry Percy e Ana Bolena?

Ele só conhecia a história na interpretação gélida e depreciativa do cardeal. Mas George diz: “Vou contar como foi. Agora fique de pé, mestre Cromwell”. Ele fica de pé. “Um pouco para a esquerda. Certo, quem você quer ser? Meu lorde cardeal ou o jovem herdeiro Percy?”

“Ah, entendi, é uma peça? Seja o cardeal. Eu não me sinto à altura.”

Cavendish ajusta a posição do outro, afastando-o imperceptivelmente da janela, onde a noite e as árvores desfolhadas são sua plateia. Seu olhar paira no ar, como se ele revisse o passado: corpos sombreados, movendo-se nesse cômodo sem luz. “Você consegue fazer uma cara de perturbado?”, George pergunta. “Como se estivesse pensando num discurso revoltoso, mas não tivesse coragem de falar? Não, não, desse jeito não. Você é jovem, desengonçado, sua cabeça pende, você cora à toa.” Ele suspira. “Acho que você nunca corou na sua vida, mestre Cromwell. Ouça.” Cavendish descansa as mãos suavemente sobre os antebraços. “Vamos trocar os papéis. Sente-se aqui. Você vai ser o cardeal.”

Imediatamente, ele vê Cavendish transformado. George se contorce, atrapalhado, só falta chorar; transforma-se no trêmulo Harry Percy, um jovem apaixonado. “Por que não devo me unir a ela?” Ele chora. “Embora ela não seja mais que uma simples criada...”

“Simples?”, ele diz. “Criada?”

George lhe crava os olhos. “O cardeal nunca disse isso!”

“Não naquele momento, concordo.”

“Agora eu sou Harry Percy de novo. ‘Embora ela não seja mais que uma simples criada, e seu pai um mero cavaleiro, na verdade sua linhagem tem qualidade’...”

“Ela é uma espécie de prima do rei, não é?”

“Uma espécie de prima?” Indignado, Cavendish volta a interromper sua interpretação. “Se fosse, meu lorde cardeal teria essa ascendência desfraldada diante dos seus olhos, anunciada pelos arautos.”

“Então o que devo fazer?”

“Apenas finja! Agora ouça: o jovem Percy alega que não faltam méritos aos antepassados da moça. Contudo, quanto mais o jovem argumenta, mais meu lorde cardeal perde a paciência. O garoto diz: ‘Nós fizemos um contrato de matrimônio, que é tão válido quanto um verdadeiro casamento’...”

“Ele diz isso? Quer dizer, disse isso?”

“Sim, foi o sentido do que ele falou. Tão válido quanto um verdadeiro casamento.”

“E o que o cardeal fez então?”

“Ele exclamou, meu Deus, garoto, o que está me dizendo? Se você se envolveu num procedimento falso dessa natureza, o rei precisa saber. Eu convocarei seu pai, e juntos encontraremos uma forma de anular essa tolice sua.”

“E Harry Percy respondeu?”

“Não muita coisa. Ele baixou a cabeça.”

“Eu me pergunto se a garota tinha algum respeito por ele.”

“Não tinha. Ela gostava do título dele.”

“Entendo.”

“E aí o pai dele veio do Norte; você quer ser o conde ou quer ser o garoto?”

“O garoto. Agora já sei como interpretá-lo.”

Ele fica de pé e simula arrependimento. Ao que parece, o conde e o cardeal tiveram uma longa conversa numa longa galeria; depois, tomaram uma taça de vinho. Deve ter sido algo forte. O conde

marchou por toda a extensão da galeria, depois se sentou, segundo Cavendish, num banco onde os pajens costumavam repousar entre as ordens. Ele chamou seu herdeiro para sentar-se ao seu lado e o destroçou na frente dos criados.

“‘Senhor’”, representa Cavendish, “‘o senhor sempre foi um perdulário, orgulhoso, presunçoso, desdenhoso e deveras imprestável.’ Foi um bom começo, não foi?”

“Gosto da forma como você relembra as palavras exatas. Você anotou o diálogo naquela época? Ou está usando certa licença poética?”

Cavendish tem uma expressão marota. “Ninguém excede o poder da sua memória”, diz ele. “Se meu lorde cardeal pede a conta de uma ou outra coisa, você tem todos os números na ponta dos dedos.”

“Talvez eu os invente.”

“Ah, eu não acredito nisso.” Cavendish fica chocado. “Você não conseguiria fingir por muito tempo.”

“É um método de memorização que aprendi na Itália.”

“Há gente, tanto nesta casa como em outras partes, que daria muita coisa para saber tudo que você aprendeu na Itália.”

Ele meneia a cabeça, concordando. É claro que dariam. “Pois bem, onde estávamos? Você disse que Harry Percy, praticamente casado com Lady Ana Bolena, estava parado diante do pai. O conde diz...?”

“Diz que se o filho assumir o título, será a morte da sua casa nobre; que ele seria o último conde de Northumberland a existir. E ‘Graças a Deus’, ele disse, ‘tenho outros filhos entre os quais escolher...’ E o conde saiu pisando forte. O garoto foi deixado às lágrimas. Seu coração já se decidira por Lady Ana. Mas o cardeal o casou com Mary Talbot, e agora eles são infelizes como a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. E todos rimos na época porque Lady Ana disse que, se pudesse oferecer qualquer desprazer ao meu lorde cardeal, ela o faria. Pode imaginar como nós rimos dela? Uma

rapariga azeda, perdão, uma filha de cavaleiro, ameaçando meu lorde cardeal! Torcendo o nariz porque não conseguiu um conde! Mas não tínhamos como saber o quanto ela subiria.”

Ele sorri.

“Pois bem, diga-me”, continua Cavendish, “o que fizemos de errado? Eu mesmo direi. Durante todo o tempo, nós fomos enganados, o cardeal, o jovem Harry Percy, o pai dele, você, eu; pois quando o rei disse, a srta. Ana não ingressará na família Northumberland, eu imagino, imagino que o rei já tinha o olho posto nela, durante todo aquele tempo.”

“Enquanto tinha intimidades com Maria, ele estava pensando na irmã Ana?”

“Sim, sim!”

“Eu me pergunto”, ele diz, “como pode ser que, embora todas essas pessoas pensem saber o que o rei deseja, ele sempre encontre empecilhos por todos os lados?” Empecilhos por todos os lados: frustrado, enfurecido e perplexo. Lady Ana, a quem o rei escolheu para diverti-lo enquanto a velha esposa é dispensada e uma nova é introduzida, recusa-se a fazer as vontades dele. Como ela consegue recusar? Ninguém sabe.

Cavendish parece frustrado por não continuarem a peça. “Você deve estar cansado”, ele diz.

“Não, só estou pensando. Como foi que meu lorde cardeal...”, pôde ser tão tolo?, ele deseja completar. Mas essa não é uma forma respeitosa de se referir a um cardeal. Ele ergue os olhos. “Prossiga. O que aconteceu em seguida?”

Em maio de 1527, sentindo-se beligerante e irritado, o cardeal abre um tribunal de inquérito no palácio de York para verificar a validade do casamento do rei. É secreto; a rainha não é convocada a comparecer, tampouco necessita enviar representante; ela nem sequer é obrigada a saber, embora toda a Europa já saiba. Henrique é quem deve aparecer e apresentar a dispensa que lhe permitiu

desposar a viúva de seu irmão. Ele o faz, e tem certeza de que o tribunal julgará o documento inválido de alguma forma. Wolsey está pronto para dizer que o casamento está aberto a dúvidas. Mas, como diz a Henrique, ele não sabe o que mais o tribunal pode fazer pelo rei além desse passo preparatório, já que Catarina com certeza apelará a Roma.

Por seis vezes (até onde o público sabe), Catarina e o rei viveram a esperança de ter um herdeiro. “Eu me lembro do filho do inverno”, diz Wolsey. “Suponho, Thomas, que você ainda não havia voltado à Inglaterra. A rainha foi inesperadamente tomada por dores e o príncipe nasceu prematuro, logo na virada do ano. Quando ele tinha menos de uma hora de vida, eu o segurei nos meus braços, com a chuva caindo do lado de fora, a câmara animada pela lareira, a escuridão chegando por volta das três horas e os rastros de aves e feras cobertos pela neve daquela noite; cada marca do velho mundo apagada e toda a nossa dor abolida. Nós o chamamos de Príncipe do Ano-Novo. Dizíamos que ele seria o mais rico, o mais belo, o mais devoto. Toda Londres se iluminou em celebração... Ele respirou por cinquenta e dois dias, eu contei cada um deles. Acho que se ele tivesse sobrevivido, talvez nosso rei hoje seria... não digo um rei melhor, pois isso é praticamente impossível, mas um cristão mais satisfeito.”

A criança seguinte foi um menino que morreu no intervalo de uma hora. No ano de 1516, uma menina nasceu, a princesa Maria, pequena mas vigorosa. No próximo ano, a rainha abortou um menino. Outra pequena princesa viveu apenas por alguns dias; seu nome teria sido Elizabeth, como a própria mãe do rei.

Às vezes, diz o cardeal, o rei fala da mãe, Elizabeth Plantageneta, e lágrimas aparecem em seus olhos. Sabe, ela foi uma dama de grande beleza e calma, sempre humilde diante dos infortúnios que Deus lhe enviou. Ela e o velho rei foram abençoados com muitos filhos, e alguns deles morreram. Contudo, diz o rei, meu irmão Artur chegou para meus pais depois de um ano de

casamento, e foi seguido, em tempo não muito longo, por outro filho saudável, que sou eu. Por que então fui deixado, depois de vinte anos, com uma única e frágil filha, que qualquer vento errante pode destruir?

A essas alturas, aquele casal, unido há tanto tempo, encontra-se mergulhado na estarecida consciência do pecado. Talvez, sugerem alguns, seria misericordioso libertá-los? “Duvido que Catarina concorde com isso”, diz o cardeal. “Se a rainha tem um pecado instalado na sua consciência, acredite em mim, ela vai purgá-lo. Mesmo que leve mais vinte anos.”

O que foi que eu fiz?, Henrique pergunta ao cardeal. O que fiz, o que ela fez, o que fizemos juntos? Não há resposta alguma que o cardeal possa dar, ainda que seu coração sangre por seu benevolente príncipe; não há nenhuma resposta que possa dar, e ele detecta algo não exatamente sincero nessas indagações. Ele pensa, embora não vá dizer em voz alta — a não ser a sós numa pequena sala com seu secretário — que nenhum homem racional poderia adorar um Deus tão vingativo, e ele acredita que o rei é um homem racional. “Veja os exemplos diante de nós”, diz o cardeal. “O deão Colet, o grande erudito. Ele foi um de vinte e dois irmãos, e o único a ultrapassar a infância. Alguns diriam que, para merecer tamanha vingança dos céus, Sir Henry Colet e sua esposa eram monstros de iniquidade, infames por toda a cristandade. Mas, na verdade, Sir Henry foi lorde governador de Londres...”

“Duas vezes.”

“... e fez uma fortuna considerável, portanto, ele não foi desprezado pelo Todo-Poderoso, de forma alguma, eu diria; na verdade, ele recebeu todas as marcas de favor divino.”

Não é a mão de Deus que mata nossos filhos, e sim a doença, a fome e a guerra, as mordidas de ratos, o ar contaminado e o miasma de focos da peste; são as más colheitas, como a deste ano e a do ano passado; são as amas-secas descuidadas. Ele pergunta a Wolsey: “Que idade a rainha tem agora?”.

“Ela fará quarenta e dois, acho.”

“E o rei diz que ela não pode mais ter filhos? Minha mãe tinha cinquenta e dois quando eu nasci.”

O cardeal o encara. “Tem certeza?”, ele pergunta. E depois ri, uma risada alegre e fácil que faz pensar que é bom ser um prelado da Igreja.

“Bem, mais ou menos isso. Mais de cinquenta.” Ninguém era exato com essas coisas na família Cromwell.

“E ela sobreviveu à provação? Mesmo? Eu os parablenzo. Mas não conte aos outros, certo?”

O produto vivo das dores de parto da rainha é a diminuta Maria — não exatamente uma princesa completa, mas talvez dois terços de uma. Ele a viu quando esteve na corte com o cardeal e julgou que ela tinha mais ou menos a mesma altura de sua filha, Anne Cromwell, que é dois ou três anos mais nova.

Anne Cromwell é uma mocinha obstinada. Ela poderia devorar uma princesa no desjejum. Como o Deus de são Paulo, ela não tem respeito pelos indivíduos, e seus olhos, pequenos e firmes como os do pai, deitam-se friamente sobre aqueles que a desafiam; a piada da família é: como será Londres quando nossa Anne se tornar lorde governador? Maria Tudor é uma bonequinha pálida e atenta, com cabelos cor de raposa, que fala com mais gravidade que a maioria dos bispos. Ela mal tinha dez anos quando seu pai a enviou para Ludlow, para reger sua corte como princesa de Gales. Foi o lugar onde Catarina foi recebida como noiva; onde seu esposo Artur morreu; onde ela quase morreu na epidemia daquele ano, e onde sofreu privações, enfraquecida e esquecida, até que a esposa do velho rei pagou de sua própria renda particular para trazê-la de volta a Londres numa liteira, numa viagem que durou vários e dolorosos dias. Catarina escondera — ela esconde muitas coisas — toda a tristeza de ser separada da filha. Ela mesma, Catarina, é filha de uma rainha regente. Por que Maria não haveria de governar a

Inglaterra? Catarina interpretou a regência de Maria como um sinal de que o rei estava satisfeito.

Mas agora ela sabe que estava enganada.

Assim que a audiência secreta se congrega, as dores acumuladas de Catarina se derramam num vagalhão. Segundo ela, toda a questão é culpa do cardeal. “Eu disse a você”, comentou Wolsey. “Eu disse que seria assim. Procurar pela mão do rei nisso? Procurar pela vontade do rei? Não, ela não pode fazer isso. Pois o rei, aos olhos dela, é imaculado.”

A rainha alega que, desde que Wolsey caiu nas graças do rei, ele vem trabalhando para enxotá-la de seu lugar de direito como confidente e conselheira de Henrique. Ela diz que o cardeal vem usando de todos os meios disponíveis para afastá-la do rei, para que ela não saiba nada de seus projetos e para que ele, o cardeal, tome a direção de tudo. Ele impede minhas reuniões com o embaixador da Espanha. Ele plantou espiões na minha casa; minhas criadas são todas espiãs dele.

O cardeal responde, farto: Jamais favoreci os franceses, nem o imperador; eu favoreci a paz. Não impedi as reuniões da rainha com o embaixador espanhol, só fiz o pedido bastante razoável de que ela não o visse a sós, para que eu pudesse ter algum controle sobre as insinuações e mentiras que ele apresentaria a Catarina. As damas da casa da rainha são nobres inglesas que têm o direito de atender à monarca; depois de quase trinta anos na Inglaterra, ela não aceitaria nada além de espanholas? E quanto a afastá-la da companhia do rei, como eu poderia fazer isso? Por anos, as palavras do rei sempre foram “A rainha precisa ver isso” e “Catarina gostará de ouvir isso, precisamos vê-la imediatamente”. Jamais houve uma dama que conhecesse tão bem as necessidades do seu esposo.

A rainha conhece tais necessidades, mas, pela primeira vez, não quer satisfazê-las.

Estará uma mulher obrigada à obediência marital quando o resultado a privará da própria posição de esposa? Ele, Cromwell, tem admiração por Catarina: gosta de ver a rainha transitando pelos palácios reais, tão larga quanto alta, costurada em vestidos tão cravejados de pedras preciosas que parecem ter sido desenhados menos por sua beleza e mais para resistir a golpes de espada. Seus cabelos castanhos estão apagados e estriados de cinza, ocultos sob a mantilha como as modestas asas de um pardal da cidade. Sob os vestidos, ela usa o hábito de uma freira franciscana. Wolsey costuma dizer: sempre tente descobrir o que as pessoas usam sob as roupas. Num estágio anterior de sua vida, ele teria ficado surpreso com isso, pois achava que, sob as roupas, as pessoas usavam apenas a pele.

Há muitos precedentes, diz o cardeal, que podem ajudar o rei com suas preocupações atuais. O rei Luís XII teve permissão para dispensar sua primeira esposa. Mais perto de casa, a própria irmã do rei, Margaret, cujo primeiro casamento foi com o rei da Escócia, divorciou-se do segundo marido e tornou a se casar. E o grande amigo do rei, Charles Brandon, que agora é casado com a irmã mais nova de Henrique, Maria, teve uma aliança anterior anulada em circunstâncias que dificilmente resistiriam a uma investigação rigorosa.

Entretanto, contra isso pesa o fato de que a Igreja não atua em dar fim a casamentos estabelecidos ou em transformar crianças em bastardos. Se a dispensa é tecnicamente inválida, ou inválida de qualquer outra maneira, por que não pode ser reparada por meio de uma nova dispensa? Assim pensará o papa Clemente, comenta Wolsey.

Quando ele diz isso, o rei começa a berrar. Mas o cardeal apenas ouve, impassível; as pessoas se acostumam a tudo, e ele observa como o cardeal se comporta quando a tempestade irrompe sobre sua cabeça; com um sorriso discreto, civilizado, humilde, ele espera

a chegada da calma que logo sucederá. Contudo, torna-se cada vez mais inquieto. Mas Wolsey está ficando inquieto, à espera de que a filha de Bolena — não a que seria tarefa fácil, mas a caçula, a de peito reto — desista de suas esquivas e atenda o rei. Se ela assim procedesse, o rei encararia a vida com maior tranquilidade e falaria menos sobre sua consciência; afinal, como pensar em consciência no meio de uma paixão? Mas alguns sugerem que ela está barganhando com o rei; alguns dizem que ela quer ser a nova esposa, o que é risível, diz Wolsey. Contudo, o rei está apaixonado e por isso talvez não apresente objeções, não diante dela. Ele chamou a atenção do cardeal para o anel de esmeralda que Lady Ana agora usa, informando-lhe o preço e a proveniência. O cardeal pareceu chocado.

Depois do fracasso de Harry Percy, o cardeal conseguiu enviar Ana para a casa da família em Hever, mas ela se esgueirou de volta à corte de alguma maneira, infiltrando-se entre as damas de companhia da rainha, e agora Wolsey nunca sabe onde ela estará e se Henrique sairá a persegui-la pelo país, escapando ao controle do cardeal. Wolsey pensa em convocar o pai dela, Sir Thomas, e repreendê-lo mais uma vez. Contudo, mesmo sem mencionar o velho rumor sobre Henrique e a mãe Bolena, de que maneira explicar a um homem que, como sua primeira filha é uma prostituta, a segunda deveria ser também, insinuando que é algum tipo de negócio de família em que o pai as emprega?

“Bolena não é rico”, diz ele. “Eu mandaria chamá-lo e discutiria preços com ele. A previsão de créditos. E de débitos.”

“Ah, sim”, responde o cardeal, “mas você é o mestre das soluções práticas, ao passo que eu, como homem da Igreja, devo tomar cuidado para não recomendar diretamente que meu monarca embarque num curso deliberado de adultério.” Ele move as penas pela mesa, revira alguns papéis. “Thomas, se um dia você... como dizer?”

Ele não imagina o que o cardeal pretende dizer agora.

“Se um dia você se tornar próximo do rei, se descobrir, talvez depois da minha morte...” Não é fácil falar da não existência, mesmo que você já tenha encomendado o próprio túmulo. Wolsey não consegue imaginar um mundo sem Wolsey. “Ah, bem. Você sabe que eu preferiria que você estivesse a serviço dele, e eu jamais o impediria, mas a dificuldade é...”

Putney, ele quer dizer. O fato incontornável. E já que ele não é um homem da Igreja, não há títulos eclesiásticos para abrandar sua origem, assim como abrandaram a incontornável Ipswich do cardeal.

“Será que”, diz Wolsey, “você teria paciência com nosso lorde soberano? Quando for meia-noite e ele estiver no andar de cima, bebendo e rindo com Brandon, ou cantando, e ainda falta assinar os papéis do dia; quando você pressioná-lo e ele disser, vou para a cama agora, amanhã nós vamos caçar; se chegar sua chance de servir, você terá que aceitá-lo como ele é, um príncipe devotado aos prazeres. E ele o aceitará como você é, um daqueles cães de briga de corpo quadrado, que os rufiões rebocam amarrados em cordas. Não que você seja desprovido de certo encanto intermitente, Tom...”

A possibilidade de que ele ou qualquer outro venha a ter o mesmo domínio que Wolsey possui sobre o rei é tão provável quanto a de que Anne Cromwell se torne lorde governador. Mas ele não a descarta por completo. Há o caso de Joana d’Arc; e não é necessário acabar em chamas.

Ele volta para casa e conta a Liz sobre os cães de briga. Ela também acha que a analogia é incrivelmente adequada. Ele não menciona o tal encanto intermitente, temendo que seja algo que só o cardeal consiga ver.

Quando o tribunal de inquérito está prestes a se dispersar e deixar o assunto para deliberação posterior, chega de Roma a notícia de que as tropas espanholas e germânicas do imperador, há meses sem pagamento, enlouqueceram na Santa Sé e passaram a espalhar o caos, arrebatando seu próprio pagamento, saqueando os tesouros e

apedrejando as obras de arte. Satiricamente vestidos com hábitos roubados, eles estupraram as esposas e as virgens de Roma, derrubaram ao chão estátuas e freiras e esmagaram seus crânios no pavimento. Um soldado raso roubou a ponta da lança que se enterrara no dorso de Cristo e a prendeu ao cabo de sua própria arma assassina. Seus camaradas depredaram túmulos antigos e espalharam cinzas humanas ao vento. O Tibre está transbordando de cadáveres, e os corpos esfaqueados e estrangulados batem contra as margens ao sabor das águas. A notícia mais alarmante é a de que o papa foi feito prisioneiro. Como o jovem imperador Carlos está nominalmente encarregado dessas tropas, e é possível que afirme sua autoridade e tire vantagem da situação, o problema matrimonial do rei Henrique é postergado. Carlos é sobrinho da rainha Catarina, e enquanto estiver nas mãos do imperador, o papa Clemente não se sentirá inclinado a avaliar favoravelmente qualquer apelo apresentado pelo embaixador da Inglaterra.

Thomas More diz que as tropas imperiais assam bebês vivos em espetos por pura diversão. Ah, mas ele bem diria coisa do gênero!, comenta Thomas Cromwell. Ouçam, soldados não fazem essas coisas. Eles vivem ocupados demais pegando tudo que possam transformar em dinheiro vivo.

É bem sabido que, sob suas roupas, Thomas More usa um colete de pelo de cavalo e que se flagela com um pequeno chicote, do tipo usado por muitas ordens religiosas. Mas o que chama a atenção dele, de Thomas Cromwell, é que alguém de fato confeccione tais instrumentos de tortura diária. Alguém penteia os pelos do cavalo em ásperos tufos, ata e corta as pontas duras, sabendo que o propósito é farpear a pele e irritá-la até causar feridas abertas. Será que são feitos pelos monges? Será que as amarram e recortam com furiosa santimônia, rindo ao pensar na dor que causarão a desconhecidos? Ou serão produzidos por simples aldeões, pagos — por dúzia, talvez? — para fazer chibatadas com rijos nós de cera? Será que o ofício ocupa os lavradores nos meses de inércia do

inverno? Quando o dinheiro de seu honesto trabalho cai em suas mãos, será que os produtores pensam nas mãos que receberão o produto?

Não se deve convidar a dor, ele pensa. Ela já espera por nós: mais cedo ou mais tarde. Pergunte às virgens de Roma.

Ele também pensa que as pessoas deveriam encontrar trabalhos melhores.

A essa altura, diz o cardeal, avaliemos a situação com certo distanciamento. Ele sente um alarme genuíno; sempre esteve claro para Wolsey que um dos segredos da estabilidade da Europa é a conservação da independência do papado, fora das garras da França e do imperador. Mas sua mente ágil já tenta avistar alguma espécie de vantagem para Henrique.

Suponhamos, diz ele — pois, nessa emergência, eu serei aquele com quem o papa Clemente contará para conservar a coesão da cristandade —, suponhamos que eu cruze o canal, pare em Calais para tranquilizar nossa gente de lá e para suprimir qualquer boato inconveniente, e depois viaje à França para conversar pessoalmente com o rei do país, partindo em seguida para Avignon, onde o povo sabe como receber uma corte papal e onde os açougueiros e padeiros, os fabricantes de velas, estalajadeiros e até as prostitutas esperam por isso há tantos anos: eu convidaria os cardeais a uma reunião e formaria um conselho, para que a tarefa de governar a Igreja siga em frente enquanto sua santidade é submetida à hospitalidade do imperador. Se os temas levados a esse conselho podem incluir o assunto particular do rei, que justificativa teríamos para deixar um monarca tão devoto esperando pela resolução dos eventos militares na Itália? Será que não podemos arbitrar? Enviar uma mensagem para o papa Clemente, mesmo em cativeiro, não há de ser algo acima da inteligência de homens ou anjos; os mesmos homens ou anjos trarão uma mensagem de volta, certamente endossando nosso governo, pois teremos total conhecimento dos

fatos. E, claro, quando, em seu devido tempo — e com que ansiedade todos esperamos por esse dia! —, o papa Clemente for restaurado à perfeita liberdade, ele estará tão agradecido pela boa ordem mantida em sua ausência que qualquer pequeno assunto de assinaturas ou selos será uma formalidade. E *voilà*: o rei da Inglaterra será um homem solteiro.

Antes que isso aconteça, o rei precisa conversar com Catarina; Henrique não vai poder viver sempre caçando em outro lugar enquanto ela espera por ele, paciente, implacável, a mesa de jantar do rei disposta nos aposentos particulares dela. É junho, 1527; bem barbeado e penteado, alto e ainda esbelto em certos ângulos, vestindo seda branca, o rei percorre o caminho para a câmara da esposa. Henrique VIII se move numa nuvem perfumada de essência de rosas, como se fosse o dono de todas as rosas, de todas as noites de verão.

Sua voz é baixa, doce, persuasiva e cheia de remorso. O rei diz que, se fosse livre, se não houvesse qualquer impedimento, ela seria a mulher que ele escolheria para sua esposa, acima de todas as outras. A falta de filhos não importaria; que fosse feita a vontade de Deus. Nada o agradaria mais que desposá-la novamente; dessa vez, dentro da lei. Mas aí está: isso não pode ser arranjado. Ela foi esposa de seu irmão. A união entre o rei e ela agora ofende a lei divina.

Já podemos ouvir o que Catarina replica. Aquele corpo devastado, sustentado por rendas e espartilhos, encerra uma voz que pode ser ouvida até em Calais: uma voz que retumba daqui até Paris, daqui a Madri, a Roma. Ela defende sua posição, defende seus direitos; trepidam as janelas, desde aqui até Constantinopla.

Que grande mulher ela é, comenta Thomas Cromwell em espanhol: a ninguém especificamente.

Em meados de julho, o cardeal faz os preparativos para a viagem pelo mar Estreito. O clima quente trouxe a doença do suor para Londres, e a cidade está se esvaziando. Alguns já pereceram e muitos outros imaginam que se contaminaram, reclamando de dores de cabeça e dores nos membros. A conversa nas oficinas é toda sobre pílulas e infusões, e os freis fazem girar pelas ruas um comércio lucrativo de medalhas sagradas. Essa praga chegou para nós no ano de 1485, com os exércitos que nos trouxeram o primeiro Henrique Tudor. Desde então, de poucos em poucos anos, ela enche os cemitérios. A doença mata em um dia. É como dizem: alegre no desjejum, morto ao meio-dia.

De modo que o cardeal fica aliviado por deixar a cidade, embora não possa embarcar sem a comitiva apropriada para um prelado da Igreja. Ele deve persuadir o rei Francisco a dirigir uma ação militar para libertar o papa Clemente na Itália; deve garantir a Francisco a amizade e a assistência do rei da Inglaterra, mas sem prometer tropas ou fundos. Se Deus fizer soprar um vento favorável, o cardeal não apenas trará de volta uma anulação de casamento, mas também um tratado de ajuda mútua entre Inglaterra e França que fará tremer a grande mandíbula do jovem imperador e arrancará uma lágrima de seu ardiloso olho habsburgo.

Sendo assim, por que Wolsey não demonstra mais alegria enquanto marcha de um lado a outro em sua câmara privada no palácio de York? “O que ganho eu, Cromwell, se conquistar tudo o que peço? A rainha, que não gosta de mim, será despachada, e se o rei persistir na sua tolice, os Bolena, que tampouco me apreciam, serão elevados; a garota tem uma rixa comigo, pois eu ridicularizei seu pai durante anos, e o tio, Norfolk, atiraria meu cadáver numa vala. Você acha que essa praga estará acabada quando eu voltar? Dizem que essas tribulações são todas enviadas por Deus, mas não posso fingir que conheço Seus propósitos. Enquanto estou fora, você também deveria sair da cidade.”

Ele suspira; por acaso o cardeal é seu único trabalho? Não, é apenas o patrão que exige a atenção mais constante. Os negócios sempre aumentam. Quando está trabalhando para o cardeal, em Londres ou em outro lugar, ele custeia as próprias despesas e as da equipe que emprega a serviço de Wolsey. O cardeal diz, reembolse a si mesmo, e confia que ele acrescentará para si uma porcentagem justa sobre o total; ele não argumenta, pois o que é bom para Thomas Cromwell é bom para Thomas Wolsey — e vice-versa. Suas atividades como advogado prosperam, e ele tem condições de emprestar dinheiro a juros e levantar empréstimos maiores no mercado internacional, recebendo uma comissão por corretagem. O mercado está volátil — a cada dois dias, vem uma notícia ruim da Itália —, mas assim como alguns homens têm olho para a qualidade dos cavalos ou para a necessidade de engordar o gado, ele tem olho para o risco. Alguns nobres estão em dívida com ele, não apenas por empréstimos concedidos, mas porque ele fez suas propriedades renderem mais. Não se trata de extorquir inquilinos, mas, antes, de fornecer ao senhorio uma contabilidade acurada sobre os valores das terras, o rendimento das colheitas, o suprimento de água e instalações construídas, e examinar o potencial do conjunto; em seguida, de pôr pessoas inteligentes para administrar as propriedades e estabelecer com elas um sistema de contabilidade que faça sentido anualmente e possa ser auditado. Entre os mercadores da cidade, ele vive sendo solicitado por seus conselhos sobre parceiros comerciais no exterior. Ele tem uma atividade paralela como árbitro de disputas, geralmente comerciais, já que sua habilidade em avaliar os fatos de um caso e oferecer uma decisão rápida e imparcial é conhecida aqui, em Calais e na Antuérpia. Se você e seu oponente ao menos puderem concordar quanto à necessidade de poupar os custos e os atrasos de uma audiência judicial, então Cromwell será seu homem, mediante pagamento; e não raro ele tem o agradável privilégio de mandar os dois lados para casa satisfeitos.

São bons tempos para ele: todo dia traz uma briga que pode vencer. “Ainda servindo a seu Deus hebreu, estou vendo”, alfineta Thomas More. “Ou seja, seu ídolo, a Usura.” Enquanto More, um erudito reverenciado por toda a Europa, acorda em Chelsea com a perspectiva de se dedicar a orações matinais em latim, ele desperta para um criador que fala o dialeto rápido dos mercados; quando More se prepara para uma sessão de autoflagelação, ele e Rafe correm à Lombard Street para anotar as taxas de câmbio do dia. Não que ele corra de verdade; às vezes uma velha ferida o atrasa e, quando está cansado, o pé se torce para dentro, como se ele estivesse caminhando para si mesmo. Há quem insinue que se trata do legado de um verão com César Bórgia. Ele gosta das histórias que contam a seu respeito. Mas onde está César agora? Está morto.

“Thomas Cromwell?”, dizem as pessoas. “Eis aí um homem engenhoso. Sabia que ele conhece o Novo Testamento de cor?” Se surge um bate-boca sobre Deus, ele é o homem ideal para mediá-lo. Ele é o homem que dará a seus inquilinos uma dúzia de razões para explicar por que seus aluguéis são justos. Ele é o homem certo caso você precise desfazer algum embaraço jurídico que aprisiona sua família há três gerações, ou para convencer sua filha chorosa a contrair o casamento que ela jura que jamais fará. Com animais, mulheres e litigantes tímidos, seus modos são dóceis e fáceis; mas ele arrancará lágrimas de seus credores. Ele pode conversar sobre os césaes ou conseguir cristais de Veneza por uma taxa muito razoável. Ninguém consegue falar mais que ele, quando ele quer falar. Ninguém consegue manter a cabeça tão fria quando os mercados estão caindo e há homens chorando pelas ruas, rasgando cartas de crédito. “Liz”, diz ele certa noite, “acredito que dentro de um ano ou dois seremos ricos.”

Ela está bordando camisas para Gregory num desenho em preto; é o mesmo padrão que a rainha usa, pois ela borda as camisas do rei.

“Se eu fosse Catarina, mandaria esquecer a agulha nas camisas dele”, ele diz.

Ela sorri. “Sei muito bem que faria isso.”

Lizzie ficou silenciosa e séria quando ele lhe contou o que o rei disse no encontro com Catarina. Henrique afirmou que eles deveriam se separar enquanto aguardam a decisão do julgamento de seu matrimônio; talvez a rainha queira se retirar da corte? Catarina respondeu que não; que isso não seria possível; disse que procuraria a orientação de advogados conhecedores da lei canônica, e que o próprio rei deveria cercar-se dos melhores advogados e clérigos; e depois, quando a gritaria acabou, todos que tinham as orelhas coladas às paredes ouviram Catarina chorando. “O rei não gosta que ela chore.”

Liz pega a tesoura. “Os homens dizem ‘Não aguento quando as mulheres choram’, assim como as pessoas dizem ‘Não aguento esse tempo chuvoso’. Como se o choro não tivesse nada a ver com eles, como se fosse uma dessas coisas que acontecem por acaso.”

“Eu nunca fiz você chorar, fiz?”

“Só de rir”, diz ela.

A conversa se esvanece num confortável silêncio; ela tece seus próprios pensamentos, ele trama o que fazer com seu dinheiro. Ele patrocina dois jovens estudantes da Universidade de Cambridge, que não pertencem à família; a doação abençoa o doador. Eu poderia aumentar o patrocínio, ele pensa, e diz: “Suponho que eu deveria fazer um testamento”.

Ela busca a mão do esposo. “Tom, não morra.”

“Por Deus, não, não estou planejando isso.”

Ele pensa, talvez eu ainda não seja rico, mas tenho sorte. Veja como saí de baixo das botas de Walter, do verão de César Bórgia e de uma série de noites tétricas em becos. Acredita-se que os homens desejam passar sua sabedoria para os filhos; ele faria muitas coisas para evitar que seu próprio filho conhecesse um quarto daquilo que ele passou. De onde vem a natureza doce de

Gregory? Deve ser resultado das preces de sua mãe. Richard Williams, o filho de Kat, é inteligente, interessado e ativo.

Christopher, filho de sua irmã Bet, também é esperto e arrojado. Se bem que ele tem Rafe Sadler, em quem confia como um filho; não é uma dinastia, ele pensa, mas é um começo. E momentos tranquilos como este são raros, porque esta casa vive cheia de gente todos os dias: gente que deseja ser levada ao cardeal; artistas procurando por um tema; solenes eruditos germânicos com livros sob o braço e comerciantes de Lübeck recitando soturnas piadas germânicas; músicos em trânsito afinando instrumentos estranhos e ruidosos conchaves de agentes bancários italianos; alquimistas ofertando receitas e astrólogos oferecendo destinos favoráveis; solitários mercadores poloneses de peles, que dão uma passada para ver se há alguém que fale sua língua; há impressores, gravadores, tradutores e cifradores; poetas, jardineiros, cabalistas e geômetras. Onde estão todos esta noite?

“Silêncio”, diz Liz. “Ouça a casa.”

De início, não há som algum. Mas logo as vigas de madeira estalam, respiram. Nas chaminés, pássaros aninhados se agitam. Uma brisa sopra do rio, sussurrando discretamente através da copa das árvores. Eles ouvem a respiração das crianças adormecidas, imaginadas nos outros cômodos. “Venha para a cama”, ele diz.

O rei não pode dizer o mesmo à esposa. Ou, com qualquer efeito positivo, à mulher que, dizem, ele ama.

Agora as muitas malas do cardeal estão prontas para a França; sua comitiva não deve quase nada em esplendor ao séquito de sua viagem ao Campo do Pano de Ouro, sete anos antes. Gozará de um itinerário desapressado antes de embarcar: Dartford, Rochester, Faversham, Cantuária por três ou quatro dias; preces no santuário de Becket.

O cardeal diz: pois bem, Thomas, se você ficar sabendo que o rei desfrutou de Ana, mande-me uma carta no mesmo dia. Só vou

acreditar se ouvir de você. Como você saberá que aconteceu? Acho que vai saber olhando o rosto dele. E se você não tiver o privilégio de ver o rosto do rei? Bom argumento. Eu gostaria de tê-lo apresentado a sua majestade; pena que não aproveitei a chance enquanto havia.

Ele responde: “A menos que o rei se canse rapidamente de Ana”, ele diz ao cardeal, “não sei o que o senhor poderá fazer. Sabemos que príncipes se entregam aos prazeres, e geralmente é possível jogar certo verniz sobre suas ações. Mas que argumento se pode apresentar em prol da filha de Bolena? O que ela pode oferecer ao rei? Nenhum tratado. Nenhuma terra. Nenhum dinheiro. Como apresentar essa união de modo que pareça um enlace com alguma credibilidade?”.

Wolsey está sentado com os cotovelos na mesa, os dedos esfregando as pálpebras fechadas. Ele respira fundo, e começa a falar: começa a falar sobre a Inglaterra.

Você não pode conhecer Albion, ele diz, a menos que retroceda a um tempo anterior à época em que Albion foi pensada. É preciso retroceder a um passado anterior às legiões dos césares, aos dias em que ossos de homens e animais gigantescos jaziam no solo em que Londres viria a ser erguida. É preciso retroceder à Nova Troia, à Nova Jerusalém e aos pecados e crimes de reis que cavalgavam sob as flâmulas esfarrapadas de Artur e que se casavam com mulheres que saíam do mar ou que punham ovos, mulheres com escamas e barbatanas e plumas; ao lado destes, o casamento com Ana parece menos incomum. São histórias antigas, mas não nos esqueçamos de que certas pessoas realmente acreditam nelas.

O cardeal fala das mortes dos reis: de como o segundo Ricardo desapareceu no castelo Pontefract e lá foi assassinado ou morreu de fome; de como o quarto Henrique, o usurpador, morreu de uma lepra que marcou e contraiu seu corpo a tal ponto que ele ficou do tamanho de um pigmeu ou uma criança. Wolsey fala das vitórias do quinto Henrique na França, e do preço — não em dinheiro — a ser

pago por Agincourt. Ele fala da princesa da França com quem aquele grande príncipe se casou; era uma dama adorável, mas filha de um pai insano que acreditava ser feito de vidro. Desse casamento — do quinto Henrique com a Princesa de Vidro — nasceu outro Henrique, que governou uma Inglaterra escura como o inverno, fria, estéril, calamitosa. Eduardo Plantageneta, filho do duque de York, chegou como o primeiro sinal da primavera: era nativo de Áries, signo sob o qual todo o mundo foi feito.

Aos dezoito anos, Eduardo tomou o reino, e o fez devido a um sinal que recebeu. Suas tropas estavam perdidas e exaustas da guerra, era o momento mais sombrio de um dos anos mais obscuros de Deus, e ele acabara de ouvir uma notícia que poderia tê-lo destruído: seu pai e seu irmão mais novo haviam sido capturados, escarnecidos e trucidados por forças lancastrianas. Corria a Festa da Candelária. Abrigado em sua tenda com seus generais, ele rezou pelas almas massacradas. Veio o Dia de São Brás, um 3 de fevereiro escuro e gélido. Às dez da manhã, três sóis se elevaram no céu: três incertos discos de prata, bruxuleantes e nebulosos através das partículas de neve. Sua guirlanda de luz se espalhou sobre os tristes campos, sobre as florestas pantanosas das fronteiras galesas, sobre as tropas desmoralizadas e empobrecidas. Seus homens se ajoelharam em prece no chão congelado. Os cavaleiros fizeram genuflexões para os céus. Sua vida inteira abriu asas e alçou voo. Naquela cascata de luz alva, Eduardo enxergou seu futuro. Aquilo que ninguém mais podia ver, ele viu: e isso é o que significa ser rei. Na Batalha da Cruz de Mortimer, ele aprisionou um certo Owen Tudor, decapitou-o no mercado de Hereford e deixou a cabeça apodrecer na cruz da praça. Uma desconhecida trouxe uma bacia de água, lavou a cabeça decepada e penteou os cabelos ensanguentados.

Desde então — Dia de São Brás, o dia dos três sóis refulgentes —, a cada vez que Eduardo desembainhava sua espada, era para vencer. Três meses depois, ele já estava em Londres e era rei. Mas

jamais tornou a ver o futuro, não de forma tão clara quanto vira naquele ano. Ofuscado, foi levando seu reinado como se imerso em neblina. Tornou-se uma marionete de astrólogos, de clérigos e fantasistas. Não se casou como deveria, por vantagem internacional, mas chafurdou numa série de promessas malfeitas e quebradas para um sem-número de mulheres. Uma delas era uma moça de Talbot, de nome Eleanor, e o que havia de especial nela? Dizia-se que ela descendia — por parte de mãe — de uma mulher que era um cisne. E por que ele dedicou sua afeição à viúva de um cavaleiro lancastriano? Será que aquela beleza loura e fria acelerava sua pulsação, como pensavam alguns? Não exatamente; foi porque ela alegava descender da mulher-serpente, Melusine, que se vê em velhos pergaminhos a enrodilhar seus anéis em torno da Árvore do Conhecimento e presidindo a união da Lua com o Sol. Melusine fingia ser uma princesa comum, uma mortal, mas um dia seu esposo a viu nua e descobriu sua cauda de serpente. Desvencilhando-se das mãos do marido, ela predisse que os filhos dela fundariam uma dinastia que reinaria para sempre: poder sem limites, garantido pelo demônio. Ela rastejou para longe, diz o cardeal, e ninguém mais a viu.

Algumas velas se apagaram; Wolsey não manda acender novas luzes. “Então, como pode ver”, diz ele, “os conselheiros do rei Eduardo planejavam casá-lo com uma princesa francesa. Assim como eu... como eu pretendia. E veja o que aconteceu em lugar disso. Veja quem o rei escolheu.”

“Quanto tempo faz isso? Desde Melusine?”

Já é tarde; todo o grande palácio de York está quieto e a cidade dorme; o rio desliza em seus canais, revolve suas margens. Nesses assuntos, diz o cardeal, não há medida de tempo; esses espíritos escapam das nossas mãos através das eras, serpentinos, mutáveis, ludibriosos.

“Mas a mulher com quem o rei Eduardo se casou; ela tinha uma ligação com o trono de Castela, não? Muito antiga, muito obscura?”

O cardeal assente. “Esse é o significado dos três sóis. O trono da Inglaterra, o trono da França e o trono de Castela. Assim, quando nosso presente rei se casou com Catarina, ele se aproximou dos seus direitos ancestrais. Não que alguém tenha ousado apresentar a situação nesses termos para a rainha Isabel e o rei Fernando, suponho. Mas serve para lembrar, e mencionar de vez em quando, que nosso rei é governante de três reinos. Se reclamasse o que lhe é de direito.”

“Segundo seu relato, meu amo, o avô Plantageneta do nosso rei decapitou seu bisavô Tudor.”

“Uma coisa que se deve saber. Mas que não se deve mencionar.”

“E os Bolena? Eu achei que eram comerciantes, mas deveria supor que eles têm presas de serpente, ou asas?”

“Está fazendo troça de mim, mestre Cromwell.”

“De modo algum. Mas se vossa eminência vai me deixar encarregado da situação no seu lugar, quero as melhores informações.”

Então o cardeal fala sobre assassinatos. Fala sobre pecado: sobre o que é preciso expiar. Fala sobre o sexto rei Henrique, assassinado na Torre; sobre o rei Ricardo, nascido em Escorpião, signo dos assuntos secretos, das tribulações e vícios. Em Bosworth, onde o escorpiano morreu, más escolhas se sucederam; o duque de Norfolk lutou no lado que saiu derrotado e seus herdeiros foram destituídos de seu ducado. Tiveram de trabalhar duro, longa e arduamente, para recuperá-lo. Então, diz o cardeal, você deve estar se perguntando: por que o atual Norfolk se apavora quando o rei está de mau humor? Porque ele pensa que perderá tudo que tem, num capricho de um homem irritadiço.

O cardeal vê seu funcionário fazendo uma anotação mental; e fala dos ossos soltos que tiritam sob o calçamento da Torre, aqueles ossos emparedados em escadarias e ocultos sob a lama do Tâmesa. Ele fala sobre os dois filhos desaparecidos do rei Eduardo, sendo o mais jovem deles propenso a insistentes ressurreições que quase

roubaram o reino de Henrique Tudor. Ele fala das moedas cunhadas pelo Pretendente, gravadas com a mensagem para o rei Tudor: “Teus dias estão contados. Tu és pesado na balança; e estás em falta”.

Ele fala do medo que havia na época, do regresso da guerra civil. Firmou-se um acordo para casar Catarina na Inglaterra; desde os três anos, ela foi chamada de “Princesa de Gales”. Mas antes que a família lhe permitisse embarcar de La Coruña, estipularam para ela um preço em sangue e ossos. Pediram a Henrique Tudor que resolvesse o problema do principal pretendente Plantageneta, sobrinho do rei Eduardo e do perverso rei Ricardo, que Henrique mantinha aprisionado na Torre desde os dez anos. Sob discreta pressão, o rei Henrique capitulou; a Rosa Branca, contando então vinte e quatro anos, foi levada ao ar livre e à luz de Deus, para ter sua cabeça cortada. Mas sempre há outra Rosa Branca; os Plantageneta se multiplicam, mesmo que sob certa supervisão. Sempre haverá necessidade de mais assassinatos. É preciso, suponho, ter estômago para isso, diz o cardeal, mas eu não sei se tenho; sempre fico doente quando há uma execução. Oro por eles, por esses mortos do passado. Às vezes oro até pelo famigerado rei Ricardo, embora Thomas More me diga que ele agora arde no inferno.

Wolsey baixa os olhos para as próprias mãos, gira os anéis nos dedos. “Eu me pergunto”, ele murmura. “Eu me pergunto qual desses anéis. Aqueles que invejam o cardeal dizem que ele tem um anel que permite ao dono voar e provocar a morte dos seus inimigos. O objeto detecta veneno, amansa animais ferozes, ganha o favor dos príncipes e protege contra afogamentos.”

“Imagino que outras pessoas devem saber qual é, meu amo. Porque eles empregaram feiticeiros para tentar copiá-lo.”

“Se eu soubesse, eu mesmo mandaria copiá-lo e daria o outro para você.”

“Certa vez, segurei uma cobra. Na Itália.”

“Por que fez isso?”

“Foi uma aposta.”

“Era venenosa?”

“Não sabíamos. A ideia da aposta era essa.”

“Ela mordeu você?”

“Claro.”

“Por que ‘claro’?”

“Não seria uma história interessante, seria? Se eu largasse o bicho sem nenhum arranhão e ele fosse embora deslizando?”

Sem poder se conter, o cardeal ri. “O que farei sem você”, ele diz, “entre aqueles franceses viperinos?”

Na casa de Austin Friars, Liz está na cama, mas se agita em seu sono. Acorda vagamente, diz o nome dele e se aninha entre seus braços. Ele beija seus cabelos e diz: “O avô do nosso rei se casou com uma serpente”.

Liz murmura: “Estou dormindo, ou acordada?”. Num piscar de olhos, ela se afasta dele e se vira, jogando um braço para fora da cama; ele se pergunta com o que ela sonhará. Fica acordado, pensando. Tudo o que Eduardo fez, suas batalhas, suas conquistas, fez financiado pelo dinheiro dos Médici; suas cartas de crédito eram mais importantes que sinais e portentos. Se o rei Eduardo não era filho de seu pai, como muitos dizem, se não era filho do duque de York; se a mãe de Eduardo o gerou com um honesto soldado inglês, um arqueiro chamado Blaybourne, como alguns acreditam; e depois, se Eduardo se casou com uma serpente, então sua prole seria... Pouco confiável, é o que lhe vem à mente. Se é possível acreditar em todas essas velhas histórias, e considerando-se que algumas pessoas de fato acreditam nelas, lembremos então que nosso rei é em parte bastardo de um arqueiro, em parte uma serpente disfarçada, em parte galês, e todas as partes estão em dívida com os bancos italianos. Ele também se vira na cama, aproximando-se do sono. Suas contas falham; o mundo spectral

invade as páginas cheias de números. O cardeal diz: sempre tente descobrir o que as pessoas usam sob suas roupas, pois nunca é apenas a própria pele. Vire o rei do avesso, e você encontrará seus ancestrais escamosos: sua pele serpentina, quente e sólida.

Na Itália, quando segurou uma cobra ao fazer uma aposta, teve de ficar com ela até que contassem de um a dez. Eles contaram, muito devagar, nos idiomas mais arrastados: *eins*, *zwei*, *dreii*... No quatro, a cobra assustada deu um bote e o mordeu. Entre o quatro e o cinco, ele cerrou mais o punho. Nesse ponto, alguém gritou: “Pelo sangue de Cristo, largue esse bicho!”. Alguns rezaram, outros praguejaram, alguns só continuaram a contar. A cobra parecia nauseada. Quando todos chegaram a dez, e não antes, ele baixou suavemente ao chão o corpo enrodilhado e deixou a cobra deslizar para seu futuro.

Não havia dor, mas dava para ver uma clara perfuração. Por instinto, ele sugou a ferida, quase mordeu o próprio pulso. Surpreso, atentou para a alva carne inglesa na parte interna de seu braço e as finas veias verde-azuladas nas quais a cobra inoculava o veneno.

Ele recolheu seus ganhos. Esperou pela morte, mas não morreu. No máximo, tornou-se mais forte, mais rápido em se esconder e em atacar. Não havia mestre de armas em Milão que pudesse berrar mais alto, nenhum mercenário bernês que não recuasse diante de sua sinistra reputação de buscar sangue primeiro e conversa depois. A noite está quente, é julho; ele dorme. Em algum lugar da Itália, uma serpente tem filhotes. Ela chama seus filhos de Thomas; eles levam na cabeça imagens do Tâmis, de margens rasas e lodosas, fora da correnteza, além do alcance das águas.

Na manhã seguinte, quando ele acorda, Liz ainda dorme. Os lençóis estão úmidos. Ela está quente e afogueada, o rosto sereno como o de uma menina. Ele beija a linha dos cabelos dela. Liz está salgada. Ela murmura: “Diga-me quando vai voltar para casa”.

“Liz, não vou viajar. Não vou com Wolsey.” Ele a deixa. O barbeiro chegou para aprontá-lo. Ele vê seus próprios olhos no

espelho polido. Parecem alerta; olhos de serpente. Que sonho estranho, diz a si mesmo.

Quando desce para o térreo, ele pensa ter visto Liz em seu rastro. Pensa ter visto sua touca branca num relance. Ele se vira e diz: “Liz, volte para a cama...”, mas ela não está lá, foi um engano. Ele pega seus papéis e parte para o Gray’s Inn.

É recesso. O assunto não é o direito; a discussão é sobre textos, sobre o paradeiro de Tyndale (algum lugar da Alemanha), e o problema imediato é um colega advogado (ou seja, quem pode dizer que ele não tem direito de frequentar o Gray’s Inn?) chamado Thomas Bilney, que também é padre e professor no Trinity Hall. Chamam-no de “Pequeno Bilney”, devido à sua pouca estatura e ao seu aspecto macilento; ele se senta e fica se retorcendo no banco, falando sobre sua missão entre os leprosos.

“As Escrituras, para mim, são como mel”, diz o Pequeno Bilney, remexendo o traseiro magro e balançando as pernas murchas. “Fico ébrio com a Palavra de Deus.”

“Pelo amor de Deus, homem”, ele responde. “Não pense que pode sair do seu buraco só porque o cardeal está viajando. Pois agora o bispo de Londres tem as mãos livres, sem falar do nosso amigo em Chelsea.”

“Missas, jejuns, vigílias, absolvições do purgatório... Tudo inútil”, diz Bilney. “Isso me foi revelado. Tudo o que resta, com efeito, é ir a Roma e debater o tema com sua santidade. Tenho certeza de que ele aceitará meu modo de pensar.”

“Você realmente acha que seu ponto de vista é original?”, ele continua, mal-humorado. “Bem, por um lado até pode ser, padre Bilney, se acredita que o papa escutaria seus conselhos nesse assunto.”

Ele sai, dizendo: aí está alguém que se jogaria na fogueira, se fosse incitado a isso. Senhores, tenham cuidado com ele.

Ele não leva Rafe a essas reuniões, não expõe qualquer membro de sua casa a companhias perigosas. A casa Cromwell é tão ortodoxa e religiosa quanto as mais típicas de Londres. Temos que ser irrepreensíveis, ele diz.

O resto do dia não é nada digno de ser lembrado. Ele teria voltado para casa mais cedo se não fosse pelo encontro marcado no enclave germânico, o Steelyard, com um homem de Rostock que traria consigo um amigo de Stettin, o qual se ofereceu para lhe ensinar um pouco de polônês.

É pior que galês, ele diz ao fim da aula. Precisarei de muita prática. Venha a minha casa. Mande o recado e deixaremos alguns arenques em salmoura; ou então vamos comer o que houver na panela.

Há algo errado se você chega em casa ao entardecer e as tochas já estão queimando. O ar é adocicado e você se sente bem quando entra, sente-se jovem, imaculado. É quando percebe os rostos desolados; os rostos que se desviam quando o veem.

Mercy se aproxima e se posiciona à frente dele, mas não há misericórdia aqui. “Diga logo”, ele implora.

Ela desvia o olhar ao dizer: “Sinto muito”.

Ele pensa que foi algo com Gregory; pensa que o filho está morto. Depois quase adivinha a verdade, pois, afinal, onde está Liz? Ele implora: “Diga!”.

“Nós procuramos por você. Dissemos a Rafe: vá ver se ele está no Gray’s Inn, traga-o de volta, mas os vigias afirmaram que não o viram durante todo o dia. Rafe disse, confie em mim, vou encontrá-lo, mesmo que tenha de revirar a cidade inteira, mas não havia qualquer sinal seu.”

Ele se lembra da manhã: os lençóis úmidos, a testa úmida. Liz, ele pensa, você não lutou? Se eu tivesse visto a morte chegando, eu a agarraria e lhe esmagaria a cabeça funesta; eu a crucificaria contra a parede.

As meninas ainda estão acordadas, mas alguém as vestiu com camisolas, como se fosse uma noite qualquer. Suas pernas e pés estão descobertos, e suas toucas de dormir, toucas redondas de filó costuradas pela mãe, foram amarradas sob o queixo por uma mão resoluta. O rosto de Anne é uma pedra. Ela tem a mão de Grace escondida na sua. Grace ergue os olhos para o pai, duvidosa. Ela quase nunca o vê; por que ele está aqui? Mas Grace confia nele e deixa que ele a pegue em seus braços, sem protestar. A criança se entrega ao sono agarrada ao ombro paterno, os braços em torno de seu pescoço, o topo da cabeça aninhado sob o queixo. “Agora, Anne”, diz ele, “temos que levar Grace para a cama, ela é pequena. Sei que você não está com sono, mas se deite junto da sua irmã, porque ela pode acordar e sentir frio.”

“Eu também posso sentir frio”, Anne responde.

Mercy se dirige ao quarto das crianças à frente do genro. Grace é posta na cama sem acordar. Anne chora, mas em silêncio. Eu fico com elas, diz Mercy, mas ele responde: “Eu ficarei”. Ele espera até que as lágrimas de Anne parem de rolar e que a mão da filha relaxe em sua palma.

Essas coisas acontecem; mas não conosco.

“Agora, deixem-me ver Liz”, ele diz.

O cômodo — que até aquela manhã era apenas seu quarto de dormir — é dominado pelo aroma das ervas que são queimadas para prevenir o contágio. Acenderam velas junto à cabeça e aos pés de Liz e amarraram seu maxilar com linho, e por isso ela já não parece a mesma. Está como os mortos; parece destemida, e com uma expressão de quem agora pode julgar os outros; parece mais simples e mais morta que as pessoas que ele via nos campos de batalha, com as tripas derramadas.

Ele desce as escadas para ouvir a história do leito de morte da esposa; para lidar com a casa. Mercy conta: às dez horas, ela se sentou. Céus, estou tão cansada. No meio dos afazeres do dia. Não

é do meu feitio, é?, ela perguntou. Eu respondi, não é do seu feitio, Liz. Pus a mão na testa dela e disse, Liz, minha querida...

Recomendei, vá se deitar, vá para a cama, você precisa suar essa friagem. Ela disse, não, só preciso de alguns minutos, estou tonta, talvez precise comer alguma coisinha, mas nos sentamos à mesa e ela recusou a comida...

Ele gostaria que Mercy resumisse o relato, mas compreende sua necessidade de recontar, momento a momento, de repetir em voz alta. É como se ela estivesse fazendo um pacote de palavras para entregar a ele: agora isto é seu.

Ao meio-dia, Elizabeth se deitou. Ela tremia, embora sua pele ardesse em febre. Ela perguntou: Rafe está em casa? Diga a ele para ir procurar Thomas. E Rafe saiu, e um monte de gente saiu depois, e ninguém o encontrou.

Ao meio-dia e meia, Liz declarou: diga a Thomas para cuidar das crianças. E depois, como foi mesmo? Ela reclamou que a cabeça doía. Mas nada para mim, nenhuma mensagem? Não; ela disse que tinha sede. Mais nada. Se bem que Liz, bem, ela nunca foi de falar muito.

À uma da tarde, ela pediu um padre. Às duas, fez sua confissão. Ela disse que certa vez segurou uma cobra, na Itália. O padre disse que era delírio da febre. Ele lhe deu a extrema-unção. O padre não via a hora, contou Mercy, não via a hora de sair da casa, estava apavorado com a possibilidade de pegar a doença e morrer.

Às três horas, ela piorou. Às quatro, ela se libertou do fardo desta vida.

Imagino, ele diz, que ela gostaria de ser enterrada com seu primeiro marido.

Por que você pensa isso?

Porque eu cheguei depois. Ele se afasta. Não há razão para escrever as instruções de costume sobre roupas de luto, carpideiras, velas. Como todas as vítimas da doença, Liz deve ser enterrada às pressas. Não haverá tempo para trazer Gregory ou

reunir a família. A regra dita que a família deve pendurar um feixe de palha do lado de fora da porta como sinal de infecção, restringir a entrada por quarenta dias e sair da casa o mínimo possível.

Mercy se aproxima e diz: uma febre pode ser qualquer febre, não precisamos confessar que foi a doença do suor... Se todos ficassem em casa, Londres pararia.

“Não”, ele responde. “Temos que cumprir as regras. Foi meu lorde cardeal quem as criou, e não seria adequado que eu as ignorasse.”

Mercy pergunta: onde você estava, afinal? Ele a encara; você conhece o Pequeno Bilney?, pergunta. Estava com ele; eu lhe fiz uma advertência, disse que ele está prestes a saltar na fogueira.

E depois? Depois eu fui aprender polonês.

Claro. É algo que você faria.

Mercy não espera extrair nenhum sentido de tudo isso. E ele nunca espera compreender mais do que compreende agora. Ele sabe o Novo Testamento de cor, mas vá encontrar ali um texto, vá encontrar um só texto para isso.

Mais tarde, ao pensar sobre aquela manhã, ele quer recobrar o vislumbre daquela touca branca: mas, quando se virou, não havia ninguém. Ele gostaria de imaginá-la com o burburinho e o calor da casa às suas costas, parada à porta, pedindo: “Diga-me quando vai voltar”. Mas só consegue imaginá-la sozinha, à porta; e às suas costas há um deserto e uma luz azulada.

Ele pensa em sua noite de núpcias; no vestido de tafetá com cauda, no gesto acanhado de Liz, segurando os cotovelos. No dia seguinte, ela disse: “Está tudo bem, então”.

E sorriu. Isso foi tudo o que ela lhe deixou. Liz, que nunca foi de falar muito.

Por um mês, ele fica em casa: ele lê. Lê seu Testamento, mas já sabe o que está escrito. Lê Petrarca, que adora, lê como o homem desafiou os médicos: mesmo depois que o condenaram pela febre,

ele seguiu vivendo, e quando os doutores chegaram na manhã seguinte, ele estava sentado, escrevendo. Depois disso, o poeta jamais confiou em qualquer médico; mas Liz partiu antes mesmo de receber cuidado médico, bom ou mau, ou de ver o boticário com sua cássia, seu gengibre, sua artemísia e seus cartões impressos com orações.

Ele tem o livro de Nicolau Maquiavel *O príncipe*: é uma edição em latim, pobremente impressa em Nápoles, que parece ter passado por muitas mãos. Ele imagina Nicolau no campo de batalha; Nicolau na câmara de tortura. Ele sente que está na câmara de tortura, mas sabe que um dia encontrará a porta de saída, porque sabe quem tem a chave. Alguém pergunta: o que há nesse seu livrinho?, e ele responde: alguns aforismos, alguns truísmos, nada que não saibamos.

Sempre que ele ergue os olhos do livro, Rafe Sadler está lá. Rafe é um rapaz magro, e a brincadeira entre Richard e os outros é fingir que não o veem e dizer: “Onde será que Rafe está?”. Eles se divertem com essa piada como crianças de três anos. Rafe tem olhos azuis, o cabelo é em tom de areia e ninguém o confundiria com um Cromwell. Ainda assim, ele é um tributo ao homem que o criou: questionador, sardônico, de entendimento rápido.

Ele e Rafe leem um livro sobre xadrez. É um livro impresso antes de seu nascimento, mas tem imagens. Eles estudam as ilustrações, aperfeiçoando seu jogo. Durante um período que parece durar horas, nenhum dos dois faz qualquer movimento. “Fui um idiota”, diz Rafe, um dedo pousado na cabeça de um peão. “Eu deveria ter encontrado o senhor. Quando disseram que o senhor não estava no Gray’s Inn, eu deveria ter adivinhado que estava.”

“E como você poderia saber? Não seria possível estar onde eu não deveria. Vai mover esse peão ou só está fazendo um mimo na cabeça dele?”

“*J’adoube*.” Rafe tira a mão da peça.

Eles seguem por um longo tempo, examinando as peças, a configuração que as conserva no lugar. Já sabem o resultado: empate. “Somos bons demais um para o outro.”

“Talvez devêssemos jogar com outras pessoas.”

“Mais tarde. Quando pudermos fazer a limpa em todos os desafiantes.”

Rafe exclama: “Ah, espere!”. Ele pega seu cavalo e o faz saltar. E depois vê o resultado, abismado.

“Rafe, você está *foutu*.”

“Não necessariamente.” Rafe coça a testa. “O senhor ainda pode fazer alguma coisa estúpida.”

“Claro. A esperança é a última que morre.”

Murmúrio de vozes. Luz do sol lá fora. Ele sente que quase pode dormir, mas quando dorme, Liz Wykys volta, alegre e animada, e quando acorda, precisa redescobrir a falta dela, tudo outra vez.

Num quarto distante, uma criança chora. Ouvem-se passos. O choro para. Ele pega seu rei e examina a base da peça, como se para ver do que é feita. Ele murmura “*J’adoube*” e a põe de volta.

Enquanto cai a chuva, Anne Cromwell senta-se ao lado do pai e escreve seu latim de principiante no caderno de exercícios. Quando chegar o Dia de São João, ela já saberá todos os verbos comuns. Anne é mais rápida que o irmão, e o pai lhe diz isso. “Deixe-me ver”, ele solicita, estendendo a mão para pegar o caderno. Ele descobre que ela escreveu seu nome sem parar, “Anne Cromwell, Anne Cromwell...”.

Chegam notícias da França sobre os triunfos, procissões, missas públicas e orações improvisadas em latim pelo cardeal. Ao que parece, depois que desembarcou, Wolsey esteve em todos os maiores altares da Picardia, absolvendo os devotos de seus pecados. Isso significa que há alguns milhares de franceses livres para começar tudo de novo.

O rei se instala principalmente em Beaulieu, uma casa em Essex que acabou de comprar de Sir Thomas Bolena, a quem deu o título de visconde de Rochford. Ele passa o dia caçando, sem deixar que o tempo úmido o detenha. À noite, ele promove recepções. O duque de Suffolk e o duque de Norfolk o acompanham em jantares privados, compartilhados com o novo visconde. O duque de Suffolk é seu velho amigo; se o rei dissesse, tricote asas para que eu possa voar, Suffolk diria, de que cor? Claro, o duque de Norfolk é o chefe da família Howard e cunhado de Bolena: um vigoroso maquinador, sempre conspirando em benefício próprio.

Ele não escreve ao cardeal para informar o que todos estão dizendo na Inglaterra, que o rei pretende se casar com Ana Bolena. Ele não tem as notícias que o cardeal deseja, portanto não escreve coisa alguma. Para isso ele tem seus funcionários, para manter o cardeal informado sobre assuntos legais e financeiros. Informem o cardeal que estamos todos bem por aqui. Mandem minhas deferências e lealdade. Digam o quanto gostaríamos de vê-lo pessoalmente.

Ninguém mais fica doente em sua casa. Esse ano, Londres sofreu pouco — ao menos é o que todos dizem. Preces em gratidão são proferidas nas igrejas da cidade; ou talvez devêssemos chamá-las de preces de alívio? Nos pequenos conclaves reunidos à noite, o propósito de Deus é discutido. Londres sabe que peca. Como a Bíblia nos diz, “Aquele que negocia dificilmente evitará os erros”, e em outro lugar afirma, “O que se apressa em enriquecer não ficará impune”. É um sinal certo de uma mente angustiada, o hábito da citação. “Porque o Senhor corrige o que ama.”

No começo de setembro, a praga já completou seu ciclo e a família pode se reunir para orar por Liz. Agora ela receberá as homenagens que lhe foram negadas quando os deixou tão de repente. Capotes negros são doados a doze homens pobres da paróquia, os mesmos pranteadores que teriam acompanhado o caixão dela; e cada homem da família custeou sete anos de missas

por sua alma. No dia marcado, o tempo se abre brevemente, e há gelo no ar. “A colheita passou, o verão acabou, e não estamos salvos.”

A pequena Grace acorda à noite e diz que vê a mãe em sua mortalha. Ela não chora como uma criança, berrando e soluçando, mas como uma mulher adulta, derramando lágrimas de pavor.

“Todos os rios correm para o mar, mas os mares ainda não estão cheios.”

Morgan Williams encolhe a cada ano. Hoje ele parece especialmente pequeno, pálido e angustiado quando segura o braço dele e diz: “Por que os melhores são levados? Ai, por quê?”. E depois: “Sei que você foi feliz com ela, Thomas”.

A família está de volta a Austin Friars, um enxame de mulheres, crianças e homens robustos a quem o luto dificilmente faz mudar as roupas, pois para eles o negro é costumeiro em seus uniformes de advogados, comerciantes e corretores. Lá está sua irmã Bet Wellyfed, seus dois filhos e a pequena menina Alice. Lá está Kat; as irmãs cochicham, decidindo quem se mudará para ajudar Mercy com as meninas, “até que você se case novamente, Tom”.

Suas sobrinhas, duas boas menininhas, ainda apertam seus rosários. Elas olham em torno, sem saber o que fazer. Ignoradas, enquanto as pessoas falam acima da cabeça delas, as meninas se encostam contra a parede e trocam olhares entre si. Vagarosamente, as duas deslizam pela parede, costas retas, até que ficam da altura de crianças de dois anos, sentadas sobre os calcanhares. “Alice! Johane!”, alguém ralha; elas se levantam devagar, os semblantes sérios. Grace se aproxima das duas; em silêncio, elas seguram a menina, tiram sua touca, soltam seus cabelos louros e começam a trançá-los. Enquanto os cunhados falam sobre o que o cardeal está fazendo na França, a atenção dele se desvia para a filha. Os olhos de Grace se arregalam quando as primas esticam seu cabelo para trás. Sua boca está aberta e

silenciosa, como a de um peixe. Quando um gritinho escapa da menina, quem cruza o salão e a pega no colo é a irmã de Liz, a Johane adulta. Observando Johane, ele nota, o que faz com frequência, como as irmãs são parecidas: ou melhor, eram.

Sua filha Anne dá as costas para as mulheres e oferece o braço ao tio. “Estamos falando sobre o comércio dos Países Baixos”, diz Morgan à menina.

“Uma coisa é certa, tio: na Antuérpia não vão gostar se Wolsey assinar um tratado com os franceses.”

“É o que estamos dizendo ao seu pai. Mas, ah, ele sempre fica do lado do seu cardeal. Faça-me o favor, Thomas! Você não gosta dos franceses nem um pouco mais do que nós.”

Ele sabe, embora os outros desconheçam, o quanto o cardeal necessita da amizade do rei Francisco; sem ter ao seu lado ao menos uma das grandes potências da Europa, como o rei conseguirá seu divórcio?

“Tratado de Paz Perpétua? Vamos pensar, quando foi a última paz perpétua? Eu dou três meses de vida.” Quem fala é seu cunhado Wellyfed, rindo; e John Williamson, que é marido de Johane, pergunta se vão apostar: três meses, seis? Depois ele se lembra de que estão numa ocasião solene. “Perdão, Tom”, ele diz, e sofre um acesso de tosse.

A voz de Johane interrompe o diálogo: “Se esse velho jogador continuar tossindo desse jeito, o inverno acabará com ele, e aí eu me caso com você, Tom”.

“Casa mesmo?”

“Com certeza. É só conseguir o documento certo em Roma.”

O grupo sorri, mas contém o riso. Eles trocam olhares cúmplices. Gregory pergunta, por que isso é tão engraçado? Você não pode se casar com a irmã da própria mulher, pode? Ele se dirige a um canto para conversar sobre assuntos particulares com os primos — os filhos de Bet: Christopher e Will; e os filhos de Kat: Richard e Walter — por que deram àquela criança o nome de Walter? Será que

precisavam de um lembrete do pai, perdurando depois de sua morte para recordá-los de que não podem ser felizes demais? A família nunca se reúne, mas dá graças a Deus por Walter não estar mais ali. Ele diz a si mesmo que deveria ter sido mais bondoso com o pai, mas sua bondade só se limita a pagar por missas pela alma do falecido.

No ano anterior à sua volta definitiva para a Inglaterra, ele cruzou e tornou a cruzar o mar, indeciso; tinha diversos amigos na Antuérpia, além de bons contatos de negócios, e, à medida que a cidade se expandia, o que ocorria a cada ano, mais parecia ser o lugar certo onde estar. Quando tinha saudades do lar, era da Itália que ele sentia falta: a luz, o idioma, “Tommaso”, como era chamado por lá. Veneza o curara de qualquer nostalgia pelas margens do Tâmisa. Florença e Milão lhe deram uma visão de mundo mais flexível que a das pessoas que ficaram na Inglaterra. Mas algo o chamava — a curiosidade de saber quem estava morto e quem havia nascido, um desejo de rever suas irmãs e rir (de algum modo, sempre é possível rir) de sua criação. Ele escreveu a Morgan Williams para dizer: estou pensando em viajar para Londres da próxima vez. Mas não conte ao meu pai. Não lhe diga que estou voltando para casa.

Durante os primeiros meses, eles tentaram convencê-lo. Veja bem, Walter se aquietou, você nem o reconheceria. Ele reduziu a bebida. Bem, ele sabia que o álcool o estava matando. Agora ele fica longe dos tribunais e até serviu durante um período como guardião na igreja.

O quê?, ele disse. E Walter não se embebedava com o vinho do altar? Não fugia com o dinheiro para as velas?

Nada que dissessem poderia persuadi-lo a voltar a Putney. Ele esperou por mais um ano, até se casar e ser pai. Foi aí que se sentiu seguro para regressar.

Foram mais de doze anos fora da Inglaterra. Ele ficou perplexo com a mudança nas pessoas. Eram jovens quando as deixara, e

agora a meia-idade as tornara flácidas ou enrijecidas. Os esbeltos eram agora magros e ressequidos. Os gorduchos ficaram mais gordos. Feições agudas estavam suavizadas e abrandadas, olhos brilhantes se apagaram. À primeira vista, ele nem sequer reconheceu certas pessoas.

Mas ele teria reconhecido Walter em qualquer lugar. Quando o pai se aproximou, ele pensou, estou vendo a mim mesmo dentro de vinte ou trinta anos, se for poupado. Disseram que a bebida quase acabara com Walter, mas não parecia nem sequer meio morto. Walter tinha a mesma aparência de sempre: a de um homem que pode derrubar você com um soco, e talvez o faça, se assim desejar. Seu corpo baixo e forte se ampliara e enrijecera. Os cabelos, espessos e cacheados, mal exibiam algum fio grisalho. O olhar era lancinante; olhos pequenos, brilhantes e castanho-dourados. Um ferreiro precisa de bons olhos, Walter costumava dizer. Você precisa de bons olhos aonde quer que vá, ou será miseravelmente roubado, como um cego.

“Por onde você andou?”, perguntou Walter. Outrora, ele teria soado furioso; agora, parecia apenas irritado. Como se o filho tivesse saído para levar um recado em Mortlake e se demorado demais no percurso.

“Ah... por aí”, respondeu Thomas.

“Está parecendo um estrangeiro.”

“Eu sou um estrangeiro.”

“Então, o que anda fazendo?”

Ele se imaginou respondendo: “Isso e aquilo”. E foi mesmo o que disse.

“E que tipo de isso e aquilo está fazendo agora?”

“Estudando direito.”

“Direito!”, repetiu Walter. “Se não fosse pela tal da lei, nós seríamos lordes. Do município. E de um monte de outros municípios por aqui.”

Thomas pensa: é um argumento interessante. Se um homem pudesse ganhar um título de lorde apenas por brigar, por gritar e por ser mais grandalhão, forte, temerário e sem-vergonha que todos os outros, então Walter deveria ser um lorde. Mas é pior que isso; Walter pensa que tem o direito. Thomas passou a infância ouvindo, os Cromwell já foram uma família rica, nós tínhamos posses. “Quando, onde?”, ele perguntava, e Walter respondia: “Em algum lugar do Norte, lá em cima!”, e berrava com o filho por questionar. Walter Cromwell não gostava de ser desacreditado nem mesmo quando contava uma mentira descarada. “Se é assim, como viemos parar num lugar tão baixo?”, Thomas perguntava, e Walter respondia que era culpa de advogados e charlatões e advogados que não passavam de charlatões, e que roubavam a terra de seus proprietários. Entenda se puder, Walter dizia, porque eu não entendo — e eu não sou idiota, garoto. Como eles ousam me arrastar para o tribunal e me multar por criar os bichos na tal da área pública? Se todos tivessem o que é de direito, aquela terra seria minha.

Ora, se a terra da família ficava no Norte, como aquela área poderia ser sua? Mas não havia motivo para indagar em voz alta; na verdade, era essa a forma mais rápida de receber uma lição do punho de Walter. “Mas não havia nenhum dinheiro?”, insistia Thomas. “O que aconteceu com o dinheiro?”

Uma vez, quando estava sóbrio, Walter disse algo que soou verdadeiro e, vindo de quem veio, eloquente: eu acho, ele disse, acho que nós jogamos tudo fora. Uma vez que acaba, acaba e pronto. Acho que a fortuna, quando perdemos, nunca mais volta a nos visitar.

Ele pensou sobre isso por anos. No dia que voltou a Putney, perguntou: “Se os Cromwell foram realmente ricos no passado, e eu saísse para procurar o que restou, isso o deixaria satisfeito?”.

Seu tom de voz tinha intenções pacíficas, mas Walter não era facilmente pacificado. “Ah, sim, procurar e partilhar, não? Você e seu

maldito Morgan, com quem é unha e carne. Se todos tiverem o que lhes é de direito, aquele dinheiro é meu.”

“Seria dinheiro da família.” O que estamos fazendo, pensou Thomas, brigando logo de cara? Cinco minutos e já estamos batendo boca sobre uma fortuna que não existe? “O senhor agora tem um neto”, acrescentou ele, em voz não muito alta, “e não chegará nem perto dele.”

“Ah, eu já tenho disso aí”, retrucou Walter. “Netos. E a mãe é o quê, alguma garota holandesa?”

Thomas contou ao pai sobre Liz Wykys, admitindo, assim, que esteve na Inglaterra por tempo suficiente para se casar e ter um filho. “Arranjou uma viúva rica”, disse Walter, abafando uma risada. “Imagino que isso era mais importante do que vir aqui me visitar. Tinha que ser. Suponho que você me imaginava já morto. Advogado, não? Você sempre gostou de falar. Um tapa na boca não foi o bastante para curar isso.”

“Mas Deus sabe que o senhor tentou.”

“Imagino que agora você não admite que trabalhava de ferreiro. E nem que ajudava seu tio John e dormia entre as cascas de nabo.”

“Pelo amor de Deus, pai, ninguém comia nabos no palácio de Lambeth. O cardeal Morton comendo nabos! Onde está com a cabeça?”

Quando Thomas era criança e seu tio John era cozinheiro da grande eminência, o menino costumava fugir para o palácio de Lambeth, porque lá havia mais chances de ser alimentado. Ele circulava perto da entrada mais próxima do rio — naquela época, Morton ainda não havia construído seu grande portão — e via gente entrando e saindo, perguntava quem era quem e os reconhecia em outras oportunidades pelas cores de suas roupas e pelos animais e objetos pintados em seus brasões. “Não fique à toa”, gritavam para ele, “vá fazer algo útil!”

Outras crianças se faziam úteis na cozinha, levando e trazendo, empregando seus dedinhos em depenar faisões e limpar morangos.

A cada jantar, os funcionários da casa se enfileiravam numa procissão pelos corredores que saíam das cozinhas, levando as toalhas de mesa e o sal. Seu tio John media os pães, e os que não tivessem o tamanho certo eram jogados numa cesta para a criadagem. Os pães que passavam no teste, ele os contava um a um, à medida que eram levados para o salão; parado junto ao tio, fingindo ser seu auxiliar, Thomas aprendeu a contar. No grande salão entravam as carnes e os queijos, as frutas açucaradas e os biscoitos temperados, direto para a mesa do arcebispo — ele ainda não era cardeal na época. Quando as sobras e migalhas voltavam, eram divididas. A melhor parte ia para a equipe da cozinha. Em seguida, os restos eram enviados ao asilo e ao hospital, ou dados aos mendigos nos portões. O que não servia para nenhum destes descia ao fim da fila, para as crianças e os porcos.

A cada manhã e noite, os meninos ganhavam seu sustento subindo as escadas dos fundos com cerveja e pão para encher os guarda-comidas dos jovens da nobreza que trabalhavam como pajens do cardeal. Os pajens vinham de boas famílias. Eles serviam à mesa e assim se tornavam conhecidos de homens importantes; ouviam as conversas e aprendiam com elas. Quando não atendiam à mesa, os rapazes estudavam os grandes livros de seus professores de música e outros mestres, que passavam de um lado a outro da casa portando ramalhetes e frascos de perfume e conversando em grego. Um dos pajens foi apontado ao menino: era o mestre Thomas More, que o próprio arcebispo dizia destinado a ser um grande homem, já tão profundo em conhecimento e de inteligência tão agradável.

Um dia, o garoto levou uma broa de trigo, colocou-a no guarda-comida e ficou ali parado por um tempo, e mestre Thomas More disse: “Por que está parado aí?”. Mas ele não atirou nada contra o menino. “O que tem nesse livro grande?”, perguntou o garoto, e More respondeu sorrindo: “Palavras, palavras, apenas palavras”.

Este ano, o mestre More fará catorze anos, alguém diz, e partirá para Oxford. Thomas não sabe onde fica Oxford, e também não sabe se More quer mesmo ir para lá ou se alguém o mandou. Um garoto tem de ir aonde o mandam; e mestre Thomas ainda não é um adulto.

Catorze é duas vezes sete. Eu tenho sete?, pergunta o menino. Não responda sim só por responder. Diga, eu tenho mesmo? O pai retruca, pelo amor de Deus, Kat, invente uma data de aniversário para ele. Diga qualquer coisa, só para que ele cale essa boca.

Quando o pai exclama: estou farto de ver sua cara, Thomas some de Putney e se instala em Lambeth. Quando tio John diz: já temos garotos suficientes esta semana, e cabeça vazia é oficina do diabo, ele volta para Putney. De vez em quando, ele recebe um presente para levar de volta a casa. Às vezes é uma braçada de pombos atados pelos pés, com bicos abertos e ensanguentados. Ele caminha pela margem do rio rodopiando os pombos sobre a cabeça, e eles parecem voar, até que alguém grita, pare com isso! Ele não pode fazer nada sem que alguém grite. E por acaso isso é alguma surpresa?, indaga tio John, se você se mete em qualquer confusão que aparece, se tem mania de dar respostas atravessadas e indubitavelmente se mete onde não deve?

Numa pequena câmara fria ligada aos corredores da cozinha, há uma mulher chamada Isabella que modela figuras de marzipã para que o arcebispo e seus amigos façam peças de teatro depois da ceia. Algumas figuras são heróis, como o príncipe Alexandre, o príncipe César. Alguns são santos. Hoje estou fazendo são Tomás, ela diz. Um dia ela faz animais de marzipã e dá ao menino um leão. Pode comer, ela diz. Ele quer guardar o leão, mas Isabella diz que a figura logo se desmanchará em pedaços. Ela pergunta: “Você não tem mãe?”.

Ele aprende a ler com as ordens rabiscadas para trazer farinha ou feijões secos, cevada e ovos de pata que saem das despensas dos intendentess. Para Walter, a utilidade de saber ler é tirar

vantagem das pessoas que não sabem; pelo mesmo motivo, um homem deve aprender a ler. Assim, o pai o manda tomar aulas com o padre. Contudo, Thomas vive levando novas broncas, pois os padres têm regras muito estranhas; o garoto deve sair de casa especialmente para ir à aula, e não se dirigir para lá no meio do caminho de qualquer outra coisa que esteja fazendo; não pode levar um sapo na bolsa nem canivetes que precisem ser afiados; também não pode aparecer cortado ou machucado por uma daquelas portas (portas chamadas Walter) com que ele vive trombando. O padre grita, esquece de alimentá-lo, e assim ele vai para Lambeth de novo.

Nos dias que Thomas aparece em Putney, o pai diz: por todos os santos, por onde você andou? — diz isso a menos que esteja dentro de casa, deitado em cima de alguma madrasta do filho. Algumas madrastas duram tão pouco que o menino nem chega a conhecê-las, pois, quando ele volta para casa, o pai há muito se cansou delas e as mandou embora com um chute; mas Kat e Bet depois lhe contam sobre as mulheres, às gargalhadas. Uma vez, vendo-o entrar todo sujo e molhado, a madrasta daquele dia diz: “Quem é esse menino?”, e tenta enxotá-lo para fora.

Um dia, quando Thomas está quase chegando em casa, encontra a primeira Bella jogada na rua e vê que ninguém a quer. Ela não é maior que um camundongo e está tão perplexa e gelada que nem mesmo consegue chorar. Thomas a leva para casa numa só mão, na outra um pequeno queijo envolto em folhas de salva.

A cadela morre. Sua irmã Bet diz, você pode arranjar outro cachorro. Ele procura nas ruas, mas não encontra. Há cães, mas eles pertencem a outras pessoas.

O trajeto de Lambeth a Putney pode levar muito tempo, e às vezes Thomas termina por comer o presente, se não for algo cru. Mas quando só ganha um repolho, ele o chuta e o faz rolar pelo chão e o despedaça até a verdura ficar completamente imprestável.

Em Lambeth, ele segue os intendentess por todo lado, e quando eles dizem um número, ele sempre se lembra; e então as pessoas começaram a dizer: se você não tem tempo para anotar, apenas diga ao sobrinho do John. Ele bate o olho num saco de qualquer coisa encomendada e depois aconselha o tio a verificar se o peso está adulterado.

Em Lambeth, à noite, quando ainda há luz e todas as painéis já estão areadas, os meninos saem para o pátio e jogam futebol. Seus gritos se erguem no ar. Eles se xingam e se trombam e às vezes trocam socos e mordidas até que alguém os mande parar. Da janela aberta no alto, os jovens fidalgos entoam uma cantiga no tom agudo e cuidadoso que aprendem nas aulas de música.

Às vezes, o rosto de mestre Thomas More aparece. O menino Thomas acena para ele, mas More olha para baixo sem reconhecer as crianças. Ele sorri de maneira imparcial; sua mão branca de erudito se aproxima dos quebra-ventos. A lua se eleva; os pajens se deitam em seus beliches; os meninos da cozinha se enrolam em sacos e dormem junto ao fogão.

Ele recorda uma noite de verão em que os jogadores ficaram em silêncio, olhando para o céu. Era crepúsculo. A nota de uma flauta doce pairava no ar, aguda e penetrante. Um rouxinol pegou a nota e cantou de um arbusto junto ao portão marginal. Um barqueiro assoviou do rio.

1527: quando o cardeal volta da França, imediatamente começa a ordenar banquetes. Embaixadores franceses são esperados para cravar o selo em sua concordata. Nada, ele diz, nada será bom demais para esses cavalheiros.

A corte deixa Beaulieu no dia 27 de agosto. Pouco depois, Henrique reencontra o recém-chegado cardeal, frente a frente pela primeira vez desde junho. “Você ouvirá que o rei me recebeu com frieza”, diz Wolsey, “mas garanto que não foi o caso. Ela, Lady Ana, estava presente... isso é verdade.”

Pelo visto, grande parte de sua missão foi um fracasso. Os cardeais não quiseram encontrá-lo em Avignon: deram a desculpa de que não desejavam descer para o sul no calor. “Mas agora”, ele diz, “eu tenho um plano melhor. Pedirei ao papa que me envie um emissário, e tentarei avançar o assunto do rei na Inglaterra.”

Enquanto o senhor estava na França, ele diz, minha mulher faleceu.

O cardeal ergue os olhos. Suas mãos voam para o coração. A direita desliza para o crucifixo e ele pergunta como ocorreu. Ele ouve. Seu polegar corre pelo corpo torturado de Deus: incessantemente, como se fosse um pedaço de metal qualquer. Ele baixa a cabeça. Murmura: “Aquele a quem o Senhor ama...”. Os dois ficam em silêncio. Para rompê-lo, ele começa a fazer perguntas desnecessárias ao cardeal.

Ele não tem grande necessidade de ouvir um relato sobre as táticas do verão recém-encerrado. O cardeal prometeu ajudar a financiar um exército francês que invadirá a Itália e tentará expulsar o imperador. Enquanto isso, o papa, que perdeu não apenas o Vaticano, mas também os Estados papais, e viu Florença expulsar seus parentes Médici, ficará grato e comprometido com o rei Henrique. Mas quanto a qualquer aproximação de longo prazo com os franceses — ele, Cromwell, partilha do ceticismo de seus amigos da cidade. Se você já caminhou pelas ruas de Paris ou Rouen e viu uma mãe puxando o filho pela mão e dizendo: “Pare com essa gritaria ou vou chamar um inglês”, fica inclinado a acreditar que qualquer acordo entre os dois países será formal e efêmero. Os ingleses jamais serão perdoados pelo talento para a destruição que sempre exibem quando saem de sua própria ilha. Os exércitos ingleses devastaram todas as terras que atravessaram. É como se, sistematicamente, executassem cada ação proibida pelos códigos da cavalaria e rompessem cada uma das leis da guerra. As batalhas não eram nada; o que deixava sua marca era o que eles faziam entre cada uma delas. Roubavam e estupravam num raio de

quarenta milhas em torno da linha de sua marcha. Queimavam as plantações nos campos e as casas com as pessoas dentro. Recebiam suborno em moedas e em posses, e quando acampavam num distrito, obrigavam as pessoas a pagar por cada dia que escapavam ilesas. Matavam padres e os penduravam nus nas praças dos mercados. Como se fossem infiéis, saqueavam as igrejas, embalavam os cálices entre sua bagagem, alimentavam as fogueiras com livros preciosos; atiravam fora os relicários e depenavam altares. Encontravam as famílias dos mortos e exigiam resgate pelos corpos; se os vivos não podiam pagar, ateavam fogo aos cadáveres sob seus olhos, sem cerimônia, sem uma única prece, livrando-se dos mortos como alguém faria com carcaças de gado doente.

Assim sendo, os reis podem conceder perdão uns aos outros; o povo dificilmente fará o mesmo. Ele não diz isso a Wolsey, que já tem más notícias suficientes com que lidar. Durante a ausência do cardeal, o rei mandou seu enviado pessoal a Roma, para negociações secretas. O cardeal descobriu; e a ação não deu em coisa alguma, claro. “Mas se o rei não é franco o bastante comigo, isso não ajuda em nada nossa causa.”

Ele jamais lidara com tamanha hipocrisia. Eis o fato: o rei sabe que seu caso é fraco em termos legais. Ele sabe, mas não quer admitir. Em sua cabeça, ele se convenceu de que jamais esteve casado e, portanto, é livre para se casar agora. Melhor dizendo, sua vontade está convencida, mas sua consciência não. Ele conhece a lei canônica e, em certos pontos, já passou de conhecedor a especialista. Como irmão mais novo, Henrique foi criado e treinado para a Igreja e para seus mais altos postos. “Se o irmão de sua majestade, Artur, tivesse sobrevivido”, diz Wolsey, “Henrique teria sido cardeal, e não eu. É algo a se pensar. Sabe, Thomas, eu não tiro um dia de folga desde... desde que entrei naquela barca, acho. Desde o dia em que fiquei enjoado a bordo, lá em Dover.”

Certa vez, eles cruzaram juntos o mar Estreito. O cardeal ficou enclausurado em sua cabine, clamando por Deus, mas ele, acostumado à viagem, passou o tempo no convés, fazendo desenhos das velas e cordames, de barcos imaginários com cordames imaginários, e tentando persuadir o capitão — “sem querer ofender sua pessoa” — de que havia uma forma de viajar mais rápido. O capitão pensou a respeito e respondeu: “Quando você for proprietário de um navio mercante, pode fazer do seu jeito. Claro, qualquer navio cristão achará que vocês são piratas, então não venha procurar ajuda quando se meter em dificuldades. Marujos”, explicou o capitão, “não gostam de novidades.”

“Ninguém gosta”, ele respondeu. “Não pelo que eu sei.”

Não pode haver novidades na Inglaterra. Coisas velhas podem ser apresentadas de modo novo, ou coisas novas podem fingir ser velhas. Para ganhar confiança, novos homens devem forjar para si uma linhagem antiga, como no caso de Walter, ou entrar no serviço das famílias antigas. Não tente chegar lá por conta própria, ou pensarão que você é um pirata.

Este verão, com o cardeal de volta a terra firme, ele recorda aquela viagem. Quase espera que o inimigo emparelhe e comece uma batalha corpo a corpo.

Mas, por ora, ele desce até a cozinha para ver como os criados estão preparando as obras-primas que impressionarão os enviados franceses. Eles já têm o campanário instalado sobre um modelo de pasta açucarada da catedral de São Paulo, mas têm problemas com a cruz e a esfera no alto. Ele diz: “Façam leões de marzipã; o cardeal quer leões”.

Os criados reviram os olhos e pensam, será que não vai acabar nunca?

Desde que voltou da França, seu amo anda atipicamente mal-humorado. Não são apenas os evidentes fracassos que o irritam, mas o trabalho sujo nos bastidores. Sátiras e calúnias foram impressas contra ele e, tão rápido quanto ele as comprava, já havia

outro lote nas ruas. Cada ladrão da França parecia convergir para seu comboio de bagagens; em Compiègne, embora ele postasse uma guarda dia e noite para cuidar de suas baixelas de ouro, descobriram depois que um garotinho subia e descia as escadas dos fundos, passando os pratos para algum ladrão adulto que o treinara.

“O que aconteceu? Vocês o pegaram?”

“O ladrão foi posto no tronco. O menino fugiu. Depois, certa noite, um vilão entrou na minha câmara e talhou uma fenda junto à janela...” E na manhã seguinte, atravessando névoa e chuva, um raio do sol nascente iluminou uma força da qual pendia um barrete de cardeal.

Mais uma vez, o verão foi chuvoso. Ele poderia jurar que jamais houve luz na terra. A colheita está arruinada. O rei e o cardeal trocam receitas de pílulas. Se por acaso espirra, o rei determina que se trata de segurança de Estado e prescreve para si um dia tranquilo de composição musical ou passeios — se a chuva estiar — em seus jardins. À tarde, ele e Ana às vezes se recolhem em privado. O boato que corre é de que ela deixa que o rei tire suas roupas. À noite, o bom vinho afasta o frio e Ana, que lê a Bíblia, destaca importantes citações das Escrituras para ele. Depois do jantar, Henrique fica pensativo, confessa que imagina o rei da França rindo dele, e acha que o imperador também ri. Depois do anoitecer, o rei está desesperado de amor. Ele fica melancólico, às vezes inalcançável. Ele bebe e dorme pesadamente; dorme só. Ele acorda e, por ser um homem forte e ainda jovem, encontra-se otimista, lúcido, pronto para o novo dia. À luz do dia, sua causa parece possível.

Mesmo adoentado, o cardeal não para de trabalhar. Continua diante de sua mesa, espirrando, sentindo dor e reclamando.

Em retrospecto, é simples ver onde começou o declínio do cardeal, ainda que na época não tenha sido fácil. Olhando para trás,

ele recorda uma viagem pelo mar. O horizonte escapava confusamente, e a terra firme se perdia em meio à névoa.

Outubro chega e suas irmãs, junto com Mercy e Johane, pegam as roupas de sua falecida esposa e as refazem cuidadosamente em novas vestes. Nada é descartado. Cada pedaço de bom tecido é transformado em outra coisa.

No Natal, a corte canta:

*As the holly groweth green
And never changes hue
So I am, and ever hath been
Unto my lady true.*

*Green groweth the holly, so doth the ivy.
Though winter blasts blow ever so high.*

*As the holly groweth green,
With ivy all alone,
When flowers cannot be seen
And green-wood leaves be gone,
Green groweth the holly.[4]*

Primavera, 1528: Thomas More se aproxima devagar, cordial e desleixado. “O homem certo”, diz ele. “Thomas, Thomas Cromwell. Exatamente o homem que eu queria ver.”

Ele é afável, sempre afável; o colarinho de sua camisa está encardido. “Pretende ir a Frankfurt este ano, mestre Cromwell? Não? Pensei que o cardeal o enviaria à feira, para metê-lo entre os livreiros heréticos. Ele anda gastando um bom dinheiro na compra dos escritos deles, mas a maré de imundície nunca diminui.”

Em seus panfletos contra Lutero, More chama o germânico de merda. Diz que sua boca é como o ânus do mundo. Ninguém

imaginaria que tais palavras pudessem brotar de Thomas More, mas brotam. Ninguém jamais fizera do latim um idioma tão obscuro.

“Não é exatamente minha área”, ele diz, “esse negócio de livros de hereges. A questão dos hereges do exterior se resolve no exterior. A Igreja é universal.”

“Ah, mas quando esses homens da Bíblia chegarem à Antuérpia, o senhor sabe... Que cidade aquela! Nenhum bispo, nenhuma universidade, nenhum local de aprendizado adequado, nenhuma autoridade apropriada para deter a proliferação das pretensas traduções, traduções das Escrituras que, na minha opinião, são maliciosas e deliberadamente enganosas... Mas já sabe disso, claro, o senhor passou alguns anos por lá. E agora Tyndale foi visto em Hamburgo, dizem. O senhor o reconheceria se o visse, não?”

“Tanto quanto o bispo de Londres. E o senhor mesmo, talvez.”

“Verdade. Verdade.” More pondera. Ele morde o lábio. “E o senhor me dirá: ora, isso não é trabalho para um advogado, correr atrás de traduções falsas. Mas eu espero conseguir meios para agir contra os irmãos subversivos, entende?” Os *irmãos*, ele diz, sua piadinha particular; More destila desprezo. “Se isso configurar crime contra o Estado, nossos tratados entram em cena e posso mandar extraditá-los para que respondam por si mesmos numa jurisdição mais severa.”

“Encontrou subversão nos escritos de Tyndale?”

“Ah, mestre Cromwell!” More esfrega as mãos. “Eu me divirto com o senhor, realmente me divirto. Agora sei como se sente uma noz-moscada quando é ralada. Um homem menos talentoso... um advogado menos talentoso diria: ‘Eu li o trabalho de Tyndale e não vi nenhuma falha nele’. Mas ninguém passa a perna em Thomas Cromwell; ele devolve a pergunta e me diz, *o senhor* leu Tyndale? E eu admito. Estudei o homem. Revirei suas supostas traduções e o fiz letra por letra. Eu o li, claro que sim. Com permissão. Do meu bispo.”

“Diz o Eclesiastes: ‘Aquele que toca no piche ficará manchado’. A menos que seu nome seja Thomas More.”

“Ora, ora, eu sabia que o senhor era um leitor da Bíblia! Muito hábil. Mas se um padre ouve uma confissão, e o assunto é depravado, isso faz do padre um sujeito depravado?” Por distração, More tira o chapéu e o dobra nas mãos casualmente, amassando-o em dois; seus olhos claros e cansados olham em torno, como se ele pudesse ser questionado de todos os lados. “E acredito que o cardeal de York em pessoa permitiu que seus jovens teólogos do Cardinal College lessem os panfletos sectários. Talvez ele inclua o mestre Thomas Cromwell na sua dispensa. Sim?”

Seria estranho se o cardeal incluísse seu advogado; mas, de qualquer modo, o trabalho dos advogados é estranho de maneira geral. “Estamos andando em círculos”, ele responde.

More abre um grande sorriso. “Bem, em todo caso, é primavera. Logo, todos nós dançaremos em torno do mastro das festas de maio. Bom clima para uma viagem marítima. O senhor poderia aproveitar a oportunidade para fazer alguns negócios no mercado de lã, a não ser que ultimamente só esteja tirando o couro dos homens. E se o cardeal lhe pedisse para ir a Frankfurt, imagino que iria, não? Afinal, quando o cardeal quer derrubar algum pequeno monastério, quando acha que lá encontrará doações polpudas, que os monges estão velhos e, Deus os abençoe, um pouco instáveis na sua lucidez; quando acha que os celeiros estão cheios e os lagos repletos de peixes, o gado gordo e o abade velho e esquelético... lá vai ele, Thomas Cromwell. Norte, sul, leste ou oeste. Mestre Cromwell e seus pequenos aprendizes.”

Se outro homem dissesse essas coisas, estaria procurando briga. Quando é Thomas More quem fala, tudo termina num convite para jantar. “Venha a Chelsea”, continua ele. “A conversa é excelente e, se o senhor aparecer para abrilhantá-la, nós apreciaremos. Nossa comida é simples, mas boa.”

Tyndale diz que um menino lavando pratos na cozinha é tão agradável aos olhos de Deus quanto um pregador no púlpito ou o apóstolo no mar da Galileia. Talvez, ele pensa, eu não deva mencionar a opinião de Tyndale.

More pousa a mão em seu braço. “Não tem planos de se casar de novo, Thomas? Não? Talvez seja sábio. Meu pai sempre diz, escolher uma esposa é como enfiar a mão num saco cheio de bichos, com um peixe para cada seis serpentes. Quais são as chances de tirar o peixe?”

“Seu pai se casou o quê, três vezes?”

“Quatro.” Ele sorri. O sorriso é real; enrugando o canto de seus olhos. “Seu criado, Thomas”, ele diz, afastando-se lentamente.

Quando a primeira esposa de More faleceu, a sucessora já estava na casa antes que o cadáver esfriasse. More quase foi padre, mas a carne humana o chamou com suas exigências inconvenientes. Ele não desejava ser um mau padre e, portanto, tornou-se um marido. More se apaixonara por uma garota de dezesseis anos, mas a irmã dela, aos dezessete, ainda não estava casada; ele escolheu a mais velha, para que o orgulho da moça não ficasse ferido. Ele não a amava; ela não sabia ler nem escrever. More acalentara esperanças de que isso pudesse ser consertado, mas, pelo visto, não foi o que aconteceu. Ele tentou obrigá-la a decorar os sermões, mas ela reclamava e era teimosa em sua ignorância; More a levou para a casa do pai, que sugeriu espancá-la, o que a apavorou tanto que ela jurou nunca mais reclamar. “E ela nunca mais reclamou”, More costuma dizer. “Mas também não aprendeu sermão algum.” Ao que parece, ele considerou as negociações satisfatórias: a honra foi preservada em todos os lados. A mulher teimosa lhe deu filhos, e quando ela faleceu, aos vinte e quatro anos, ele se casou com uma viúva da cidade, já avançada em anos e teimosia: outra que não sabia ler. Aí está: você é tão complacente consigo mesmo a ponto de insistir em viver com uma

mulher, então, pelo bem de sua alma, viva com alguma de quem realmente não goste.

O cardeal Campeggio, a quem o papa enviou à Inglaterra a pedido de Wolsey, foi um homem casado antes de ser padre, o que o torna especialmente adequado para auxiliar o cardeal — que, é claro, não tem qualquer experiência em problemas conjugais — no próximo estágio da jornada para frustrar o desejo do coração do rei. Embora o exército imperial tenha recuado de Roma, uma primavera inteira de negociações fracassou em produzir qualquer resultado definitivo. Stephen Gardiner esteve em Roma com uma carta do cardeal, enaltecendo Lady Ana, tentando dissuadir o papa de qualquer opinião que ele talvez acalente de que o rei se comporta de modo voluntarioso e caprichoso em sua escolha de noiva. O cardeal ponderou longamente sobre a carta, listando as virtudes de Ana, escrevendo de próprio punho. “Modéstia feminina... castidade... posso dizer castidade?”

“Melhor dizer.”

O cardeal ergueu os olhos. “Você sabe de alguma coisa?” Ele hesitou, depois voltou à carta. “Apta a produzir filhos? Bem, a família dela é fértil. Filha amável e fiel à Igreja... Talvez exagerando um pouco... dizem que ela mantém na sua câmara as Escrituras em francês, e que deixa suas criadas lerem, mas eu não tenho certeza a esse respeito...”

“O rei Francisco permite traduções da Bíblia em francês. Ela aprendeu as Escrituras na França, suponho.”

“Ah, mas veja bem, mulheres. Mulheres lendo a Bíblia, aí há outro ponto de contenda. Ela sabe qual é o lugar que o Irmão Martinho considera apropriado para a mulher? Não deveríamos chorar, ele diz, se nossa esposa ou filha morre no parto: ela está apenas cumprindo a função para a qual Deus a criou. Muito severo, o Irmão Martinho, muito intratável. E talvez Ana não seja uma herege. Talvez sejam apenas calúnias contra ela. Talvez apenas não

tenha paciência com os homens da Igreja. Eu gostaria que ela não me culpasse pelas suas dificuldades. Que não me culpasse tanto.”

Lady Ana envia mensagens amigáveis ao cardeal, mas ele acredita que não são sinceras. “Se”, diz Wolsey, “eu visse uma perspectiva de anulação para o rei, iria ao Vaticano em pessoa, abriria minhas veias e permitiria que os documentos fossem escritos com meu próprio sangue. Você acha que se Lady Ana soubesse disso, ficaria satisfeita? É, também acho que não, mas se acaso vir qualquer um dos Bolena, proponha isso a eles. Aliás, imagino que conhece uma pessoa chamada Humphrey Monmouth? Ele é o homem que hospedou Tyndale na sua casa por seis meses, antes que este fugisse para outro lugar qualquer. Dizem que Monmouth ainda manda dinheiro a Tyndale, mas não há como ser verdade, afinal, de que forma ele saberia para onde mandar? Monmouth... Só estou mencionando o nome dele porque... bem, por que estou mencionando mesmo?” O cardeal fechou os olhos. “Estou mencionando por mencionar.”

O bispo de Londres já encheu suas próprias prisões. Ele mantém luteranos e sectários sob custódia nas prisões de Newgate e Fleet, junto aos criminosos comuns. Lá eles ficam até que abjurem e façam uma penitência pública. Se reincidirem, serão queimados; não há segunda chance.

Ao ser vasculhada, a casa de Monmouth não revela qualquer escrito suspeito. É como se alguém o houvesse avisado. Não há livros nem cartas que o liguem a Tyndale e seus amigos. Mesmo assim, ele é levado para a Torre. Sua família fica aterrorizada. Monmouth é um homem bondoso e paternal, um mestre tecelão admirado em sua guilda e na cidade inteira. Ele ama os pobres e compra tecidos mesmo quando o mercado anda mal, para que os tecelões continuem trabalhando. Sem dúvida, o objetivo da detenção é arruiná-lo; quando ele é finalmente solto, seu negócio está vacilante. As autoridades têm de libertá-lo por falta de provas,

pois não se pode inventar uma acusação a partir de um monte de cinzas na lareira.

Se Thomas More pudesse decidir sobre o tema, o próprio Monmouth já seria um monte de cinzas. “Ainda não se decidiu a nos visitar, mestre Cromwell?”, pergunta ele. “Continua partilhando pão seco em porções? Bem, minha língua é mais ferina do que merece. Temos que ser amigos, como o senhor sabe.”

Soa como uma ameaça. More se afasta, balançando a cabeça: “Temos que ser amigos”.

Cinzas, pão seco. A Inglaterra sempre foi, segundo o cardeal, um país miserável, lar de um povo errante e abandonado, que vive a trabalhar vagarosamente por sua libertação e recebe de Deus tribulações especiais. Se a Inglaterra se encontra sob a maldição de Deus ou sob algum feitiço maligno, durante certa época o feitiço pareceu romper-se por obra do rei dourado e de seu dourado cardeal. Mas os anos dourados acabaram e, neste inverno, o mar congelará; aqueles que virem o acontecido, lembrarão dele pelo resto da vida.

Johane se mudou para a casa de Austin Friars com o marido, John Williamson, e a filha, a pequena Johane — Jo, como as crianças costumam chamá-la, vendo que é pequena demais para ter um nome inteiro. John Williamson é necessário aos negócios dos Cromwell.

“Thomas”, pergunta Johane, “qual é exatamente seu negócio hoje em dia?”

Assim, ela usa a conversa para retê-lo. “Nosso negócio”, ele responde, “é enriquecer pessoas. Há muitas formas de fazer isso, e John me ajudará com elas.”

“Mas John não terá que lidar com o lorde cardeal, terá?”

O boato é de que certas pessoas — pessoas de influência — reclamaram com o rei sobre as casas monásticas que o cardeal mandou fechar, e o rei reclamou com Wolsey. Eles não pensam no

bom uso que o cardeal deu aos bens; não pensam nas universidades, nos estudantes que ele patrocina, nas bibliotecas que está fundando. Só estão interessados em meter a própria mão nos espólios. E por terem sido cortados do negócio, fingem crer que os monges foram deixados à míngua e aos prantos na rua. Pois não é verdade: eles foram transferidos para outros locais, outras casas com administração mais eficiente. Alguns mais jovens foram dispensados, garotos que não têm qualquer vocação para a vida monástica. Quando os interroga, ele geralmente descobre que os rapazes não sabem nada, o que invalida as alegações de que os abades são as luzes do aprendizado. Os meninos conseguem gaguejar uma ou outra prece em latim, mas quando ele pede: “Vamos, diga qual é o significado”, eles respondem: “Significado, senhor?”, como se pensassem que a relação entre palavras e seus significados é tão frouxa que o fio pode se romper ao primeiro puxão.

“Não se preocupe com o que dizem os outros”, ele aconselha Johane. “Eu me responsabilizo por tudo, eu, sozinho.”

O cardeal recebeu as reclamações com suprema altivez. Implacável, anotou em seu arquivo o nome de cada um dos queixosos. Depois, tirou a lista do arquivo e a entregou a seu braço direito com um sorriso contido. Tudo que lhe importa são seus novos prédios, seus estandartes ao vento, seu brasão gravado na fachada de tijolos, seus estudantes de Oxford; ele faz incursões em Cambridge para levar os jovens médicos mais brilhantes para o Cardinal College. Houve problemas antes da Páscoa, quando o reitor descobriu que seis dos novos estudantes estavam de posse de certa quantidade de livros proibidos. Não hesite em prendê-los, disse Wolsey; prenda os rapazes e os chame à razão. Se o clima não estiver quente demais, ou úmido demais, talvez eu apareça para argumentar pessoalmente com eles.

Tentar explicar isso a Johane é inútil. Ela só quer saber se o marido não está ao alcance das calúnias que dardejам lá e cá.

“Imagino que saiba o que está fazendo.” Ela lança o olhar para o alto. “Pelo menos você sempre parece saber, Tom.”

Sua voz, seu passo, a sobrancelha erguida, o sorriso pontual, tudo nela faz lembrar Liz. Às vezes ele se vira, achando que Lizzie entrou na sala.

Os novos arranjos confundem Grace. Ela sabe que o primeiro marido da mãe se chamava Tom Williams; eles o mencionam nas preces da casa. Então o tio Williamson é filho dele?, ela pergunta. Johane tenta explicar.

“Poupe saliva”, diz Anne. Ela toca a cabeça da menina. Seus dedos ágeis saltitam das minúsculas pérolas no toucado da menina. “Lerda”, ela diz.

Mais tarde, ele diz à filha mais velha: “Grace não é lerda, só é muito pequena”.

“Não me lembro de ter sido tonta desse jeito.”

“Quer dizer que todos são lerdos, menos nós dois? É isso mesmo?”

De certa forma, a expressão de Anne insinua que é isso mesmo. “Por que as pessoas se casam?”

“Para que nasçam crianças.”

“Cavalos não se casam. Mas os potros nascem.”

“A maioria das pessoas”, diz ele, “sente que casar aumenta a felicidade.”

“Ah, sim, claro”, diz Anne. “Posso escolher meu marido?”

“Claro”, ele responde, até certo ponto com sinceridade.

“Então eu escolho Rafe.”

Por um minuto, por dois minutos até, ele sente que sua vida talvez tenha remédio. Mas depois pensa, como eu poderia pedir a Rafe que espere por ela? O rapaz precisa construir a própria família. Mesmo daqui a cinco anos, Anne ainda será uma noiva muito jovem.

“Eu sei”, ela diz. “E o tempo passa tão devagar...”

É verdade; sempre parece que estamos esperando por alguma coisa. “Pelo visto, você já pensou em tudo”, ele diz. Ele não precisa dizer, guarde o assunto para si, porque ela sabe fazer isso; não é necessário guiar essa menina por uma conversa cheia de pequenos enredos e protelações, como a maioria das mulheres exige. Anne não é uma flor, um rouxinol; ela é como... como um mercador ousado, ele pensa. Olhos nos olhos para decifrar as intenções do outro, e um acordo selado com um aperto de mão.

Anne tira a touca; torce o fio de pérolas entre os dedos e puxa uma mecha de cabelos escuros, esticando-a e desfazendo sua ondulação. Ela reúne o resto do cabelo, torce-o e o enrola em torno do pescoço. “Eu poderia dar duas voltas”, diz ela, “se meu pescoço fosse menor.” Ela parece irritadiça. “Grace acha que não posso me casar com Rafe porque somos parentes. Ela acha que todo mundo que mora na mesma casa é primo.”

“Você não é prima de Rafe.”

“Tem certeza?”

“Tenho. Anne... ponha sua touca de volta. O que sua tia vai dizer?”

Ela faz uma carranca. É uma expressão que imita a de tia Johane. “Ah, Thomas”, murmura ela, “você sempre tem tanta certeza de tudo!”

Ele ergue a mão para cobrir seu sorriso. Por um momento, Johane parece menos preocupante. “Ponha a touca”, ele diz, com delicadeza.

Anne enfia a touca de volta na cabeça. Ela é tão pequena, ele pensa; e mesmo assim combinaria mais com um elmo. “Como Rafe veio parar aqui?”, pergunta ela.

Rafe veio de Essex, porque é o lugar em que seu pai por acaso vivia na época. O pai, Henry, foi intendente de Sir Edward Belknap, que era primo da família Grey e assim parente do marquês de Dorset, patrono de Wolsey quando o cardeal estudou em Oxford. Portanto,

sim, há primos nessa história; e também o fato de que, quando fazia apenas dois ou três anos que ele voltara à Inglaterra, já pertencia, de algum modo, ao círculo de relações do cardeal, embora jamais tivesse visto o grande homem em pessoa; ele, Cromwell, já era um homem útil de se empregar. Ele trabalhou para a família Dorset em vários de seus emaranhados processos penais. A velha marquesa o fazia procurar cortinados para a cama e tapetes para ela. Mande isso para lá. Esteja acolá. Para ela, todo mundo era serviçal. Se ela queria uma lagosta ou um esturjão, mandava encomendar, e se queria bom gosto, mandava encomendar do mesmo jeito. A marquesa passava a mão por sedas florentinas, soltando gritinhos de prazer. “O senhor conseguiu, mestre Cromwell”, dizia ela. “E são lindíssimas. Sua próxima tarefa é descobrir como vamos pagar por elas.”

Em algum lugar desse labirinto de obrigações e deveres, ele conheceu Henry Sadler, e concordou em levar o menino para sua casa. “Ensine a ele tudo o que sabe”, propôs Henry, um tanto temeroso. Ele combinou que buscaria Rafe quando estivesse voltando dos negócios que faria naquela parte do país, mas escolheu um péssimo dia para isso: lama e chuva torrencial, nuvens assomando da costa. Não passava muito das duas horas quando ele chegou ensopado à porta, mas a luz já sumia; não acha melhor ficar?, sugeriu Henry Sadler, não conseguirá chegar a Londres antes que fechem os portões. Vou tentar chegar em casa esta noite, ele respondeu. Tenho que me apresentar à corte, e também há os credores de Lady Dorset para enxotar, sabe como é isso... A sra. Sadler olhou para fora, apavorada, e baixou os olhos para seu filho, de quem ela teria de se separar, confiando-o, com a idade de sete anos, ao clima e às estradas.

Isso não era crueldade, era simplesmente hábito. Mas Rafe era tão pequeno que ele quase achou a situação cruel. Seus cachos de criança foram tosados e seu cabelo ruivo se eriçava no topo da cabeça. A mãe e o pai se ajoelharam e o afagaram. Depois o

cobriram, repuxaram-no e ataram-no com múltiplas camadas de vestes superpostas, tanto que sua silhueta franzina se inflou até o formato de um pequeno barril. Ele baixou os olhos para a criança, examinou a chuva lá fora e pensou: de vez em quando eu deveria ficar num lugar quente e seco como os outros homens; por que eles vivem assim e eu jamais consigo? A sra. Sadler se ajoelhou e prendeu o rosto do filho entre as mãos.

“Lembre-se de tudo que lhe dissemos”, murmurou ela. “Faça suas preces. Mestre Cromwell, por favor, assegure-se de que ele faça suas preces.”

Quando ela ergueu os olhos, ele viu que estavam turvados por lágrimas e que a criança já não aguentava mais: tremia em seu enorme envoltório e estava prestes a berrar de sofrimento. Ele enrolou-se na própria capa. Algumas gotas de água esvoaçaram, batizando a cena.

“Bem, Rafe, o que acha? Se você for homem o bastante...” Ele ergueu a mão enluvada. A mão da criança se encaixou na sua. “Vamos ver até onde conseguimos chegar?”

Pensou: é melhor fazer isso rápido para que você não olhe para trás. O vento e a chuva empurraram os pais de volta para dentro. Ele alçou Rafe para a sela. A chuva os fustigava horizontalmente. Nos limites de Londres, o vento diminuiu.

Naquela época, ele morava na Fenchurch Street. À porta, um criado abriu os braços, oferecendo-se para pegar Rafe, mas ele disse: “Nós, os afogados, vamos nos manter juntos”.

A criança se tornou um peso morto em seus braços, um corpo encolhido dentro de sete camadas ensopadas de lã. Ele pôs Rafe de pé junto ao fogo; vapores se elevaram do menino. Animado pelo calor, ele abriu os dedinhos gelados e começou a se desatar e se desenovelar. Que lugar é este?, perguntou Rafe, num tom distinto e educado.

“Londres”, ele respondeu. “Fenchurch Street. Nossa casa.”

Ele pegou uma toalha de linho e delicadamente limpou do rosto do menino a jornada recém-concluída. Ele lhe esfregou a cabeça. Os cabelos de Rafe se eriçaram como espetos. Liz entrou. “Deus me guie: menino ou porco-espinho?” Rafe virou o rosto para ela. Ele sorriu. E adormeceu, de pé.

Quando a doença do suor volta, no verão de 1528, as pessoas dizem, como disseram no ano anterior, que quem não pensar no assunto, não vai pegar. Mas como não pensar? Ele manda as meninas para Londres; primeiro para a casa de Stepney e depois mais longe. Dessa vez, a corte é infectada. Henrique tenta fugir da peste, pulando de um refúgio de caça a outro. Ana Bolena é mandada para Hever. Lá, a febre irrompe entre os Bolena, e o primeiro a adoecer é o pai da moça. Ele sobrevive; o esposo de Maria, irmã de Ana, morre. Ana caiu doente, mas dizem que depois de vinte e quatro horas já estava de pé. Mesmo assim, a doença pode devastar a aparência de uma mulher. Não sei por qual resultado rezar, diz ele ao cardeal.

O cardeal comenta: “Eu oro pela rainha Catarina... e também pela estimada Lady Ana. Estou orando pelos exércitos do rei Francisco na Itália, que tenham êxito, mas não tanto êxito a ponto de esquecer o quanto precisam do seu amigo e aliado, o rei Henrique. Eu oro por sua majestade e todos os seus conselheiros, e pelos animais no campo, e pelo Santo Padre e pela Cúria, que suas decisões sejam guiadas do alto. Rezo por Martinho Lutero e por todos os corrompidos pela sua heresia, e por todos aqueles que o combatem, sobretudo o chanceler do ducado de Lancaster, nosso querido amigo Thomas More. Contra toda lógica e observação, também peço por uma boa colheita, e que a chuva pare. Rezo por todos. É o que significa ser um cardeal. Mas só quando digo ao Todo-Poderoso, ‘bem, e quanto a Thomas Cromwell?’, é que Deus me responde: ‘Wolsey, não te lembras do que eu te disse? Não sabes quando desistir?’”.

Quando a infecção alcança Hampton Court, o cardeal se isola do mundo. Apenas quatro servos têm permissão de se aproximar dele. Ao ressurgir, parece mesmo ter passado todo o tempo rezando.

Ao fim do verão, quando voltam de Londres, as meninas estão crescidas, e o cabelo de Grace está clareado pelo sol. Ela fica tímida na presença do pai, e ele se pergunta se a menina agora só consegue associá-lo àquela noite em que ele a pôs na cama, após ela receber a notícia de que sua mãe havia morrido. Anne diz: No próximo verão, não importa o que aconteça, prefiro ficar com você. A doença deixou a cidade, mas as preces do cardeal tiveram êxito irregular. A colheita foi pobre; os franceses estão perdendo feio na Itália e a peste matou seu comandante.

O outono chega. Gregory voltará a seu tutor; sua relutância fica bastante evidente, ainda que poucas coisas em Gregory sejam evidentes para o pai. “O que foi?”, ele pergunta. “Qual é o problema?” O garoto não diz. Com outras pessoas ele é expansivo e vivaz, mas com o pai é reservado e polido, como se desejasse manter uma distância formal entre os dois. Ele pergunta a Johane: “Gregory tem medo de mim?”.

Rápida como um dardo ao alvo, ela responde: “Ele não é um monge; por acaso teria motivos?”. Depois ela abrandando o tom. “Thomas, por que ele teria medo? Você é um bom pai; na verdade, acho que é bom até demais.”

“Se ele não quer voltar para o tutor, posso mandá-lo para a Antuérpia, para meu amigo Stephen Vaughan.”

“Gregory nunca será um homem de negócios.”

“Não.” É impossível imaginá-lo fechando um acordo sobre taxas de juros com um agente dos Fugger ou com um funcionário ardiloso dos Médici. “Então o que faço com ele?”

“Eu lhe digo o que fazer: quando ele estiver na idade certa, case-o bem. Gregory é um cavalheiro. Qualquer um vê isso.”

Anne está ansiosa para começar a aprender grego. Ele está pensando em quem seria o professor ideal, e começa a perguntar

aos conhecidos. Ele quer alguém agradável, com quem possa conversar durante o jantar, um jovem estudioso que venha morar na casa. Ele se arrependeu do tutor que escolheu para o filho e os sobrinhos, mas, a essa altura, já não pretende trazê-los de volta. O homem é encenqueiro e, para complicar as coisas, houve um episódio lamentável em que um dos garotos ateou fogo no quarto porque estava lendo na cama com uma vela. “Não teria sido Gregory, teria?”, ele perguntou, sempre esperançoso; o professor achou que o pai estava tratando do assunto como uma piada. E o homem vive mandando contas que ele acredita já estarem pagas; preciso de um contador doméstico, ele pensa.

Ele se senta diante de sua mesa, coberta por pilhas de desenhos e plantas para Ipswich e o Cardinal College, com estimativas dos construtores e contas para os projetos paisagísticos de Wolsey. Ele examina uma cicatriz na palma da mão; é uma marca antiga de queimadura, semelhante a uma corda torcida. Ele pensa em Putney. Pensa em Walter. Pensa nas inquietas evasões de um cavalo arisco, no cheiro da cerveja em fermentação. Pensa na cozinha de Lambeth e no garoto de cabelos claros que costumava levar os peixes. Ele lembra como arrastou o garoto dos peixes pelos cabelos e como enfiou sua cabeça numa tina de água, mantendo-a submersa, e pensa, eu realmente fiz isso? Por que será? O cardeal provavelmente tem razão, já não há redenção para mim. A cicatriz às vezes coça; é dura como um esporão ósseo. Ele pensa, preciso de um contador. Preciso de um professor de grego. Preciso de Johane, mas quem disse que posso ter o que preciso?

Ele abre uma carta. É de um padre chamado Thomas Byrd, que precisa de dinheiro; ao que parece, o cardeal lhe deve um pouco. Ele faz uma anotação para quitar a dívida e depois torna a pegar a carta. Ela menciona dois homens, dois estudantes, Clerke e Sumner. Ele conhece os nomes. São dois dos seis estudantes de Oxford que tinham livros luteranos. Prenda-os, chame-os à razão, dissera o cardeal. Ele segura a carta, mas desvia os olhos. Ele sabe

que algo tenebroso está chegando; a sombra vem deslizando pela parede.

Ele lê. Clerke e Sumner estão mortos. O cardeal deve ser informado, diz o correspondente. Sem nenhum outro lugar seguro, o reitor achou adequado trancá-los nos porões da universidade, os porões frios e profundos usados para estocar peixes. Mesmo naquele lugar silencioso, secreto, gelado, a praga do verão os alcançou. Eles morreram no escuro e sem um padre.

Nós rezamos por todo o verão, e não foi suficiente. O cardeal simplesmente se esqueceu de seus hereges? Preciso informá-lo, ele pensa.

É a primeira semana de setembro. Sua dor reprimida se transforma em ira. Mas o que ele pode fazer com a ira? Ela também deve ser reprimida.

Contudo, quando o ano finalmente acaba e o cardeal diz, Thomas, o que deseja como presente de Ano-Novo?, ele responde: “Que o senhor me dê o Pequeno Bilney”. E sem esperar pela resposta do cardeal, acrescenta: “Meu amo, ele passou um ano na Torre. A Torre apavoraria qualquer um, mas Bilney é um homem tímido e nada forte, temo que ele seja tratado com demasiada severidade; o senhor, meu amo, se lembra de Sumner e Clerke e de como eles morreram. Meu amo, use seu poder, escreva cartas, se preciso, faça uma petição ao rei. Liberte-o”.

O cardeal se recosta. Ele junta a ponta dos dedos. “Thomas. Meu querido Thomas Cromwell. Está bem. Mas o padre Bilney deve voltar a Cambridge. Ele precisa desistir do seu plano de ir a Roma e conversar com o papa para levá-lo a um modo correto de pensar. Há calabouços muito profundos sob o Vaticano, e meu braço não poderá alcançá-lo em tais lugares.”

Ele tem a resposta na ponta da língua: “O senhor não tentou alcançar os porões da sua própria universidade”, mas se contém. A heresia — seu flerte com ela — é uma pequena indulgência que o cardeal lhe permite. Ele sempre fica contente por ter uma seleção

dos mais recentes livros e todos os mexericos do Steelyard, onde vivem os mercadores germânicos. Ele gosta de trocar textos e desfrutar de uma conversa depois do jantar. Mas, para o cardeal, qualquer ponto conflituoso deve ser embalado em diversas camadas de um fino filamento de palavras, delgado como fios de cabelo. Qualquer opinião perigosa deve ser acolchoada com sorridentes pedidos de perdão, até que se torne macia e inofensiva como as almofadas em que as pessoas se recostam. É verdade que quando soube das mortes nos porões, o cardeal se comoveu até as lágrimas. “Como eu não fiquei sabendo?”, ele indagava. “Aqueles jovens tão capazes!”

Nos últimos meses, o cardeal tem chorado com facilidade, embora isso não signifique que suas lágrimas sejam menos genuínas; e, com efeito, ele agora enxuga uma lágrima, porque conhece a história; o Pequeno Bilney no Gray’s Inn, depois o homem que falava polonês, os mensageiros fracassados, as crianças perplexas e o rosto de Elizabeth Cromwell congelado na fixa severidade da morte. Ele se inclina sobre a mesa e diz: “Thomas, por favor, não se desespere. Você ainda tem suas filhas. E, com o tempo, talvez queira se casar de novo”.

Eu sou uma criança que não pode ser consolada, pensa. O cardeal pousa a palma da mão sobre a mão do amigo. As estranhas pedras cintilam sob a luz, exibindo suas profundezas: uma granada como uma bolha de sangue; uma turquesa com um brilho de prata; um diamante com uma centelha de ouro acinzentado, como o olho de um gato.

Ele jamais contará ao cardeal sobre Maria Bolena, ainda que lhe surja o impulso. Talvez Wolsey risse, talvez ficasse scandalizado. Ele deve transmitir o conteúdo e omitir o contexto.

Outono, 1528: ele está na corte, a serviço do cardeal. Maria está correndo em sua direção, as saias erguidas, mostrando um fino par

de meias de seda verdes. A irmã, Ana, estaria em seu encalço? Ele espera para ver.

Ela para abruptamente. “Ah, é o senhor!”

Ele não imaginou que Maria o reconheceria. Ela apoia a mão contra o forro da parede, recuperando o fôlego, e pousa a outra no ombro dele, como se fosse apenas parte do muro. Maria ainda é deslumbrante em sua beleza; loura, de feições suaves. “Meu tio, nesta manhã...”, diz ela. “Meu tio Norfolk. Ele estava praguejando contra o senhor. Eu perguntei à minha irmã, quem será esse homem terrível?, e ela respondeu...”

“É aquele homem que se parece com uma parede?”

Maria retira a mão. Ela ri, enrubesce e, com uma ligeira elevação do peito, tenta recuperar o fôlego mais uma vez.

“Qual era a queixa do meu lorde de Norfolk?”

“Ah...” Ela sacode a mão para se abanar. “Ele disse, cardeais, legados, nunca houve felicidade na Inglaterra quando tivemos cardeais entre nós. Ele diz que o cardeal de York está espoliando as casas nobres, diz que ele terá todos os meios para governar diretamente e os lordes serão como meninos de escola fugindo de uma surra. Não que o senhor deva levar a sério o que eu digo...”

Maria parece frágil, ainda sem fôlego: mas o olhar do outro a incita a falar. Ela solta uma risadinha e continua: “Meu irmão George também vociferou. Disse que o cardeal de York nasceu num asilo de miseráveis e que emprega um homem que nasceu no esgoto. O senhor meu pai disse, ora vamos, meu caro rapaz, você não perde nada por ser exato: ele não nasceu no esgoto, mas creio que no pátio de um cervejeiro, pois decerto não se trata de um cavalheiro”. Maria recua um passo. “O senhor parece um cavalheiro. Gosto do seu veludo cinza, onde encontrou isso?”

“Itália.”

Ele foi promovido, em sua função de parede. A mão de Maria se insinua de novo; distraída, ela o afaga. “Poderia me conseguir um pouco? Embora talvez seja um tanto sóbrio para uma mulher, não?”

Não para uma viúva, ele pensa. O pensamento deve estar estampado em sua testa, porque Maria comenta: “É isso mesmo, como pode ver. William Carey está morto”.

Ele faz uma medida com a cabeça e é muito correto; Maria o alarma. “A corte sente muita falta dele. Como a senhora também deve sentir.”

Ela suspira. “Ele era bondoso. Dadas as circunstâncias.”

“Deve ter sido difícil para a senhora.”

“Quando voltou sua atenção para Ana, o rei achou que, sabendo como são as coisas na França, ela aceitaria uma... determinada posição na corte. E no seu coração, como explicou o rei. Ele disse que abandonaria todas as outras cortesãs. As cartas que escreveu, de próprio punho...”

“Verdade?”

O cardeal sempre diz que ninguém consegue fazer o rei escrever uma carta pessoalmente. Nem mesmo a outro rei. Nem ao papa. Nem quando poderia fazer diferença.

“Sim, desde o verão passado. Ele escreve e, às vezes, onde assinaria Henricus Rex...” Ela pega a mão dele, vira-lhe a palma e, com o indicador, traceja uma forma. “No lugar onde assinaria o nome, em vez disso o rei desenha um coração, e dentro dele põe suas iniciais. Ah, não ria...” Ela não consegue conter o sorriso em seu rosto. “O rei diz que está sofrendo.”

Ele tem ganas de dizer: Maria, essas cartas, você pode roubá-las para mim?

“Minha irmã diz, isso aqui não é a França, e eu não sou uma idiota como você, Maria. Ela sabe que fui amante de Henrique e vê como fui abandonada. E tirou uma lição disso.”

Ele quase não ousa respirar: mas Maria já não se controla, ela dirá o que bem quiser.

“É o que eu lhe digo, esses dois cruzarão o inferno por esse matrimônio. Eles fizeram um juramento. Ana diz que o rei será dela e não se importa se Catarina e todos os espanhóis acabem

afogados no mar. E o que Henrique quer, ele terá, e o que Ana quer, ela terá, e como conheço os dois, posso afirmar isso, quem melhor?” Seus olhos são frágeis e se enchem de lágrimas. “É por isso”, continua ela, “que sinto falta de William Carey, porque agora Ana é tudo, e eu serei varrida depois do jantar como forração velha. Agora que não sou esposa de ninguém, eles me falam tudo o que lhes dá na veneta. Meu pai diz que sou apenas uma boca para alimentar e meu tio Norfolk diz que sou uma meretriz.”

Como se ele mesmo não a tivesse transformado nisso. “A senhora está sem dinheiro?”

“Ah, sim!”, ela exclama. “Sim, sim, sim, e ninguém sequer pensou nisso! Até agora, ninguém me fizera essa pergunta. Eu tenho filhos. O senhor sabe. Eu preciso...” Ela pressiona os dedos contra a boca para impedi-la de tremer. “Se visse meu filho... bem, por que acha que o batizei de Henrique? O rei o teria admitido como filho, assim como reconheceu Richmond, mas minha irmã o proibiu, e ele faz o que ela manda. Ana pretende dar um príncipe ao rei, e por isso não quer meu menino entre os filhos legítimos.”

Relatórios sobre o tema foram enviados ao cardeal: o filho de Maria Bolena é um menino saudável, com cabelos de ouro rubro e apetite voraz. Ela tem uma filha, mais velha, porém, nessas circunstâncias, uma filha não é tão interessante.

“Quantos anos tem seu filho agora, Lady Carey?”

“Fará três em março. Minha menina, Catarina, tem cinco.” Mais uma vez, ela toca os lábios, consternada. “Eu esqueci... Sua esposa faleceu. Como pude esquecer?” Como é que você sabe disso, ele se pergunta, mas Maria lhe dá a resposta no mesmo instante. “Ana sabe de tudo o que acontece com as pessoas que trabalham para o cardeal. Ela faz perguntas e anota as respostas num caderno.” Ela o encara. “E o senhor, tem filhos?”

“Sim... sabe que ninguém pensa em me perguntar isso tampouco?” Ele encosta um ombro contra o forro, ela se aproxima e seus rostos se abrandam, talvez abandonando um pouco a brava

tensão habitual e assumindo a cumplicidade dos castigados. “Tenho um rapaz”, responde. “Está em Cambridge com um tutor. Tenho uma menina chamada Grace; ela é linda e tem cabelos louros, embora eu não... Minha esposa não era uma beldade, e eu sou como está vendo. E tenho Anne; Anne quer aprender a falar grego.”

“Que coisa”, Maria comenta. “Para uma mulher, sabe...”

“Sim, mas ela diz: ‘Por que a filha de Thomas More deveria ter a preeminência?’. Anne tem palavras ótimas. E usa todas elas.”

“É sua preferida.”

“A avó dela vive conosco, e também a irmã da minha mulher, mas não é... para Anne, não é a melhor solução. Eu poderia mandá-la para alguma outra família, mas aí... bem, seu estudo de grego... e, do jeito que está, eu já quase não a vejo.” Parece o discurso mais longo que ele faz a alguém há muito tempo, excetuando suas conversas com Wolsey. Ele diz: “Seu pai deveria sustentá-la apropriadamente. Vou pedir ao cardeal para falar com ele”. O cardeal vai adorar isso, ele pensa.

“Mas eu preciso de um novo marido. Para que eles parem de me insultar. O cardeal pode conseguir maridos para as mulheres?”

“O cardeal consegue qualquer coisa. Que tipo de marido deseja?”

Ela pondera. “Alguém que tome conta dos meus filhos. Alguém que possa confrontar minha família. Alguém que não morra.” Ela torna a apertar os lábios.

“A senhora também deveria pedir alguém jovem e bonito. Quem não pede, não ganha.”

“É mesmo? Fui criada em outra tradição.”

Então provavelmente foi uma criação diferente da de sua irmã, ele pensa. “No baile de máscaras, no palácio de York, lembra? A senhora foi a Beleza ou a Bondade?”

“Ah...”, ela sorri, “isso deve fazer o quê, sete anos? Não lembro. Eu me fantasiei tantas vezes.”

“A senhora, claro, ainda é ambas as coisas.”

“Isso era tudo que me interessava. Fantasias. Mas eu me lembro de Ana. Ela foi a Perseverança.”

“A virtude particular da sua irmã talvez venha a ser testada.”

O cardeal Campeggio chegou com ordens de Roma para obstruir; obstruir e adiar. Fazer qualquer coisa, mas evitar um veredicto.

“Ana vive escrevendo cartas ou rabiscando no seu caderninho. Ela anda de lá para cá, de cá para lá. Quando vê meu pai, Ana ergue a palma da mão para ele, não ouse falar... E quando me vê, ela me dá um beliscão. Assim...” Maria pinça o ar com os dedos da mão esquerda. “Desse jeito.” Ela passa os dedos de sua mão direita pelo pescoço, até chegar à artéria pulsante acima da clavícula. “Bem aqui”, diz ela. “Às vezes me machuca. Ela quer me deixar desfigurada.”

“Eu falarei com o cardeal”, ele diz.

“Por favor.” Ela espera.

Mas ele precisa partir. Tem coisas a fazer.

“Não quero mais ser uma Bolena”, conclui Maria. “Ou uma Howard. Se o rei reconhecesse meu filho, seria diferente, mas do jeito que estão as coisas, não quero mais nenhum baile de máscaras ou festas e fantasias de virtudes. Eles não têm virtude alguma. É tudo um teatro. Se não querem me aceitar, eu não quero aceitá-los. Prefiro virar mendiga.”

“Sinceramente... Não é preciso chegar a esse ponto, Lady Carey.”

“Sabe o que eu quero? Quero um marido que deixe essa gente nervosa. Quero me casar com um homem que os apavore.”

Uma súbita chama surge no azul dos olhos dela. Uma ideia se acende. Ela pousa um dedo delicado sobre o veludo cinza que tanto admira, e diz com doçura: “Quem não pede, não ganha”.

Thomas Howard como tio? Thomas Bolena como pai? Com o tempo, o rei como cunhado?

“Eles matariam você”, ele diz.

Ele acha que não deve ampliar a declaração, mas apenas deixar que pareça como um fato.

Ela ri, morde o lábio. “Claro. Claro que me matariam. O que estou pensando? De qualquer modo, fico grata pelo que já fez. Pelo intervalo de paz que me proporcionou esta manhã; pois enquanto eles estão esbravejando sobre o senhor, não estão esbravejando a meu respeito. Um dia, Ana vai querer falar com o senhor. Ela mandará chamá-lo, e o senhor ficará lisonjeado. Ela terá um trabalhinho para o senhor ou pedirá algum conselho. Portanto, antes que isso aconteça, ouça o conselho que eu lhe dou. Dê meia-volta e corra na direção contrária.”

Ela beija a ponta de seu indicador e leva o dedo aos lábios dele.

Aquela noite o cardeal não necessita dele, que, portanto, parte para sua casa em Austin Friars. Sua vontade é de manter distância entre si e todos os Bolena. Certos homens ficariam fascinados por uma mulher que foi amante de dois reis, mas ele não pertence àquele grupo. Ele pensa na irmã, Ana, e questiona por que ela teria algum interesse em sua pessoa: é possível que ela receba informações por meio do que Thomas More chama de “sua angelical confraria”, mas mesmo assim é intrigante: os Bolena não parecem ser uma família que se preocupa muito com suas almas. Tio Norfolk tem padres para fazer esse trabalho em seu lugar. Ele detesta pensamentos e jamais lê um livro. O irmão George tem interesse em mulheres, caçadas, roupas, joias e partidas de tênis. Sir Thomas Bolena, o encantador diplomata, só se interessa por si mesmo.

Ele quer contar a alguém o que aconteceu. Não há ninguém com quem ele possa falar, portanto ele conta para Rafe. “Acho que o senhor está imaginando coisas”, responde Rafe com rigor. Seus olhos pálidos se arregalam com a história das iniciais dentro do coração, mas ele nem sequer sorri. Ele restringe sua incredulidade à proposta de casamento. “Provavelmente, ela quis dizer outra coisa.”

Ele dá de ombros; é difícil saber que outra coisa. “O duque de Norfolk cairia sobre nós como uma alcateia de lobos”, Rafe

comenta. “Ele viria até aqui e atearia fogo a nossa casa.” O rapaz balança a cabeça.

“Mas e os beliscões: para quê?”

“Proteção. Evidentemente”, Rafe retruca.

“Pode levantar suspeitas.”

“Ninguém presta atenção em Maria hoje em dia.” Rafe acrescenta, acusatório: “Exceto o senhor”.

Com a chegada do enviado papal a Londres, a casa quase régia de Ana Bolena é dispersada. O rei não quer que os assuntos se misturem; o cardeal Campeggio está aqui para lidar com as tribulações de seu casamento com Catarina, que são completamente distintas, ele insistirá, de qualquer sentimento que nutra por uma certa Lady Ana. Ela é mandada para Hever e sua irmã parte com ela. Um boato flutua de volta a Londres, de que Maria está grávida. Rafe comenta: “Com todo o respeito, senhor, tem certeza de que só ficou encostado na parede?”. A família do marido morto alega que não pode ser filho do falecido, e o rei também nega. É triste ver a rapidez com que o povo supõe que o rei está mentindo. O que Ana pensa do assunto? Ela levará algum tempo para sair de seu mau humor, enquanto desfruta da zona rural. “Maria levará beliscões até ficar roxa”, diz Rafe.

Gente de toda a cidade vem lhe contar o boato, sem saber o quanto o assunto o interessa. Ele se entristece, duvida, pondera sobre os Bolena. Agora ele vê e ouve de modo diferente tudo o que aconteceu entre ele e Maria. Sua pele se arrepia quando ele pensa que, se tivesse se mostrado suscetível e se rendido às lisonjas, se tivesse dito sim a ela, em breve se tornaria pai de um filho nada semelhante a um Cromwell e muito semelhante a um Tudor. Como um estratagema, cabe até admirar. Maria pode parecer uma boneca, mas não é burra. Quando correu pela galeria mostrando as meias verdes, ela já tinha o olho afiado sobre sua presa. Para os Bolena, as pessoas existem para ser usadas e descartadas. Os sentimentos

dos outros nada significam, ou suas reputações, ou os nomes de suas famílias.

Ele sorri à ideia de que os Cromwell têm um nome de família. Ou alguma reputação a defender.

Qualquer que seja a verdade, no fim das contas, não dá em nada. Talvez Maria tenha se enganado, ou talvez o rumor não passe de malícia; Deus sabe que a família dá ensejo. Talvez tenha havido um bebê e ela o tenha perdido. A história enfraquece, sem qualquer conclusão definitiva. Não há bebê algum. É como um dos estranhos contos de fadas do cardeal, onde a própria natureza é pervertida e as mulheres são serpentes e aparecem e desaparecem segundo sua vontade.

A rainha Catarina teve um filho que desapareceu. No primeiro ano de seu casamento com Henrique, ela abortou um feto, mas os médicos disseram que ela estava grávida de gêmeos, e o próprio cardeal se lembra da rainha na corte com os espartilhos afrouxados e um sorriso secreto no rosto. Ela se recolheu aos aposentos para puerpério e, depois de algum tempo, emergiu com os laços apertados, o ventre reto e sem bebê.

Deve ser uma especialidade Tudor.

Pouco tempo depois, ele ouviu dizer que Ana tomara a custódia do filho de sua irmã, Henry Carey. Ele se pergunta se ela tem intenção de envenená-lo. Ou devorá-lo.

1529, Ano-Novo: Stephen Gardiner está em Roma, enviando certas ameaças ao papa Clemente, em nome do rei; o conteúdo das ameaças não foi divulgado ao cardeal. Clemente já se desespera com facilidade em épocas mais auspiciosas, e não é de surpreender que, com mestre Stephen Gardiner bafejando enxofre em seus ouvidos, ele tombe doente. Dizem que é muito provável que ele morra, e os agentes do cardeal entram em ação por toda a Europa, fazendo sondagens e contando aliados, tilintando suas bolsas alegremente. Aí está uma solução rápida para o problema do rei:

Wolsey como papa, embora este resmungue um pouco sobre sua possível eleição; o cardeal ama seu país, as guirlandas de maio, o terno canto dos pássaros. Em seus pesadelos, ele vê italianos cuspiendo, uma floresta de forcas, uma planície coberta de cadáveres. “Talvez eu o leve comigo, Thomas. Você pode ficar a meu lado e fazer um movimento rápido se um daqueles cardeais tentar me apunhalar.”

Ele imagina seu senhor cravejado de punhais, como são Sebastião trespassado por flechas. “Por que o papa tem que viver em Roma? Onde está escrito isso?”

Um lento sorriso se espalha pelo rosto do cardeal. “Trazer a Santa Sé para casa... Por que não?” Wolsey adora um plano ousado. “Eu não poderia trazê-la para Londres, poderia? Ah se eu fosse arcebispo da Cantuária... eu poderia instalar minha corte papal no palácio de Lambeth... mas o velho Warham perdura, e perdura, e sempre me frustra...”

“Vossa eminência poderia se mudar para sua própria sé.”

“York é muito isolada. Eu não poderia levar o papado para Winchester, poderia? O que você acha? Nossa antiga capital inglesa? E mais perto do rei?”

Que regime incomum seria este. O rei jantando com o papa, que também é seu lorde chanceler... Será que o rei teria de entregar o guardanapo a Wolsey e servi-lo primeiro?

Quando chegam as notícias da recuperação de Clemente, o cardeal não diz: uma gloriosa chance perdida. Ele diz, Thomas, o que faremos agora? Precisamos abrir a corte legal, isso já não pode ser adiado. Vá e encontre um homem chamado Anthony Poynes para mim.

Ele se ergue, os braços cruzados, esperando por mais e melhores detalhes.

“Tente a ilha de Wight. E traga-me Sir William Thomas, a quem creio encontrará em Carmarthen; ele é um ancião, então diga aos seus homens que sejam pacientes.”

“Eu não emprego nenhum homem paciente.” Ele assente com a cabeça. “Mesmo assim, entendo a questão: não matar as testemunhas.”

O julgamento da grande questão do rei está chegando. Henrique pretende provar que a rainha Catarina já não era mais virgem quando se tornou sua esposa, tendo consumado o casamento com seu irmão Artur. Para esse fim, ele está reunindo os cavalheiros que deram assistência ao casal real após o matrimônio no castelo de Baynard, e depois em Windsor, para onde a corte se mudou em novembro daquele ano, e mais tarde em Ludlow, aonde foram enviados para apresentações como príncipe e princesa de Gales. “Artur”, diz Wolsey, “teria mais ou menos sua idade, Thomas, se estivesse vivo.” Os presentes, as testemunhas, são no mínimo de uma geração anterior. E tantos anos se passaram... Vinte e oito, para ser preciso. Quão precisas serão suas memórias?

A situação jamais deveria ter chegado a esse ponto — a essa exposição pública e detestável. O cardeal Campeggio implorou que Catarina aceitasse o desejo do rei, que aceitasse que seu casamento é inválido e se recolhesse a um convento. A rainha respondeu que certamente se converteria a freira se o rei se convertesse a monge.

Enquanto isso, ela apresenta razões por que a corte não deveria julgar o caso. Primeiro de tudo, o tema ainda está *sub judice* em Roma. Além disso, alega a rainha, ela é uma estrangeira num país estrangeiro — ela ignora as décadas em que foi íntima de cada detalhe da política inglesa. A rainha diz que os juízes têm preconceito contra ela; certamente, ela tem razões para crer nisso. Campeggio põe a mão no coração e lhe garante que dará um veredicto honesto, mesmo temendo por sua vida. Catarina o considera íntimo demais de seu companheiro apostólico; para ela, qualquer um que passe muito tempo com Wolsey já não sabe mais o que é honestidade.

Quem está aconselhando Catarina? John Fisher, o bispo de Rochester. “Sabe o que não suporto nesse homem?”, pergunta o cardeal. “Ele é só pele e osso. Eu abomino esse prelado esquelético. Faz com que o resto de nós pareça indigno. Parecemos demasiado... terrenos.”

Wolsey está coberto em pompa corporal, em seus mais finos escarlates, quando o rei e a rainha são levados à presença dos dois cardeais em Blackfriars. Todos imaginavam que Catarina enviaria um representante, mas, em vez disso, ela apareceu em pessoa. Toda a bancada de bispos está ali reunida. O rei responde à chamada de seu nome, numa voz completa e retumbante que emerge de seu grande peitoral adornado de joias. Ele, Cromwell, teria aconselhado um gesto de mão, um murmúrio, uma mesura de cabeça para a autoridade da corte. A maior parte das demonstrações de humildade é falsa, mas, em sua opinião, a falsidade pode ser vitoriosa.

O salão está lotado. Ele e Rafe são espectadores distantes. Mais tarde, quando a rainha conclui seu discurso — alguns homens foram vistos chorando —, os dois saem à luz do sol.

“Se estivéssemos mais perto, teríamos visto se o rei ousou encarar a rainha”, diz Rafe.

“Verdade. Realmente, isso é tudo que importa saber.”

“Sinto em dizer, mas eu acredito em Catarina.”

“Shhh. Não acredite em ninguém.”

Algo bloqueia a luz. É Stephen Gardiner, carrancudo e vestido de negro: a viagem a Roma em nada melhorou sua aparência.

“Mestre Stephen!”, cumprimenta ele. “Como foi a viagem de volta? Nunca é agradável voltar de mãos vazias, não é mesmo? Ando sentindo pena do senhor. Em todo caso, acho que fez o melhor que pôde.”

A carranca de Gardiner se acentua. “Se esta corte não der ao rei o que ele quer, seu amo estará acabado. E aí será minha vez de ter pena do senhor.”

“Só que jamais teria.”

“Eu jamais teria”, Gardiner concorda; e se vai.

A rainha não volta à corte para a parte sórdida dos procedimentos. Seu advogado fala em seu nome; ela disse ao confessor como permaneceu intocada depois de suas noites com Artur e lhe deu permissão para romper o sigilo do confessionário e tornar pública sua afirmação. A rainha já se pronunciou diante da maior corte que existe, a corte de Deus; por acaso ela mentiria, arriscando-se à danação de sua alma?

Além disso, há outro ponto, que todos têm em mente. Depois que Artur morreu, ela foi apresentada aos possíveis noivos — no caso, o velho rei ou o jovem príncipe Henrique — como carne fresca. Eles poderiam ter chamado algum médico para examiná-la. Ela se assustaria, choraria; mas teria aceitado. Talvez agora Catarina sinta que seria preferível dessa forma; que eles tivessem convocado um homem de mãos frias. Mas nunca pediram que ela provasse o que alegava; talvez as pessoas não fossem tão descaradas naquele tempo. A dispensa para seu casamento com Henrique cobria as duas hipóteses: virgem ou não virgem. Os documentos espanhóis são diferentes dos documentos ingleses, e é nisso que a corte deveria se concentrar agora, nas subcláusulas, examinando documentos e assinaturas, e não batendo boca numa corte sobre um pedaço de pele e uma mancha de sangue num lençol de linho.

Se ele fosse conselheiro de Catarina, teria pedido a ela que permanecesse no tribunal, por mais que a rainha protestasse. Afinal, por acaso as testemunhas falariam diante dela como falaram por suas costas? Ela teria vergonha de encará-los, cada um enrugado, grisalho e equipado com uma memória perfeita, mas ele a incitaria a cumprimentá-los cordialmente e declarar que jamais poderia reconhecê-los depois de tanto tempo, a perguntar se tinham netos e se o calor do verão aliviava suas dores e fadigas de velhos. A maior vergonha seria deles: será possível que não vacilassem, que não hesitassem, sob o firme escrutínio dos olhos honestos da rainha?

Sem a presença de Catarina, o julgamento se torna um espetáculo obscuro. O conde de Shrewsbury se apresenta à corte, um homem que batalhou ao lado do velho rei em Bosworth. Ele recorda sua própria e remota noite de núpcias, quando era, como o príncipe Artur, um rapaz de quinze anos; declara que nunca havia possuído uma mulher, mas que cumpriu seu dever para com sua noiva. Na noite de núpcias de Artur, Shrewsbury e o conde de Oxford conduziram o príncipe à câmara de Catarina. Sim, diz o marquês de Dorset, e eu também estava lá; Catarina se deitou sob o lençol, o príncipe se deitou na cama junto dela. “Ninguém vai jurar que deitou na cama com eles”, sussurra Rafe. “Mas eu me pergunto se não acharam alguém.”

A corte terá de se contentar com o que foi dito na manhã seguinte ao casamento. O príncipe, saindo da câmara da noiva, disse que tinha sede e pediu uma taça de cerveja a Sir Anthony Willoughby. “Ontem à noite, visitei a Espanha”, declarara Artur. A piada rude de um rapaz arrastada de volta à luz; sendo que, durante trinta anos, o rapaz foi um cadáver. Quão solitário é morrer jovem, descer à escuridão sem qualquer companhia! Maurice St. John não está lá com ele, em seu mausoléu na catedral de Worcester: nem mestre Cromer nem William Woodall, nem qualquer dos homens que ouviram suas palavras: “Senhores, ter uma esposa é um bom passatempo”.

Depois de escutar tudo isso e sair ao ar livre com Rafe, ele se sente estranhamente gelado. Põe a mão na bochecha, toca o osso do rosto. Rafe comenta: “Se alguém saísse pela manhã e dissesse, ‘Bom dia, senhores, nada feito!’, seria um noivo bastante lastimável. Ele estava se gabando, não estava? Isso é tudo. Essa gente se esquece de como é ter quinze anos”.

Naquele momento, enquanto o tribunal se reúne, o rei Francisco está perdendo uma batalha. O papa Clemente está prestes a assinar um novo tratado com o imperador, sobrinho da rainha Catarina. Ele não sabe disso quando diz: “Esse é o resultado de um

dia ruim. Se queríamos que a Europa risse de nós, agora eles têm todos os motivos”.

De soslaio, ele olha para Rafe, cujo problema é, evidentemente, que ele não consegue imaginar alguém desejando penetrar Catarina, nem mesmo um rapaz ansioso de quinze anos. Seria o mesmo que copular com uma estátua. Rafe, é claro, não ouviu o cardeal falando sobre os antigos atrativos da rainha. “Bem, eu não emitirei nenhuma conclusão. E é o mesmo que a corte fará. É tudo que podem fazer”, ele diz. “Rafe, você está bem mais próximo dessas questões. Eu já não recordo como era ter quinze anos.”

“Sério? O senhor não tinha mais ou menos quinze anos quando foi parar na França?”

“Sim, provavelmente tinha.” Wolsey: “Artur teria mais ou menos sua idade, Thomas, se estivesse vivo”. Ele se lembra de uma mulher de Dover, apoiada contra uma parede; seus pequenos ossos frágeis, seu rosto jovem, vazio, pálido. Ele tem uma vaga sensação de pânico, de perda; e se a piada do cardeal não for uma piada, e se a terra estiver coberta de filhos seus e ele jamais fez coisa alguma por eles? Esta é a única coisa honesta a se fazer: cuidar de seus filhos. “Rafe”, ele diz, “sabia que não fiz meu testamento? Eu disse que faria, mas nunca fiz. Acho que preciso ir para casa e esboçá-lo.”

“Por quê?” Rafe parece pasmo. “Por que agora? O cardeal vai querer sua presença.”

“Vamos para casa.” Ele pega Rafe pelo braço. À sua esquerda, uma mão toca a sua: dedos descarnados. Um fantasma passa: Artur, deliberado e pálido. Rei Henrique — ele pensa —, você o invocou do túmulo; agora, faça-o voltar para lá.

Julho, 1529: Thomas Cromwell de Londres, cavalheiro. De posse de todas as faculdades de corpo e memória. A seu filho Gregory, seiscentos e sessenta e seis libras, treze xelins e quatro pence. Colchões de plumas, travesseiros e a colcha turca de cetim

amarelo, a cama de carpintaria de Flandres e a cômoda talhada e as cristaleiras, as pratas, os folheados e doze colheres de prata. E os arrendamentos de terras a serem administradas pelos executores em seu nome até que ele atinja a maioridade, e outras duzentas libras em ouro naquela data. Dinheiro para os executores para a criação e o dote de casamento de sua filha Anne e de sua caçula Grace. Um dote de casamento para sua sobrinha Alice Wellyfed; roupas, paletós e coletes para seus sobrinhos; para Mercy, todos os tipos de coisas domésticas e alguma prataria, e tudo o mais que os executores julgarem de direito. Uma herança a Johane, irmã de sua esposa morta, e seu marido John Williamson, e um dote de casamento para sua filha, também Johane. Dinheiro para seus criados. Quarenta libras a serem divididas entre quarenta donzelas pobres em seus casamentos. Vinte libras para consertos das estradas. Dez libras para alimentar prisioneiros pobres nas prisões de Londres.

Seu corpo deve ser enterrado na paróquia onde ele falecer: ou segundo decisão dos executores.

O restante de seu patrimônio deve ser gasto em missas para seus pais.

A Deus, sua alma. A Rafe Sadler, seus livros.

Quando a peste do verão regressa, ele pergunta a Mercy e Johane: será que devemos mandar as crianças para longe daqui?

Para onde, pergunta Johane: não para desafiá-lo, apenas querendo saber.

Mercy diz: será que alguém consegue ser mais rápido que a peste? Eles se confortam com a crença de que, depois de matar tanta gente no ano anterior, a infecção já não será tão violenta, coisa que ele não acredita ser necessariamente verdade. Em sua opinião, todos parecem dotar a peste de uma inteligência humana, ou pelo menos animal: o lobo ataca as ovelhas, mas não nas noites em que os homens e os cães estão montando guarda. Talvez

pensem que a peste é mais que animal ou humana — que Deus está por trás dela, Deus, aplicando seus velhos truques. Quando ouve as más notícias da Itália sobre o novo tratado de Clemente com o imperador, Wolsey baixa a cabeça e diz: “Meu Senhor é caprichoso”. Ele não se refere ao rei.

No último dia de julho, o cardeal Campeggio declara recesso da corte legatina. É o feriado romano, ele diz. Chegam notícias de que o duque de Suffolk, o grande amigo do rei, esmurrou a mesa diante de Wolsey e o ameaçou face a face. Todos sabem que o tribunal jamais se reunirá de novo. Todos sabem que o cardeal falhou.

Naquela noite com Wolsey, pela primeira vez ele acredita que o cardeal será derrubado, e pensa: se ele cair, eu caio com ele. Sua reputação é negra. É como se a piada do cardeal se materializasse: como se ele chafurdasse em córregos de sangue, deixando em seu rastro uma trilha de janelas esvaçadas e incêndios, de viúvas e órfãos. As pessoas dizem sobre Cromwell: aí está um homem mau. O cardeal não fala sobre o que está acontecendo na Itália ou o que aconteceu no tribunal. Ele comenta: “Fui informado de que a doença do suor está de volta. O que devo fazer? Devo morrer? Já lutei quatro batalhas com ela. No ano... qual ano?... Acho que foi 1518... Agora você vai achar graça, mas é tudo verdade: quando o suadouro passou, eu estava igual ao bispo Fisher. Minha carne desapareceu. Mas Deus me ergueu e me sacudiu”.

“Vossa eminência emagreceu?”, ele diz, tentando forçar um sorriso. “Gostaria que tivesse encomendado um retrato naquela ocasião.”

Pouco antes dos feriados romanos, o bispo Fisher disse na corte que nenhum poder, humano ou divino, pode dissolver o casamento entre um rei e uma rainha. Se há uma coisa que ele gostaria de ensinar a Fisher é que nunca se deve fazer grandes proclamações. Ele tem uma ideia do que a lei é capaz de fazer, e é diferente do que pensa o bispo Fisher.

Até aquele dia, todos os dias, todas as noites, se alguém dissesse a Wolsey que uma coisa era impossível, ele apenas ria. Esta noite ele diz, quando alguém o convence a falar: meu amigo, o rei Francisco, foi derrotado, e eu também fui. Não sei o que fazer. Com peste ou sem peste, acho que vou morrer.

“Preciso ir para casa”, ele diz. “Mas o senhor me daria uma bênção?”

Ele se ajoelha diante do cardeal. Wolsey ergue a mão e, como se esquecesse o que está prestes a fazer, deixa que ela paire no ar. Ele diz: “Thomas, não estou preparado para ir ao encontro de Deus”.

Ele ergue os olhos, sorrindo. “Talvez Deus também não esteja pronto para encontrá-lo.”

“Espero que você esteja comigo quando eu morrer.”

“Mas isso acontecerá numa data consideravelmente distante.”

Ele balança a cabeça. “Se você tivesse visto como Suffolk me atacou hoje. Ele, Norfolk, Thomas Bolena, Thomas lorde Darcy, todos apenas aguardavam por isso, pelo meu fracasso neste tribunal, e agora fico sabendo que estão elaborando uma série de artigos, compondo uma lista de acusações de como prejudiquei a nobreza e assim por diante; estão escrevendo um compêndio chamado... como vão chamá-lo mesmo? ‘Vinte anos de insultos’? Estão remexendo um caldeirão em que despejam os restos de cada ofensa, segundo a versão deles, ou seja, de cada porção de verdade que eu lhes disse...” Ele emite um suspiro profundo, crepitante, e olha para o teto, com a rosa de Tudor em relevo.

“Não haverá qualquer caldeirão dessa espécie na cozinha de vossa eminência”, ele responde. Ele se levanta, olha para o cardeal e tudo o que enxerga é mais trabalho a ser feito.

“Liz Wykys”, diz Mercy, “não teria gostado que suas filhas fossem exiladas no campo. Especialmente porque, até onde sei, Anne chora se não vê você.”

“Anne?” Ele está pasmo. “Anne chora?”

“O que você acha?”, pergunta Mercy, com certa aspereza. “Acha que seus filhos não o amam?”

Ele deixa que a própria Mercy decida. As meninas ficam em casa. É a decisão errada. Mercy pendura os sinais da doença dos suores na porta da frente. Ela se pergunta, como isso aconteceu? Nós areamos, esfregamos o chão, não acho que seja possível encontrar uma casa mais limpa que a nossa em toda Londres. Fazemos nossas preces. Nunca vi uma criança orar como Anne. Ela reza como se fosse para a guerra.

Anne é a primeira a cair doente. Mercy e Johane gritam e sacodem a menina para mantê-la acordada; dizem que, se a pessoa dorme, ela morre. Mas a força da doença é mais potente que elas e, exausta, Anne desmaia contra o travesseiro, lutando para respirar, e piora mais ainda, em negra rigidez, movendo apenas a mão, abrindo e contraindo os dedos. Ele segura a mão da filha e tenta pará-la, mas é como a mão de um soldado, ávida por uma luta.

Mais tarde, Anne se ergue, pergunta pela mãe. Ela pede o caderno em que escrevera seu nome. Ao amanhecer, a febre diminui. Johane se desfaz em lágrimas de alívio e Mercy a dispensa para dormir. Anne se esforça para sentar, vê o pai claramente, sorri, diz o nome dele. As mulheres trazem uma bacia de água salpicada de pétalas de rosa e lavam seu rosto; ela estende os dedos, hesitante, e empurra as pétalas para o fundo; cada uma se torna uma barca transportando água, uma taça, um graal perfumado.

Mas quando o sol se levanta, a febre ataca de novo. Ele não deixa que comecem tudo outra vez, os beliscões e cutucões, as sacudidas; ele a entrega às mãos de Deus, e pede a Deus que tenha misericórdia. Ele fala com a filha, mas ela não dá sinais de que ouve. Ele não tem medo do contágio, pois pensa: se o cardeal pôde sobreviver a essa praga por quatro vezes, tenho certeza de que não corro riscos, e se morrer, já fiz meu testamento. Ele se senta com a filha, observando-lhe o peito agitado, assistindo

enquanto ela luta e é derrotada. O pai não está lá quando ela morre — Grace já caiu doente e ele está ocupado em pô-la na cama. Assim, ele está fora do quarto, logo ali, e quando o chamam para dentro, o rostinho severo da filha já se abrandou em doçura. Ela parece passiva, plácida; a mão já está pesada, mais pesada do que ele pode suportar.

Ele sai do quarto. “Ela estava aprendendo grego...”, ele diz. Claro, responde Mercy, ela era uma criança maravilhosa, sua verdadeira filha. Ela se apoia no ombro dele e chora: “Anne era inteligente e boa, e você sabe, à sua maneira, era linda”.

O pensamento que ele não concluiu: Anne estava aprendendo grego; talvez agora ela saiba.

Grace morre nos braços dele; morre tranquila, tão naturalmente quanto nasceu. Ele a deita de volta nos lençóis úmidos: uma criança de impossível perfeição, os dedos se abrindo como finas folhas brancas. Jamais a conheci, ele pensa; nunca me dei conta de que a tive. Para ele, sempre pareceu inexplicável que algum ato seu, algo impensado que fez com Liz em alguma noite imemorial, tivesse dado vida a Grace. Eles haviam escolhido o nome Henry para um menino, Katherine para uma menina, e Liz dissera, isso também honrará sua irmã Kat. Mas quando ele a viu, embalada, bela, completa e perfeita, pensou em algo bastante diferente, e Liz concordou. Mas não podemos receber a graça. Não merecemos.

Ele pergunta ao padre se sua filha mais velha pode ser enterrada com seu caderno de exercícios, onde ela escreveu seu nome: Anne Cromwell. O padre diz que nunca ouviu falar de uma coisa assim. Ele está cansado e furioso demais para brigar.

Suas filhas estão agora no purgatório, um país de fogueiras lentas e escarpas de gelo. Em que parte dos Evangelhos se fala em “purgatório”?

Tyndale diz: eis que agora permanecem a fé, a esperança e o amor, esses três apenas; mas o maior desses é o amor.

Thomas More pensa que é uma tradução deliberadamente equivocada. Ele insiste que o correto é “a caridade”. More seria capaz de acorrentar alguém por uma tradução diferente. E se discordar da forma como você fala grego, seria capaz de matá-lo.

Mais uma vez, ele se pergunta se os mortos precisam de tradutores; talvez em algum momento, na simples passagem ao não ser, eles aprendam tudo que precisam saber.

Tyndale diz: “O amor nunca falha”.

Chega outubro. Wolsey preside, como sempre, as reuniões do conselho do rei. Mas nos tribunais, enquanto se inicia o período de festas de São Miguel, ordens judiciais são movidas contra o cardeal. Ele é acusado de ser bem-sucedido. É acusado de ter exercido o poder. Especificamente, é acusado de apoiar uma jurisdição estrangeira no território do rei — isto é, de cumprir sua função como legado papal. O que eles querem dizer é isto: ele é *alter rex*. Ele é, e sempre foi, mais imperioso que o rei. Se isso é um crime, ele é culpado.

Assim, agora eles se pavoneiam pelo palácio de York, o duque de Suffolk, o duque de Norfolk: os dois maiores nobres do reino. Suffolk, com sua barba loura eriçada, parece um porco entre trufas; homens de tez corada, ele se lembra, dão náuseas no cardeal. Norfolk parece apreensivo e, enquanto revira as posses do cardeal, fica evidente que espera encontrar bonecos de cera, talvez de si mesmo, talvez com longos alfinetes enfiados por todo o corpo. O cardeal realizou seus feitos graças a um pacto com o demônio: essa é a opinião arraigada de Norfolk.

Ele, Cromwell, manda os homens embora. Mas eles voltam. Regressam com mandados mais elevados e complexos e assinaturas mais importantes, e trazem consigo o arquivista-mor. Eles se apoderam do grande selo do lorde cardeal.

Norfolk o olha de soslaio e lhe dirige um sorriso rápido, matreiro. Ele não sabe por quê.

“Venha me visitar”, diz o duque.

“Por quê, meu senhor?”

Norfolk deixa cair os cantos da boca. Ele não se explica.

“Quando?”

“Não há pressa”, Norfolk responde. “Venha quando tiver corrigido seus modos.”

É 19 de outubro de 1529.

3. Tudo ou nada

Dia de Todos os Santos, 1529

Véspera de Todos os Santos: os limites do mundo exsudam e sangram. Essa é a época em que os encarregados do purgatório, seus funcionários e carcereiros, escutam os vivos, que oram pelos mortos.

Nessa época do ano, ele e Liz fariam vigília junto com sua paróquia. Eles rezariam por Henry Wykys, pai dela; pelo esposo morto de Liz, Thomas Williams; por Walter Cromwell e primos distantes; por nomes já quase esquecidos, meias-irmãs mortas há muito e enteados perdidos.

Na noite passada, ele fez a vigília sozinho. Ficou acordado, desejando que Liz voltasse; esperando que ela chegasse e se deitasse a seu lado. É verdade que ele está em Esher com o cardeal, e não em casa, em Austin Friars. Mas, ele pensa, Liz sabe como me encontrar. Ela procurará pelo cardeal, atraída pelo incenso e pelas velas para o espaço entre os dois mundos. Onde quer que o cardeal esteja, lá estarei eu.

Em algum momento, ele deve ter adormecido. Quando chega a luz do dia, o quarto está tão vazio que parece despojado até de seu ocupante.

Dia de Todos os Santos: a tristeza chega em vagalhões. Agora ela ameaça derrubá-lo. Ele não acredita que os mortos regressem; mas

isso não o impede de sentir o resvalar da ponta dos dedos deles, de suas asas contra seu ombro. Desde a noite anterior, eles não parecem formas e rostos individuais, mas uma massa sólida agregada, carnes batendo entre si, a textura densa como criaturas do mar, os rostos nauseados com um lustro submarino.

Agora ele se posta junto a uma fresta da janela, com o livro de preces de Liz na mão. Sua filha Grace gostava de observar o pai, e hoje ele sente a pressão dos dedinhos dela sob os seus. Aqui estão as preces de Nossa Senhora para as horas canônicas, as páginas ilustradas com uma pomba, um vaso de lírios. O ofício é Matinas, e Maria se ajoelha num piso de lajotas pretas e brancas. O anjo a saúda e as palavras de seu louvor estão escritas num pergaminho, que se desenrola de suas mãos cerradas como se suas palmas falassem. Suas asas são coloridas: azul-celeste.

Ele vira a página. O ofício é Laudes. Aqui há uma imagem da Visitação. Maria, com seu ventre pequenino, é saudada por sua prima grávida, santa Isabel. A testa delas é alta, as sobrancelhas precisas, e elas parecem surpresas, como certamente ficaram, pois uma era virgem, a outra, idosa. Flores da primavera crescem a seus pés e cada mulher usa uma coroa translúcida, feita de fios cintilantes tão finos quanto cabelos de ouro.

Ele vira a página. Grace, silenciosa e pequenina, vira a página com ele. Oração da Hora Prima. A imagem é da Natividade: um alvo menino Jesus repousa nas dobras do manto de sua mãe. Oração da Hora Sexta: os magos oferecem taças preciosas; às suas costas há uma cidade num monte, uma cidade da Itália, com seus campanários, sua vista das campinas onduladas e a linha nebulosa das copas das árvores. Oração da Hora Nona: José leva uma cesta de pombas para o Templo. Ofício de Vésperas: uma adaga enviada por Herodes abre uma ferida num bebê horrorizado. Uma mulher ergue as mãos em protesto, ou prece: as palmas eloquentes, desamparadas. O cadáver do bebê derrama três gotas de sangue,

cada uma em formato de lágrima. Cada lágrima de sangue é de um carmim vívido.

Ele ergue os olhos. Como um resíduo da ilustração, a forma das lágrimas flutua em seus olhos; a imagem se turva. Ele pisca. Alguém está caminhando em sua direção. É George Cavendish. Suas mãos se contorcem juntas, seu rosto é uma máscara de preocupação.

Por favor, Deus, não permita que fale comigo, ele suplica. Faça-o passar reto.

“Mestre Cromwell”, diz Cavendish. “Creio que esteja chorando. O que há? Recebeu más notícias sobre nosso amo?”

Ele tenta fechar o livro de Liz, mas Cavendish o detém. “Ah, está rezando.” Ele parece assombrado.

Cavendish não consegue ver os dedos da menina tocando as páginas, ou as mãos da esposa que segura o livro. George simplesmente vê as imagens, de cabeça para baixo. Ele respira fundo e diz: “Thomas...?”.

“Estou chorando por mim mesmo”, diz. “Vou perder tudo, tudo pelo que trabalhei, toda a minha vida, porque serei derrubado com o cardeal e... não, George, não me interrompa... porque fiz o que ele me pediu para fazer, e fui seu amigo e seu braço direito. Se eu tivesse continuado no meu trabalho na cidade, em vez de perambular pelo campo fazendo inimigos, seria um homem rico; e você, George, eu o convidaria para minha nova casa de campo e pediria conselhos sobre mobília e canteiros de flores. Mas olhe para mim! Estou arruinado.”

George tenta falar: balbucia um gemido consolatório.

“A não ser que... George, a não ser que... O que você acha? Eu mandei meu garoto Rafe para Westminster.”

“O que ele vai fazer lá?”

Mas ele está chorando novamente. Os fantasmas se reúnem, ele sente frio, sua posição é irrecuperável. Na Itália, ele aprendeu um sistema mnemônico, de modo que pode recordar qualquer coisa:

cada estágio de como chegou até aqui. “Acho que eu deveria ir procurá-lo.”

“Por favor”, diz Cavendish, “não antes do jantar.”

“Não?”

“Porque precisamos pensar em como pagar os criados do meu lorde cardeal.”

Um momento passa. Ele fecha o livro de preces e o aninha em seus braços. Cavendish trouxe aquilo de que ele precisava: um problema contábil. “George”, ele diz, “você sabia que os capelães do meu amo enxamearam para cá atrás dele, cada um ganhando... quanto? Cem, duzentas libras por ano, devido à liberalidade do cardeal? Assim, eu acho... Vamos obrigar os capelães e os padres a pagarem o soldo aos criados domésticos, pois o que eu acho, o que notei, é que os criados amam meu lorde cardeal, mais que seus padres. Pois bem, vamos jantar agora, e depois do jantar eu passarei uma descompostura nos padres e farei com que rasguem suas veias e sangrem dinheiro. Precisamos garantir ao menos um trimestre aos criados, e um penhor. Para o dia em que meu amo for restaurado ao poder.”

“Bem”, diz George, “se há alguém capaz de fazer isso, esse alguém é você.”

Para sua própria surpresa, ele sorri. Talvez seja um sorriso soturno, mas ele jamais imaginou que sorriria neste dia. “Quando esse assunto estiver resolvido, vou deixá-lo. Estarei de volta assim que assegurar uma cadeira no Parlamento.”

“Mas o Parlamento se reúne em dois dias... Como conseguirá isso agora?”

“Não sei, mas alguém precisa representar meu amo. Ou eles vão trucidá-lo.”

Ele vê a mágoa e o choque do outro, e desejaria retirar o que disse, mas é a verdade. “Só me resta tentar. Antes de tornar a vê-lo, vai ser tudo ou nada.”

George quase se curva. “Tudo ou nada”, murmura ele. “Sempre foi seu lema.”

Cavendish perambula entre os criados, dizendo: Thomas Cromwell estava lendo um livro de preces, Thomas Cromwell estava chorando. Só então George percebe como a situação é realmente terrível.

Era uma vez, na Tessália, um poeta chamado Simônides. Ele foi convocado a comparecer a um banquete oferecido por um homem chamado Escopas e recitar um poema em homenagem a seu anfitrião. Poetas têm estranhos caprichos, e em seus versos Simônides incorporou estrofes em louvor de Castor e Pólux, os Gêmeos Celestiais. Escopas ficou insatisfeito e disse que só pagaria metade do valor: “Quanto ao resto, peça aos Gêmeos”.

Pouco depois, um servo entrou no salão. Ele murmurou a Simônides que havia dois jovens do lado de fora, dizendo seu nome e pedindo para vê-lo.

Simônides se levantou e deixou o salão de jantar. Procurou os dois jovens, mas não viu ninguém.

Quando deu meia-volta para voltar e terminar seu banquete, Simônides ouviu um terrível barulho de pedras rachando e desmoronando. Ouviu os gritos das vítimas quando o teto do salão desabou. De todos os convivas, ele foi o único a escapar com vida.

Os corpos ficaram tão esmagados e desfigurados que os parentes dos mortos não puderam identificá-los. Mas Simônides era um homem notável. Tudo que ele via ficava gravado em sua mente. Ele orientou cada um dos parentes através das ruínas e, apontando para os restos mortais esmagados, dizia, aí está quem você procura. Para ligar os mortos a seus nomes, ele se guiou pela disposição dos assentos em sua lembrança.

É Cícero quem nos conta essa história. Ele nos ensina como Simônides inventou a arte da memorização naquele dia. O poeta recordava nomes, rostos, alguns azedos e inchados, outros alegres,

outros enfadados. Ele lembrava exatamente onde todos estavam sentados no momento em que o teto desabou.

Parte 3

1.

O truque das três cartas

Inverno de 1529 — Primavera de 1530

Johane: “Você diz: ‘Rafe, arranje-me uma cadeira no novo Parlamento’. E lá vai ele, feito uma menina que recebeu ordens de trazer a roupa lavada para dentro”.

“Foi mais difícil que isso”, Rafe retruca.

“E como você poderia saber?”, Johane pergunta.

Na grande maioria, os assentos na Câmara dos Comuns são outorgados por lordes; por nobres, bispos, pelo próprio rei. Um escasso grupo de eleitores, quando pressionado pela parte de cima, geralmente faz o que lhe é ordenado.

Rafe conseguiu para ele o condado de Taunton. É terreno de Wolsey; eles não teriam lhe dado o assento se o rei não tivesse aprovado, se Thomas Howard não tivesse aprovado. Ele mandou Rafe a Londres para testar o incerto território das intenções do duque, para descobrir o que havia por trás daquele sorriso ardiloso.

“Muitíssimo obrigado, mestre.”

Agora ele sabe. “O duque de Norfolk”, diz Rafe, “acredita que meu lorde cardeal tem tesouros enterrados, e acha que o senhor sabe onde estão.”

Eles conversam a sós. Rafe: “Norfolk vai convidá-lo a trabalhar para ele”.

“Sim. Talvez não com essas palavras.”

Ele observa o rosto de Rafe enquanto avalia a situação. À exceção do filho bastardo do rei, Norfolk já é o nobre mais elevado do reino. “Eu garanti a Norfolk”, diz Rafe, “que o senhor o respeita imensamente, que o reverencia, que... que deseja... anh... deseja estar...”

“Às suas ordens?”

“Mais ou menos isso.”

“E o que ele falou?”

“Ele disse, Hmm.”

Ele ri. “E qual foi o tom dele?”

“O de sempre.”

“Com aquele sorriso tétrico?”

“Sim.”

Pois bem. Vou secar minhas lágrimas, as lágrimas do Dia de Todos os Santos. Então eu me sento com o cardeal junto à lareira de Esher, num salão com uma chaminé fumegante. Eu lhe digo, meu amo, acha que eu o abandonaria? Depois encontro o homem encarregado de chaminés e lareiras e lhe dou ordens. Cavalgo para Londres, para Blackfriars. O dia está nebuloso, Dia de São Humberto. Norfolk está à espera, para dizer que será um bom amo para mim.

O duque está agora perto de completar sessenta anos, mas não faz concessões ao calendário. De rosto severo e olho afiado, tão esbelto quanto um osso roído e tão frio quanto a cabeça de um machado, suas articulações parecem atadas por delgados elos de corrente — de fato, há um chocalhar quando ele caminha, pois suas roupas escondem relicários, pequenos porta-joias em que leva sobras de pele e mechas de cabelos, e medalhões engastados com lascas de ossos de mártires. “Ave Maria!”, ele diz, como uma praga, e “Creio em Deus Pai!”, e às vezes faz surgir uma medalha ou um amuleto de onde quer que esteja pendurado em sua pessoa e o beija com fervor, rogando que algum santo ou mártir impeça que sua

ira momentânea o domine por completo. “São Judas, dai-me paciência!”, ele berra, provavelmente confundindo o santo com Jó, de quem ouvia falar quando menino, escutando a história no colo de seu primeiro padre. É difícil imaginar o duque como uma criança pequena, ou em qualquer forma mais jovem ou diferente do que é agora. Norfolk acha que a Bíblia é um livro desnecessário para o povo leigo, mas compreende que os padres tenham alguma utilidade para ela. O duque acha que ler livros é uma completa afetação e gostaria que houvesse menos dessas coisas na corte. Sua sobrinha, Ana Bolena, vive lendo, o que talvez explique por que está solteira aos vinte e oito anos. Ele não vê por que seria trabalho de um nobre escrever cartas; para isso, existem secretários.

Agora Norfolk fixa nele um olho vermelho e irascível. “Cromwell, alegro-me em saber que é um parlamentar.”

Ele faz uma mesura. “Meu amo.”

“Falei com o rei a seu respeito, e ele também está satisfeito. Seguirá as ordens de Henrique nos Comuns. E as minhas.”

“E elas serão as mesmas, meu amo?”

O duque franze as sobrancelhas. Ele marcha de um lado a outro; ouve-se o chocalho; por fim, ele explode: “Maldito seja, Cromwell, por que tem que ser esse tipo de... *indivíduo*? Você não está exatamente em posição de escolher”.

Ele espera, sorrindo. Sabe o que o duque quer dizer. Ele é um indivíduo, uma presença. Sabe como se infiltrar obscuramente num salão sem que ninguém o veja, mas talvez esses dias estejam acabados.

“Sorria o quanto quiser”, o duque retruca. “A casa de Wolsey é um ninho de víboras. Não que eu...” Ele toca numa medalha, estremecendo. “Deus me livre...”

Ele compara um príncipe da Igreja a uma serpente. O duque quer o dinheiro do cardeal e a posição do cardeal ao lado do rei; por outro lado, porém, não deseja arder no inferno. Ele perambula pela sala, bate palmas, esfrega as mãos, dá meia-volta. “O rei está

preparado para confrontá-lo, caro mestre. Ah, sim. Ele lhe concederá uma entrevista porque deseja compreender os assuntos do cardeal, mas, como descobrirá, Henrique tem uma memória muito longa e precisa, e o que ele recorda, senhor, é a outra ocasião em que foi representante parlamentar e se manifestou contra a guerra.”

“Espero que ele não continue pensando em invadir a França.”

“Maldito seja! E qual inglês não pensa nisso? Nós somos donos da França. Temos que recuperar o que é nosso.” Um músculo salta em seu rosto; ele marcha, agastado, dá meia-volta, esfrega a face e, quando o espasmo acaba, diz, numa voz perfeitamente casual: “Veja bem, você tem razão”.

Ele espera. “Não podemos vencer”, diz o duque, “mas temos que lutar como se pudéssemos. Ignorar as despesas, ignorar as perdas: dinheiro, homens, cavalos, navios. É isso que está errado com Wolsey, vê? Sempre na mesa de negociação. Como um filho de açougueiro poderia entender...”

“*La gloire?*”

“Seu pai era açougueiro?”

“Ferreiro.”

“É mesmo? Você sabe ferrar cavalos?”

Ele dá de ombros. “Se tiver que fazê-lo, meu senhor... Mas não posso imaginar...”

“Não pode? O que não pode imaginar? Um campo de batalha, um acampamento, a noite antes do confronto... Consegue imaginar isso?”

“Eu já fui soldado.”

“Foi mesmo? Não em algum exército inglês, eu aposto. Aí está, vê?” O duque sorri, quase sem animosidade. “Eu sabia que havia algo errado. Eu sabia que não gostava de algo, mas não conseguia desvendar a razão. Onde lutou?”

“Garigliano.”

“Com?”

“Os franceses.”

O duque assovia. “Lado errado, rapaz.”

“Isso eu notei.”

“Com os franceses”, ele ri. “Com os franceses. E como conseguiu se arrastar para fora daquele desastre?”

“Parti para o Norte. Entrei para o ramo do...” Ele quase fala “dinheiro”, mas o duque não compreenderia o que seria o ramo do dinheiro. “Tecido”, ele diz. “Seda, em geral. O senhor sabe como é o mercado, com os soldados por lá.”

“Por Deus Pai! Pois é! João Mascate. Encheu a burra de dinheiro. Aqueles suíços! Parecem uma trupe de atores mambembes. Rendas, listras, chapéus bonitos. Alvo fácil, só isso. Arqueiro?”

“De vez em quando.” Ele sorri. “Sou meio curto para essa atividade.”

“Eu também. Mas Henrique maneja um arco, e muito bem. Ele tem a altura para isso. Tem o braço. Mesmo assim, não venceremos mais tantas batalhas como aquela.”

“E que tal não lutar em batalha alguma? Negocie, senhor. É mais barato.”

“Eu vou lhe dizer uma coisa, Cromwell, tem muita coragem de aparecer por aqui.”

“Meu amo... O senhor mandou me chamar.”

“Mandei?” Norfolk parece alarmado. “Chegamos a esse ponto?”

Os conselheiros do rei estão preparando nada menos que quarenta e quatro acusações contra o cardeal. Elas variam da violação dos Estatutos de Praemunire — ou seja, o estabelecimento de uma jurisdição estrangeira dentro do território do rei — à compra de carne para sua casa pelo mesmo preço pago pelo rei; de malversação financeira ao fracasso em deter o avanço das heresias luteranas.

A Lei de Praemunire data de outro século. Ninguém mais sabe exatamente o que ela significa. Com o passar do tempo, a lei passa a significar aquilo que o rei bem quiser. O assunto é discutido em cada mesa de debates da Europa. Enquanto isso, o cardeal permanece sentado, e ora murmura para si mesmo, ora fala em voz alta: “Thomas, minhas universidades! Não importa o que aconteça com minha pessoa, as universidades têm que ser salvas. Vá até o rei. Não importa que vingança ele esteja planejando contra mim, seja qual for o motivo imaginário, ele certamente não pretende instaurar as trevas sobre o aprendizado, não é?”

No exílio de Esher, o cardeal perambula e se desespera. A grande mente que outrora revolvia os assuntos da Europa agora pondera incessantemente sobre as próprias perdas. Ele mergulha em silenciosa e melancólica inatividade, enquanto a luz do dia se apaga; pelo amor de Deus, Thomas, implora Cavendish, não diga ao cardeal que você virá vê-lo se na verdade não vier.

Eu não direi, responde ele, mas virei vê-lo, embora às vezes possa ficar retido. A Câmara se reúne até tarde, e antes de sair de Westminster tenho que reunir as cartas e petições para o cardeal e falar com todas as pessoas que desejam enviar mensagens sem registrá-las por escrito.

Entendo, Thomas, diz Cavendish, mas..., Cavendish geme, ... você não imagina como estão as coisas aqui em Esher. Que horas são?, o cardeal vive perguntando. A que horas Cromwell estará aqui? E uma hora depois, repete: Cavendish, que horas são? Ele nos manda esperar do lado de fora com tochas e pede pareceres sobre o clima; como se Thomas Cromwell fosse homem de ser detido por granizo ou neve. Depois, ele indaga: e se Thomas sofreu algum acidente na estrada? A estrada que vem de Londres é cheia de ladrões. Quando o sol se vai, os agentes do malefício fervilham pelos descampados e pelas charnecas. Então ele começa a dizer: este mundo é cheio de armadilhas e ilusões, e eu caí em muitas delas, miserável pecador que sou.

Quando ele, Cromwell, finalmente tira sua capa de montaria e desaba numa poltrona junto ao fogo — *pelo sangue de Cristo*, aquela chaminé fumegante! —, antes que ele consiga recuperar o fôlego, o cardeal já o interroga. O que disse o lorde de Suffolk? Como lhe pareceu meu lorde de Norfolk? O rei, você o viu? Ele falou com você? E Lady Ana, ela está bem de saúde, tem boa aparência? Você inventou algum método para agradá-la? Pois nós precisamos agradá-la, você sabe, não?

Ele responde: “Há uma forma rápida de agradar a dama, e é coroando-a rainha”. Sobre Ana, ele fecha a boca e não tem mais nada a dizer. Maria Bolena diz que Ana o notou, embora, até há pouco, não desse mostras disso. Seus olhos passavam por ele no caminho para observar alguém que lhe interessava mais. São olhos negros, ligeiramente protuberantes, cintilantes como as contas de um ábaco; são vívidos e estão sempre em movimento, como se ela se ocupasse dos cálculos de sua própria ascensão. Entretanto, tio Norfolk deve ter dito a ela: “Lá vai o homem que conhece os segredos do cardeal”, porque agora, quando ele entra em seu campo de visão, o longo pescoço de Ana se vira rápido; as contas negras e cintilantes fazem clic, clic, enquanto ela o examina de alto a baixo e decide que utilidade pode ser extraída daquela pessoa. À medida que o ano se aproxima do fim, ele imagina que ela esteja gozando de boa saúde; por exemplo, ela não tosse como um cavalo doente nem manca. E julga que, dependendo do gosto do freguês, ela tem boa aparência.

Certa noite, pouco antes do Natal, ele chega tarde a Esher e o cardeal está sentado, ouvindo um rapaz tocando alaúde. “Mark, obrigado, pode ir agora.” O garoto se curva para o cardeal; ele meneia a cabeça de leve, o cumprimento adequado a um membro do Parlamento. Enquanto o músico se retira da sala, o cardeal diz: “Mark é muito habilidoso, e um rapaz agradável; no palácio de York, ele era um dos meus coristas. Acho que não deveria mantê-lo aqui,

mas enviá-lo ao rei. Ou a Lady Ana, talvez, já que ele é um jovem tão belo. Será que ela o apreciaria?”.

O menino se demora na saída, para absorver os elogios. Um duro olhar cromwelliano — o equivalente a um chute — o toca para fora. Ele gostaria que as pessoas não lhe perguntassem o que Lady Ana aprecia ou deixa de apreciar.

“O lorde chanceler More me enviou alguma mensagem?”, o cardeal indaga.

Ele derruba um maço de papéis sobre a mesa. “O senhor parece indisposto, meu amo.”

“Sim, estou indisposto. Thomas, o que faremos?”

“Subornaremos pessoas”, ele diz. “Seremos pródigos e generosos com os bens que restam a vossa eminência; pois o senhor ainda tem benefícios a utilizar, ainda tem terras. Ouça, meu amo: mesmo que o rei tome tudo que é seu, as pessoas perguntarão, o rei pode realmente dar a outros o que pertence ao cardeal? Ninguém a quem ele conceda terras terá confiança na sua propriedade, a menos que o senhor dê sua confirmação. Assim, meu amo, ainda lhe restam... o senhor ainda tem cartas na manga.”

“E se no fim, se ele quisesse fazer uma acusação de traição...” A voz falha ao cardeal. “Se ele...”

“Se ele quisesse acusá-lo de traição, a esta hora o senhor já estaria na Torre.”

“De fato; e com a cabeça separada do corpo, que utilidade eu teria para ele? Assim são as coisas: ao me degradar, o rei pretende dar uma dura lição ao papa. Ele quer indicar: eu, rei da Inglaterra, sou senhor na minha própria casa. Ah, mas será mesmo? Ou Lady Ana é a senhora? Ou Thomas Bolena é o senhor? Uma pergunta que não deve ser feita, pelo menos não fora desta sala.”

A batalha agora é falar a sós com o rei; descobrir suas intenções — se é que o próprio rei sabe quais são — e negociar um acordo. O cardeal necessita com urgência de dinheiro vivo, essa será a primeira escaramuça. Dia após dia, ele espera por uma entrevista.

O rei estende uma das mãos, recebe toda a correspondência que ele lhe oferece, lança uma olhadela ao selo do cardeal. Mal olha para ele, murmurando apenas um distraído “Obrigado”. Um dia o rei finalmente o encara e diz: “Mestre Cromwell, sim... Não posso falar sobre o cardeal”. E quando ele abre a boca para dizer algo, o rei declara: “Não compreendeu? Não posso falar sobre ele”. Seu tom é polido, intrigado. “Outro dia”, ele conclui. “Eu o convocarei. É uma promessa.”

Quando o cardeal pergunta: “Como o rei lhe pareceu hoje?”, ele diz: ele tem cara de quem não dorme mais.

O cardeal ri. “Se ele não dorme, é porque não está caçando. Esta terra congelada é muito dura para as patas dos cães, eles não podem sair. É a falta de ar fresco, Thomas. Não é sua consciência.”

Mais tarde, ele se lembrará daquela noite no fim de dezembro, quando encontrou o cardeal ouvindo música. Ele a reviverá mentalmente, muitas e muitas vezes.

Isso porque, quando deixou o cardeal e começou a pensar na estrada à frente, na noite, ele ouviu a voz de um rapaz falando atrás de uma porta entreaberta: era Mark, o alaudista. “... pois então, pelas minhas habilidades, ele diz que me mandará para Lady Ana. E eu tenho é que ficar satisfeito, pois que razão há em continuar aqui se qualquer dia desses o rei vai acabar decapitando o velho? Acho que ele deveria fazer isso, porque o cardeal é orgulhoso demais. Hoje foi o primeiro dia que ele me fez um elogio.”

Uma pausa. Alguém fala, uma voz abafada; ele não consegue identificar quem. Depois, Mark de novo: “Sim, é claro que o advogado cairá com ele. Eu o chamo de advogado, mas quem ele é? Ninguém sabe. Dizem que ele matou homens com suas próprias mãos e nunca se confessou. Mas esses homens endurecidos, eles sempre choram quando veem o carrasco”.

Ele não tem dúvida de que é sua própria execução o que Mark está prevendo. Do outro lado da parede, o garoto continua: “Assim, quando eu estiver com Lady Ana, ela certamente me notará e me

dará presentes”. Uma risadinha. “E vai me olhar com benevolência. Não acha? Quem sabe onde buscará diversão, enquanto continua recusando os favores do rei?”

Uma pausa. E novamente Mark: “Ela não é donzela. Não mesmo”.

Um diálogo fascinante: conversa de criados. Mais uma vez se ouve uma réplica abafada, e depois Mark: “E você acredita que ela poderia passar pela corte francesa e voltar donzela? Mais que a irmã? E Maria foi cavalgada de tudo quanto é homem”.

Mas isso não é nada. Ele está decepcionado. Esperava especificidades; isto é apenas o *on dit*. Mas ele ainda hesita, e não se move.

“Além do mais, Tom Wyatt a usou e todo mundo sabe disso, até em Kent. Eu estive em Penshurst com o cardeal, e você sabe que o palácio é perto de Hever, onde vive a família da dama; a casa dos Wyatt fica a uma cavalgada rápida.”

Testemunhas? Datas?

Mas, em seguida, ouve-se um “Shh!” da pessoa desconhecida e novamente uma risada baixa.

Não se pode fazer nada com isso. A não ser guardar na memória. A conversa é em flamengo: língua da terra natal de Mark.

Chega o Natal, e o rei permanece em Greenwich com a rainha Catarina. Ana está no palácio de York; o rei pode subir o rio para encontrá-la. Dizem as mulheres que a companhia dela é restrita: as visitas do rei são curtas, poucas e discretas.

Em Esher, o cardeal se recolhe à cama. Outrora, ele jamais faria isso, mas agora sua aparência adoentada é justificativa suficiente. Ele diz: “Nada acontecerá enquanto o rei e Lady Ana estiverem trocando seus beijos de Ano-Novo. Estamos a salvo de incursões até o Dia de Reis”. Ele vira a cabeça, enterrada nos travesseiros e diz, veemente: “Pelo corpo de Cristo, Cromwell. Vá para casa”.

A casa de Austin Friars está decorada com guirlandas de hera e azevinho, de loureiro e teixos dispostos em fitas. A cozinha está movimentada, alimentando os vivos, mas este ano eles omitem suas canções e brincadeiras habituais do Natal. Nenhum ano trouxe tanta devastação quanto este. Sua irmã Kat e seu cunhado Morgan Williams foram ceifados da vida tão rápido quanto as filhas dele — num dia caminhando e conversando, no dia seguinte frios como pedras, atirados em suas covas junto ao Tâmis e enterrados fora do alcance das cheias, além das vistas e do cheiro do rio, surdos agora para o som do sino rachado da igreja de Putney, para o cheiro de tinta fresca, de lúpulo, de cevada maltada e do odor ainda animal de fardos de lã; mortos para o aroma outonal de resina de pinho, das velas de maçã, dos bolinhos de Natal no forno. Quando o ano acaba, dois órfãos são acrescentados a casa, Richard e o menino Walter. Morgan Williams era um falastrão, mas à sua maneira era inteligente e trabalhara duro por sua família. E Kat — bem, nos últimos tempos ela compreendia o irmão quase tão bem quanto compreendia os movimentos das estrelas. “Nunca consigo decifrá-lo, Thomas”, ela dizia, o que ele sentia ser um fracasso seu, pois, afinal, quem ensinou Kat a contar nos dedos e desvendar uma conta de mercado?

Se quisesse dar a si mesmo um conselho de Natal, ele diria: deixe o cardeal agora ou logo você estará nas ruas mais uma vez executando o truque das três cartas. Mas ele só dá conselhos a pessoas que os seguirão.

A família tem uma grande estrela dourada em Austin Friars, que é pendurada no salão na noite de Ano-Novo. Por uma semana ela brilha, para receber os convidados na Epifania. Desde o verão, Thomas e Liz começavam a pensar nas fantasias dos Três Reis Magos, cobiçando e estocando cada retalho de todos os tecidos estranhos que viam, todos os novos enfeites; em outubro, Liz costurava em segredo, melhorando as vestimentas do ano anterior, agregando novos apliques brilhosos, forrando um ombro e

aumentando uma barra, montando fantásticas coroas a cada ano. A parte dele era pensar nos presentes que os reis trariam em suas caixas. Uma vez um dos reis deixou cair sua cesta, espantado, quando o presente começou a cantar.

Este ano ninguém tem coragem de pendurar a estrela; mas ele a visita na despensa escura. Ele abre a capa que embala seus raios e verifica que continuam intactos e vistosos. Haverá anos melhores, e eles haverão então de alçá-la novamente; mas ele não consegue imaginar esse tempo futuro. Volta a fechar a capa, contente por ver o engenho com que foi feita e a perfeição com que se ajusta. Os mantos dos Três Reis estão guardados num baú, assim como as fantasias das crianças que interpretam as ovelhas. Os cajados dos pastores estão apoiados num canto; asas de anjo pendem de um gancho. Ele as toca. O dedo, ao se afastar, está coberto de pó. Por precaução ele move a chama da vela, para longe do perigo, tira as asas do gancho e as sacode com delicadeza. Elas emitem um suave cício e um leve perfume de âmbar se derrama no ar. Ele devolve as asas ao gancho e passa nelas a palma da mão, para alisá-las e deter sua trepidação. Ele pega sua vela, recua, fecha a porta, apaga a vela entre os dedos, vira a fechadura e dá a chave a Johane.

“Eu gostaria que tivéssemos um bebê. Já faz tanto tempo desde que tivemos um bebê nesta casa”, ele diz a ela.

“Não olhe para mim”, responde Johane.

Mas ele olha para ela, claro. E diz: “John Williamson não tem cumprido seus deveres com você ultimamente?”.

“O dever dele não é meu prazer.”

Enquanto se afasta, ele pensa: essa é uma conversa que não poderia ter acontecido.

No Ano-Novo, quando a noite cai, ele está sentado à escrivaninha; escreve cartas para o cardeal e às vezes cruza a sala até a mesa de ábacos e empurra as contas de um lado a outro. Ao que parece, em troca de uma confissão formal de culpa pelas

acusações de Praemunire, o rei permitirá que o cardeal continue vivendo e lhe concederá certa medida de liberdade; mas todo o dinheiro que restar ao cardeal para manter suas propriedades será apenas uma fração de sua antiga renda. O palácio de York já foi tomado, Hampton Court já se foi há muito, e o rei está pensando em formas de extorquir e roubar o bispado de Winchester.

Gregory entra. “Eu lhe trouxe umas velas. Minha tia Johane disse, vá ficar com seu pai.”

Gregory senta. Espera. Remexe-se. Suspira. Fica em pé e se aproxima da escrivaninha, passando diante do pai. Depois, como se alguém tivesse dito, “faça alguma coisa”, ele estende a mão timidamente e começa a arrumar os papéis.

Ele levanta os olhos para o filho, sem erguer a cabeça, que continua inclinada sobre os papéis. Quiçá pela primeira vez desde a primeira infância de Gregory, ele nota suas mãos e fica impressionado com o que se tornaram: não são mãozinhas infantis, mas as mãos brancas, grandes e imperturbáveis do filho de um nobre. O que Gregory está fazendo? Ele arruma os documentos numa pilha. Mas que princípio está usando? Gregory não pode ler os papéis porque estão de cabeça para baixo. E também não está enfileirando de acordo com o assunto. Seria pela data? Pelo amor de Deus, *o que* ele está fazendo?

Ele precisa terminar esta frase, com suas muitas subcláusulas vitais. Levanta os olhos de novo e compreende o esquema de Gregory. É um sistema de sagrada simplicidade: os papéis grandes vão embaixo, os pequenos em cima.

“Pai...”, diz Gregory. Ele suspira. Ele vai até o ábaco. Com o indicador ele move ligeiramente as contas. Depois reúne todas elas num conjunto organizado.

Ele finalmente ergue os olhos. “Isso era um cálculo. As contas não estavam largadas de qualquer jeito.”

“Ah, desculpe”, diz Gregory com polidez. Ele se senta junto ao fogo e tenta não agitar o ar enquanto respira.

Mesmo os olhos mais ternos podem ser imperiosos; sob o olhar do filho, ele pergunta: “O que foi?”.

“Será que pode parar de escrever?”

“Um minuto”, responde ele, erguendo uma mão protetadora; ele assina a carta, de sua forma habitual: “Seu fiel amigo, Thomas Cromwell”. Se Gregory está aqui para dizer que há outra pessoa na casa à beira da morte, ou que ele, Gregory, pediu a lavadeira em casamento, ou que a ponte de Londres desabou, ele precisa se preparar para receber a notícia como um homem; mas antes tem de selar a carta. Ele ergue os olhos. “Sim?”

Gregory vira o rosto. Está chorando? Uma vez que ele próprio derramou lágrimas, e em público, isso não seria de surpreender, seria? Ele cruza a sala e se senta diante do filho, junto à lareira. Ele tira sua boina de veludo e passa as mãos pelos cabelos.

Por um longo tempo, os dois ficam em silêncio. Ele baixa os olhos para as próprias mãos de dedos grossos, com cicatrizes e queimaduras escondidas nas palmas. Ele pensa, cavalheiro? É o que você diz de si mesmo, mas a quem pretende enganar? Só as pessoas que jamais o viram, ou as pessoas das quais se mantém cordialmente à distância, clientes legais e seus colegas na Câmara, companheiros do Gray’s Inn, os criados domésticos de cortesãos, os próprios cortesãos... Sua mente vaga em direção à próxima carta que precisa escrever. Depois Gregory diz, com a voz baixa como se tivesse afundado no passado: “Lembra-se daquele Natal, quando houve um gigante no cortejo?”.

“Aqui na paróquia? Lembro.”

“Ele disse: ‘Eu sou um gigante, meu nome é Marlinspike’. Dizem que ele era tão alto quanto o mastro de Cornhill. O que é o mastro de Cornhill?”

“Eles derrubaram o mastro. No ano das revoltas. O Primeiro de Maio Negro, foi como chamaram. Você era só um bebê naquela época.”

“Onde está o mastro agora?”

“O governo da cidade o guardou.”

“No ano que vem vamos pendurar nossa estrela de novo?”

“Se nossa sorte melhorar.”

“Nós seremos pobres, agora que o cardeal está acabado?”

“Não.”

As pequenas chamas se atizam e se elevam, observadas por Gregory. “Lembra o ano em que pintaram minha cara de preto e me vestiram de couro de bezerro preto? Quando fui o diabo na peça de Natal?”

“Lembro.” Seu rosto se abrandava. “Eu lembro.”

Anne quis ser pintada, mas a mãe disse que não era adequado para uma garotinha. Agora ele queria ter dito que era a vez de Anne ser o anjo na celebração — mesmo que, sendo morena, ela tivesse de usar uma das perucas de lã amarela da paróquia, que caíam de lado e cobriam os olhos das crianças.

No ano em que Grace foi um anjo, ela usou asas feitas de plumas de pavão. Ele mesmo projetou o adereço. As outras meninas foram desmazeladas criaturas de penas de ganso, e suas asas caíam se roçassem nos cantos do estábulo. Mas Grace se apresentou em esplendor, os cabelos trançados com fios de prata; os ombros apoiavam uma glória espalhada e fulgurante, e o ar agitado se perfumava com sua respiração. Lizzie disse, Thomas, você não conhece limites, não? Ela tem as melhores asas que essa cidade já viu.

Gregory se levanta; ele se aproxima para lhe dar um beijo de boa-noite. Por um momento, o filho se recosta contra o pai, como se fosse uma criança; ou como se o passado, as imagens no fogo, fossem uma intoxicação.

Quando o rapaz vai para a cama, o pai desarma a pilha ordenada que Gregory compôs com seus papéis. Torna a dobrá-los, organizando-os com a assinatura para fora, prontos para o arquivamento. Ele pensa no Primeiro de Maio Negro. Gregory não

perguntou: por que houve revoltas? As revoltas foram contra estrangeiros. Fazia pouco que ele mesmo voltara para casa.

Quando começa o ano de 1530, ele evita celebrar a Epifania, pois, se oferecesse um banquete, muitas pessoas, afetadas pela desgraça do cardeal, seriam obrigadas a recusar o convite. Em vez disso, ele leva os jovens para o Gray's Inn, para as festividades do Dia de Reis. Arrepende-se quase de imediato; neste ano, as celebrações estão mais barulhentas e obscenas do que em qualquer outra ocasião que ele recorde.

Os estudantes de direito encenam uma peça sobre o cardeal. Eles o mostram fugindo de seu palácio em York até a barca no Tâmis. Alguns acadêmicos agitam lençóis pintados para representar o rio, e outros se adiantam e atiram água de tinhas de couro na plateia. Quando o cardeal entra aos tropeções em sua barca, ouvem-se gritos de perseguição e um bobo corre para dentro do salão com uma matilha na coleira. Outros chegam com redes e varas de pescar, para arrastar o cardeal de volta à margem.

A cena seguinte mostra o cardeal chafurdando na lama em Putney, enquanto corre para sua caverna em Esher. Os estudantes vão e gritam quando o cardeal chora e fecha as mãos em prece. Dentre todas as pessoas que testemunharam de fato aquela cena, quem a teria relatado em forma de comédia? Se ele soubesse, ou se ao menos desconfiasse, o indiscreto pagaria caro.

O cardeal se deita de costas, uma montanha escarlate; ele sacode as mãos; oferece seu bispado de Winchester a qualquer um que consiga instalá-lo de volta em sua mula. Sob uma estrutura coberta com couro de burro, alguns estudantes representam a mula, que saltita, faz piadas em latim e peida na cara do cardeal. Há muitos trocadilhos com bispos e bispotes que até poderiam soar inteligentes se esses rapazes fossem varredores de rua; contudo, ele acha que estudantes de direito deveriam fazer melhor que isso.

Ele se ergue de seu assento, repugnado, e seus acompanhantes não têm escolha a não ser levantar e sair com ele.

Ele se detém para trocar uma palavra com alguns magistrados: como permitiram que isso acontecesse? O cardeal de York é um homem doente, ele pode morrer; como vocês e seus estudantes ficarão diante de Deus nessa situação? Que tipo de jovens vocês estão criando aqui, que têm a coragem de humilhar um grande homem arruinado em tempos traiçoeiros — e por cujo favor todos teriam implorado algumas semanas atrás?

Os magistrados o seguem, pedindo desculpas; mas suas vozes se perdem no rugido das gargalhadas que se derramam no salão. Seus jovens acompanhantes se demoram, lançando olhares para trás. O cardeal oferece seu harém de quarenta virgens para qualquer um que o ajude a montar; ele se senta no chão e lamenta, enquanto um membro flácido e serpentino, tricotado em lã vermelha, aparece sob seu hábito.

Do lado de fora, as tochas são fracas no ar gelado. “Para casa”, diz ele, e ouve Gregory murmurando: “Só podemos rir se ele nos dá permissão”.

Ele ouve a resposta de Rafe: “Bem, no fim das contas, ele é o homem que está no comando”.

Ele atrasa um passo, para falar com os dois. “Além do mais, foi o perverso papa Bórgia, Alexandre, quem teve quarenta mulheres. E garanto que nenhuma era virgem.”

Rafe o toca no ombro. Richard caminha à sua esquerda, mantendo a proximidade. Ele diz, polido: “Não precisa me amparar. Não sou como o cardeal”. Ele para. E ri. “Suponho que estava...”

“Pois é, estava bastante divertido”, diz Richard. “Aquela eminência provavelmente tinha um metro e meio de cintura.”

A noite está cheia de ruídos de chocalhos e iluminada pela chama de tochas. Uma tropa de cavaleiros de pau cruza o caminho deles, cantando, e um grupo de homens usando chifres, com sinos nos calcanhares. Quando se aproximam de casa, um menino

fantasiado de laranja passa saltando com seu amigo, um limão.

“Gregory Cromwell!”, gritam, e para ele, como chefe da família, eles erguem educados um pedaço de casca que faz as vezes de chapéu.

“Que Deus lhes dê um bom ano novo.”

“O mesmo para vocês”, ele responde. E para o limão: “Diga ao seu pai para me procurar e conversar sobre aquele arrendamento de Cheapside”.

Eles chegam em casa. “Vão dormir, já é tarde.” Ele sente que é melhor acrescentar: “Que Deus os guarde até a manhã”.

Os meninos o deixam. Ele se senta diante da escrivaninha e se lembra de Grace, no fim de sua noite como anjo: parada à luz do fogo, o rosto pálido de fadiga, a íris cintilante e os olhos das penas de pavão brilhando à luz, como topázios, dourados, esfumaçados. Liz disse: “Fique longe da lareira, meu amor, ou suas asas vão pegar fogo”. Sua menininha recuou para as sombras; as plumas adquiriram tons de cinzas e carvão quando ela se deslocou para a escada, e o pai disse: “Grace, você vai dormir com suas asas?”.

“Só até fazer as preces”, disse a menina, lançando um rápido olhar por cima do ombro. Ele a seguiu, temendo por ela, temendo pelo fogo ou algum outro perigo, sem saber qual. Ela subiu a escadaria, as asas ciciando, as plumas desaparecendo no escuro.

Ah, Cristo, ele pensa, pelo menos eu jamais terei de entregá-la a outra pessoa. Ela está morta e não terei de passá-la a nenhum pequeno aristocrata de boca enrugada e de olho no dote dela. Grace teria gostado de um título. Teria pensado que o pai deveria comprar um título para ela, por ser bonita: Lady Grace. Eu gostaria que minha filha Anne estivesse aqui, ele pensa, gostaria que Anne estivesse aqui e prometida a Rafe Sadler. Quem dera Anne fosse mais velha. Quem dera Rafe fosse mais jovem. Quem dera Anne ainda estivesse viva.

Mais uma vez, ele se debruça sobre as cartas do cardeal. Wolsey está escrevendo para os governantes da Europa, pedindo que o apoiem, que o inocentem, que lutem por sua causa. Ele, Thomas

Cromwell, preferiria que o cardeal não fizesse isso, ou, se é de fato necessário, será que a codificação poderia ser mais complexa? Não seria um ato de traição da parte de Wolsey, incitá-los a obstruir a intenção do rei? Henrique julgaria dessa forma. O cardeal não está pedindo que declarem guerra a Henrique em seu nome: está apenas pedindo que retirem sua aprovação a um rei que gosta muito de ser adorado.

Ele se recosta na poltrona, mãos sobre a boca, como que para silenciar sua opinião para si mesmo. Ele pensa: fico feliz por gostar do meu lorde cardeal, porque se não gostasse, e fosse seu inimigo — digamos, se eu fosse Suffolk, se eu fosse Norfolk, se eu fosse o rei —, eu o levaria a julgamento na semana que vem.

A porta se abre. “Richard? Não consegue dormir? Bem, eu sabia. A peça foi agitada demais para você.”

Seria fácil sorrir agora, mas Richard não ri; seu rosto está na penumbra. Ele diz: “Mestre, tenho uma pergunta para o senhor. Nosso pai está morto e o senhor é nosso pai agora”.

Richard Williams e Walter-batizado-como-o-velho-Walter-Williams: são seus novos filhos. “Sente-se”, diz ele.

“Pois bem, nós temos que mudar de sobrenome e adotar o seu?”

“Você me surpreende. Do jeito que as coisas estão para o meu lado, quem se chama Cromwell logo vai querer mudar o nome para Williams.”

“Se eu tivesse seu nome, nunca o abandonaria.”

“Seu pai gostaria disso? Você sabe que ele acreditava que descendia de uma princesa de Gales.”

“Ah, acreditava. Quando tomava um drinque, ele dizia: quem me dá um xelim pelo meu principado?”

“Mesmo assim, você tem o nome Tudor na sua linhagem. Segundo alguns relatos.”

“Não diga isso”, reclama Richard. “Faz com que gotas de sangue apareçam na minha testa.”

“Não é tão grave.” Ele ri. “Ouça. O velho rei tinha um tio, Jasper Tudor. Jasper teve duas filhas bastardas, Joan e Helen. Helen era a mãe de Gardiner. Joan se casou com William ap Evan: ela era sua avó.”

“Só isso? Por que meu pai fazia essa história soar como algo tão profundo? Mas, se sou primo do rei”, Richard faz uma pausa, “e primo de Stephen Gardiner... de que me serve isso? Não estamos na corte e provavelmente nunca estaremos, agora que o cardeal... bem...” Ele desvia os olhos. “Senhor... Quando estava nas suas viagens, o senhor chegou a pensar que ia morrer?”

“Sim. Ah, sim.”

Richard o encara. “Como se sentiu?”

“Eu me senti”, ele disse, “irritado. Parecia um desperdício, acho. Chegar tão longe. Cruzar o mar. Morrer por...” Ele dá de ombros. “Deus sabe por quê.”

“Eu acendo uma vela para meu pai todo dia”, Richard diz.

“Isso ajuda você?”

“Não. Faço por fazer.”

“Ele sabe que você faz isso?”

“Não faço ideia do que ele sabe. O que sei é que os vivos têm que consolar uns aos outros.”

“Isso me conforta, Richard Cromwell.”

Richard se levanta e lhe beija o rosto. “Boa noite. *Cysga'n dawel*.” Durma bem; é a forma familiar para os que são íntimos da casa. É o uso para os pais, para os irmãos. O nome que escolhemos, o nome que construímos, faz diferença. As pessoas que morrem no campo de batalha perdem seus nomes, os cadáveres comuns sem qualquer linhagem, sem qualquer herança para si e nenhuma missa paga, nenhuma prece perpétua. A linhagem de Morgan não se perderá, disso ele está certo, embora Morgan tenha falecido num ano carregado de mortes, um ano que Londres passou vestida de luto. Ele toca a garganta, onde a medalha estaria, a medalha sagrada que Kat lhe dera; seus dedos

se surpreendem por não encontrá-la ali. Pela primeira vez ele compreende por que a sacou e a atirou no mar. Foi para que nenhuma mão pudesse pegá-la. As ondas a levaram, e as ondas ainda a têm.

A chaminé em Esher continua a fumar. Ele procura o duque de Norfolk — que está sempre pronto a recebê-lo — e pergunta o que será feito da criadagem do cardeal.

Nesse assunto, ambos os duques são prestativos. “Não há nada mais descontente”, diz Norfolk, “que um homem sem senhor. Nada mais perigoso. Não importa o que pensemos do cardeal de York, o fato é que ele sempre foi bem servido. Envie os servos para mim, mande-os na minha direção. Eles serão meus criados.”

O duque lança um olhar inquisitivo para ele. Que, por sua vez, desvia o rosto. Sabe-se cobiçado. Exibe a expressão de uma rica herdeira: uma expressão dissimulada, recatada, fria.

Ele está trabalhando num empréstimo para o duque. Seus contatos estrangeiros não ficaram lá muito entusiasmados. Quando o cardeal cair, ele lhes disse, o duque vai se erguer como o sol da manhã, e há de se elevar como braço direito de Henrique. Tommaso, eles dizem, é sério, que garantia você está oferecendo? Um velho duque que pode morrer amanhã — dizem que é colérico. Você oferece um ducado como garantia, naquela sua ilha bárbara, que vive irrompendo em guerra civil? E se seu rei obstinado dispensar a tia do imperador e instalar sua prostituta como rainha, com outra guerra chegando?

Mesmo assim, ele conseguirá um acordo. Em algum lugar.

Charles Brandon diz: “Por aqui outra vez com sua lista de nomes, mestre Cromwell? Há alguém que recomende especificamente para mim?”.

“Sim, mas creio que se trata de um homem de rude estampa, e é mais adequado que eu o discuta com seu intendente de cozinha...”

“Não, diga-me”, insiste o duque. Ele não aguenta o suspense.

“É apenas o limpador de chaminés, não se trata de assunto para vossa graça...”

“Eu fico com ele, eu fico”, diz Charles Brandon. “Gosto de um bom fogo.”

Thomas More, o lorde chanceler, foi o primeiro a pôr sua assinatura em todos os artigos contra Wolsey. Dizem que, a seu pedido, uma estranha alegação foi acrescentada. O cardeal é acusado de sussurrar no ouvido do rei e bafejar em seu rosto; considerando-se que o cardeal já teve o mal-francês, sua intenção era infectar nosso monarca.

Ao ouvir isso, ele pensa: imagine como é viver dentro da mente do lorde chanceler. Imagine escrever uma acusação como essa, levá-la à gráfica e fazê-la circular pela corte e pelo reino, lançá-la ao mundo, onde as pessoas acreditam em qualquer coisa; atirá-la para os pastores nas colinas, para o agricultor de Tyndale, para o mendigo das ruas e a paciente besta em seu curral ou estábulo; lá fora, para os duros ventos do inverno, e para o fraco sol da manhã, e os flocos de neve nos jardins de Londres.

É uma manhã apagada, de nuvens baixas e contínuas; a luz, filtrando-se raramente pelo vidro, tem a cor do peltre manchado. Que luminosas são as cores do rei, como se fora o rei de um novo baralho de cartas: quão pequeno é seu impassível olho azul.

Há um grupo de nobres em torno de Henrique Tudor; eles ignoram sua aproximação. Só Harry Norris sorri e lhe dá um educado bom-dia. A um sinal do rei, os cavalheiros recuam a certa distância; elegantes em suas capas de montaria — é uma manhã de caça —, eles passeiam, rodopiam, agrupam-se; sussurram entre si, envolvidos num diálogo de cabeças meneadas e ombros erguidos.

O rei olha pela janela. “Pois então, como está o...?” Ele parece relutar em nomear o cardeal.

“Ele só ficará bem quando recobrar os favores de vossa majestade.”

“Quarenta e quatro acusações”, diz o rei. “Quarenta e quatro, senhor.”

“Com todo o respeito, majestade, há uma explicação para cada uma delas, e nós as apresentaremos se uma audiência nos for concedida.”

“Você poderia enumerá-las aqui e agora?”

“Se vossa majestade tiver a bondade de se sentar.”

“Ouvi dizer que você é um homem preparado.”

“Eu viria até aqui despreparado?”

Ele responde quase sem pensar. O rei sorri. Aquela fina curvatura de lábios vermelhos. Henrique tem uma bela boca, quase feminina; é muito pequena para seu rosto. “Em qualquer outro dia, eu o submeteria ao teste”, diz o rei. “Mas o lorde de Suffolk me aguarda. Será que o tempo vai abrir? O que acha? Eu gostaria de sair antes da missa.”

“Acho que o sol vai sair”, ele responde. “Um bom dia para caçar alguma coisa.”

“Mestre Cromwell?” O rei se volta e o encara, abismado. “Não partilha da opinião de Thomas More, partilha?”

Ele espera, sem a menor ideia do que o rei está prestes a dizer.

“*La chasse*. Ele crê que é uma coisa bárbara.”

“Ah, compreendo. Não, majestade, apoio qualquer esporte que seja mais barato que a batalha. A questão é que...” Como dizer? “Em alguns países, eles caçam ursos, lobos e javalis. Outrora encontrávamos esses animais na Inglaterra, quando tínhamos nossas grandes florestas.”

“Meu primo, o rei da França, tem javalis para caçar. De tempos em tempos, diz que vai me mandar alguns, de navio. Mas tenho a impressão de que...”

Tem a impressão de que ele está zombando de você.

“Geralmente dizemos...” Henrique olha diretamente para ele.

“Geralmente dizemos, nós nobres, que a caça nos prepara para a guerra. O que nos leva a um ponto complicado, mestre Cromwell.”

“De fato”, ele diz, alegremente.

“Há cerca de seis anos, o senhor disse no Parlamento que eu não poderia custear uma guerra.”

Foram sete anos: 1523. E quanto tempo dura essa audiência? Sete minutos? Sete minutos e ele já está seguro de que não pode recuar: faça isso e Henrique o perseguirá. Avance, e o rei talvez vacile. Ele responde: “Jamais houve um só governante na história do mundo que teve condições de custear uma guerra. Guerras não são coisas custeáveis. Nenhum príncipe jamais disse: ‘Esse é meu orçamento, portanto esse é o tipo de guerra que posso travar’. O governante entra numa guerra e ela consome todo o dinheiro que ele possui, e depois o arruína e o leva à bancarrota”.

“Quando fui à França no ano de 1513, conquistei a cidade de Théroouanne, que no seu discurso você chamou de...”

“Canil, majestade.”

“Um canil”, repete o rei. “Como pôde dizer isso?”

Ele dá de ombros. “Eu estive lá.”

Uma centelha de ira. “Eu também estive, à frente do meu exército. Ouça, caro mestre: disse que eu não deveria lutar porque os custos destruiriam o país. Mas para que serve o país, senão para apoiar o príncipe nas suas realizações?”

“Pelo que recordo, eu disse — com todo respeito a vossa majestade — que não tínhamos ouro para sustentá-lo numa campanha de um ano. Todo o metal no país seria engolido pela guerra. Li que outrora as pessoas trocavam peças simbólicas de couro, por falta de moedas de metal. Disse que voltaríamos àqueles tempos.”

“E também disse que eu não deveria liderar minhas tropas. Disse que se eu fosse capturado, o país não poderia pagar o resgate. Pois bem, o que quer? Quer um rei que não lute? Quer que eu me recolha aos interiores como uma mocinha enferma?”

“Isso seria o ideal, para propósitos fiscais.”

O rei respira profunda e asperamente. Esteve gritando. Agora — e essa é uma fronteira tênue —, ele decide rir. “O senhor me aconselha prudência. Prudência é uma virtude. Mas há outras virtudes que pertencem aos príncipes.”

“Fortitude.”

“Sim. Há preço para isso?”

“Não significa coragem em batalha.”

“Pretende me dar uma aula?”

“Significa rigidez de propósito. Significa resistência. Significa ter a força para viver com aquilo que o limita.”

Henrique cruza o salão. Um passo, outro passo, mais um passo em suas botas de montaria; ele está pronto para *la chasse*. Dá meia-volta, vagarosamente, para exibir sua majestade da melhor maneira: vasta, quadrangular e refulgente. “Prossigamos no assunto. Quais minhas limitações?”

“A distância”, ele responde. “Os portos. O terreno. O povo. As chuvas de inverno e a lama. Quando os ancestrais de vossa majestade lutaram na França, províncias inteiras estavam na mão da Inglaterra. daquelas terras, podíamos extrair mantimentos, provisões. Agora que só temos Calais, como podemos sustentar um exército no interior do continente?”

O rei contempla a manhã cor de prata. Morde o lábio. Estará ardendo em lenta fúria, em fogo brando, borbulhando à beira da fervura? Henrique se vira, e seu sorriso é ensolarado. “Eu sei”, diz ele. “Assim, quando formos para a França da próxima vez, precisaremos de uma parte da costa.”

Claro. Precisamos tomar a Normandia. Ou a Bretanha. Só isso.

“Bem pensado”, diz o rei. “Não guardo rancores em relação ao senhor. Só creio que não possui qualquer experiência em política, ou na direção de uma campanha.”

Ele balança a cabeça. “Nenhuma.”

“O senhor afirmou... isto é, no passado, naquele seu discurso para o Parlamento... que havia um milhão de libras em ouro no

reino.”

“Dei um número arredondado.”

“Mas como chegou a esse número?”

“Fui treinado nos bancos florentinos. E em Veneza.”

O rei o olha fixamente. “Howard disse que foi um soldado comum.”

“Também.”

“Algo mais?”

“O que vossa majestade quer que eu seja?”

O rei o olha em cheio, bem no rosto: coisa rara para Henrique. Ele devolve o olhar: é seu costume. “Mestre Cromwell, sua reputação é ruim.”

Ele inclina a cabeça.

“Não se defende?”

“Vossa majestade tem condições de formar sua própria opinião.”

“Tenho. E formarei.”

À porta, os guardas separam suas lanças; os nobres se põem de lado e se curvam; o duque de Suffolk entra em largas passadas. Charles Brandon parece acalorado demais em suas roupas. “Está pronto?”, ele pergunta ao rei. “Ah, Cromwell.” Ele sorri. “Como vai seu padrecó gordo?”

O rei cora com desagrado. Brandon não nota. “Sabe”, ele ri, “dizem que certa vez o cardeal cavalgava com seu servo e deteve seu cavalo na entrada de um vale, e ele baixou os olhos e viu uma belíssima igreja e as terras ao redor. Ele perguntou ao servo: Robin, a quem pertence aquilo? Eu gostaria que fizesse parte de meus domínios! Robin responde: já faz, meu amo, já faz.”

A história recebe pouca aclamação, mas Suffolk ri sozinho.

Ele diz: “Meu amo, essa história é contada por toda a Itália. Sobre este ou aquele cardeal”.

O sorriso de Brandon desaba. “Como? A mesma história?”

“*Mutatis mutandis*. O servo não se chama Robin.”

O rei o olha nos olhos. Ele sorri.

Ao sair, ele passa entre os nobres e quem encontra? O secretário do rei! “Bom dia, bom dia!”, ele diz. Geralmente ele não repete coisas, mas o momento parece exigir isso.

Gardiner esfrega as grandes mãos azuis. “Frio, não? E como foi, Cromwell? Desagradável, imagino.”

“Pelo contrário”, ele responde. “Ah, e o rei sairá com Suffolk; você vai ter que esperar.” Ele segue caminhando, mas logo dá meia-volta. Há uma dor dentro de seu peito, como uma ferida embotada.

“Gardiner, não podemos parar com essa história?”

“Não”, diz Gardiner. Suas pálpebras caídas estremecem. “Não, não creio que possamos.”

“Muito bem”, diz ele, e segue seu caminho. Ele pensa, você não perde por esperar. Talvez tenha que esperar um ano ou dois, mas vai ter o que merece.

Esher, dois dias depois: ele mal passa pelo portão e Cavendish já cruza o pátio aos tropeções. “Mestre Cromwell! Ontem o rei...”

“Com calma, George”, ele aconselha.

“... ontem ele nos mandou quatro carroças de mobília. Venha ver! Tapetes, baixelas, cortinado para as camas. Foi a seu pedido?”

Quem sabe? Ele não pediu coisa alguma diretamente. Se tivesse de pedir, teria sido mais específico. Não *aquela* tapeçaria, mas *esta* tapeçaria que meu amo aprecia; ele gosta das deusas mais que das mártires virginais, portanto, fora com santa Inês e fiquemos com essa Vênus num bosque. Meu amo gosta de cristais de Veneza, levem daqui essas taças de prata usadas.

Ele inspeciona os novos objetos com o que parece ser um ar de desdém. “Só do bom e do melhor para os garotos de Putney”, diz Wolsey. “É possível”, acrescenta, quase se desculpando, “que as coisas que o rei designou para mim não foram de fato enviadas. Talvez tenham ocorrido substituições inferiores, por pessoas inferiores.”

“É perfeitamente possível”, ele responde.

“Mesmo assim. Estamos mais confortáveis com isso.”

Cavendish comenta: “A dificuldade é: temos que nos mudar. Toda esta casa precisa de uma faxina e arejamento”.

“Verdade”, diz o cardeal. “Santa Inês, que Deus a abençoe, perderia os sentidos com o cheiro dos toaletes.”

“Você vai fazer o pedido ao conselho do rei?”

Ele suspira. “George, de que serviria? Ouça, eu não estou falando com Thomas Howard. Não estou falando com Brandon. Eu estou falando com *e/e*.”

O cardeal sorri. Um sorriso gordo e paternal.

Ele se surpreende — enquanto negociam um acordo financeiro para o cardeal — com o talento de Henrique para reparar em detalhes. Wolsey sempre dizia que o rei tem uma mente aguçada, tão rápida quanto a do pai, só que mais abrangente. Com a idade, o velho rei perdeu a perspicácia; ele conservava a Inglaterra com mão de ferro; não havia nobre que não controlasse, por dívida ou obrigação, e ele dizia francamente que, se não podia ser amado, seria temido. Henrique tem natureza diferente, mas qual é? Wolsey ri e diz: eu deveria escrever um manual para você. Mas enquanto ele caminha nos jardins do pequeno alojamento de Richmond em que o rei lhe deu permissão para se instalar, a mente do cardeal se nubla e ele fala sobre profecias e sobre a queda dos sacerdotes da Inglaterra, que diz prognosticada, e que acontecerá agora.

Mesmo quando não se acredita em portentos — e ele pessoalmente não acredita —, ele compreende o problema. Pois se o cardeal é culpado de um crime ao exercer sua jurisdição como legado, não seriam também culpados todos os clérigos, de bispos para baixo, que reconhecem sua autoridade? Não é possível que ele seja o único que pense isso; mas seus inimigos geralmente não conseguem ver nada além do cardeal, de sua vasta presença escarlata no horizonte; eles temem que Thomas Wolsey se erga de novo, pronto para a vingança. “São tempos difíceis para prelados

orgulhosos”, diz Brandon, quando se encontram pouco depois. Ele afeta diversão, como um homem que assobia para conservar a coragem. “Não precisamos de cardeais neste reino.”

“E ele”, diz o cardeal, furioso, “ele, Brandon, quando se casou às pressas com a irmã do rei, quando se casou com ela nos primeiros dias de sua viuvez, sabendo que o rei pretendia destiná-la a outro monarca; hoje ele teria a cabeça separada do corpo se um simples cardeal não tivesse intercedido por ele junto ao rei.”

Eu, um simples cardeal.

“E que desculpa Brandon apresenta?”, continua o cardeal. “Ah, majestade, sua irmã Maria chorou tanto. Como ela chorou e me implorou que a desposasse! Jamais vi uma mulher chorar tanto! E portanto ele secou as lágrimas dela e se elevou a um ducado! E agora ele fala como se possuísse o título desde o Jardim do Éden. Ouça, Thomas, se homens de sólida educação e boa vontade me procuram, como o bispo de Tunstall, como Thomas More, e me pedem que haja uma reforma na Igreja, pois bem, eu escuto. Mas Brandon! Falando sobre prelados orgulhosos! O que era Brandon? Cavalição do rei! E eu já conheci cavalos mais inteligentes.”

“Meu amo”, implora Cavendish, “seja mais paciente. E Charles Brandon, o senhor sabe, ele vem de uma família antiga, nasceu nobre.”

“Nobre, ele? Um fanfarrão arrogante. Esse é Brandon.” O cardeal se senta, exausto. “Minha cabeça dói”, diz ele. “Cromwell, vá para a corte e me traga notícias melhores.”

Dia após dia, ele ouve instruções de Wolsey em Richmond e cavalga para onde quer que o rei esteja. Ele pensa no rei como um terreno em que precisa avançar, sem qualquer região costeira para lhe enviar suprimentos.

Ele sabe o que Henrique aprendeu com o cardeal: sua diplomacia flutuante, sua ciência da ambiguidade. Ele vê como o rei aplicou essa ciência para a ruína vagarosa e dúbia de seu ministro. Henrique contrabalança cada gentileza com alguma crueldade,

alguma nova incumbência ou confisco. Até que o cardeal geme: “Eu quero ir embora”.

“Winchester”, ele sugere aos duques. “Meu lorde cardeal deseja se mudar para seu palácio em Winchester.”

“Como, tão perto do rei?”, questiona Brandon. “Nenhum de nós é tolo, mestre Cromwell.”

Desde que ele, o braço direito do cardeal, passou a ser visto em companhia de Henrique com tanta frequência, rumores de que Wolsey está prestes a ser restaurado percorrem toda a Europa. O povo diz que o rei selará um acordo para receber as riquezas da Igreja em troca da reabilitação de Wolsey. Boatos vazam da Câmara do Conselho, da câmara privada: diz-se que o rei não gosta da nova ordem das coisas. Que Norfolk se revelou um ignaro; que Suffolk tem uma risada irritante.

Ele diz: “Meu amo não se mudará para o Norte. Ele não está pronto para isso”.

“Mas eu o quero no Norte”, diz Howard. “Diga a ele que vá. Fale que Norfolk ordenou que ele pegue a estrada e suma daqui. Ou eu aparecerei onde ele estiver e, diga isso a ele, vou destruí-lo com meus próprios dentes.”

“Senhor”, ele faz uma mesura, “posso substituir por ‘mordê-lo’?”

Norfolk se aproxima. Ele para perto demais. Seus olhos estão injetados. Cada músculo salta. “Não omita coisa alguma, seu bastardo...” O duque enterra um indicador no ombro do outro. “Seu... indivíduo! Coisa insignificante do inferno, filhote de meretriz, cria do mal, seu... advogado.”

Ele continua lá, dedo em riste, como um padeiro fazendo covinhas numa massa de pão branco. A carne de Cromwell é firme, densa e impermeável. O dedo ducal é apenas rechaçado.

Antes que partissem de Esher, uma das gatas que foram trazidas para matar ratos deu à luz uma ninhada nos próprios aposentos do cardeal. Que insolência, e num animal! Mas espere... Vida nova, na suíte do cardeal? Será um *sinal*? Um dia, ele teme, haverá um sinal

de outra natureza: um pássaro morto cairá daquela chaminé fumegante, e então... Ai de nós! Ele não quer nem pensar no resto.

Mas, por enquanto, o cardeal se diverte: põe os gatinhos numa almofada num baú aberto e assiste ao seu crescimento. Um dos filhotes é preto e faminto, o pelo como lã e olhos amarelos. Quando ele é desmamado, ele o leva para casa. Ele tira o filhote de dentro de seu casaco, onde dormia enroscado contra seu pescoço.

“Gregory, veja.” Ele mostra o gato para o filho. “Eu sou um gigante, meu nome é Marlinspike.”

Gregory o encara, alarmado, intrigado. Seu olhar vacila; suas mãos recuam. “Os cães vão matá-lo”, ele diz.

Marlinspike é levado para morar na cozinha, para ficar forte e viver de acordo com sua natureza animal. O verão se aproxima, ainda que ele não consiga imaginar seus prazeres; às vezes, quando está caminhando no jardim, ele vê o gato já um pouco crescido, empoleirado e vigilante numa macieira ou ronronando num muro sob o sol.

Primavera, 1530: Antonio Bonvisi, o comerciante, o convida para a ceia em sua bela mansão em Bishopsgate. “Não vou demorar muito”, ele diz a Richard, considerando que será um encontro tenso como de hábito, todos irritados e famintos: pois nem mesmo um italiano abastado com uma cozinha proficiente conseguiria encontrar cem maneiras de cozinhar peixe defumado ou bacalhau salgado. Na Quaresma, os mercadores sentem falta da carne de cordeiro e do vinho da Madeira, dos gemidos noturnos numa cama de plumas com a esposa ou a amante; da Quarta-Feira de Cinzas em diante, as facas estão afiadas em busca de alguma informação mortífera, alguma vantagem comercial escusa.

Contudo, trata-se de uma ocasião mais grandiosa do que ele imaginava; o lorde chanceler está lá, em meio a uma companhia de advogados e conselheiros. Humphrey Monmouth, a quem More certa vez mandou prender, está sentado a considerável distância do

grande homem; More parece à vontade, deleitando o grupo com uma de suas histórias sobre o grande erudito Erasmo, seu querido amigo. Mas quando ele ergue os olhos e o vê, cai em silêncio no meio de uma frase; baixa os olhos, e uma expressão pétrea e opaca domina seu rosto.

“O senhor desejava falar de mim?”, ele pergunta. “Pode falar enquanto estou aqui, lorde chanceler. Eu tenho couraça.” Ele entorna uma taça de vinho e ri. “Sabe o que Brandon anda dizendo? Que não consegue concatenar os eventos da minha vida, diz que não batem. Minhas viagens. Outro dia, ele me chamou de mascate judeu.”

“E ele disse isso na sua presença?”, pergunta o anfitrião num tom educado.

“Não. O rei me contou. Mas, em contrapartida, meu lorde cardeal chama Brandon de cavalição.”

Humphrey Monmouth diz: “Você tem o direito de *entrée* hoje em dia, Thomas. E quais são suas impressões, agora que é um cortesão?”.

Sorrisos se abrem por toda a mesa. Pois, claro, a ideia é tão ridícula, a situação tão temporária. Os homens de More são conselheiros municipais, não mais importantes; mas ele é *sui generis*, um acadêmico, um espírito afiado. E More diz: “Talvez não devêssemos insistir nesse tema. Há assuntos delicados aqui. E há um tempo para ficar em silêncio”.

Um senhor da guilda dos tecelões se inclina sobre a mesa e adverte, em voz baixa: “Quando tomou seu assento, Thomas More disse que não discutiria o cardeal, e tampouco Lady Ana”.

Ele, Cromwell, passa os olhos pelos convivas. “Entretanto, o rei me surpreende. O que ele é capaz de tolerar.”

“Do senhor?”, pergunta More.

“Eu falo de Brandon. Digamos, eles saem para caçar: Brandon entra na sala e exclama: está pronto?”

“Para seu amo, o cardeal, esta era uma batalha perpétua”, comenta Bonvisi, “nos primeiros anos do reinado. Impedir que os companheiros do rei se tornassem demasiado íntimos.”

“Ele queria ser o único íntimo”, sugere More.

“Contudo, claro, o rei pode elevar quem ele quiser.”

“Até certo ponto, Thomas”, diz Bonvisi; ouvem-se algumas risadas.

“E o rei aprecia suas amizades. É uma coisa boa, não?”

“Vindo do senhor, são palavras deveras doces, mestre Cromwell.”

“De maneira alguma”, diz Monmouth. “Mestre Cromwell é conhecido como alguém que faz de tudo pelos seus amigos.”

“Eu acho...”, More se interrompe, baixando os olhos para a mesa. “Sinceramente, não estou seguro de que é possível ver um príncipe como amigo.”

“Mas certamente”, diz Bonvisi, “o senhor conhece Henrique desde que ele era criança.”

“Sim, mas a amizade deveria ser algo menos exaustivo... Deveria ser restauradora. E não como...” More se vira para ele, pela primeira vez, como se convidasse um comentário. “Às vezes sinto que é como... como Jacó lutando com o anjo.”

“E quem sabe qual foi a razão daquela luta?”, ele diz.

“Sim, o texto é reticente. O mesmo pode se dizer de Caim e Abel. Quem sabe?”

Ele percebe certa inquietação em torno da mesa, entre os mais religiosos e menos joviais; ou apenas entre os ansiosos pelo próximo prato. O que será? Peixe!

“Quando falar com Henrique”, diz More, “eu lhe imploro, apele ao lado terno de seu coração. E não a seu temperamento obstinado.”

Ele seguiria no tema, mas o idoso mestre tecelão acena por mais vinho e pergunta: “Como vai seu amigo Stephen Vaughan? Quais são as novas da Antuérpia?”. A conversa então passa a ser sobre comércio; transporte, taxas de juros; nada mais que um murmúrio de fundo para especulações descontroladas. Se alguém entra numa

sala e diz, nós não falaremos sobre isso, o resultado é que não se pode falar de qualquer outra coisa. Se o lorde chanceler não estivesse presente, a conversa seria apenas sobre taxas de importação e armazéns retidos; ninguém estaria pensando no aflito cardeal escarlata, e nossas mentes esfomeadas pela Quaresma não estariam ocupadas com a imagem dos dedos do rei se insinuando a um par de seios hesitantes, ofegantes e virginais. Ele se recosta e fixa o olhar em Thomas More. Com o tempo, há uma pausa natural na conversa, um arrefecer; e depois de um quarto de hora sem falar, o lorde chanceler volta à conversa, a voz baixa e irritada, os olhos sobre os restos do que comeu. “O cardeal de York”, diz ele, “possui uma sede que jamais será aplacada, uma sede de governar outros homens.”

“Meu lorde chanceler”, comenta Bonvisi, “o senhor está olhando para seu arenque como se o odiasse.”

O gracioso convidado replica: “Não há nada de errado com o arenque”.

Ele se inclina à frente, pronto para a briga; não pretende deixar passar essa. “O cardeal é um homem público. Assim como o senhor. Por acaso ele deveria recuar do seu papel público?”

“Sim.” More ergue os olhos. “Sim, eu acho, um pouco, que deveria. Ou que tivesse um apetite menos evidente, talvez.”

“Tarde demais”, diz Monmouth, “para dar ao cardeal uma lição de humildade.”

“Os amigos verdadeiros já deram a lição há muito, e foram ignorados.”

“E o senhor se considera um amigo dele?” Ele se recosta, os braços cruzados. “Eu darei essa informação ao cardeal, lorde chanceler, e, pelo sangue de Cristo, ele se sentirá reconfortado enquanto definha no exílio e se pergunta por que o senhor o caluniou para o rei.”

“Cavalheiros...” Bonvisi se apruma em sua cadeira, nervoso.

“Não”, ele diz, “sente-se. Vamos esclarecer as coisas. Nosso Thomas More aqui diz: ‘Eu teria sido um simples monge, mas meu pai me colocou no direito. Eu teria passado minha vida na Igreja, se tivesse escolha. Eu sou, como os senhores sabem, indiferente à fortuna. Sou devoto das coisas do espírito. A estima mundana nada representa para mim’.” Ele olha em torno da mesa. “Então como se tornou lorde chanceler? Foi um acidente?”

As portas se abrem. Bonvisi se põe de pé, num salto; o alívio corre por seu rosto. “Seja bem-vindo, bem-vindo! Cavalheiros: o embaixador do imperador.”

É Eustache Chapuys, entrando com as sobremesas; ele é chamado de “o novo embaixador”, embora ocupe o posto desde o outono. Ele faz uma pose no pórtico para que todos o conheçam e admirem: um homenzinho torto, numa casaca talhada e bufante, com cetim azul entremeado de negro; abaixo, as perninhas finas e cobertas de preto. “Sinto por estar tão atrasado”, diz ele. E sorri. *“Les dépêches, toujours les dépêches.”*

“É a vida de um embaixador.” Ele ergue os olhos e sorri. “Thomas Cromwell.”

“Ah, *c’est le juif errant!*”

O embaixador se desculpa imediatamente, ao mesmo tempo que sorri para a mesa, como se satisfeito com o sucesso de sua piada.

Sente-se, sente-se, diz Bonvisi, e os criados se agitam, as toalhas são levadas, os convivas se rearranjam mais informalmente, exceto o lorde chanceler, que continua plantado onde está. Chegam as compotas do outono e o vinho temperado, e Chapuys ocupa um lugar de honra junto a More.

“Falemos francês, cavalheiros”, diz Bonvisi.

O francês é a primeira língua do embaixador do Império e da Espanha; e, como qualquer outro diplomata, ele jamais se dará ao trabalho de aprender inglês, pois que utilidade teria em seu próximo posto? Que gentileza, que gentileza, ele diz, enquanto se instala na poltrona esculpida que o anfitrião desocupou; seus pés não chegam

a tocar o chão. Nesse ponto, More se anima; ele e o embaixador cochicham. Ele os observa; eles devolvem o olhar, incomodados; mas olhar é de graça.

Numa fração de segundo em que os dois fazem uma pausa, ele se intromete. “Monsieur Chapuys? Sabe, andei conversando com o rei recentemente sobre aqueles eventos tão lamentáveis, quando as tropas do seu amo atacaram a Santa Sé. Talvez o senhor saiba como nos aconselhar? Até hoje, não conseguimos compreendê-los.”

Chapuys balança a cabeça. “Eventos deveras lamentáveis.”

“Thomas More pensa que foram os maometanos ocultos no seu exército que fugiram ao controle; ah, e meu próprio povo, claro, os judeus errantes. Mas, antes disso, ele disse que foram os germânicos, os luteranos, que estupraram as pobres virgens e conspurcaram os altares. Em todo caso, como diz o lorde chanceler, o imperador deve sentir-se culpado; mas a quem deveríamos de fato imputar a culpa? Será que o senhor nos ajudaria a saber?”

“Meu caro lorde chanceler!” O embaixador está chocado. Seus olhos se voltam para Thomas More. “O senhor falou isso do meu amo imperial?” Ele lança um olhar sobre o ombro e passa a falar em latim.

A companhia, linguisticamente hábil, contempla-o sorrindo. Ele aconselha, em tom de gracejo: “Se deseja conservar algum sigilo, tente o grego. *Allez*, Monsieur Chapuys, pode falar à vontade! O lorde chanceler o compreenderá”.

O jantar é encerrado logo depois, quando o lorde chanceler se ergue para sair; mas, antes de partir, ele faz um pronunciamento à mesa, em inglês. “A posição do mestre Cromwell é indefensável, na minha opinião. Como todos sabemos, ele não é amigo da Igreja, é amigo de um só sacerdote. E o sacerdote mais corrupto da cristandade.”

Com a mais breve das medidas, ele se retira. Até mesmo Chapuys parece taciturno. O embaixador o observa, dubio, mordendo o lábio: como se dissesse, eu esperava mais ajuda e

amizade aqui. Ele nota que tudo que Chapuys faz é algo que um ator faria. Quando pensa, baixa os olhos, põe dois dedos na testa. Quando lamenta, suspira. Quando fica perplexo, tremelica o queixo, abre um meio sorriso. É como um homem que entrou inadvertidamente numa peça, descobriu que se trata de uma comédia e decidiu ficar até o final.

A ceia termina; os convivas se retiram aos poucos, desaparecendo no entardecer. “Talvez a festa tenha acabado mais cedo do que você gostaria?”, ele pergunta a Bonvisi.

“Thomas More é um velho amigo meu. Você não deveria vir importuná-lo.”

“Ah, eu estraguei sua festa? Mas você convidou Monmouth; não fez isso para provocá-lo?”

“Não, Humphrey Monmouth também é meu amigo.”

“E quanto a mim?”

“É claro.”

Eles voltaram naturalmente ao italiano. “Explique-me algo que me intriga”, diz ele. “Quero saber de Thomas Wyatt.” Três anos atrás, Wyatt foi à Itália, depois de se associar repentinamente a uma missão diplomática. Lá, ele passou por situações desastrosas, mas isso ficará para outra noite; a questão é: por que ele fugiu da corte inglesa com tanta pressa?

“Ah. Wyatt e Lady Ana”, comenta Bonvisi. “Um velho boato, imagino?”

Bem, pode ser, ele diz, mas em seguida conta a Bonvisi sobre o garoto Mark, o músico, que parece seguro de que Wyatt se deitou com Ana; se a história está ricocheteando pela Europa, entre criados e subalternos, quais são as chances de que o rei ainda não tenha ouvido?

“Creio que uma parcela da arte de governar é saber quando tapar os ouvidos. E Wyatt é bonito”, explica Bonvisi, “à maneira inglesa, claro. É alto, louro, meus conterrâneos ficam maravilhados

com ele; onde vocês criam essas pessoas? E tão seguro de si, claro. E um poeta!”

Ele ri do amigo porque, como todos os italianos, Bonvisi não consegue dizer “Wyatt”: a palavra sai como “*Guiett*” ou algo assim. Houve um homem chamado Hawkwood, um cavaleiro de Essex, que estuprou, queimou e assassinou pela Itália nos tempos da cavalaria; os italianos o chamavam *Acuto*, A Agulha.

“Sim, mas Ana...” Pelo pouco que a viu, ele sente que Ana não se deixaria levar por algo tão efêmero quanto a beleza. “Nos últimos anos, ela vem precisando, mais que qualquer coisa, de um marido: um nome, um domicílio, um lugar onde se estabelecer e de onde negociar com o rei. Mas Wyatt está casado. O que ele poderia oferecer a ela?”

“Versos?”, diz o mercador. “O que tirou Wyatt da Inglaterra não foi a diplomacia. Ele partiu porque ela o torturava. Ele já não ousava ficar no mesmo cômodo que ela. No mesmo castelo. No mesmo país.” Ele balança a cabeça. “Os ingleses não são estranhos?”

“Deus, são mesmo, não?”, ele concorda.

“Precisa tomar cuidado. A família de Lady Ana, essa gente está passando um pouco dos limites daquilo que pode ser feito. Eles estão dizendo: por que esperar pelo papa? Não podemos redigir um contrato de casamento sem ele?”

“Esse parece ser o rumo a seguir.”

“Prove uma dessas amêndoas açucaradas.”

Ele sorri. Bonvisi diz: “Tommaso, posso oferecer um conselho? O cardeal está acabado”.

“Não tenha tanta certeza.”

“Sim, e se você não tivesse afeição por ele, saberia que é verdade.”

“O cardeal sempre foi bom para mim.”

“Mas ele precisa ir para o Norte.”

“O mundo o perseguirá. Pergunte só aos embaixadores. Pergunte a Chapuys. Pergunte a quem eles se reportam. Nós os

recebemos em Esher, em Richmond. *Toujours les dépêches*. Somos nós.”

“Mas é disso que ele é acusado! De criar um Estado dentro do Estado.”

Ele suspira. “Eu sei.”

“E o que você vai fazer a respeito?”

“Pedir a ele que seja mais humilde?”

Bonvisi ri. “Ah, Thomas. Por favor, você sabe que, quando o cardeal for para o Norte, você será um homem sem senhor. Essa é a questão. Tem se encontrado com o rei, mas é apenas por ora, enquanto ele inventa uma forma de punição que cale a boca do cardeal. Mas e depois?”

Ele hesita. “O rei gosta de mim.”

“O rei é um homem de amores inconstantes.”

“Não para Ana.”

“E é em relação a isso que devo adverti-lo. Ah, mas não por causa de Guiett... Não por qualquer boato, qualquer coisa leviana dita por aí... Mas porque logo tudo estará acabado... ela cederá, é apenas uma mulher... Pense quão tolo seria um homem que tivesse amarrado seu destino ao da irmã de Lady Ana, que veio antes dela.”

“Sim, imagine só.”

Ele passa os olhos pela sala. Foi ali que se sentou o lorde chanceler. À sua esquerda, os mercadores famintos. À direita, o novo embaixador. Ali, Humphrey Monmouth, o herege. Ali, Antonio Bonvisi. Aqui, Thomas Cromwell. E havia assentos vazios, preparados para o duque de Suffolk, grande e insípido; para Norfolk, chocalhando suas medalhas sagradas e gritando: “Creio em Deus Pai!”; há um lugar para o rei, e para a pequena e robusta rainha, esfaimada nessa temporada penitente, o estômago rosnando dentro da rija armadura de seus vestidos. Há um lugar para Lady Ana, varrendo o ambiente com seus inquietos olhos negros, sem comer coisa alguma, nada deixando escapar, repuxando as pérolas em torno de seu pescoço delgado. Há um lugar para William Tyndale, e

um para o papa; Clemente observa os marmelos cristalizados, cortados em pedaços demasiadamente grosseiros, e seus lábios Médici se crispam. E ali se senta o Irmão Martinho Lutero, gorduroso e balofo; rosnando com todos, cuspiendo suas espinhas de peixe.

Um criado entra. “Há dois jovens cavalheiros lá fora perguntando pelo senhor.”

Ele ergue os olhos. “Sim?”

“Mestre Richard Cromwell e mestre Rafe. Estão com criados da sua casa, esperando para levá-lo de volta.”

Ele compreende que todo o propósito desta noite foi avisá-lo: adverti-lo para que fique longe. Ele recordará o *arranjo* fatídico — caso se prove fatídico. Aquele suave cicio, aquele murmúrio, a pedra destruindo a si mesma; o som distante de muralhas que desmoronam, do gesso que sucumbe, de escombros esmagando frágeis crânios humanos? É o som do teto da cristandade, desabando sobre as pessoas abaixo.

Bonvisi diz: “Você tem um exército particular, Tommaso. Suponho que precise cuidar da sua retaguarda”.

“Você sabe que sim.” Seu olhar varre o cômodo: um último olhar. “Boa noite. Foi um excelente jantar. Eu apreciei os peixes. Você não gostaria de enviar seu cozinheiro para se reunir com o meu? Tenho um novo molho para animar a estação. É preciso noz-moscada e gengibre, algumas folhas picadas de menta seca...”

O amigo diz: “Eu lhe imploro. Eu imploro que tome cuidado”.

“... um pouco de alho, só um pouquinho...”

“Onde quer que você jante da próxima vez, por favor, não...”

“... e de farinha de pão, um punhado moderado...”

“... se sente com os Bolena.”

2. **Meu muito estimado Cromwell**

Primavera — Dezembro de 1530

Ele chega cedo ao palácio de York. As gaivotas capturadas, aprisionadas em suas gaiolas, grasnam para suas irmãs livres no rio, que rodopiam, gritam e mergulham além das muralhas do palácio. Os carroceiros chegam do rio, trazendo suprimentos, e dos pátios vem o cheiro de pão recém-assado. Algumas crianças trazem capim novo, atado em fardos para forração, e o saúdam pelo nome. Pela civilidade dos meninos, ele dá uma moeda a cada um, e eles param para conversar. “Então o senhor vai se encontrar com a mulher malvada. Ela enfeitiçou o rei, sabia? Mestre, o senhor tem uma medalha ou um relicário para se proteger?”

“Eu tinha uma medalha. Mas perdi.”

“O senhor deveria pedir ao nosso cardeal”, diz um menino. “Ele lhe dá outra.”

O aroma do capim verde é intenso; a manhã é bela. Os cômodos do palácio de York lhe são familiares, e ao atravessar os corredores na direção das câmaras privadas, ele vê um rosto vagamente conhecido. “Mark?”

O menino se descola da parede onde estava encostado. “Chegou um tanto cedo. Como tem passado?”

Segue-se um dar de ombros enfastiado.

“Deve ser estranho estar novamente no palácio de York, agora que o mundo está tão modificado.”

“Não.”

“Não sente falta do meu lorde cardeal?”

“Não.”

“Está feliz?”

“Sim.”

“Meu amo ficará contente em saber.” Enquanto se afasta, ele diz para si, talvez você nunca pense em nós, Mark, mas nós pensamos em você. Ou pelo menos eu penso, penso em você me chamando de assassino e prevendo minha morte. É verdade que o cardeal sempre diz, não há lugar seguro, não há quartos selados, tanto faz parar no meio da Cheapside berrando seus pecados ou confessá-los a um padre de qualquer lugar da Inglaterra. Mas quando falei ao cardeal sobre aquele assassinato, sobre a vez em que vi uma sombra na parede, não havia ninguém para ouvir; portanto, se Mark me julga um assassino, é apenas porque acha que eu pareço ser um.

Oito antessalas: na última, onde o cardeal deveria estar, ele encontra Ana Bolena. Veja só, lá estão Salomão e a rainha de Sabá, mais uma vez desenrolados, de volta à parede. Há uma brisa; a rainha de Sabá ondeia em sua direção, rosada, redonda, e ele a reconhece: Anselma, dama feita de lã, pensei que jamais a veria de novo.

Ele mandou uma mensagem para a Antuérpia, indagando discretamente por notícias; Anselma se casou, disse Stephen Vaughan, e com um homem mais novo, um banqueiro. Bem, se ele se afogar ou coisa do gênero, replicou, mande-me um bilhete. Vaughan escreveu em resposta: Thomas, por favor, a Inglaterra não está cheia de viúvas? E moças jovens e viçosas?

Perto da rainha de Sabá, Ana não impressiona: pálida e descarnada. Ela se posta junto à janela, os dedos repuxando e desbastando um ramo de alecrim. Quando o vê, ela deixa cair o ramo e suas mãos mergulham de volta nas longas mangas.

Em dezembro, o rei deu um banquete para celebrar a elevação do pai de Ana a conde de Wiltshire. A rainha estava ausente e Ana se sentou no lugar de Catarina. Havia gelo no chão, gelo na atmosfera. Na casa de Wolsey, não se falava em outra coisa. A duquesa de Norfolk (que vive enfurecida com tudo) ficou furiosa porque a sobrinha tomou a precedência. A duquesa de Suffolk, irmã de Henrique, recusou-se a comer. Nenhuma das grandes damas dirigiu uma palavra à filha de Bolena. Mesmo assim, Ana assumiu seu lugar como primeira-dama do reino.

Mas ao fim da Quaresma, Henrique voltou para sua esposa; ele não ousa ficar com sua concubina quando chega a semana da Paixão de Cristo. O pai de Ana está em missão diplomática no exterior, assim como o irmão George, agora lorde Rochford, e assim como Thomas Wyatt, o poeta a quem ela torturava. Ela está só e entediada no palácio de York; e nada lhe resta além de mandar chamar Thomas Cromwell, para ver se ele tem alguma diversão a lhe oferecer.

Um alvoroço de cãesinhos — três — dispara das saias dela, latindo e avançando na direção dele. “Não deixe que saiam”, diz Ana. Com mãos experientes e gentis, ele os pega no colo. São como as Bellas, o tipo de cão com orelhas de bordas irregulares e rabinhos espichados que qualquer mulher de comerciante teria do outro lado do mar Estreito. Quando ele os devolve à dona, os cães já focinharam seus dedos e casaco, lamberam seu rosto e se espicharam em sua direção com olhos arregalados: como se ele fosse alguém que ansiavam por conhecer havia muito.

Com delicadeza, ele põe dois cãesinhos no chão e entrega o menor para Ana. “*Vous êtes gentil*”, diz ela. “Como meus bebês o adoram! Sabe, eu jamais conseguiria gostar daqueles macacos que Catarina cria. *Les singes enchaînés*. As mãozinhas, os pescoços acorrentados. Meus bebês me amam por quem sou.”

Ela é tão pequena. Seus ossos são tão delicados, a cintura tão fina; se dois estudantes de direito formam um cardeal, duas Anas

formam uma Catarina. Várias mulheres estão instaladas em banquetas, costurando ou fingindo costurar. Uma delas é Maria Bolena. Ela mantém a cabeça baixa, numa atitude prudente. Outra é Mary Shelton, uma prima Bolena, ousada, alva e rosácea, que o olha de cima a baixo e — muito obviamente — pensa consigo mesma, Mãe do céu, isso é o melhor que Lady Carey achou que podia conseguir? Nas sombras há outra moça, que tem o rosto virado, tentando se esconder. Ele não sabe quem é, mas compreende por que ela olha fixamente para o chão. Ana parece inspirar esse comportamento; agora que ela pôs os cãezinhos no chão, ele se vê fazendo a mesma coisa.

“*Alors*”, diz Ana delicadamente, “de uma hora para outra só se fala a seu respeito. O rei não para de citar o mestre Cromwell.” Ela profere a palavra como se não conseguisse pronunciar o inglês: *Cremuel*. “Como tem sempre razão, como está sempre correto em todos os pontos... E não nos esqueçamos, Maître Cremuel nos faz rir.”

“Sei que o rei às vezes ri. Mas e quanto à senhorita, madame? Na sua situação? Do jeito que se encontra?”

Um olhar sombrio, por cima do ombro. “Creio que eu raramente. Rio. Agora que pensei nisso. Não tinha pensado.”

“É a esse ponto que chegou sua vida.”

Fragmentos empoeirados, folhas e ramos secos caem de suas saias. Ela observa a manhã pela janela.

“Deixe-me apresentar da seguinte forma”, diz ele. “Desde que meu lorde cardeal foi derrubado, o quanto de progresso a senhorita viu na sua causa?”

“Nenhum.”

“Ninguém conhece os mecanismos dos países cristãos como meu lorde cardeal. Ninguém é mais íntimo dos reis. Pense em como o cardeal estaria ligado à senhora, Lady Ana, se a senhora fosse o meio para eliminar esses mal-entendidos e restaurá-lo às graças do rei.”

Ela não responde.

“Pense”, continua ele. “O cardeal é o único homem na Inglaterra que pode conseguir aquilo de que precisa.”

“Muito bem. Faça a defesa dele. Tem cinco minutos.”

“Claro, posso ver que a dama está realmente ocupada.”

Ana o encara com antipatia e fala em francês: “O que sabe do modo como ocupo minhas horas?”.

“Senhora, nós teremos esta conversa em inglês ou francês? Isso fica totalmente a seu critério, mas escolhamos um ou outro, sim?”

Ele vê um movimento pelo canto dos olhos; a moça semiculta ergueu o rosto. Ela é comum e pálida; parece chocada.

“Tanto faz para o senhor?”, pergunta Ana.

“Sim.”

“Pois bem. Em francês.”

Ele repete: o cardeal é o único homem que pode conseguir que o papa dê um veredicto favorável. Ele é o único homem que pode salvar a consciência do rei e deixá-la limpa.

Ela escuta. Ao menos isso se pode dizer a seu favor. Ele sempre duvidava do quanto as mulheres eram capazes de ouvir sob as abafadas dobras de seus véus e mantilhas, mas Ana realmente dá a impressão de ouvir o que ele diz. Ao menos ela espera que ele conclua; não interrompe, até que finalmente o faz: pois bem, diz ela, se é isso que o rei deseja, e é isso que o cardeal deseja, ele que outrora foi o mais importante súdito do reino, então devo dizer, mestre Cremuel, tudo isso está levando um tempo inacreditável para acontecer!

De seu canto, a irmã acrescenta, quase inaudível: “E ela já não é nenhuma juvenzinha”.

Desde que ele entrou na sala, as mulheres não adicionaram um só ponto a suas costuras.

“Posso continuar?”, ele pergunta, persuadindo-a. “Resta um momento ainda?”

“Ah, sim”, responde Ana. “Mas apenas um momento: na Quaresma, costumo racionar minha paciência.”

Ele aconselha que Ana ignore os caluniadores que alegam que o cardeal obstruiu sua causa. Ele informa como o cardeal se aflige porque o rei não consegue realizar o desejo de seu coração, que também sempre foi o desejo do próprio cardeal. Ele exprime como todos os súditos do rei depositam as esperanças de um herdeiro do trono em Lady Ana; e como ele tem certeza de que estão corretos em fazê-lo. Ele recorda as muitas cartas graciosas que ela escreveu ao cardeal em tempos idos: todas arquivadas por ele.

“Muito bem”, ela diz, quando ele se cala. “Muito bem, mestre Cremuel, mas tente de novo. Uma coisa. Nós pedimos uma única e simples coisa ao cardeal, e ele não a fez. Uma única coisa. *Uma coisa muito simples.*”

“A senhora sabe que não era simples.”

“Talvez eu seja uma pessoa simples”, diz Ana. “Não acha que eu seja?”

“Talvez seja. Eu mal a conheço.”

A resposta a irrita. Ele vê a irmã sorrindo. Pode ir, diz Ana: ao que Maria se põe de pé e o acompanha até a saída.

Mais uma vez, as bochechas de Maria estão enrubescidas, os lábios, abertos. Ela trouxe consigo a costura, o que ele acha estranho; mas, talvez, se a deixasse para trás, Ana desfizesse todos os pontos. “Sem fôlego de novo, Lady Carey?”

“Achamos que ela fosse se levantar e lhe dar uma bofetada. Virá nos visitar de novo? Mary Shelton e eu mal podemos esperar.”

“Ela aguenta”, diz ele, e Maria responde, de fato, pois ela gosta de uma escaramuça com alguém no nível dela. E no que está trabalhando aí?, ele pergunta, e ela mostra. É o novo brasão de Ana. Imagino que estejam bordando isso em tudo, ele comenta, e ela abre um amplo sorriso; ah, sim, seus espartilhos, lenços, toucas e véus; ela arranja acessórios que ninguém jamais usou antes, só

para ter seu brasão bordado, sem falar nas tapeçarias de parede, nos guardanapos de mesa...

“E como vai a senhora?”

Ela baixa os olhos, evita o olhar dele. “Exausta. Um pouco esgotada, eu poderia dizer. O Natal foi...”

“Eles brigaram. Foi o que ouvi dizer.”

“Primeiro ele brigou com Catarina. Depois veio aqui em busca de consolo. Ana disse, o quê?! Eu lhe avisei para não brigar com Catarina, você sabe que sempre sai perdendo. Se ele não fosse rei”, ela comenta com gosto, “daria para sentir pena dele. Pela vida de cão que elas lhe dão.”

“Há rumores de que Ana...”

“Sim, mas ela não está. Eu seria a primeira a saber. Se ela engordasse um pouquinho, eu seria encarregada de afrouxar suas roupas. Além disso, ela não pode estar porque eles não fazem... Nunca fizeram.”

“Ela lhe diria?”

“É claro; para tripudiar!”, Maria continua, desviando o olhar. Mas parece sentir que lhe deve informações. “Quando estão a sós, ela deixa que o rei desate seu corpete.”

“Pelo menos ele não procura a senhora para fazer isso.”

“Ele baixa a blusa dela e beija seus seios.”

“É um homem habilidoso, se consegue encontrá-los.”

Maria cai na gargalhada; uma risada tempestuosa e nada fraterna. Deve ter sido audível do lado de dentro, porque a porta se abre quase no mesmo instante e a mocinha oculta se esgueira para fora. Seu rosto é sério, completamente reservado; a pele é tão fina que chega a ser quase translúcida. “Lady Carey”, diz ela, “Lady Ana a chama.”

Ela recita os nomes como se estivesse apresentando uma barata a outra barata.

Maria reclama, ah, por Deus!, e gira nos calcanhares, lançando a cauda do vestido com a facilidade da longa prática.

Para sua surpresa, a mocinha pálida troca um olhar com ele; no rastro de Maria Bolena, que acaba de passar pela porta, ela eleva os olhos para o céu.

No caminho de volta — oito antecâmaras a separá-lo do resto de seu dia —, ele sabe que Ana se postou adiante, num ponto em que pode ser vista por ele, com a luz da manhã se derramando sobre a curva de seu colo. Ele vê o fino arco de suas sobrancelhas, seu sorriso, a inclinação da cabeça sobre o pescoço longo e delgado. Ele identifica sua perspicácia, sua inteligência e seu rigor. Não esperava que ela ajudasse o cardeal, mas o que custa perguntar? Ele pensa: foi a primeira proposta que fiz a ela; e provavelmente não será a última.

Houve um momento em que Ana o ouviu com toda a atenção: seus penetrantes olhos negros. O rei também sabe como olhar; olhos azuis, com uma doçura enganadora. Será assim que olham um para o outro? Por um segundo ele compreende; mas apenas por um segundo. Ele para junto a uma janela. Um bando de estorninhos se instala entre os rijos botões escuros de uma árvore desfolhada. Depois, como botões negros que florescem, eles abrem as asas; saltitam e trinam, pondo tudo em movimento, ar, asas, notas negras em música. Ele se dá conta de que os observa com prazer: que algo quase extinto, um pequeno gesto para o futuro, deseja acolher a primavera; que, de um jeito escasso e desesperado, ele aguarda a Páscoa com expectativa, o fim do jejum da Quaresma, o fim da penitência. Existe um mundo além deste mundo negro. Existe o mundo do possível. Um mundo em que Ana pode ser rainha é um mundo em que Cromwell pode ser Cromwell. Ele vislumbra tal mundo; mas apenas por um segundo. O momento é fugidio. O que se percebe, no entanto, não pode ser obliterado. Não é possível voltar ao momento em que se esteve antes.

Na Quaresma, se você souber onde procurar, há açougueiros que vendem carne vermelha. Em Austin Friars, ele desce para falar com a equipe da cozinha e diz ao chefe: “O cardeal está doente, ele está dispensado da Quaresma”.

O cozinheiro tira o chapéu. “Pelo papa?”

“Por mim.” Ele passa os olhos pela fileira de facas em suas prateleiras, os cutelos para romper ossos. Pega uma faca, examina o fio, conclui que precisa ser amolada e indaga: “O senhor acha que eu pareço um assassino? Na sua opinião sincera?”.

Silêncio. Depois de um instante, Thurston profere: “Neste momento, mestre, eu teria de dizer que...”.

“Não, mas imagine que eu esteja caminhando para o Gray’s Inn... Consegue me visualizar? Carregando uma pasta de papéis e um tinteiro?”

“Bem, imagino que um escriturário carregue esse tipo de coisas.”

“Então, não consegue visualizar?”

Thurston tira o chapéu novamente e o vira do avesso. Olha para o chapéu como se seu cérebro estivesse lá dentro, ou pelo menos como se ali houvesse alguma deixa do que dizer a seguir. “Eu vejo o senhor com a aparência de um advogado. Não de um assassino, isso não. Mas, se me permite, o senhor sempre me pareceu um homem que sabe como desossar uma carcaça.”

Ele dá ordens para que a cozinha faça enrolados de carne para o cardeal, recheados com salva e manjerona, perfeitamente amarrados e enfileirados nas bandejas para que os cozinheiros em Richmond não precisem fazer nada além de assá-los. Diga onde está escrito na Bíblia que um homem não pode comer enrolados de carne em março.

Ele pensa em Lady Ana, em seu insaciável apetite para a briga; pensa nas moças tristonhas ao seu redor. Ele manda para aquelas damas cestas achatadas com tortinhas, feitas de compotas de laranja e mel. Para a própria Ana, ele manda um prato de creme de amêndoas, temperado com água de rosas e decorado com pétalas

e violetas cristalizadas. Já não condiz com sua posição sair a cavalo pelo país entregando comida pessoalmente; mas, pensando bem, talvez ainda condiga, um pouco. Não se passaram tantos anos assim desde a cozinha dos Frescobaldi em Florença; ou talvez sim, mas sua memória é clara, exata. Ele estava clareando geleia de tutano, papeando numa mistura de francês, toscano e putney, quando alguém gritou: “Tommaso, eles o estão chamando lá em cima”. Sem pressa em seus movimentos, ele meneou a cabeça para o menino da cozinha, que lhe trouxe uma bacia com água. Ele lavou as mãos e secou com um pano de linho; tirou o avental e o pendurou num gancho. Ele imagina que talvez ainda esteja pendurado lá.

Ele viu um rapaz — mais jovem que ele — de quatro, esfregando os degraus. O garoto cantarolava enquanto trabalhava:

Scaramella va alla guerra
Colla lancia et la rotella
La zombero boro borombetta,
La boro borombo...

“Com licença, Giacomo”, disse ele. Para lhe dar passagem, o menino se deslocou para o lado, apertando-se na curva da parede. Uma mudança na luz varreu a curiosidade de seu rosto, apagando-o, encerrando o passado no passado, limpando o futuro. *Scaramella vai à guerra...* Mas quem foi à guerra fui eu, ele pensou.

Ele havia subido as escadas. Em seus ouvidos, os rufos e ribombos do tambor militar da canção. Subira as escadas e ficara lá em cima. Num canto do escritório de contabilidade de Frescobaldi, uma mesa esperava por ele. *Scaramella fa la gala*, ele havia murmurado. Tomara seu lugar à mesa. Afiara uma pena. Seus pensamentos fervilhavam e rodopiavam, toscano, putney, pragas em castelhano. Mas quando ele registrou os pensamentos no papel, eles saíram em latim, perfeitamente polidos.

Mesmo antes que irrompesse da cozinha de Austin Friars, as mulheres da casa já sabiam que ele visitara Ana.

“E então?”, interrogou Johane. “Alta ou baixa?”

“Nem alta nem baixa.”

“Ouvi dizer que ela é muito alta. Pálida, talvez?”

“Sim, pálida.”

“Dizem que é graciosa. Que dança bem.”

“Nós não dançamos.”

Mercy pergunta: “Mas o que você acha? Ela conhece os Evangelhos?”.

Ele dá de ombros. “Nós não rezamos.”

Alice, sua pequena sobrinha: “O que ela estava vestindo?”.

Ah, isso eu posso dizer; estipula o preço e a origem das roupas que ela estava usando, do capuz à barra das saias, do pé aos dedos das mãos. No toucado, Ana emula o estilo francês, o capuz redondo realçando a bela ossatura do rosto. Ele explica isso e, embora o tom seja frio, mercantil, as mulheres parecem não apreciar a descrição.

“Não vá me dizer que o senhor *gosta* dela?”, pergunta Alice, e ele responde que não lhe cabe ter uma opinião; e nem a você, Alice, ele diz, abraçando-a e provocando risadas. Nosso amo está de bom humor, diz a pequena Jo. E essa barra de pele de esquilo..., pergunta Mercy, e ele responde, Calábria. Ah, calabresa, comenta Alice, e torce o nariz. Johane observa: Thomas, devo dizer que, pelo visto, você chegou bem perto dela.

“Os dentes dela são bons?”, pergunta Mercy.

“Pelo amor de Deus, mulher; quando ela enterrar os dentes em mim, eu lhe conto.”

Quando soube que o duque de Norfolk sairia de Richmond para destroçá-lo com os próprios dentes, o cardeal riu e disse: “Nossa Mãe, Thomas, é hora de partir”.

Mas para viajar ao Norte, o cardeal precisaria de fundos. O problema é apresentado ao conselho do rei, que diverge, e continua o debate em sua audiência.

“Afinal”, diz Charles Brandon, “não se pode deixar um arcebispo se esgueirar para sua investidura como um criado que roubou as colheres.”

“Ele fez mais que roubar colheres”, replica Norfolk. “Ele comeu o jantar que teria alimentado toda a Inglaterra. Ele surrupiou as toalhas de mesa, por Deus, e secou o que havia na adega.”

O rei pode ser fugidio. Certo dia, em que ele pensa ter uma hora marcada com Henrique, ele é recebido por seu secretário-mor. “Sente-se”, diz Gardiner. “Sente-se e ouça. Contenha-se e seja paciente enquanto eu lhe esclareço determinados assuntos.”

Ele vê Stephen balançando para lá e para cá, o demônio do meio-dia. Gardiner é um homem com ossos de juntas frouxas, seus contornos fluem em tom de ameaça; ele tem grandes mãos peludas, e os nós dos dedos estalam quando fecha o punho direito dentro da palma esquerda.

Ele recebe a ameaça implícita, e a mensagem. Parando à porta, ele diz, tranquilo: “Seu primo manda lembranças”.

Gardiner o encara. As sobrancelhas se eriçam, como os pelos das costas de um cão. Acha que Cromwell supõe...

“Não falo do rei”, ele diz, tranquilizador. “Não sua majestade. Eu falo do seu primo Richard Williams.”

Abismado, Gardiner exclama: “Aquele velho boato!”.

“Ora, vamos. Não é desgraça alguma ser um bastardo real. Ou assim pensamos, na minha família.”

“Na sua família? E que noção de propriedade tem sua família? Não tenho interesse algum nesse jovem, não reconheço qualquer parentesco com ele, e não farei nada por ele.”

“Sinceramente, você não precisa fazer nada. Ele agora se chama Richard Cromwell.” Quando está saindo, e saindo de verdade dessa vez, ele conclui: “Não perca seu sono com isso, Stephen. Eu andei

pesquisando. Você pode ser parente de Richard, mas não é parente meu”.

Ele sorri. Internamente, está enlouquecido de ódio, alimentando-se dele, como se seu sangue fosse fino e tomado de veneno diluído, como o sangue descolorido de uma cobra. Assim que chega a casa de Austin Friars, ele abraça Rafe Sadler e deixa o cabelo do rapaz espetado para cima, como cerdas. “Deus me guie: menino ou porco-espinho? Rafe, Richard, estou me sentindo penitente.”

“É a época”, responde Rafe.

“Eu quero”, ele diz, “me tornar absolutamente calmo. Quero ser capaz de entrar no galinheiro sem fazer com que as galinhas ericem as penas. Quero ser menos como o tio Norfolk e mais como Marlinspike.”

Ele tem uma conversa longa e tranquila em galês com Richard, que ri dele porque as velhas palavras estão desaparecendo de sua memória e ele sempre escorrega em fragmentos de inglês, com uma sorradeira entonação fronteiriça. Ele dá às sobrinhas pequenas os braceletes de pérola e coral que comprou para elas há semanas mas esqueceu de dar. Ele desce à cozinha e faz sugestões, todas divertidas.

Ele convoca todo o pessoal da casa, seus funcionários. “Precisamos planejar”, diz ele, “como proporcionaremos conforto ao cardeal na estrada para o Norte. Ele quer viajar com calma, para que o povo possa admirá-lo. Ele precisa chegar a Peterborough para a Semana Santa, e de lá viajar, por etapas, até Southwell, onde planejará seu futuro avanço até York. O palácio do arcebispo em Southwell tem bons quartos, mas talvez ainda precisemos levar construtores...”

George Cavendish lhe disse que o cardeal começou a passar seu tempo em orações. Em Richmond, ele anda buscando a companhia de alguns monges que lhe recitam o valor dos espinhos na carne e do sal nas feridas, os méritos do pão e da água e dos obscuros prazeres da autoflagelação. “Ah, essa é a gota d’água”,

declara ele, irritado. “Temos que colocá-lo na estrada. Ele ficará melhor em Yorkshire.”

Ele diz a Norfolk: “Bem, meu senhor, como podemos fazer isso? O senhor quer que ele suma ou não? Quer? Então venha comigo para falar com o rei”.

Norfolk solta um grunhido. Mensagens são enviadas. Mais ou menos um dia depois, eles se veem juntos numa antecâmara, aguardando. Norfolk marcha pelo cômodo. “Ah, por são Judas!”, diz o duque. “Que tal irmos atrás de um pouco de ar puro? Ou vocês advogados não precisam disso?”

Eles caminham pelos jardins; ou melhor, ele caminha, o duque pisoteia. “Quando nascem as flores?”, pergunta o duque. “Quando eu era um menino, nunca tínhamos flores. Foi Buckingham, sabe, quem trouxe para cá esse negócio de jardins ornamentais. Ah, Deus, quanta pompa!”

O duque de Buckingham, um hábil jardineiro, foi decapitado por traição. Isso em 1521: menos de dez anos antes. Parece triste mencioná-lo agora, na presença da primavera, que canta de cada arbusto, cada ramo.

Chega uma convocação. Quando se dirigem para a entrevista, o duque hesita e protela; seus olhos reviram e as narinas se dilatam, a respiração fica curta. Quando o duque pousa a mão sobre seu ombro, ele é forçado a reduzir o passo, e eles se arrastam — ele, resistindo ao impulso de se desvencilhar — como dois veteranos de guerra numa procissão de pedintes. *Scaramella va alla guerra...* A mão de Norfolk treme.

Mas é só quando chegam à presença do rei que ele compreende por que estar na mesma sala que Henrique Tudor incomoda o velho duque. A dourada exuberância o faz se encolher dentro das roupas. Henrique os saúda cordialmente; diz que está um dia magnífico e que o mundo é de fato magnífico. Ele rodopia pelo aposento, os braços abertos, recitando versos de sua própria autoria. Ele fala de qualquer coisa, menos do cardeal. Frustrado, Norfolk fica com o

rosto vermelho-escuro e começa a murmurar. Dispensados, eles começam a recuar. Henrique chama: “Ah, Cromwell...”.

Ele troca olhares com o duque. “Creio em Deus Pai...”, murmura o duque.

Mão às costas, ele indica: vá, lorde Norfolk, eu o encontro daqui a pouco.

Henrique está parado, braços cruzados, olhos no chão. Ele não diz nada até que ele, Cromwell, se aproxime. “Mil libras?”, murmura Henrique.

A língua dele coça para dizer: isso seria uma parcela dos dez mil que, como bem sei, você deve ao cardeal de York há mais de uma década.

Mas ele não diz isso, claro. Nesses momentos, Henrique espera que o súdito caia de joelhos — duque, conde, plebeu, gordo ou magro, velho ou jovem. Ele se ajoelha; sente o repuxão de uma cicatriz na pele. Poucos chegam à casa dos quarenta desprovidos de feridas.

O rei gesticula: pode levantar. E acrescenta, num tom curioso: “O duque de Norfolk lhe concede diversos sinais de amizade e favor”.

O rei se refere à mão no ombro: a minúscula e inesperada vibração da palma ducal contra músculos e ossos plebeus. “O duque tem o cuidado de preservar todas as distinções de posição.” Henrique parece aliviado.

Um pensamento desagradável se instila em sua cabeça: e se você, Henrique Tudor, tivesse uma síncope e caísse aos meus pés? Tenho permissão de levantá-lo, ou devo mandar chamar um conde para isso? Ou um bispo?

Henrique se afasta. Ele dá meia-volta e diz, em voz baixa: “Sinto falta do cardeal de York, todos os dias”. Há uma pausa, em seguida murmura: leve o dinheiro com nossa bênção. Não conte ao duque. Não conte a ninguém. Peça ao seu amo que reze por mim. Diga-lhe que é o máximo que posso fazer.

Os agradecimentos que ele profere, ainda numa situação genuflexória, são eloquentes e prolongados. Henrique o encara vagamente e diz, por Deus, mestre Cromwell, você gosta de falar, não?

Ele sai, o rosto contido, lutando contra o impulso de sorrir. *Scaramella fa la gala...* “Sinto falta do cardeal de York, todos os dias.”

E então, então, o que ele disse?, pergunta Norfolk. Ah, nada, ele responde. Apenas algumas palavras especialmente duras que deseja que eu transmita ao cardeal.

O itinerário é planejado. Os pertences do cardeal são dispostos em barcas, destinadas a Hull, de onde seguirão por terra. Ele próprio pechinchou até conseguir um preço razoável pelo aluguel das barcas.

Ele diz a Richard, sabe, mil libras não é muito quando você tem um cardeal para pôr em movimento. Richard pergunta: “Quanto do seu próprio dinheiro será consumido nessa empreitada?”.

Certas dívidas jamais deveriam ser contabilizadas, ele responde. “Eu sei o que me é devido, mas, por Deus, sei também o quanto devo.”

Ele indaga a Cavendish: “Quantos criados ele está levando?”.

“Apenas cento e sessenta.”

“Apenas.” Ele aquiesce. “Sei.”

Hendon. Royston. Huntingdon. Peterborough. Ele mandou homens cavalgando à frente, com instruções precisas.

Na última noite, Wolsey lhe dá um pacote. Dentro dele, um objeto pequeno e rijo, um selo ou anel. “Abra quando eu tiver partido.”

Ainda há gente entrando e saindo da câmara privada do cardeal, carregando baús e maços de papéis. Cavendish perambula entre a agitação, segurando um cibório de prata.

“Você virá para o Norte?”, pergunta o cardeal.

“No minuto em que o rei convocá-lo de volta, eu o buscarei, meu amo.” Ele ao mesmo tempo acredita e não acredita que isso vá acontecer.

O cardeal se põe de pé. Há uma pressão no ar. Ele, Cromwell, se ajoelha para ser abençoado. O cardeal ergue a mão para ser beijada. Seu anel turquesa não está lá. Ele não deixa de notar o fato. Por um momento, a mão do cardeal repousa sobre o ombro do amigo, dedos abertos, o polegar no côncavo da clavícula.

É hora de partir. Tanto já foi dito entre os dois que é inútil acrescentar uma nota de rodapé. Não cabe a ele agora glosar o texto de suas relações nem anexar uma moral à história. Não é ocasião para abraços. Se o cardeal não dispõe de qualquer eloquência a oferecer, ele decerto não tem nenhuma. Antes que ele alcançasse a porta do aposento, o cardeal já se voltara para a lareira. Wolsey puxa a poltrona para perto da chama e ergue a mão para cobrir o rosto; mas sua mão não está entre ele e o fogo, e sim entre ele e a porta que fecha.

Ele sai para o pátio. Vacila; num recesso enfumaçado onde a luz não chega, apoia-se contra a parede. Ele chora, e diz a si mesmo: que George Cavendish não apareça e me veja, nem anote isso e transforme numa peça.

Ele pragueja em voz baixa, em muitas línguas: contra a vida e contra si mesmo por ceder às suas demandas. Criados passam ao largo, dizendo: “O cavalo do mestre Cromwell está aqui para buscá-lo! A escolta do mestre Cromwell está no portão!”. Ele espera até recuperar o autocontrole e só então sai, desembolsando moedas.

Quando chega em casa, os criados perguntam: devemos cobrir o brasão do cardeal? Não, pelo amor de Deus. Pelo contrário, retoquem a pintura. Ele recua um passo para ver melhor. “Os corvos poderiam parecer mais vivos. E precisamos de um escarlata melhor para o barrete.”

Ele mal consegue dormir; sonha com Liz. Pergunta-se se ela o reconheceria, o homem que ele jura que logo será: inflexível,

moderado, o guardião da paz do rei.

Quase ao amanhecer, ele dormita e acorda pensando: o cardeal está montando no seu cavalo agora mesmo... Por que não estou com ele? É 5 de abril. Johane o encontra na escadaria; castamente, beija-o no rosto.

“Por que Deus nos testa?”, ela sussurra.

“Acho que não vamos passar no teste”, ele murmura.

Ele especula: talvez eu deva subir até Southwell pessoalmente? Eu vou para o senhor, responde Rafe. Ele dá uma lista ao rapaz. Mande esfregar todo o palácio do arcebispo. Meu amo levará a própria cama. Convoque toda a equipe de cozinha do King’s Arms. Verifique os estábulos. Contrate músicos. Na última vez em que passei por lá, notei alguns chiqueiros instalados junto à parede do palácio. Encontre o dono, pague a ele e desmonte os chiqueiros. Não beba no Crown; a cerveja é pior que a do meu pai.

Richard diz: “Senhor... é hora de esquecer o cardeal”.

“Isso é um recuo tático, não uma debandada.”

Eles pensam que ele se retirou, mas ele apenas entra numa sala contígua. Ele se esconde entre os armários de arquivos e ouve Richard dizendo: “Ele se deixa guiar pelo coração”.

“É um coração experiente.”

“Mas como pode um general organizar uma retirada quando não sabe onde está o inimigo? O rei está sendo tão dúplice nessa história.”

“Ele poderia se retirar diretamente para os braços do rei.”

“Jesus. Você acha que nosso senhor também está sendo dúplice?”

“Tríplice, no mínimo”, diz Rafe. “Veja, não há qualquer lucro para ele, jamais, em desertar o velho; o que ele conseguiria, além do título de desertor? Talvez haja algo a ser ganho em manter a fidelidade. Para todos nós.”

“Pois então, ao trabalho, garoto dos porcos. Quem mais pensaria nos chiqueiros? Thomas More, por exemplo, jamais faria isso.”

“Ou ele estaria pregando ao criador de porcos. Meu bom homem, a Páscoa se aproxima...”

“... estais preparado para tomar a Hóstia Sagrada?” Rafe ri.
“Aliás, Richard, estais vós?”

“Posso comer um pedaço de pão em qualquer dia da semana”, Richard responde.

Durante a Semana Santa, recebem relatórios de Peterborough: houve mais gente aglomerada para ver Wolsey chegar do que jamais se viu na história da cidade. Enquanto o cardeal avança para o Norte, ele o segue através do mapa dessas ilhas, que tem na cabeça. Stamford, Grantham, Newark; o séquito em viagem chega a Southwell no dia 28 de abril. Ele, Cromwell, escreve para acalmá-lo, escreve para avisá-lo. Ele teme que os Bolena, ou Norfolk, ou ambos, tenham encontrado alguma forma de implantar um espião na comitiva do cardeal.

O embaixador Chapuys, saindo às pressas de uma audiência com o rei, toca sua manga, puxando-o de lado. “Monsieur Cremuel, pensei em bater na sua casa. Somos vizinhos, sabe?”

“Eu teria gostado da sua visita.”

“Mas fui informado de que o senhor agora tem andado em companhia do rei, coisa muito agradável, não? Seu velho amo, tenho notícias dele toda semana. Ele se preocupa com a saúde da rainha. Ele pergunta se Catarina está de bom humor e pede que ela acredite que logo será restaurada no coração do rei. E na cama.” Chapuys sorri. Ele se diverte. “A concubina não o ajudará. Sabemos que o senhor tentou com ela e fracassou. Assim, Wolsey agora se volta para a rainha.”

Ele se vê forçado a perguntar: “E o que a rainha responde?”.

“Ela responde: espero que Deus em sua misericórdia creia possível perdoar o cardeal, pois eu jamais poderei.” Chapuys

espera. Ele nada fala. O embaixador continua: “Imagino que o senhor tenha consciência do emaranhado de destroços que restará se o divórcio for concedido, ou, digamos, de alguma forma extorquido de sua santidade, não? Em defesa da sua tia, o imperador pode declarar guerra à Inglaterra. Seus amigos comerciantes perderão o sustento, e muitos perderão a vida. Talvez seu rei Tudor seja deposto e a velha nobreza assuma o poder”.

“Por que está me dizendo isso?”

“Estou dizendo a todos os ingleses.”

“De porta em porta?”

Ele pretende transmitir ao cardeal esta mensagem: seu crédito junto ao imperador se esgotou. Que outro resultado isso trará, exceto levá-lo a apelar ao rei da França? Em qualquer um desses caminhos, jaz a traição.

Ele imagina o cardeal entre os cônegos de Southwell, em sua poltrona na sala capitular, presidindo sob a alta abóbada como um príncipe à vontade em alguma clareira, cercado por relevos de folhas e flores. São tão delgadas que é como se as colunas e travas estivessem brotando, como se a pedra explodisse com vida em flor; os capitéis são decorados com amoras, os fustes são caules sinuosos, rosas abraçam os pilares, flores e sementes surgem numa viga; rostos aparecem entre a folhagem, de cães, de lebres, de cabras. Há rostos humanos também, tão reais que quiçá até mudem de expressão; talvez baixem os olhos, perplexos com a portentosa forma escarlate de seu patrono; e no silêncio da noite, quando os cônegos dormem, os homens de pedra assoviam e cantam.

Na Itália, ele aprendeu um sistema de memorização e o desenvolveu com imagens. Algumas são tiradas de bosques e campos, de arbustos e florestas: animais arredios ocultos, olhos brilhando entre as plantas rasteiras. Algumas são raposas e veados, algumas são grifos, dragões. Algumas são homens e mulheres: freiras, guerreiros, doutores da Igreja. Ele põe objetos improváveis em suas mãos: santa Úrsula empunha arco e flecha, são Jerônimo

brande uma foice, enquanto Platão carrega uma concha de sopa e Aquiles leva uma dúzia de ameixas numa tigela de madeira. É inútil tentar memorizar com objetos comuns e rostos familiares. É preciso fazer justaposições impressionantes, imagens que sejam mais ou menos peculiares, ridículas ou até indecentes. Depois de criar as imagens, ele deve espalhá-las pelo mundo em locações de sua escolha, cada uma com seu pacote de palavras, de imagens, que lhe voltarão quando necessário. Em Greenwich, um gato sem pelos pode espiá-lo por trás de um guarda-comida; no palácio de Westminster, uma cobra pendurada numa viga da casa pode encará-lo e sibilar seu nome.

Algumas dessas imagens são planas, e se pode até andar sobre elas. Algumas estão vestidas em peles e passeiam por uma sala, mas podem ser homens com cabeças viradas para trás ou com caudas peludas como os leopardos dos brasões. Algumas fecham a cara como Norfolk, ou ficam boquiabertas em perplexidade, como o lorde de Suffolk. Algumas falam, algumas grasnam. Ele as guarda, em ordem rigorosa, na galeria no fundo de sua mente.

Talvez por estar acostumada a criar essas imagens, sua cabeça é povoada com o elenco de mil peças, dez mil interlúdios. É por causa dessa prática que ele tende a vislumbrar a esposa morta vigiando numa escadaria, seu rosto branco voltado para cima, ou espiando na curva de um corredor em Austin Friars ou na casa de Stepney. Então a imagem começa a se mesclar com a da irmã de Liz, Johane, e tudo que pertenceu a Liz começa a pertencer à irmã: seu meio sorriso, seu olhar questionador, seu jeito de estar nua. Até que ele diz, já basta, e a apaga de sua mente.

Rafe cavalga para o Norte com mensagens para Wolsey, secretas demais para ser dispostas em cartas. Ele poderia ir pessoalmente, mas, embora o Parlamento esteja suspenso, ele não pode viajar, pois teme o que seria dito sobre Wolsey sem sua presença para defendê-lo; e o rei pode desejar vê-lo de imediato, ou Lady Ana. “E embora eu não esteja com vossa eminência em

pessoa”, ele escreve, “acredite que estou, e estarei, durante minha vida, com sua graça em coração, espírito, prece e serviço...”

O cardeal responde: ele é “meu maior bem, confidente e refúgio seguro nessa calamidade”. Ele é “meu muito estimado Cromwell”.

Wolsey escreve para pedir codornas. Escreve para pedir sementes de flores. “Sementes?”, Johane pergunta. “Ele pretende criar raízes?”

O crepúsculo encontra o rei melancólico. Mais um dia de retrocesso em sua campanha para ser novamente um homem casado; ele nega, claro, que esteja casado. “Cromwell”, diz ele, “preciso achar uma forma de possuir aqueles...” Ele olha de soslaio, sem querer dizer o que pensa. “Compreendo que há dificuldades legais. Não finjo que as compreendo. E antes que você comece, não as quero explicadas.”

O cardeal dotou a universidade em Oxford, assim como a escola em Ipswich, de terras que seguirão produzindo renda em perpetuidade. Henrique quer sua porção de prata e ouro, suas bibliotecas, seus rendimentos anuais e a terra que produz tais rendimentos; e ele não entende por que não pode ter o que deseja. Aquelas fundações foram financiadas pela riqueza de vinte e nove monastérios — suprimidos com permissão do papa, sob a condição de que os rendimentos fossem usados para as universidades. Mas, diz Henrique, sabia que estou começando a dar pouquíssima importância ao papa e a suas permissões?

É começo do verão. O anoitecer é longo e a grama e o ar, perfumados. Seria de acreditar que numa noite como aquela, um homem como Henrique pudesse deitar-se em qualquer cama que desejasse. A corte está cheia de mulheres ansiosas. Mas, depois dessa entrevista, ele caminhará pelos jardins com Lady Ana, com a mão dela pousada em seu braço, entretido com a conversa; depois partirá para sua cama vazia, e ela, acredita-se, para a dela própria.

Quando o rei pede notícias do cardeal, ele responde que o cardeal sente falta da luz do semblante de sua majestade; que as preparações para sua posse em York estão em andamento. “Então por que ele não chega logo a York? A mim me parece que ele posterga, posterga...” Henrique o encara. “Uma coisa posso dizer a seu favor: você realmente é fiel a seu amo.”

“Tudo que recebi do cardeal foi sempre bondade. Por que não seria fiel?”

“E você não tem nenhum outro amo”, diz o rei. “Lorde Suffolk me pergunta, de onde vem este camarada? Eu respondo que há Cromwells em Leicestershire, Northamptonshire; gente com terras, ou assim foram no passado. Imagino que você seja de algum ramo desafortunado daquela família, estou correto?”

“Não.”

“Talvez você não conheça seus próprios antepassados. Ordenarei que os heraldos investiguem o tema.”

“Vossa majestade é muito gentil. Mas eles terão pouco êxito.”

O rei se exaspera. Ele está perdendo a chance de aproveitar o que lhe é oferecido: um pedigree, ainda que parco. “Meu lorde cardeal me disse que você foi órfão, disse que você foi criado num monastério.”

“Ah. Essa era uma das historietas dele.”

“Ele me contou historietas?” Várias expressões competem por espaço na face do rei: aborrecimento, diversão, um desejo de reviver os tempos idos. “Suponho que sim. Ele me disse que você tem horror àqueles que escolhem a vida religiosa. E que por isso se dedicou tanto ao seu trabalho.”

“Não foi essa a razão.” Ele ergue os olhos. “Posso falar abertamente?”

“Ah, pelo amor de Deus”, exclama Henrique. “Eu adoraria que alguém fizesse isso de vez em quando.”

Ele tem um sobressalto. E depois compreende. Henrique quer conversar, não importa o assunto. Algo que não tenha nada a ver

com amor, ou caça, ou guerra. Agora que Wolsey se foi, não há muito propósito nisso; a menos que se queira conversar com um padre de alguma classe. E se mandam um padre, a que volta o assunto? Ao amor; a Ana; ao que ele quer e não pode ter.

“Se me pergunta sobre os monges, eu falo por experiência própria, e não por preconceito, e embora eu não tenha dúvidas de que certas fundações sejam bem governadas, minha experiência tem sido de desperdício e corrupção. Se me permite sugerir, se vossa majestade deseja ver um desfile dos sete pecados capitais, não deve organizar um baile de máscaras na corte, mas chegue sem avisar a um mosteiro. Eu vi monges que vivem como grandes lordes, vivem do dízimo de gente pobre que compraria uma bênção antes de comprar um pão, e essa não é uma conduta cristã. Tampouco acredito que os monastérios sejam repositórios de conhecimento, como tantas pessoas acreditam. Por acaso Grocyn foi um monge, ou Colet, ou Linacre, ou qualquer um dos nossos grandes pensadores? Eles eram homens de universidade. Os monges acolhem crianças e as usam como criados, e nem sequer lhes ensinam o mais básico latim. Eu não lhes negaria alguns confortos materiais. Ninguém pode viver em Quaresma. O que não tolero é a hipocrisia, a fraude, o ócio; os velhos relicários, os cultos surrados e a falta de inventividade. Quando foi que algo de bom saiu de um monastério? Eles não inventam, apenas repetem, e o que repetem está corrompido. Por centenas de anos, os monges seguraram a pena, e o que escreveram é o que consideramos nossa história, mas eu não acredito que seja realmente assim. Creio que eles suprimiram a história de que não gostam e escreveram outra, favorável a Roma.”

O olhar de Henrique parece atravessá-lo e atingir a parede às suas costas. Ele espera. Henrique diz: “São canis, então?”.

Ele sorri.

Henrique prossegue: “Nossa história... Como deve saber, estou reunindo provas. Manuscritos. Opiniões. Comparações com a forma

como as coisas são ordenadas em outros países. Talvez você possa se encontrar com um daqueles cavalheiros ilustrados. Dar certa direção aos seus esforços. Fale com o dr. Cranmer; ele lhe dirá o que será necessário. Eu poderia fazer bom uso do dinheiro que flui anualmente até Roma. O rei Francisco é muito mais rico que eu. Não tenho um décimo dos seus súditos. Ele cobra impostos do povo ao seu bel-prazer. Quanto a mim, preciso convocar o Parlamento. Se não convoco, ocorrem revoltas”. Ele acrescenta, amargo: “E também há revoltas se eu convoco”.

“Não tire lições do rei Francisco”, ele diz. “Ele é muito afeiçoado a guerras, e pouco afeiçoado ao comércio.”

Henrique sorri debilmente. “Você pode não concordar, mas, para mim, esse é o ofício de um rei.”

“Há mais impostos a recolher quando o comércio é bom. E se há resistência aos impostos, talvez haja outras formas.”

Henrique concorda. “Pois bem. Comece pelas universidades. Vá conversar com meus advogados.”

Harry Norris está à espera para conduzi-lo para fora dos aposentos privados do rei. Sem sorrir uma única vez, e na verdade com aparência um tanto severa, ele diz: “Eu não gostaria de ser o coletor de impostos dele”.

Ele pensa, será que os momentos mais notáveis da minha vida precisam acontecer sob o escrutínio de Henry Norris?

“Ele mandou matar os melhores homens do pai. Empson, Dudley. O cardeal não ficou com a casa de um dos dois?”

Uma aranha surge de debaixo de um banco e o presenteia com uma recordação. “A casa de Empson, na Fleet Street. Cedida a 9 de outubro, primeiro ano do reinado de Henrique.”

“Glorioso reinado”, diz Norris: como se fizesse uma correção.

Gregory faz quinze anos no começo do verão. Ele monta a cavalo muito bem e há ótimos relatos sobre sua esgrima. Seu grego... bem, seu grego continua como sempre esteve.

Mas ele tem um problema. “As pessoas de Cambridge andam rindo dos meus perdigueiros.”

“Por quê?” Os cães negros formam um par idêntico. Têm o pescoço musculoso e curvilíneo e belas patas; conservam os olhos baixos, brandos e recatados, até que avistam sua presa.

“Eles dizem: por que ter cães que ninguém consegue ver à noite? Só bandidos têm cães desse tipo. Eles dizem que caço nas florestas, contra a lei. Dizem que caço texugos, como um grosseirão.”

“O que você quer?”, pergunta o pai. “Cães brancos, ou com algumas manchas coloridas?”

“Ambas as opções seriam corretas.”

“Eu fico com seus cães negros.” Não que ele tenha tempo para passear com eles, mas Richard ou Rafe podem lhes arranjar uma utilidade.

“Mas e se os outros rirem?”

“Por favor, Gregory”, Johane diz. “Este é seu pai. Eu lhe asseguro que ninguém terá coragem de rir.”

Quando o clima está chuvoso demais para caçar, Gregory se senta a devorar *A legenda áurea*; ele adora a vida dos santos.

“Algumas dessas coisas aconteceram de verdade”, diz o menino, “outras não.” Ele lê *Le Morte d’Arthur*, e por ser uma edição nova, todo mundo se aglomera a seu redor, lendo o frontispício sobre seu ombro. “Aqui começa o primeiro livro do nobilíssimo e valoroso príncipe rei Artur, outrora rei da Grã-Bretanha...” No primeiro plano da ilustração, dois casais se abraçam. Sobre um cavalo com as patas no ar há um homem com um chapéu extravagante, feito de tubos enroscados como gordas serpentes. O senhor usava chapéus desse tipo quando era jovem?, pergunta Alice, ao que ele diz: eu usava uma cor diferente a cada dia da semana, mas os meus eram maiores.

Às costas do homem, uma mulher está na garupa. “Acha que representa Lady Ana?”, pergunta Gregory. “Dizem que o rei não

gosta de ficar longe dela, então ele a empoleira no cavalo como a mulher de um agricultor.” A mulher tem olhos grandes, e parece nauseada pelos sacolejos; talvez seja Ana mesmo. Há um pequeno castelo, não muito mais alto que um homem, com uma tábua como ponte levadiça. Circulando acima, os pássaros parecem adagas voadoras. Gregory diz: “Nosso rei descende desse Artur. Ele nunca morreu de fato, mas ficou na floresta esperando o momento propício, ou talvez num lago. Ele tem muitos séculos de idade. Merlim é um mago. Ele aparece depois. Vocês verão. Tem vinte e um capítulos. Se continuar a chover, eu pretendo ler todos de uma vez. Algumas dessas coisas são verdadeiras, e outras são mentira. Mas são todas boas histórias”.

Quando o convoca de novo à corte, o rei deseja enviar uma mensagem a Wolsey. Um comerciante bretão cujo navio foi tomado pelos ingleses há oito anos reclama que não recebeu a indenização prometida. Ninguém consegue achar a papelada. Foi o cardeal quem administrou o caso; será que ele recordará? “Estou certo de que se lembrará”, responde ele. “Não seria o navio com lastro em mica perolada, com o porão carregado de chifres de unicórnio?”

Deus me livre!, exclama Charles Brandon; mas o rei ri e diz: “Exatamente”.

“Se há dúvida sobre o total devido, ou mesmo sobre todo o caso, posso cuidar do assunto?”

O rei hesita. “Não sei se você possui um *locus standi* nesse assunto.”

É nesse momento que Brandon, de forma um tanto inesperada, lhe presta uma homenagem: “Deixe que ele faça isso. Quando esse camarada acabar seu trabalho, os bretões deverão dinheiro ao senhor”.

Os duques transitam em suas próprias esferas. Quando conferenciam, não é pelo prazer da companhia um do outro; eles gostam de estar cercados por suas próprias cortes, por homens que

os emulam e lhes são subservientes. Por prazer, é mais provável encontrá-los com um tratador de cães do que com outro duque; assim, ele passa uma hora amigável com Brandon, observando os cães do rei. Ainda não é estação de caça, e portanto os cães estão em seus canis, bem alimentados; sua sinfonia de latidos se eleva no ar do anoitecer, e os rastreadores, silenciosos como foram treinados para ser, erguem-se nas patas traseiras e, salivando, acompanham a chegada de seu jantar. Os tratadores dos canis chegam com cestas de pães e ossos, baldes de sobras de carne e bacias de caldo de sangue de porco. Charles Brandon suspira, satisfeito: como uma viúva num jardim de rosas.

Um caçador chama para perto sua cadela favorita, branca com manchas castanhas, Barbada, quatro anos. O duque a segura entre as pernas e ergue sua cabeça para lhe mostrar os olhos, nublados por uma fina membrana. Brandon detestará sacrificá-la, mas duvida que a cadela seja de muita utilidade na estação de caça. Ele, Cromwell, abarca a mandíbula do animal na palma da mão. “É só remover a membrana com uma agulha curva. Eu já vi como se faz. É necessário ter mão firme e rápida. Ela não vai gostar, mas, por outro lado, também não vai gostar de ser cega.” Ele passa a mão sobre as costelas do animal, sente o pulsar assustado de seu pequeno coração. “A agulha tem de ser fina. E deste exato comprimento.” Ele mostra aos outros, entre o indicador e o polegar. “Deixe-me conversar com o ferreiro.”

Suffolk o olha de soslaio. “Você é um sujeito bastante útil.”

Eles se afastam. O duque diz: “Veja bem. O problema é minha esposa”. Ele espera. “Eu sempre quis que Henrique tivesse o que deseja, sempre fui fiel a ele. Mesmo quando ele falava em cortar minha cabeça porque me casei com sua irmã. Mas agora, o que devo fazer? Catarina é a rainha. Não é? Minha esposa sempre foi amiga dela. Ela está começando a falar... não sei, eu daria minha vida pela rainha, esse tipo de coisa. E com a sobrinha de Norfolk

tomando precedência sobre minha esposa, que foi rainha da França... Não podemos tolerar isso. Compreende?”

Ele assente. Compreendo. “Além disso”, diz o duque, “ouvi dizer que Wyatt está voltando de Calais.” Sim, e daí? “Não sei se devo contar a ele. Contar a Henrique, quero dizer. Pobre-diabo.”

“Senhor, deixe isso de lado”, diz ele. O duque recai naquilo que, em outro homem, seria descrito como uma silenciosa meditação.

Verão: o rei está caçando. Se quer falar-lhe, ele precisa ir atrás dele, e se é convocado, deve comparecer. Enquanto o verão avança, Henrique visita seus amigos em Wiltshire, em Sussex, em Kent, ou fica em suas próprias casas ou naquelas que tomou do cardeal. Às vezes, mesmo nas atuais circunstâncias, a pequena e robusta pessoa da rainha sai para cavalgar com um arco, quando o rei caça num de seus grandes parques, ou no parque de algum lorde, onde os veados são impelidos na direção dos arqueiros. Lady Ana também cavalga — em ocasiões diferentes — e desfruta da caçada. Mas há uma temporada para deixar as damas em casa e cavalgar no interior da floresta com os rastreadores e os perdigueiros; para despertar antes da aurora, quando a luz é nublada como uma pérola; para consultar os caçadores e depois soltar o cervo escolhido. Nunca se sabe onde a caçada acabará, ou quando.

Harry Norris lhe diz, rindo, logo será sua vez, mestre Cromwell, se ele continuar a favorecê-lo dessa maneira. Um conselho: quando o dia começar e estiverem cavalgando para longe, escolha um riacho e guarde-o em sua memória. Quando o rei já tiver exaurido três bons cavalos e a trombeta anunciar mais uma caçada, com certeza sonhará com aquele riacho, e se imaginará deitado nele. Folhas mortas e a água fria do rio, não vai querer outra coisa.

Ele examina Norris: sua adorável autodepreciação. Ele pensa: quando esteve com meu cardeal em Putney, quando ele caiu de joelhos na lama, por acaso foi você quem recordou as imagens

daquele dia à corte, ao mundo, aos estudantes do Gray's Inn? Pois se não foi você, quem foi?

Na floresta, você pode acabar perdido e sem companheiros. Pode encontrar um rio que não figura no mapa. Pode perder a presa de vista, e esquecer por que está ali. Pode encontrar um duende, ou o Cristo vivo, ou um velho inimigo seu; ou um novo inimigo, alguém que não conhece até ver seu rosto aparecendo entre as folhas agitadas e a centelha de sua adaga. Pode encontrar uma mulher dormindo sob um teto de folhas. Por um momento, antes de ter certeza de que as feições não lhe são familiares, você pode até achar que a conhece.

Em Austin Friars há poucas oportunidades para se estar só, ou para estar a sós com uma única pessoa. Todas as letras do alfabeto observam você. No escritório contábil há o jovem Thomas Avery, que você está treinando para administrar suas finanças pessoais. A meio caminho entre as letras chega Marlinspike, passeando pelo jardim com seus olhos dourados observadores. No fim do alfabeto está Thomas Wriothesley, que se pronuncia “Risley”. É um jovem inteligente, mais ou menos vinte e cinco anos e de boa família, filho do heraldo de York, sobrinho de um cavaleiro real da Ordem da Jarreteira. Na casa de Wolsey, ele trabalhava sob a sua direção, e depois foi levado por Gardiner, como secretário-mor, para servi-lo. Nos últimos tempos, às vezes ele aparecia na corte, às vezes em Austin Friars. Um espião de Stephen, dizem os meninos — Richard e Rafe.

Mestre Wriothesley é alto, tem cabelos louro-acobreados, mas sem a propensão de outros com a mesma compleição — digamos, o rei — de ficar cor-de-rosa quando satisfeito ou multicolor quando irritado; está sempre pálido e frio, sempre no controle de sua vistosa pessoa, sempre composto. No Trinity Hall, ele era um grande ator nas peças estudantis, e tem certas afetações, uma preocupação consigo, com a forma como se apresenta; Richard e Rafe o imitam

pelas costas, e dizem: “Meu nome é Wri-oth-es-ley, mas como desejo lhe poupar o esforço, pode me chamar de Risley”. Os meninos dizem, ele só complica seu nome para vir aqui, assinar coisas e gastar nossa tinta. E também dizem: sabem, Gardiner não tem paciência para pronunciar nomes longos, por isso só o chama de “ô, você”. Eles se divertem com essa piada e, por algum tempo, a cada vez que o sr. W. aparece, os rapazes exclamam: “É o Ô-Você!”.

Ele diz: tenham piedade de mestre Wriothesley. Homens de Cambridge merecem nosso respeito.

Ele gostaria de perguntar aos meninos, Richard, Rafe e mestre Wriothesley-Me-Chame-Risley: eu pareço um assassino? Existe um rapaz que acha que sim.

Este ano não houve peste no verão. Os londrinos agradecem de joelhos. Na véspera de São João, as fogueiras queimam por toda a noite. Pela manhã, lírios brancos são trazidos dos campos. Com dedos trêmulos, as filhas da cidade os trançam em guirlandas soltas que penduram nos portões da cidade e nas portas do casario.

Ele pensa naquela moça como uma flor branca; a jovem aia de Lady Ana, que se esgueirou pela porta. Seria fácil descobrir o nome dela, mas ele não o descobriu, porque esteve ocupado demais investigando os segredos de Maria. Da próxima vez que a vir... Mas qual é a utilidade de pensar nisso? Ela pertence a alguma casa nobre. Ele quis escrever para Gregory e dizer: eu vi uma jovem tão doce, vou descobrir quem ela é, e se eu manobrar nossa família com habilidade nos próximos anos, talvez você possa desposá-la.

Contudo, ele não escreveu isso. Na precária situação em que viviam, seria quase tão útil quanto as cartas que Gregory costumava escrever: *Querido pai, espero que o senhor esteja bem. Espero que sua cadela esteja bem. E agora não mais por falta de tempo.*

O lorde chanceler More diz: “Venha me visitar e conversaremos sobre as universidades de Wolsey. Tenho certeza de que o rei fará

algo pelos pobres estudantes. Venha, por favor. Venha ver minhas rosas antes que o calor as estrague. Venha ver meu novo tapete”.

É um dia abafado, cinzento; quando ele chega a Chelsea, a barca do secretário-mor está atracada e a bandeira Tudor pende flácida no ar carregado. Para além dos portões, a recém-construída mansão de tijolos vermelhos oferece sua vívida fachada para o rio. Ele caminha em direção à residência por entre as amoreiras. Parado no pórtico, sob as madressilvas, Stephen Gardiner. Os pátios em Chelsea estão repletos de pequenos animais de estimação, e quando ele se aproxima e seu anfitrião o saúda, ele vê que o chanceler da Inglaterra segura um coelho de orelhas caídas e pelo nevado; o animal jaz pacificamente nas mãos do chanceler, como um par de luvas de arminho.

“Seu genro Roper nos acompanhará hoje?”, pergunta Gardiner. “Que pena. Eu esperava vê-lo mudando de religião mais uma vez. Queria ser testemunha disso.”

“Um passeio pelo jardim?”, More propõe.

“Pensei que poderíamos vê-lo jantando com um amigo de Lutero, como outrora, e depois voltando ao seio da Igreja no momento em que chegassem as groselhas e framboesas.”

“Will Roper agora está firme”, responde More, “na fé da Inglaterra e de Roma.”

Ele diz: “Realmente não é um bom ano para frutas delicadas”.

More olha de soslaio; ele sorri. Simpático, ele papeia enquanto os conduz para dentro da casa. Arrastando-se na retaguarda vai Henry Pattinson, um criado de More que ele às vezes chama de seu bobo da corte e a quem permite certas liberdades. O homem é um grande encenqueiro. Normalmente as pessoas acolhem um bobo para protegê-lo; no caso de Pattinson, o resto do mundo é quem precisa de proteção. Será que ele é realmente estúpido? Há algo matreiro em More: ele gosta de constranger os outros; ter um bobo que não é bobo seria típico do lorde chanceler. Ao que parece, Pattinson caiu do campanário de uma igreja e bateu a cabeça. Na

cintura ele usa um barbante cheio de nós que às vezes diz ser seu rosário, às vezes seu açoite. E às vezes ele diz que é a corda que deveria ter impedido sua queda.

Ao entrar na casa, o visitante conhece a família pintada em tamanho natural num quadro antes de conhecê-los em carne e osso; e More, consciente do duplo efeito que isso provoca, faz uma pausa para deixar que os outros contemplem e absorvam a imagem. A favorita, Meg, está sentada aos pés do pai com um livro nos joelhos. Reunidos informalmente em torno do lorde chanceler estão seu filho John; sua protegida Anne Cresacre, esposa de John; Margaret Giggs, que é também sua protegida; seu velho pai, Sir John More; as filhas Cicely e Elizabeth; Pattinson, com olhos arregalados; e a esposa Alice, com a cabeça baixa e usando uma cruz, na beirada da pintura. Mestre Holbein os agrupou sob seu olhar e os fixou para sempre: isto é, contanto que nenhuma traça os consuma, nenhuma chama, mofo ou putrefação.

Na vida real, há algo puído em seu anfitrião, uma sugestão de novelo que se desenrola; estando à vontade, ele usa um simples camisolão de lã. Para inspeção dos convivas, o novo tapete está estendido sobre duas mesas longas. O pigmento não é carmim, tem um tom rosado: não é alizarina, ele pensa, mas um corante vermelho misturado com soro de leite. “Meu lorde cardeal gostava de tapetes turcos”, ele murmura. “Certa vez o Doge lhe mandou sessenta.” O fio é da lã macia de ovelhas da montanha, mas nenhuma das ovelhas era negra; onde a lã é mais escura, a superfície já tem um toque áspero devido ao tingimento desigual, e com o tempo e uso talvez se esfiape. Ele vira o canto do tapete, corre os dedos pelos pontos, contando-os às polegadas, num gesto antigo, costumeiro e automático. “Esse é o nó turco”, diz ele, “mas a estampa é de Pérgamo; estão vendo dentro dos octógonos, a estrela de oito pontas?” Ele alisa o canto e se afasta, volta, diz “aí está”; ele avança, põe a mão delicadamente sobre a falha, na interrupção do trançado, no losango um pouco deslocado, torcido de

forma inadequada. Na pior das hipóteses, o tapete na verdade é feito de dois tapetes atados como um só. Na melhor, foi trançado pelo Pattinson da vila, ou costurado no ano anterior por escravos venezianos numa oficina em algum beco. Para ter certeza, ele precisa virar o tapete inteiro do avesso. O anfitrião indaga: “Não foi uma boa compra?”.

É lindo, ele diz, não querendo estragar o prazer do outro. Mas pensa: da próxima vez, leve-me com você. Sua mão passeia pela superfície, rica e macia. A falha no trançado pouco importa. Um tapete turco não está sob juramento. Há certas pessoas neste mundo que gostam de tudo muito justo e preciso, e há outras que permitem certa flexibilidade nas margens. E ele pertence aos dois tipos. Por exemplo, ele não permitiria uma ambiguidade descuidada num arrendamento, mas o instinto lhe diz que às vezes um contrato deve ser redigido de maneira não tão estrita. Arrendamentos, mandados, estatutos, todos são escritos para serem lidos, e cada pessoa os lê à luz de seu próprio interesse. More diz: “O que acham, cavalheiros? Caminhar sobre ele, ou pendurar na parede?”.

“Caminhar sobre ele.”

“Thomas e seus gostos luxuriantes!” E eles riem. Quem visse pensaria que são amigos.

Eles saem para o aviário e conversam animadamente enquanto os pintassilgos esvoaçam e cantarolam. Um netinho engatinha por perto; uma mulher de avental vigia o bebê. A criança aponta para os pássaros, emite expressivos sons de prazer, agita os braços. Ela vê Stephen Gardiner; sua boquinha se curva para baixo. A babá a pega no colo, antes que se derrame em lágrimas. Deve ser ótimo, ele diz a Stephen, exercer um poder tão espontâneo sobre os jovens. Stephen fecha a cara.

More o toma pelo braço. “Pois bem, tratemos das universidades. Eu falei com o rei e nosso secretário-mor aqui fez o melhor que pôde; verdade, ele fez. O rei pode reinaugurar o Cardinal College no seu nome, mas não vejo esperança para Ipswich, afinal, é apenas...”

Sinto dizer isso, Thomas, mas é apenas o local de nascimento de um homem agora desgraçado, e portanto não tem qualquer interesse especial para nós.”

“É uma pena para os estudiosos.”

“Sim, claro. Podemos jantar?”

No grande salão de More, a conversa se dá exclusivamente em latim, embora a anfitriã seja a esposa do chanceler, Alice, que não fala uma palavra do idioma. Eles têm o costume de ler uma passagem da Escritura, como ação de graças. “Hoje é a vez de Meg”, diz More.

Ele está ansioso para exhibir sua adorada. A moça pega o livro e o beija; competindo com as interrupções do bobo, ela lê em grego. Gardiner tem os olhos fortemente cerrados; ele não parece devoto, mas exasperado. Ele observa Margaret. Talvez ela tenha uns vinte e cinco anos. A moça tem uma cabeça ágil e cabelos suaves, como a cabeça da pequena raposa que More diz ter domesticado — apesar de conservar o animal numa jaula, por segurança.

Os criados entram. É com Alice que eles trocam olhares enquanto posicionam os pratos; aqui, madame, e aqui? A família na pintura não precisa de criados, claro; eles existem por si mesmos, flutuando contra a parede. “Comam, comam”, diz More. “Todos exceto Alice, que vai acabar explodindo nesse seu corpete.”

Alice vira a cabeça ao ouvir seu nome. “Essa expressão de dolorosa surpresa não é natural dela”, prossegue More. “É produzida pelos cabelos que ela repuxa para trás e atravessa com grandes alfinetes de marfim, correndo o risco de machucar o crânio. Ela acredita que sua testa é muito baixa. E é, claro. Ah, Alice, Alice”, ele conclui, “ajude-me a lembrar por que me casei com você.”

“Para cuidar da casa, pai”, responde Meg em voz baixa.

“Sim, sim”, diz More. “Apenas um olhar sobre Alice já me livra da mácula da concupiscência.”

Ele percebe algo estranho, como se o tempo executasse alguma volta ou se atasse num nó; ele os viu na parede como Hans os congelara, e aqui eles representam a si mesmos, usando as várias expressões de apatia ou diversão, benignidade e graça: uma família feliz. Ele prefere seu anfitrião como Hans o pintou, o Thomas More da parede; é possível ver que ele está pensando, mas não o que ele está pensando, e é assim que deveria ser. O pintor os agrupou tão habilidosamente que não há espaço entre as silhuetas para qualquer outra pessoa. O observador só pode se imaginar na cena como um borrão ou uma mancha; decerto, ele pensa, Gardiner é um borrão ou uma mancha. O secretário agita as mangas negras; ele debate vigorosamente com seu anfitrião. O que são Paulo quer dizer quando declara que Jesus foi criado um pouco abaixo dos anjos? Os holandeses sabem contar piadas? Qual é o brasão apropriado do herdeiro do duque de Norfolk? Isso foi um trovão à distância, ou o calor vai continuar? Exatamente como na pintura, Alice tem um macaquinho preso a uma corrente dourada. Na pintura, ele brinca entre as saias dela. Na vida real, ele se senta em seu colo e se pendura nela como uma criança. Às vezes ela baixa a cabeça e conversa com ele, murmurando, para que ninguém mais possa ouvir.

More não bebe vinho, embora o sirva aos convivas. Há diversas iguarias, todas com o mesmo sabor — carne de algum tipo, com um molho granulado como a lama do Tâmis —, e depois coalhada e um queijo que ele diz ser feito por uma de suas filhas, protegidas, enteadas, uma das várias mulheres que enchem a casa. “Porque é preciso mantê-las ocupadas”, diz More. “Não podem passar o tempo todo lendo livros, e as jovens são propensas a mau comportamento e indolência.”

“Com certeza”, ele responde. “Daqui a pouco, elas estarão brigando nas ruas.” Sem querer, seus olhos são atraídos para o queijo, furado e gelatinoso como o rosto de um garoto de estábulo depois de uma noite fora.

“Henry Pattinson está agitado hoje à noite”, More comenta. “Talvez tenha que ser sangrado. Espero que sua dieta não tenha sido demasiado temperada.”

“Ah”, retruca Gardiner, “eu não tenho preocupações dessa ordem.”

O velho John More — que agora deve ter oitenta anos — chegou para a ceia, e eles então lhe cedem a palavra; o velho gosta de contar histórias. “Já ouviram falar de Humphrey, duque de Gloucester, e do mendigo que alega ser cego? Já ouviram falar do homem que não sabia que a Virgem Maria era judia?” Sempre se espera mais de um velho advogado astuto, mesmo em sua senilidade. Ele então começa a contar anedotas sobre mulheres estúpidas, das quais tem uma vasta coleção e, quando cai no sono, o anfitrião More tem outras. Lady Alice fica ali, sentada, carrancuda. Gardiner, que já ouviu todas aquelas histórias antes, trinca os dentes.

“Olhem, por exemplo, minha nora, Anne”, diz More. A moça baixa os olhos; seus ombros se retesam em preparação para o que vem pela frente. “Anne ansiava... posso contar a eles, minha querida? Anne ansiava por um colar de pérolas. Ela não parava de falar nisso, vocês sabem como são as jovens. Assim, quando eu lhe dei uma caixa que chocalhava, imaginem a expressão dela. Imaginem a expressão dela novamente quando abriu a caixa. O que havia dentro? Ervilhas secas!”

A garota respira profundamente. Ergue o rosto. Ele percebe o esforço que lhe custa fazer isso. “Pai”, ela diz, “não se esqueça de contar a história da mulher que não acreditava que o mundo é redondo.”

“Ah, sim, essa é muito boa”, More ri.

Quando observa Alice, pregando os olhos no marido com dolorosa concentração, ele pensa, ela continua não acreditando.

Depois do jantar, eles falam sobre o terrível rei Ricardo. Há muitos anos, Thomas More começou a escrever um livro sobre o rei.

Ele não decidiu se redigiria em inglês ou latim, e portanto escreveu em ambos, embora jamais tenha terminado ou enviado qualquer parte à gráfica. Ricardo nasceu para ser mau, diz More; estava escrito nele desde seu nascimento. More balança a cabeça. “Atos de sangue. Jogos dos reis.”

“Dias negros”, diz o bobo.

“Que jamais regressem.”

“Amém.” O bobo aponta para os convidados. “Que estes aqui jamais regressem também.”

Há gente em Londres que diz que John Howard, avô do atual duque de Norfolk, esteve mais que vagamente envolvido no desaparecimento dos meninos que entraram na Torre para nunca mais sair. Dizem os londrinos — e ele acredita que os londrinos têm razão — que os príncipes foram vistos pela última vez quando Howard estava em seu turno de guarda; contudo, Thomas More acredita que foi o condestável Brakenbury quem entregou as chaves aos assassinos. Brakenbury morreu em Bosworth; não pode se levantar do túmulo para reclamar.

O fato é que Thomas More é unha e carne com o atual Norfolk e vive ansioso por negar que o ancestral do duque tenha ajudado a dar sumiço em alguém, ainda mais em duas crianças de sangue real. Ele imagina o duque atual: numa das mãos retesada e gotejante, segura um pequeno corpo de cabelos dourados; na outra, o tipo de faca que um homem leva à mesa para cortar sua carne.

Ele volta a si: Gardiner, socando o ar, pressiona o lorde chanceler por provas. No momento, os resmungos e gemidos do bobo se tornam insuportáveis. “Pai”, diz Margaret, “por favor, mande Henry para fora.” More se ergue para censurá-lo e o leva pelo braço. Todos os olhos o seguem. Mas Gardiner tira vantagem do silêncio. Ele se inclina à frente, fala inglês num tom abaixo de sua voz normal. “Quanto ao mestre Wriothesley. Por favor, ajude-me a recordar. Ele está trabalhando para mim ou para você?”

“Para você, imagino, agora que ele foi nomeado guarda-selos. Eles dão assistência ao secretário-mor, não?”

“Por que ele vive na sua casa?”

“Ele não é um aprendiz em servidão. Pode ir e vir.”

“Imagino que ele esteja cansado dos homens da Igreja. Ele quer saber o que pode aprender com... sabe-se lá como você se descreve, hoje em dia.”

“Um indivíduo”, ele replica, placidamente. “O duque de Norfolk diz que sou um indivíduo.”

“Mestre Wriothesley só está de olho na sua própria vantagem.”

“Eu espero que todos estejamos. Caso contrário, para que Deus nos daria olhos?”

“Ele pensa em fazer fortuna. Todos sabemos que o dinheiro gruda nas mãos de Thomas Cromwell.”

Como os pulgões se grudam às rosas de More. “Não.” Ele suspira. “Ai de mim, o dinheiro apenas passa por elas. Você sabe, Stephen, como gosto de luxo. Mostre-me um tapete e eu caminharei sobre ele.”

Depois de censurar e despachar o bobo, More se reúne aos convivas. “Alice, eu avisei quanto a beber vinho. Seu nariz está brilhando.” O rosto de Alice fica rijo de desgosto e de um tipo de medo. As mulheres mais jovens, que compreendem tudo que é dito, baixam a cabeça e examinam as mãos, remexendo e virando os anéis para vê-los sob a luz. Nesse ponto, algo se abate sobre a mesa com um estampido, e a irritação leva Anne Cresacre a gritar em seu idioma natal: “Henry, pare com isso!”. Há uma galeria acima, com janelas ogivais; o bobo, inclinado para fora de uma dessas janelas, atira cascas de pão contra eles. “Não se encolham, senhores!”, ele grita. “Estou atirando o corpo de Deus sobre vocês.”

Ele acerta o velho, que acorda num sobressalto. Sir John olha ao redor; com seu guardanapo, ele limpa a baba do queixo. “Já basta, Henry”, exclama More. “Você acordou meu pai. E está blasfemando. E desperdiçando pão.”

“Deus do céu, ele deveria ser chicoteado”, rosna Alice.

Ele olha em torno; ele sente algo que identifica como piedade, uma pesada agitação sob o osso do peito. Ele acredita que Alice tem um bom coração; e continua a acreditar, mesmo quando se despede, agradecendo em inglês, e ela solta: “Thomas Cromwell, por que não se casa novamente?”.

“Ninguém me quer, Lady Alice.”

“Bobagem. Seu amo pode estar arruinado, mas o senhor não é pobre, é? Tem seu dinheiro no exterior, foi o que fiquei sabendo. Tem uma boa casa, não tem? Tem acesso ao rei, segundo meu esposo. E pelo que dizem minhas irmãs na cidade, mantém tudo em ordem, e funcionando.”

“Alice!”, exclama More. Sorrindo, ele segura o pulso da mulher e lhe dá uma sacudidela. Gardiner ri: uma profunda risota de tenor, como uma gargalhada saída de uma fenda na terra.

Quando saem para a barca do secretário-mor, o perfume dos jardins pesa no ar. “More vai dormir às nove horas”, conta Stephen.

“Com Alice?”

“Dizem que não.”

“Você tem espiões na casa?”

Stephen não responde.

É crepúsculo; as luzes flutuam no rio. “Por Deus, estou faminto”, reclama o secretário-mor. “Deveria ter guardado uma das cascas do pão do bobo. Queria ter agarrado aquele coelho branco; eu o comeria cru.”

“Sabe, More não ousa falar as coisas com clareza”, ele diz.

“Realmente não ousa”, diz Gardiner. Sob a cobertura da barca, ele se senta, curvado sobre si mesmo como se sentisse frio. “Mas todos conhecemos as opiniões dele, que penso serem fixas e impermeáveis a argumentos. Quando ele tomou o posto, disse que não se envolveria com o divórcio, e o rei aceitou isso, mas eu me pergunto por quanto tempo aceitará.”

“Eu não falo de ser direto com o rei. Eu quis dizer com Alice.”

Gardiner ri. “Verdade. Se compreendesse o que ele diz a seu respeito, Alice o arrastaria para as cozinhas e mandaria depená-lo e assá-lo.”

“Imagine se ela morresse. Ele ficaria arrependido.”

“Ele teria outra esposa na casa antes que ela esfriasse. Uma mulher mais feia ainda.”

Ele pondera: avista, vagamente, uma oportunidade para fazer apostas. “Aquela jovem”, ele diz. “Anne Cresacre. É uma herdeira, sabe? Órfã.”

“Houve um escândalo, não foi?”

“Depois que o pai dela morreu, uma família de vizinhos a sequestrou, para casá-la com o filho. O rapaz a estuprou. Ela tinha treze anos. Isso foi em Yorkshire... é assim que eles agem por lá. Meu lorde cardeal ficou furioso quando soube. Foi ele quem a resgatou. Ele a pôs sob o teto de More porque achou que ela estaria segura.”

“E ela está.”

Não da humilhação. “Desde que se casou com ela, o filho de More vive das terras de Anne. Ela ganha uma centena por ano. Eu imaginava que ela poderia pagar por um colar de pérolas.”

“Você acha que More está decepcionado com o filho? O rapaz não mostra talento algum para os negócios. Aliás, ouvi dizer que você tem um menino assim. Logo também estará procurando uma herdeira para ele.” Ele não responde. É a verdade; John More, Gregory Cromwell, o que fizemos com nossos filhos? Nós os transformamos em jovens cavalheiros indolentes — mas quem pode nos culpar por desejar para eles a facilidade que não tivemos? Uma coisa se pode dizer a favor de Thomas More, ele jamais descansou por uma hora, passou a vida lendo, escrevendo, falando sobre o que acredita ser o bem da comunidade cristã. Stephen diz: “É claro, você pode ter mais filhos. Não está ansioso pela esposa que Alice vai conseguir para você? Ela foi calorosa ao elogiá-lo”.

Ele sente medo. É como Mark, o alaudista: as pessoas imaginam o que não podem saber. Mas ele tem certeza de que seu envolvimento com Johane é um segredo.

“Você nunca pensou em se casar?”, ele indaga.

Um vento frio se espalha sobre as águas. “Eu pertenço às ordens religiosas.”

“Ora, vamos, Stephen. Você deve ter mulheres. Não?”

A pausa é longa, tão silenciosa que ele pode ouvir os remos mergulhando no Tâmis, o leve ruído que provocam; ele ouve as pequenas ondas em seu rastro. Ele ouve um cão latindo, da margem sul. O secretário pergunta: “Que tipo de interrogatório de Putney é este?”.

O silêncio dura até Westminster. Mas, ao todo, não foi uma viagem tão má. Como ele próprio comenta, ao desembarcar, nenhum atirou o outro no rio. “Estou esperando que a água fique mais gelada”, Gardiner responde. “E que eu possa amarrá-lo com pesos. Mas você tem um truque para emergir, não tem? Aliás, por que eu o trouxe a Westminster?”

“Vou visitar Lady Ana.”

Gardiner sente-se afrontado. “Você não me disse isso.”

“Devo noticiar todos os meus planos a você?”

Ele sabe que é o que Gardiner preferiria. O boato é de que o rei está perdendo a paciência com seu conselho. Henrique grita para os homens: “O cardeal tem um homem melhor em assuntos administrativos que qualquer um de vocês”. Ele pensa, se meu lorde cardeal regressar — coisa que pode acontecer a qualquer momento, a um capricho do rei —, então vocês estão todos mortos, Norfolk, Gardiner, More. Wolsey é um homem misericordioso, com certeza, mas só até certo ponto.

Mary Shelton o atende; ela ergue os olhos, abre um sorriso afetado. Ana está suntuosa em sua camisola de seda escura. Seus cabelos estão soltos, os pés delicados à vontade em sapatilhas de pelica.

Está jogada sobre uma poltrona, como se o dia lhe tivesse arrancado todo o ânimo. Contudo, mesmo assim, quando ela ergue os olhos, eles despendem faíscas hostis. “Onde esteve?”

“Utopia.”

“Ah.” Ela se interessa. “E como foi?”

“A dama Alice tem um macaquinho que se senta no seu colo à mesa.”

“Eu odeio aqueles macacos.”

“Eu sei.”

Ele passeia. Ana deixa que ele a trate de modo bastante normal, a não ser quando é acometida de um súbito e feroz ataque de eu-que-serei-rainha, e o coloca no lugar. Ela examina o dedão de sua sapatilha. “Dizem que Thomas More é apaixonado pela própria filha.”

“Acho que talvez tenham razão.”

Ana solta uma risadinha. “É uma moça bonita?”

“Não. Mas é culta.”

“Eles falam de mim?”

“Nunca a mencionam naquela casa.” Ele pensa, eu bem que gostaria de ouvir o veredicto de Alice.

“Então qual foi a conversa?”

“Os vícios e as tolices das mulheres.”

“Imagino que tenha participado do assunto, não? De qualquer modo, é verdade. A maioria das mulheres é tola. E cruel. Eu vi com meus próprios olhos. Vivi tempo demais cercada por mulheres.”

“Norfolk e o senhor seu pai estão muito ocupados em reuniões com embaixadores. França, Veneza, o homem do imperador, tudo nesses últimos dois dias.”

Ele pensa: estão montando uma armadilha para meu cardeal. Eu sei disso.

“Eu não imaginava que pudesse pagar por informações tão boas. Embora tenham me dito que gastou mil libras com o cardeal.”

“Eu espero receber de volta. Daqui e dacolá.”

“Imagino que as pessoas sejam gratas a você. Se receberam as terras do cardeal como concessão.”

Ele pensa, seu irmão George, lorde Rochford; seu pai Thomas, conde de Wiltshire: eles enriqueceram com a queda do cardeal, não? Veja o que George anda vestindo nos últimos dias, veja o dinheiro que gasta em cavalos e mulheres; mas não percebo grandes sinais de gratidão nos Bolena. Ele responde: “Só recebo meus honorários como tabelião”.

Ela ri. “E parece viver bem com esse dinheiro.”

“Sabe, há formas e formas... Às vezes as pessoas simplesmente me dizem coisas.”

É um convite. Ana baixa a cabeça. Ela está prestes a se transformar numa daquelas pessoas. Mas talvez não esta noite. “Meu pai diz, nunca se pode ter certeza quanto àquele homem, nunca se sabe para quem ele está trabalhando. Eu deveria ter adivinhado... embora eu seja apenas uma mulher. Mas é perfeitamente óbvio que trabalha para si mesmo.”

Isso nos torna semelhantes, ele pensa: mas não diz.

Ana boceja, um pequeno bocejo felino. “A senhora está cansada. Devo deixá-la. Aliás, por que mandou me chamar?”

“Nós gostamos de saber onde o senhor anda.”

“Então por que o senhor seu pai não manda me chamar, ou seu irmão?”

Ela ergue os olhos. Pode ser tarde, mas não tarde demais para o sorriso cúmplice de Ana. “Eles não acham que o senhor atenderia.”

Agosto: o cardeal escreve para o rei, uma carta cheia de queixas, dizendo-se perseguido por seus credores, “mergulhado em infelicidade e pavor” — mas as histórias que chegam a Henrique são diferentes. Ele oferece jantares, convidando toda a nobreza local. Faz caridade em sua antiga escala principesca, acerta processos judiciais, convence maridos e esposas separados a partilharem um teto novamente.

Antes, em junho, Me-Chame-Risley esteve em Southwell com William Brereton, cavaleiro da câmara privada do rei: ele buscava a assinatura do cardeal para uma petição que Henrique pôs em circulação e que pretendia enviar ao papa. É ideia de Norfolk, agregar a assinatura de nobres e bispos na carta que pede a Clemente que dê a liberdade ao rei. Ela contém certas ameaças veladas e vagas, mas Clemente está habituado a ser ameaçado — ninguém melhor que ele em se desvencilhar de uma pergunta, em pôr um lado contra o outro, em manobrar os dois lados a seu favor.

O cardeal parece bem, segundo Wriothesley. E, pelo visto, suas obras ultrapassaram os reparos e as poucas renovações. Ele tem revirado o país em busca de vidraceiros, marceneiros e encanadores; quando o cardeal resolve melhorar o saneamento, é um portento. Ele nunca teve uma igreja paroquial, mas construiu a torre mais alta; nunca se alojou num lugar onde não aplicasse projetos de drenagem. Logo haverá terraplenagem, aquedutos e esgoto. Em seguida, ele instalará fontes. Onde quer que vá, ele é aplaudido pelo povo.

“O povo?”, Norfolk desdenha. “Eles aplaudiriam um macaco bárbaro. Quem se importa com o que o povo aplaude? Que acabem todos na forca.”

“Mas, nesse caso, de quem o senhor cobraria impostos?”, ele retruca, e Norfolk o encara temerosamente, sem saber se ele está brincando.

Os rumores sobre a popularidade do cardeal não o alegam, o amedrontam. O rei deu o perdão a Wolsey, mas se Henrique já se ofendeu uma vez, pode se ofender de novo. Se conseguiram inventar quarenta e quatro acusações — e se a fantasia não sofrer as limitações da verdade —, podem pensar em outras quarenta e quatro.

Ele vê Norfolk e Gardiner cochichando. Os dois erguem os olhos para ele; fecham a cara e se calam.

Wriothesley permanece a seu lado, à sua sombra e seguindo seu rastro, escreve suas cartas mais confidenciais, as cartas para o cardeal e para o rei. Ele nunca diz, estou cansado. Ele nunca diz, já é tarde. Ele lembra tudo que se espera dele. Nem Rafe consegue ser tão perfeito.

É hora de colocar as meninas nos negócios da família. Johane reclama da costura inábil de sua filha, e parece que, ao transferir a agulha sorrateiramente para a mão errada, a menina acabou elaborando um estranho pesponto que outra pessoa teria muito trabalho para imitar. Ela ganha a tarefa de costurar os despachos que ele envia para o Norte.

Setembro de 1530: o cardeal deixa Southwell, viajando confortavelmente e sem pressa em direção a York. A parte seguinte de sua jornada se torna uma procissão triunfal. Gente de todo o campo enxameia para vê-lo, aguardando-o na margem da estrada, em pontos onde há uma cruz, para que ele deite as mãos mágicas sobre seus filhos; eles chamam esse ritual de “confirmação”, mas parece ser algum sacramento mais antigo. O povo se aglomera aos milhares para se pasmar diante dele; e o cardeal ora por todos.

“O conselho mantém o cardeal sob observação”, conta Gardiner, passando por ele às pressas. “Eles mandaram fechar os portos.”

“Diga a Wolsey que se eu tornar a vê-lo, vou mastigá-lo inteiro, carne, osso e banha”, diz Norfolk. Ele escreve estas exatas palavras e as envia para o Norte: “carne, osso e banha”. Ele quase consegue ouvir os dentes do duque mordendo e triturando.

A 2 de outubro, o cardeal chega a seu palácio em Cawood, a dez milhas de York. Sua posse é marcada para 7 de novembro. Chegam notícias de que ele convocou as autoridades da Igreja do Norte; eles devem se reunir em York no dia seguinte à posse. É um sinal de sua independência; alguns podem achar que é um sinal de revolta. Não informou o rei, não informou o velho Warham, arcebispo da

Cantuária; ele imagina a voz do cardeal, suave e divertida, dizendo, ora, Thomas, por que eles precisam saber?

Norfolk o chama. Quando começa a gritar, seu rosto está escarlate, espumando. Há pouco esteve com seu armador, para provar a armadura, e ainda está usando algumas peças sortidas — a couraça, a escarcela —, parecendo uma panela de ferro à beira da ebulição. “Por acaso ele pensa que pode se entrincheirar lá no Norte e conquistar um reino para si? O barrete de cardeal não é o bastante para ele, só uma coroa vai servir para o maldito Thomas Wolsey, maldito filho de açougueiro, e eu vou lhe dizer uma coisa, eu vou...”

Ele baixa o olhar, para evitar que o duque consiga ler seus pensamentos, caso tente. Ele pensa, meu amo teria sido um rei excelente; tão benigno, tão seguro e tão suave em seus trâmites, tão justo, tão rápido e perspicaz. Seu governo teria sido o melhor de todos, seus servos, os melhores servos; e como teríamos desfrutado de seu Estado.

Seu olhar segue o duque enquanto este se agita e espuma; mas, para sua surpresa, quando o duque se volta, dá um tapa na própria coxa metálica e uma lágrima — de dor, ou outra coisa — cresce em seu olho. “Ah, acha que sou um homem duro, Cromwell? Não sou tão duro a ponto de não ver em que situação o senhor foi deixado. Entende o que estou falando? Estou dizendo que não conheço homem algum na Inglaterra que teria feito o que fez por um homem desgraçado e caído. O rei diz isso. Até mesmo Chapuys, o homem do imperador, mesmo ele diz, não se pode criticar aquele sujeito, como-se-chama-mesmo. Eu digo, é uma pena que tenha se associado a Wolsey. É uma pena que não trabalhe para mim.”

“Bem”, ele replica, “todos queremos a mesma coisa. Que sua sobrinha se torne rainha. Não podemos trabalhar juntos por isso?”

Norfolk resmunga. De seu ponto de vista, há algo inadequado nessa palavra, “juntos”, mas ele não consegue articular o que é. “Não esqueça seu lugar.”

Ele faz uma reverência. “Eu estou ciente do contínuo apoio de sua graça.”

“Escute aqui, Cromwell, eu quero que faça uma visita a minha casa, em Kenninghall, e converse com minha senhora. Ela é uma mulher de exigências monstruosas. Acha que eu não deveria manter outra mulher em nossa casa, para meu uso e prazer, compreende? Eu pergunto, e onde mais ela deveria estar? Quer que eu me dê ao trabalho de sair numa noite de inverno e me aventure por estradas congeladas? Não consigo me expressar do modo certo para ela; acha que poderia aparecer e argumentar a meu favor?” Ele acrescenta, apressadamente: “Agora não, claro. Não. Mais urgente é... ver minha sobrinha...”.

“Como ela está?”

“Na minha opinião”, diz Norfolk, “Ana está sedenta de sangue. Ela quer as tripas do cardeal numa bandeja, para alimentar seus cães, e pregar os membros dele sobre os portões da cidade de York.”

É uma manhã escura e seu olhar é naturalmente atraído para Ana, mas uma silhueta espectral se move por perto, nos limites do círculo de luz. Ana diz: “O dr. Cranmer acabou de voltar de Roma. Ele não nos traz nenhuma notícia boa, claro”.

Os dois se conhecem; Cranmer de vez em quando trabalhava para o cardeal; e, para falar a verdade, quem é que nunca trabalhou? Agora ele trabalha pela causa do rei. Eles se abraçam com cautela: erudito de Cambridge, indivíduo de Putney.

Ele diz: “Senhor, por que não visitou nossa universidade? Quero dizer, o Cardinal College? Sua eminência lamentou muito por não ter recebido sua visita. Nós lhe teríamos proporcionado todo conforto”.

“Acho que ele queria uma estada mais longa”, diz Ana, com um risinho.

“Mas, com todo respeito, Lady Ana, o rei praticamente me garantiu que assumirá Oxford em pessoa.” Ele sorri. “Talvez possa ser renomeada em sua homenagem?”

Naquela manhã, Ana usa um crucifixo numa corrente de ouro. Às vezes, seus dedos o puxam impacientemente e depois ela esconde as mãos de volta nas mangas. É um hábito tão constante que as pessoas dizem que ela tem algo a esconder, uma deformidade; mas ele acha apenas que Ana é uma mulher que não gosta de mostrar a mão. “Meu tio Norfolk diz que Wolsey anda por aí com oitocentos homens armados. Dizem que ele recebe cartas de Catarina... Isso é verdade? Dizem que Roma emitirá um decreto ordenando que o rei se separe de mim.”

“Seria um erro evidente por parte de Roma”, diz Cranmer.

“Sim, seria. Porque ele não aceitará *receber ordens*. Por acaso ele é algum funcionário de paróquia, o rei da Inglaterra? Ou uma criança? Isso não aconteceria na França; o rei francês mantém seus clérigos na palma da mão. O mestre Tyndale diz: um rei, uma lei, é a palavra de Deus para todo o reino. Eu li seu livro *A obediência de um cristão*. Mostrei o livro pessoalmente ao rei e marquei as passagens que dizem respeito à sua autoridade. O súdito deve obedecer ao rei como se fosse seu Deus; me fiz entender bem? O papa conhecerá seu lugar.”

Cranmer olha para ela com um esboço de sorriso; Ana é como uma criança que você está ensinando a ler e que de repente o deixa deslumbrado com alguma súbita mostra de aptidão.

“Espere”, diz ela, “eu tenho algo a lhe mostrar.” Ela dardeja um olhar: “Lady Carey...”.

“Ah, por favor”, retruca Maria. “Não faça circular essa história.”

Ana estala os dedos. Maria Bolena se adianta para a luz, um lampejo de cabelos dourados. “Dê cá”, ordena Ana. É um papel, que ela desdobra. “Encontrei isso na minha cama, vocês acreditam? Na verdade, foi na noite em que aquela peste de cara azeda preparou a cama, e, claro, eu não pude tirar qualquer explicação dela; quando

olho desconfiada para ela, cai no choro. Portanto, não consigo descobrir quem pôs isso lá.”

Ela desdobra um desenho. Há três figuras. A figura central é o rei. Ele é grande e belo e, para assegurar que ninguém o confunda, está usando uma coroa. De cada lado, ele tem uma mulher; a mulher à esquerda não tem cabeça. “Esta é a rainha”, diz ela, “Catarina. E esta sou eu.” Ela ri. “Ana *sans tête*.”

O dr. Cranmer estende a mão para pegar o papel. “Passe-o para mim, eu vou destruí-lo.”

Ela amassa o papel dentro da mão. “Eu mesma posso destruí-lo. Há uma profecia que diz que uma rainha da Inglaterra será queimada. Mas uma profecia não me assusta e, mesmo que seja verdade, vou correr o risco.”

Plantada como uma estátua, Maria continua na posição em que Ana a deixou; suas mãos estão enlaçadas como se o papel ainda estivesse entre elas. Ah, Cristo, ele pensa, se eu pudesse tirá-la daqui; levá-la para algum lugar bem longe, onde ela possa esquecer que é uma Bolena. Ela me pediu uma vez. Eu não a atendi. Se ela me pedisse de novo, eu falharia outra vez.

Ana se vira contra a luz. Suas faces estão encovadas (como está magra agora!), os olhos acesos. “*Ainsi sera*”, diz ela. “Não me importa se alguém não gosta, assim será. Eu o terei.”

Na saída, ele e o dr. Cranmer não falam, até que veem a mocinha pálida vindo em sua direção, a criaturinha adoentada e cor de leite, carregando lençóis dobrados.

“Acho que essa é a chorona”, ele diz. “Não olhe com desconfiança para ela.”

“Mestre Cromwell”, diz ela, “este inverno talvez seja longo. Mande-nos mais das suas tortinhas de laranja.”

“Há tanto tempo que não vejo você... O que anda fazendo, por onde anda?”

“Basicamente, costurando.” Ela responde cada pergunta em separado. “Aonde me mandam.”

“E espionando, imagino.”

Ela assente. “Não sou muito boa nisso.”

“Não sei. Você é bem pequena e passa despercebida.”

Ele fala como um elogio; ela apenas o olha, compreendendo. “Eu não falo francês. Então, se não se importa, não fale também. Senão nada posso relatar.”

“Para quem está espionando?”

“Meus irmãos.”

“Você conhece o dr. Cranmer?”

“Não”, responde ela; pensa que é uma pergunta de verdade.

“Agora”, ele a instrui, “você deve se apresentar.”

“Ah. Entendo. Eu sou filha de John Seymour. De Wolf Hall.”

Ele fica surpreso. “Pensei que as filhas de John estivessem com a rainha Catarina.”

“Sim. Às vezes. Agora não. Como eu disse, vou para onde me mandam.”

“Mas não onde você é valorizada.”

“Eu sou, de certa forma. Veja bem, Lady Ana nunca recusa uma dama de companhia da rainha que deseja passar algum tempo com ela.” Ela ergue os olhos, um pálido brilho momentâneo. “Poucas querem.”

Toda família em ascensão precisa de informações. Uma vez que o rei agora se considera solteiro, qualquer mocinha pode ter a chave para o futuro, e se ele fosse apostar, não colocaria todo seu dinheiro em Ana.

“Bem, boa sorte”, diz ele. “Vou procurar falar sempre em inglês.”

“Eu ficaria muito grata.” Ela se curva. “Dr. Cranmer.”

Ele se vira para observá-la enquanto ela se apressa a voltar para Ana Bolena. Uma pequena suspeita penetra sua mente, sobre o desenho na cama. Mas não, ele pensa. Não é possível.

O dr. Cranmer diz, sorrindo: “O senhor tem um amplo leque de conhecidas entre as damas da corte”.

“Não tão amplo. Ainda não sei que jovem Seymour é essa, pois há pelo menos três. E imagino que os filhos de Seymour sejam ambiciosos.”

“Mal os conheço.”

“O cardeal criou Edward. Ele é inteligente. E Tom Seymour não é um tolo como finge ser.”

“O pai?”

“Vive em Wiltshire. Nunca o vemos.”

“Uma situação talvez invejável”, murmura o dr. Cranmer.

Vida no campo. O idílio rural. Uma tentação que ele nunca conheceu. “Quanto tempo passou em Cambridge, antes de ser convocado pelo rei?”

Cranmer sorri. “Vinte e seis anos.”

Os dois estão com trajes de montaria. “Vai voltar para Cambridge hoje?”

“Não para ficar. A família” — os Bolena, ele quer dizer — “me quer por perto. E quanto ao senhor, mestre Cromwell?”

“Um cliente particular. Não posso ganhar a vida com os olhares negros de Lady Ana.”

Rapazes esperam com os cavalos. Das várias dobras de sua vestimenta, o dr. Cranmer tira objetos embalados em panos. Um deles é uma cenoura cuidadosamente cortada ao comprimento, o outro é uma maçã murcha, cortada em quatro. Como se fosse uma criança educada com uma guloseima, ele lhe dá duas fatias da cenoura e meia maçã para alimentar o próprio cavalo; enquanto faz isso, diz: “O senhor deve muito a Ana Bolena. Mais do que talvez imagine. Ela formou uma boa opinião a seu respeito. Entretanto, não sei se deseja ser sua cunhada...”.

Os animais esticam o pescoço, focinhando, as orelhas sacudindo de felicidade. É um momento de paz, como uma bênção. Ele responde: “Nada é segredo, não é?”.

“Não. Não. Absolutamente nada.” O padre balança a cabeça. “O senhor me perguntou por que não vou à sua universidade.”

“Eu estava puxando assunto.”

“Mesmo assim... segundo soubemos em Cambridge, o senhor realizou tamanhos benefícios para a fundação... todos os estudantes e professores o elogiam... nenhum detalhe escapa a mestre Cromwell. Por outro lado, estou certo de que esse conforto de que os senhores tanto se orgulham...” Seu tom, suave e impassível, não se modifica. “No porão dos peixes? Onde os estudantes morreram?”

“Meu lorde cardeal levou isso muito a sério.”

Cranmer diz, tranquilamente: “Eu também”.

“Meu amo nunca foi homem de passar por cima dos outros pelas suas opiniões. O senhor estaria seguro.”

“Eu garanto que ele não encontraria qualquer heresia em mim. Nem mesmo a Sorbonne pôde me criticar. Não tenho nada a temer.” Um sorriso fraco. “Mas talvez... ah, bem... talvez no fundo eu seja apenas um homem de Cambridge.”

Ele indaga a Wriothesley: “Ele é mesmo ortodoxo? Em todos os pontos? Cranmer, quero dizer?”.

“Difícil saber. Cranmer não gosta de monges. Vocês dois provavelmente vão se dar bem.”

“Gostavam dele no Jesus College?”

“Dizem que era um examinador severo.”

“Imagino que ele não deixe escapar muita coisa. Embora pense que Ana é uma donzela virtuosa.” Ele suspira. “E o que pensamos nós?”

Me-Chame-Risley solta um bufo. Ele acabou de se casar com uma parente de Gardiner, mas sua relação com as mulheres não é de todo gentil.

“Ele parece um tipo de homem melancólico”, diz ele. “O tipo que deseja viver apartado do mundo.”

As sobrancelhas louras de Wriothesley se erguem, quase imperceptivelmente. “Ele lhe contou sobre a taberneira?”

Quando Cranmer vem visitá-lo, ele lhe serve um refinado assado de corça; eles ceiam em particular e ele faz com que o convidado conte sua história — devagar, devagar e sem solavancos. Ele pergunta ao médico de onde ele vem; o convidado responde, de nenhum lugar que o senhor conheça; e ele lhe devolve: pode me testar, estive em quase todos os lugares.

“Se já estive em Aslockton, decerto passou sem nem notar que estava lá. Se um homem viajar quinze milhas até Nottingham e passar uma noite por lá, o lugar desaparece completamente da sua cabeça.” Sua vila nem sequer tinha uma igreja; apenas alguns casebres e a casa de seu pai, onde a família viveu por três gerações.

“Seu pai é um nobre?”

“De fato é.” Cranmer soa vagamente chocado: e o que mais ele poderia ser? “Os Tamworth de Lincolnshire estão na minha linhagem. Os Clifton de Clifton. A família Molyneux, de quem deve ter ouvido falar. Ou não?”

“E têm muitas terras?”

“Se eu soubesse, teria trazido todos os documentos.”

“Perdão. Nós, homens de negócios...”

Os olhos de Cranmer pousam sobre ele, examinando-o. Cranmer assente. “Alguns acres. E eu não sou o mais velho. Mas ele me criou bem. Ensinou-me a montar. Ele me deu meu primeiro arco. E meu primeiro falcão para treinar.”

O pai está morto, ele conclui, morto há muito tempo: o filho ainda busca sua mão no escuro.

“Quando eu tinha doze anos, ele me mandou para a escola. Eu sofri lá. O professor era severo.”

“Com você? Ou com os outros também?”

“Para ser honesto, creio que só comigo. Eu era fraco, sem dúvida. Creio que ele perseguia a fraqueza. Os professores fazem isso.”

“E não podia reclamar com seu pai?”

“Hoje eu me pergunto por que não fiz isso. Mas ele morreu logo. Eu tinha treze anos. No ano seguinte, minha mãe me mandou para Cambridge. Fiquei feliz por poder escapar. Por me livrar do jugo da sua chibata. Não que a chama do conhecimento ardesse apaixonadamente. O vento do leste a apagava. Oxford, sobretudo Magdalen, onde vivia seu cardeal, era o melhor lugar naqueles tempos.”

Ele pensa, se você nasce em Putney, você vê o rio todos os dias e o imagina alargando-se em direção ao mar. E mesmo que nunca tenha visto o oceano, você já tem uma imagem na cabeça, formada pelos relatos que escutou de forasteiros que às vezes sobem o rio. Você sempre soube que um dia iria embora, para um mundo de pavões e pavimentos de mármore, de colinas zumbindo de calor, a fragrância de ervas esmagadas erguendo-se à medida que você avança. Você fez vários planos, imaginando o resultado de suas jornadas: o toque morno da terracota, o céu noturno em climas estrangeiros, flores desconhecidas, o olhar pétreo dos santos de outros povos. Mas se você nasceu em Aslockton, nos campos achatados sob o vasto céu, você só consegue imaginar Cambridge: e nada mais.

“Um homem da minha universidade”, diz o dr. Cranmer com certa hesitação, “ouviu do cardeal que o senhor foi sequestrado por piratas quando bebê.”

Ele o encara por um momento, e depois sorri com demorado prazer. “Que falta sinto do meu amo. Agora que ele foi para o Norte, não resta ninguém para me inventar.”

O dr. Cranmer diz, cauteloso: “Então não é verdade? Pois eu me perguntava se havia alguma dúvida quanto ao seu batismo. Temo que isso poderia ser uma questão, num caso assim”.

“Mas o caso nunca aconteceu. Verdade. Os piratas me devolveriam.”

O dr. Cranmer franze o cenho. “Você foi uma criança rebelde?”

“Se eu o conhecesse naquela época, teria espancado o professor para o senhor.”

Cranmer para de comer; não que tenha provado grande coisa. Ele pensa: em algum lugar de seu ser, este homem sempre acreditará que sou um pagão; agora não vou mais convencê-lo do contrário. “Sente falta dos seus estudos? Sua vida foi abalada desde que o rei o tornou embaixador e o atirou para o mar aberto.”

“Na baía de Biscaia, quando eu voltava da Espanha, tivemos que abandonar o navio. Eu ouvi as confissões dos marinheiros.”

“Deve ter sido uma coisa e tanto de se escutar.” Ele ri. “Berradas acima do furor da tempestade.”

Depois daquela viagem extenuante — e mesmo com o rei satisfeito com sua embaixada —, Cranmer teria voltado à sua antiga vida; contudo, num encontro de passagem com Gardiner, ele mencionou que as universidades europeias talvez fossem consultadas quanto ao caso do rei. Tentaram os advogados canônicos; agora tentarão com os teólogos. Por que não?, disse o rei; tragam-me o dr. Cranmer, e que ele se encarregue disso. O Vaticano declarou que não tinha nada contra a ideia, contanto que não oferecessem dinheiro aos teólogos: vindo de um papa com o sobrenome Médici, foi uma condição engraçada. Para ele, essa iniciativa parece quase fútil — mas ele pensa em Ana Bolena, e pensa no que a irmã dela disse: ela já não é nenhuma juvenzinha. “Ouça, você encontrou uma centena de estudiosos numa miríade de universidades, e alguns dizem que o rei está certo...”

“A maioria...”

“E se encontrasse duzentos mais, que diferença faria? Clemente não está aberto à persuasão. Só à pressão. E eu não falo de pressão moral.”

“Mas não é Clemente a quem temos de persuadir a respeito do caso do rei. É toda a Europa. Todos os homens cristãos.”

“Temo que as mulheres cristãs serão ainda mais difíceis.”

Cranmer baixa os olhos. “Nunca consegui persuadir minha esposa de coisa nenhuma. Nem sequer teria pensado em tentar.” Ele faz uma pausa. “Somos dois viúvos, acho, mestre Cromwell, e se seremos colegas, não posso deixá-lo em dúvida ou à mercê das histórias que as pessoas lhe trarão.”

A luz está se apagando em volta deles enquanto ele fala, e sua voz, cada murmúrio, cada hesitação, se desvanece no crepúsculo. Do lado de fora da sala onde estão, a casa segue seu curso noturno e ouvem-se batidas e arrastões, como se estivessem empurrando longas mesas, e um som abafado de risos e gritinhos. Mas ele ignora tudo isso, concentrando-se no padre. Cranmer conta: Joan, uma órfã criada numa casa nobre que ele costumava frequentar; nenhuma família, nenhum dote de casamento; ele se apiedou dela. Um murmúrio no salão forrado ergue espíritos do lodaçal, convoca os mortos: Cambridge ao crepúsculo, a névoa se insinua dos pântanos e candeeiros ardem num cômodo vazio, onde acontece um ato de amor. Não pude evitar casar-me com ela, diz o dr. Cranmer, e, de fato, como um homem pode evitar isso? A universidade retirou a bolsa de estudos, claro, pois não admitem acadêmicos casados. Joan naturalmente teve de abandonar sua casa e, sem saber o que mais fazer com ela, Cranmer a instalou no Delfim, taberna mantida por alguns contatos dele, alguns parentes — ele confessa, não sem baixar os olhos — sim, é verdade que o Delfim é conduzido por alguns de seus parentes.

“Não há nada do que se envergonhar. O Delfim é uma boa casa.”

Ah, você conhece: e ele morde o lábio.

Ele estuda o dr. Cranmer: sua forma de piscar, o dedo cauteloso que ele posiciona sob o queixo, seus olhos eloquentes e as pálidas mãos postas. Portanto, diz Cranmer, Joan não era, ela não era, vê, uma taberneira, ou o que quer que as pessoas digam, e sei bem o que dizem. Era uma esposa com um filho no ventre, e Cranmer era um pobre erudito, preparando-se para viver com a mulher em honesta pobreza, mas, no fim das contas, isso não aconteceu. Ele

pensava que poderia encontrar um emprego como secretário de algum nobre, ou como um tutor, ou que poderia ganhar o sustento através da escrita, mas todos esses planos foram em vão. Ele imaginava que poderiam sair de Cambridge, ou até da Inglaterra, mas, no fim, não precisaram. Ele esperava que algum de seus parentes fizesse algo em seu benefício, antes que o bebê nascesse: mas, depois que Joan morreu no parto, ninguém pôde fazer coisa alguma por ele, não mais. “Se a criança tivesse sobrevivido, eu teria salvado alguma coisa. Do jeito que foi, ninguém sabia o que me dizer. Não sabiam se me davam condolências pela perda da minha esposa ou se me parabenizavam porque o Jesus College me aceitara de volta. Eu aceitei os sacramentos; por que não? Tudo aquilo, meu casamento, o filho que achei que teria, meus colegas pareciam ver tudo como alguma espécie de erro de cálculo. Como alguém que se perde na floresta. O sujeito volta para casa e nunca mais torna a pensar naquilo.”

“Há pessoas estranhamente frias neste mundo. É coisa de padres, acho. Com todo respeito à sua pessoa. Eles se treinam para silenciar todos os sentimentos naturais. Mas, claro, é com a melhor das intenções.”

“Não foi um erro. Nós tivemos um ano. Eu penso nela todos os dias.”

A porta se abre; é Alice trazendo as velas. “Esta é sua filha?”

Em vez de explicar sua família, ele diz: “Esta é minha adorável Alice. Este é seu trabalho, Alice?”

Ela sobe e desce numa pequena gnuflexão para o clérigo. “Não, mas Rafe e os outros querem saber do que estão falando aqui por tanto tempo. Eles aguardam para saber se haverá um despacho para o cardeal esta noite. Jo está pronta com agulha e linha na mão.”

“Diga a eles que vou escrever de próprio punho, e que mandaremos amanhã. Jo pode ir dormir.”

“Ah, nós não vamos dormir. Estamos correndo atrás dos cães de Gregory pelo corredor e fazendo um barulho que acordaria os mortos.”

“Entendi por que não querem dormir.”

“Sim, é excelente!”, Alice declara. “Nós gritamos como lavadeiras, ninguém pensaria em se casar com a gente. Se nossa tia Mercy se comportasse como nós quando era jovem, levaria um safanão na cabeça até sangrar pelas orelhas.”

“Então nós vivemos tempos felizes”, ele diz.

Quando ela sai, e a porta se fecha em seu rastro, Cranmer indaga: “As crianças não são açoitadas?”.

“Tentamos ensiná-las com bons exemplos, como Erasmo sugere, embora todos nós gostemos de correr com os cachorros para cima e para baixo e fazer barulho, portanto, não nos saímos muito bem nesse aspecto.” Ele não sabe se deve sorrir; ele tem Gregory; tem Alice, e Johane e a menina Jo, e no canto dos olhos, na periferia de sua visão, a mocinha pálida que espiona as Bolena. Em seu aviário, ele tem falcões que se aproximam ao som de sua voz. O que este homem tem?

“Eu penso nos conselheiros do rei”, comenta o dr. Cranmer. “O tipo de homem que ele tem à sua volta agora.”

E ele tem o cardeal, se é que o cardeal ainda pensa bem do amigo depois de tudo o que aconteceu. E se morrer, ele tem os cães negros do filho para se deitar a seus pés.

“São homens capazes”, prossegue Cranmer, “que farão tudo o que ele deseja, mas me parece, não sei como lhe parece, mas me parece que estão completamente desprovidos de qualquer entendimento da situação do rei... de qualquer compaixão ou bondade. Qualquer caridade. Ou amor.”

“É o que me faz pensar que Henrique trará o cardeal de volta.”

Cranmer estuda o rosto do outro. “Temo que isso não seja possível agora.”

Ele deseja falar, expressar sua ira e sua dor reprimida. Ele diz: “Houve gente que trabalhou para criar desentendimentos entre nós, para persuadir o cardeal de que eu não estive trabalhando pelos seus interesses, apenas pelos meus, que fui comprado, que vejo Ana todos os dias...”.

“Claro, o senhor realmente a vê...”

“E de que outra maneira posso saber que medida tomar a seguir? Meu amo não tem como saber, não pode compreender como estão as coisas por aqui no momento.”

Cranmer indaga, polido: “Mas não deveria ir até ele? Sua presença dissiparia qualquer dúvida”.

“Não há tempo. A armadilha está pronta para ele, e eu não ousou me mover.”

O ar está frio; os pássaros do verão se foram e advogados de asas negras se reúnem para o novo período nos campi do Lincoln e do Gray. A temporada de caça — ou pelo menos a temporada em que o rei caça todos os dias — logo chegará ao fim. O que quer que tenha acontecido em outra parte, quaisquer decepções e frustrações, tudo pode ser esquecido no campo. O caçador está entre os mais inocentes dos homens; viver o presente faz com que ele se sinta puro. Ao voltar para casa à noite, seu corpo dói, a mente está repleta de imagens de folhas e céus; ele não quer ler documentos. Suas tristezas, suas perplexidades desapareceram, e ficarão à distância, contanto que — depois de comida e vinho, riso e histórias contadas — ele se levante pela manhã para fazer tudo outra vez.

Mas o rei do inverno, menos ocupado, começará a pensar em sua consciência. Começará a pensar em seu orgulho. Começará a preparar as recompensas para quem puder apresentar resultados.

É um dia de outono, com um sol esbranquiçado flutuando por trás de folhas trêmulas e quase soltas. Eles entram na zona de tiro. O rei gosta de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo: falar,

atirar flechas ao alvo. “Aqui podemos ficar a sós”, proclama Henrique, “e estarei livre para lhe abrir minha mente.”

Na verdade, o número de pessoas que os acompanha equivale à população de um vilarejo — um Aslockton, talvez. O rei não sabe o que significa “a sós”. Estaria ele só em algum momento, mesmo em seus sonhos? “A sós” significa sem Norfolk tilintando em seu rastro. “A sós” significa sem Charles Brandon, que o rei aconselhou, num acesso de fúria de verão, a não aparecer e se manter a uma distância que não chegasse a menos de cinquenta milhas da corte. “A sós” significa apenas com o funcionário do arco e seus serviçais, sozinho com os cavalheiros que sempre o acompanham, que são seus amigos seletos e privados. A menos que o rei esteja com a rainha, dois desses cavalheiros dormem aos pés de sua cama; ou seja, já faz alguns anos que eles vivem em serviço.

Quando vê Henrique retesar o arco, ele pensa: agora vejo que ele é da realeza. Em casa ou viajando, em tempos de guerra ou paz, feliz ou entristecido, o rei gosta de praticar diversas vezes por semana, como um típico inglês; usando sua altura, os belos músculos treinados de seus braços, ombros e peito, ele lança as flechas assobiando direto na mosca. Em seguida estende o braço para que alguém desamarre e torne a amarrar a braçadeira real, para que alguém troque seu arco e lhe ofereça outros modelos a fim de que ele selecione um. Um escravo servil lhe entrega um lenço para secar a testa e o recolhe do lugar onde o rei o joga; então, exasperado, depois de uma ou duas flechas passarem longe do alvo, o rei da Inglaterra estala os dedos para que Deus mude a direção dos ventos.

O rei exclama, aos berros para se fazer ouvir: “De várias partes recebo conselhos de que eu deveria considerar meu casamento dissolvido aos olhos da Europa cristã, podendo assim contrair novo matrimônio a meu bel-prazer. E logo”.

Ele, de pronto, nada grita em resposta.

“Mas há outros que dizem...” A brisa sopra e as palavras são levadas para longe, em direção à Europa.

“Eu sou um desses outros.”

“Jesus Cristo!”, reclama Henrique. “Desse jeito serei emasculado. Quanto tempo imagina que dura minha paciência?”

Ele hesita em dizer, o senhor ainda está vivendo com sua esposa. Partilham um teto, uma corte, para todo lado que vão juntos, Catarina está no lugar de rainha, e o senhor, no de rei; o senhor disse ao cardeal que ela é sua irmã, e não sua esposa, mas se hoje o tiro ao alvo não for bom, se a brisa não estiver a seu favor ou se o senhor descobrir seus olhos turvados por lágrimas súbitas, é só com a irmã Catarina que pode contar, pois não pode admitir nenhuma fraqueza ou fracasso a Ana Bolena.

Ele estudou Henrique ao longo da rodada de aquecimento. Ele toma um arco a convite do rei, o que causa certa consternação entre as fileiras de nobres que perambulam pela grama e se recostam nas árvores, usando suas sedas em tons outonais de amora, ouro e ameixa. Embora Henrique atire bem, ele não tem o movimento de um arqueiro nato; um arqueiro nato faz com que o arco pareça parte de seu corpo. Compare-o com Richard Williams, ou Richard Cromwell, como agora se chama. Seu avô Ap Evan era um artista do arco. Ele nunca o viu, mas você pode apostar que seus músculos eram como cordas e que ele os usava todos, do calcanhar para cima. Estudando o rei, ele conclui que seu bisavô não foi o arqueiro Blaybourne, como diz o boato, mas Richard, duque de York. Seu avô era da realeza; a mãe era da realeza; ele atira como um nobre amador, e é rei da cabeça aos pés.

O rei diz, você tem um bom braço, um bom olho. Ele responde, autodepreciativo: ah, mas só a essa distância; nós fazemos um campeonato todos os domingos, em família. Vamos à catedral de São Paulo para a missa e depois partimos para Moorfields, encontramos nossos colegas de guilda, arrasamos os açougueiros e

merceeiros, e depois jantamos juntos. Temos uma rivalidade com os vinhateiros...

Henrique se volta para ele, impulsivo: e se eu fosse com você, em algum desses fins de semana? Se eu fosse disfarçado? Os plebeus gostariam disso, não gostariam? Eu poderia atirar para vocês. Um rei deve se mostrar às vezes, não acha? Seria divertido, não seria?

Não muito, ele pensa. Ele não pode jurar de pés juntos, mas acredita que há lágrimas nos olhos de Henrique. “Por certo que venceríamos”, responde ele. É o que alguém diria a uma criança. “Os vinhateiros rugiriam como ursos.”

Começa a chover, e quando eles partem rumo ao abrigo de um arvoredo, o desenho das sombras da folhagem obscurece o rosto do rei. Ele diz, Ana ameaça me deixar. Ela diz que há outros homens e que está desperdiçando sua juventude.

Norfolk, em pânico, última semana de outubro de 1530. “Ouça. Este camarada aqui”, ele aponta o polegar grosseiramente para Brandon, que está de volta à corte, lógico que está, “este camarada aqui, há alguns anos, disputou com o rei na justa e quase o matou. Henrique não baixou sua viseira, só Deus sabe por quê... Mas essas coisas acontecem. Este senhor aqui ergueu sua lança e bam!, direto no capacete do rei, e a lança se partiu, a um dedo, *um dedo*, do olho dele.”

Norfolk machucou a mão direita, pela força de sua própria demonstração. Retraindo-se, mas furioso, sério, ele continua. “Um ano depois, Henrique está seguindo seu falcão, num daqueles descampados planos e enganosos, você sabe como é, e ele chega a um riacho, usa uma vara para saltar o rio, o maldito instrumento se parte, que Deus o apodreça, e lá se vai sua majestade, caindo de cara e apoplético num buraco de água e lama, e se algum criado não o arrastasse para fora, bem, senhores, eu tremo em pensar.”

Bem, uma de minhas perguntas acaba de ser respondida, ele pensa. Se o rei estiver em perigo, você deve socorrê-lo. Pegá-lo, pescá-lo. Algo do tipo.

“Imaginem se ele morresse!”, Norfolk continua. “Imaginem se uma febre o derrotasse, ou se ele caísse do seu cavalo e quebrasse o pescoço? E então? O bastardo, Richmond? Não tenho nada contra ele, é um bom menino, e Ana diz que eu deveria casá-lo com minha filha Mary, Ana não é nenhuma idiota, ela diz, vamos pôr um Howard em todo lugar, para todo lado que o rei olhe. Bem, eu não tenho nenhuma reclamação quanto a Richmond, exceto o fato de que ele nasceu fora do matrimônio. Ele pode reinar? Perguntem a si mesmos. Como os Tudor conseguiram a coroa? Por título? Não. Por força? Exatamente. Pela graça de Deus, eles venceram a batalha. O velho rei, ele tinha um punho do tipo que você só encontra depois de andar muitas milhas, ele tinha grandes livros em que anotava suas rixas, e quando perdoava? Jamais! É assim que se governa, senhores.” Ele se vira para sua plateia, para os conselheiros que esperam e assistem, e para os nobres da corte e da câmara privada; para Henry Norris, para seu amigo William Brereton, para o secretário-mor Gardiner; incidentalmente, por acaso, para Thomas Cromwell, que cada vez mais surge onde não deve. E continua: “O velho rei procriou e, com a graça dos céus, gerou meninos. Mas quando Artur morreu, espadas foram afiadas na Europa, e afiadas para lhe ceifar o reino. O Henrique que hoje governa era um menino de nove anos. Se o velho rei não tivesse resistido por mais alguns anos, teríamos que travar todas as guerras de novo. Uma criança não pode segurar a Inglaterra. E um filho bastardo? Deus me dê forças! E já é novembro mais uma vez!”.

É difícil encontrar algum erro no que o duque diz. Ele compreende tudo; até o último grito, espremido do coração do duque. É novembro, e um ano se passou desde que Howard e Brandon entraram no palácio de York, tomaram o colar de chanceler do cardeal e o expulsaram de sua casa.

Há um intervalo de silêncio. Então alguém tosse, outro suspira. Um terceiro — provavelmente Henry Norris — ri. É ele quem fala. “O rei tem uma filha dentro do casamento.”

Norfolk se vira. Ele enrubesce, um profundo púrpura sarapintado. “Maria?”, rosna ele. “Aquele camarão falante?”

“Ela vai crescer.”

“Estamos todos esperando”, diz Suffolk. “Ela já tem catorze anos agora, não?”

“Mas a cara dela”, exclama Norfolk, “é do tamanho da unha de um dedão!” O duque mostra seu dedo para a assembleia. “Uma mulher no trono inglês é um ultraje diante da natureza.”

“A avó de Maria foi rainha de Castela.”

“Ela não pode liderar um exército.”

“Isabel liderou.”

O duque indaga: “Cromwell, por que está aqui? Ouvindo a conversa dos nobres?”.

“Meu senhor, quando sua graça grita, até os mendigos da rua podem ouvi-lo. Em Calais.”

Gardiner se vira para ele; está interessado. “Acha que Maria pode governar?”

Ele dá de ombros. “Depende de quem a aconselhará. Depende de quem a desposará.”

Norfolk diz: “Temos que agir logo. Catarina tem metade dos advogados da Europa movendo a papelada para ela. Dispensa para cá. Dispensa para lá. Aquela outra maldita dispensa escrita com as malditas palavras diferentes que eles têm na Espanha. Não importa. Isso já ultrapassa questões de papelada.”

“Por quê?”, pergunta Suffolk. “Sua sobrinha está grávida?”

“Não! O que é uma pena. Porque se ela estivesse, Henrique teria que fazer algo.”

“O quê?”, indaga Suffolk.

“Não sei. Conceder o divórcio a si mesmo?”

Há um burburinho, um grunhido, um suspiro. Alguns olham para o duque; outros, para os sapatos. Não há homem na sala que não deseje que Henrique tenha o que quer. Suas vidas e fortunas dependem disso. Ele vê o caminho à frente: uma trilha tortuosa através de um terreno plano, o horizonte enganosamente claro, o campo cortado por córregos, e o Tudor atual, com certa quantidade de lama salpicada por seu corpo e rosto, é pescado de volta ao ar puro, engasgado. Ele diz: “Aquele bom homem que tirou o rei da vala, qual era o nome dele?”.

Norfolk retruca, seco: “Mestre Cromwell gosta de conhecer as façanhas dos homens malnascidos”.

Ele não crê que algum deles saiba a resposta. Mas Norris diz: “Eu sei. O nome era Edmundo Mody”.

“Imundo combinaria mais”, diz Suffolk. Ele gargalha. Os homens ficam olhando para ele e não dizem nada.

É Dia de Finados: como Norfolk disse, novembro mais uma vez. Alice e Jo chegam para falar com ele. Elas trazem Bella — a Bella atual — presa numa fita de seda cor-de-rosa. Ele ergue os olhos: em que posso ser útil às duas damas?

Alice responde: “Senhor, já faz mais de dois anos desde que minha tia Elizabeth morreu, sua esposa. Poderia escrever para o cardeal e pedir a ele que peça ao papa para libertar nossa tia do purgatório?”.

“E quanto à sua tia Kat? E suas priminhas, minhas filhas?”

As crianças trocam olhares. “Nós achamos que elas não ficaram lá por tempo suficiente. Anne Cromwell tinha orgulho de mexer com números e se gabava de que estava aprendendo grego. Grace era vaidosa com seu cabelo e vivia dizendo que tinha asas, o que era mentira. Nós achamos que talvez elas tenham que sofrer mais. Mas o cardeal poderia tentar.”

Quem não pede não ganha, ele pensa.

Alice o encoraja: “O senhor se dedica tanto aos negócios do cardeal que ele não recusaria. E embora o rei não favoreça o cardeal agora, o papa deve favorecer, não?”.

“E eu imagino”, diz Jo, “que o cardeal escreva para o papa todos os dias. Mas eu não sei quem costura as cartas dele. E acho que o cardeal deveria mandar ao papa um presente pelo seu trabalho. Algum dinheiro, quero dizer. Nossa tia Mercy diz que o papa não faz nada quando não se fala em dinheiro.”

“Venham comigo”, diz ele. Elas trocam olhares. Ele as empurra à frente. As pequenas pernas de Bella se agitam. Jo larga a coleira, mas mesmo assim Bella continua seguindo o grupo.

Mercy e a Johane mais velha estão sentadas, juntas. O silêncio não é amigável. Mercy está lendo, murmurando as palavras para si. Johane fita a parede, a costura sobre o colo. Mercy marca a página. “O que é isso, uma missão diplomática?”

“Diga a ela”, ele ordena. “Jo, diga à sua mãe o que você me pediu.”

Jo começa a chorar. É Alice quem fala e apresenta o caso. “Nós queremos que nossa tia Liz saia do purgatório.”

“O que vocês andam ensinando a elas?”, ele interroga.

Johane dá de ombros. “Muitos adultos acreditam no mesmo que elas.”

“Por Deus, o que está acontecendo sob esse teto? Essas meninas acham que o papa pode descer ao mundo dos mortos com um monte de chaves? Enquanto isso, Richard se recusa a tomar a hóstia...”

“Como é?” A boca de Johane se escancara. “Ele faz isso?”

Mercy argumenta: “Richard tem razão. Quando nosso Senhor disse: isto é meu corpo, Ele quis dizer, isto simboliza meu corpo. Ele não deu licença aos padres para agirem como feiticeiros”.

“Mas Ele disse, *isto* é meu corpo. Ele não disse isto é como se fosse meu corpo, Ele disse *isto* é. Por acaso Deus pode mentir? Não. Ele é incapaz disso.”

“Deus pode fazer qualquer coisa”, responde Alice.

Johane a encara. “Sua pequena atrevida.”

“Se minha mãe estivesse aqui, ela lhe daria um bofetão por isso.”

“Sem briga”, ele diz. “Por favor?” A casa de Austin Friars é como uma miniatura do mundo. Nos últimos anos tem sido mais campo de batalha que casa; ou como um dos acampamentos de tendas em que os sobreviventes olham em desespero para seus membros mutilados e expectativas destruídas. Mas é ele quem deve comandá-las, essas últimas guerreiras endurecidas. Para que elas não capitulem na próxima escaramuça, é ele quem deve lhes ensinar a arte defensiva de ver ambos os lados, fé e trabalho, o papa e os novos irmãos, Catarina e Ana. Ele olha para Mercy, com um meio sorriso entre os lábios. Ele muda a direção do olhar, desviando-se de Johane e de seus próprios pensamentos, que não são exatamente teológicos. Ele diz às crianças: “Vocês não fizeram nada de errado”. Mas elas têm os rostos desolados. Ele as tranquiliza. “Eu lhe darei um presente, Jo, por costurar as cartas do cardeal; e outro para Alice, tenho certeza de que nem sequer precisamos de uma razão. Vou trazer macaquinhos para vocês.”

Elas se entreolham. Jo está tentada. “O senhor sabe onde conseguir?”

“Acho que sim. Eu estive na casa do lorde chanceler, e a mulher dele tem uma criatura dessas, e ele se senta no joelho dela e presta atenção em tudo que ela diz.”

Alice comenta: “Eles não estão mais na moda”.

“Mas estamos muito gratas”, diz Mercy.

“Mas estamos muitos gratas”, repete Alice. “Embora macacos não sejam vistos na corte desde que Lady Ana surgiu. Para estar na moda, poderíamos ter alguns filhotinhos de Bella.”

“Quando for a hora”, responde ele. “Talvez.” A sala é atravessada por correntes invisíveis, algumas das quais ele não consegue decifrar. Ele pega a cadelinha, põe sob o braço e parte para providenciar mais dinheiro para o irmão George Rochford. Ele deita

Bella em sua mesa, para que ela tire um cochilo entre seus papéis. Ela mastiga a ponta de sua fita, e sutilmente tenta desfazer o nó em sua garganta.

No dia 1º de novembro de 1530, um mandado de prisão para o cardeal é entregue a Harry Percy, o jovem conde de Northumberland. O conde chega em Cawood para prender o cardeal quarenta e oito horas antes da chegada planejada a York para sua posse. Wolsey é levado ao castelo de Pontefract sob escolta, de lá para Doncaster, e de lá para Sheffield Park, lar do conde de Shrewsbury. Lá, na casa de Talbot, ele cai doente. A 26 de novembro chega o condestável da Torre, com vinte e quatro homens armados para escoltá-lo para o Sul. De lá ele viaja para a abadia de Leicester. Três dias depois, ele está morto.

O que era a Inglaterra, antes de Wolsey? Uma pequena ilha perdida em alto-mar, pobre e fria.

George Cavendish chega a Austin Friars. Ele chora quando fala. Às vezes enxuga as lágrimas e se desculpa. Mas em geral chora. “Não conseguimos nem sequer terminar nosso jantar”, ele conta. “Meu amo estava na sobremesa quando o jovem Harry Percy entrou. Ele estava sujo de lama da estrada e trazia as chaves na mão, depois de tomá-las do porteiro e instalar sentinelas nas escadas. Meu amo se pôs de pé e disse, Harry, se eu soubesse, eu o teria esperado para jantar. Temo que o peixe esteja quase no fim. Devo orar por um milagre da multiplicação? Eu sussurrei para ele: meu amo, não blasfeme. E depois Harry Percy se adiantou: senhor, está preso por alta traição.”

Cavendish espera. Espera, talvez, que ele tenha uma explosão de fúria? Mas ele junta os dedos, como se estivesse rezando, e pensa, Ana arquitetou isso, e provavelmente sentiu um prazer intenso e secreto; uma demorada vingança, por si, por seu antigo

amante, outrora desmoralizado pelo cardeal e enxotado da corte. Ele indaga: “Como ele estava, Harry Percy?”.

“Tremendo da cabeça aos pés.”

“E meu amo?”

“Exigiu ver a ordem, o mandado de prisão. Percy disse, há itens nas minhas ordens que o senhor não pode ver. Meu amo então argumentou: ora, se não pretende mostrá-los, eu não me renderei ao senhor, e temos aqui uma questão para resolver, Harry. Vamos, George, disse-me o cardeal, vamos conferenciar nos meus aposentos. Eles o seguiram, a comitiva do conde, e por isso eu parei à porta e barrei sua entrada. Meu lorde cardeal entrou na sua câmara, controlando-se, e quando se virou para mim, disse, Cavendish, olhe para meu rosto: não temo homem nenhum que anda sobre a terra.”

Ele, Cromwell, se afasta para não ter de ver a angústia do outro. Ele olha para a parede, para os forros, os novos forros canelados, e corre o indicador por seus sulcos. “Quando o levaram, o povo da cidade estava aglomerado do lado de fora. Eles se ajoelhavam na estrada e choravam. Pediam a Deus que lançasse uma vingança contra Harry Percy.”

Ele pensa, Deus não precisa se incomodar: eu mesmo me encarregarei disso.

“Viajamos para o Sul. O tempo estava fechando. Já era tarde quando chegamos a Doncaster. Nas ruas, o povo da cidade se espremia ombro a ombro, e cada pessoa segurava uma vela contra a escuridão. Achávamos que eles se dispersariam, mas passaram a noite inteira na estrada. E suas velas queimaram até o fim. E fez-se a luz do dia, ou algo parecido.”

“Isso deve ter encorajado meu amo. Ver as multidões.”

“Sim, mas àquela altura... eu não lhe contei, deveria ter contado... ele já tinha passado uma semana sem comer nada.”

“Por quê? Por que ele fez isso?”

“Alguns dizem que ele quis se destruir. Eu não consigo acreditar nisso, uma alma cristã... Eu mandei fazer um prato de peras para ele, assadas com temperos... Fiz bem?”

“E ele comeu?”

“Um pouco. Mas depois ele pôs a mão no peito e disse: há algo frio dentro de mim, frio e duro como uma pedra de amolar. E foi aí que começou.” Cavendish se levantou e também passou a caminhar pela sala. “Eu mandei chamar um boticário. Ele fez um pó e instruiu o cardeal a despejá-lo em três xícaras. Eu bebi de uma. Ele, o boticário, bebeu da outra. Mestre Cromwell, eu já não confiava em ninguém. Meu amo tomou seu pó e a princípio a dor diminuiu, e ele disse, aí está, eram gases, e nós rimos, e pensei, amanhã ele estará melhor.”

“E aí chegou Kingston.”

“Sim. Como poderíamos dizer ao meu amo que o condestável da Torre tinha chegado para buscá-lo? Meu amo se sentou num baú de viagem. Ele disse, William Kingston? William Kingston? Ele repetia o nome sem cessar.”

E durante todo o tempo, um peso em seu peito, uma pedra de amolar, aço, uma lâmina cada vez mais afiada em seu ventre.

“Eu disse a ele, seja otimista, meu amo. O senhor se apresentará ao rei e limpará seu nome. E Kingston disse o mesmo, mas meu amo respondeu: estão me conduzindo ao paraíso dos tolos. Eu sei o que foi providenciado para mim, e qual morte está preparada. Naquela noite, não dormimos. Meu amo expeliu sangue negro dos intestinos. Na manhã seguinte, ele estava fraco demais para ficar de pé, e não podia cavalgar. Mas nós viajamos mesmo assim. E chegamos a Leicester. Os dias eram muito curtos, a luz escassa. Na manhã de segunda, ele acordou às oito. Eu acabava de trazer as pequenas velas e as dispus sobre o guarda-comida. Ele indagou: de quem é essa sombra que salta pela parede? E gritou seu nome. Deus me perdoe, eu disse que o senhor estava a caminho. Ele disse, as estradas são traiçoeiras. Eu respondi, meu amo, o senhor

conhece mestre Cromwell, nem o diabo pode atrasá-lo: se ele diz que está a caminho, então acabará chegando.”

“George, encurte essa história, não posso suportar ouvi-la.”

Mas George precisa desfiar seu conto: na manhã seguinte, às quatro horas, uma tigela de canja de galinha, mas o cardeal não quis comer. Hoje não é dia de se abster de carne? Ele pediu que a sopa fosse retirada. Àquela altura, já havia oito dias que estava doente, continuamente esvaziando os intestinos, sangrando e sentindo dor, e ele disse, acredite em mim, o fim disso será a morte.

Ponha meu amo numa dificuldade e ele encontrará uma solução; com sua habilidade e astúcia, ele encontrará uma solução, uma saída. Veneno? Se é verdade, então foi por sua própria mão.

Eram oito horas quando ele soltou o último suspiro. Em torno de sua cama, o som das contas de rosário em movimento; do lado de fora, as inquietas patas dos cavalos nos estábulos, a fina lua de inverno iluminando a estrada para Londres.

“Ele morreu durante o sono?” Ele gostaria que tivesse acontecido sem tanta dor. George responde, não, ele falou até o final. “Ele falou de mim novamente?”

Qualquer coisa? Uma palavra?

“Eu o banhei e o preparei para o enterro”, diz George. “Sob sua fina camisa de Holanda, descobri um cilício... Sinto em lhe contar, sei que o senhor não aprecia essas práticas, mas essa é a verdade. Acho que ele nunca tinha feito isso até chegar a Richmond e conviver com os monges.”

“O que foi feito dele? Do cilício?”

“Ficou com os monges de Leicester.”

“Deus todo-poderoso! Eles tentarão lucrar com isso.”

“Acredita que eles não puderam providenciar nada melhor que um simples caixão de tábuas?” Quando diz isso, George Cavendish finalmente explode; nesse ponto ele pragueja e diz: “Pelo sangue de Cristo, eu ouvi quando eles montaram o caixão às marteladas! Quando penso no escultor florentino e no seu túmulo, o mármore

negro, o bronze, os anjos à cabeceira e aos pés... Mas eu providenciei para que ele fosse vestido com suas roupas de arcebispo, e abri seus dedos para pôr o báculo na sua mão, exatamente como achei que o veria quando ele fosse empossado em York. Faltavam só dois dias. Nossas malas estavam feitas e nos preparávamos para a estrada; até que Harry Percy entrou”.

“Sabe, George, eu implorei a ele que se contentasse com o que conseguiu recuperar da ruína, que fosse a York e ficasse grato por estar vivo... No curso das coisas, ele teria vivido mais dez anos, eu sei que teria.”

“Nós fomos ao governador e a todas as autoridades da cidade, para que o vissem no caixão, para que não houvesse falsos rumores de que ele estivesse vivo e refugiado na França. Alguns fizeram comentários sobre sua baixa linhagem, por Deus, como eu gostaria que o senhor estivesse lá...”

“Eu também.”

“Pois jamais disseram tal coisa na sua frente, mestre Cromwell, tampouco ousariam dizer. Quando a luz se foi, continuamos a vigília, com as velas queimando em torno do caixão até as quatro da manhã, que, como o senhor sabe, é a hora canônica. Depois assistimos à missa. Às seis, nós o depositamos na cripta. E lá o deixamos.”

Seis da manhã, uma quarta-feira, Dia de Santo André, o apóstolo. Eu, um simples cardeal. Lá eles o deixaram e viajaram para o Sul, para encontrar o rei em Hampton Court. Que diz a George: “Nem por vinte mil libras eu gostaria que o cardeal morresse”.

“Ouça, Cavendish”, diz ele, “quando lhe perguntarem o que o cardeal disse nos seus últimos dias, não conte nada a eles.”

George ergue as sobrancelhas. “Eu não disse. Não disse nada. O rei me interrogou. E lorde Norfolk.”

“Se contar qualquer coisa a Norfolk, ele vai distorcer e transformar em traição.”

“Mesmo assim, já que ele é o lorde tesoureiro, ele me pagou os salários atrasados. Passei três quartos do ano em atraso.”

“Quanto lhe pagavam, George?”

“Dez libras por ano.”

“Deveria ter me procurado.”

Esses são os fatos. Esses são os números. Se o Senhor do Mundo dos Mortos se erguesse amanhã na câmara privada e oferecesse o regresso de um homem morto, direto do túmulo, o milagre de Lázaro por vinte mil libras — Henrique Tudor seria forçado a angariar a soma. Norfolk como lorde tesoureiro? Muito bem; não importa quem tem o título, quem guarda as chaves ruidosas dos baús vazios.

“Sabe”, ele continua, “se o cardeal pudesse dizer, como costumava dizer a mim, Thomas, o que você deseja ganhar como presente de Ano-Novo, eu teria respondido que gostaria de dar uma olhada nas contas da nação.”

Cavendish hesita; começa a falar; detém-se; começa de novo. “O rei me disse certas coisas. Em Hampton Court. ‘Três podem guardar sigilo, quando dois estão ausentes.’”

“É um provérbio, acho.”

“Ele disse: ‘Se eu achasse que meu gorro sabe o que penso, eu o atiraria no fogo’.”

“Acho que isso também é um provérbio.”

“Ele quis dizer que agora não pretende escolher conselheiro algum: nem lorde Norfolk nem Stephen Gardiner, ou qualquer um, nenhuma pessoa próxima dele, para ser tão íntima quanto o cardeal foi.”

Ele assente. Soa como uma interpretação razoável.

Cavendish parece doente. É o esforço das longas noites sem dormir, da vigília em torno do caixão. Ele está preocupado com as várias somas em dinheiro que o cardeal levava na jornada e que não estavam mais com ele quando morreu. Preocupa-se agora em como levar seus próprios pertences de Yorkshire para sua casa; ao

que parece, Norfolk lhe prometeu uma carroça e um auxílio de transporte. Ele, Cromwell, fala sobre isso enquanto pensa no rei e, sem que George veja, torce os dedos, um por um, rigidamente na palma da mão. Maria Bolena tracejou uma certa forma, na palma de sua mão; ele pensa, Henrique, tenho seu coração na palma da minha mão.

Quando Cavendish parte, ele vai até sua gaveta secreta e tira o pacote que o cardeal lhe dera no dia em que começou a viagem para o Norte. Ele desata o barbante que o amarra. Há laços, nós, e pacientemente ele os desfaz; antes do que esperava, o anel de turquesa rola para sua mão, frio como se saísse do túmulo. Ele recorda as mãos do cardeal, os dedos longos, brancos e imaculados, firmes por tantos anos ao leme do navio do Estado; mas o anel se ajusta como se fosse feito para ele.

As vestes escarlates do cardeal agora jazem dobradas e vazias. Não se pode desperdiçá-las. Elas devem ser cortadas e transformadas em outras vestimentas. Quem sabe aonde chegarão com o passar dos anos? Um dia, você estará andando por uma sala e seu olhar será captado por uma almofada carmesim, ou uma estampa vermelha numa bandeira ou numa insígnia. Você enxergará vislumbres do vermelho no forro da manga de um homem, ou no corpete de uma prostituta.

Outro homem teria ido a Leicester para ver onde Wolsey morreu e falar com o abade. Outro homem teria dificuldade em imaginar, mas ele não tem. No vermelho que domina o tapete, no peito encarnado do pintarroxo ou no tentilhão, no rubro de um selo de cera ou no centro da rosa: mesclado em sua paisagem, embalsamado em sua mente, capturado no cintilar de um rubi, na cor do sangue, o cardeal vive e fala. Olhe para meu rosto: não temo homem nenhum que anda sobre a terra.

Em Hampton Court, no grande salão, eles encenam um interlúdio;^[5] o nome é “O cardeal desce aos infernos”. A peça faz com que ele

pense naquela outra ocasião, no ano anterior, em Gray's Inn. Sob o olhar de funcionários da casa do rei, os carpinteiros trabalharam furiosamente e por salário extra, ergueram as estruturas que sustentam as telas pintadas com cenas de tortura. Nos fundos do palco, as telas são completamente cobertas de chamas.

O espetáculo é o seguinte: deitada, uma vasta figura escarlate é arrastada pelo chão aos urros por atores vestidos como demônios. Há quatro demônios, um para cada membro do morto. Os demônios usam máscaras. Eles têm tridentes para espetar o cardeal e obrigá-lo a se torcer, debater e suplicar. Ele queria que o cardeal tivesse morrido sem dor, mas Cavendish disse que não foi assim. Ele morreu consciente, falando do rei. Wolsey despertara do sono e perguntara: de quem é aquela sombra na parede?

O duque de Norfolk passeia pelo salão às gargalhadas: “Não é ótima? É tão boa que deveria ser impressa! Creio em Deus Pai, é isso mesmo que vou fazer! Vou mandar imprimir para levá-la comigo para casa, e vamos encenar tudo de novo no Natal”.

Ana ri em seu assento, apontando, aplaudindo. Ele jamais a viu desta maneira: acesa, sorridente. Henrique está congelado junto dela. Às vezes ele ri, mas ele pensa que, se pudesse chegar perto do rei, veria medo em seus olhos. O cardeal rola pelo chão, chutando os demônios, mas eles o espezinham em seus figurinos de lã negra e gritam: “Vamos, Wolsey, temos que levá-lo para o inferno, pois nosso amo Belzebu o aguarda para jantar!”.

Quando a montanha escarlate ergue a cabeça e pergunta: “Que vinho ele serve?”, ele quase se rende, quase ri. “Não tomo nenhum vinho inglês”, declara o morto. “Nada daquele mijo de gato que o lorde Norfolk põe na mesa.”

Ana gargalha; ela aponta; aponta para o tio; o barulho se ergue até as vigas do teto, com a fumaça da lareira, os risos, a cantoria das mesas e os uivos do balofo prelado. Não, eles garantem ao morto, o diabo é francês, e ouvem-se vaias e assobios e a música começa. Os demônios agora prendem a cabeça do cardeal num

laço. Eles o põem de pé, mas o cardeal os enfrenta. Os socos que ele desfere não são de todo falsos, e ele ouve o resfolegar dos demônios, como se o ar lhes fosse arrancado do peito. Mas há quatro carrascos e só um grande saco escarlate de nada, que, pendurado, sufoca e se debate; a corte grita: “Para o chão! Para o chão, vivo!”.

Os atores jogam as mãos para o alto; saltitam de volta e derrubam o cardeal. Quando ele rola pelo chão, arfando, eles enterram os garfos em seu corpo e desenrolam intestinos de comprida lã vermelha.

O cardeal vocifera blasfêmias. Ele solta gases, e fogos de artifício explodem nos limites do palco. Com o canto do olho, ele vê uma mulher fugindo com a mão na boca; mas tio Norfolk segue marchando de um lado a outro, apontando: “Vejam, ali estão os intestinos puxados, como o carrasco faria! Nossa, eu pagaria para ver isso!”.

Alguém grita: “Que vergonha, Thomas Howard, você venderia a própria alma para ver Wolsey arruinado!”. Cabeças se voltam, e ele volta a sua, e ninguém vê quem falou; mas ele acha que talvez seja, quem sabe, Thomas Wyatt. Após um momento, os diabos aristocratas tiram o pó da lapela e recuperam o fôlego. Berrando “Agora!”, eles atacam; o cardeal é arrastado para o inferno, que pelo visto se localiza atrás das cortinas no fundo do palco.

Ele os segue para os bastidores. Pajens correm com toalhas de linho para os atores, mas o influxo satânico os empurra para o lado. Um dos meninos leva uma cotovelada no olho e derruba sua tigela de água fervente no pé. Ele vê os demônios arrancando e atirando as máscaras num canto, praguejando; e assiste quando tentam despir seus demoníacos figurinos de tricô. Eles ajudam-se, rindo, puxando as roupas pela cabeça uns dos outros. “É como o manto de Nesso”, diz George Bolena quando Norris o liberta.

George balança a cabeça e lança os cabelos de volta ao lugar; sua pele branca está afogueada pelo contato com a lã grossa.

George e Henry Norris são os diabos das mãos, os que pegaram o cardeal pelos membros superiores. Os dois diabos dos pés ainda buscam se desvencilhar de seus trajes. Trata-se de um rapaz, chamado Francis Weston, e William Brereton, que — como Norris — está velho demais para isso. Eles estão tão absortos entre si mesmos — blasfemando, rindo, mandando trazer linho limpo — que não notam quem os observa, e, de qualquer modo, não se importam. Eles jogam água em seus próprios corpos e nos colegas, enxugam o suor com toalhas, arrancam a camisa das mãos dos pajens e as vestem pela cabeça. Ainda usando as patas de bode, desfilam de volta ao palco para fazer suas medidas.

No centro do espaço que deixaram, o cardeal está deitado, inerte, separado do salão pelas telas do cenário, que o isolam como um escudo; talvez esteja dormindo.

Ele se aproxima do monte escarlate. Para. Baixa os olhos. E espera. O ator abre um olho. “Isso deve ser o inferno”, ele diz. “Deve ser o inferno, se esse italiano está aqui.”

O morto arranca a máscara. É Sexton, o bobo: mestre Patch. Aquele que berrara tão desesperadamente um ano antes, quando quiseram separá-lo de seu amo.

Patch estende uma das mãos para ser ajudado a se levantar, mas ele não pega. O homem se esforça para ficar de pé, praguejando. Começa a despir as roupas vermelhas, sacudindo e rasgando o pano. Ele está parado, braços cruzados, a mão destra enterrada como um punho oculto. O bobo se livra de seu enchimento, volumosos travesseiros de lã. Seu corpo é franzino, encarquilhado, o peito coberto por pelos eriçados. Ele fala: “Por que vem ao meu país, italiano? Por que não fica no seu próprio país, hein?”.

Sexton é um bobo, mas não é doente da cabeça. Ele sabe muito bem que o outro não é italiano.

“Você deveria ter ficado por lá”, diz Patch, em seu próprio sotaque londrino. “A essa altura, já teria sua própria cidadela

murada. Uma catedral. Seu próprio cardeal de marzipã para comer depois do jantar. Teria tudo por um ano ou dois, hein, até que um animal mais forte aparecesse para arrancá-lo do bebedouro aos coices.”

Ele recolhe o figurino que Patch descartou. A cor é o escarlate flamante e barato da tinta de pau-brasil, que desbota rapidamente, e a roupa tem cheiro de suor desconhecido. “Como pôde representar esse papel?”

“Eu represento o papel que sou pago para representar. E você?” Ele ri: a estridência voltou, simulando loucura. “Não surpreende que seu humor ande tão amargo hoje em dia. Ninguém lhe paga mais nada, não é? Monsieur Cremuel, o mercenário aposentado.”

“Não tão aposentado. Posso acabar com sua raça.”

“Com aquele punhal que você leva onde antes tinha uma cintura?” Patch se afasta num salto, dá uma cambalhota. Ele, Cromwell, se apoia contra a parede e o observa. Ele ouve uma criança chorando em algum lugar fora das vistas; talvez seja o garotinho que levou uma cotovelada no olho, novamente esbofeteado por ter derrubado a tigela ou talvez apenas por chorar. A infância era assim; você é castigado, depois castigado outra vez, por protestar. E assim se aprende a não reclamar; é uma lição dura, mas que jamais se esquece.

Patch experimenta várias poses e gestos obscenos; como se ensaiasse para um espetáculo futuro. “Eu sei em que vala você foi criado, Tom, e não foi uma vala muito longe da minha.” Ele se volta para o corredor onde, invisível além da tela divisória, o rei supostamente continua seu agradável dia. Patch planta as duas pernas separadas, põe a língua para fora. “O bobo decidiu no seu coração, não há papa.” Ele inclina a cabeça; e sorri. “Volte daqui a dez anos, mestre Cromwell, e então me diga quem é o bobo.”

“Está desperdiçando suas piadas comigo, Patch. Exaurindo seu estoque.”

“Os bobos podem dizer qualquer coisa.”

“Não onde as leis sejam feitas por mim.”

“E onde fica isso? Nem mesmo no quintal onde usaram de uma poça para batizá-lo. Volte a me procurar daqui a dez anos, se ainda estiver vivo.”

“Você ficaria apavorado se eu voltasse morto.”

“Porque eu vou ficar paradinho e deixar que me derrube.”

“Eu poderia partir seu crânio contra a parede agora mesmo. Ninguém sentiria sua falta.”

“Verdade”, diz Sexton. “Pela manhã, eles me rolariam para fora e me deitariam sobre um monte de estrume. Que importa um bobo? A Inglaterra está cheia deles.”

Ele fica surpreso por ainda haver alguma luz no dia; tinha imaginado que já era noite alta. Nesses pátios, Wolsey sobrevive; foi ele quem os construiu. Vire qualquer esquina e você vai achar que está vendo ali o lorde cardeal, com um rolo das plantas dos arquitetos nas mãos, sua alegria com seus sessenta tapetes, sua esperança de poder atrair e hospedar os mais finos vidraceiros de Veneza — “Pois bem, Thomas, acrescente certos elogios venezianos às cartas, algumas frases sutis que venham a sugerir, no dialeto local e da forma mais delicada possível, que pago os melhores preços”.

E ele acrescentará que o povo da Inglaterra é acolhedor com estrangeiros e que o clima da Inglaterra é benigno. Aquela preciosa ave canora trina em galhos brilhantes e um rei dourado repousa sobre uma montanha de moedas, entoando uma canção de sua própria autoria.

Quando chega a casa em Austin Friars, ele adentra um espaço que parece estranho e vazio. Ele levou horas para voltar de Hampton Court e já é tarde. Ele observa o local na parede onde o brasão do cardeal se destaca: o barrete escarlate, retocado recentemente a seu pedido. “Podem apagá-lo agora.”

“E o que devemos pintar, mestre?”

“Deixem em branco.”

“Poderíamos fazer uma bonita alegoria, não acha?”

“Tenho certeza que sim.” Ele se vira e se afasta. “Deixem um espaço vazio.”

3.

Os mortos se queixam de seu enterro

Natal de 1530

As batidas no portão são ouvidas depois da meia-noite. A sentinela acorda a casa e, quando ele desce as escadas — trazendo no rosto uma expressão selvagem e, no mais, todas as vestes apropriadas no resto do corpo —, encontra Johane em sua camisola de dormir, os cabelos soltos, perguntando: “O que significa isso?”. Richard, Rafe, os homens da casa passam direto por ela; plantado no salão de Austin Friars está William Brereton, cavalheiro da câmara privada, com uma escolta armada. Vieram me prender, ele pensa. Caminha até Brereton. “Feliz Natal, William? Acordou cedo ou vai dormir tarde?”

Alice e Jo aparecem. Ele pensa na noite em que Liz morreu, quando as filhas ficaram abandonadas e perplexas em suas camisolas, esperando que ele voltasse para casa. Jo começa a chorar. Mercy aparece e tira as meninas dali. Gregory desce as escadas, vestido para sair. “Se precisar de mim, estou aqui”, diz ele, acanhado.

“O rei está em Greenwich”, começa Brereton. “Ele exige sua presença agora.” Ele demonstra sua impaciência ao modo tradicional: batendo a luva na palma da mão e o pé no chão.

“Voltem para a cama”, diz ele aos outros da casa. “O rei não me convocaria a Greenwich para me prender; não é assim que as

coisas acontecem.” Não que ele saiba como de fato acontece; ele se volta para Brereton. “Para que ele precisa de mim?”

Os olhos de Brereton passeiam pela casa, para ver como vive essa gente.

“Eu realmente não posso dizer.”

Ele olha para Richard e vê o quanto o rapaz deseja pregar um bofetão na boca daquele lordezinho. Parece eu uns anos atrás, ele pensa. Mas agora sou tranquilo como uma manhã de maio. Eles saem, Richard, Rafe, ele próprio, seu filho, para a escuridão e o frio inclemente.

Uma escolta espera com tochas. Uma barca aguarda na escadaria de embarque mais próxima. Estão bem longe do palácio de Placentia, e o Tâmis está tão negro que é como se remassem no Estige. Os meninos se sentam diante dele, encolhidos, sem falar, parecendo um único parente composto; apesar de Rafe não ser seu parente, claro. Estou ficando como o dr. Cranmer, ele pensa: os Tamworth de Lincolnshire estão entre meus parentes, os Clifton de Clifton, a família Molyneux, de quem você deve ter ouvido falar, ou não? Ele olha para as estrelas, mas elas parecem fracas e distantes; como realmente devem ser, pensa.

Certo, o que ele deveria fazer? Tentar alguma conversa com Brereton? As terras da família ficam em Staffordshire, Cheshire, nas fronteiras galesas. Sir Randal faleceu naquele mesmo ano e seu filho recebeu uma polpuda herança, pelo menos mil ao ano em títulos da Coroa, outros trezentos de monastérios locais... Ele faz o cálculo de cabeça. Não é cedo demais para herdar; o homem deve ter a mesma idade que ele, ou quase isso. Seu pai, Walter, teria se dado bem com os Brereton, uma gente encrenqueira, grandes perturbadores da paz. Ele recorda um processo contra a família na Câmara da Estrela, há cerca de quinze anos... Não parece bom material para entabular uma conversa. E Brereton também não aparenta estar interessado em nada semelhante.

Toda viagem termina; encerra-se em algum cais, algum porto enevoadado, onde tochas aguardam. Eles devem partir imediatamente para encontrar o rei nos recessos do palácio, em seus aposentos privados. Harry Norris os recebe; quem mais? “Como ele está agora?”, pergunta Brereton. Norris revira os olhos.

“Bem, mestre Cromwell”, começa ele, “acabamos por nos encontrar nas circunstâncias mais estranhas. Esses são seus filhos?” Ele sorri, passando os olhos pelo rosto dos meninos. “Não, claro que não. A menos que tenham mães diferentes.”

Ele os apresenta: mestre Rafe Sadler, mestre Richard Cromwell, mestre Gregory Cromwell. Ele vê uma centelha de decepção nos olhos do filho, e esclarece: “Este é meu sobrinho. Este, meu filho”.

“Apenas o senhor vem conosco”, diz Norris. “E venha de imediato, o rei o está esperando.” Por cima do ombro, acrescenta: “O rei teme pegar um resfriado. Faça o favor de buscar o robe ocre, aquele com pele de marta, sim?”.

Brereton resmunga alguma resposta. Trabalho infeliz, sacudir peles quando poderia estar em Chester, acordando o populacho, batendo um tambor em torno dos muros da cidade.

É uma câmara espaçosa com uma grande cama esculpida; seus olhos passeiam por ela. À luz de velas, as cortinas da cama são negras como nanquim. A cama está vazia. Henrique está sentado numa banquetta de veludo. Parece sozinho, mas há um odor seco no aposento, um aroma de canela que o leva a pensar que o cardeal se encontra em algum lugar nas sombras, segurando as lascas de laranjas embaladas com especiarias que sempre levava consigo quando se via numa aglomeração de pessoas. Os mortos com certeza desejariam afastar o odor dos vivos; mas o que ele vê do outro lado do quarto não é a grande silhueta sombreada do cardeal, e sim uma forma oval, pálida e incerta que é o rosto de Thomas Cranmer.

Quando ele entra, o rei vira o rosto em sua direção. “Cromwell, meu irmão morto veio a mim num sonho.”

Ele não responde. Qual seria a resposta sensata? Ele observa o rei. Não se sente tentado a rir. O rei prossegue: “Durante os doze dias entre o Natal e a Epifania, Deus permite que os mortos vaguem. Isso é bem sabido”.

Ele indaga educadamente: “E como lhe pareceu, seu irmão?”.

“Estava como eu o recordo... mas pálido e muito magro. Havia uma chama branca ao seu redor, uma luz. Mas sabe, Artur hoje teria quarenta e cinco anos. É essa a sua idade, mestre Cromwell?”

“Por aí”, ele diz.

“Sou bom em adivinhar a idade das pessoas. Eu me pergunto com quem Artur se pareceria, se tivesse sobrevivido. Meu pai, provavelmente. Quanto a mim, estou parecido com meu avô.”

Ele imagina que o rei perguntará, com quem você se parece? Mas não: o rei já decidiu que ele não tem ancestrais.

“Ele morreu em Ludlow. No inverno. As estradas impenetráveis. Tiveram que levar seu caixão num carro de bois. Um príncipe da Inglaterra, partindo numa carroça. Não posso me convencer de que foi a coisa certa a fazer.”

Brereton entra com o veludo ocre forrado com marta. Henrique se ergue e despe um manto de veludo, veste outro, mais felpudo e denso. O forro de marta desliza até suas mãos como se ele fosse um monstro-rei em que crescem pelos. “Eles o enterraram em Worcester”, continua o rei. “Mas isso me perturba. Não o vi morto.”

Das sombras, o dr. Cranmer diz: “Os mortos não regressam para se queixar do seu enterro. São os vivos que se preocupam com esses assuntos”.

O rei abraça o manto que o envolve. “Jamais tinha visto o rosto dele, sonhado com o rosto dele, até hoje. E seu corpo reluzindo em branco.”

“Mas não é o corpo dele”, diz Cranmer. “É uma imagem formada na mente de vossa majestade. Essas imagens são *quasi corpora*,

apenas parecem corpóreos. Leia Agostinho.”

O rei não parece interessado em mandar buscar um livro. “No meu sonho, ele ficava parado e me observava. Parecia triste, tão triste. Parecia dizer que eu tomei seu lugar. Parecia dizer, você tomou meu reino e usou minha mulher. Ele voltou para me cobrir de vergonha.”

Cranmer diz, um pouco impaciente: “Se o irmão de vossa majestade morreu antes que pudesse reinar, foi a vontade de Deus. E quanto ao seu suposto casamento, todos sabemos e acreditamos que foi evidentemente contrário à Escritura. Sabemos que o homem de Roma não tem poder para isentar alguém da lei de Deus. Admitimos que houve pecado; mas em Deus há misericórdia suficiente”.

“Não para mim”, diz Henrique. “Quando chegar o dia do meu juízo, meu irmão testemunhará contra mim. Ele voltou para me cobrir de vergonha e eu preciso suportar.” O pensamento o enfurece. “Eu, eu sozinho.”

Cranmer está prestes a falar; seu olhar encontra o dele, ele balança imperceptivelmente a cabeça. “No seu sonho, seu irmão Artur falou com vossa majestade?”, ele diz.

“Não.”

“Ele fez algum sinal?”

“Não.”

“Então por que acreditar que ele deseja outra coisa que não o bem de vossa majestade? Creio que o senhor tenha lido, no rosto dele, algo que não estava de fato lá, um erro que cometemos com os mortos. Escute-me.” Ele põe a mão sobre a pessoa real, sobre sua manga de veludo, o braço, e pressiona com força suficiente para se fazer sentir. “Conhece o ditado dos advogados, *‘Le mort saisit le vif’*? O morto agarra o vivo. O príncipe falece, mas seu poder se transmite no momento da sua morte, não há lapso, nenhum intervalo. Se seu irmão o visitasse, não seria para lhe lançar vergonha, mas para recordá-lo de que vossa majestade está

investido do poder dos vivos tanto quanto dos mortos. É um sinal para que vossa majestade examine seu reinado. E o exerça.”

Henrique ergue os olhos para ele. O rei está pensando. Ele afaga seu punho de marta e sua expressão é perdida. “Será possível?”

Mais uma vez, Cranmer faz menção de falar. Mais uma vez, ele o interrompe. “Sabe o que está escrito no túmulo de Artur?”

“*Rex quondam rexque futurus*. O antigo rei é o futuro rei.”

“Seu pai garantiu isso. Como príncipe de Gales, ele cumpriu a palavra para com seus ancestrais. Do exílio de toda uma vida, ele voltou e reclamou seu antigo direito. Mas não é o bastante recuperar um país; ele deve ser mantido. Mantido e assegurado, em todas as gerações. Se seu irmão parece dizer que vossa majestade tomou seu lugar, ele então deseja que o senhor se torne o rei que ele teria sido. Ele não pode cumprir a profecia, mas deseja que o senhor a cumpra. Para ele, a promessa, e para vossa alteza, a consecução.”

Os olhos do rei se deslocam para Cranmer, que diz, rijo: “Não vejo como discordar disso. Mas meu conselho continua a ser o de não levar os sonhos a sério”.

“Ah, mas os sonhos dos reis não são como os sonhos dos outros homens.”

“Talvez o senhor tenha razão.”

“Mas por que agora?”, pergunta Henrique, bastante razoável.

“Por que ele volta agora? Há vinte anos sou rei.”

Ele engole a tentação de dizer, porque você tem quarenta anos e ele está dizendo que é hora de crescer. Quantas vezes você encenou as lendas de Artur — quantos bailes de máscaras, quantos concursos, quantas companhias de teatro com escudos de papel e espadas de madeira? “Porque este é um momento vital”, ele responde. “Porque esta é a hora de se tornar o governante que está destinado a ser, e de se tornar a única e suprema cabeça do seu reino. Pergunte a Lady Ana. Ela lhe dirá. Ela dirá a mesma coisa.”

“Ela diz”, admite o rei. “Ela diz que não devemos continuar nos curvando a Roma.”

“E se seu pai aparecer num sonho, interprete-o da mesma forma. Que ele veio para fortalecer seu punho. Nenhum pai deseja que o filho seja menos poderoso do que ele foi.”

Henrique sorri vagarosamente. Ele parece desenredar-se do sonho, da noite, da madrugada de terrores e mortalhas, de vermes e larvas, e se apruma. Ele fica de pé. Seu rosto se ilumina. O fogo ilumina seu manto com listras de luz, e em suas profundas dobras bruxuleiam o ocre e o castanho, cores da terra, do barro. “Muito bem”, ele diz. “Eu compreendo. Agora compreendo tudo. Eu sabia quem tinha que chamar. Sempre sei.” Ele se vira e fala à escuridão: “Harry Norris? Que horas são? Quatro? Traga meu manto capelão para a missa”.

“Talvez eu possa rezar a missa para vossa alteza”, sugere o dr. Cranmer, mas Henrique declina. “Não, os senhores estão muito cansados. Eu os tirei da cama, cavalheiros.”

É simples assim, peremptório assim. Eles se veem dispensados. Passam pelos guardas. Caminham em silêncio, de volta à sua gente, Brereton os seguindo como uma sombra. Por fim, o dr. Cranmer fala: “Bom trabalho”.

Ele se volta. Agora quer rir, mas não ousa.

“Um toque habilidoso, ‘e se seu pai aparecer num sonho’... Suponho que o senhor não goste de ser despertado na madrugada com frequência.”

“Minha casa ficou alarmada.”

Nesse ponto, o doutor parece arrependido, como se tivesse sido frívolo. “É claro”, ele murmura. “Não sou um homem casado, por isso não penso nessas coisas.”

“Também não sou casado.”

“Não. Eu esqueci.”

“O senhor tem objeções ao que eu disse?”

“Foi perfeito em todos os sentidos. Como se tivesse sido pensado com antecedência.”

“E como eu poderia ter pensado?”

“Verdade. O senhor é um homem de vigorosa capacidade inventiva. Mesmo assim... De acordo com o Evangelho, sabe...”

“De acordo com o Evangelho, acabei de somar uma boa noite de trabalho.”

“Mas eu me pergunto”, diz Cranmer, quase de si para si, “eu me pergunto o que o senhor pensa que o Evangelho é. Acha que é um livro de páginas em branco, em que Thomas Cromwell redige seus desejos?”

Ele para. Põe a mão sobre o braço do outro e diz: “Dr. Cranmer, olhe para mim. Acredite em mim. Eu sou sincero. Não posso evitar se Deus me deu as características de um pecador. Ele deve ter alguma intenção por trás disso”.

“Eu ousou concordar”, Cranmer comenta. “Ele fez seu rosto de propósito, para desconcertar nossos inimigos. E esta sua mão, para tomar posse das circunstâncias. Quando o senhor segurou o braço do rei no seu punho, eu me retraí. E Henrique, ele o sentiu.” Ele meneia a cabeça. “O senhor é uma pessoa de grande força de vontade.”

Clérigos podem fazer isto: falar do caráter dos outros. Dar veredictos; este parece favorável, ainda que, como um adivinho, o médico não tenha dito nada além do que ele já sabe. “Vamos”, diz Cranmer, “seus meninos devem estar ansiosos para ver se está tudo bem com o senhor.”

Rafe, Gregory e Richard se amontoam em torno dele: o que houve? “O rei teve um sonho.”

“Um sonho?”, Rafe está chocado. “Ele nos tirou da cama por um sonho?”

“Acredite em mim”, comenta Brereton, “ele arranca as pessoas da cama por menos que isso.”

“O dr. Cranmer e eu concordamos que os sonhos de um rei não são como os sonhos dos outros homens.”

Gregory pergunta: “Foi um pesadelo?”.

“De início. Ele achou que era. Agora não é mais.”

Eles o observam, sem compreender, mas Gregory compreende. “Quando eu era pequeno, sonhava com demônios. Eu achava que eles viviam sob minha cama, mas o senhor me disse, não pode ser, não existem demônios deste lado do rio, os guardas não deixariam que eles cruzassem a ponte de Londres.”

“Quer dizer que você fica apavorado quando cruza o rio para Southwark?”, pergunta Richard.

Gregory responde: “Southwark? O que é Southwark?”.

“Sabe”, Rafe diz num tom de professor de escola, “tem horas em que vejo uma centelha de algo em Gregory. Não uma chama, é claro. Só uma faísca.”

“Quem é você para zombar! Olhe a minha barba!”

“Isso é uma barba?”, pergunta Richard. “Essas cerdas vermelhas e falhadas? Pensei que fossem negligência do barbeiro.”

Eles estão abraçados, em alívio eufórico. Gregory diz: “Achamos que o rei tinha jogado o senhor em algum calabouço”.

Cranmer assente, tolerante, divertido. “Seus filhos o amam.”

Richard diz: “Não podemos viver sem este homem no comando”.

Ainda faltam muitas horas para o amanhecer. É como a madrugada sem luzes em que o cardeal morreu. Há cheiro de neve no ar.

“Suspeito que ele voltará a nos convocar”, diz Cranmer. “Quando houver pensado bastante nas coisas que você lhe disse e, digamos, depois de averiguar até onde seus próprios pensamentos o levam.”

“Mesmo assim, preciso voltar à cidade e mostrar minha cara.”

Mudar de roupa, ele pensa, e esperar pela próxima tarefa. Ele diz a Brereton: “Já sabe onde me encontrar. William”.

Um cumprimento de cabeça, e ele se afasta. “Dr. Cranmer, diga à dama que fizemos um bom trabalho noturno para ela.” Ele joga o braço sobre o ombro do filho e sussurra: “Gregory, aquelas histórias sobre Merlim que você leu; nós haveremos de escrever mais delas”.

Gregory responde: “Ah, eu não acabei de ler. O sol saiu”.

Mais tarde naquele mesmo dia, ele volta à câmara apainelada de Greenwich. É o último dia de 1530. Ele retira as luvas de pelica perfumadas com âmbar. Os dedos de sua mão direita tocam o anel de turquesa, ajustando-o no lugar.

“O Conselho está esperando”, diz o rei. Ele ri, como se por algum triunfo pessoal. “Vá ao encontro deles. Eles tomarão seu juramento.”

O dr. Cranmer está com o rei; muito pálido, muito silencioso. O doutor meneia a cabeça para cumprimentá-lo; e depois, surpreendentemente, um sorriso se derrama em seu rosto, iluminando toda a tarde.

A hora seguinte é dominada por um ar de imprevisto. O rei não quer esperar e tudo se resume a quais conselheiros podem ser encontrados em um curto espaço de tempo. Os duques estão em suas propriedades, recebendo suas cortes de Natal. O velho Warham, o arcebispo da Cantuária, está presente. Há quinze anos, Wolsey o chutou de seu posto como lorde chanceler; ou, como o cardeal sempre dizia, aliviou-o de seu trabalho mundano, dando-lhe assim a oportunidade, em seus últimos anos, de abraçar uma vida de orações. “Bem, Cromwell”, diz ele. “Você, um conselheiro! Para onde vai este mundo!” Tem o rosto cheio de marcas, os olhos são de peixe morto. Suas mãos tremem um pouco quando ele apresenta o livro sagrado.

Thomas Bolena está presente, conde de Wiltshire, lorde do selo privado. O lorde chanceler também está aqui; ele pensa, irritado: por que More nunca se barbeia direito? Será que não consegue achar um tempo, reduzir sua agenda de autoflagelação? Quando More se desloca para a luz, ele vê que o homem está mais desganhado que de hábito; seu rosto está abatido e há manchas de cor roxa nas pálpebras. “O que houve?”

“Não ficou sabendo. Meu pai morreu.”

“Aquele bom homem”, ele diz. “Sentiremos falta dos seus sábios conselhos legais.”

E suas histórias enfadonhas? Acho que não.

“Ele morreu nos meus braços.” More começa a chorar; ou melhor, ele parece diminuir de tamanho, e é como se todo o seu corpo derramasse lágrimas. Ele diz: meu pai era a luz da minha vida. Não somos aqueles grandes homens, somos uma sombra do que eles foram. Peça à sua gente em Austin Friars que reze por ele. “É estranho, Thomas, mas desde que ele partiu, eu sinto minha idade. Como se até alguns dias atrás, eu fosse apenas um menino. Mas Deus estalou seus dedos e vejo que os melhores anos da minha vida já se foram.”

“Sabe, depois que Elizabeth, minha esposa, morreu...” E de repente ele deseja dizer, minhas filhas, minha irmã, minha família dizimada, minha gente jamais despindo o luto, e agora meu cardeal perdido... Mas ele não acreditará, nem por um momento, que a dor drenou sua força de vontade. Nunca se pode conseguir outro pai, mas ele também não desejaria um; quanto a esposas, para Thomas More, elas não valem um centavo. “Não acredita agora, mas o sentimento voltará. Pelo mundo e por tudo que precisa fazer nele.”

“Também teve suas perdas, eu sei. Pois bem, muito bem.” O lorde chanceler funga, suspira, balança a cabeça. “Passemos ao que é preciso.”

É More quem lê para ele o juramento. Ele jura dar conselhos leais, ser direto, imparcial em sua fala, ser sigiloso em seus modos, ser verdadeiro em sua fidelidade. Quando estão chegando à parte dos conselhos sábios e discretos, a porta se escancara e Gardiner invade o salão, como um corvo que avistou uma ovelha morta. “Acho que não podem fazer isso sem o secretário-mor”, ele diz, e Warham murmura, pela Sagrada Cruz, vamos ter que jurá-lo desde o início de novo?

Thomas Bolena está afagando a própria barba. Seus olhos recaem sobre o anel do cardeal, e sua expressão passa de chocada a apenas sardônica. “Se não conhecemos o procedimento”, comenta ele, “tenho certeza de que Thomas Cromwell tem uma

anotação a respeito. Deem-lhe um ou dois anos e talvez todos nós nos descubramos supérfluos.”

“Tenho certeza de que não viverei para ver isso”, proclama Warham. “Lorde chanceler, podemos continuar? Ah, pobre homem! Chorando de novo. Sinto muito pelo senhor. Mas a morte chega para todos.”

Por Deus, pensa ele, se isso é o máximo que se consegue do arcebispo da Cantuária, até eu poderia ocupar o cargo.

Ele jura defender a autoridade do rei. Suas preeminências, suas jurisdições. Jura defender seus herdeiros e sucessores legais, e pensa no menino bastardo, Richmond, e Maria, o camarão falante, e no duque de Norfolk mostrando a unha do polegar para a assembleia. “Bem, está feito”, declara o arcebispo. “E amém, afinal, que escolha temos? Podemos mandar aquecer uma taça de vinho quente? Esse frio penetra até os ossos.”

Thomas More diz: “Agora que é membro do conselho, espero que diga ao rei o que fazer, e não apenas o que ele pode fazer. Se o leão conhecesse a própria força, seria difícil governá-lo”.

Neva lá fora. Flocos escuros caem nas águas do Tâmis. A Inglaterra se estende, prolonga-se na distância, para longe dele, o sol rubro do poente sobre campos nevados.

Ele recorda o dia em que o palácio de York foi saqueado. Ele e George Cavendish ficaram ali imóveis olhando enquanto os baús eram abertos e as vestes do cardeal exibidas. As murças bordadas com fios de ouro e prata, com estampas de estrelas douradas, pássaros, peixes, cervos, leões, anjos, flores e rodas de Catarina. Quando as vestes foram novamente embaladas e encerradas com pregos em seus baús de viagem, os homens do rei reviraram as caixas que continham os talaes e gibões, cada um finamente pregueado por mãos especialistas. Passados de mão em mão, leves como anjos em repouso, eles refletiam a luz suave; abram um deles, disse um dos homens, vamos ver sua qualidade. Seus dedos repuxaram as peças de linho; um momento, permitam-me, interveio

George Cavendish. Liberto, o tecido ondeou no ar, um branco deslumbrante e fino como a asa de uma mariposa. Quando as tampas dos baús de murças foram abertas, o aroma de cedro e especiarias se ergueu no ar, obscuro, distante, seco feito deserto. Mas os anjos esvoaçantes foram encaixotados em lavanda; a chuva de Londres batia contra o vidro, e o perfume do verão inundou a tarde pálida.

Parte 4

1.

Componha seu rosto

1531

Talvez por dor ou medo, ou por algum defeito da natureza; talvez pelo calor do verão ou pelo som das trompas de caça que se desdobra à distância, ou pelo turbilhão de poeira agitada em aposentos vazios; talvez porque a menina perdeu o sono, enquanto o séquito de seu pai desmonta o acampamento e faz as malas, desde o raiar do sol e ao longo da manhã; por alguma razão ela está encolhida, e seus olhos têm a cor da água de um rio. Por um momento, enquanto atravessa as formalidades preliminares em latim, ele vê que a menina se agarra com mais força ao espaldar do trono de sua mãe. “Majestade, sua filha deveria sentar-se.” Antes que um embate de vontades aconteça, ele pega um banquinho e o instala, com um baque surdo e decisivo, aos pés da rainha Catarina.

Rígida em seu corpete, a rainha se inclina para trás e sussurra à filha. As damas da Itália usavam, aparentemente à vontade, construções de ferro sob as sedas. Era preciso infinita paciência, e não apenas na parte da negociação, para arrancá-las de suas roupas.

Maria baixa o rosto para cochichar a resposta; em castelhano, ela indica que está passando por sua indisposição de mulher. Os dois pares de olhos se erguem para encontrá-lo. O olhar da menina é quase desfocado; ele imagina que ela o veja como uma massa volumosa de sombras, num espaço de crescente angústia. Fique de

espinha ereta, murmura Catarina: como uma princesa da Inglaterra. Ainda agarrada ao espaldar do trono, Maria solta um profundo suspiro. Ela volta para ele seu rosto contraído: duro como o polegar de Norfolk.

É começo de tarde, muito quente. O sol desenha quadrados de lilás e ouro que se movem pela parede. Os campos ondulados de Windsor se derramam aos olhos dos três. O Tâmesa recua de suas margens.

A rainha fala em inglês. “Sabe quem é este? É o mestre Cromwell. Aquele que agora escreve todas as leis.”

Pego de surpresa entre idiomas, ele responde: “Madame, prosseguiremos em inglês ou latim?”.

“Seu cardeal teria feito a mesma pergunta. Como se eu fosse uma estranha por aqui. Eu lhe respondo, como teria dito a ele, que fui nomeada pela primeira vez como princesa de Gales à idade de três anos. Tinha dezesseis quando cheguei aqui para desposar lorde Artur. Eu era virgem e tinha dezessete anos quando ele faleceu. Tornei-me rainha da Inglaterra aos vinte e quatro e, para evitar toda e qualquer dúvida, digo que no momento tenho quarenta e seis anos, e ainda sou rainha, e a essa altura, creio, uma inglesa. Mas não repetirei ao senhor tudo o que já disse ao cardeal. Imagino que ele tenha lhe deixado anotações a respeito do assunto.”

Ele sente que deve fazer uma medida. A rainha prossegue: “Desde que este ano começou, certas leis vêm passando no Parlamento. Até hoje, o talento de mestre Cromwell era dedicado a empréstimos, mas agora descobriu que também leva jeito para a legislação; quem quiser uma nova lei, só precisa solicitar-lhe. Ouvi dizer que à noite o senhor leva os rascunhos para sua casa em... onde fica sua casa?”. Ela faz soar como se dissesse “seu canil”.

Maria comenta: “Essas leis foram redigidas contra a Igreja. Duvido que nossos lordes as aprovem”.

“Você sabe”, continua a rainha, “que o cardeal de York foi acusado sob os Estatutos de Praemunire de usurpar a jurisdição do

seu pai como governante da Inglaterra. Agora mestre Cromwell e seus amigos declaram todo o clero cúmplice no crime, e exigem o pagamento de uma multa de mais de cem mil libras.”

“Não é uma multa. Nós chamamos de doação.”

“Eu chamo de extorsão.” Ela se vira para a filha. “Se você se pergunta por que a Igreja não é defendida, só posso responder que há nobres nesta terra” — Suffolk, ela quer dizer, Norfolk — “a quem se ouviu declarar que derrubarão o poder da Igreja e jamais tolerarão, e eles usam esta palavra, jamais tolerarão que outro clérigo se torne tão grande quanto nosso falecido legado. Eu concordo que não precisamos de um novo Wolsey. Mas não concordo com os ataques aos bispos. Para mim, Wolsey foi um inimigo. Mas isso não altera meus sentimentos pela nossa Sagrada Mãe, a Igreja.”

Ele pensa, Wolsey para mim foi um pai e um amigo. Isso não altera meus sentimentos pela nossa Sagrada Mãe, a Igreja.

“O senhor e o presidente da Câmara, Audley, confabulam à luz de velas.” A rainha menciona o nome do presidente como se dissesse “seu criado de cozinha”. “E quando chega a manhã, induzem o rei a se declarar líder da Igreja na Inglaterra.”

“Entretanto”, diz a menina, “o papa é o líder da Igreja em todos os lugares, e é do trono de são Pedro que verte a legalidade de qualquer governo. E de nenhuma outra fonte.”

“Lady Maria”, ele insiste, “não deseja sentar-se?” Ele segura a princesa no momento exato em que os joelhos da menina vergam, e a põe sentada na banquetta. “É apenas o calor”, ele comenta, para que ela não fique constrangida. Maria ergue os olhos, rasos e cinzentos, com um olhar de simples gratidão; assim que ela se senta, o olhar é substituído por uma expressão tão pétrea quanto a muralha de uma cidade sitiada.

“Vossa majestade disse ‘induzem’. Mas vossa majestade sabe, mais que qualquer outra pessoa, que o rei não pode ser governado.”

“Mas pode ser influenciado.” Ela se volta para Maria, cujos braços agora cobrem a barriga. “Ou seja, seu pai, o rei, é declarado líder da Igreja, e para aliviar a consciência dos bispos, eles fizeram a inserção da seguinte fórmula: ‘até onde permitir a lei de Cristo’.”

“O que significa isso?”, pergunta Maria. “Não significa nada.”

“Alteza, significa tudo.”

“Sim. É muito astuto.”

“Eu suplico”, ele argumenta, “que considerem o caso desta forma, que o rei apenas definiu uma posição que já detinha antes, uma posição que antiquíssimos precedentes...”

“Inventados nesses últimos meses.”

“... mostram como sendo um direito do monarca.”

Sob sua complicada mantilha, a testa de Maria brilha de suor. Ela diz: “O que é definido pode ser redefinido, não?”.

“Certamente”, prossegue a mãe. “E redefinido em favor da Igreja: mas apenas se eu me dobrar aos desejos deles e me retirar da posição de rainha e esposa.”

A princesa tem razão, ele pensa. Há espaço para negociações. “Nada aqui é irrevogável.”

“Não, espere para ver o que eu levarei à sua mesa de negociação.” Catarina ergue as mãos, pequenas, curtas e rechonchudas, para mostrar que estão vazias. “Só o bispo Fisher me defende. Só ele tem sido confiável. Só ele é capaz de dizer a verdade, isto é, que a Câmara dos Comuns está infestada de pagãos.” Ela suspira, as mãos caem junto ao corpo. “E agora, sob que pretexto meu esposo partiu sem um adeus? Ele nunca fez isso antes. Jamais.”

“Ele pretende caçar nos campos de Chertsey por alguns dias.”

“Com aquela mulher”, acrescenta Maria. “Aquela pessoa.”

“Depois ele viajará pela estrada de Guildford para visitar lorde Sandys; ele deseja ver sua nova e refinada galeria no palácio Vyne.” Seu tom é tranquilo, apaziguador, como o do cardeal. Talvez

semelhante demais? “De lá, dependendo do clima e da caça, ele viajará para o palácio Basing, de William Paulet.”

“E quando devo encontrá-lo?”

“Ele voltará dentro de quinze dias, com a vontade de Deus.”

“Quinze dias”, diz Maria. “Sozinho com aquela pessoa.”

“Antes disso, madame, vossa majestade deve se instalar em outro palácio. Ele escolheu o More, em Hertfordshire, que, como a senhora sabe, é bastante confortável.”

“Considerando que foi lar do cardeal, certamente deve ser pródigo”, ironiza Maria.

Minhas próprias filhas, ele pensa, jamais teriam dito isso.

“Princesa, vossa alteza não poderia, como um exercício de caridade, cessar as injúrias contra um homem que jamais lhe fez mal algum?”

Maria enrubesce do pescoço à linha dos cabelos. “Não tive intenção de faltar com a caridade.”

“O falecido cardeal é seu padrinho. Vossa alteza lhe deve suas preces.”

Os olhos de Maria hesitam diante dele; ela parece intimidada.

“Eu rezo para reduzir seu período no purgatório...”

Catarina a interrompe. “Podem mandar uma caixa a Hertfordshire. Mandem um pacote. Mas não tentem me mandar.”

“Vossa majestade terá consigo todo o seu séquito. A casa está pronta para receber duzentos ocupantes.”

“Eu escreverei ao rei. O senhor pode levar a carta. Meu lugar é junto dele.”

“Meu conselho”, ele diz, “é que aceite com resignação. Senão, ele talvez decida...” Ele aponta para a princesa. As mãos dele se juntam e se separam. Ele talvez decida separar vocês.

A menina tenta combater a dor. A mãe combate a tristeza e a ira, o desgosto e o medo. “Eu já esperava por isso”, declara Catarina, “mas não imaginei que ele mandaria um homem como o senhor para me dizer.” Ele franze o cenho: por acaso ela acha que seria

melhor se viesse de Norfolk? “Dizem que o senhor tinha um negócio como ferreiro; é correto?”

Agora ela perguntará, ferra cavalos?

“Era o ofício do meu pai.”

“Começo a compreendê-lo.” Ela assente. “O ferreiro forja os próprios instrumentos.”

Meia milha de paredes caiadas, espelhando o clarão do sol, projetam sobre ele uma onda de calor branco. À sombra de um portão, Gregory e Rafe se acotovelam e empurram, insultando-se mutuamente com as ofensas culinárias que ele lhes ensinou: O senhor é um flamengo obeso que espalha manteiga no pão. Senhor, o senhor é um miserável romano, sua prole se alimenta de lesmas. Mestre Wriothsley está recostado ao sol, observando os garotos com um sorriso preguiçoso; borboletas coroam sua cabeça.

“Ah, aí está *o senhor!*”, ele exclama. Wriothsley parece satisfeito. “Está perfeito para ser pintado, mestre Wriothsley. Uma casaca azul-celeste e um feixe de luz precisamente dispostos.”

“Senhor? O que diz Catarina?”

“Que nossos precedentes são falsos.”

Rafe: “Ela compreende que o senhor e o dr. Cranmer viraram a noite para estudá-los?”.

“Ah, que louca diversão!”, brinca Gregory. “Virar a noite com o dr. Cranmer!”

Ele passa o braço em torno dos ombros estreitos e ossudos de Rafe e o aperta; é libertador estar longe de Catarina e daquela menina que não para de se encolher, como um cachorro açoitado. “Certa vez, eu com Giovannino... bem, com alguns meninos que conheci...” Ele se interrompe: o que estou fazendo? Eu não conto histórias a meu respeito.

“Por favor...”, encoraja Wriothsley.

“Bem, nós mandamos fazer uma estátua, uma pequena divindade alada e sorridente, e depois a acertamos com machados

e correntes para que parecesse antiga e contratamos um almocreve para levá-la a Roma e lá a vendemos a um cardeal.” Estava tão quente aquele dia, quando foram convocados à presença da eminência: brumoso, com trovões à distância e a poeira branca das construções pairando no ar. “Eu lembro que ele tinha lágrimas nos olhos quando pagou. ‘E pensar que sobre esses pezinhos encantadores e essas asas adoráveis talvez tenha repousado o olhar do imperador Augusto.’ Quando os meninos Portinari partiram para Florença, mal podiam caminhar, de tão pesados que estavam os bolsos.”

“E o senhor?”

“Eu peguei minha parte e fiquei lá mais um tempo para vender as mulas.”

Eles descem a colina através dos jardins internos. Emergindo ao sol, ele cobre os olhos como se para enxergar além do emaranhado de copas de árvores que se prolonga à distância. “Eu disse à rainha: deixe Henrique partir em paz. Do contrário ele talvez não permita que a princesa viaje com a mãe para o Norte.”

Surpreso, Wriothsesley diz: “Mas isso já está decidido. Elas serão separadas. Maria deve partir para Richmond”.

Ele não sabia. Ele espera que sua hesitação não seja perceptível. “Claro. Mas ninguém disse à rainha, e vale a pena tentar, não?”

Veja como mestre Wriothsesley é útil. Veja só como ele traz informações do secretário Gardiner. Rafe diz: “É terrível. Usar a menina contra a mãe”.

“Terrível, sim... mas a questão é, você já escolheu seu príncipe? Pois é isso que um homem deve fazer, você escolhe seu príncipe e sabe o que ele é. E a partir daí, depois que fez sua escolha, você lhe diz sim; sim, isso é possível, sim, isso pode ser feito. Se não gosta de Henrique, pode partir para o exterior e encontrar outro príncipe, mas eu lhe digo: se isso aqui fosse a Itália, Catarina já estaria gelada num túmulo.”

“Mas o senhor jurava que tinha respeito pela rainha”, Gregory exclama.

“E tenho. E eu respeitaria o cadáver dela também.”

“O senhor não tramaria a morte dela, tramaria?”

Ele se detém. Ele põe a mão no braço do filho e o obriga a encará-lo. “Repense bem o que acabamos de conversar.” Gregory tenta se soltar. “Não, escute aqui, Gregory. Eu disse, você se rende às demandas do rei. Você abre o caminho para a vontade dele. Isso é o que um cortesão faz. Agora, entenda isto: é impossível que Henrique peça a mim ou a qualquer outra pessoa que faça mal à rainha. O que ele é, um monstro? Ainda hoje ele tem afeição por ela; e como não teria? E ele tem uma alma que espera ver salva. Henrique se confessa todos os dias a algum dos seus dois capelães. Você acha que o imperador faz algo parecido, ou Francisco da França? O coração de Henrique, eu lhe asseguro, é um coração cheio de sentimento; e a alma de Henrique, eu juro, é a alma mais escrutinada na cristandade.”

Wriothesley o interrompe: “Mestre Cromwell, ele é seu filho, não é um embaixador”.

Ele solta Gregory. “Podemos chegar ao rio? Talvez haja uma brisa.”

No pavilhão inferior, seis pares de cães de caça se agitam e latem nas jaulas móveis em que serão transportados pelo país. Sacudindo as caudas, eles saltam por cima um dos outros, torcendo as orelhas e se mordiscando; seus latidos e uivos alimentam a sensação de quase pânico que toma o castelo. Parece mais a retirada de um forte que o início de uma viagem de verão. Carregadores suados instalam a mobília do rei sobre as carroças. Dois homens com um baú reforçado ficam travados numa porta. Ele pensa em si mesmo anos atrás, na beira da estrada, uma criança cheia de hematomas, ajudando a carregar carroças para conseguir uma carona. Ele se aproxima. “Como isso foi acontecer, rapazes?”

Ele equilibra um canto do baú e os faz recuar para as sombras; ele ajusta o ângulo de rotação com uma virada de mão; depois de um breve titubeio e alguns escorregões, eles saem à luz, gritando “Aí vamos!”, como se tivessem resolvido o problema sozinhos. Ele ordena: depois, comecem a preparar a viagem da rainha para o palácio do cardeal no More, e eles respondem, surpresos, é sério, senhor? E se a rainha não quiser ir? Aí nós teremos que enrolá-la num tapete e jogá-la dentro da sua carroça, é o que ele responde. Ele entrega moedas e recomenda, devagar, está quente demais para trabalhar tanto. Ele volta tranquilamente para perto dos meninos. Um homem conduz cavalos arreados, prontos para puxar as carroças dos cães; assim que sentem o cheiro, os cães se lançam num ladrar alvoroçado que ainda pode ser ouvido quando o grupo alcança as águas.

O rio está castanho, vagaroso; nas margens de Eton, um grupo de cisnes indiferentes flutua entre os juncos. O barco oscila sob os passageiros. Ele pergunta: “E este não é Sion Madoc?”.

“Nunca esquece um rosto, hein?”

“Não quando é feio.”

“Já se olhou no espelho, *bach*?” O barqueiro está comendo uma maçã; detalhista, ele atira as sementes para fora.

“Como vai seu pai?”

“Morto.” Sion cospe fora o cabo da fruta. “Algum desses é seu?”

“Eu sou”, Gregory responde.

“Esse é meu.” Sion indica o outro remador com a cabeça, um jovem grandalhão, mas todo encolhido, que enrubesce e desvia o olhar. “Nesse clima, seu pai costumava fechar a oficina. Apagava o fogo e saía para pescar.”

“Para chicotear a água com a vara”, ele diz, “e socar a cara dos peixes. Ele entrava na água, arrastava os peixes para fora do rio e metia os dedos nas guelras: ‘O que está olhando, seu filho da puta escamoso? Está me encarando?’.”

“Porque, afinal de contas, ele não era homem de se sentar e tomar sol”, Madoc continua. “Tenho muita história de Walter Cromwell para contar.”

O rosto de mestre Wriothsesley é uma máscara de compenetração. Ele não compreende o quanto se pode aprender com barqueiros e suas gírias rápidas e blasfemas. Aos doze anos, ele falava fluentemente esse dialeto natal, que agora lhe volta à boca, algo natural, algo sujo. Há expressões gregas que ele domina e troca com Thomas Cranmer, com Me-Chame-Risley: uma língua inicial, sem ranços, como uma fruta tenra. Mas um erudito fluente em grego jamais faz as nossas orelhas se espetarem como Sion faz agora, expressando a opinião de Putney sobre os filhos da puta dos *Bolina*: Henrique trepa com a mãe, bom para ele. Ele trepa com a irmã, e para que mais serve um rei? Mas em algum ponto tem que parar. Não somos bestas do mato. Sion chama Ana de cascavel, de salamandra sebosa do esgoto, e ele recorda como o cardeal se referia a ela: minha viperina inimiga. Sion diz, ela trepa com o irmão, ao que ele responde, quê? Com o irmão George?

“Com qualquer irmão dela. Essa gente faz tudo em família. Eles conhecem uns truques franceses podres, como...”

“Dá para baixar a voz?” Ele olha em torno, como se houvesse espiões nadando junto ao barco.

“... e é assim que ela sabe que não vai acabar dando para Henrique, porque se ela deixa o rei fazer e ganha um moleque, ele vai falar, muito obrigado, agora suma, menina... Então ela fica, ai, vossa majestade, eu não posso permitir, porque ela sabe que naquela mesma noite o irmão vai meter nela e vai lhe chupar até os pulmões, e depois, perdão, irmã, o que eu faço com esse pacotão, e ela, ah, não se preocupe, senhor meu irmão, enfie pela porta dos fundos, aí não vai dar nenhum problema.”

Obrigado, ele responde, eu não fazia a menor ideia de como eles se arranjavam...

Os garotos entenderam cerca de uma palavra em cada três. Sion ganha uma gorjeta. Reencontrar a imaginação de Putney não tem preço. Ele há de recordar com apreço o sorrisinho afetado que Sion imitou: muito diferente da verdadeira Ana.

Mais tarde, em casa, Gregory diz: “As pessoas podem falar dessa maneira? E receber dinheiro por isso?”.

“Ele estava dizendo o que pensa.” Ele dá de ombros. “Então, se você quer saber o que as pessoas pensam...”

“Me-Chame-Risley tem medo do senhor. Ele disse que, quando estava voltando de Chelsea com o secretário-mor, o senhor ameaçou atirar Gardiner para fora da sua própria barca e afogá-lo.”

Essa não é exatamente a lembrança que ele tem daquela conversa.

“E Me-Chame achou que eu faria isso?”

“Sim. Ele acha que o senhor é capaz de tudo.”

No Ano-Novo, ele deu a Ana como presente um jogo de garfos de prata com cabos de cristal de quartzo. Ele espera que ela os use para comer, e não para espetar os outros.

“De Veneza!” Ana fica contente. Ela ergue os garfos, para que os cabos se fragmentem e reflitam a luz.

Ele traz outro presente, para que ela passe adiante. Está embalado num lenço de seda azul-celeste. “É para a mocinha que sempre chora.”

Ana fica ligeiramente boquiaberta. “Não está sabendo?” Seus olhos faíscam com uma alegria negra. “Venha cá, vou falar no seu ouvido.” Seu rosto roça no dele. Sua pele é discretamente perfumada: âmbar, rosas. “Conhece Sir John Seymour? Nosso querido Sir John? O *velho* Sir John, como as pessoas o chamam?” Sir John talvez não seja nem doze anos mais velho que ele próprio, mas a amabilidade gera uma aparência de envelhecimento; e já que seus filhos Edward e Tom são agora jovens ativos na corte, ele realmente dá a impressão de ter se aposentado. “Agora

entendemos por que ele nunca aparece”, murmura Ana. “Agora que sabemos o que ele faz no campo.”

“Eu pensei que ele caçava.”

“Sim, e sua presa era Catherine Fillol, a esposa de Edward. Eles foram surpreendidos no ato, mas não consegui descobrir onde, se na cama dela ou na dele, ou num bosque, ou num celeiro de feno... Sim, certamente fazia frio, mas eles se esquentavam juntos. E agora Sir John confessou tudo, de homem para homem. Disse na cara do filho que, desde o casamento, ele se deita com a nora todas as semanas, ou seja, faz mais ou menos dois anos e, digamos, seis meses, portanto...”

“Pode-se arredondar para cerca de cento e vinte vezes, supondo que eles se abstinham nas principais festas...”

“Adúlteros não param na Quaresma.”

“Mesmo? E eu aqui achando que paravam.”

“Ela teve dois filhos, portanto descontemos o resguardo do parto... E são meninos, o senhor sabe. Assim, Edward ficou...” Ele consegue imaginar como Edward ficou. Aquele perfil de águia imaculada. “Ele deserdará os meninos. Serão considerados bastardos. Ela, Catherine Fillol, será enviada a um convento. Acho que ele deveria enfiá-la numa jaula! Ele pede uma anulação. E quanto ao querido Sir John, imagino que não o veremos tão cedo na corte.”

“Por que estamos sussurrando? Eu devo ser a última pessoa de Londres a saber disso.”

“O rei não sabe. E o senhor entende como Henrique é decoroso. Portanto, se alguém tem que aparecer diante dele fazendo piadas sobre o assunto, que não seja nenhum de nós dois.”

“E a filha? Jane, não?”

Ana abafa uma risada. “A cara de coalhada? Voltou para Wiltshire. Sua melhor decisão seria seguir a cunhada para o convento. A irmã Lizzie casou bem, mas ninguém quer casar com a moleirona, e agora ninguém vai casar mesmo.” Os olhos dela

recaem sobre o presente; ela pergunta, subitamente ansiosa, enciumada: “O que é?”.

“Apenas um livro de pontos de bordado.”

“Que não seja nada exigente demais para os miolos dela. Por que o senhor lhe mandaria um presente?”

“Sinto pena dela.” E mais agora, claro.

“Ah. O senhor não gosta dela, gosta?” A resposta correta é não, minha senhora Ana, eu só gosto de você. “Ademais, é apropriado que o senhor mande um presente a ela?”

“Não é o mesmo que mandar contos de Boccaccio.”

Ela ri. “Eles têm uma ou outra história a contar a Boccaccio, aqueles pecadores de Wolf Hall.”

Thomas Hitton, um padre, foi queimado assim que fevereiro acabou; ele foi aprisionado por Fisher, bispo de Rochester, por contrabandear as Escrituras de Tyndale. Algum tempo depois, ao se erguerem da frugal mesa do bispo, doze convidados desabaram, vomitando, rijos de dor, e foram levados, pálidos e quase sem pulso, às camas e aos cuidados dos médicos. O dr. Butts disse que a sopa foi a causa; segundo testemunho dos servos, foi o único prato em comum a todos.

Há venenos que a própria natureza desenvolve e, antes de começar a torturar o cozinheiro do bispo, ele teria visitado as cozinhas e passado uma concha pela caldeira. Contudo, ninguém mais duvida de que houve um crime.

Logo o cozinheiro admite que adicionou ao caldo um pó branco, que alguém lhe deu. Quem? Só um homem. Um estranho que disse que dar um purgante a Fisher e seus convivas seria uma boa piada.

O rei está enfurecido: ira e medo. Ele culpa os hereges. O dr. Butts, balançando a cabeça, puxando o lábio inferior, diz que veneno é o maior medo de Henrique, mais que o próprio inferno.

Quem despejaria veneno no jantar de um bispo porque um estranho diz que seria engraçado? O cozinheiro não diz mais nada,

ou talvez tenha chegado a um estágio em que não pode mais falar. Ou seja, ele diz a Butts, o interrogatório foi mal conduzido, e eu me pergunto por quê. O médico, um homem que ama o Evangelho, ri tristemente e comenta: “Se quisessem que o homem falasse, deveriam ter convocado Thomas More”.

Corre o boato de que o lorde chanceler se tornou um mestre das artes gêmeas de esticar e esmagar os servos do Senhor. Quando hereges são aprisionados na Torre, ele assiste enquanto a tortura é aplicada. Há relatos de que, em sua guarita em Chelsea, ele mantém os suspeitos nos troncos enquanto lhes inflige tormentos e pregação: o nome do impressor, o nome do capitão do navio que trouxe esses livros para a Inglaterra. Dizem que ele usa o açoite, as algemas e o aparelho de tortura que chamam de cegonha. É um mecanismo portátil, no qual um homem é dobrado, joelhos contra o peito, com um aro de ferro às costas; através de um parafuso, o aro é apertado até quebrar as costelas. É preciso engenhosidade para evitar que o homem sufoque: pois, se sufocar, tudo que ele sabe estará perdido.

Durante a semana seguinte, dois convivas morrem; o bispo Fisher se recupera. É possível, ele pensa, que o cozinheiro de fato tenha falado mais alguma coisa, mas aquilo que ele disse não se destina aos ouvidos dos súditos comuns.

Ele vai visitar Ana. Como um espinho entre duas rosas, ela está sentada entre a prima Mary Shelton e Jane, sua cunhada, Lady Rochford. “Milady, sabia que o rei inventou uma nova forma de morte para o cozinheiro de Fisher? Ele será fervido vivo.”

Mary Shelton engasga e cora como se tivesse levado um beliscão de algum galante. Jane Rochford rosna, “*Vere dignum et justum est, aequum et salutare*”. Ela traduz para Mary: “Adequado”.

O rosto de Ana não exhibe expressão alguma. Mesmo um homem letrado como Thomas Cromwell não consegue encontrar nada ali

para ler. “Como vão fazer isso?”

“Não perguntei sobre os mecanismos. Quer que eu investigue? Acho que o processo envolve içá-lo por correntes, para que a multidão possa ver sua pele se soltando e ouvir seus gritos.”

Justiça seja feita a Ana, se alguém se aproximasse dela e dissesse, você será fervida, ela provavelmente daria de ombros: *c’est la vie*.

Por um mês, Fisher fica de cama. Quando ele se levanta e aparece em público, parece um cadáver ambulante. A intercessão dos anjos e santos não foi o bastante para curar suas moléstias intestinais e devolver a carne a seus ossos.

São dias de verdade brutal, saída das páginas de Tyndale. Não espere que os santos ajudem você ou seus amigos: eles não irão protegê-los. Também não podem ajudá-los a alcançar a salvação. Você não pode convencê-los a trabalhar em seu benefício, em troca de preces e velas, como se fossem camponeses contratados para a colheita. O sacrifício de Cristo ocorreu no Calvário; não volta a ocorrer na missa. Os padres não podem ajudar você a ir para o céu; você não precisa de um padre entre você e Deus. Seus próprios méritos não podem salvá-lo: apenas os méritos do Cristo vivo.

Março: Lucy Petyt, cujo esposo é um merceeiro e membro dos Comuns, vem visitá-lo em Austin Friars. Ela veste pele de ovelha negra — importada, aparentemente — e um modesto vestido de lã cinza; Alice recebe as luvas da visitante e sorrateiramente desliza um dedo para avaliar o forro de seda. Ele se ergue de sua mesa e toma as mãos de Lucy, conduzindo-a para junto do fogo e servindo-lhe uma taça de vinho temperado e aquecido. Mãos trêmulas, ela segura a taça e diz: “Eu gostaria que John tivesse isso. Esse vinho. Esse fogo”.

Nevava na manhã da incursão no Lion’s Quay, mas logo um sol invernal se elevou, clareando as vidraças e talhando em profundo relevo as salas forradas das casas da cidade, ravinas de sombras e frios córregos de luz. “É isto que não consigo tirar da cabeça, o frio”,

diz Lucy. E o próprio More, o rosto aninhado entre peles, parado à porta com seus lacaios, pronto para vasculhar o depósito e os aposentos privados. “Eu fui a primeira a recebê-lo”, ela diz, “e o mantive ocupado com agrados; eu exclamei, meu querido, aqui está o lorde chanceler, em missão parlamentar.” O vinho aflora ao rosto de Lucy e solta sua língua. “Eu falava o tempo todo, já tomou seu desjejum, senhor, tem certeza?, e meus criados passavam na frente dele, para cá e para lá, impedindo seus movimentos.” Ela solta uma risadinha sem alegria, plangente. “E durante todo o tempo, John ocultava seus papéis atrás de um painel...”

“Você fez bem, Lucy.”

“Quando eles subiram ao segundo andar, John já estava pronto para More: Ah, lorde chanceler, seja bem-vindo a minha humilde casa. Mas, pobrezinho, John deixara cair seu Testamento sob a escrivaninha, meu olhar pousou direto no livro, eu me pergunto se os olhos deles não seguiram os meus.”

A busca de uma hora não revelou coisa alguma; assim, o chanceler disse: tem certeza, John, de que não possui algum desses novos livros? Pois fui informado de que possui. (E o Tyndale ali, como uma mancha de veneno no piso.) Não sei quem poderia ter dito semelhante coisa, retrucou John Petyt. Eu tive orgulho dele, conta Lucy, estendendo a taça para receber mais vinho, fiquei orgulhosa porque ele respondeu à altura. More disse: É verdade que hoje não encontrei coisa alguma, mas você será levado pelos meus homens. Senhor tenente, pode escoltá-lo?

John Petyt não é jovem. Por ordens de More, ele dorme num colchão de palha disposto sobre a laje; visitantes são admitidos apenas para que levem a seus vizinhos a notícia do estado terrível em que o prisioneiro se encontra. “Mandamos comida e roupas quentes”, diz Lucy, “mas foram devolvidos por ordens do lorde chanceler.”

“Há uma tarifa para subornos. Pague aos carcereiros. Precisa de dinheiro vivo?”

“Se precisar, virei procurá-lo.” Ela põe a taça na mesa. “Ele não pode aprisionar todos nós.”

“Ele tem prisões suficientes.”

“Para corpos, sim. Mas o que são corpos? Ele pode levar nossos bens, mas Deus nos dará prosperidade. Ele pode fechar as livrarias, mas ainda haverá livros. Eles têm seus velhos ossos, seus santos de vidro nas janelas, suas velas e altares, mas Deus nos deu a imprensa.” Lucy tem as faces afogueadas. Ela baixa os olhos para os desenhos sobre a mesa. “O que são estes desenhos, mestre Cromwell?”

“São projetos para o meu jardim. Pretendo comprar algumas casas aqui nos fundos, eu quero a terra.”

Ela sorri. “Um jardim... É a primeira coisa prazerosa de que ouço falar há muito.”

“Espero que a senhora e John nos visitem e desfrutem dele.”

“E isso... Deseja construir uma quadra de tênis?”

“Se eu conseguir a terra. E aqui, está vendo? Quero cultivar um pomar.”

Lágrimas assomam aos olhos de Lucy. “Fale com o rei. Nós contamos com o senhor.”

Ele ouve um passo: de Johane. Lucy leva a mão à boca. “Deus me perdoe... Por um momento, eu a confundi com sua irmã.”

“É um erro comum”, responde Johane. “E às vezes persistente. Senhora Petyt, sinto muito em ouvir que seu esposo está na Torre. Mas os senhores trouxeram essa desgraça para si mesmos. Foram os primeiros a lançar calúnias contra o falecido cardeal. Agora, imagino que gostariam que ele estivesse de volta.”

Lucy se retira sem uma palavra, apenas um longo olhar sobre o ombro. Ele ouve Mercy cumprimentando a visita fora da sala; de Mercy ela conseguirá uma palavra mais fraterna. Johane se aproxima do fogo e aquece as mãos. “O que Lucy pensa que você pode fazer por ela?”

“Falar com o rei. Ou com Lady Ana.”

“E fará isso? Não faça, não faça isso.” Johane enxuga uma lágrima com o nó do dedo; Lucy a perturbou. “More não vai torturar Petyt. A história vai correr e a cidade não suportaria isso. Contudo, talvez ele morra de qualquer maneira.” Johane ergue os olhos para ele. “Sabe, ela é bastante velha, Lucy Petyt. Não deveria usar cinza. Viu como as bochechas estão murchas? Ela não terá mais filhos.”

“Entendi o ponto.”

Johane cerra a mão na saia. “Mas, e se acontecer? E se More torturá-lo? E ele der nomes?”

“Que me importa isso?” Ele desvia o rosto. “More já sabe meu nome.”

Ele e Lady Ana conversam. Ela pergunta: o que posso fazer?, e ele responde: a senhora sabe como agradar o rei, imagino. Ela ri, e diz, como é? Minha virgindade por um merceeiro?

Quando pode, ele fala com o rei, mas Henrique lhe devolve um olhar indiferente e diz: o lorde chanceler sabe o que faz. Ana comenta, eu tentei. Como sabe, fui eu mesma quem pôs o livro de Tyndale nas mãos de Henrique, em suas régias mãos; o senhor acha que Tyndale poderia voltar a este reino? Houve negociações no inverno; cartas cruzaram o canal. Na primavera, Stephen Vaughan, contato dele na Antuérpia, marcou um encontro: à noite, sob o véu da escuridão, num campo fora dos muros da cidade. Com a carta de Cromwell entregue em suas mãos, Tyndale chorou: eu quero voltar para casa, ele disse, estou farto disso, perseguido de cidade em cidade, de casa em casa. Quero voltar e, se o rei apenas disser sim, e se disser sim para as Escrituras em nosso idioma natal, ele poderá escolher seu próprio tradutor, eu jamais escreverei novamente. Ele pode fazer de mim o que quiser, me torturar ou me matar, mas deixe que o povo da Inglaterra ouça o Evangelho.

A isso, Henrique não respondeu “não”. Ele jamais disse não. Embora a tradução de Tyndale e todas as outras estejam banidas, talvez um dia ele permita uma tradução de um erudito de sua

própria escolha. Como poderia fazer menos que isso? Ele quer agradar Ana.

Mas começa o verão e ele, Cromwell, sabe que chegou ao limite e agora precisa traçar seu caminho de volta. Henrique é tímido demais; Tyndale, demasiado intransigente. Suas cartas a Stephen agora têm uma nota de pânico: abandonar o navio. Ele não pretende se sacrificar à truculência de Tyndale; por Deus, ele pensa, eles se merecem, More, Tyndale, essas mulas que passam por homens. Tyndale não se pronunciará em favor do divórcio de Henrique; aliás, nem o monge Lutero. Seria de imaginar que eles sacrificariam um pequeno ponto de princípio para fazer amizade com o rei da Inglaterra: mas não.

E quando Henrique indaga, “Quem é esse Tyndale para me julgar?”, Tyndale replica de pronto, rápido como um boato: qualquer cristão pode julgar outro.

“Um gato pode olhar para um rei”, ele diz. Aninhando Marlinspike nos braços, ele conversa com Thomas Avery, o rapaz a quem está ensinando seu ofício. Avery passou algum tempo morando com Stephen Vaughan, para aprender os costumes dos comerciantes no continente, mas qualquer barco pode trazê-lo a Austin Friars, com sua pequena bolsa e, dentro dela, um colete de lã e umas poucas camisas. Quando ele entra na casa, fazendo estardalhaço, ele chama por Mercy, Johane e as meninas, para quem traz doces e novidades dos mercadores de rua. Distribui soquinhos em Richard, Rafe e, quando ele está por perto, em Gregory, como se para dizer, estou de volta, mas sempre conservando sua bolsa bem enfiada debaixo do braço.

O rapaz o acompanha até o escritório. “Mestre, nunca sentiu saudade de casa quando fazia suas viagens?”

Ele dá de ombros: se eu tivesse uma casa, imagino que sentiria. Ele põe o gato no chão e abre a bolsa. Com o dedo, pesca um fio de contas de rosário; é para disfarçar, diz Avery, e ele responde: bom garoto. Marlinspike salta para a escrivaninha; o gato espia a bolsa,

tateando com uma pata. “Os únicos ratos aí dentro são feitos de açúcar.” O rapaz puxa as orelhas do gato, brinca com ele. “Não temos nenhum bichinho na casa de mestre Vaughan.”

“Stephen só pensa em trabalho. E virou um homem muito severo.”

“Ele costuma dizer: Thomas Avery, a que horas chegou na noite passada? Já escreveu para seu amo? Foi à missa? Como se ele se importasse com a missa! A única coisa que não pergunta é se minha barriga está bem.”

“Na próxima primavera, pode voltar para casa.”

Enquanto falam, ele desenrola o colete. Com uma sacudidela, ele o vira do avesso e começa a desfazer uma costura com a tesoura.

“Bons pontos... Quem fez isso?”

O rapaz hesita; e cora. “Jenneke.”

Ele puxa o papel fino do forro do colete e o desdobra. “Ela deve ter bons olhos.”

“E tem.”

“E belos olhos também?” Ele ergue os seus, rindo. O garoto o olha no rosto. Por um momento, ele parece alarmado, e prestes a falar; depois baixa os olhos e desvia o rosto.

“Só estou caçoando, Tom, não leve tão a sério.” Ele está lendo a carta de Tyndale. “Se é uma boa moça, e da casa de Stephen, qual é o problema?”

“O que Tyndale diz?”

“Você trouxe sem ler?”

“Eu preferi não ler. Por precaução.”

Por precaução, caso acabe como hóspede de Thomas More. Ele ergue a carta na mão esquerda; a mão direita se fecha distraída num punho. “Que ele experimente chegar perto dos meus. Vou arrastá-lo pelo pátio de Westminster e bater aquela cabeça no calçamento até enfiar nela alguma noção sobre o amor de Deus e o que ele significa.”

O rapaz sorri e se joga numa banquetta. Ele, Cromwell, volta a ler a carta. “Tyndale diz não acreditar que poderá voltar um dia, nem se Lady Ana se tornar rainha... um projeto para o qual ele não move uma palha, devo acrescentar. Ele diz que não confiará num salvo-conduto, mesmo que assinado pelo próprio rei, enquanto Thomas More estiver vivo e no cargo, porque More afirma que não é necessário cumprir uma promessa feita a um herege. Pode ler se quiser. Nosso lorde chanceler não respeita nem a ignorância nem a inocência.”

O garoto se retrai, mas pega o papel. Mundo terrível este, onde as promessas não são cumpridas. Ele indaga, gentilmente: “Diga-me, quem é Jenneke? Quer que eu escreva ao pai dela em seu favor?”.

“Não.” Avery ergue os olhos, alarmado; ele está com o cenho franzido. “Não, ela é uma órfã. Mestre Vaughan se encarregou da sua criação. Todos estamos ensinando inglês a ela.”

“Nenhum dote para você, então?”

O rapaz parece confuso. “Imagino que Stephen dará um dote a ela.”

O dia está cálido demais para a lareira. É muito cedo para acender velas. Ele rasga a carta de Tyndale, em vez de queimá-la. Marlinspike mastiga um fragmento da carta com as orelhas eretas. “Irmão gato”, brinca ele. “Ele sempre amou as Escrituras.”

Scriptura sola. Só o Evangelho guia e consola. De nada serve rezar para um tronco esculpido ou acender uma vela para um rosto pintado. Tyndale diz que “evangelho” significa “boas-novas”, significa cantar, significa dançar: dentro de certos limites, claro. Thomas Avery pergunta: “Posso mesmo voltar para casa na próxima primavera?”.

Na Torre, John Petyt recebeu permissão para dormir numa cama; contudo, não há a menor chance de que ele volte para casa no Lion’s Quay.

Cranmer lhe disse durante uma conversa na noite passada: santo Agostinho diz que não precisamos nos perguntar onde fica nossa casa, porque, no fim, sempre voltamos ao nosso lar em Deus.

A Quaresma drena os espíritos, e, claro, foi inventada para isso. Ao visitar Ana, ele encontra o rapaz Mark inclinado sobre o alaúde, dedilhando um tema lamurioso; quando passa, ele dá um peteleco na cabeça do músico. “Não dá para tocar algo mais animado?”

Mark quase cai de sua banquetta. Ele sente que essas pessoas vivem em transe, vulneráveis a qualquer susto, a emboscadas. Acordando de seus devaneios, Ana pergunta: “O que o senhor acabou de fazer?”.

“Acertei Mark. Com apenas”, ele demonstra, “um único dedo.”

“Mark? Quem? Ah. É esse o nome dele?”

Nesta primavera, 1531, ele se compromete a ficar alegre. O cardeal era um grande resmungão, mas sempre se queixava de uma forma divertida. Quanto mais Wolsey reclamava, mais otimista ficava seu braço direito Cromwell; o trato era esse.

O rei também gosta de se lamuriar: diz que tem dores de cabeça; que o duque de Suffolk é estúpido; que o tempo está quente demais para esta época do ano; que o país está caminhando para o buraco. Ele também sente ansiedade; tem medo de feitiços, de gente que pense mal a seu respeito de maneiras específicas ou vagas. Quanto mais angustiado fica o rei, mais tranquilo fica seu novo funcionário, mais esperançoso, mais firme. E quanto mais o rei briga e reclama, mais seus petiçãoários buscam a companhia de Cromwell, tão infalível em sua afável cortesia.

Em casa, Jo se aproxima dele, parecendo preocupada. Agora ela é uma menina crescida, com uma seriedade de mulher, uma leve ruga na testa que a mãe Johane também tem. “Senhor, como devemos pintar nossos ovos de Páscoa?”

“Como pintaram no ano passado?”

“Em todos os anos anteriores desenhávamos barretes nos ovos, como os do cardeal.” Ela observa o rosto dele, tentando lê-lo, em busca do efeito de suas próprias palavras; é algo que ele próprio costuma fazer, assim mesmo, e ele pensa: não só nossos filhos são nossos filhos. “Fizemos mal?”

“Nem um pouco. Eu ficaria contente em saber. Teria levado um deles para o cardeal, ele apreciaria.”

Jo põe a mãozinha delicada na palma do tio. Ainda é uma mão de criança, a pele arranhada sobre as articulações, as unhas roídas. “Agora eu sou conselheiro do rei”, ele diz. “Se quiser, pode pintar coroas.”

Essa loucura com a mãe dela, essa prolongada loucura, tem de acabar. Johane também sabe disso. Ela costumava inventar desculpas para estar onde ele estava. Mas agora, se ele está em Austin Friars, ela fica na casa de Stepney.

“Mercy sabe”, murmura Johane ao passar por ele.

O que surpreende é que tenha levado tanto tempo, mas há uma lição aqui; ele acha que as pessoas estão sempre vigiando, mas é a culpa, é ela que faz você saltar de susto quando vê uma sombra. Contudo, Mercy finalmente descobre que tem olhos na cabeça e uma língua para falar, e escolhe um momento em que pode ficar a sós com ele. “Fiquei sabendo que o rei achou uma forma de contornar ao menos um dos seus obstáculos. Isto é, a dificuldade de como se casar com Lady Ana quando teve a irmã, Maria, na sua cama.”

“Nós nos cercamos das melhores orientações”, ele responde, tranquilo. “Por recomendação minha, o dr. Cranmer foi a Veneza para consultar um ilustre corpo de rabinos e tomar opiniões sobre o significado das antigas Escrituras.”

“Quer dizer que não é incesto? Só é incesto quando o homem realmente é casado com uma das irmãs?”

“É o que dizem os teólogos.”

“Quanto custou isso?”

“O dr. Cranmer não saberia dizer. Os padres e estudiosos vão à mesa de negociação, e depois algum homem menos religioso chega com uma bolsa de dinheiro. Eles não têm que se encontrar pessoalmente, na entrada ou na saída.”

“Isso não ajuda seu caso em nada”, diz ela bruscamente.

“Não há solução para o meu caso.”

“Ela quer falar com você. Johane.”

“O que há para dizer? Todos sabemos...” Todos sabemos que essa história não pode dar em nada. Até porque o esposo de Johane, John Williamson, ainda anda tossindo por aí: eles dois viviam atentos a isso, tanto aqui quanto em Stepney, para o chiado anunciativo numa escadaria ou no quarto ao lado; uma coisa se pode dizer de John Williamson, ele nunca pegará ninguém de surpresa. O dr. Butts recomendou o ar do campo e manter distância de vapores e fumaça. “Foi um momento de fraqueza”, ele diz. E depois... o quê? Outro momento. “Deus vê tudo. É o que me dizem.”

“Precisa ouvi-la.” Quando se volta para ele, o rosto de Mercy está incandescente. “Deve isso a ela.”

“Do meu ponto de vista, parece coisa do passado.” A voz de Johane é incerta; com uma ligeira torção dos dedos, ela ajusta o capuz em meia-lua e joga o véu, uma nuvem de seda, sobre o ombro. “Por um longo tempo, não compreendi que Liz estava morta. Eu esperava vê-la entrando um dia.”

Para ele, era uma constante tentação cobrir Johane de belas roupas, e ele resolveu o problema, como Mercy diz, atirando dinheiro aos ourives e tecelões de Londres, de modo que as mulheres de Austin Friars se tornaram proverbiais entre as esposas da cidade, que dizem por trás das mãos (mas com um murmúrio reverente, quase uma genuflexão), Deus do céu, Thomas Cromwell, o dinheiro deve entrar como a graça de Deus.

“O que penso agora”, Johane diz, “é que o que fizemos, porque ela morreu, porque estávamos chocados, porque estávamos tristes,

agora temos que deixar para trás. Isto é, ainda estamos tristes. Sempre estaremos tristes.”

Ele a compreende. Liz faleceu em outra era, quando o cardeal ainda vivia em sua pompa e ele era seu braço direito. Johane diz: “Se você quiser se casar, Mercy tem uma lista. Mas, provavelmente, você já tem sua própria lista. E nela não há nenhuma conhecida nossa. Claro, se John Williamson tivesse... Que Deus me perdoe, mas a cada inverno penso que será o último para ele. Nesse caso, claro, sem dúvida, quero dizer... Tão logo, Thomas, tão logo a decência permitisse, e não dando as mãos sobre o caixão dele... Mas, mesmo assim, a Igreja não permitiria. A lei não permitiria”.

“Nunca se sabe”, ele responde.

Johane joga as mãos no ar e as palavras se derramam. “Dizem que sua intenção, que o que pretende é derrubar os bispos e tornar o rei chefe da Igreja e tirar os rendimentos de sua santidade e entregá-los a Henrique, para que ele depois possa ditar a lei que quiser e despachar sua esposa se quiser, e se casar com Lady Ana, e ele dirá o que é pecado e o que não é, e quem pode casar com quem. E a princesa Maria, Deus a proteja, será uma bastarda, e, depois de Henrique, o próximo rei será qualquer criança que aquela dama der a ele.”

“Johane... quando o Parlamento se reunir de novo, você não gostaria de aparecer e dizer a eles o que acabou de falar? Isso nos pouparia muito tempo.”

“Você não pode”, ela exclama, abismada. “Os Comuns não votarão a favor disso. Os lordes também não. O bispo Fisher não permitirá. O arcebispo Warham. O duque de Norfolk. Thomas More.”

“Fisher está doente. Warham está velho. Norfolk, ele me disse outro dia mesmo, com o perdão da má palavra: ‘Estou cansado de combater sob o estandarte do lençol sujo de sangue de Catarina, e se Artur a usou, ou se não pôde usar, estou cagan... quem se importa agora?’. Ele se apressa em alterar as palavras

extremamente rudes do duque. “Abram caminho para minha sobrinha Ana, disse ele, e ela dará o pior de si.”

“O que seria o pior de Ana?” Johane está boquiaberta; as palavras do duque vão rolar pela Gracechurch Street, correr para o rio e cruzar a ponte, até passar de boca em boca, como pústulas, entre as senhoritas maquiadas de Southwark; pois assim são os Howard, assim são os Bolena; com ou sem ele, a notícia do caráter de Ana chegará a Londres e ao mundo.

“Ela provoca o temperamento do rei”, explica ele. “Henrique reclama que nunca na sua vida Catarina se dirigiu a ele como Ana faz. Norfolk diz que ela usa um linguajar com o rei que ninguém usaria nem com um cão.”

“Jesus! Por que será que ele não manda açoitá-la?”

“Talvez ele acabe mandando, quando estiverem casados. Veja bem, se Catarina retirasse seu processo de Roma e admitisse o julgamento do caso na Inglaterra, ou se o papa aceitasse os desejos do rei, então tudo isso... tudo que você disse, não aconteceria, seria apenas...” A mão dele faz um ligeiro movimento de retirada, como se estivesse enrolando um pergaminho. “Se Clemente se aproximasse da sua mesa certa manhã, ainda não tão desperto, e assinasse com a canhota algum pedaço de papel que não leu, bem, quem poderia culpá-lo? Depois eu o deixaria, nós o deixaríamos em paz, de posse dos seus rendimentos, de posse da sua autoridade, pois agora Henrique só quer uma coisa, e essa coisa é Ana na sua cama; mas o tempo passa e, acredite em mim, ele está começando a pensar em outras coisas que talvez venha a querer.”

“Sim. Como mandar em tudo.”

“Ele é um rei. Está habituado a isso.”

“E se o papa continuar teimando?”

“Terá que suplicar pelos seus rendimentos.”

“O rei vai tirar o dinheiro do povo cristão? O rei é rico.”

“É aí que você se engana. O rei é pobre.”

“Ah. Ele sabe disso?”

“Não sei se ele sabe de onde vem seu dinheiro, ou para onde vai. Enquanto meu lorde cardeal estava vivo, nunca faltou ao rei uma só joia no seu chapéu, ou um cavalo, ou uma bela casa. Henry Norris cuida das finanças pessoais do rei, mas, além disso, ele tem demasiado controle sobre as receitas para o meu gosto. Henry Norris”, ele explica antes que ela tenha chance de perguntar, “é a maldição da minha vida.” Ele não acrescenta: Henry Norris sempre está com Ana quando preciso vê-la a sós.

“Suponho que, se ele precisar jantar, pode vir aqui. Não esse tal Henry Norris. Eu falo de Henrique, nosso miserável rei.” Johane se levanta; ela se vê no espelho e se esconde, como se tivesse vergonha do próprio reflexo, e recompõe seu rosto numa expressão mais leve, mais curiosa e desapegada, menos pessoal; ele percebe quando ela faz isso, erguendo uma fração de suas sobrancelhas, curvando o canto dos lábios. Eu poderia pintá-la, ele pensa; se tivesse a habilidade. Eu a observei por tanto tempo; mas observar não traz os mortos de volta; quanto mais fixamos o olhar, mais para longe eles se vão. Ele jamais imaginou que Liz Wykys estivesse sorrindo lá no céu ao ver o que ele andou fazendo com a irmã dela. Não, ele pensa, o que eu fiz foi empurrar Liz para as sombras; e agora algo volta à sua lembrança, algo que Walter disse certa vez: ele disse que sua mãe costumava fazer as preces a uma santinha esculpida que veio em sua trouxinha quando ela chegou do Norte ainda jovem, e que ela virava a santinha de costas antes de ir para a cama com ele. Walter dissera: Deus do céu, Thomas, era a porra da santa Felicidade, se não me engano, e na noite em que fiz você, ela tinha a cara virada para a parede, tenho certeza.

Johane passeia pela sala. É um salão amplo e cheio de luz. “Todas essas coisas”, diz ela, “essas coisas que temos agora. O relógio. Aquele baú novo que você mandou Stephen enviar de Flandres, aquele com os entalhes de pássaros e flores. Escutei com meus próprios ouvidos, quando disse a Thomas Avery, ah, diga a Stephen que quero o baú, não importa o preço. Todas essas

imagens pintadas de gente que não conhecemos, todos esses, não sei o quê, alaúdes e livros de música, jamais tivemos nada disso antes. Quando eu era menina, nunca me olhava no espelho, mas agora me vejo todos os dias. E um pente, você me deu um pente de marfim. Nunca tive um pente só meu. Liz costumava trançar meu cabelo e enfiá-lo sob a touca, e depois eu trançava o cabelo dela; se não estivéssemos arrumadas como deveríamos, logo alguém nos dizia.”

Por que somos tão apegados às severidades do passado? Por que nos orgulhamos tanto de ter suportado nossos pais e nossas mães, os dias sem lareira e os dias sem carne, os invernos gelados e as línguas afiadas? Até parece que tínhamos escolha. Mesmo Liz: certa manhã, quando os dois eram jovens, Liz o viu pondo a camisa de Gregory para esquentar junto ao fogo e disse com rigor: não faça isso, senão ele vai querer a mesma coisa todos os dias.

“Liz... Isto é, Johane...”

A expressão dela significa: você faz isso com frequência demais.

“Eu quero ser bom para você. Diga-me, o que posso lhe dar.”

Ele espera que ela grite, como as mulheres fazem, acha que pode me comprar!, mas ela não grita, ela ouve, e ele pensa que Johane está em transe, o rosto concentrado, os olhos nos dele, enquanto ela ouve a sua teoria sobre o que o dinheiro pode comprar. “Houve um homem em Florença, um frei, Fra Savonarola, ele induziu toda a gente a pensar que a beleza era um pecado. Ainda hoje algumas pessoas acreditam que ele era um feiticeiro e que, por um tempo, o povo da cidade esteve dominado por seus sortilégios; eles acenderam fogueiras na rua e queimaram tudo que apreciavam, tudo que tinham feito ou trabalhado para comprar, rolos de seda, lençóis que as mães tinham bordado para seus enxovais, livros de versos escritos pela própria mão do poeta, promissórias e testamentos, listas de arrendamentos, títulos, cães e gatos, as camisas que vestiam, os anéis dos seus dedos, as mulheres atiravam os véus, e sabe o que foi pior, Johane? Elas jogaram seus

espelhos, para que não vissem seus rostos e para que não soubessem o quanto são diferentes das bestas do campo e das criaturas que ganiam na pira. E quando os espelhos já estavam derretidos, elas voltaram para as casas vazias, deitaram no chão porque haviam queimado as camas, e quando se levantaram no dia seguinte, sentiam dores pelo corpo devido ao chão duro e não havia mesa para o desjejum porque elas usaram a mesa para alimentar o fogo, e nenhum banco onde sentar porque os tinham feito em pedaços, e não havia pão para comer porque os padeiros atiraram as tigelas e o fermento e a farinha e as balanças no fogo. E sabe o que é pior? Eles estavam sóbrios. Na noite anterior, eles pegaram seus odres de vinho e...” Ele vira o braço, numa mímica de um homem atirando algo no fogo. “Portanto eles estavam sóbrios e suas mentes estavam lúcidas, mas eles olhavam em torno e não tinham nada para comer, nem para beber, nem onde sentar.”

“Mas isso não é o pior. Você disse que o pior foram os espelhos, não terem como ver a si mesmos.”

“Sim. Bem, pelo menos é o que eu acho. Espero sempre poder me olhar de frente. E você, Johane, sempre deveria ter um belo espelho para se ver. Pois é uma mulher que vale a pena admirar.”

Você poderia escrever um soneto, Thomas Wyatt poderia escrever um soneto para ela, e não alcançaria esse efeito... Ela desvia o rosto, mas através do fino filme do seu véu, ele vê que ela enrubesce. Pois as mulheres insistem: diga-me, diga algo, diga-me o que está pensando; e foi o que ele fez.

Eles se separam amigavelmente. Até conseguem fazê-lo sem uma última vez em nome dos velhos tempos. Não que estejam literalmente separados, mas agora vivem sob termos distintos. Mercy diz: “Thomas, mesmo quando estiver frio sob uma lápide, essa sua lábia vai levantá-lo da tumba”.

A casa está quieta, calma. O burburinho da cidade está trancado do outro lado do portão; ele manda trocar os cadeados, reforçar as correntes. Jo lhe traz um ovo de Páscoa. “Veja, nós guardamos um

para o senhor.” É um ovo branco sem qualquer pinta. Não haviam pintado nenhum traço em sua casca, mas havia um cacho de cabelo, cor de casca de cebola, despontando sob uma coroa inclinada. Você escolhe seu príncipe e sabe o que ele é: ou será que sabe mesmo?

Jo diz: “Minha mãe manda uma mensagem: diga ao seu tio que quero ganhar de presente uma taça feita com casca de ovo de grifo. É um leão com cabeça e asas de pássaro; ele está extinto agora, e o senhor não pode mais encontrá-lo”.

“Pergunte a ela de que cor ela quer.”

Jo planta um beijo na bochecha dele.

Ele olha para o espelho e todo o salão iluminado se reflete de volta: alaúdes, retratos, cortinados de seda. Em Roma havia um banqueiro chamado Agostino Chigi. Em Siena, de onde ele veio, diziam que Agostino era o homem mais rico do mundo. Um dia ele recebeu o papa, e o jantar foi servido em pratos de ouro. Depois ele viu o resultado — cardeais satisfeitos e esparramados, a bagunça que deixaram para trás, os ossos roídos e as espinhas de peixe, as conchas das ostras e as cascas de laranja — e disse, joguem tudo fora, poupemo-nos de lavar tudo isso.

Os convivas atiraram os pratos pelas janelas abertas direto no rio Tibre. A toalha de mesa manchada foi jogada logo em seguida; os guardanapos brancos voaram ao chão como gaivotas famintas mergulhando por restos de comida. Gargalhadas romanas se desdobraram pela noite.

Chigi mandara prender redes nas margens do rio e posicionara mergulhadores de prontidão para recuperar tudo o que foi jogado. Quando a aurora chegou, um alto funcionário de olho perspicaz se postou junto à margem e conferiu a lista, marcando com um alfinete cada item recuperado que voltava das profundezas.

1531: é o verão do cometa. Na longa noite, sob a curva da lua nascente e a luz do novo e estranho astro, vários cavalheiros de

vestes negras passeiam de braços dados no jardim, falando sobre salvação. Trata-se de Thomas Cranmer e Hugh Latimer, de padres e funcionários da casa de Ana, soltos e flutuando rumo a Austin Friars numa brisa de conversas teológicas: onde foi que a Igreja errou? Como podemos dirigi-la ao rumo correto de novo? “Seria um equívoco”, diz ele, observando-os da janela, “pensar que algum desses cavalheiros concorda com o outro em qualquer ponto de interpretação das Escrituras. Dê-lhes uma temporada longe de Thomas More e eles passarão a perseguir uns aos outros.”

Gregory está sentado numa almofada e brincando com sua cadela. Ele sacode uma pluma em seu focinho e ela espirra para diverti-lo. “Senhor”, pergunta ele, “por que suas cadelas sempre se chamam Bella e são sempre tão pequenas?”

Às costas dele, Nikolaus Kratzer, o astrônomo do rei, tem seu astrolábio, seus papéis e tintas diante de si sobre a mesa de carvalho. Ele baixa a pena e ergue os olhos. “Mestre Cromwell”, diz ele tranquilamente, “ou meus cálculos estão errados, ou o universo não é como pensávamos.”

“Por que os cometas são de mau agouro? Por que não são bons sinais? Por que prenunciam a queda e não a ascensão das nações?”

Kratzer é de Munique, um homem moreno que aparenta a idade, dono de uma boca comprida e bem-humorada. Ele frequenta a casa por causa da companhia, da conversa culta e de qualidade, parte dela em seu idioma natal. O cardeal fora seu patrono, e Kratzer fez para ele um belo relógio de sol em ouro. Quando o viu, a grande eminência corou de prazer. “Nove faces, Nikolaus! Sete a mais que o duque de Norfolk.”

No ano de 1456, houve um cometa como esse. Os estudiosos registraram, o papa Calisto o excomungou, e talvez ainda haja um ou dois velhos que o testemunharam. Foi dito que a cauda tinha a forma de um sabre, e naquele ano os turcos fecharam o cerco a Belgrado. É melhor anotar qualquer portento que os céus tenham a

oferecer; o rei busca os melhores conselhos. O alinhamento dos planetas em Peixes no outono de 1524 foi seguido por grandes guerras na Germânia, pelo surgimento da seita de Lutero, revoltas civis e a morte de cem mil súditos do imperador; além disso, três anos de chuvas. O saque a Roma foi anunciado nada menos que dez anos antes do evento, através de ruídos de batalha no ar e sob o solo: o embate de exércitos invisíveis, ferro se chocando contra ferro e gritos espectrais de homens em agonia. Ele não chegou a testemunhar esses portentos, pois não estava em Roma na ocasião, mas conheceu muitos homens que diziam ter um amigo que conhecia um homem que tinha ouvido aqueles estranhos sons.

“Bem, se você garantir que o cálculo dos ângulos está certo, posso revisar seus resultados”, diz ele.

“Dr. Kratzer, para onde vai o cometa, quando não o vemos?”, pergunta Gregory.

O sol declinou; o canto dos pássaros silencia; o aroma dos canteiros de ervas chega pela janela aberta. Kratzer está imóvel, um homem absorto em prece ou na pergunta de Gregory, olhos fixos em seus papéis, com os longos dedos nodosos reunidos. Lá embaixo, nos jardins, o dr. Latimer ergue os olhos e acena para ele. “Hugh está com fome. Gregory, chame nossos convidados para dentro.”

“Primeiro vou repassar os números.” Kratzer balança a cabeça. “Lutero diz que Deus está acima da matemática.”

Velas são trazidas para Kratzer. A madeira da mesa fica escura à noite, e nela a luz pousa como trêmulas esferas. Os lábios do acadêmico se movem, como os lábios de um monge rezando as Vésperas; números líquidos se derramam de sua pena. Ele, Cromwell, para à porta e os vê. Eles esvoaçam pela mesa, planam e se dissolvem nos cantos do salão.

Thurston chega aos tropeções da cozinha. “Às vezes eu tento entender o que certas pessoas acreditam que acontece por aqui! É

melhor darmos alguns jantares, ou vamos ficar arruinados. Todos esses cavalheiros caçando, e damas também, eles nos mandam carne suficiente para alimentar um exército.”

“Dê aos vizinhos.”

“Suffolk nos manda um cervo todo dia.”

“Monsieur Chapuys é nosso vizinho, ele não ganha muitos presentes.”

“E Norfolk...”

“Distribua nos portões dos fundos. Pergunte ao pároco quem tem fome.”

“Mas o problema é todo o trabalho! Esfolar, fazer os cortes!”

“Eu vou descer e dar uma mão, que tal?”

“O senhor não pode fazer isso!”, Thurston torce seu avental.

“Será um prazer.” Ele tira o anel do cardeal.

“Contenha-se! Contenha-se como um cavalheiro, senhor. Invente um processo, que tal? Escreva uma lei! O senhor precisa esquecer que já conheceu esses ofícios.”

Ele torna a se sentar com um pesado suspiro. “Nossos patronos estão recebendo cartas de agradecimento? Eu deveria assiná-las pessoalmente.”

“Eles não cessam de agradecer”, responde Thurston. “Uma dúzia de secretários escrevendo sem parar.”

“Você talvez precise de mais auxiliares de cozinha.”

“E o senhor, de mais escrevinhadores.”

Se o rei chama por ele, ele parte de Londres para onde quer que Henrique esteja. Em agosto ele se encontra entre um grupo de cortesãos que observam Ana, plantada numa poça de luz, vestida como Lady Marian e atirando flechas ao alvo. “William Brereton, bom dia”, diz ele. “Não está em Cheshire?”

“Sim. Apesar das aparências, estou.”

Eu pedi por essa resposta, conclui ele. “Imaginei apenas que estaria caçando na sua propriedade.”

Brereton fecha a cara. “E eu tenho que lhe dar satisfação dos meus movimentos?”

Em sua clareira verde, em suas verdes sedas, Ana rilha e se enfurece. O arco não a agrada. Num acesso de raiva, ela o atira na grama.

“Ana já era assim no berçário.” Ele se vira para encontrar Maria Bolena a seu lado: um palmo mais perto do que qualquer outra pessoa estaria.

“Onde está Robin Hood?” Ele mantém os olhos sobre Ana. “Eu trago despachos.”

“O rei não lerá nada antes do anoitecer.”

“Ele não estará ocupado?”

“Ana está vendendo a si mesma pedacinho por pedacinho. Todos os cavalheiros dizem que você é o conselheiro dela. Ela quer um presente em dinheiro por cada avanço acima do joelho.”

“Não é como a senhora, Maria. Só um empurrãozinho para trás e, boa menina, aqui estão seus quatro pence.”

“Bem. Sabe como é: quando são reis dando o empurrãozinho...” Ela ri. “Ana tem pernas bastante longas. Quando chegar à parte secreta, o rei já estará falido. As guerras francesas serão baratas, em comparação.”

Ana atira para longe outro arco oferecido pela srta. Shelton. Ela vai na direção da dupla pela grama. A touca dourada que segura seus cabelos cintila com pontos de diamante. “O que é isso, Maria? Outro assalto à reputação de mestre Cromwell?” Alguns risos se ouvem entre o grupo. “O senhor me traz alguma boa-nova?”, pergunta ela. Sua voz se abrandava, e também sua expressão. Ela pousa a mão no braço dele. As risadas cessam.

Num gabinete com vista para o norte, fora do clarão do sol, Ana diz: “Na verdade, eu tenho notícias para o senhor. Gardiner receberá Winchester”.

Winchester era o bispado mais rico de Wolsey; ele ainda tem todos os números na cabeça. “A promoção talvez o torne mais

amável.”

Ela sorri: uma torção da boca. “Não comigo. Stephen até trabalhou para se livrar de Catarina, mas ele preferiria que eu não a substituísse. Ele não faz segredo disso nem para Henrique. Eu gostaria que ele não fosse secretário. O senhor...”

“É muito cedo.”

Ela assente. “Sim. Talvez. Sabia que eles queimaram o Pequeno Bilney? Enquanto estávamos nos bosques, brincando de bandidos.”

Preso por pregar em campo aberto e por entregar páginas do Evangelho de Tyndale à plateia, Bilney foi levado ao bispo de Norwich. Ventava muito no dia em que ele foi queimado; o vento soprava as chamas para longe, e assim ele levou um longo tempo para morrer. “Thomas More disse que ele se arrependeu enquanto ardia.”

“Não foi o que ouvi das pessoas que testemunharam.”

“Ele era um tolo”, decreta Ana, enrubescida, profundamente irritada. “As pessoas deveriam dizer qualquer coisa para conservar a vida, até que venham tempos melhores. Isso não é pecado. O senhor não faria o mesmo?” Não é sempre que ele hesita dessa maneira. “Ora, vamos, o senhor já pensou a respeito.”

“Bilney se atirou ao fogo. Eu sempre disse que ele faria isso. Ele havia abjurado e foi solto, portanto, se fosse novamente preso, sabia que não haveria misericórdia.”

Ana baixa os olhos. “Como somos bem afortunados, por jamais esgotarmos a misericórdia de Deus.” Ela parece se sacudir de um devaneio, e estende os braços. Ela tem perfume de folhas verdes e lavanda. Ao crepúsculo, seus diamantes parecem frescos como gotas de chuva. “O Príncipe dos Ladrões deve estar em casa. Melhor partirmos para encontrá-lo.” Ana se apruma.

A colheita está chegando. As noites são violáceas e o cometa cintila acima dos campos cortados. Os caçadores recolhem os cães. Os veados estarão seguros depois da Exaltação da Santa Cruz. Quando ele era criança, essa era a época em que os meninos que

havam passado o verão soltos pela rua voltavam para casa e faziam as pazes com seus pais, aparecendo sorrateiramente numa festa da colheita, quando toda a paróquia estava bêbada. Já antes do Pentecostes eles viviam do lixo que catavam, fazendo truques de mendigo, montando arapucas para aves e coelhos para cozinhá-los em panelas de ferro, apavorando todas as meninas que viam e obrigando-as a voltar correndo para casa; em noites chuvosas e frias, eles se metiam em banheiros e celeiros para se aquecer, cantando e trocando enigmas e piadas. Quando a estação acabava, era hora de levar a caldeira de porta em porta e enaltecer seus méritos, para vendê-la. “Essa panela nunca fica vazia”, ele alegava. “Se a senhora só tem algumas cabeças de peixe, jogue aqui dentro e um hipoglosso vai surgir nadando.”

“Está furada?”

“Essa panela é perfeita, e se não acredita em mim, madame, pode até mijar nela. Vamos, diga-me quanto dá por ela. Desde que Merlim era jovem, não aparece panela que se compare. Jogue um camundongo recém-tirado da ratoeira e num piscar de olhos ele será uma cabeça temperada de javali com a maçã prontinha na boca.”

“Quantos anos você tem?”, uma mulher lhe pergunta.

“Eu não saberia dizer.”

“Volte no ano que vem, e podemos nos deitar no meu colchão de plumas.”

Ele hesita. “No ano que vem, já vou ter fugido daqui.”

“Vai sair pela estrada como um circo mambembe? Com sua panela?”

“Não, pensei em ser ladrão de estrada. Ou tratador de ursos; é um emprego estável.”

A mulher respondia: “Espero que lhe sirva bem”.

Nesta noite, depois de seu banho, seu jantar, sua cantoria, suas danças, o rei quer dar uma caminhada. Ele tem gostos campestres,

gosta do que se chamaria vinho água-pé, nada muito pesado, mas ultimamente ele tem virado a primeira taça de uma só vez e logo meneia a cabeça para exigir mais; assim, ele precisa do apoio de Francis Weston quando se levanta da mesa. Há um pesado orvalho e cavalheiros com tochas patinam na grama. O rei respira algumas lufadas de ar úmido. “Gardiner”, ele comenta, “vocês dois não se dão bem.”

“Não tenho nada contra ele”, responde Thomas com suavidade.

“Então, ele é que tem algo contra você.” O rei desaparece na escuridão noturna; em seguida, fala por trás da chama de uma tocha, como Deus falava de dentro da sarça ardente. “Eu posso administrar Stephen. Conheço suas medidas. Ele é o tipo de servo robusto de que necessito, hoje em dia. Não quero homens que se apavoram com controvérsias.”

“Vossa majestade deveria se recolher. Esses vapores noturnos não são saudáveis.”

“Falou como o cardeal.” Henrique acha graça.

Ele se aproxima do braço esquerdo do rei. Weston, que é jovem e de porte delgado, dá sinais de ceder nos joelhos. “Apoie-se em mim, senhor”, ele diz. O rei pendura um braço em seu pescoço, uma espécie de chave de braço. Tratador de ursos é um emprego estável. Por um momento, ele pensa que o rei está chorando.

Ele não fugiu no ano seguinte, nem para tratar de ursos nem para qualquer outro ofício. Foi no ano seguinte que os cónicos atacaram o país, rebeldes decididos a incendiar Londres, capturar o rei inglês e dobrá-lo à vontade da Cornualha. O medo avançava à frente de seu exército; eles eram conhecidos por incendiar pastos e mutilar o gado, queimar casas com gente dentro, massacrar padres, devorar bebês e pisotear as hóstias dos altares.

O rei o solta abruptamente. “Partamos para nossas camas frias. Ou será apenas a minha? Amanhã, você caçará. Se não tiver boa montaria, nós providenciaremos. Vamos ver se consigo cansá-lo, embora Wolsey garantisse que isso é impossível. Você e Gardiner,

vocês precisam aprender a trabalhar em conjunto. Neste inverno, os dois serão postos na mesma cangalha.”

Não são bois mansos o que Henrique quer, mas feras que trabalhem lado a lado, que se machuquem e se mutilen na batalha a seu favor. Está claro que, se permanecer na oposição a Gardiner, ele tem mais chances com o rei do que fazendo as pazes. Dividir e governar. Mas, de qualquer maneira, ele já governa.

Embora o Parlamento não tenha sido reconvocado, é o período de São Miguel mais agitado que ele já passou. Grossos arquivos dos assuntos do rei chegam quase a cada hora, e a casa em Austin Friars fica lotada de comerciantes da cidade, monges e padres de vários tipos, peticionários em busca de cinco minutos de seu tempo. Como se pressentissem algo, uma mudança no poder, um espetáculo iminente, pequenos grupos de londrinos começam a se reunir do lado de fora de seus portões, apontando para as librés dos homens que entram e saem: o homem do duque de Norfolk, o criado do conde de Wiltshire. À janela, ele baixa os olhos para o povo e sente que os reconhece; são os filhos dos homens que a cada outono se plantavam à porta da forja de seu pai, mexericando e se aquecendo. São rapazes como o rapaz que ele foi: ansiosos, esperando que algo aconteça.

Ele baixa os olhos para a aglomeração e compõe seu rosto. Erasmo diz que um homem deve fazer isso todas as manhãs antes de sair de casa: “Vista uma máscara, digamos assim”. Ele aplica a lição em todos os lugares, cada castelo, taberna ou residência aristocrática, onde quer que desperte naquele dia. Ele manda algum dinheiro a Erasmo, como o cardeal costumava fazer. “Para prover seu mingau”, dizia Wolsey, “e abastecer a pobre alma de penas e tinta.” Erasmo fica surpreso; só tinha ouvido coisas terríveis sobre Thomas Cromwell.

Desde o dia em que prestou juramento como conselheiro do rei, ele compõe seu rosto. Passou os primeiros meses do ano

observando as expressões de outras pessoas, verificando quando registravam dúvida, reserva, rebeldia — para captar aquela fração de momento antes que as feições recaiam no suave semblante do cortesão, do facilitador, do adulator. Rafe lhe diz, não podemos confiar em Wriothesley, e ele ri. Eu sei onde estou pisando com Me-Chame-Risley. Ele está bem relacionado na corte, mas começou na casa do cardeal: e quem não começou? Entretanto, Gardiner foi professor de Wriothesley no Trinity Hall, e o rapaz viu nossa ascensão, viu que ambos ganhemos músculo, dois cães de briga, e agora não consegue decidir em quem apostar suas fichas. No lugar dele, talvez eu me sentisse da mesma maneira; no meu tempo era fácil, você só precisava apostar suas fichas em Wolsey. Ele não tem medo de Wriothesley, nem de ninguém parecido com ele. Você sempre pode calcular as ações de um homem sem princípios. Enquanto você lhes der de comer, seguirão correndo em seus calcanhares. Menos previsíveis e mais perigosos são homens como Stephen Vaughan, homens que mandam cartas a você, como Vaughan manda: Thomas Cromwell, eu faria qualquer coisa por você. Homens que dizem compreendê-lo, homens cujo abraço é tão apertado e implacável que acabarão por arrastá-lo pela beira do abismo.

Em Austin Friars, ele manda cerveja e pão para os pedintes que esperam nos portões: e sopa, quando as manhãs se tornam mais geladas. Thurston diz, está bem, se o seu objetivo é alimentar todo o distrito. No mês anterior, você reclamava que as despensas estavam transbordando e as adegas, lotadas. São Paulo diz que precisamos saber como vicejar em tempos de penúria e em tempos de abundância, com um estômago cheio ou vazio. Ele desce às cozinhas para falar com os meninos que Thurston empregou. Eles dão seus nomes e dizem o que sabem fazer, e ele, sério, anota as habilidades num livro: Simon, sabe temperar salada e tocar tambor; Matthew, sabe rezar o pai-nosso. Todos esses *garzoni* devem ter disposição para o treinamento. Um dia serão aptos a passar ao

andar superior, como ele fez, e tomar um assento na sala contábil. Todos devem ter roupas decentes e que agasalhem, e ser estimulados a usá-las em vez de vendê-las, pois ele recorda o profundo frio das despensas de seus dias em Lambeth. Nas cozinhas de Wolsey, em Hampton Court, onde as chaminés funcionavam bem e continham o calor, ele via flocos de neve perdidos flutuando dos telhados e repousando nos umbrais.

Nas manhãs frescas, quando ele sai de casa com sua comitiva de secretários, já há londrinos aglomerados. Eles lhe dão passagem e o observam, nem amigáveis nem hostis. Ele diz bom dia e que Deus os abençoe, e alguns exclamam bom dia de volta. Eles retiram o gorro e permanecem com a cabeça descoberta até que ele passe, porque ele é um conselheiro do rei.

Outubro: Monsieur Chapuys, o embaixador do imperador, chega a Austin Friars para jantar, e Stephen Gardiner está no menu. “Mal recebeu Winchester, e já foi enviado para o exterior”, comenta Chapuys. “E o senhor acha que o rei Francisco gosta dele? Como diplomata, o que Gardiner pode fazer que Sir Thomas Bolena não podia? Ainda que eu compreenda que Sir Thomas é *parti pris*, já que é pai da dama. Gardiner é mais... ambivalente, o senhor não acha? Mais desinteressado, essa é a palavra. Não vejo o que o rei Francisco ganharia ao apoiar esse casamento, a não ser que seu rei ofereça... o quê? Dinheiro? Navios de guerra? Calais?”

À mesa com os familiares do anfitrião, Monsieur Chapuys conversa num tom afável sobre versos, pintura de retratos e seus anos de universidade em Turim; voltando-se para Rafe, cujo francês é excelente, ele fala de falcoaria, como algo que provavelmente seria interessante para um rapaz. “O senhor deveria sair com nosso amo”, comenta Rafe. “Hoje em dia, essa é praticamente sua única recreação.”

Monsieur Chapuys volta seus olhinhos brilhantes para ele. “Mestre Cromwell agora joga os jogos dos reis.”

Erguendo-se da mesa, Chapuys elogia a comida, a música, a mobília. Nota-se que seu cérebro está funcionando, ouvem-se os pequenos cliques, como os mecanismos de um complexo cadeado, enquanto ele codifica suas opiniões para os despachos a seu amo, o imperador.

Depois, no gabinete, o embaixador deslança suas perguntas, tagarelando sem pausa para ouvir a resposta. “Se o bispo de Winchester está na França, como Henrique fará sem seu secretário? A missão diplomática de mestre Stephen não pode ser curta. Talvez seja esta sua chance de se aproximar, não acha? Diga, é verdade que Gardiner é primo bastardo de Henrique? E seu menino, Richard, também? Essas coisas pasmam o imperador. Ver um rei assim, tão pouco régio. Talvez não seja surpresa alguma que ele busque se casar com uma aristocrata pobre.”

“Eu não diria que Lady Ana é pobre.”

“Verdade, o rei enriqueceu a família dela.” Chapuys abre um sorrisinho. “É comum, neste país, pagar adiantado à moça pelos seus serviços?”

“Na verdade, sim, e não se esqueça disso. Eu lamentaria vê-lo perseguido pelas ruas.”

“Lady Ana, o senhor lhe dá conselhos?”

“Eu cuido das suas contas. Não é nada demais, tratando-se de uma amiga querida.”

Chapuys gargalha com vontade. “Uma amiga! Ela é uma bruxa, sabia? Ela tem o rei sob feitiço, por isso ele se arrisca a tudo: ser expulso da cristandade, ter a alma condenada. E acho que ele sabe disso, em parte. Já o vi sob os olhos dela, com a inteligência dispersa e fugidia, a alma inquieta e torturada, como uma lebre sob o olhar de um falcão. Talvez ela também tenha enfeitiçado o senhor.” Monsieur Chapuys se inclina à frente e pousa suas patinhas de macaco uma sobre a outra. “Quebre o feitiço, *mon cher ami*. Não se arrependerá. Sirvo a um príncipe extremamente liberal.”

Novembro: Sir Henry Wyatt está no salão em Austin Friars; ele observa o espaço em branco na parede, onde o brasão do cardeal foi coberto. “Faz apenas um ano que ele se foi, Thomas. Para mim, parece mais. Dizem que, quando se é velho, um ano é igual ao anterior. Sou testemunha de que isso não é verdade.”

Ora, vamos, exclamam as meninas, o senhor não está velho demais para contar uma história. Elas o puxam para uma das novas poltronas de veludo e o entronam. Se elas pudessem escolher, Sir Henry seria pai de todo mundo, avô de todo mundo. Ele foi tesoureiro do atual Henrique e do Henrique anterior; se os Tudor são pobres, não é sua culpa.

Alice e Jo estiveram no jardim, tentando agarrar o gato. Sir Henry gosta de ver um gato receber honrarias numa casa; a pedido das crianças, ele explica por quê.

“Era uma vez”, começa ele, “neste reino da Inglaterra, um tirano cruel que atendia pelo nome de Ricardo Plantageneta...”

“Ah, essa família era de gente malvada”, exclama Alice. “E o senhor sabia que alguns deles ainda existem?”

Ouvem-se risadas. “Bem, é verdade”, Alice retruca, as bochechas ardendo.

“... e eu, seu criado Wyatt, que conta esta história, fui atirado pelo déspota num calabouço para dormir sobre as palhas, um calabouço com uma única janela minúscula, sendo que essa janela tinha barras...”

Veio o inverno, diz Sir Henry, e eu não tinha lareira, nem comida, nem água, pois os guardas se esqueceram de mim. Richard Cromwell está sentado, ouvindo, queixo na mão; troca um olhar com Rafe; ambos olham de relance na direção dele, que faz um gesto com a mão, aplacando os horrores do passado. Sir Henry, todos eles sabem, não foi esquecido na Torre. Os guardas queimaram sua carne com ferros quentes. E lhe arrancaram os dentes.

“Portanto, o que eu podia fazer?”, continua Sir Henry. “Para minha sorte, o calabouço era úmido. Eu bebia a água que escorria

pela parede.”

“E a comida?”, pergunta Jo. A voz, um sussurro eletrizado.

“Ah, agora chegamos à melhor parte do conto.” Um dia, diz Sir Henry, quando eu achava que provavelmente morreria se não comesse, percebi que a luz da minha pequena janela tinha sido bloqueada; olhando para cima, o que vejo? A forma de uma gata, uma gata londrina, preta e branca. “Olá, bichana”, eu lhe disse; a gata miou e, ao fazer isso, deixou cair sua presa. E o que ela me trouxe?

“Um pombo!”, Jo exclama.

“Mocinha, ou você já esteve presa, ou já ouviu essa história antes.”

As meninas esquecem que ele não tinha um cozinheiro, uma panela, uma fogueira; os rapazes baixam os olhos, oprimidos pela imagem de um prisioneiro que destroça uma massa de penas fervilhando de piolhos com as mãos acorrentadas.

“Depois, deitado sobre a palha, a próxima coisa que ouço é o bater dos sinos e um grito nas ruas: Um Tudor! Um Tudor! Sem o presente da gata, eu não teria vivido para ouvi-lo, ou ouvir a chave se virando na tranca e o próprio rei Henrique exclamando, Wyatt, é você? Erga-se para receber sua recompensa!”

Aqui, certo exagero perdoável. O rei Henrique não esteve naquela cela, mas sim o rei Ricardo; foi ele quem supervisionou o aquecimento dos ferros e, com a cabeça ligeiramente inclinada, ouviu os berros de Henry Wyatt; foi ele quem se afastou, nauseado pelo cheiro de carne queimada, e ordenou que os ferros fossem esquentados mais uma vez, e aplicados de novo.

Dizem que, na noite anterior à morte na fogueira, o Pequeno Bilney pôs os dedos numa chama de vela e pediu a Jesus que o ensinasse a tolerar a dor. Não foi sábio torturar-se antes da hora; mas, sábio ou não, ele pensa a respeito. “Agora, Sir Henry”, diz Mercy, “o senhor precisa contar a história da leoa, porque não vamos dormir se não a ouvirmos.”

“Bem, na verdade essa é uma história do meu filho, ele deveria estar aqui.”

“Se ele estivesse aqui”, diz Richard, “elas estariam arregalando os olhos para ele e suspirando... sim, você também, Alice, e nem pensariam em qualquer história de leão.”

Após se recuperar de seu tempo na prisão, Sir Henry se tornou um homem influente na corte e um admirador. Lhe enviou como presente uma filhote de leão. Eu a criei no castelo de Allington como se fosse minha filha, até que, como acontece com as mocinhas, ela desenvolveu vontade própria. Num dia, por descuido, e por culpa minha, ela saiu da sua jaula. Leontina, era como eu a chamava, fique quieta para que eu a leve de volta; mas ela então se agachou, absolutamente silenciosa, e me mirou, e seus olhos eram como fogo. Foi então que percebi que, mesmo depois de todo o amor que lhe dei, eu não era seu pai: era seu jantar.

Alice diz, a mão na boca: “Sir Henry, o senhor achou que sua hora tinha chegado!”.

“De fato achei, e de fato teria chegado, se por acaso meu filho não tivesse adentrado o pátio. Num segundo, ele viu o perigo e a chamou, Leontina, aqui comigo!, e ela virou a cabeça. Naquele momento, com o olhar da leoa distraído, eu recuei um passo e depois outro. Olhe para mim, chamava Thomas. E naquele dia ele estava vestido de modo bem chamativo, com longas mangas esvoaçantes e um camisão solto que o vento inflava, e o cabelo louro, que ele usava comprido; provavelmente parecia uma tocha, imagino, alto e se agitando ao sol, e por um momento ela ficou imóvel, intrigada, e eu fui recuando, recuando, recuando...”

Leontina se vira; ela se agacha; esquecendo o pai, ela começa a se aproximar do filho. Você consegue ver suas patas acolchoadas e sentir o cheiro de sangue em seu hálito. (Enquanto isso, ele, Henry Wyatt, suando frio de pavor, dá meia-volta e corre em busca de ajuda.) Em sua voz suave e encantadora, em murmúrios do amor, em entonação de prece, Tom Wyatt fala com a leoa, pede a mão

Francisco que abra aquele coração bestial para sua graça. Leontina observa; escuta; abre a boca; ruge: “O que ela diz?”.

“Fi, fá, fum, sinto cheiro de inglês.”

Tom Wyatt está imóvel como uma estátua. Servos com redes se aproximam pelo pátio. Leontina está a um passo de Tom, mas ela se detém novamente, escutando. Parada, incerta, ela move as orelhas. Ele vê a saliva de sua mandíbula rosada e sente o cheiro acre de seu pelo. Ela joga seu peso para as ancas. Tom sente seu hálito. Ela está pronta para o bote. Ele vê os músculos que estremecem, a mandíbula que se estica. A fera salta — mas rodopia no ar, com uma flecha entre as costelas. Ela se contorce, bate-se na cerca, urra, geme; outra flecha arremete contra seu denso flanco; ela rola de novo, gemendo, e as redes caem sobre ela. Aproximando-se calmamente da leoa, Sir Henry atira a terceira flecha em sua garganta.

Mesmo na hora da morte, ela ruge. Ela tosse sangue e ataca; até hoje, um dos servos carrega a marca de sua garra. A pele da leoa é exibida na parede em Allington. “E vocês me farão uma visita, pequenas damas”, diz Sir Henry, “e verão como ela era gigante.”

“As preces de Tom não foram atendidas”, diz Richard, sorrindo. “Até onde estou vendo, são Francisco não fez nada a respeito.”

“Sir Henry”, Jo puxa sua manga, “o senhor não contou a melhor parte.”

“É mesmo. Eu esqueci. Logo depois, meu filho Tom se afasta, o herói do dia, e esvazia o estômago sobre um arbusto.”

As meninas voltam a respirar. Todos aplaudem. Na época, a história logo chegou à corte, e o rei — mais jovem, com disposição mais doce — ficou um tanto impressionado. Até hoje, quando vê Tom, Henrique meneia a cabeça e murmura consigo: “Tom Wyatt. Aquele que doma leões”.

Um apreciador de frutas tenras, Sir Henry come suculentas framboesas com creme amarelo e depois lhe diz: “Uma palavra com

você a sós”, e eles se recolhem. No seu lugar, começa Sir Henry, eu pediria a Henrique o cargo de guardião da Casa de Joias. “Quando eu ocupava esse posto, tinha uma boa visão geral da receita.”

“Devo pedir agora?”

“Faça Lady Ana pedir a Henrique.”

“Talvez seu filho possa ajudar, pedindo a Ana.”

Sir Henry ri; ou melhor, com um pequeno pigarrear ele indica que entende quando ouve uma piada. De acordo com os bêbados das tabernas de Kent e os servos da corte (por exemplo, o músico Mark), Ana fez a Thomas Wyatt todos os favores que um homem razoável desejaria, mesmo num bordel.

“Eu pretendo me retirar da corte este ano”, comenta Sir Henry. “Já é hora de redigir meu testamento. Posso nomeá-lo meu executor?”

“Seria uma honra.”

“Eu não confiaria meus assuntos a mais ninguém. Você tem a mão mais firme que já vi.”

Ele sorri, intrigado; nada em seu mundo lhe parece firme.

“Eu o compreendo”, diz Wyatt. “Sei que nosso velho amigo escarlata quase o arrastou para a ruína. Mas olhe para si mesmo, comendo amêndoas, com todos os dentes na boca, cercado pela sua família, prosperando nos seus assuntos, com homens como Norfolk lhe dirigindo a palavra civilizadamente.” Enquanto, um ano atrás, todos eles estavam limpando os pés em você — mas isso Sir Henry não precisa acrescentar. Sir Henry quebra um biscoito de canela entre os dedos e pousa os fragmentos sobre a língua, uma cuidadosa eucaristia secular. Faz mais de quarenta anos desde a Torre, mas sua mandíbula destrozada ainda se enrijece e ele é acometido de dores. “Thomas, tenho algo a lhe perguntar... Pode ficar de olho no meu filho? Ser um pai para ele?”

“Mas Tom tem quanto, vinte e oito anos? Talvez ele não queira outro pai.”

“Não pode se sair pior que eu. Tenho muito de que me arrepender, principalmente do casamento dele... Tom tinha dezessete anos, não queria se casar, fui eu quem forcei o matrimônio porque o pai dela era o barão Cobham e eu queria garantir meu lugar entre meus vizinhos em Kent. Tom sempre foi agradável aos olhos, e é também um rapaz dócil e cortês; seria de imaginar que ele satisfaria a moça, mas duvido que ela tenha sido fiel por mais que um mês. Então, naturalmente, ele deu o troco na mesma moeda... O lugar está lotado das amantes dele, é só abrir um armário em Allington que caem moças lá de dentro. Ele fica vagando pelo exterior e em que deu isso? Terminou como prisioneiro na Itália. Nunca entenderei aquele caso. Desde sua passagem pela Itália, ele se tornou ainda mais insensato. Tom é capaz de escrever uma peça em *terza rima*, claro, mas na hora de se sentar e desvendar para onde foi seu dinheiro...” Sir Henry coça o queixo. “Mas aí está. Apesar dos pesares, não há rapaz mais valente que meu menino.”

“Não gostaria de sair agora e se reunir aos demais? Quando recebemos sua visita nós tiramos um dia de folga, sabe?”

Sir Henry se põe de pé. É um homem imponente, ainda que viva à base de caldos e purês. “Thomas, como foi que envelheci?”

Quando eles voltam ao salão, descobrem uma peça em progresso. Rafe faz o papel de Leontina e o resto da família o atiza. Não que os meninos não acreditem no conto da leoa; eles apenas gostam de dar sua própria interpretação às coisas. Ele estende uma mão peremptória a Richard, que dá gritinhos sobre uma banquetta. “Está com inveja de Tom Wyatt.”

“Ah, não se irrite conosco, mestre.” Rafe recobra a forma humana e se joga num banco. “Conte-nos de Florença. Diga o que mais fez por lá, o senhor e Giovannino.”

“Não sei se devo. Vão transformar minha história numa peça.”

Ah, por favor, eles o persuadem, e ele olha em torno: Rafe ronrona para encorajá-lo. “Têm certeza de que Me-Chame-Risley

não está aqui? Muito bem... Quando tínhamos um dia de folga, derrubávamos prédios.”

“Derrubavam?”, indaga Henry Wyatt. “Verdade mesmo?”

“O que quero dizer é que explodíamos. Mas não sem permissão do dono, e só quando achávamos que os edifícios estavam desmoronando e representavam um perigo para os transeuntes. Só cobrávamos pelo material explosivo, não pela nossa perícia.”

“Que, creio, era considerável, não?”

“É muita escavação por apenas alguns segundos de diversão. Mas conheci certos garotos que fizeram disso um ofício. Em Florença”, ele diz, “essa era só mais uma das coisas que podíamos fazer para nos divertir. Como pescar. Dessa forma, ficávamos longe de encrencas.” Ele hesita. “Bem, não, não ficávamos. Para ser sincero.”

“Me-Chame-Risley contou a Gardiner? Sobre seu cupido?”, Richard pergunta.

“O que acha?”

O rei comentou com ele, ouvi dizer que transformou uma estátua em relíquia. Henrique achou graça, mas talvez também tenha feito uma anotação mental; ele riu porque a piada foi contra um clérigo, um cardeal, e ele anda com disposição para piadas do gênero.

E o secretário Gardiner: “Estátua, estatuto, não há muita diferença”.

“Em legislação, duas letras fazem toda a diferença. Mas meus antecedentes não são falsificados.”

“Talvez exagerados?”, diz Gardiner.

“Majestade, o Concílio de Constança outorgou ao seu ancestral, Henrique v, um controle sobre a Igreja na Inglaterra que nenhum outro rei cristão já exerceu neste reino.”

“Essas concessões não foram aplicadas. Não com consistência. Por que isso?”

“Não sei. Incompetência?”

“Talvez agora tenhamos melhores conselheiros?”

“Temos melhores reis, majestade.”

Às costas de Henrique, Gardiner lhe dirige uma carranca de gárgula. Ele quase ri.

O ano se encerra. Ana diz: venha para um humilde jantar do Advento comigo. Nós usaremos garfos.

Ele vai, mas não gosta do grupo. Ana transformou os amigos do rei, os cavalheiros da câmara privada, em seus bichos de estimação: Henry Norris, William Brereton, toda aquela gente, e o irmão, claro, lorde Rochford. Ana fica frágil em tais companhias, e é tão impiedosa com os elogios deles quanto uma dona de casa que degola cotovias para a mesa. Se seu sorriso exato desaparece por um momento, todos se inclinam em sua direção, ansiosos por descobrir como agradá-la. Seria preciso andar muito para encontrar um grupo de maiores idiotas.

No que diz respeito a suas habilidades, ele pode ir a qualquer lugar, e já esteve em todos os lugares. Treinado nas conversas à mesa da família Frescobaldi, da família Portinari e, mais tarde, na mesa do cardeal, entre eruditos e gênios, ele dificilmente ficaria perdido entre os rapazinhos que Ana reúne à sua volta. Deus sabe que esses cavalheiros fazem o melhor que podem para lhe causar desconforto; mas ele cria seu próprio conforto, sua calma, sua conversa exata e incisiva. Norris, que é um homem inteligente, e não é mais jovem, idiotiza-se a si mesmo ao andar em tais companhias: e por quê? Porque a presença de Ana o faz tremer. É quase uma piada, mas uma piada que ninguém conta.

À saída daquele primeiro jantar, Norris o segue, toca sua manga e o obriga a encará-lo, frente a frente. “Não consegue enxergar, não é mesmo? Ana?”

Ele balança a cabeça.

“Então qual seria seu gosto? Alguma Frau gorducha das suas viagens?”

“Eu só poderia amar uma mulher por quem o rei não tivesse o menor interesse.”

“Se isso é um conselho, diga o mesmo ao filho do seu amigo Wyatt.”

“Ah, eu acho que o jovem Wyatt já compreendeu. Tom é um homem casado. Ele diz a si mesmo, transforme suas privações em versos. Todos nós ficamos mais sábios, passamos do sofrimento ao *amour propre*, não acha?”

“Consegue olhar para mim”, indaga Norris, “e dizer que me tornei mais sábio?”

Ele entrega um lenço a Norris, que seca o rosto e o devolve. Ele pensa em santa Verônica, secando com seu véu as faces do Cristo martirizado; ele se pergunta se as feições cavalheirescas de Henry estarão impressas no lenço quando ele chegar em casa e, nesse caso, será que penduraria o resultado na parede? Norris se vira, com uma risadinha. “Weston — você sabe, o jovem Weston —, ele tem ciúmes de um garoto que Ana chama para cantar, algumas noites, durante nossos encontros. Tem ciúmes do criado que vem ajeitar o fogo na lareira, e da criada que tira as meias de Ana. Sempre que ela olha para alguém, Weston toma nota, e diz, vejam, vejam, vejam numa vez, ela está olhando para aquele açougueiro gordo, olhou para ele quinze vezes em duas horas.”

“O cardeal era o açougueiro gordo.”

“Para Francis, qualquer trabalhador é igual ao outro.”

“Sei bem como é isso. Uma boa noite.”

Boa noite, Tom, diz Norris, dando-lhe um tapinha no ombro, ausente, distraído, quase como se fossem iguais, como se fossem amigos; ele volta os olhos novamente para Ana, seus passos voltam para seus rivais.

Seria qualquer trabalhador igual ao outro? Não no mundo real. Qualquer homem com mão firme e um facão pode ser um açougueiro: mas sem o ferreiro, onde ele conseguiria seu facão? Sem o homem que trabalha o metal, de onde você vai tirar seus

martelos, suas foices, suas segas, tesouras e formões? Suas armas e armaduras, as pontas de lança, os dardos e os canhões? De onde você vai tirar seus navios e suas âncoras? Onde você vai achar seus ganchos de abordagem, seus pregos, trancas, dobradiças, espetos, tenazes? Onde estariam suas vigas, painéis, tripés, os anéis de selaria, fivelas e freios dos cavalos? Onde estariam suas facas?

Ele recorda o dia em que ouviram que o exército cônico estava chegando. Qual era sua idade então? Doze anos? Estava na forja. Tinha acabado de limpar os grandes foles e estava oleando o couro. Walter se aproximou e examinou o couro. “Precisa de untura.”

“Certo”, respondeu Thomas. (Esse era o tipo de diálogo que ele tinha com Walter.)

“Ele não vai se untar sozinho.”

“Eu disse certo, certo, já vou fazer!”

Ele ergueu os olhos. O vizinho, Owen Madoc, estava parado na entrada. “Eles estão em marcha! A notícia já desceu o rio. Henrique Tudor está pronto para a luta. A rainha e os pequeninos estão na Torre.”

Walter limpa a boca. “Daqui a quanto tempo?”

“Deus sabe. Aqueles putos podem voar”, responde Madoc.

Ele se apruma. Em sua mão, surgiu boiando uma marreta de dois quilos com cabo de freixo.

Nos dias seguintes, eles trabalharam até quase desmaiar. Walter se encarregou das armaduras para os amigos e Thomas pôs fio em tudo que podia cortar, rasgar e lacerar carne rebelde. Os homens de Putney não têm qualquer simpatia por aqueles hereges. Eles pagam seus impostos: por que os cônicos não fazem o mesmo? As mulheres têm medo de que os invasores ultrajem sua honra. “Nosso padre disse que eles só fazem isso com as próprias irmãs”, ele diz, “portanto, vocês estarão bem, querida Bet. Mas, por outro lado, o

padre diz que eles têm membros frios e escamosos como o demônio, talvez vocês se interessem pela novidade.”

Bet atira algo no irmão. Ele se desvia. Esta é a desculpa para todas as coisas que quebram na casa: joguei no Thomas. “Bem, sei lá do que você gosta...”, ele conclui.

Rumores proliferam naquela semana. Os cónicos trabalham debaixo da terra, por isso seus rostos são escuros. São meio cegos e por isso você pode pegá-los com uma rede. O rei dará um xelim por cada invasor capturado, dois se for grande. Qual é o tamanho dos cónicos? Pois eles disparam flechas de uma jarda de comprimento.

Agora, todos os objetos da casa são vistos sob nova luz. Espetos, vigas, agulhas para lardear: qualquer coisa que sirva para defesa a curta distância. Os vizinhos estão comprando tudo o que podem no negócio paralelo de Walter, a cervejaria, como se acreditassem que os cónicos queiram beber todo o líquido que houver na Inglaterra. Owen Madoc entra e encomenda uma faca de caça, com guarda-mão, calha de sangue e lâmina de trinta centímetros. “Trinta centímetros?”, ele indaga. “Vai perder o equilíbrio toda hora e acabar cortando a própria orelha.”

“Você não será tão esperto quando os cónicos o agarrarem. Eles empalam e assam moleques da sua laia na fogueira.”

“Não pode apenas acertá-los com um remo?”

“Eu vou é acertar seu queixo e fechar sua boca”, berra Owen Madoc. “Seu merdinha, mesmo antes de nascer você já tinha o nome sujo.”

Ele mostra a Owen Madoc a faca que fez para si, presa a uma corda sob sua camisa, com seu toco de lâmina, como um único dente feroz. “O que acha?”

“Cristo”, diz Madoc. “Pense bem antes de enfiar essa coisa em alguém.”

Assim que pousa a marreta no parapeito da janela do Pegasus, Thomas pergunta à irmã: Kat, por que eu tinha um nome sujo mesmo antes de nascer?

Pergunte a Morgan Williams. Ele lhe dirá. Ah, Tom, Tom. Ela segura a cabeça do irmão e o beija. Não se meta nisso. Deixe que e/le vá lutar.

Kat espera que os cónicos matem Walter. Ela não diz isso, mas ele sabe.

Quando eu for o homem da família, ele diz, as coisas serão diferentes, garanto.

Morgan lhe explica — corando, porque é um homem educado — que os meninos costumavam seguir a mãe dele pela rua, gritando: “Olha a velha égua prenhe!”.

Sua irmã Bet diz: “Outra coisa que esses cónicos têm, eles têm um gigante chamado Fortim, que está apaixonado por santa Inês e a segue para todo lado, e assim os cónicos levam a imagem da santa nas suas bandeiras para que o gigante os siga até Londres”.

“Fortim?”, Thomas zomba. “Espero que ele seja mesmo grande *assim*.”

“Ah, você vai ver”, Bet diz. “E aí não terá uma resposta tão rápida.”

Morgan conta que as mulheres do distrito se aglomeravam em torno da mãe dele, fingindo preocupação: como vai ser quando ele nascer, ela está do tamanho de uma casa!

E assim, enquanto ele chegava ao mundo, urrando, os punhos cerrados e os cachos negros molhados, Walter e seus amigos cambaleavam por Putney, cantando. Eles berravam, “Aqui tem para todas, garotas!”, e “Esposas estéreis? Sirva-se aqui!”.

Eles não anotaram a data. Thomas diz a Morgan, não me importo. Eu não tenho um mapa natal. Portanto, não tenho destino.

O destino decidiu que não haveria batalha em Putney. Quanto aos batedores e desertores, as mulheres estavam prontas com facas de pão e navalhas, e os homens com pás e picaretas para

desfigurá-los, formões para furá-los e espetos de açougue para empalá-los. Na verdade, a grande batalha aconteceu em Blackheath: os cónicos foram feitos em mil pedaços, triturados pelo moedor militar dos Tudor. Agora todos estavam seguros: exceto contra Walter.

Sua irmã Bet diz: “Você sabe aquele gigante, Fortim? Ele ficou sabendo que santa Inês está morta. Ele cortou o braço fora e seu sangue escorreu tristemente para o mar. O sangue entrou por uma caverna que nunca pode ser preenchida, que desce por um buraco e chega abaixo do fundo do mar e ao centro da terra, até o inferno. Portanto, ele está morto”.

“Ah, bom. Porque eu realmente estava muito preocupado com Fortim.”

“Morto até a próxima vez”, responde a irmã.

Assim, numa data desconhecida, Thomas nasceu. Aos três anos, ele já juntava gravetos para a forja. “Estão vendo meu molequinho?”, dizia Walter, dando-lhe tapinhas afáveis na cabeça. Seus dedos tinham cheiro de queimado e a palma era sólida e negra.

Claro, nos últimos anos, os estudiosos tentaram dar uma sina a ele; homens versados em ler os céus tentaram partir de quem e como ele é até voltar ao instante de seu nascimento. Júpiter em aspectos favoráveis, indicando prosperidade. Mercúrio no ascendente, oferecendo a faculdade da fala rápida e convincente. Kratzer afirma: se Marte não estava em Escorpião, não conheço meu ofício. A mãe tinha cinquenta e dois anos e ninguém achava que ela pudesse conceber ou parir uma criança. Ela ocultou e disfarçou seus poderes sob as vestes, nas profundezas de seu ventre, o máximo que pôde. Ele nasceu e todos disseram, de onde veio isso?

Em meados de dezembro, James Bainham, um advogado do Middle Temple, abjura suas heresias diante do bispo de Londres. Diz-se

pela cidade que ele foi torturado e que o próprio Thomas More o interrogou enquanto a manivela do aparelho era girada, ordenando que o homem nomeasse outros membros infectados das ordens de advocacia. Alguns dias depois, um antigo monge e um comerciante de couro são queimados ao mesmo tempo. O monge recebia encomendas de livros através dos portos de Norfolk e depois, de modo bastante estúpido, através das docas de St. Katharine, onde o lorde chanceler aguardava para detê-lo. O comerciante de couro estava em posse de *A liberdade do cristão*, de Lutero; o texto fora copiado de próprio punho. São homens que ele conhece, o desgraçado e torturado Bainham, o monge Bayfield, John Tewkesbury, que, Deus sabe, não era nenhum doutor em teologia. É assim que o ano acaba, numa nuvem de fumaça, uma mortalha de cinzas humanas cobrindo a praça Smithfield.

No Dia de Ano-Novo, ele acorda antes do amanhecer e se depara com Gregory aos pés de sua cama. “É melhor levantar. Tom Wyatt foi preso.”

Ele salta da cama no mesmo instante; a primeira coisa que pensa é que Thomas More atacou o coração do círculo de Ana.

“Onde ele está? Não o levaram para Chelsea?”

Gregory parece intrigado. “Por que o levariam para Chelsea?”

“O rei não pode permitir; isso chega perto demais dele. Ana tem livros, ela os mostrou ao rei. O próprio Henrique já leu Tyndale. O que vem pela frente? More vai prender o rei?” Ele pega uma camisa.

“Não tem nada a ver com Thomas More. Alguns tolos foram presos por causa de uma baderna em Westminster, eles estavam saltando fogueiras na rua e começaram a quebrar janelas, sabe como essas coisas acontecem...” Gregory tem a voz cansada.

“Depois eles começaram a brigar com a guarda e foram presos, e aí chegou uma mensagem perguntando: mestre Cromwell vai aparecer e dar ao carcereiro um presente de Ano-Novo?”

“Cristo.” Ele se senta na cama, subitamente ciente de sua nudez, dos pés, tornozelos, coxas, pênis, seu pelego de pelos corporais, seu queixo barbado: e do suor que escorre por seus ombros. Ele veste a camisa. “Vão ter que me aceitar do jeito que eu aparecer”, diz ele. “E primeiro tomarei meu desjejum.”

Gregory diz, com leve malícia: “O senhor concordou em ser como um pai para ele. Isso é o que significa ser pai”.

Ele se põe de pé. “Vá chamar Richard.”

“Já volto.”

“Venha conosco se quiser, mas preciso de Richard, caso haja problemas.”

Não há problemas, só um ligeiro bate-boca. A aurora chega quando os jovens nobres são soltos, desgrehados, machucados, as roupas rasgadas e sujas. “Francis Weston”, ele cumprimenta, “bom dia, senhor.” Ele pensa, se soubesse que estava aqui, eu o teria deixado na cadeia. “Por que não está na corte?”

“Eu estou”, responde o rapaz com uma lufada de hálito azedo. “Estou em Greenwich. Não estou aqui. Entende?”

“Bilocação”, ele diz. “Certo.”

“Ah, Jesus. Ah, Jesus, meu redentor.” Thomas Wyatt se planta à luz ofuscante da neve, coçando a cabeça. “Não vai acontecer de novo.”

“Até o ano que vem”, comenta Richard.

Ele dá meia-volta e vê uma figura desajeitada caindo na rua. “Francis Bryan. Eu deveria saber que essa proeza não estaria completa sem sua pessoa. Senhor.”

Exposto ao primeiro frio do novo ano, o primo de Lady Ana se sacode como um cachorro molhado. “Pelas tetas da Sagrada Inês, estou congelando.” Seu colete está rasgado e o colarinho da camisa foi arrancado, e ele só tem um pé do sapato. Segura as calças para que não caiam. Há cinco anos, ele perdeu um olho na justa; agora perdeu seu tapa-olho, e a lívida órbita está exposta. Ele olha ao

redor com o que resta de seu equipamento ocular. “Cromwell? Não me lembro da sua companhia ontem à noite.”

“Eu estava na minha cama, e teria gostado de continuar lá.”

“E por que não volta?” Arriscando-se a um perigoso escorregão, ele joga os braços para o ar. “Qual das esposas da cidade o aguarda? Você tem uma para cada dia das festas?” Ele quase ri, mas Bryan acrescenta: “Vocês sectários não partilham suas mulheres?”.

Ele lhe dá as costas. “Wyatt, faça com que ele se cubra, ou congelará suas partes. Já é suficientemente lamentável não ter um olho.”

“Digam muito obrigado!”, ordena Thomas Wyatt, estapeando seus companheiros. “Digam muito obrigado a mestre Cromwell e paguem o que lhe devem. Quem mais despertaria tão cedo num feriado, e com a bolsa aberta? Teríamos ficado lá dentro até amanhã.”

A julgar por sua aparência, o dinheiro dos três juntos não chega a somar um xelim. “Esqueçam”, ele diz. “Eu ponho na conta.”

2.

“Ai de mim, que hei de fazer por amor?”

Primavera de 1532

Agora é tempo de considerar os pactos que conservam os pilares do mundo: o pacto entre governante e governado, e aquele entre marido e mulher. Ambos os arranjos repousam na sólida devoção de um aos interesses do outro. O senhor e o esposo protegem e sustentam; a esposa e o criado obedecem. Acima dos senhores, acima dos maridos, Deus a todos governa. Ele conta nossas pequenas rebeliões, nossas idiotices humanas; Ele estende Seu longo braço, e Sua mão forma um punho.

Imagine debater esses assuntos com George, lorde Rochford. Ele é o típico jovem douto da Inglaterra, polido e bem versado; mas hoje o que o fascina é o cetim da cor do fogo que aparece entre os cortes de sua manga de veludo. Ele puxa o tecido da manga com a ponta do dedo, pregueando, pinçando e obrigando-a a aumentar de tamanho, até parecer um daqueles malabaristas que fazem correr esferas pelos braços.

É tempo de definir o que é a Inglaterra, seu escopo e fronteiras: não para contar e medir suas defesas portuárias e as muralhas limítrofes, mas para estimar sua capacidade de autogoverno. É hora de definir o que é um rei, e que confiança e guarda ele deve a seu povo: qual proteção contra incursões morais ou físicas do exterior; qual imunidade contra as pretensões dos que gostariam de dizer a um inglês como ele deve falar com seu Deus.

O Parlamento se reúne em meados de janeiro. Os trabalhos do início da primavera quebram a resistência dos bispos à nova ordem de Henrique, instaurando uma legislação que — embora suspensa por ora — cortará a receita para Roma e fará da supremacia do monarca na Igreja mais que um mero conjunto de palavras. Os Comuns rascunham uma petição contra as cortes eclesiásticas, tão arbitrárias em seus procedimentos, tão presunçosas em sua suposta jurisdição; o documento questiona a autoridade desses tribunais, e mesmo sua existência. Os papéis passam por muitas mãos, mas, por fim, ele mesmo trabalha neles, virando a noite com Rafe e Me-Chame-Risley, rascunhando emendas entre as linhas. Está insuflando a oposição: embora secretário do rei, Gardiner se sente obrigado a liderar seus colegas prelados na resistência.

O rei manda convocar mestre Stephen. Quando ele entra, os pelos de sua nuca se eriçam e ele se retrai dentro da pele como um mastim levado a um urso. Para um homem tão alto, o rei tem a voz bastante aguda, e quando está furioso ela se eleva a um ganido que dói nos ouvidos. Os clérigos são realmente seus súditos, ou apenas meio súditos? Talvez não sejam seus súditos coisa nenhuma, pois como poderiam ser se prestam juramento de obedecer e apoiar o papa? Henrique berra: “Por acaso não é *a mim* que deveriam prestar juramento?!”.

Ao sair, Stephen recosta-se contra o painel pintado. Às suas costas, uma tropa de ninfas pintadas saltita numa clareira. Ele saca um lenço, mas parece esquecer para quê; torce o pano na mão, que lembra uma grande garra, enroscando-o em torno de suas articulações como uma bandagem. O suor escorre por seu rosto.

Ele, Cromwell, vai em seu socorro. “Meu lorde bispo se sente mal.” Eles trazem uma banquetta e Stephen prega os olhos nela e depois nele, sentando-se em seguida com cautela, como se não pudesse confiar na carpintaria do objeto. “Imagino que o ouviu?”

Cada palavra. “Se ele mandar prendê-lo, providenciarei para que tenha alguns confortos.”

Gardiner diz: “Deus o amaldiçoe, Cromwell. Quem pensa que é? Que cargo ocupa? Você não é nada. Nada”.

Nós temos que vencer o debate, e não apenas derrubar nossos inimigos. Ele faz uma visita a Christopher St. German, o idoso jurista cuja palavra é respeitada em toda a Europa. O velho o recebe educadamente em sua casa. Não há homem algum na Inglaterra, ele diz, que não acredite que nossa Igreja necessite de reformas e que essa necessidade se torna mais urgente a cada ano, e se a Igreja não puder fazê-las, então o rei e o Parlamento podem, e devem. Essa é a conclusão a que eu também cheguei, depois de algumas décadas estudando o assunto.

Claro, continua o velho, Thomas More não concorda comigo. Talvez seu tempo tenha passado. Afinal, Utopia não é um lugar onde um homem possa de fato viver.

Quando ele se encontra com o rei, Henrique vocifera contra Gardiner: deslealdade, ele berra, ingratidão! Como poderia continuar sendo meu secretário, se ele se opõe a mim? (É o mesmo homem que o próprio Henrique elogiara como sólido polemista.) Ele se senta em silêncio, observando Henrique, tentando apaziguar a situação por sua imobilidade; tentando envolver o rei num silêncio, para que Henrique possa ouvir a si mesmo. É uma coisa excelente, ser capaz de aplacar a fúria do Leão da Inglaterra. “Eu acho...”, diz ele, sereno. “Com permissão de vossa majestade, o que eu acho... O bispo de Winchester, como sabemos, gosta de argumentar. Mas não com seu rei. Ele não ousaria fazer isso por esporte.” Ele faz uma pausa. “Portanto, ainda que equivocadas, suas opiniões são expressas honestamente.”

“É verdade, mas...” O rei se interrompe. Henrique ouviu a própria voz, a voz que ele usara com o cardeal quando o derrubou. Gardiner não é Wolsey; isso é verdade em muitos sentidos, mas basta este: se Stephen for sacrificado, poucos o recordarão com tristeza. Contudo, ter o carrancudo bispo ainda em seu posto é útil, por enquanto; ele preserva a reputação de Henrique pela Europa, e

por isso ele diz: “Majestade, Stephen o serviu como embaixador até o limite dos seus poderes, e seria melhor se reconciliar com ele por honesta persuasão do que forçar a mão pelo peso do desgosto. É o curso mais agradável, e mais honroso”.

Ele observa o rosto de Henrique, que se anima com qualquer coisa que envolva a honra.

“Esse é o conselho que daria em qualquer situação?”

Ele sorri. “Não.”

“Você não está absolutamente seguro de que eu deveria governar num espírito de misericórdia cristã?”

“Não.”

“Eu sei que não gosta de Gardiner.”

“E por isso vossa majestade deveria considerar meu conselho.”

Você me deve uma, Stephen, pensa ele. A conta chegará a prestações.

Em sua própria casa, ele se encontra com parlamentares e cavalheiros das ordens de advogados e das companhias de guardas da cidade; com Thomas Audley, presidente da Câmara dos Comuns, e seu protegido Richard Riche, um jovem de cabelos dourados, belo como um anjo pintado, que tem uma mente ativa, rápida e secular; e com Rowland Lee, um clérigo franco e robusto, o homem menos sacerdotal que você poderia encontrar viajando um dia inteiro pelo país. Nesses meses, as tropas de seus aliados na cidade estão reduzidas por doença e morte accidental. Thomas Somer, seu conhecido de anos, faleceu pouco depois de sua libertação da Torre, onde foi trancado por distribuir o Evangelho em inglês; amante de roupas finas e cavalos rápidos, Somer era um homem de espírito irreprimível, até se confrontar com o lorde chanceler. John Petyt foi solto, mas está doente demais para tomar parte dos Comuns. Ele o visita; ele agora vive confinado em seu quarto. É doloroso ouvir como ele luta para respirar. A primavera de 1532 traz os primeiros dias quentes do ano, mas isso não alivia sua falta de ar. Ele diz, sinto como se houvesse um aro de ferro em

torno do meu peito, um aro que se aperta cada vez mais. Thomas, você cuidará de Lucy depois da minha morte?

Às vezes, quando passeia pelos jardins com os parlamentares ou os capelães de Ana, ele sente falta do dr. Cranmer à sua direita. Cranmer está ausente desde janeiro, em missão como embaixador do rei junto ao imperador; em suas viagens, ele visitará estudiosos na Germânia a fim de angariar apoio para o divórcio do rei. Ele lhe disse: “O que devo fazer se, durante sua viagem, o rei tiver um sonho?”.

Cranmer sorriu. “Você resolveu tudo sozinho da última vez. Eu só estive lá para concordar.”

Ele vê o gato Marlinspike enroscado em torno de um galho negro, as patas penduradas. Ele o aponta. “Cavalheiros, aquele gato era do cardeal.” À vista dos visitantes, Marlinspike salta para o muro fronteiro e, com um movimento da cauda, desaparece no território desconhecido à sua frente.

Nas cozinhas de Austin Friars, os *garzoni* aprendem a fazer wafers temperados. O processo envolve um bom olho, tempo exato e mão firme. A receita pode dar errado de tantas formas diferentes. A mistura deve ter a consistência certa, as chapas nas hastes de ferro precisam estar bem untadas e quentes. Ouve-se um chiado animal quando as chapas se encontram, e o vapor sibila no ar. Se você entrar em pânico e soltar as chapas, depois terá de desencrostar uma sujeirada preta e pegajosa. É preciso esperar que o vapor suma e começar a contar o tempo. Se errar um passo, o cheiro de queimado se espalha no ar. Um segundo separa o sucesso do fracasso.

Quando leva aos Comuns uma lei para suspender o pagamento da anata a Roma, ele sugere uma divisão da Câmara. Isso está longe de ser habitual, mas, entre perplexidade e reclamações, os membros concordam: a favor da lei, para este lado; contra a lei, para o outro lado. O rei está presente; ele observa e descobre quem está a seu lado ou não, e no fim do processo demonstra aprovação

a seu conselheiro com um grave cumprimento de cabeça. Na Câmara dos Lordes, essa tática não serve. O rei deve comparecer em pessoa, três vezes, e argumentar em prol de seu caso. A velha aristocracia — famílias orgulhosas como o clã Exeter, com sua própria pretensão ao trono — é a favor do papa e de Catarina, e não tem medo de dizê-lo: ou ainda não. Mas Henrique identifica seus inimigos, e os divide, quando pode.

Quando os meninos da cozinha finalmente conseguem produzir seu primeiro wafer decente, Thurston os obriga a fazer mais cem. O movimento se torna automático, o pulso girando para rolar o wafer semipronto com uma colher de pau, e dando-lhe então um peteleco para que vire de borco e fique dourado sobre a grelha quase seca. Os sucessos — com o tempo, haverá apenas sucessos — são inscritos com o brasão dos Tudor e empilhados às dúzias nas belas caixas forradas que chegarão à mesa, frágeis discos dourados e perfumados com água de rosas. Ele manda um lote para Thomas Bolena.

Sendo pai da futura rainha, Bolena pensa que merece algum título especial, e deixa claro que não lhe seria desagradável ser conhecido como monsenhor. Ele se reúne com Bolena, com o filho e seus amigos, e depois parte para encontrar Ana, atravessando as câmaras de Whitehall. O patrimônio de Ana aumenta a cada mês, mas ele percorre os corredores recebendo medidas dos criados dela. Na corte e nos salões de Westminster, ele não se veste nem um pouco acima de sua posição de cavalheiro, com casacas folgadas de lã de Lemster, tão finas que fluem como água, em púrpura e índigo tão próximos ao negro que é como se a noite tivesse sangrado sobre suas vestes; sua boina de veludo negro repousa sobre os cabelos escuros, e assim os únicos pontos de luz são seus olhos rápidos e os gestos de suas mãos sólidas e robustas; isso, e as centelhas de luz do anel de turquesa de Wolsey.

Em Whitehall — outrora palácio de York — os construtores ainda estão em ação. O rei designou um aposento para Ana neste Natal.

Ele mesmo a conduziu à câmara, para vê-la arfando diante dos estandartes nas paredes, feitos de tecidos de prata e ouro, e da cama esculpida e seus cortinados de cetim rubro, bordados com imagens de flores e crianças. Henry Norris informou a ele que Ana não chegou a perder o fôlego; ela apenas passou os olhos pelo aposento, vagarosamente, sorrindo e piscando. Depois, ela acabou se lembrando o que deveria fazer, e foi apenas após tombar nos braços firmes do rei, como desfalecida, que começou a resfolegar. Espero de todo coração, disse Norris, que todos possamos levar uma mulher a emitir esse som, ao menos uma vez na nossa vida.

Depois que Ana expressou sua gratidão, ajoelhada, Henrique teve de sair, claro; ele deixou o cômodo resplandecente, puxando-a pela mão, e voltou à festa de Ano-Novo e ao escrutínio público de sua expressão: na certeza de que pareceres a respeito circulariam por toda a Europa, por terra e mar, em mensagens cifradas e abertas.

Quando, ao fim de uma caminhada pelos velhos aposentos do cardeal, ele encontra Ana, sentada com suas damas, ela já sabe, ou parece já saber, o que seu pai e seu irmão disseram. Eles pensam que decidem as táticas dela, mas ela mesma é sua melhor estrategista, capaz de pensar em retrospecto e julgar o que saiu errado; ele admira qualquer pessoa capaz de aprender com os erros. Um dia, com as janelas abertas para as asas agitadas dos pássaros que constroem seus ninhos, ela comenta: “Você me disse certa vez que só o cardeal poderia libertar o rei. Sabe o que acho agora? Acho que Wolsey seria a última pessoa capaz de fazê-lo. Porque ele era orgulhoso demais, pois queria ser papa. Se o cardeal fosse mais humilde, Clemente teria feito sua vontade”.

“Talvez haja alguma verdade nisso.”

“Suponho que haja aí uma lição a ser aprendida”, diz Norris.

Os outros dois se viram ao mesmo tempo. Ana diz: “Mesmo, deveríamos?”. E ele diz: “Que lição seria essa?”.

Norris está totalmente perdido.

“Difícilmente algum de nós se tornará cardeal”, retruca Ana. “Nem Thomas, que aspira ser a maioria das coisas, desejaria essa posição.”

“Sim? Eu não apostaria nisso.” Norris se retira sorrateiro como apenas um cavalheiro delicado sabe ser, e o deixa para trás com as mulheres.

“E então, Lady Ana”, ele indaga, “quando pondera sobre o falecido cardeal, a senhora encontra algum tempo para rezar pela sua alma?”

“Acho que Deus já o julgou, e minhas preces não servem de nada, quer eu as faça, quer não.”

Maria Bolena comenta com delicadeza: “Ele está brincando com você, Ana”.

“Se não fosse pelo cardeal, você estaria casada com Harry Percy.”

“Pelo menos eu ocuparia a posição de esposa, que é um estado honorável, mas agora...”

“Ah, mas prima”, diz Mary Shelton, “Harry Percy enlouqueceu. Todos sabem. Ele está gastando todo o seu dinheiro.”

Maria Bolena ri. “Está mesmo, e minha irmã supõe que é por causa da decepção com ela.”

“Milady”, ele se dirige a Ana, “a senhora não gostaria de viver nas terras de Harry Percy. Pois sabe que ele seguiria o exemplo daqueles nobres do Norte e a deixaria congelando numa torre, no alto de uma escada em espiral, e só lhe permitiria descer para jantar. E assim que estivesse sentada e os criados trouxessem um mingau de aveia com sangue de bois que mataram num saque, seu senhor irromperia pela porta, exibindo um saco; ah, querido, a senhora diria, um presente para mim?, e ele responderia, sim, madame, se lhe apraz, abrindo o saco e fazendo rolar sobre seu colo a cabeça decepada de um escocês.”

“Ah, isso é horrível”, murmura Mary Shelton. “É isso que eles fazem?” Ana leva a mão à boca, rindo.

“E”, continua ele, “a senhora sabe que prefere um peito macio de frango cozido, desfiado num molho de creme de estragão, como jantar. E um fino queijo envelhecido importado pelo embaixador da Espanha, que ele indubitavelmente desejava destinar à rainha, mas que de algum modo foi parar na minha casa.”

“Como poderia eu estar mais bem servida?”, indaga Ana. “Um bando de homens nas estradas, emboscando os queijos de Catarina.”

“Bem, depois de orquestrar tamanho golpe, preciso ir”, ele aponta para o alaudista no canto, “mas deixo-as na companhia desse jovem enamorado, que tanto gosta de olhá-las.”

Ana dirige os olhos ao rapaz, Mark. “Ele realmente vive espiando. Verdade.”

“Devo mandar que se retire? Este lugar já está cheio de músicos.”

“Pode deixá-lo aqui”, diz Mary Shelton. “Ele é um amor de rapaz.”

Maria Bolena se ergue. “Eu tenho que...”

“Agora Lady Carey fará uma de suas reuniões com mestre Cromwell”, provoca Mary Shelton, num tom de quem dá uma informação útil.

Jane Rochford: “Ela lhe oferecerá sua virtude mais uma vez”.

“Lady Carey, não pode falar diante de todas nós?” Mas Ana meneia a cabeça. Ele pode sair. Maria pode sair. Supõe-se que Maria transmitirá mensagens que ela, Ana, é delicada demais para transmitir diretamente.

Do lado de fora, Maria exclama: “Às vezes preciso respirar”. Ele espera. “Jane e nosso irmão George, sabia que eles se odeiam? Ele não vai para a cama com ela. Quando não está com outra mulher, ele passa a noite inteira com Ana nesses aposentos. Eles jogam cartas. Jogam Papa Júlio até o amanhecer. Sabia que o rei paga as dívidas de jogo de Ana? Ela precisa de mais renda, e uma casa própria, um retiro, não muito longe de Londres, algum lugar junto ao rio...”

“E ela deseja a casa de quem?”

“Não acho que ela pretenda expropriar outra pessoa.”

“Casas costumam pertencer a alguém.” E ele tem uma ideia. E sorri.

Ela diz: “Eu lhe disse para ficar longe dela, uma vez. Mas agora não podemos viver sem o senhor. Até meu pai e meu tio dizem o mesmo. Nada se resolve, nada, sem o favor do rei e sem sua constante companhia, e hoje em dia, se o senhor não está com Henrique, ele quer saber onde está”. Ela recua um passo, observando-o por um momento como se ele fosse um estranho. “Minha irmã também.”

“Eu quero um cargo, Lady Carey. Ser conselheiro não é o bastante. Preciso de um cargo oficial no palácio.”

“Eu direi a ela.”

“Quero um cargo na Casa de Joias. Ou no Erário.”

Ela assente. “Ana fez de Tom Wyatt um poeta. Fez de Harry Percy um louco. Tenho certeza de que ela tem algumas ideias do que pode fazer com você.”

Alguns dias antes de o Parlamento se reunir, Thomas Wyatt vem lhe pedir desculpas por tê-lo tirado da cama no meio da madrugada, no Ano-Novo. “Tem todo o direito de sentir raiva de mim, mas estou aqui para pedir que não sinta. Sabe como é no Ano-Novo. Todos brindam e a taça circula e temos que esvaziá-la de uma vez.”

Ele observa Wyatt, que caminha pelo aposento, curioso, inquieto, constrangido demais para se sentar e pedir desculpas cara a cara. Tom gira o globo terrestre pintado e pousa o dedo sobre a Inglaterra. Ele se detém para olhar imagens num pequeno altar e dá meia-volta, intrigado; isso pertencia a minha esposa, ele explica, guardo-o em sua homenagem. Mestre Wyatt usa uma casaca de brocado de cor creme com barras de pele de marta, pela qual provavelmente não pode pagar, e um colete de seda ocre. Ele tem amáveis olhos azuis e uma crina de cabelos dourados, cujo volume começa a

diminuir. Às vezes ele pousa a ponta dos dedos na testa, incerto, como se ainda sentisse a dor de cabeça do Ano-Novo; contudo, está na verdade verificando se a linha dos cabelos não recuou nos últimos cinco minutos. Ele se detém e examina seu reflexo no espelho; e o faz com demasiada frequência. Por Deus, exclama. Vagando pelas ruas com aquela gente. Estou velho demais para esse comportamento. Mas sou jovem demais para perder meus cabelos. Acha que as mulheres se importam com isso? Muito? Acha que se eu deixar crescer a barba, isso vai distraí-las... Não, provavelmente não. Mas talvez eu deixe de qualquer modo. A barba do rei tem uma boa aparência, não?

“Seu pai não lhe deu nenhum conselho?”, diz ele.

“Ah, sim. Beber um copo de leite antes de sair. Comer marmelos cozidos com mel; acha que funciona?”

Ele está se esforçando para não rir. Ele quer levar a sério seu novo posto, como pai de Wyatt, e diz: “O que eu quero saber é se seu pai nunca o aconselhou a ficar longe das mulheres que interessam ao rei”.

“Eu fiquei longe. Lembra-se de que fui para a Itália? Depois fui para Calais por um ano. Por quanto tempo um homem consegue ficar longe, e quão longe ele consegue ficar?”

Ele reconhece que a pergunta vale para sua própria vida. Wyatt se senta numa pequena banquetta, apoia os cotovelos nos joelhos e segura a cabeça, com a ponta dos dedos nas têmporas. Ele ouve as batidas de seu coração; ele pensa; talvez esteja compondo um verso? Tom ergue os olhos. “Meu pai diz que, agora que Wolsey está morto, o senhor é o homem mais inteligente da Inglaterra. Bem, será que o senhor entenderá isto, se eu disser uma só vez? Se Ana não é virgem, não foi obra minha.”

Ele serve uma taça de vinho. “Forte”, avalia Wyatt depois de tragá-lo. Examina o fundo da taça, e os próprios dedos que a detêm. “Acho que devo dizer mais.”

“Se precisa, diga aqui, e apenas uma vez.”

“Há alguém escondido atrás das cortinas? Alguém me disse que há criados em Chelsea que lhe passam informações. Hoje em dia, nenhum criado é confiável, há espiões por todo lado.”

“E quando foi que não houve espiões? Havia uma criança na casa de More, Dick Purser, More o acolheu por culpa depois que o menino ficou órfão; não posso dizer que More matou o pai diretamente, mas ele o pôs no tronco e na Torre, e isso acabou com sua saúde. Dick disse aos outros meninos que não acreditava que Deus estava na hóstia da comunhão, e assim More mandou chicoteá-lo diante de toda a casa. Agora eu o trouxe para cá. O que mais podia fazer? Eu acolherei todos que ele maltrate.”

Sorrindo, Wyatt passa a mão sobre a rainha de Sabá: isto é, sobre Anselma. O rei deu a ele as belas tapeçarias de Wolsey. No começo do ano, quando foi encontrá-lo em Greenwich, o rei percebeu que ele erguia os olhos para a peça, como se a saudasse, e perguntou com um ligeiro sorriso, você deseja esta mulher?, ao que ele respondeu, eu desejava, antigamente, explicando-se, desculpando-se. O rei respondeu, não tem problema, todos nós tivemos nossas loucuras na juventude, e não podemos casar com todo mundo, podemos?... E, em voz baixa, acrescentou, não esqueci que isso pertenceu ao cardeal de York, e então, numa voz mais rápida, acrescentou: quando for para casa, abra um espaço para ela; acho que ela deveria viver lá.

Ele serve uma taça de vinho para si e outra para Wyatt, e diz: “Gardiner pôs gente do lado de fora dos portões, vigiando quem entra e quem sai. Esta é uma casa de cidade, não uma fortaleza, mas se alguém entra aqui sem ser convidado, meu pessoal se diverte bastante chutando-o para fora. Nós gostamos de briga. Eu preferiria deixar meu passado para trás, mas não me é permitido. Tio Norfolk vive me lembrando de que fui um soldado comum, e que nem sequer estive no seu exército.”

“O senhor o chama assim?”, Wyatt ri. “Tio Norfolk?”

“Só entre nós. Mas eu não preciso explicar o que os Howard acreditam ser deles por direito. E você cresceu como vizinho de Thomas Bolena, portanto sabe que não deve desafiá-lo, não importa o que sinta pela filha dele. Mas espero que não sinta nada. Ou sente?”

“Por dois anos”, responde Wyatt, “vivi com a alma esmagada por pensar que qualquer outro homem a tocaria. Mas o que eu tinha a oferecer? Sou um homem casado, e não o duque ou o príncipe que ela estava buscando. Ela gostava de mim, acho, ou gostava de ter alguém enlouquecido por ela. Isso a divertia. Quando ficávamos a sós, ela nunca me deixava beijá-la, e eu sempre pensei que... Mas essa é a tática de Ana, vê? Ela diz sim, sim, sim, e depois diz não.”

“E você, afinal de contas, é um cavalheiro.”

“Como assim, por acaso eu deveria estuprá-la? Quando diz ‘pare’, ela fala sério; Henrique sabe disso. Mas logo vinha outro dia e ela novamente me deixava beijá-la. Sim, sim, sim, não. O pior de tudo eram suas insinuações, ela quase se vangloriava de que dizia *não* a mim, mas *sim* a outros...”

“E os outros eram...?”

“Ah, nomes, nomes estragariam a diversão dela. A coisa é arquitetada para que você pense, será este?, a cada homem que vê na corte ou mesmo em Kent. Será este ou aquele? Assim você fica se perguntando sem parar: o que eu fiz de errado, qual o problema comigo, por que não consigo agradá-la, por que ela não me dá uma chance.”

“Eu acredito que você escreve excelentes poemas. Pode se confortar com isso. Os versos de sua majestade podem ser um tanto repetitivos, para não dizer autocentrados.”

“Aquele canção do rei, ‘Diversão em boa companhia’. Quando escuto aquilo, sinto algo dentro de mim que deseja uivar, feito um cãozinho.”

“Tem razão, o rei já passou dos quarenta; é melancólico ouvi-lo cantando sobre os dias em que era jovem e estúpido.” Ele observa

Wyatt. O rapaz parece zozzo, como se tivesse uma dor persistente entre os olhos. Wyatt alega que Ana já não o atormenta, mas não é o que parece. Brutal como um açougueiro, ele indaga: “Pois bem, quantos amantes acha que ela teve?”.

Wyatt baixa os olhos para os pés. Ele olha para o teto. Ele diz, “Muitos? Ou nenhum? Ou centenas? Brandon tentou dizer a Henrique que ela foi usada. Mas o rei expulsou Brandon da corte. Imagine se eu tentasse. Duvido que sairia da sala com vida. Brandon se obrigou a falar porque pensa: e quando chegar o dia de Ana se entregar a Henrique, como será? Ele não vai perceber?”.

“Dê crédito a ela. Ana já deve ter pensando nisso. Além do mais, o rei não está apto para julgar virgindades. Ele mesmo admite. Com Catarina, Henrique levou vinte anos para concluir que seu irmão esteve com ela primeiro.”

Wyatt ri. “Quando chegar o dia, ou a noite, Ana dificilmente poderá usar esse argumento.”

“Ouça. Este é meu ponto de vista: Ana não se preocupa com a noite de núpcias porque não há razão para se preocupar.” A intenção dele é dizer, porque Ana não é um ser carnal, ela é um ser calculista, com um cérebro frio e preciso sempre em atividade por trás de seus ávidos olhos negros. “Creio que qualquer mulher que consiga dizer não ao rei da Inglaterra, por um longo tempo, tem a prudência de dizer não a todos os outros homens, inclusive a você, inclusive a Harry Percy, e a qualquer um que ela decida atormentar por diversão enquanto dirige sua carreira para onde lhe interessa. Portanto, eu acho que sim, você foi feito de trouxa, mas não exatamente da forma como imaginava.”

“Isso por acaso deveria servir de consolo?”

“Deveria sentir alívio. Se realmente tivesse sido amante dela, eu temeria pela sua segurança. Henrique acredita na virgindade dela. Em que mais ele poderia acreditar? Mas quando forem casados, ele mostrará o quanto é ciumento.”

“E algum dia eles realmente serão? Casados?”

“Acredite, estou fazendo um grande esforço junto ao Parlamento e acho que consigo dobrar os bispos. E depois disso, só Deus sabe... Thomas More diz que no reinado do rei João, quando a Inglaterra foi posta sob interdito do papa, o gado não se reproduziu, o milho cessou de madurar, o capim parou de crescer e os pássaros caíam do ar. Se isso começar a acontecer”, ele sorri, “tenho certeza de que poderemos reverter nossa política.”

“Ana me perguntou: em que Cromwell realmente acredita?”

“Então vocês conversam? E sobre mim? Não apenas sim, sim, sim, não? Estou lisonjeado.”

Wyatt parece triste. “Será que não está enganado? Sobre Ana?”

“É possível. No momento, eu acredito na ideia que ela tem de si mesma. É interessante para mim. Para nós dois.”

Quando Wyatt está saindo: “Volte em breve. Minhas filhas ouviram falar do quanto você é belo. Se acha que elas vão se decepcionar, pode ficar de chapéu”.

Wyatt é parceiro regular do rei em partidas de tênis. Portanto, ele sabe como dobrar o próprio orgulho. Dá um jeito de sorrir.

“Seu pai nos contou sobre a leoa. Os meninos transformaram a história numa peça. Talvez queira nos visitar um dia e representar seu próprio papel?”

“Ah, a leoa. Hoje em dia, eu penso a respeito e não me parece algo que eu faria. Ficar parado numa clareira e atrair uma fera para mim.” Ele faz uma pausa. “Soa mais como algo que o senhor faria, mestre Cromwell.”

Thomas More visita Austin Friars. Ele recusa a comida, recusa a bebida, embora pareça necessitado de ambas.

O cardeal não teria aceitado não como resposta. Ele o obrigaria a se sentar e comer manjar. Ou, se estivessem na estação apropriada, daria ao visitante um grande prato de morangos e uma colher muito pequena.

More diz: “Nos últimos dez anos, os turcos tomaram Belgrado. Eles atearam fogo na grande biblioteca de Buda. Faz apenas dois anos que eles bateram aos portões de Viena. Por que abrir outra brecha nas muralhas da cristandade?”.

“O rei da Inglaterra não é um infiel. E eu tampouco.”

“Não? Realmente não sei se ora ao deus de Lutero e dos germânicos, a algum deus pagão que conheceu nas suas viagens ou a alguma divindade inglesa da sua própria invenção. Talvez sua fé esteja à venda. O senhor serviria ao sultão se o pagamento fosse bom.”

Erasmus diz, teria a natureza criado algo mais suave, mais doce ou mais harmonioso que o caráter de Thomas More?

Ele fica em silêncio, sentado à escrivaninha — More o pegou trabalhando — com o queixo pousado sobre os punhos. É uma pose que provavelmente lhe dá alguma vantagem combativa.

O lorde chanceler parece prestes a rasgar suas vestes: o que só poderia melhorá-las. A imagem poderia provocar pena, mas ele decide não se apiedar. “Mestre Cromwell, o senhor acha que por ser conselheiro pode negociar com hereges pelas costas do rei. Está enganado. Sei de cartas suas que entram e saem para Stephen Vaughan, sei que ele se encontrou com Tyndale.”

“Está me ameaçando? Só por curiosidade.”

“Sim”, responde More, amargo. “Sim, é exatamente o que estou fazendo.”

Ele vê que o equilíbrio do poder se modificou entre os dois: não como funcionários do Estado, mas como homens.

Quando More sai, Richard diz: “Ele não deveria. Ameaçar o senhor, quero dizer. Hoje, por causa do cargo, ele pode fazer isso, mas amanhã, quem sabe?”.

Ele pensa: eu era uma criança, nove anos ou algo assim, quando fugi para Londres e vi uma mulher idosa sofrendo pela sua fé. A lembrança flui por seu corpo e ele a afasta como se navegasse por ela, falando sobre o ombro: “Richard, verifique se o lorde chanceler

tem sua própria escolta. Se não, providencie uma, e tente enfiá-lo num barco de volta para Chelsea. Não podemos deixar que ele passeie por Londres, fazendo sermões em cada portão que encontre”.

Ele diz esta última parte em francês, sem saber por quê. Ele pensa em Ana, com a mão estendida, atraindo-o em direção a ela: *Maître Cremuel, à moi.*

Ele não recorda o ano, mas se lembra do clima de fins de abril, as espessas gotas de chuva salpicando as folhas novas. Ele não se lembra da razão para a fúria de Walter, mas revive o medo que sentira em seu âmago, o coração ribombando contra as costelas. Naqueles dias, quando não podia se esconder com seu tio John em Lambeth, ele partia para a cidade e procurava alguém com quem fazer amizade, para ganhar alguns centavos fazendo biscates nos atracadouros, carregando cestos ou enchendo carroças. Bastava alguém assoviar, que ele vinha atrás; e agora ele sabe, teve sorte por não se envolver com bandidos em cuja companhia acabaria marcado a ferro quente, ou chicoteado, ou então terminaria como um dos pequenos cadáveres que o povo às vezes pesca de dentro do rio. Naquela idade, ninguém tem bom senso. Se alguém dizia, ali tem diversão, ele seguia o dedo em riste. Ele não tinha nada contra a velha, mas jamais havia visto uma execução na fogueira.

Que crime ela cometeu?, ele perguntou, e os outros responderam, é uma lolardista. É alguém que diz que o corpo de Deus no altar é um pedaço de pão. Como assim, ele indagou, pão como o que o padeiro faz? Deixem o garoto passar à frente, eles disseram. Deixem que aprenda, será bom que veja de perto, daqui em diante ele sempre frequentará a missa e obedecerá ao seu padre. Eles o empurraram à frente da multidão. Venha cá, querido, fique comigo, disse uma mulher com um sorriso franco e uma imaculada touca branca. Só por assistir, já se é absolvido dos pecados. E qualquer um que leve esses depravados à fogueira será liberado do purgatório em quarenta dias.

Quando a lolardista apareceu, escoltada entre os guardas, o povo vaiou e berrou. Ele percebeu que se tratava de uma avó, talvez a pessoa mais velha que já vira. Os guardas quase a carregavam. Ela não usava touca ou véu. Em algumas partes da cabeça, parecia que os cabelos tinham sido arrancados. Atrás dele, as pessoas diziam, sem dúvida, ela mesma fez isso, em desespero pelo seu pecado. Às costas da lolardista seguiam dois monges, desfilando como gordos ratos cinza com crucifixos entre as patas rosadas. A mulher da touca branca apertou o ombro do menino: como uma mãe talvez fizesse, se você tivesse uma. Olhe só para ela, disse a mulher, oitenta anos e mergulhada em podridão. Um homem comentou, não há muita carne sobre esses ossos, ela não durará muito, a não ser que o vento mude.

Mas qual foi o pecado dela?, ele insistiu.

Eu já lhe disse. Ela diz que os santos não passam de troncos de madeira.

Como aquele tronco em que ela será acorrentada?

Sim, exatamente como esse.

O tronco também vai queimar.

Eles arranjam outro da próxima vez, respondeu a mulher. Ela largou o ombro do menino, cerrou as duas mãos e elevou os punhos ao ar, soltando um grito do fundo do peito, um chamado de caça numa voz estridente, como um demônio. A turba repetiu o grito. Eles rilhavam e se empurravam para conseguir uma visão melhor, vaiavam, assobiavam e batiam os pés. Ao pensar na coisa horrenda que veria, ele se arrepiou. Voltou-se para ver o rosto da mulher que era sua mãe no meio da multidão. Olhe bem, ela recomendou. Com a mais suave pressão dos dedos, ela virou o rosto do garoto para o espetáculo. Preste atenção agora. Os guardas pegaram as correntes e prenderam a velha ao tronco.

O tronco ficava no alto de uma pilha de pedras, e alguns cavalheiros apareceram, padres, talvez bispos, ele não sabia. Os homens exigiram que a lolardista abandonasse suas heresias. Ele

estava perto o bastante para ver que a velha movia os lábios, mas não conseguiu ouvir o que dizia. E se ela mudar de ideia agora, será que vão soltá-la? Não esses homens, riu a mulher. Veja, ela está clamando pela ajuda de Satã. Os cavalheiros se afastaram. Os guardas juntaram madeira e fardos de palha em torno da lolardista. A mulher tocou o ombro do menino. Tomara que estejam úmidos, não? Daqui dá para ver bem; da última vez, fiquei lá atrás. A chuva parou, o sol surgiu entre as nuvens. Quando o carrasco chegou com a tocha, o fogo era translúcido à luz do sol, pouco mais que um movimento sinuoso, como enguias se agitando numa bolsa. Cantando, os monges ergueram uma cruz até o rosto da lolardista, e foi apenas quando eles recuaram da primeira nuvem de fumaça que a multidão percebeu que o fogo estava aceso.

O povo se lançou à frente, aos berros. Os guardas faziam uma barreira com lanças e gritavam com vozes potentes, para trás, para trás, para trás, e a multidão reclamava, recuava e depois se atirava à frente outra vez, gritando e cantando, como se fosse um jogo. Redemoinhos de fumaça atrapalhavam a visão e muitos escaparam para os lados, tossindo. Sintam o cheiro dela!, eles berravam. O cheiro da velha porca! Ele prendeu a respiração para que a velha não entrasse em suas narinas. A lolardista urrava entre a fumaça. Agora ela chama pelos santos!, exclamava a multidão. A mulher se inclinou para falar no ouvido do menino. Sabia que eles sangram no fogo? Tem gente que pensa que eles só ressecam, mas eu já vi antes e sei.

No momento em que a fumaça se abriu e eles puderam enxergar a cena com clareza, a velha estava totalmente coberta de chamas. A multidão começou a aplaudir. Tinham dito que não duraria muito, mas durou — ou foi o que lhe pareceu, até que os gritos parassem. Ninguém reza por ela?, ele perguntou, e a mulher respondeu, para quê? Mesmo depois que os gritos cessaram, o fogo continuou sendo alimentado. Os guardas circulavam ao redor, pisoteando todo

tufo de palha que voava para fora, chutando de volta qualquer coisa maior.

Quando a multidão se retirou para casa, tagarelando, dava para ver aqueles que haviam ficado do lado errado da fogueira, pois tinham o rosto tismado de cinzas. Ele queria voltar para casa, mas novamente pensou em Walter, que dissera naquela manhã que o mataria palmo a palmo. Ele viu os guardas golpeando os detritos humanos com barras de ferro. As correntes retinham os restos de carne, despedaçados, pendurados. Abordando os homens, ele perguntou: para queimar ossos, qual deve ser o calor do fogo? Ele esperava que os homens tivessem conhecimento do assunto. Mas eles não compreenderam a pergunta. Quem não é ferreiro pensa que todo fogo é igual. Mas seu pai lhe ensinou os tons de vermelho: vermelho-poente, vermelho-cereja, o claríssimo vermelho-amarelo sem nome, a não ser que se chame escarlata.

O crânio da lolardista estava jogado no chão, junto aos longos ossos de seus braços e pernas. A caixa torácica despedaçada não era maior que a de um cão. Um dos guardas pegou uma barra de ferro e atravessou o buraco que antes abrigara o olho esquerdo da mulher. Ergueu o crânio e o posicionou sobre as pedras, com o rosto virado para si. Depois ergueu sua barra e a desceu com força sobre o topo da caveira. Mesmo antes que o golpe terminasse, ele já sabia que estava errado, torto. Um estilhaço de osso, em forma de estrela, voou para o chão, mas a caveira, em sua maior parte, continuava intacta. Jesus, exclamou o homem. Aqui, garoto, quer tentar? Um bom golpe vai acabar com ela.

Em geral, ele dizia sim a todos os convites. Mas agora ele se afastou, as mãos às costas. Sangue de Cristo, comentou o homem, bem que eu queria me dar ao luxo de escolher e simplesmente sair andando. Logo depois, a chuva começou a cair. Findo o trabalho, os homens limparam as mãos, assoaram o nariz e foram embora. Jogaram as barras de ferro em meio ao que restou da mulher, que agora não passava de fragmentos de ossos e uma espessa lama

cinzenta. Ele pegou uma das barras, para o caso de precisar de uma arma, e examinou a extremidade estreita, cortada como um cinzel. Não sabia quão longe estava de casa, ou se Walter apareceria para pegá-lo. Thomas tentava imaginar como alguém consegue matar outra pessoa assim devagar, palmo a palmo, queimando-a viva ou cortando-a em pedacinhos. Deveria ter perguntado aos guardas quando estavam ali, pois, como funcionários da cidade, deviam saber.

O cheiro da velha ainda pairava no ar. Ele especulava se agora ela estava no inferno ou se vagava pelas ruas; mas ele não tinha medo de fantasmas. Havia um tablado instalado para as autoridades e, embora tivessem retirado a tenda de cobertura, era suficientemente separado do chão para que o menino engatinhasse para baixo e se abrigasse. Pensando que mal não podia haver, rezou pela mulher. Enquanto rezava, ele mexia os lábios. A água da chuva se acumulava no tablado e caía em grandes gotas através das tábuas. Ele contava o tempo entre as gotas e as apanhava na mão em concha. Fazia isso apenas para se distrair. Chegou a noite. Se fosse um dia qualquer, agora ele teria fome e sairia para procurar comida.

Ao crepúsculo, alguns homens apareceram, e mulheres também; pela presença das mulheres, ele soube que não eram guardas ou pessoas que pudessem machucá-lo. Reuniram-se num vago círculo em torno do tronco e de sua pilha de pedras. Ele se arrastou para fora do tablado e se aproximou dos recém-chegados. Talvez queiram saber o que aconteceu aqui, ele disse. Mas o grupo não lhe dirigiu um olhar, tampouco palavras. Eles caíram de joelhos e ele achou que estavam rezando. Eu também rezei por ela, ele disse.

Rezou? Bom garoto, disse um dos homens. Ele nem sequer ergueu os olhos. Se ele olhar para mim, ele pensou, vai ver que não sou bom, que não passo de um garoto imprestável que sai com seu cachorro e esquece de fazer a salmoura para a forja, e quando Walter berra, onde está a maldita bacia de esfriar!, ela não se

encontra onde deveria. Com um embrulho no estômago, ele recordou o que deixou de fazer e por que seria morto, e quase soltou um grito. Como se sentisse dor.

Agora ele via que os homens e as mulheres não rezavam. Eles estavam de quatro. Eram amigos da executada, recolhendo seus restos. Uma das mulheres se ajoelhou, as saias espalhadas, segurando uma tigela de cerâmica. Mesmo no escuro, ele tinha visão aguçada, e através da fuligem e da lama detectou um fragmento de osso. Aqui tem um pouco, ele disse. A mulher estendeu a tigela. Aqui tem outro.

Um dos homens se mantinha à parte, a certa distância. Por que ele não nos ajuda?, o garoto indagou.

É nosso vigia. Ele assoviará se os guardas aparecerem.

Eles nos prenderiam?

Rápido, rápido!, dizia outro homem.

Quando a tigela já estava cheia, a mulher disse: “Dê sua mão aqui”.

Confiante, ele esticou a mão para ela. A mulher enterrou os dedos na tigela. Nas costas da mão dele, ela passou um borrão de lama e areia, gordura e cinzas. “Joan Boughton”, a mulher disse.

Ao recordar isso agora, ele se surpreende com sua própria memória falha. Ele jamais esqueceu a mulher, cujos restos mortais carregou sobre a própria pele como uma mancha pegajosa, mas por que sua infância não parece seguir uma cronologia, uma parte depois da outra? Ele não lembra como chegou em casa, e o que Walter fez em lugar de matá-lo palmo a palmo, ou, primeiro de tudo, por que ele fugira sem fazer a salmoura. Ele pensa, talvez eu tenha derrubado o sal, e me apavorei demais para contar a Walter. Parece provável. Um medo cria um deslize, o deslize traz um medo ainda maior, e logo se chega a um ponto em que o medo é esmagador, o espírito humano se rende e uma criança escapa num transe, sem rumo, e termina seguindo uma massa de gente e testemunhando uma execução.

Ele nunca contou aquela história a ninguém. Não vê problema em conversar com Richard ou Rafe sobre seu passado — dentro de certos limites —, mas tampouco pretende entregar partes de si. Com demasiada frequência, Chapuys vem jantar em sua casa, querendo extrair pedaços de sua vida assim como puxa pedacinhos de carne assada dos ossos.

Há quem diga que seu pai foi irlandês, sugere Eustache. Ele espera, numa postura imperturbável.

Essa é a primeira vez que ouço falar disso, ele diz, mas garanto que ele era um mistério até para si mesmo. Chapuys funga; os irlandeses são um povo muito violento, ele diz. “Diga-me, é verdade que fugiu da Inglaterra aos quinze anos, depois de escapar da prisão?”

“Com certeza. Um anjo arrebentou minhas correntes.”

Isso lhe dará algo para escrever ao imperador. “Apresentei a alegação a Cremuel, que me respondeu com uma blasfêmia, inadequada para vossos ouvidos imperiais.” Chapuys nunca fica sem ter o que pôr nos despachos. Se há poucas notícias, ele manda mexericos. Há boatos de que o embaixador coleta de fontes duvidosas, e os rumores que ele fornece ao embaixador de propósito. Como Chapuys não fala inglês, ele coleta as notícias em francês de Thomas More, em italiano de Antonio Bonvisi, e só Deus sabe em que língua — latim? — de Stokesley, bispo de Londres, cuja mesa ele também frequenta. Chapuys vende a seu amo imperador a ideia de que o povo da Inglaterra está tão descontente com seu rei que, com o apoio de algumas tropas espanholas, se erguerá em revolta. Claro, Chapuys está profundamente equivocado. Os ingleses podem até favorecer a rainha Catarina — vagamente, ao que parece; podem antipatizar ou não compreender as medidas recentes do Parlamento, mas por instinto ele sabe que o povo se uniria contra uma interferência estrangeira. Eles gostam de Catarina porque esquecem que ela é espanhola, porque ela vive aqui há muito tempo. É o mesmo povo que se revoltou contra os

estrangeiros no 1º de maio de 1517; o mesmo povo de coração duro, teimoso, apegado a seu pedaço de chão. Só uma força esmagadora — uma coalizão, digamos, de Francisco da França e o imperador — poderia dobrá-los. Claro, não se pode descartar a possibilidade de que uma coalizão como essa venha a acontecer.

Quando o jantar acaba, ele leva Chapuys de volta a seus criados, a seus grandes e sólidos rapazes, guarda-costas que fazem hora papeando em flamengo, muitas vezes a respeito do anfitrião. Chapuys sabe que ele esteve nos Países Baixos; por acaso o embaixador imagina que ele não compreende o idioma? Ou seria alguma elaborada espécie de blefe duplo?

Depois da morte de Lizzie, houve dias, não há muito tempo, em que ele acordava de manhã e, antes de falar com qualquer um, tinha de recordar quem ele era e por quê. Havia dias em que acordava de sonhos com os mortos e procurava por eles. Quando sua persona da vigília vacilava no limite de seus sonhos.

Mas aqueles dias já se foram.

Às vezes, após Chapuys ter passado um longo tempo desenterrando os ossos de Walter e fazendo com que Thomas encare sua própria vida como algo estranho, ele se sente quase compelido a falar em defesa do pai, de sua infância. Mas não há razão para se justificar. Explicações não servem de nada. Expor sua história é uma fraqueza. É sábio esconder o passado, mesmo quando não há nada a esconder. O poder de um homem está na meia-luz, nos movimentos quase despercebidos de sua mão, na expressão indecifrável de seu rosto. O que intimida as pessoas é a ausência de fatos: a lacuna que ele abre, e onde os outros derramam seus medos, fantasias, desejos.

No dia 14 de abril de 1532, o rei o nomeia guardião da Casa de Joias. Nesse cargo, como disse Henry Wyatt, é possível ter uma visão geral dos rendimentos e gastos do rei.

Como se admoestasse algum cortesão de passagem, Henrique exclama: “Por que não devo, diga-me, por que não devo empregar o filho de um honesto ferreiro?”.

Ele esconde o sorriso por essa descrição de Walter; tão mais elogiosa que qualquer uma elaborada pelo embaixador da Espanha. O rei diz: “O que você é, sou eu quem decide. Eu, sozinho. Tudo o que você é, tudo o que você tem, virá de mim”.

A ideia causa ao rei um prazer com que dificilmente se poderia antipatizar. Henrique anda tão bem-disposto por aqueles dias, tão generoso e afável, que é preciso perdoar as ocasionais afirmações de sua posição, quer sejam necessárias, quer não. O cardeal costumava dizer, os ingleses perdoam qualquer coisa do seu rei, contanto que ele não tente taxá-los. Wolsey também dizia: não importa qual é o título de determinado cargo; se um colega do conselho virava as costas, quando voltava ele descobria que eu já estava fazendo seu trabalho.

Ele está num escritório de Westminster num dia de abril quando chega Hugh Latimer, pouco depois de ser liberado da custódia no palácio de Lambeth. “Bem?”, cumprimenta Hugh. “Talvez possa deixar seus rascunhos de lado e me dar sua mão.”

Ele se ergue de sua mesa e abraça o casaco negro empoeirado, os músculos, os ossos. “E então, fez um belo discurso a Warham?”

“Fiz de improviso, à minha maneira. Saiu fresco da minha boca, como da boca de um bebê. Talvez o velho esteja perdendo o apetite para fogueiras, agora que seu próprio fim está tão próximo. Ele definha como uma ervilha ao sol; quando anda, dá para escutar os ossos chocalhando. Não posso dizer com certeza absoluta, mas, como pode ver, aqui estou.”

“Em que condições ele o manteve?”

“Paredes vazias eram minha biblioteca. Felizmente, meu cérebro está repleto de textos. Ele me dispensou com uma advertência. Disse que, se não tenho cheiro de fogueira, no mínimo tenho cheiro de frigideira. Já ouvi isso antes. Já deve fazer dez anos que fui

levado diante da Fera Escarlata por heresia.” Ele ri. “Mas Wolsey devolveu minha licença de clérigo. E o beijo da paz. E meu jantar. E então? Estamos um pouco mais próximos de uma rainha que ama o Evangelho?”

Um dar de ombros. “Nós... Eles estão conversando com os franceses. Há um tratado no ar. Francisco tem uma tropa de cardeais que talvez nos emprestem sua voz em Roma.”

Hugh resmunga. “Ainda esperando por Roma.”

“É assim que tem de ser.”

“Nós converteremos Henrique. Nós o converteremos ao Evangelho.”

“Talvez. Não de uma hora para outra. Pouco a pouco.”

“Eu pedirei ao bispo Stokesley que me permita visitar nosso irmão Bainham. O senhor viria comigo?”

Bainham é o advogado que foi preso e torturado por More no ano anterior. Pouco antes do Natal, ele foi levado ao bispo de Londres, abjurou e foi solto em fevereiro. É um homem normal; ele queria viver, e quem não quer? No entanto, assim que se viu livre, sua consciência lhe tirou o sono. Certo domingo, ele entrou numa igreja lotada e se plantou diante de todos com a Bíblia de Tyndale na mão, e professou sua fé. Agora ele está na Torre, esperando para saber a data de sua execução.

“E então?”, indaga Latimer. “Vem ou não?”

“Eu não deveria dar munição ao lorde chanceler.”

Ele pensa, talvez eu possa minar a resolução de Bainham. Dizer, acredite em tudo, irmão, jure por qualquer coisa e cruze os dedos às costas. Mas agora já não importa o que Bainham tem a dizer. A misericórdia não operará por ele, Bainham queimarão.

Hugh Latimer se retira a passos largos. A misericórdia de Deus opera por Hugh. O Senhor caminha com ele, e entra a seu lado numa barca, e aporta sob a sombra da Torre; sendo assim, não há necessidade de Thomas Cromwell.

More diz que não importa se alguém mente para hereges ou os engana para atraí-los à confissão. Hereges não têm direito ao silêncio, mesmo quando sabem que a fala os incriminará; se não falam, seus dedos são quebrados, são queimados com ferros, são pendurados pelos pulsos. É legítimo, e More diria mais; é abençoado.

Há um grupo na Câmara dos Comuns que janta com padres na taberna Queen's Head. Deles vem a afirmação — que se espalha entre o povo de Londres — de que qualquer um que apoie o divórcio do rei terá a alma condenada. Deus é tão devotado à causa desses cavalheiros, dizem, que um anjo comparece às sessões do Parlamento com um pergaminho, anotando quem vota e como vota, e passando uma marca de fuligem sobre os nomes daqueles que temem mais a Henrique VIII que ao Todo-Poderoso.

Em Greenwich, um frei chamado William Peto, líder de seu ramo da ordem franciscana na Inglaterra, faz um sermão diante do rei, usando como seu texto e exemplo o infeliz Ahab, sétimo rei de Israel, que vivia num palácio de marfim. Sob a influência da maligna Jezebel, ele construiu um templo pagão e deu posições entre seu séquito aos sacerdotes de Baal. O profeta Elias disse a Ahab que os cães lamberiam seu sangue, e assim foi, como é de imaginar: pois apenas os profetas exitosos são lembrados. Os cães de Samaria lamberam o sangue de Ahab. Todos os seus herdeiros varões pereceram. Seus corpos foram abandonados sem enterro pelas ruas. Jezebel foi atirada da janela de seu palácio. Cães selvagens despedaçaram seu corpo.

Ana diz: “Eu sou Jezebel. O senhor, Thomas Cromwell, representa os sacerdotes de Baal”. Seus olhos chamejam. “Por ser mulher, sou a via por onde o pecado adentra o mundo. Sou o portão do demônio, o ingresso maldito. Sou o meio por onde Satanás ataca o homem, a quem ele não teve coragem de atacar, senão por meu intermédio. Bem, essa é a visão desses padres. Minha opinião é a de que há muitos sacerdotes com pouca formação e com excesso

de tempo livre. E eu gostaria que o papa e o imperador e todos os espanhóis fossem afogados no mar. E se alguém deve ser atirado da janela do palácio... *alors*, Thomas, eu sei quem gostaria de atirar. À exceção da menina Maria, pois os cães selvagens não encontrariam um só vestígio de carne para roer, e Catarina, que é tão gorda que rebotaria de volta.”

Ao chegar em casa, Thomas Avery põe sobre as pedras do chão o baú de viagem onde carrega todas as suas posses, e se levanta de braços abertos para abraçar o amo, feito uma criança. As notícias de sua promoção governamental chegaram a Antuérpia. Ao que parece, Stephen Vaughan ficou vermelho-tijolo de contentamento e tomou uma taça inteira de vinho sem diluir com água.

Entre, ele diz, há cinquenta pessoas aqui para me ver, mas elas podem esperar, venha e me diga como vão todos do outro lado do estreito. Thomas Avery começa a falar no mesmo instante. Mas se detém ao entrar pela porta de seu quarto. Ele olha para a tapeçaria presenteada pelo rei. Seus olhos passeiam pela tela, retornam ao rosto do amo e depois de volta à tapeçaria. “Quem é essa dama?”

“Não adivinha?” Ele ri. “É a rainha de Sabá visitando Salomão. Foi presente do rei. Pertenceu ao meu lorde cardeal. Henrique viu que eu tinha apreço por ela, e ele gosta de dar presentes.”

“Deve valer uma quantia considerável.” Avery contempla a obra com respeito, como o jovem e astuto contador que é.

“Veja”, ele diz. “Eu tenho outro presente, o que acha disto? Talvez seja a única coisa boa que já saiu de um mosteiro. Irmão Luca Pacioli. Ele levou trinta anos para escrever.”

O livro é encadernado no mais profundo verde com arestas de ouro lavrado, e as páginas têm bordas douradas, de modo que a obra brilha sob a luz. Os fechos são incrustados de granadas escuras, lisas, translúcidas. “Quase não ousei abri-lo”, diz o rapaz.

“Por favor. Vai gostar.”

É a *Summa de Arithmetica*. Ele abre os fechos e descobre uma gravura do autor diante de um livro e um compasso. “É uma nova edição?”

“Não exatamente, mas meus amigos em Veneza há pouco se lembraram de mim. Claro, eu era criança quando Luca o escreveu, e você não existia nem em pensamento.” Seus dedos mal tocam a página. “Veja, aqui ele trata de geometria, vê as figuras? Aqui é onde ele diz: não vá para a cama até que os livros façam sentido.”

“Mestre Vaughan cita essa máxima. Ela já me obrigou a trabalhar até o amanhecer.”

“E a mim.” Muitas noites em muitas cidades. “Sabe, Luca era um homem pobre. Ele saiu de Sansepulcro. Era amigo de artistas e se tornou um matemático perfeito em Urbino, uma pequena cidade nas montanhas, onde o conde Federico, o grande *condottiere*, tinha uma biblioteca de mais de mil livros. Ele foi mestre na universidade de Perúgia, mais tarde em Milão. Eu me pergunto por que um homem como esse permaneceria como monge, mas, claro, houve praticantes de álgebra e geometria que acabaram atirados em calabouços como feiticeiros, talvez ele pensasse que a Igreja o protegeria... Assisti a uma de suas aulas em Veneza, deve fazer mais de vinte anos agora, eu tinha sua idade, acho. Ele falou sobre proporção. Proporção na arquitetura, na música, nas pinturas, na justiça, no povo, no Estado; falou sobre como os direitos devem ser equilibrados, o poder de um príncipe e dos seus súditos, e que o cidadão rico deve manter seus livros em ordem e dizer suas preces e servir aos pobres. Palestrou sobre a aparência que deve ter uma página impressa, como uma lei deveria ser redigida, e sobre um rosto, sobre o que o torna belo.”

“E ele me dirá isso neste livro?” Thomas Avery volta a erguer o olhar para a rainha de Sabá. “Imagino que elas sabiam, as pessoas que fizeram essa tapeçaria.”

“Como vai Jenneke?”

O rapaz vira as folhas com dedos reverentes. “É um belo livro. Seus amigos em Veneza devem admirá-lo muito.”

Então Jenneke já é passado, pensa ele. Está morta ou se apaixonou por outra pessoa. “Às vezes”, diz ele, “meus amigos na Itália me mandam novos poemas, mas acho que toda a poesia se encontra aqui... Não que uma página de números seja um verso, mas qualquer coisa precisa é bela, qualquer coisa equilibrada em todas as suas partes, qualquer coisa proporcional... concorda?”

Ele se impressiona com a atração exercida pela rainha de Sabá sobre o olhar do rapaz. É impossível que Avery já tenha visto, conhecido ou ouvido falar de Anselma. Ele pensa, eu falei de Anselma a Henrique, numa daquelas tardes em que contei um pouco ao meu rei e ele me falou muito; Henrique falou sobre como treme de desejo quando pensa em Ana, como tentou com outras mulheres — experimentando-as como expediente para reduzir a pulsão do desejo, para que pudesse pensar, falar e agir como um homem razoável —, mas falhou com elas... Uma estranha admissão, mas Henrique acha que isso o justifica, pensa que isso afirma a razão de sua busca, pois nada persigo além de uma corça, diz o rei, uma estranha cerva, tímida e arisca, e ela me afasta dos caminhos trilhados por outros homens, e me conduz, sozinho, às profundezas da floresta.

“Bem, vamos deixar este livro na sua mesa. Para consolá-lo quando nenhuma das contas fizer qualquer sentido.”

Ele tem grandes esperanças em Thomas Avery. É fácil empregar um menino para somar o total das colunas e colocá-lo debaixo de seu nariz, conseguir uma rubrica e depois trancar esse total num baú. Mas qual é a utilidade disso? A página de um livro contábil existe para ser usada, como um poema de amor. Não para que alguém a aprove e a abandone em seguida; ela existe para abrir o coração às possibilidades. Como as Escrituras: elas existem para que o homem pense a respeito e se entregue à ação. Ame ao

próximo. Estude o mercado. Intensifique a disseminação da bondade. Produza resultados melhores no ano que vem.

A data da execução de James Bainham é marcada para 30 de abril. Ele não pode recorrer ao rei, não com qualquer esperança de perdão. Há muito, Henrique recebeu o título de defensor da fé, e ainda está disposto a mostrar que o merece.

Em Smithfield, no tablado construído para os dignitários, ele encontra o embaixador veneziano, Carlo Capello. Os dois trocam medidas. “Em que papel está aqui, Cromwell? Como amigo desse herege ou por virtude da sua posição? Aliás, qual é sua posição? Só o diabo sabe.”

“E tenho certeza de que ele há de contar a vossa excelência na próxima vez em que tiverem uma conversa em particular.”

Envolto em seu manto de chamas, o homem agonizante grita: “Que o Senhor perdoe Thomas More”.

A 15 de maio, os bispos assinam um documento de submissão ao rei, afirmando que não criarão novas leis eclesiásticas sem a licença do monarca e submeterão todas as leis existentes à revisão de uma bancada que incluirá leigos — membros do Parlamento e nomeados pelo rei. Os sacerdotes não se reunirão em assembleia sem a licença do rei.

No dia seguinte, ele se encontra numa galeria em Whitehall com vista para um pátio interno, um jardim, onde o rei espera e o duque de Norfolk perambula de um lado a outro. Ana está na galeria a seu lado. Ela usa um vestido vermelho-escuro de damasco estampado, tão pesado que seus pequenos ombros brancos parecem vergar dentro da roupa. Às vezes, numa espécie de irmandade imaginativa, ele se imagina pousando a mão no ombro dela e seguindo com o polegar o côncavo entre a garganta e a clavícula; imagina seu indicador tracejando a linha onde os seios se inflam acima do corpete, como uma criança segue uma linha impressa.

Ela vira a cabeça e abre um meio sorriso. “Lá vem ele. Não está mais usando o colar de lorde chanceler. O que terá feito com ele?”

Thomas More parece exausto e cabisbaixo. Norfolk aparenta tensão. “Há meses que meu tio vem tentando arranjar isso”, diz Ana. “Mas o rei não será dobrado. Ele não quer perder More. Henrique deseja agradar a todo mundo. Sabe como é.”

“Ele conheceu Thomas More quando jovem.”

“Quando jovem, eu conheci o pecado.”

Eles se entreolham e sorriem. “Veja ali”, prossegue Ana. “Você acha que é o selo da Inglaterra, aquilo que ele leva na bolsa de couro?”

Quando foi obrigado a devolver o grande selo, Wolsey arrastou o processo por dois dias. Mas agora o rei, no paraíso privado lá embaixo, está esperando com a mão aberta.

“Quem será agora?”, indaga Ana. “Na noite passada, Henrique disse: meus lordes chanceleres só me causam infelicidade. Talvez eu deva viver sem eles.”

“Os advogados não gostarão disso. Alguém deve governar as cortes.”

“Então, quem o senhor imagina?”

“Faça a cabeça do rei para que ele aponte o presidente da Câmara. Audley fará um trabalho honesto. Se preferir, o rei pode testá-lo por um período e, depois, se não gostar dele, simplesmente não confirmá-lo no cargo. Mas creio que o rei vai gostar. Audley é um bom advogado, e é independente, mas sabe como se fazer útil. E ele me compreende, acho.”

“E pensar que alguém consegue isso! Deveríamos descer?”

“Não consegue resistir?”

“Não mais que você.”

Eles descem pela escadaria interna. Ana põe a ponta dos dedos sobre seu braço. No jardim abaixo, há rouxinóis presos em gaiolas penduradas. Absolutamente mudos, eles se escondem da luz do sol. Um chafariz cascadeia numa bacia. O aroma de tomilho se eleva

dos canteiros. De dentro do palácio, alguém ri fora das vistas, mas o ruído é interrompido como se uma porta se fechasse. Ele se inclina, pega um ramo de erva e esfrega o aroma na palma da mão. O perfume o transporta a outro lugar, muito distante dali. More faz sua medida a Ana. Ela mal move a cabeça em resposta. Ela faz uma profunda medida a Henrique e se posiciona a seu lado, os olhos no chão, e Henrique segura seu pulso; ele deseja lhe dizer algo, ou apenas estar a sós com a dama.

“Sir Thomas?” Ele oferece a mão. More recusa. Mas depois pensa melhor, dá meia-volta e a aceita. Seus dedos estão gelados.

“O que fará agora?”

“Escrever. Orar.”

“Eu recomendo que escreva só um pouco, e ore bastante.”

“Ah, isso é uma ameaça?” More está sorrindo.

“Talvez seja. É minha vez, não acha?”

Quando o rei avistou Ana, seu rosto se iluminou. Seu coração flameja; na mão de seu conselheiro, ele arde ao toque.

Ele encontra Gardiner em Westminster, num daqueles enfumaçados pátios de fundos, aonde a luz do sol jamais chega. “Meu lorde bispo?”

Gardiner junta as sobrancelhas de taturana.

“Lady Ana me pediu que pensasse numa residência de campo para ela.”

“E o que eu tenho com isso?”

“Deixe-me mostrar de que modo meus pensamentos se encadeiam”, ele diz. “A casa deve estar localizada em algum lugar junto ao rio, conveniente para Hampton Court e para a viagem da sua barca até Whitehall e Greenwich. Deve estar conservada, pois ela não tem paciência e não esperará por reformas. Algum lugar com belos jardins, bem estabelecido... E aí pensei, que tal a propriedade de Stephen em Hanworth, concedida pelo rei quando ele se tornou secretário-mor?”

Mesmo à luz fraca, ele vê os pensamentos que se sucedem na cabeça de Stephen. Ah, meu fosso e minhas pequeninas pontes, meus roseirais e canteiros de morangos, meu jardim de ervas, minhas colmeias, meus lagos e pomares, ah, meus medalhões italianos de terracota, minha marchetaria, minha prataria, minhas galerias, minha fonte em concha, meu campo de cervos.

“Seria gracioso da sua parte oferecer a concessão a Ana. Antes que se torne uma ordem real. Uma boa ação para servir de contraste à teimosia dos bispos? Ora, vamos, Stephen. Você tem outras casas. Até parece que dormirá sob um monte de feno.”

“Nesse caso”, retruca o bispo, “imagino que um dos seus garotos apareceria com um cão furioso para me arrancar dos meus sonhos.”

Os pulsos de roedor de Gardiner latejam; seus olhos cintilam, negros e úmidos. Ele urra por dentro, de indignação e fúria reprimida. Mas uma parte dele pode ficar aliviada, se ele pensar detidamente no assunto: pois a conta chegou cedo, e ele pode pagá-la.

Gardiner ainda é secretário-mor, mas ele, Cromwell, agora vê o rei quase todos os dias. Se Henrique deseja conselhos, ele os tem, e se o assunto está fora de sua alçada, ele encontra outra pessoa para fazê-lo. Se o rei tem uma reclamação, ele dirá, deixe comigo: isto é, se seu favor real me permite prosseguir? Quando o rei está de bom humor, ele ri com facilidade; quando o rei está infeliz, ele o trata com gentileza e cuidado. Henrique adotou, nos últimos tempos, uma conduta dissimulada, que o embaixador espanhol, com seus olhos sempre aguçados, não deixou de notar. “Ele encontra o senhor em reuniões particulares, e não na sua câmara de recepção”, diz o embaixador. “O rei prefere que seus nobres não saibam com que frequência consulta o senhor. Se o senhor fosse menor, seria levado e trazido num cesto de roupas. Do jeito que as coisas vão, acho que aqueles cavalheiros tão maldosos da câmara privada não deixarão de contar tudo isso aos amigos, que espalharão boatos sobre seus sucessos e calúnias a seu respeito, e

farão tramas para derrubá-lo...” O embaixador sorri. “Se me permite recorrer a uma imagem que fará bastante sentido para você: acertei o prego bem na cabeça?”

Numa carta de Chapuys ao imperador, que por acaso viaja por meio de mestre Wriothesley, ele é informado a respeito de seu próprio caráter. Me-Chame-Risley lhe recita a carta em voz alta: “Ele diz que seus antecedentes são obscuros, sua juventude foi desgovernada e selvagem, que o senhor é um herege de longa data, uma desgraça para o cargo de conselheiro; mas, pessoalmente, ele acha que o senhor é um homem de bom humor, liberal, generoso, gracioso...”.

“Eu sabia que Chapuys gostava de mim. Eu deveria pedir um cargo a ele.”

“Ele diz que, pela maneira como conquistou a confiança de Henrique, o senhor só pode ter prometido que faria dele o rei mais rico que a Inglaterra já teve.”

Ele sorri.

Em fins de maio, dois peixes de pródigas dimensões são tirados do Tâmis, ou melhor: agonizantes, encalham nas margens lamacentas. “Alguém espera que eu tome alguma providência a respeito?”, ele pergunta quando Johane traz a novidade.

“Não”, ela responde. “Pelo menos eu acho que não. É um portento, não? É um sinal, só isso.”

Em fins de julho, ele recebe uma carta de Cranmer, vinda de Nuremberg. Antes, Cranmer lhe escreveu dos Países Baixos, pedindo conselhos sobre suas negociações comerciais com o imperador, assuntos em que ele se sente fora de seu meio; e em cartas enviadas de cidades ao longo do Reno, ele explicitou suas esperanças de que o imperador alcançasse um acordo com os príncipes luteranos, pois necessita de tal ajuda contra os turcos na fronteira. Cranmer fala do quanto luta para ganhar prática no tradicional jogo diplomático da Inglaterra: oferecendo a amizade do

rei inglês, exibindo promessas de ouro inglês e, ao mesmo tempo, abstendo-se de entregar as duas coisas.

Mas essa carta é diferente. Ela foi ditada, escrita na caligrafia de um secretário. Fala das ações do Espírito Santo no coração humano. Rafe lê a carta em voz alta para ele, e aponta algumas palavras na letra de Cranmer, no pé da página e subindo para a margem esquerda: “Algo aconteceu, que não deve ser confiado a uma carta. Pode causar agitação. Alguns diriam que fui imprudente. Necessito de seus conselhos. Guarde sigilo”.

“Bem”, Rafe comenta, “vamos perambular pela Cheap, gritando, ‘Thomas Cranmer tem um segredo, não sabemos qual é!’.”

Uma semana depois, Hans Holbein aparece em Austin Friars. Ele alugou uma casa em Maiden Lane e se hospeda no Steelyard enquanto ela é reformada. “Deixe-me ver sua nova pintura, Thomas”, ele diz ao entrar, parando diante do quadro. Ele cruza os braços e recua um passo. “Conhece essa gente? A semelhança é grande?”

Dois banqueiros italianos associados contemplam o observador, mas anseiam por trocar olhares entre si; um veste sedas, o outro, peles; um vaso de cravos, um astrolábio, um pintassilgo, uma ampulheta com metade da areia já escorrida; através de uma janela arcada, um navio com cordames de seda e velas translúcidas flutua num espelho de mar. Hans dá as costas à imagem, satisfeito. “Como ele consegue essa expressão nos olhos, tão dura e a um só tempo tão dissimulada?”

“Como vai Elsbeth?”

“Gorda. Triste.”

“E é de surpreender? Vá para casa, faça um filho nela e volte para cá.”

“Admito não ser um bom marido. Só mando o dinheiro para casa.”

“Quanto tempo passará conosco?”

Hans resmunga, entorna sua taça de vinho e fala do que deixou para trás: conta sobre a Basileia, sobre os cantões e cidades suíças. Sobre as revoltas e batalhas travadas. Ter ou não ter imagens. Ter ou não ter estátuas. É o corpo de Deus, não é o corpo de Deus, é mais ou menos o corpo de Deus. É o sangue d'Ele, não é o sangue d'Ele. Padres podem casar, padres não podem casar. Há sete sacramentos, só há três. O crucifixo do qual nos aproximamos de joelhos e reverenciamos com nossos lábios, ou o crucifixo que desbastamos e queimamos em praça pública. “Não tenho qualquer simpatia pelo papa, mas me canso disso. Erasmo fugiu para a companhia dos papistas em Freiburg e eu corro para você e Junker Heinrich. É assim que Lutero chama seu rei inglês: ‘Sua Desgraça, o rei da Inglaterra’.” Ele limpa a boca. “Tudo que eu quero é fazer um bom trabalho e que me paguem por isso. E prefiro não ter meus esforços anulados por algum sectário com um balde de cal.”

“Veio até aqui em busca de paz e tranquilidade?” Ele balança a cabeça. “Tarde demais.”

“Acabei de passar pela ponte de Londres e vi que atacaram a estátua da Virgem. E derrubaram a cabeça do menino.”

“Isso ocorreu há algum tempo. Deve ter sido aquele demônio, Cranmer. A gente só sabe quem o doutor realmente é depois que ele bebe um copo.”

Hans sorri. “Você sente falta dele. Quem imaginaria que se tornariam amigos?”

“O velho Warham não está bem. Se ele morrer neste verão, Lady Ana pedirá o bispado de Cantuária para meu amigo.”

Hans fica surpreso. “E não para Gardiner?”

“Ele desperdiçou sua chance com o rei.”

“O pior inimigo de Stephen é o próprio Stephen.”

“Eu não diria isso.”

Hans ri. “Seria uma grande promoção para o dr. Cranmer. Mas ele não vai aceitar. Não Cranmer. Tamanha pompa. Ele gosta dos

seus livros.”

“Ele vai aceitar. Será um dever para ele. Até os melhores entre nós são forçados a agir contra sua natureza.”

“Como assim, Cromwell também?”

“É uma afronta à minha natureza ter seu antigo cliente aparecendo para me ameaçar na minha própria casa, e aceitá-lo em silêncio, como eu faço. Esteve em Chelsea?”

“Sim. É uma família triste.”

“Eles alegaram que More se demitiu devido a problemas de saúde. Para não constranger ninguém.”

“More diz ter uma dor aqui”, Hans esfrega o peito, “que o acomete quando ele começa a escrever. Mas os outros parecem muito bem. A família na parede, quero dizer.”

“Agora não é mais necessário ir a Chelsea para pleitear encomendas. O rei me pôs para trabalhar na Torre, estamos restaurando as fortificações. Ele mandou construtores, pintores e gravadores para lá, estamos desmontando os velhos aposentos reais e fazendo algo mais refinado, e vou construir novas acomodações para a rainha. Veja bem, neste país, reis e rainhas dormem na Torre na noite anterior à coroação. Quando chegar o dia de Ana, haverá bastante trabalho para você. Haverá cerimônias a projetar, banquetes, e a cidade encomendará trabalhos em ouro e prata para presentear o rei. Fale com os mercadores da Hansa, decerto vão querer aproveitar a oportunidade para dar um espetáculo. Convença-os a começar os planos agora mesmo. Garanta o trabalho, antes que metade dos artesãos da Europa esteja aqui.”

“Ela terá que usar novas joias?”

“Ela ficará com as de Catarina. Ana ainda não perdeu todo o bom senso.”

“Eu gostaria de pintá-la. Ana Bolena.”

“Não sei. Talvez ela não queira ser estudada.”

“Dizem que não é bonita.”

“Não, talvez não seja. Você não a escolheria para posar como a Primavera. Ou para uma estátua da Virgem. Ou para uma alegoria da Paz.”

“E então o quê? Eva? Medusa?” Hans ri. “Não responda.”

“Ela tem grande presença, *esprit*... Talvez você não consiga reproduzi-lo numa pintura.”

“Estou vendo que me acha limitado.”

“Alguns temas resistem a você, tenho certeza.”

Richard entra. “Francis Bryan está aqui.”

“O primo de Lady Ana.” Ele fica de pé.

“O senhor deve ir a Whitehall. Lady Ana está destruindo a mobília e estilhaçando os espelhos”, informa Richard.

Ele pragueja entre dentes. “Cuide do jantar de mestre Holbein.”

Francis Bryan ri tanto que o cavalo se agita sob ele, inquieto, e saltita de lado, pondo os transeuntes em perigo. No momento em que chegam a Whitehall, ele já desenredou a história: Ana acabou de descobrir que a esposa de Harry Percy, Mary Talbot, está prestes a apresentar uma petição de divórcio ao Parlamento. Mary diz que o esposo não partilha de sua cama há dois anos e, quando ela finalmente perguntou o motivo, ele respondeu que já não podia seguir com uma farsa; que eles não eram um verdadeiro casal e jamais tinham sido, porque ele é esposo de Ana Bolena.

“Milady está furiosa”, Bryan diz. Seu tapa-olho, bordado com pedras preciosas, cintila quando ele ri. “Ana diz que Harry Percy estragará tudo. Ela não decidiu se vai acabar com a vida dele num só golpe de espada ou despedaçá-lo aos poucos durante quarenta dias de tortura, como se faz na Itália.”

“Essas histórias são muito exageradas.”

Ele jamais testemunhou as explosões de ira de Lady Ana, nem mesmo chega a acreditar nelas. Ao recebê-lo, ela está andando de um lado a outro, as mãos entrelaçadas, parecendo pequena e tesa, como se tivesse sido costurada com pontos apertados demais. Três

damas — Jane Rochford, Mary Shelton, Maria Bolena — seguem-na com os olhos. Uma pequena tapeçaria, que talvez devesse estar na parede, encontra-se amarfanhada no chão. Jane Rochford diz: “Nós varremos os cacos de vidro”. Sir Thomas Bolena, monsenhor, está sentado à mesa, diante de uma pilha de papéis. George se encontra junto dele, instalado numa banquetta. George tem a cabeça nas mãos; suas mangas estão apenas levemente bufantes. O duque de Norfolk olha para o interior da lareira, onde uma fogueira está pronta mas apagada, talvez tentando atear fogo à lenha com o poder de seu olhar.

“Feche a porta, Francis”, George ordena, “e não deixe ninguém mais entrar.”

Ele é a única pessoa na sala que não pertence à família Howard.

“Sugiro que façamos as malas de Ana e a enviemos a Kent”, diz Jane Rochford. “A ira do rei, uma vez despertada...”

George: “Não diga mais uma palavra, ou vou bater em você”.

“É meu conselho sincero.” Jane Rochford, que Deus a proteja, é uma daquelas mulheres que não sabem quando parar. “Mestre Cromwell, o rei indicou que deve haver um inquérito. O tema será exposto ao conselho. Dessa vez, não será possível contorná-lo. Harry Percy dará seu testemunho. O rei não pode fazer tudo o que fez, e tudo o que pretende fazer, a uma mulher que está escondendo um casamento secreto.”

“Bem que eu gostaria de me divorciar de você”, George reclama. “Eu gostaria que você tivesse um pré-contrato secreto, mas, Jesus, não há a menor chance, eram tantos homens correndo na direção contrária que os campos ficaram sem grama.”

O monsenhor ergue a mão. “Por favor.”

“De que adianta chamar o mestre Cromwell e não dizer a ele o que já aconteceu?”, indaga Maria Bolena. “O rei já falou com a senhora minha irmã.”

“Eu nego tudo”, Ana responde, como se o rei estivesse plantado à sua frente.

“Bom”, ele diz. “Ótimo.”

“Admito que o conde falou de amor comigo. Ele me escreveu versos, e como eu era uma juvenzinha e não via qualquer mal nisso...”

Ele quase ri. “Versos? Harry Percy? A senhora ainda os tem?”

“Não. Claro que não. Nada por escrito.”

“Isso facilita as coisas”, diz ele tranquilamente. “E, claro, não houve qualquer promessa, qualquer pacto, nem mesmo conversas sobre isso.”

“E”, Maria acrescenta, “nenhuma consumação de forma alguma. Não poderia haver. Minha irmã é uma notória virgem.”

“E como ficou o rei, ele ficou...?”

“Ele saiu do quarto e a deixou lá, plantada”, conta Maria.

O monsenhor ergue os olhos e limpa a garganta. “Numa emergência como esta, há numerosas e variadas abordagens, creio eu, que talvez devêssemos...”

Norfolk explode. Trepida pelo piso como Satã numa peça de Corpus Christi. “Ah, pela mortalha três vezes cagada de Lázaro! Enquanto você escolhe uma abordagem, milorde, enquanto está selecionando um ponto de vista, a senhora sua filha é caluniada de cabo a rabo pelo país, a mente do rei é envenenada e a sorte desta família se desfaz bem diante dos seus olhos!”

“Harry Percy”, George diz. Ele ergue as mãos. “Escutem, querem me deixar falar? Segundo entendo, certa vez Harry Percy foi convencido a esquecer suas alegações, ou seja, se ele já foi dobrado uma vez...”

“Sim”, Ana responde, “mas o que o dobrou foi o cardeal, e o cardeal, mui lamentavelmente, está morto.”

Há um silêncio: um silêncio doce como música. Sorrindo, ele observa Ana, o monsenhor, Norfolk. Se a vida é uma corrente de ouro, às vezes Deus pendura nela um pingente. Para prolongar o momento, ele cruza a sala e pega a tapeçaria do chão. Tear estreito. Base índigo. Nó assimétrico. Isfahan? Pequenos animais marcham

tesos pela tela, serpeando entre canteiros de flores. “Veja”, ele aponta. “Sabe o que são estes? Pavões.”

Mary Shelton se aproxima para espiar sobre seu ombro. “O que são essas cobras com pernas?”

“Escorpiões.”

“Nossa Senhora, eles não mordem?”

“Picam. Lady Ana, se o papa não pode impedi-la de se tornar rainha, e eu não acho que ele possa, Harry Percy não deveria ficar no seu caminho.”

“Então o escorrace para fora”, ordena Norfolk.

“Posso compreender que, para vocês, enquanto família, não seria uma boa ideia...”

“Faça logo isso”, Norfolk interrompe. “Vire a cara dele do avesso.”

“Figurativamente”, ele diz. “Meu amo.”

Ana se senta. Seu rosto está virado para evitar o olhar das outras mulheres. Suas pequenas mãos estão fechadas em punhos, monsenhor revira seus papéis. Perdido em pensamentos, George tira o gorro e brinca com seu precioso alfinete, testando a ponta contra a polpa do indicador.

Ele enrola a tapeçaria e a entrega com polidez a Mary Shelton. “Grata”, ela sussurra, corando como se ele tivesse proposto algo íntimo. George solta um gritinho; ele conseguiu se espetar. Tio Norfolk rosna, irritado: “Fedelho idiota”.

Francis Bryan o acompanha até a saída.

“Por favor, sinta-se à vontade para me deixar agora, Sir Francis.”

“Pensei em sair com o senhor. Quero aprender como o senhor faz.”

Ele se detém, bate a mão espalmada contra o peito de Bryan, vira o corpo dele de lado e escuta o baque de sua cabeça contra a parede. “Estou com pressa”, ele diz.

Alguém o chama pelo nome. Wriothesley aparece numa esquina. “Sob a placa da estalagem Mark and the Lion. Em cinco minutos.”

Me-Chame-Risley pôs homens seguindo Harry Percy desde que este chegou a Londres. Sua preocupação era a de que os sabotadores de Ana na corte — o duque de Suffolk e sua esposa, e os sonhadores que acreditam no regresso de Catarina — estejam se encontrando com o conde e o encorajando a abraçar uma certa visão do passado que lhes favoreça. Mas, ao que parece, nenhum encontro ocorreu: a menos que estejam acontecendo em casas de banho nas margens de Surrey.

Me-Chame-Risley vira decididamente numa alameda, e eles emergem num pátio interno imundo. Ele olha em torno; duas horas com uma vassoura e um coração disposto e este lugar poderia ficar respeitável. A bela cabeça de ouro rubro de Wriothesley cintila como um farol. São Marcos, rangendo acima de sua cabeça, tem o cabelo cortado como um monge. O leão é pequeno, azul e tem uma cara sorridente. Me-Chame-Risley toca o braço de seu patrão: “Ali dentro”. Eles estão prestes a se agachar por uma porta lateral quando ouvem um assovio agudo vindo de cima. Duas mulheres se inclinam de uma janela e, com um grito e uma risada, exibem os seios nus por cima do parapeito. “Jesus”, ele comenta. “Mais damas da família Howard.”

Dentro da Mark and the Lion, vários homens exibindo librés de Percy estão tombados por cima das mesas ou dormindo sob elas. O conde de Northumberland bebe numa sala particular. Seria particular se não fosse a portinhola de serviço, onde a toda hora assomam rostos bisbilhoteiros. O conde o vê. “Ah. Eu estava meio que esperando você.” Tenso, ele passa as mãos pelos cabelos tosados, e os fios se eriçam como cerdas por toda a cabeça.

Ele, Cromwell, vai até a portinhola, ergue um dedo para os espectadores e bate a janela na cara deles. Mas, quando se senta junto ao rapaz, sua voz está suave como de hábito. “Bem, meu amo, o que podemos fazer aqui? Como posso ajudá-lo? O senhor diz que não pode viver com sua esposa. Mas ela não deve em beleza a

nenhuma outra dama neste reino e, se tem defeitos, nunca ouvi falar deles, então por que não a aceita?”

Mas Harry Percy não está ali para ser manobrado como um falcão tímido. Ele está ali para gritar e chorar. “Se eu não podia aceitá-la no dia do nosso casamento, como posso fazê-lo agora? Ela me odeia porque sabe que não somos casados adequadamente. Por que só o rei pode pensar nesse assunto, por que eu não posso? Se Henrique tem dúvidas sobre seu casamento, ele berra sobre isso por toda a cristandade, mas quando eu duvido do meu, ele manda o mais subalterno dentre sua criadagem para me bajular e me convencer a voltar para casa e me contentar com o que tenho. Mary Talbot sabe que eu me comprometi com Ana, ela sabe onde meu coração vive e onde sempre viverá. Eu já disse a verdade antes, disse que fizemos um pacto diante de testemunhas e portanto nenhum de nós está livre. Fiz um juramento, e o cardeal me obrigou a rompê-lo; meu pai disse que me deserdaria, mas agora ele está morto e eu já não tenho medo de falar a verdade. Henrique pode ser rei, mas está roubando a esposa de outro homem; Ana Bolena é minha esposa por direito; como ele pretende se apresentar no dia do juízo, quando estiver nu e privado do seu séquito diante de Deus?”

Ele o deixa desabafar. Uma queda livre, um sucessivo tropeçar de incoerências... amor verdadeiro... votos... ela jurou que me daria seu corpo, me deu liberdades que só uma mulher comprometida concede...

“Meu amo”, ele fala, “o senhor já disse o que tem a dizer. Agora me escute. O senhor é um homem cujo dinheiro está quase dissipado. Eu sou um homem que sabe como o senhor o gastou. O senhor é um homem que pediu empréstimos por toda a Europa. Eu sou um homem que conhece seus credores. Uma palavra minha e suas dívidas serão perdoadas.”

“Ah, e o que eles podem fazer?”, indaga Percy. “Banqueiros não têm exércitos.”

“E tampouco o senhor os tem se seus cofres estiverem vazios. Olhe para mim agora. Compreenda isto. É por graça do rei que o senhor mantém seu condado. Sua tarefa é manter o Norte seguro. Juntos, os Percy e os Howard nos defendem contra a Escócia. Agora imagine se os Percy já não puderem fazê-lo? Seus homens não lutarão por elogios...”

“Eles são meus arrendatários, lutar é dever deles.”

“Mas, meu senhor, eles precisam de suprimentos, precisam de provisões, precisam de armas, de muros e fortalezas em boas condições. Se o senhor não puder assegurar essas coisas, então é mais do que inútil. O rei arrancará seu título, suas terras e castelos, e os dará a alguém que faça o trabalho que o senhor não puder fazer.”

“Henrique não fará isso. Ele respeita todos os títulos antigos. Todos os direitos antigos.”

“Pois então digamos que eu farei.” Digamos que estraçalharei sua vida. Eu e meus amigos banqueiros.

Como explicar isso a Percy? O governo do mundo não está onde ele imagina. Não está nas fortalezas de fronteira, nem mesmo em Whitehall. O governo do mundo está em Antuérpia, em Florença, em lugares que ele jamais imaginou; em Lisboa, de onde os navios com velas de seda partem para o oeste e são tostados pelo sol. Não está nas muralhas dos castelos, mas nas casas contábeis, não está nos chamados da corneta, mas no estalar do ábaco, não está no seco rangido das armas de fogo, mas no arrastar da pena sobre a nota promissória que compra a arma e a pólvora, e paga o armeiro.

“Eu o imagino sem dinheiro e título”, ele prossegue. “Eu o imagino numa choupana, vestindo burel e trazendo um coelho para o cozido em casa. Imagino sua esposa por direito, Ana Bolena, esfolando e esquartejando esse coelho. Desejo-lhes toda a felicidade.”

Harry Percy desaba sobre a mesa. Lágrimas de ira brotam em seus olhos.

“Vocês jamais fecharam um compromisso prévio”, ele continua. “Qualquer promessa idiota que tenham feito não possui efeito legal algum. Qualquer entendimento que o senhor acredita ter estabelecido, nunca existiu entre vocês dois. E há outro problema, meu senhor. Se o senhor disser mais uma palavra sobre a liberdade de Lady Ana”, ele recheia a palavra “liberdade” com um volume de repugnância, “terá que responder a mim, aos Howard e aos Bolena, e George Rochford não terá qualquer ternura para com sua pessoa, e lorde Wiltshire destroçará seu orgulho; quanto ao duque de Norfolk, se ele ouvir qualquer imputação contra a honra da sua sobrinha, ele o arrastará para fora do buraco onde o senhor estiver encolhido e arrancará suas bolas a dentadas. Pois bem, isso está claro, meu senhor?”, ele pergunta, retomando a amabilidade inicial. Ele cruza a sala e volta a abrir a portinhola de serviço. “Podem espiar agora.” Rostos aparecem; ou, melhor dizendo, apenas testas e olhos que saltitam. Na saída, ele se detém e se volta para o conde. “E eu lhe digo uma coisa, para que não reste dúvida. Se o senhor acha que Lady Ana o ama, não poderia estar mais enganado. Ela o detesta. A única serventia que o senhor pode ter para ela agora, além de morrer, é retirar o que disse à sua pobre esposa e fazer todos os juramentos exigidos para limpar o caminho e deixar que Ana se torne rainha da Inglaterra.”

Na saída, ele diz a Wriothesley: “Na verdade, eu sinto pena dele”. Me-Chame-Risley ri com tanta intensidade que precisa se apoiar na parede.

No dia seguinte, ele chega cedo à reunião do conselho do rei. O duque de Norfolk assume seu lugar como presidente da mesa, mas depois se retira quando chega a informação de que o próprio rei presidirá a sessão. “E Warham acabou de chegar”, alguém diz: a porta se abre, nada acontece, e depois, letárgico, o prelado ancião entra arrastando os pés. Ele toma seu assento. Suas mãos tremem ao pousar no tecido à sua frente. A cabeça trepida sobre o pescoço.

Sua pele tem a cor de um pergaminho, como no retrato que Hans fez dele. O velho passeia os olhos pela mesa com vagarosas piscadelas de lagarto.

Ele cruza a sala e se põe à frente de Warham do outro lado da mesa, indagando sobre sua saúde; trata-se de uma formalidade, pois é evidente que Warham está morrendo. Ele diz: “Essa profetisa que os senhores estão abrigando na sua diocese, Eliza Barton. Como andam as coisas com ela?”.

Warham mal ergue os olhos. “O que é que você quer, Cromwell? Minha comissão não encontrou nada contra a moça. Sabe disso.”

“Ouvi dizer que ela anda declarando aos seus seguidores que, se desposar Lady Ana, o rei só terá um ano de reinado.”

“Não posso dizer com certeza. Não ouvi com meus próprios ouvidos.”

“Pelo que sei, o bispo Fisher foi visitá-la.”

“Bem... ou ela o visitou. Ou um ou outro. Por que ela não deveria? Ela é uma jovem abençoada.”

“Quem a controla?”

A cabeça de Warham parece prestes a tombar de seus ombros. “Talvez ela seja imprudente. Talvez tenha sido mal instruída. Afinal, ela é apenas uma simples camponesa. Mas ela tem um dom, disso tenho certeza. Quando as pessoas vão vê-la, a moça imediatamente adivinha o que as perturba, quais pecados pesam na consciência delas.”

“Verdade? Preciso encontrá-la. Eu me pergunto se ela descobriria o que me perturba.”

“Basta”, diz Thomas Bolena. “Harry Percy chegou.”

O conde se apresenta entre dois de seus guardas. Seus olhos estão vermelhos e o odor de vômito velho sugere que ele resistiu aos esforços de sua gente para limpá-lo. O rei entra. É um dia cálido e ele usa sedas claras. Rubis se aglomeram em seus dedos como bolhas de sangue. Ele toma seu assento. E pousa seu impassível olho azul sobre Harry Percy.

Thomas Audley — no papel de lorde chanceler interino — conduz Harry Percy por seu caminho de negativas. Compromisso prévio? Não. Promessas de algum tipo? Algum conhecimento — lamento muito ter que mencionar — carnal? Pela minha honra, não, não e não.

“Triste dizer, mas precisaremos de mais que sua palavra de honra”, declara o rei. “O assunto chegou longe demais, senhor.”

Harry Percy parece acometido de pânico. “Então o que devo fazer?”

Ele o instrui com delicadeza. “Aproxime-se de sua eminência da Cantuária, senhor. Ele está segurando o Livro.”

Ou pelo menos é o que o velho tenta fazer. O monsenhor faz menção de ajudá-lo, mas Warham enxota suas mãos. Agarrado à mesa, fazendo o pano deslizar, ele se põe de pé.

“Harry Percy, você titubeou e mudou de ideia, apresentou essa questão de maneiras diversas, afirmou-a, negou-a, afirmou-a, e agora está diante deste tribunal para negá-la novamente, mas desta vez não apenas sob os olhos dos homens. Agora... você pousará sua mão sobre esta Bíblia e fará o juramento, diante de mim e na presença do rei e do seu conselho, de que está livre de conhecimento ilícito de Lady Ana e de qualquer contrato matrimonial com ela?”

Harry Percy esfrega os olhos. Ele estende a mão. Sua voz treme. “Eu juro.”

“Caso encerrado”, proclama o duque de Norfolk. “Há de se perguntar como essa história chegou tão longe, não é?” Ele caminha para Harry Percy e o agarra pelo cotovelo. “Não ouviremos mais falar sobre isso, certo, garoto?”

O rei intervém: “Howard, já o ouvimos prestando o juramento, agora basta de perturbá-lo. Alguém ajude o arcebispo, não estão vendo que ele não se encontra bem?”. Com o ânimo apaziguado, ele sorri para seu círculo de conselheiros. “Cavalheiros, agora partiremos para minha capela privada e assistiremos a Harry Percy

tomando a sagrada comunhão para selar seu juramento. Depois Lady Ana e eu passaremos a tarde em reflexão e prece. Não quero ser perturbado.”

Warham aproxima-se do rei, arrastando os pés. “Winchester está se vestindo a fim de rezar a missa para vossa majestade. Eu voltarei para casa na minha diocese.” Com um murmúrio, Henrique se inclina para lhe beijar o anel. “Henrique”, prossegue o arcebispo, “vejo que está promovendo na sua corte e no conselho pessoas cujos princípios e moral dificilmente resistiriam a um escrutínio rigoroso. Eu o vi deificando seu próprio desejo e apetite, para tristeza e escândalo do povo cristão. Fui leal ao senhor, a ponto de violar minha própria consciência. Já muito trabalhei em benefício de vossa majestade, mas acabo de fazer a última coisa que jamais farei na vida.”

Em Austin Friars, Rafe espera por ele. “Sim?”

“Sim.”

“Bem, e agora?”

“Agora Harry Percy pode pedir mais dinheiro emprestado e se aproximar um pouco mais da sua ruína. Um progresso que terei prazer em facilitar.” Ele se senta. “Acho que um dia arrancarei o condado daquele homem.”

“Como o senhor faria isso?” Ele dá de ombros: não sei. “O senhor não gostaria que os Howard tivessem mais influência sobre as fronteiras do que já têm.”

“Não. É possível que não.” Ele pondera. “Pode trazer os papéis sobre a profetisa de Warham?”

Enquanto espera, ele abre a janela e baixa os olhos para o jardim. A cor das rosas em seus canteiros foi desbotada pelo sol. Sinto muito por Mary Talbot, ele pensa; ela não terá vida fácil depois disso. Por alguns dias, apenas alguns, ela foi o grande assunto na corte do rei, no lugar de Ana. Ele pensa em Harry Percy, entrando

para prender o cardeal, as chaves na mão; pensa na guarda que ele montou em torno do leito do moribundo.

Ele se apoia na janela. Será que eu poderia ter pessegueiros? Rafe chega com o maço de papéis.

Ele corta a fita e aplaina as cartas e os memorandos. Esse assunto desagradável começou há seis anos, numa capela em ruínas nos limites dos pântanos de Kent, quando uma estátua da Virgem começou a atrair peregrinos e uma mulher de nome Elizabeth Barton passou a dar espetáculos para eles. Primeiro de tudo, o que a estátua fez para atrair atenção? Provavelmente se moveu; ou chorou sangue. A moça é órfã e foi criada na casa de um dos vendedores de terra de Warham. Ela tem uma irmã e nenhum outro familiar. Ele diz a Rafe: “Ninguém lhe dava a menor atenção antes de ela chegar à casa dos vinte anos. Depois ela pegou alguma doença e, quando melhorou, começou a ter visões e a falar em vozes estranhas. Ela diz que viu são Pedro nos portões do céu com as chaves. Viu são Miguel pesando almas. Se você lhe perguntar onde estão seus parentes mortos, ela vai saber lhe dizer. Se estão no céu, ela fala com voz aguda. Se no inferno, com voz grave”.

“Poderia ter um efeito cômico”, Rafe comenta.

“Você acha? Que garoto mais irreverente eu criei.” Ele lê, e depois ergue os olhos. “Às vezes ela passa nove dias sem comer. Às vezes cai ao chão subitamente. Não surpreende, não é? Ela sofre de espasmos, torções e transes. Parece bastante desagradável. Ela foi entrevistada pelo meu lorde cardeal, mas...” — sua mão remexe os papéis — “não há nada aqui, nenhum registro do encontro. Eu me pergunto o que aconteceu. Provavelmente ele tentou incitá-la a comer o jantar, ela não deve ter gostado disso. Segundo consta, ela está num convento da Cantuária. A capela em ruínas ganhou um novo teto e o dinheiro está entrando para o clero local. Ela realiza curas. Os paralíticos caminham, os cegos veem. Velas se acendem sozinhas. Os

peregrinos se aglomeram nas estradas. Por que sinto que já ouvi essa história antes? Ela vive com um bando de monges e padres à sua volta, que dirigem os olhos do povo para o céu enquanto esvaziam seus bolsos. E podemos supor que são esses mesmos monges e padres que a instruíram a esbravejar sua opinião sobre o casamento do rei por aí.”

“Thomas More a conheceu. E Fisher também.”

“Sim, não me esqueci disso. Ah, e... veja aqui... Maria Madalena mandou uma carta para ela, com iluminuras em ouro.”

“Ela sabe ler?”

“Sim, pelo visto, sabe.” Ele ergue os olhos. “O que acha? O rei aguentaria ser insultado, se fosse por uma virgem santa. Imagino que ele esteja acostumado com isso. Ana o critica com bastante frequência.”

“Provavelmente ele tem medo.”

Rafe esteve na corte com ele; pelo visto, ele compreende Henrique melhor que certas pessoas que conviveram com o rei por toda a vida. “Claro que tem. Henrique acredita em donzelas simplórias que falam com santos. Ele tem disposição para acreditar em profecias, ao passo que eu... eu acho que deveríamos deixar a coisa correr por um tempo. Vejamos quem a visita. Quem faz ofertas. Certas damas nobres andaram em contato com ela, querendo saber seu destino e pedindo pelas suas preces para sacar a mãe do purgatório.”

“Lady Exeter”, diz Rafe.

Henry Courtenay, marquês de Exeter, é o parente varão mais próximo do rei, como neto do velho rei Eduardo; assim, ele será útil ao imperador, se este chegar com suas tropas para enxotar Henrique e alçar um novo rei ao trono. “Se eu fosse Exeter, não deixaria minha esposa dar ouvidos a uma garota de miolo mole que alimenta suas fantasias de um dia ser rainha.” Ele começa a redobrar os papéis. “Sabe, essa moça diz ser capaz de ressuscitar os mortos.”

No funeral de John Petyt, enquanto as mulheres estão no andar de cima fazendo companhia a Lucy, ele convoca uma reunião de improviso no andar de baixo do Lion's Quay, para falar com seus colegas do comércio sobre algumas desordens na cidade. Antonio Bonvisi, amigo de More, pede licença e diz que irá para casa. "Que a Trindade os abençoe e prospere", ele diz, afastando-se do grupo e levando consigo a ilha móvel de frieza que o acompanha desde sua aparição inesperada. "Sabe", Bonvisi comenta, virando-se à porta, "se há alguma questão quanto a um auxílio à sra. Petyt, eu ficarei feliz em..."

"Não há necessidade. Ela ficou rica."

"Mas a cidade permitirá que ela continue a tocar o negócio?"

Ele o interrompe: "Já tomei conta disso".

Bonvisi assente e sai. "É surpreendente que ele tenha dado as caras." John Parnell, da Companhia dos Tecelões, tem um histórico de conflitos com More. "Mestre Cromwell, se o senhor está encarregado disso, quer dizer que... o senhor tem em mente fazer uma proposta a Lucy?"

"Eu? Não."

Humphrey Monmouth diz: "Será que podemos fazer nossa reunião primeiro e arranjar casamentos depois? Mestre Cromwell, estamos preocupados, como o senhor também deve estar, como o rei deve estar... Eu acho que todos aqui", ele olha em torno, "agora que Bonvisi se foi, todos aqui somos simpatizantes da causa que, com efeito, fez do nosso falecido irmão Petyt um mártir, mas é apropriado que guardemos a paz, que nos desassociemos de qualquer sinal de blasfêmias..."

No último domingo, numa paróquia da cidade, no momento sagrado da elevação da hóstia e exatamente quando o padre pronunciou, "*hoc est enim corpus meum*", houve uma erupção de cânticos, "*hoc est corpus, hocus pocus*". E na paróquia adjacente, na celebração dos santos, durante a qual o padre exige que

recordemos nosso laço com os mártires sagrados, “*cum Joanne, Stephano, Mathia, Barnaba, Ignatio, Alexandro, Marcellino, Petro...*”, e também “não se esqueça de mim e da minha prima Kate, e Dick com seu barril em Leadenhall, e sua irmã Susan e seu cachorrinho Posset”.

Ele cobre a boca com a mão. “Se Posset precisar de advogado, sabem onde me encontrar.”

“Mestre Cromwell”, diz um ancião encarquilhado da Companhia dos Curtidores, “o senhor convocou esta reunião. Dê o exemplo de gravidade.”

“Há baladas escritas sobre Lady Ana”, comenta Monmouth. “As palavras não são apropriadas para este grupo. Os criados de Thomas Bolena reclamam que são ofendidos na rua. Que as pessoas jogam esterco nas suas librés. Os mestres precisam controlar seus aprendizes com firmeza. E conversas traiçoeiras deveriam ser denunciadas.”

“A quem?”

Ele diz: “Que tal a mim?”.

Ele encontra Johane em Austin Friars. Ela deu uma desculpa para ficar na casa: uma gripe de verão. “Pergunte-me qual segredo sei”, ele pede.

Para manter as aparências, ela limpa o nariz. “Deixe-me ver. Por um xelim: sabe quanto o rei tem na sua tesouraria?”

“Até o último centavo. Não é isso. Pergunte. Minha cara irmã.”

Quando ela cansa de adivinhar, ele revela: “John Parnell se casará com Lucy”.

“Como é? E John Petyt nem esfriou ainda?” Ela desvia o rosto para se recuperar do que quer que esteja sentindo. “Seus irmãos de fé são realmente unidos. A casa de Parnell não está livre de sectários. Ele tem um criado na prisão do bispo Stokesley, ouvi dizer.”

Richard Cromwell enfia a cabeça pela porta. “Mestre. A Torre. Tijolos. Cinco xelins o milheiro.”

“Não.”

“Certo.”

“Seria de imaginar que ela agora se casaria com algum homem mais seguro.”

Ele vai até a porta. “Richard, volte aqui.” Ele se vira para Johane. “Acho que ela não conhece nenhum.”

“Senhor?”

“Baixe para seis pence, e conte cada lote. O que deve fazer é escolher alguns em cada carregamento, e examiná-los com maior interesse.”

Johane no interior da sala, às costas dele: “De qualquer maneira, você tomou a decisão mais sábia”.

“Por exemplo, meça os tijolos... Johane, você acha que eu me casaria por alguma espécie de inadvertência? Por acidente?”

“Perdão?”, Richard indaga.

“Pois se você começa a medi-los, os oleiros entram em pânico, e verá na cara deles se estão tentando algum truque.”

“Imagino que você tenha alguma dama em vista. Na corte. O rei lhe deu um novo cargo...”

“Secretário do inventário. Sim. Um posto no gabinete de finanças... Não é exatamente um chamariz ao florido caminho do amor.” Richard desce, estrondando pelas escadas. “Sabe o que eu acho?”

“Acha que deveria esperar. Até que ela, aquela mulher, seja rainha.”

“Acho que é o transporte que encarece os preços. Até mesmo por barca. Eu deveria ter clareado um terreno baldio e construído minha própria fornalha.”

Domingo, 1º de setembro, em Windsor: Ana se ajoelha diante do rei para receber o título de marquesa de Pembroke. Os cavaleiros da Jarreteira a observam em seus camarotes, as nobres damas da Inglaterra a flanqueiam e (uma vez que a duquesa recusou-se a

fazê-lo, soltando um impropério ante a sugestão) a filha de Norfolk, Mary, carrega sua tiara numa almofada; os Howard e os Bolena estão *en fête*. O monsenhor acaricia a própria barba, assente e sorri enquanto Ana recebe congratulações murmuradas do embaixador francês. O bispo Gardiner proclama o novo título de Ana. Ela está vívida em arminho e veludo vermelho, e seus cabelos negros caem, em estilo virginal, em mechas sinuosas até a cintura. Ele, Cromwell, arrecadou os rendimentos de quinze cidadelas para custear a elevação.

Um *Te Deum* é rezado. Um sermão é dito. Quando a cerimônia acaba e as mulheres se inclinam para segurar a cauda do vestido de Ana, ele tem um vislumbre de azul, como uma alcíone, e ergue os olhos para ver a jovem filha de John Seymour entre as damas da família Howard. Um cavalo de batalha ergue a cabeça ao som das trombetas, e as grandes damas erguem o olhar e sorriem; mas quando os músicos tocam um floreado e a procissão deixa a capela de São Jorge, ela conserva baixo seu rosto pálido, os olhos nos pés como se temesse tropeçar.

No banquete, Ana senta-se junto a Henrique no estrado, e quando se volta para falar com o rei, seus cílios negros tocam suas faces. Ela está quase lá agora, quase lá, o corpo teso como a corda de um arco, a pele polvilhada com ouro, tons de abricó e mel; quando sorri, o que não faz com frequência, ela mostra dentes pequeninos, brancos e afiados. Ana diz a ele que planeja confiscar a barcaça real de Catarina e mandar queimar as iniciais H & C; ela obliterará todos os brasões de Catarina. O rei mandou buscar as joias de Catarina para que ela possa usá-las na viagem planejada à França. Ele passou uma tarde com ela, duas, três tardes no excelente clima de setembro, com o ourives do rei ao lado dela, fazendo desenhos, e ele, o guardião da Casa de Joias, acrescentando sugestões; Ana quer novos engastes. A princípio, Catarina se recusou a entregar as joias. Ela disse que não podia abrir mão da propriedade da rainha da Inglaterra e colocá-la nas

mãos da maior vergonha da cristandade. Foi preciso uma ordem real para obrigá-la a entregar o butim.

Ana envia todos os problemas para que ele os resolva; e diz, rindo, “Cromwell, você é meu homem”. O vento é favorável e a maré corre a seu favor. Ele pode sentir as águas se movendo sob seus pés. Seu amigo Audley certamente será confirmado como chanceler; o rei já está se habituando a ele. Os velhos cortesãos se demitiram, para não servir Ana; o novo intendente da casa é Sir William Paulet, seu amigo desde a época de Wolsey. Muitos dos novos cortesãos são seus amigos dos tempos de Wolsey. E o cardeal não empregava idiotas.

Depois da missa e da nomeação de Ana, ele vai ver o bispo de Winchester, que está despindo seus hábitos canônicos e vestindo roupas mais adequadas para celebrações seculares. “Vai dançar?”, ele lhe pergunta, e se senta num parapeito de pedra, prestando pouca atenção no que ocorre nas cortes abaixo, nos músicos que levam flautas e alaúdes, harpas e rabecas, oboés, violas e tambores. “O senhor poderia fazer uma bela figura. Ou não dança mais, agora que é bispo?”

A conversa de Stephen segue um rumo próprio. “Seria de imaginar que fosse o bastante para qualquer mulher, não? Ser nomeada marquesa pelos seus próprios méritos? Ela se renderá a ele agora. Um herdeiro na barriga, por favor, Deus, antes do Natal.”

“Ah, quer o sucesso dela?”

“Eu quero que o temperamento de Henrique seja apaziguado. E que algo resulte dessa história. Que não tenhamos feito tudo isso por nada.”

“Sabe o que Chapuys anda dizendo a seu respeito? Que tem duas mulheres na sua casa, disfarçadas de rapazes.”

“Tenho mesmo?” Ele franze a testa. “É melhor, suponho, que ter dois rapazes disfarçados de mulheres. Isso sim seria um opróbrio.” Stephen solta uma gargalhada. Eles se dirigem juntos para o banquete. Trolly-lolly, cantam os músicos. “Diversão em boa

companhia, que amo e hei de amar até morrer.” A alma é musical por natureza, dizem os filósofos. O rei chama Thomas Wyatt para cantar com ele, e o músico Mark. “Ai de mim, que hei de fazer por amor? Por amor, ai de mim, que hei de fazer?”

“Tudo que lhe passar pela cabeça”, responde Gardiner. “Não há limites, até onde vejo.”

“O rei é bom para quem acredita que ele é bom”, ele faz as palavras flutuarem em direção ao bispo, sob as notas da música.

“Bem”, Gardiner comenta, “quando há uma mente infinitamente flexível. Como a sua deve ser, estou vendo.”

Ele fala com a srta. Seymour. “Veja”, ela diz, levantando as mangas. O azul vibrante com que ela fez as barras, aquele vislumbre de alcíone, foi cortado da seda em que ele embalou o livro de pontos de bordado para ela. Como andam as coisas agora em Wolf Hall, ele pergunta, tão estrategicamente quanto possível: afinal de contas, qual o tom correto para se fazerem perguntas sobre questões familiares, logo após a notícia de um incesto? Ela responde em sua clara voz fina: “Sir John está muito bem. Mas, em todo caso, Sir John está sempre bem”.

“E os outros?”

“Edward irado, Tom angustiado, a senhora minha mãe trincando os dentes e batendo portas. A colheita está chegando, as maçãs estão nos galhos, as criadas na ordenha, nosso capelão nas suas preces, as galinhas botando ovos, os alaúdes afinados, e Sir John... Sir John como sempre está ótimo. Por que o senhor não inventa algum compromisso em Wiltshire e viaja até lá para nos inspecionar? Ah, e se o rei conseguir uma nova esposa, ela precisará de matronas para servi-la, e minha irmã Liz está chegando à corte. O esposo dela é governador de Jersey, o senhor o conhece, Anthony Oughtred? Pessoalmente, eu preferiria partir para o Norte e servir à rainha. Mas dizem que ela se mudará mais uma vez, e que estão reduzindo o séquito dela.”

“Se eu fosse seu pai... não...” Ele reformula: “Se eu tivesse que lhe dar um conselho, seria o de servir Lady Ana”.

“A marquesa”, ela pondera. “Claro, é bom ser humilde. Ela faz questão que sejamos.”

“Este é um momento difícil para ela. Imagino que ficará mais branda depois de conquistar o desejo do seu coração.” No meio da frase, ele já sabe que isso não é verdade.

Jane baixa a cabeça e olha para ele por sob as pálpebras. “Este é meu rosto humilde. Acha que serve?”

Ele ri. “Esse rosto pode levá-la aonde você quiser.”

Enquanto os dançarinos descansam das pавanas, almanas e galhardas e se abanam, ele e Wyatt entoam a cantiga do soldadinho: Scaramella foi à guerra, com seu escudo e sua lança. É melancólica, como são todas as canções, não importa a letra, quando a luz decai e a voz humana, desacompanhada, mescla-se às sombras do salão. Charles Brandon pergunta: “De que fala esta canção, é sobre uma dama?”.

“Não, é sobre um menino que parte para a guerra.”

“E qual é sua sorte?”

Scaramella fa la gala. “Para ele, tudo não passa de uma grande festa.”

“Aqueles eram bons tempos”, diz o duque. “Ir para a guerra.”

O rei canta com o alaúde; sua voz é forte, sincera, plangente: “Quando caminhei por ermos bosques”. Algumas mulheres choram, talvez em grande parte pelos fortes vinhos italianos.

Na Cantuária, o arcebispo Warham jaz frio numa placa de pedra; moedas do reino são depositadas sobre suas pálpebras, como se para selar a imagem do rei em seu cérebro por toda a eternidade. Ele espera para ser enterrado no solo da catedral, na úmida tumba vaga junto aos ossos de Becket. Sentada, rija como uma estátua, Ana tem os olhos postos em seu amante. Só seus dedos inquietos se movem; ela segura no colo um de seus cãezinhos, e suas mãos

correm incessantemente por seu pelo, torcendo seus cachos. Quando silencia a última nota, velas são trazidas.

Outubro, e partimos para Calais — uma fileira de duas mil pessoas se prolonga de Windsor a Greenwich, de Greenwich cruzando os campos verdes de Kent para a Cantuária: um séquito de quarenta pessoas para um duque, trinta e cinco para uma marquesa, vinte e quatro para um conde, ao passo que um visconde deve se ajeitar com vinte, e ele com Rafe e quaisquer funcionários que consiga enfiar nos buracos de ratos dos navios. Henrique deve se encontrar com seu irmão-monarca, o rei da França, que pretende lhe conceder o favor de falar com o papa em prol de seu novo casamento.

Francisco ofereceu casar um de seus três filhos — *seus três filhos*, quanto amor Deus deve ter por ele — com a sobrinha do papa, Catarina de Médici; ele diz que apresentará como condição do casamento que Roma recuse a apelação da rainha Catarina, e que seu irmão-monarca, o rei da Inglaterra, tenha permissão para resolver seus assuntos conjugais em sua própria jurisdição, com seus próprios bispos.

Esses dois potentes soberanos se encontrarão pela primeira vez desde a reunião no Campo do Pano de Ouro, arranjada pelo cardeal. O rei diz que a viagem deve custar menos que a anterior, mas quando é questionado sobre especificidades, ele quer mais disso e dois daquilo — tudo maior, mais acolchoado, mais pródigo e mais dourado. Ele leva os próprios cozinheiros e a própria cama, seus ministros e músicos, seus cavalos, cães e falcões, e sua nova marquesa, que a Europa chama de sua concubina. Ele leva os possíveis pretendentes ao trono, incluindo o yorkista lorde Montague e os Neville lancastrianos, para demonstrar como são domesticados e como os Tudor estão seguros. Ele leva as baixelas de ouro, os linhos, os pasteleiros, os depenadores de galinha e os provadores de veneno, e leva até o próprio vinho: coisa que os outros poderiam imaginar supérfluo, mas o que eles sabem?

Rafe, ajudando-o a embalar seus papéis: “Eu compreendo que o rei Francisco falará a Roma em prol da causa do rei. Mas não sei bem o que ele ganha com o trato”.

“Wolsey sempre disse que a preparação de um tratado já é o tratado. Não importa quais são os termos, só importa que haja termos. O que importa é a boa vontade. Quando isso se acaba, o tratado se rompe, não importa o que dizem os termos.”

O que interessa são as procissões, a troca de presentes, os jogos reais de boules, as arenas, justas e bailes de máscaras: tais coisas não são preliminares ao processo, elas são o próprio processo. Ana, acostumada à corte e à etiqueta francesa, aponta as dificuldades à frente. “Se fosse uma visita do papa, então o rei da França poderia avançar para ele, talvez o encontrando num pátio palaciano. Mas quando dois monarcas se encontram, assim que se avistam, ambos devem dar o mesmo número de passos ao se aproximarem um do outro. E isso funciona, a menos que um dos monarcas — *hélas* — resolva dar passos muito curtos, forçando o outro a caminhar mais.”

“Pelo amor de Deus”, exclama Charles Brandon, “um homem assim seria um patife. Francisco faria isso?”

Ana olha para ele, as pálpebras semicerradas. “Meu lorde Suffolk, a senhora sua esposa já está pronta para a jornada?”

Suffolk fica vermelho. “Minha esposa é uma antiga rainha da França.”

“Eu sei. Francisco ficará contente em vê-la novamente. Ele a considerava muito bonita. Embora, claro, ela fosse jovem naquela época.”

“Minha irmã ainda é bela”, diz Henrique, pacífico. Mas uma tempestade ferve dentro de Charles Brandon, e ela irrompe com um berro semelhante a uma trovada. “Você espera que ela seja sua serviçal? Da filha de Bolena? Que lhe entregue suas luvas, madame, e que a sirva primeiro no jantar? Ponha na sua cabeça: este dia nunca chegará.”

Ana se volta para Henrique, a mão se cerrando no braço dele. “Sob seus olhos, ele me humilha.”

“Charles”, Henrique ordena, “deixe-nos agora e volte quando recuperar o controle da sua pessoa. E nem um segundo antes.” Ele suspira e faz um sinal: “Cromwell, retire-se com ele”.

O duque de Suffolk está espumando e fumegando. “Ar fresco, meu amo”, sugere ele.

O outono já chegou; um vento áspero desce o rio e ergue um redemoinho de folhas úmidas, que se agitam no caminho da dupla como as bandeiras de algum exército em miniatura. “Sempre achei que Windsor fosse um lugar frio. Não acha, meu amo? Eu falo da posição geográfica, não só do castelo.” Sua voz prossegue, tranquilizadora, moderada. “Se eu fosse o rei, passaria mais tempo no palácio de Woking. Sabe que jamais neva por lá? Tem sido assim há pelo menos vinte anos.”

“Se fosse o rei?”, Brandon desce a colina batendo os pés. “Se Ana Bolena pode ser rainha, por que não?”

“Eu retiro o que disse. Deveria ter usado uma expressão mais humilde.”

Brandon resmunga. “Ela jamais aparecerá, minha esposa, no séquito daquela prostituta.”

“Senhor, é mais conveniente pensar que ela é casta. É o que todos fazemos.”

“A senhora mãe dela treinou a filha, e eu lhe digo uma coisa, aquela foi uma grande vadia. Liz Bolena, Liz Howard no passado, foi a primeira a levar Henrique para a cama. Eu sei dessas coisas, sou o amigo mais antigo do rei. Dezesete anos, e ele não sabia nem onde enfiar. O pai o criava como uma freira.”

“Mas agora nenhum de nós acredita nessa história. Sobre a esposa do monsenhor.”

“*Monsenhor!* Cristo do céu.”

“Ele gosta de ser chamado assim. Não faz mal algum.”

“Ela foi treinada pela irmã, Maria, e Maria foi treinada num bordel. Sabe o que eles fazem, na França? A senhora minha esposa me contou. Bem, ela não me contou, mas me escreveu em latim. O homem tem uma ereção e a mulher o enfia na boca! Pode imaginar uma coisa dessas? Uma mulher que se presta a um procedimento tão asqueroso, pode chamá-la de virgem?”

“Senhor... se sua esposa não quer ir à França, se não pode persuadi-la... não poderíamos dizer que ela está indisposta? É algo que o senhor poderia fazer pelo rei, que, como sabe, é seu amigo. Isso iria poupá-lo da...” Ele quase diz da língua afiada da dama. Mas descarta essa frase e diz outra coisa. “Salvaria as aparências.”

Brandon concorda. Eles ainda se dirigem ao rio, e ele tenta acelerar o ritmo porque logo Ana estará aguardando sua volta com notícias de um pedido de perdão. Quando o duque se vira para ele, seu rosto é a imagem da infelicidade. “De qualquer maneira, é verdade. Ela está doente. Seus lindos...” — ele faz um gesto, as mãos em concha, apertando o ar — “tudo despencou. Mas eu a amo de qualquer maneira. Ela está muito magra. Eu digo a ela, Maria, um dia vou acordar e não vou conseguir encontrá-la, vou confundi-la com um fio do lençol.”

“Sinto muito”, diz ele.

O duque esfrega o rosto. “Ah, por Deus. Volte para Henrique, por favor? Diga a ele que não podemos fazer isso.”

“Ele desejará sua presença em Calais, se a senhora sua esposa não puder ir.”

“Não gosto de deixá-la, compreende?”

“Ana é implacável”, ele explica. “Difícil de agradar, fácil de ofender. Senhor, ouça meu conselho.”

Brandon resmunga. “Todos ouvimos. Todos temos que ouvir. Você faz tudo, Cromwell. Agora você é tudo. Nós pensamos, como isso aconteceu? É o que todos nós nos perguntamos.” O duque funga. “Nós nos perguntamos, mas, pelo fumegante sangue de Cristo, não temos a maldita resposta.”

O fumegante sangue de Cristo. É uma praga digna de Thomas Howard, o duque mais velho. Ele se pergunta: quando foi que me tornei o intérprete, o explicador dos duques? Mas ele não tem a maldita resposta. Quando volta para o rei e a futura rainha, os dois se encaram apaixonadamente. “O duque de Suffolk suplica pelo seu perdão”, ele diz. Sim, sim, responde o rei. Vou vê-lo amanhã, mas não muito cedo. Daria para pensar que já são marido e mulher, com uma langorosa noite à frente, repleta de delícias conjugais. É o que ele imaginaria. Contudo, ele tem a palavra de Maria Bolena de que o marquesado só comprou para Henrique o direito de acariciar a parte interna da coxa de sua irmã. Maria lhe contou isso e nem sequer se deu ao trabalho de falar em latim. Sempre que passa um tempo a sós com o rei, Ana conta à irmã sobre suas relações, sem poupar detalhes. É preciso admirá-la: sua exatidão medida, seu autocontrole. Ela usa seu corpo como um soldado, poupando recursos; como um dos professores da escola de anatomia em Pádua, ela divide o corpo e nomeia cada parte, esta é minha coxa, este é meu seio, esta é minha língua.

“Talvez em Calais”, ele diz. “Talvez lá Henrique consiga o que quer.”

“Ela precisará da certeza.” Maria se afasta. Ela se detém e se volta, o rosto perturbado. “Ana diz: Cromwell é meu homem. Não gosto que ela diga isso.”

Nos dias seguintes, outras questões emergem para atormentar a comitiva inglesa. Qual dama real deve ser anfitriã para Ana quando eles encontrarem os franceses? A rainha Leonor não será — não se pode esperar isso, pois ela é irmã do imperador e os sentimentos familiares foram ofendidos pelo abandono de Catarina por Sua Desgraça. A irmã de Francisco, a rainha de Navarra, alegará alguma doença para não receber a amante do rei da Inglaterra. “Será a mesma moléstia que aflige a duquesa de Suffolk?”, indaga Ana. Quiçá, sugere Francisco, não seria apropriado que a nova

marquesa fosse recepcionada pela duquesa de Vendôme, sua própria *maîtresse en titre*?

Henrique fica tão furioso que tem dor de dente. O dr. Butts chega com seu baú de remédios. Um narcótico parece o mais apropriado, mas, quando o rei acorda, está tão mortificado que, por algumas horas, não parece haver outra solução além de cancelar a viagem. Será que não podem compreender, não podem absorver, que Ana não é amante de homem algum, mas a futura noiva de um rei? Contudo, compreender algo assim não está na natureza de Francisco. Ele nunca esperaria mais de uma semana por uma mulher que desejasse. Modelo de cavalaria, ele? O mais cristão dos soberanos? Tudo o que ele sabe fazer, Henrique grita, é fornicar como um gamo no cio. Mas eu lhes digo, quando seu cio acabar, os outros cervos o derrubarão. Pergunte a qualquer caçador!

Finalmente, alguém sugere que a solução seria deixar a futura rainha em Calais, em solo inglês onde não sofrerá insultos, enquanto o rei encontra Francisco em Boulogne. Calais, uma cidade pequena, será mais facilmente controlada que Londres, mesmo que o povo se aglomere nos portos para gritar “*Putain!*” e “Grande Vadia da Inglaterra”. E se cantarem músicas obscenas, simplesmente nos recusaremos a compreendê-las.

Na Cantuária, onde a comitiva real vem somar-se aos peregrinos da Cristandade inteira, todas as casas estão lotadas, das adegas aos sótãos. Ele e Rafe se hospedam com algum conforto e perto do rei, mas há lordes em estalagens infestadas de pulgas e cavalheiros em quartos de fundos de bordéis, peregrinos forçados a se abrigar em estábulos e banheiros e a dormir sob as estrelas. Por sorte, o tempo está brando para outubro. Nos anos anteriores, o rei teria saído para rezar no santuário de Becket, deixando lá uma polpuda oferenda. Mas Becket foi um rebelde contra a Coroa, não o tipo de arcebispo que gostaríamos de encorajar no momento. Na catedral, o incenso ainda paira no ar pelo velório de Warham, e as preces por sua alma formam um burburinho constante, como o zumbido de mil

abelhas. Cartas foram enviadas a Cranmer, que se encontra em algum lugar da Germânia na corte de viagem do imperador. Ana começou a se referir a ele como o arcebispo eleito. Ninguém sabe quanto tempo levará até que ele volte para casa. Com seus segredos, brinca Rafe.

Claro, ele diz, seu segredo, escrito nas margens da página.

Rafe visita o santuário. É sua primeira vez. Ele volta de olhos arregalados, dizendo que o altar é coberto de joias do tamanho de ovos de gansa.

“Eu sei. Acha que são reais?”

“Eles mostram uma caveira e dizem que é de Becket, foi estraçalhada pelos cavaleiros que mataram o santo, mas depois reconstruída pedaço por pedaço e presa com uma placa de prata. Por uma certa quantia, você pode beijá-la. Eles têm uma bandeja com os ossos dos dedos. Têm um lenço com seu catarro e um frasco que sacodem na sua frente, dizendo que é o sangue dele.”

“Em Walsingham, eles têm um frasco do leite da Virgem.”

“Cristo, fico me perguntando o que será esse leite, na verdade.” Rafe parece nauseado. “O sangue, dá para notar que é água com alguma terra vermelha. A terra flutua em pedaços lá dentro.”

“Bem, pegue aquela pena de ganso, arrancada das asas do anjo Gabriel, e vamos escrever para Stephen Vaughan. Talvez tenhamos que colocá-lo na estrada, para trazer Cranmer de volta.”

“Quanto antes, melhor”, diz Rafe. “Só aguarde um segundo, mestre, enquanto lavo Becket das minhas mãos.”

Embora não queira ir ao templo, o rei deseja se mostrar ao povo com Ana a seu lado. Deixando a missa, contra todos os conselhos, ele sai por entre as massas, com os guardas em sua retaguarda e os conselheiros ao seu redor. Ana projeta a cabeça no caule esguio de seu pescoço, virando-se para captar os comentários que chegam em seu rastro. Os súditos estendem a mão para tocar o rei.

Braço a braço com o rei, Norfolk, rijo de apreensão, os olhos por todo lado. “Não estou gostando disso, mestre Cromwell.” Ele

mesmo, outrora rápido com uma faca, fica alerta para movimentos abaixo da linha da cintura. Mas a coisa mais próxima de uma arma é uma cruz elevada por diversos monges franciscanos. A multidão abre caminho para eles, uma aglomeração de padres leigos em seus hábitos, um contingente de beneditinos da abadia e, entre eles, uma jovem vestida com o hábito de beneditina.

“Majestade?”

Henrique se volta. “Por Deus, esta é a Santa Donzela”, ele exclama. Os guardas se aproximam, mas Henrique ergue a mão. “Deixem-me vê-la.” Ela é uma moça grande, não muito jovem, vinte e oito anos talvez; rosto comum, escuro, animado, com um rubor de emoção. A jovem se aproxima do rei e, por um segundo, ele se vê através dos olhos dela: um borrão de ouro vermelho e pele afogueada, um corpo pronto, priápico, a mão como um pernil que se estende para segurá-la por seu cotovelo de freira. “Madame, tem algo a me dizer?”

Ela tenta fazer uma medida, mas o punho do rei não permite. “Eu fui informada pelo céu”, diz ela, “pelos santos com quem converso, de que os hereges ao vosso redor devem ser levados a uma grande fogueira, e se vossa majestade não acender essa fogueira, então quem arderá sereis vós.”

“Que hereges? Quem são eles? Não cultivo hereges em torno da minha pessoa.”

“Aqui está uma herege.”

Ana se encolhe contra o rei: grudada no escarlate e no ouro da casaca real, ela derrete como cera.

“E se vós contrairdes alguma forma de casamento com essa mulher indigna, só reinareis por sete meses.”

“Ora, vamos, madame, sete meses? Arredonde esse número, que tal? Que tipo de profeta diz ‘sete meses’?”

“Foi o que o céu me disse.”

“E quando acabarem os sete meses, quem me substituirá? Fale, diga quem você gostaria de ter como rei no meu lugar.”

Os monges e padres tentam afastá-la; isso não fazia parte do plano deles. “Lorde Montague, ele é do sangue. O marquês de Exeter, ele é sangue real.” Por sua vez, ela tenta se livrar do punho do rei. “Eu vejo a senhora vossa mãe”, ela diz, “cercada por fogueiras pálidas.”

Henrique larga a mulher como se sua pele queimasse. “Minha mãe? Onde?”

“Eu estive procurando pelo cardeal de York. Vasculhei pelo céu, inferno e purgatório, mas o cardeal não está lá.”

“Não é evidente que ela é louca?”, exclama Ana. “Ela é louca e deve ser açoitada. E se não for louca, deve ser enforcada.”

Um dos padres retruca: “Madame, ela é uma pessoa mui santa. Sua fala é inspirada”.

“Tirem-na da minha frente”, decreta Ana.

“Raios se abaterão sobre vós!”, proclama a freira a Henrique. Ele ri, sem convicção.

Norfolk irrompe em meio ao grupo, os dentes crispados, o punho erguido. “Arrastem essa mulher de volta ao seu prostíbulo, antes que ela sinta o peso da minha mão, por Deus!” Na confusão, um monge acerta outro com a cruz; a Donzela é puxada para trás, ainda profetizando; o barulho da multidão aumenta, e Henrique agarra Ana pelo braço e a leva de volta pelo caminho por onde vieram. Ele segue a Donzela, mantendo-se próximo à retaguarda do grupo, até que a multidão diminui e ele pode tocar o braço de um monge e pedir para falar com a profetisa. “Fui criado de Wolsey”, ele diz. “Quero ouvir a mensagem dela.”

Há uma certa confabulação, e eles o deixam passar. “Senhor?”, indaga ela.

“Poderia tentar encontrar o cardeal novamente? Se eu me dispuser a fazer uma oferta?”

Ela dá de ombros. Um dos franciscanos responde: “Teria que ser uma oferta substanciosa”.

“E seu nome é?”

“Sou o padre Risby.”

“Posso atender suas expectativas, sem dúvida. Sou um homem abastado.”

“O senhor gostaria apenas de localizar a alma, para ajudar suas próprias preces, ou está pensando em custear missas, talvez, uma doação?”

“Seguirei sua recomendação. Mas, claro, preciso saber se ele não está no inferno. Não há utilidade em pagar por boas missas num caso perdido.”

“Eu terei que falar com o padre Bocking”, ela responde.

“O padre Bocking é o diretor espiritual desta dama.”

Ele faz uma mesura com a cabeça. “Volte outra hora e me pergunte”, diz a moça. Ela dá meia-volta e se perde na multidão. Ele distribui algum dinheiro ali mesmo, para a comitiva. Para o padre Bocking, quem quer que seja. Afinal, pelo visto, o padre Bocking é quem estipula preços e faz a contabilidade.

A freira deixou o rei deprimido. E como você se sentiria se alguém lhe dissesse que será atingido por um raio? Ao fim da tarde, ele reclama de uma dor de cabeça, uma dor no rosto e na mandíbula. “Saíam”, ele ordena aos médicos. “Vocês nunca conseguem curar nada, então por que teriam êxito logo agora? E quanto à senhora, madame”, ele se dirige a Ana, “peça às suas damas que a ponham na cama, não quero conversar, não posso suportar vozes agudas.”

Norfolk resmunga entre dentes: o Tudor, sempre há algum problema com ele.

Em Austin Friars, se alguém tem um resfriado ou uma torção, os garotos encenam um interlúdio chamado “Se Norfolk fosse o dr. Butts”. Tem uma dor de dente? Arranque todos! Prendeu o dedo? Corte a mão fora! Dor de cabeça? Degole, você tem outra!

Agora, quase se retirando da presença real, Norfolk se detém. “Majestade, na verdade, ela não disse que o raio o mataria.”

“Não mesmo”, repete Brandon, animado.

“Morto não, mas destronado, morto não, mas arrebatado e estorricado, está aí algo para aguardar com apreensão, não acham?” Apontando pateticamente as condições em que se encontra, o rei vocifera para que um servo traga lenha e que um pajem aqueça um pouco de vinho. “Eu, o rei da Inglaterra, devo me sentar aqui com um fogo miserável e sem nada que beber?” Ele realmente parece sentir frio. “Ela viu a senhora minha mãe.”

“Majestade”, ele diz, cautelosamente, “o senhor sabe que há uma imagem da senhora sua mãe num vitral da catedral? E será que o sol às vezes não atravessa o vidro, dando a impressão de que ela está num clarão de luzes? Creio que foi o que a freira viu.”

“Não acredita nessas visões?”

“Acho que ela talvez não saiba distinguir o que vê no mundo real daquilo que vê na sua cabeça. Certas pessoas são assim. Talvez ela seja digna de piedade. Embora não muita.”

O rei franze o cenho. “Mas eu amava minha mãe”, ele diz. E então: “Buckingham dava muito crédito a visões. Ele tinha um frei que fazia profecias e dizia que ele seria rei.” Henrique não precisa acrescentar: Buckingham foi um traidor e já faz mais de dez anos que está morto.

Quando a corte zarpa para a França, ele está no navio do rei, o *Swallow*. Ele está de pé no convés, vendo a Inglaterra se afastar, junto ao duque de Richmond, o bastardo de Henrique, animado com sua primeira viagem marítima e também por estar em companhia do pai. Fitzroy é um belo menino de treze anos, louro, alto para a idade e esbelto, como Henrique deve ter sido quando era um jovem príncipe, dotado de um sentido de amor-próprio e de sua própria grandeza. “Mestre Cromwell”, diz ele, “não nos vemos desde a queda do cardeal.” Um instante de constrangimento. “Fico feliz em ver que está prosperando. De fato está escrito no livro chamado *O cortesão* que muitas vezes encontramos dons da natureza em homens de baixa estirpe.”

“O senhor lê em italiano?”

“Não, mas partes daquele livro foram traduzidas para o inglês a meu pedido. É um ótimo livro para minhas leituras.” Uma pausa. Ele vira a cabeça, baixando a voz. “Eu gostaria que o cardeal não estivesse morto. Porque agora o duque de Norfolk é meu tutor.”

“E ouvi dizer que vossa alteza desposará Mary, filha dele.”

“Sim. Eu não quero.”

“Por que não?”

“Eu já a vi. Ela não tem seios.”

“Mas ela é espirituosa, meu amo. E o tempo pode remediar o outro assunto, antes que vivam juntos. Se sua gente traduzir a parte do livro de Castiglione que se refere às damas nobres e suas qualidades, estou certo de que o senhor descobrirá que Mary Howard possui todas elas.”

Ele pensa: vamos rezar para que não acabe como o casamento de Harry Percy ou de George Bolena. Ademais, seria pelo bem da menina; Castiglione diz que tudo que pode ser compreendido pelos homens também pode ser compreendido pelas mulheres, que seu entendimento é o mesmo, suas faculdades, e sem dúvida seus amores e ódios. Castiglione tinha amor por sua esposa Ippolita, mas ela morreu apenas quatro anos após o casamento. Ele compôs um poema para ela, uma elegia, mas escreveu na voz de Ippolita, como se a falecida falasse com ele.

No rastro do navio, as gaivotas grasnam como almas perdidas. O rei chega ao convés e diz que sua mente clareou. Ele diz:

“Majestade, estávamos falando sobre o livro de Castiglione. O senhor encontrou tempo para ler?”

“Sem dúvida. Ele exalta a *sprezzatura*. A arte de fazer tudo de modo gracioso e adequado, sem aparentar esforço. Uma qualidade que os príncipes também devem cultivar.” E acrescenta, um tanto dubio: “O rei Francisco da França a possui”.

“Sim. Mas além da *sprezzatura*, o indivíduo deve exibir um digno comedimento público a todo momento. Eu estava pensando em

encomendar uma tradução como presente para meu lorde Norfolk.”

Na mente do rei, ainda deve estar a imagem de Thomas Howard na Cantuária, ameaçando socar a santa freira. Henrique sorri.

“Realmente, deveria fazê-lo.”

“Sim, se ele não tomar como uma exprobração. Castiglione recomenda que um homem não encaracole os cabelos nem depile as sobrancelhas. E vossa majestade sabe que ele faz as duas coisas.”

O príncipezinho franze o cenho. “Meu lorde de Norfolk?” Henrique solta uma estridente gargalhada, nada régia, nada digna e tampouco contida. É bem-vinda aos ouvidos. As madeiras do navio rangem. O rei mantém o equilíbrio com uma das mãos no ombro de seu conselheiro. O vento infla as velas. O sol dança sobre as águas. “Mais uma hora e estaremos no porto.”

Calais, esse posto avançado da Inglaterra, seu último forte na França, é uma cidade onde ele tem muitos amigos, muitos fregueses, muitos clientes. Ele a conhece, Watergate e Lantern Gate, a Igreja de São Nicolau e a de Nossa Senhora, ele conhece suas torres e fortes, seus mercados, pátios e atracadouros, a Estalagem Staple onde o governador se hospeda, e as casas das famílias Whethill e Wingfield, lares com jardins sombreados onde os cavalheiros vivem em agradável retiro, afastados de uma Inglaterra que alegam não mais compreender. Ele conhece as fortificações — em ruínas — e, além das muralhas da cidade, os campos do Pale, seus bosques, vilas e lagos, seus córregos, diques e canais. Ele conhece a estrada para Boulogne e a estrada para Gravelines, território do imperador, e sabe que cada monarca, Francisco ou Carlos, poderia tomar esta cidade com um só golpe decidido. Há duzentos anos que os ingleses chegaram ali, mas nas ruas se ouve mais francês e flamengo.

O governador saúda sua majestade; lorde Berners, velho soldado e professor, é o padrão da virtude à moda antiga, e não fosse seu

manquejar e a evidente angústia pelos grandes gastos em que está prestes a incorrer, poderia ter saído diretamente das páginas do livro *O cortesão*. Ele até providenciou para que o rei e a marquesa ficassem em aposentos com portas intercomunicáveis. “Acho que será muito adequado, meu amo”, diz ele. “Contanto que haja uma poderosa tranca de cada lado.”

Isso porque Maria lhe disse, antes que levantassem âncoras: “Até agora, ela não permitia, mas agora ela quer, e ele não. Henrique afirma que deve ter certeza de que, se ela ficar grávida, o bebê nascerá dentro do casamento”.

Os monarcas se encontrarão por cinco dias em Boulogne, e depois mais cinco dias em Calais. Ana se desespera com a ideia de ser deixada para trás. Pela inquietação de Ana, ele percebe: ela sabe que esta é uma terra de controvérsias, onde coisas imprevisíveis podem acontecer. Enquanto isso, ele tem negócios particulares para realizar; ele deixa até Rafe para trás e desaparece numa estalagem num pátio de fundos na Calkwell Street.

É um estabelecimento de quinta, cheirando a fumaça de lenha, peixe e mofo. Numa parede lateral há um espelho embaçado, onde ele tem vislumbres de seu próprio rosto pálido, apenas os olhos vivos. Por um momento, seu reflexo o choca; ninguém espera ver a própria imagem num antro como esse.

Ele se senta a uma mesa e espera. Depois de cinco minutos, percebe-se uma perturbação nos fundos da sala. Mas nada acontece. Ele previu que o deixariam esperando; para matar o tempo, repassa em sua mente as cifras dos rendimentos do ducado da Cornualha para o rei no ano anterior. Ele está quase chegando aos números submetidos pelo tesoureiro de Chester quando uma forma escura se materializa e se define na pessoa de um velho com uma longa bata. O velho claudica em sua direção e logo é seguido por outros dois. Você poderia trocar um pelo outro, sem grande alteração: a mesma tosse seca, as mesmas longas barbas.

Seguindo alguma ordem de precedência que negociam através de resmungos, eles tomam seus assentos num banco à frente do visitante. Ele detesta alquimistas, e esses homens lhe parecem alquimistas: respingos indecifráveis em suas vestes, olhos lacrimejantes, fungação induzida por vapores. Ele os saúda em francês. Os velhos tremem e um deles pergunta em latim se não haverá nada para beber. Ele chama pelo garoto e, sem muita esperança, pergunta o que ele sugere. “Beber em outro lugar?”, diz o rapaz.

Chega uma jarra de algo vinagrento. Ele deixa que os velhos bebam profusamente antes de fazer perguntas. “Quem dos senhores é Maître Camillo?”

Os velhos trocam olhares. Levam o mesmo tempo que as Greias levavam para passar entre si seu único olho.

“Maître Camillo foi para Veneza.”

“Por quê?”

Mais tosse. “Para fazer consultas.”

“Mas ele pretende voltar à França?”

“É bem provável.”

“A coisa que os senhores têm, eu a quero para meu amo.”

Um silêncio. Como seria, ele pensa, se eu tirasse o vinho deles até que me dissessem algo útil? Mas um dos velhos frustra seus planos, arrebatando a jarra; sua mão sacode e o vinho se esparrama pela mesa. Os outros soltam balidos de irritação.

“Imaginei que iriam trazer desenhos”, ele continua.

Os velhos se entreolham. “Ah, não.”

“Mas há desenhos?”

“Não exatamente.”

O vinho derramado começa a ser absorvido pela madeira lascada. Eles mergulham num silêncio infeliz e ficam observando. Um dos velhos se ocupa em enfiar o dedo por um buraco de traça em sua manga.

Ele chama o garoto para pedir outra jarra. “Não queremos negar-lhe nossa ajuda”, diz o porta-voz. “Mas compreenda que Maître Camillo está, por ora, sob proteção do rei Francisco.”

“Ele pretende fazer um modelo para o rei?”

“É possível.”

“Um modelo funcional?”

“Qualquer modelo é, por sua natureza, um modelo funcional.”

“Se ele considerar os termos do seu serviço minimamente insatisfatórios, meu amo Henrique ficará contente em recebê-lo na Inglaterra.”

Há outra pausa, até que o garoto traz a jarra e se retira. Dessa vez, ele mesmo serve o vinho. Os velhos trocam olhares mais uma vez, e um deles declara: “O *magíster* acredita que não apreciaria o clima inglês. As neblinas. E toda a ilha também é coberta de bruxas”.

A entrevista foi insatisfatória. Mas é preciso começar por algum lugar. Na saída, ele diz ao garoto: “Pode limpar a mesa”.

“Seria melhor esperar até que eles sequem a segunda jarra, monsieur.”

“Verdade. Leve alguma comida para eles. O que você tem aí?”

“Sopa. Eu não recomendo. Parece aquilo que sobra quando uma puta lava a camisola.”

“Nunca ouvi dizer que as moças de Calais lavassem alguma coisa. Você sabe ler?”

“Um pouco.”

“Escrever?”

“Não, monsieur.”

“Deveria aprender. Enquanto isso, use seus olhos. Se aparecer alguém mais para falar com eles, e se trouxerem algum desenho, pergaminho, rolos, qualquer coisa do tipo, eu quero saber.”

O menino diz: “O que é, monsieur? O que eles estão vendendo?”.

Ele quase revela ao garoto. Que mal poderia haver? Mas o problema é que ele não consegue pensar nas palavras adequadas.

Os debates em Boulogne vão pela metade quando ele recebe uma mensagem: Francisco gostaria de vê-lo. Henrique delibera antes de lhe dar permissão; frente a frente, monarcas só deveriam lidar com outros monarcas, lordes e clérigos de alta posição. Brandon e Howard, que haviam se mostrado bastante amigáveis com ele durante a viagem, tornaram-se distantes desde que pisaram em terra firme, como se quisessem deixar claro aos franceses que não lhe concedem qualquer status; os dois fingem que ele é uma espécie de capricho de Henrique, uma novidade entre os conselheiros que logo desaparecerá em favor de um visconde, barão ou bispo.

O mensageiro francês lhe diz: “Não se trata de uma audiência”.

“Não”, ele concorda. “Eu compreendo. Nada desse tipo.”

Servido apenas por um punhado de cortesãos, Francisco espera sentado pela não audiência. O rei é uma espécie de varapau humano, os cotovelos e joelhos se projetando no ar, os grandes pés ossudos remexendo em vastas sapatilhas acolchoadas. “Cremuel”, começa ele. “Vamos lá, deixe-me compreendê-lo. O senhor é galês.”

“Não, majestade.”

Tristes olhos caninos; eles o examinam de alto a baixo, e depois tornam a examinar. “Não é um galês.”

Ele compreende a dificuldade do rei francês. Como ele conseguiu seu passaporte para a corte se não é de alguma família de humildes servos dos Tudor? “Foi o falecido cardeal quem me introduziu nos assuntos do rei.”

“Sim, eu sei disso”, Francisco comenta, “mas acho cá comigo que há algo mais acontecendo por aqui.”

“Pode ser, alteza”, diz ele na mesma hora, “mas com certeza não se trata de qualquer ascendência galesa.”

Francisco toca a ponta de seu nariz inclinado, dobrando-o mais ainda na direção do queixo. Escolha seu príncipe: você não gostaria de olhar para esse aqui todo dia. Henrique é tão sadio em sua tez branca e rosada, tão carnosos e limpos. Com o olhar evasivo, Francisco sugere: “Dizem que, outrora, o senhor lutou pela honra da França”.

Garigliano: por um momento, ele baixa os olhos como se recordasse um terrível acidente de rua. Algum esmagamento ou mutilação irreversível de membros. “Num dia assaz desafortunado.”

“Mesmo assim... essas coisas acontecem. Quem se lembra agora de Agincourt?”

Ele quase ri. “É verdade. Uma geração ou duas, ou três... quatro... e essas coisas já não são nada.”

Francisco prossegue: “Dizem que tem excelente trânsito com Aquela Dama”. Ele lambe os beiços. “Diga-me, estou curioso, o que meu rei-irmão pensa? Henrique pensa que ela é donzela? Eu mesmo nunca a provei. Quando estive aqui na corte, ela era jovem, reta como uma tábua. No entanto, a irmã...”

Ele gostaria de detê-lo, mas ninguém interrompe um rei. A voz francesa discorre sobre a nudez de Maria, do queixo aos dedos do pé, e depois a revira como uma panqueca e descreve o outro lado, da nuca aos calcanhares. Um cavalheiro entrega ao rei um quadrado de linho fino e, quando termina, Francisco seca os cantos da boca e devolve o lenço.

“Muito bem, basta”, decreta Francisco. “Já vi que não admite ser galês, então esse é o fim das minhas teorias.” Os cantos de sua boca se voltam para cima; os cotovelos se movem um pouco; os joelhos trepidam; a não audiência acabou. “Monsieur Cremuel”, ele completa, “é possível que não tornemos a nos ver. Sua súbita sorte talvez não dure. Assim, venha, dê-me sua mão, como um soldado da França. E me acrescente às suas preces.”

Ele se curva. “Seu criado, senhor.”

Quando está saindo, um dos cortesãos se adianta e, murmurando “um presente de sua alteza”, entrega a ele um par de luvas bordadas.

Ele supõe que outro homem teria se sentido lisonjeado e logo provado as luvas. Ele, contudo, limita-se a apertar os dedos até encontrar o que estava procurando. Gentilmente balança a luva sobre a mão em concha.

Ele se dirige imediatamente a Henrique, e o encontra à luz do sol, disputando uma partida de boules com alguns lordes franceses. Henrique consegue tornar um jogo de boules tão barulhento quanto um torneio: gritos, resmungos, apostas, gemidos, pragas. O rei ergue os olhos para ele como se dissesse: “E então?”. Seu olhar responde, “A sós”, e o do rei conclui, “Mais tarde”, e nenhuma palavra é pronunciada; durante todo o tempo, Henrique segue com suas brincadeiras e tapinhas nas costas e se estica, observando a bola que desliza sobre a grama tosada, e aponta em sua direção. “Os senhores já conhecem este meu conselheiro? Eu lhes dou um aviso, nunca disputem qualquer jogo com ele. Pois ele não respeitará sua ancestralidade. Ele não tem brasão ou nome, mas acredita que nasceu para vencer.”

Um dos lordes franceses comenta: “Perder com graça é uma arte cultivada por todo cavalheiro”.

“Eu espero cultivá-la também”, ele diz. “Se os senhores souberem de algum exemplo que eu possa seguir, por favor, me digam.”

Isso porque ele nota que todos estão decididos a vencer o jogo, a arrancar uma moeda de ouro do rei da Inglaterra. Jogos não são um vício quando se pode pagar por eles. Ele pensa, talvez eu deva munir o rei de algumas moedas de jogo, cambiáveis apenas se apresentadas pessoalmente em algum escritório de Westminster, com tortuosa papelada anexada, taxas aos escrivães e um selo especial a ser afixado. Isso nos pouparia algum dinheiro.

Mas a bola do rei desliza suavemente em direção à marca. De qualquer maneira, Henrique está vencendo o jogo. Dos franceses, uma salva de polidos aplausos.

Quando ele e o rei estão a sós, ele diz: “Aqui está algo que vossa majestade apreciará”.

Henrique gosta de surpresas. Com o indicador grosso e com sua rósea e limpa unha inglesa, ele examina o rubi nas costas da mão. “É uma boa pedra”, declara o rei. “Sou um bom juiz dessas coisas.” Uma pausa. “Quem é o principal joalheiro por aqui? Peça-lhe para aguardar minhas ordens. É uma pedra escura, Francisco a reconhecerá quando a vir de novo; eu a usarei no meu próprio dedo antes dos nossos encontros. A França verá como sou servido.” Henrique está num excelente humor. “Darei o valor a você, em todo caso.” O rei meneia a cabeça para despachá-lo. “Claro, você tratará com o joalheiro para dar um valor mais alto e combinará a divisão do lucro com ele. Mas eu serei generoso nesse trâmite.”

Componha seu rosto.

Henrique ri. “Por que eu confiaria meus negócios a um homem que não soubesse administrar os próprios? Um dia Francisco lhe oferecerá uma comissão. Deve aceitá-la. Aliás, o que ele perguntou?”

“Perguntou se sou galês. Parecia uma grande questão para ele, fiquei triste por desapontá-lo.”

“Ah, você não o desapontou”, elogia Henrique. “Quando isso acontecer, eu lhe direi.”

Duas horas. Dois reis. Quem diria, Walter? Imóvel no ar salgado, ele fala com o pai morto.

Depois que Francisco volta para Calais com seu rei-irmão, é Ana quem o conduz para a dança no grande banquete da noite. As faces dela estão coradas e seus olhos cintilam por trás de sua máscara dourada. Quando baixa a máscara e observa o rei da França, ela

abre um estranho meio sorriso, não exatamente humano, como se por trás da máscara houvesse outra máscara. Pode-se ver o queixo do rei desabando; pode-se ver que ele começa a salivar. Ela enlaça os dedos de Francisco nos seus e o leva a um assento junto à janela. Os dois conversam em francês por uma hora, sussurrando, a régia cabeça lustrosa se inclinando na direção dela; às vezes eles riem, olhando-se nos olhos. Não há dúvida de que estão debatendo a nova aliança; mas ele parece pensar que ela tem outro tratado enfiado em seu corpete. Francisco ergue a mão dela. Ana se retrai, com uma leve resistência, e por um momento parece que ele pretende pousar os dedinhos da dama sobre sua indescritível braguilha. É do conhecimento de todos que Francisco tentou a cura com mercúrio recentemente. Mas ninguém sabe se funcionou.

Henrique dança com as esposas dos notáveis de Calais: a giga, o saltarelo. Esquecendo-se da esposa doente, Charles Brandon arranca gritinhos das parceiras, jogando-as no ar e lançando suas saias ao vento. Mas o olhar de Henrique não cessa de deslizar pelo salão até Ana, até Francisco. Sua espinha está rija de terror. Seu rosto expressa uma sorridente agonia.

Finalmente, ele decide, preciso acabar com isso. E, no caminho, se pergunta: será possível que eu, como todo bom súdito deve fazer, realmente ame meu rei?

Ele desencava Norfolk do canto escuro em que o duque se esconde por medo de ser obrigado a dançar com a esposa do governador. “Meu amo, leve sua sobrinha embora. Ela já fez diplomacia demais. Nosso rei está enciumado.”

“Como é? Que diabo de reclamação ele tem agora?” Contudo, num piscar de olhos, Norfolk vê o que está acontecendo. Ele pragueja e atravessa o salão — cruzando o mar de dançarinos, em vez de dar a volta. Ele agarra o pulso de Ana e o dobra para trás como se fosse quebrá-lo. “Com sua permissão, alteza. Milady, dancemos!” Norfolk a põe de pé com um tranco. Eles dançam, embora não haja relação com qualquer outra dança vista em

qualquer salão antes deste. Da parte do duque, um trovejar de cascos de demônios; da parte dela, um saltitar anêmico, com um braço erguido como uma asa quebrada.

Ele dirige um olhar a Henrique. O rosto do rei expressa uma satisfação sóbria e virtuosa. Ana deveria ser punida, e quem melhor que seu parente? Os lordes franceses se aglomeram, às risadinhas. Francisco observa estreitando os olhos.

Naquela noite, o rei se retira cedo da festa, despachando até os cavaleiros de sua câmara privada; só Henry Norris entra e sai, seguido por um criado que carrega vinho, frutas, uma grande colcha e depois um braseiro com carvão; o clima esfriou. Ouve-se a voz elevada de Ana. Portas se batem. Enquanto ele conversa com Thomas Wyatt, a srta. Shelton chega galopando em sua direção. “Milady deseja uma Bíblia!”

“Mestre Cromwell pode recitar o Novo Testamento inteiro”, Wyatt responde, prestativo.

A moça parece agoniada. “Acho que Ana quer o livro para prestar um juramento.”

“Nesse caso, não sirvo de nada para ela.”

Wyatt segura as mãos de Mary. “Quem a aquecerá esta noite, jovem Shelton?” Ela se desvencilha e dispara em busca das Escrituras. “Eu lhe direi quem. Henry Norris.”

Ele observa a moça sair. “Ela faz sorteios?”

“Eu já tirei a sorte.”

“O rei?”

“Talvez.”

“Recentemente?”

“Ana arrancaria e assaria o coração de ambos.”

Ele sente que não deve se afastar muito, pois Henrique pode convocá-lo. Encontra um canto para um jogo de xadrez com Edward Seymour. Entre as jogadas: “Sua irmã Jane...”, começa ele.

“Criaturinha estranha, não?”

“Que idade ela tem?”

“Não sei... vinte e poucos? Ela andava por Wolf Hall dizendo ‘Estas são as mangas de Thomas Cromwell’, e ninguém sabia do que ela estava falando.” Ele ri. “Muito satisfeita consigo.”

“Seu pai tem algum pretendente para ela?”

“Houve certa conversa sobre...” Ele ergue os olhos. “Por que pergunta?”

“Só estou distraído você.”

Tom Seymour irrompe pela porta. “Boa noite, irmão mais velho”, ele exclama ao irmão, arrancando-lhe o gorro e esfregando seus cabelos. “Há mulheres esperando por nós.”

“Meu amigo aqui desaconselha.” Edward bate no gorro para tirar o pó. “Ele diz que são iguais às inglesas, só que mais sujas.”

“A voz da experiência?”, diz Tom.

Edward reajusta seu gorro com precisão. “Quantos anos tem nossa irmã Jane?”

“Vinte e um, vinte e dois. Por quê?”

Edward baixa os olhos para o tabuleiro, pega a rainha. Ele vê agora que ela está aprisionada e ergue os olhos admirado. “Como conseguiu fazer isso?”

Mais tarde, ele se senta com uma folha de papel em branco à sua frente. Pretende escrever uma carta a Cranmer e lançá-la aos quatro ventos, em busca do destinatário pela Europa. Apanha a pena, mas não escreve; revisita em sua mente a conversa com Henrique, sobre o rubi. Seu rei imagina que ele tomaria parte numa trama doméstica, do tipo em que ele talvez se envolvesse naqueles tempos passados, em que envelhecia cupidos e os vendia a cardeais. Mas se defender de tais acusações faz com que ele pareça culpado. Por acaso deveria se surpreender ao constatar que Henrique não confia completamente nele? Um príncipe vive só: em sua Câmara do Conselho, em sua câmara privada, e finalmente na

antecâmara do inferno, desnudado — como dizia Harry Percy — para o Juízo.

Essa visita compactou as rixas e intrigas da corte, aprisionou-as no pequeno espaço entre as muralhas da cidade. Os viajantes se tornaram íntimos como as cartas de um baralho: próximos, mas com olhos cegos de papel. Ele se pergunta onde Tom Wyatt se encontra, e em que tipo de confusão se meteu. Acha que não conseguirá dormir: mas não porque esteja preocupado com Wyatt. Ele se aproxima da janela. A lua, como que envergonhada, deixa um rastro de retalhos de nuvens negras.

Nos jardins, tochas ardem nos suportes de parede, mas ele se afasta da luz. O distante vaivém do oceano é firme e insistente como o pulsar de seu coração. Ele sabe que partilha dessa escuridão, e num instante há um passo, um roçar de saias, um discreto arfar, uma mão deslizando por seu braço. “O senhor”, diz Maria.

“Eu.”

“Sabia que eles destrancaram a porta entre as câmaras?” Ela ri, uma implacável hilaridade. “Ela está nos braços dele, nua como no dia em que nasceu. Agora, já não pode mudar de ideia.”

“Pensei que eles brigariam esta noite.”

“E brigaram. Eles gostam de brigar. Ela alega que Norfolk quebrou seu braço. Henrique a chamou de Madalena e alguns outros nomes que esqueci, acho que eram damas romanas. Lucrécia não.”

“Não. Ou pelo menos espero que não. Para que ela queria a Bíblia?”

“Para obrigá-lo a jurar. Diante de testemunhas. Eu. Norris. Ele fez uma promessa de compromisso. Eles estão casados aos olhos de Deus. E ele jura que se casará com ela novamente na Inglaterra e a coroará rainha quando a primavera chegar.”

Ele pensa na freira da Cantuária: se vossa majestade contrair qualquer forma de casamento com essa mulher indigna, só reinará

por sete meses.

“Ou seja, agora”, Maria prossegue, “só resta saber se ele será capaz de consumir o ato ou não.”

“Maria.” Ele toma a mão dela. “Não me assuste.”

“Henrique é tímido. Ele pensa que nós esperamos um desempenho majestoso. Mas, se ele tiver vergonha, Ana saberá como ajudar.” Maria acrescenta, cuidadosamente: “Quero dizer, eu a aconselhei”. Ela desliza a mão pelo ombro dele. “Bem, agora, e quanto a nós? Foi um esforço muito exaustivo trazê-los até aqui. Acho que merecemos nossa recreação.”

Nenhuma resposta. “Ainda teme meu tio Norfolk?”

“Maria, eu tenho pavor do seu tio Norfolk.”

Contudo, não é por essa razão que ele se afasta. Afasta-se, mas não chega exatamente a repeli-la. “Em que está pensando?”

“Eu estava pensando que se eu não fosse o mais esforçado criado do rei, poderia pegar o próximo barco para longe daqui.”

“E para onde iríamos?”

Ele não se lembra de ter convidado ninguém. “Leste. Mas garanto que não seria um bom ponto de partida.” Fugir para leste dos Bolena, ele pensa. Para leste de todo mundo. Ele recorda o mar do Meio, e não essas águas nórdicas; e uma noite em especial, uma cálida meia-noite numa casa em Larnaca: luzes venezianas se derramavam na perigosa orla, os sons dos pés escravos nas lajotas, um perfume de incenso e coentro. Ele põe um braço em torno de Maria, encontrando algo macio, totalmente inesperado: pele de raposa. “Muito esperta.”

“Ah, nós trouxemos de tudo. Cada ponto. Caso tenhamos que ficar aqui até o inverno.”

Uma cintilação de luz sobre a pele. O pescoço muito branco, muito suave. Tudo parece possível, se o duque permanecer em seus aposentos. Com a ponta do dedo, ele acaricia o pelo da capa, até a capa encontrar a pele. Ela tem ombros quentes, perfumados e um pouco úmidos. Ele sente o pulso dela latejando.

Um ruído às suas costas. Ele se volta, adaga na mão. Maria dá um berro, presa em seu braço. A ponta da arma repousa contra a casaca de um homem, sob o esterno. “Calma, calma”, diz uma voz inglesa sóbria e irritada. “Baixe essa coisa.”

“Pelos céus!”, exclama Maria. “Você quase assassinou William Stafford.”

Ele força o estranho a recuar até a luz. Quando vê seu rosto, e não antes, ele retira a lâmina. Não sabe quem é Stafford: cavaliário de alguém? “William, pensei que não viria”, explica Maria.

“Pelo visto já tinha um reserva, caso eu não viesse.”

“Não sabe o que é a vida de uma mulher! Quando achamos que temos algo marcado com um homem, e não temos. Quando ele diz que nos encontrará, e não aparece!”

É um grito que vem do fundo do coração. “Desejo-lhes uma boa noite”, diz ele. Maria se volta, como se pretendesse dizer, ah, não vá. “Já está na hora das minhas preces.”

Um vento chega do mar Estreito, sacudindo os cordames no porto, chacoalhando as janelas no continente. Ele pensa, amanhã talvez chova. Acende uma vela e volta à carta, mas ela não o atrai nem um pouco. As folhas farfalham nos jardins, nos pomares. Imagens se movem no ar além das vidraças, gaivotas voam como fantasmas: um vislumbre da touca branca de sua esposa Elizabeth, quando ela o seguiu até a porta em sua última manhã. Só que ela não o seguiu: Liz estava dormindo, embalada em lençóis úmidos sob a colcha turca de cor amarela. Quando pensa na sorte que o levou até ali, ele também pensa na sina que o arrastou naquela manhã, há cinco anos, para fora de Austin Friars como um homem casado, com papéis dos negócios de Wolsey sob o braço: ele era feliz naquele tempo? Não sabe dizer.

Naquela noite no Chipre, há tantos e tantos anos, ele esteve prestes a entregar seu pedido de demissão ao banco, ou pelo menos de pedir cartas de recomendação que o levassem ao leste. Ele tinha curiosidade de ver a Terra Santa, suas plantas e pessoas,

de beijar as pedras onde os apóstolos caminharam, de barganhar em bairros ocultos de cidades estranhas e em tendas negras onde mulheres veladas se moviam pelos cantos como baratas. Naquela noite, sua sorte estava em suspenso. Do quarto às suas costas, enquanto admirava as luzes do cais, ele escutou a risada rouca de uma mulher e o suave “*al-hamdu lillah*” enquanto ela sacudia nas mãos os dados de marfim. Ouviu quando ela lançou os dados, como eles se bateram e como chegaram ao repouso. “Quanto foi?”

O leste é um número alto. O oeste é baixo. E jogos não são vício, quando se pode pagar por eles.

“Três e três.”

Isso é baixo? Ele tem de admitir que é. O destino não lhe deu um empurrão, mas apenas um leve tapinha. “Preciso voltar para casa.”

“Mas não esta noite. Está tarde demais para a maré.”

No dia seguinte, ele sente os deuses às suas costas, como uma brisa. Ele parte de novo para a Europa. Naquela época, seu lar era uma casa estreita com venezianas sobre um canal tranquilo; Anselma de joelhos, langorosamente nua sob a camisola longa de damasco verde, com seu lustroso cabelo negro à luz das velas; ajoelhada diante do pequeno altar que mantinha em seu quarto, tão precioso para ela, a coisa mais preciosa que possuiu, ela disse. Um momento, me dê apenas um momento, ela havia dito; rezou em sua própria língua, por vezes lisonjeira, em outras quase ameaçadora; e deve ter extraído de seus santos de prata alguma centelha de graça, ou talvez tenha percebido algum reflexo em sua cintilante retidão, pois se ergueu e se virou para ele e disse: “Estou pronta agora”, desamarrando os laços de seda da camisola para que ele pudesse pegar os seios dela em suas mãos.

3. Missa da Manhã

Novembro de 1532

Rafe está de pé na frente, dizendo que já são sete horas. O rei foi à missa.

Ele dormiu numa cama de fantasmas. “Não queríamos acordá-lo. O senhor nunca dorme até tarde.”

O vento é um suspiro abafado entre as chaminés. Gotas de chuva tamborilam como cascalho contra a janela, arrefecem e logo tornam a estrepitar. “Talvez tenhamos que ficar em Calais por algum tempo”, ele diz.

Há cinco anos, quando veio à França, Wolsey lhe pediu para vigiar a situação na corte e informá-lo caso Ana e o rei fossem para a cama. Ele indagou, como saberei que aconteceu? O cardeal respondeu: “Creio que pela cara dele”.

No momento em que ele chega à igreja, o vento já parou e a chuva estiou, mas as ruas se converteram em lama e as pessoas que esperam para ver a saída dos lordes ainda têm as casacas puxadas sobre a cabeça, como uma nova raça de decapitados ambulantes. Ele abre caminho por entre a massa, e depois pede licença e serpenteia por entre os nobres reunidos: *s’il vous plaît, c’est urgent*, abram caminho para um grande pecador. Eles riem e dão passagem.

Ana aparece de braço dado com o governador. Ele parece tenso — pelo visto, sua gota o atormenta —, mas é atencioso com ela,

murmurando agradamentos que não provocam reação alguma; a expressão de Ana está ajustada em uma cuidadosa indiferença. O rei está de braço dado com uma dama de Wingfield, o rosto erguido, conversador. Ele não presta qualquer atenção nela. Henrique parece grande, amplo e benigno. Seu olhar régio varre a multidão, que se ajoelha diante do monarca. O rei sorri.

Quando deixa a igreja, Henrique põe o chapéu. É um chapéu grande, um chapéu novo. E, naquele chapéu, há uma pluma.

Parte 5

1. Anna Regina

1533

As duas crianças estão sentadas num banco do salão de Austin Friars. São tão pequenas que suas pernas estão estendidas à frente do corpo e, como ainda usam cueiros, não se pode saber seu sexo. Sob as toucas, elas sorriem, mostrando as covinhas. Que elas tenham essa cara saudável e satisfeita é mérito da jovem, Helen Barre, que ora desfia o rosário de sua história: filha de um pequeno mercador falido de Essex, esposa de um tal Matthew Barre que a espancava e a abandonou, “me largou”, ela diz, apontando, “com aquela ali na minha barriga”.

Os vizinhos sempre o procuram com problemas triviais: portas inseguras nas adegas; uma criação de gansos muito barulhentos; um casal que grita e atira panelas a noite toda, atrapalhando o sono da casa ao lado. Ele tenta não se afligir quando essas coisas tomam seu tempo, e Helen o irrita menos que uma casa cheia de gansos. Mentalmente, ele a despe de sua vulgar roupa de lã encolhida e torna a vesti-la com algum veludo estampado que vira no dia anterior, seis xelins a jarda. Suas mãos, ele vê, estão esfoladas e inchadas pelo trabalho duro; ele as garante com luvas de pelica.

“Mas embora eu diga que ele me abandonou, pode ser que esteja morto. Ele era um grande bebedor e encrenqueiro. Um homem que o conhecia me disse que ele saiu perdendo numa briga, e que eu deveria procurá-lo no fundo do rio. Mas outro o viu nos

atracadouros de Tilbury, com uma sacola de viagem. Portanto, o que sou? Esposa ou viúva?”

“Eu vou investigar. Contudo, acho que você preferiria que eu não o encontrasse. Como tem sobrevivido?”

“Quando ele desapareceu, eu fazia costuras para um fabricante de velas de navio. Desde que vim procurá-lo em Londres, tenho trabalhado como diarista. Trabalho como lavadeira num convento próximo da catedral de São Paulo, ajudando na lavagem anual dos lençóis das freiras. Elas me consideram uma boa funcionária, dizem que me darão uma enxerga no sótão, mas não aceitam as crianças.”

Mais um exemplo da caridade da Igreja. Ele se depara com eles a toda hora. “Não podemos permitir que se torne escrava de um grupo de mulheres hipócritas. Pode vir para cá. Tenho certeza de que será útil. A casa está sempre aumentando, eu vivo fazendo reformas, como você mesma pode ver.” Ela deve ser uma boa moça, ele pensa, para se recusar a ganhar a vida da forma óbvia; se fosse para a rua, não lhe faltariam ofertas. “Fui informado de que está interessada em aprender a ler, para compreender o Evangelho.”

“Algumas mulheres que conheci me levaram para algo que chamam de escola noturna. Era um porão em Broadgate. Antes disso, eu já conhecia Noé, os Três Reis Magos e o pai Abraão, mas nunca tinha ouvido falar de São Paulo. Na nossa antiga propriedade, tínhamos duendes que derramavam o leite e sopravam tempestades, mas me disseram que eles não são coisa de cristãos. Eu gostaria que tivéssemos continuado no campo, apesar de tudo aquilo. Meu pai não tinha qualquer tino para a vida na cidade.”

Ansiosos, seus olhos seguem as crianças. Elas se lançaram para fora do banco e caminham com passos incertos para ver a pintura que cresce pela parede, e a mãe prende a respiração a cada um de seus passos. O pintor é um germânico, um jovem que Hans recomendou para um trabalho simples, e como o rapaz não fala inglês, ele se volta para explicar às crianças o que está fazendo.

Uma rosa. Três leões, vejam como eles saltam. Dois pássaros pretos.

“Vermelho!”, exclama a criança mais velha.

“Ela conhece as cores”, diz Helen, ruborizada de orgulho. “Ela também está começando no um-dois-três.”

O espaço onde antes se via o brasão de Wolsey está sendo repintado com o brasão recém-concedido a ele: *azure, sobre banda entre três leões rampantes em ouro, uma rosa gules, cardos de sinople, entre dois corvos da Cornualha*. “Está vendo, Helen, aqueles pássaros pretos eram emblema de Wolsey.” Ele ri. “Há gente que gostaria de jamais tornar a vê-los.”

“Há outras pessoas, como nós, que não compreendem.”

“Você fala das pessoas da escola noturna?”

“Elas dizem, como pode um homem que ama o Evangelho ter se afeiçoado a alguém como o cardeal?”

“Sabe, eu nunca gostei das maneiras altivas dele e das suas procissões diárias, da pompa de que ele desfrutava. E mesmo assim, desde que a Inglaterra existe, jamais houve homem mais ativo nos interesses da Inglaterra. Além disso”, ele acrescenta, triste, “depois que você ganhava sua confiança, ele se tornava um homem tão afável e encantador... Helen, pode se mudar hoje para cá?” Ele imagina as freiras e a lavagem anual de suas roupas de cama, e pensa no rosto horrorizado do cardeal. Lavadeiras seguiam o cortejo de Wolsey como prostitutas seguem um exército, acaloradas pelos esforços que tinham de realizar de hora em hora. No palácio de York, Wolsey mandou fazer uma banheira tão funda que comportasse um homem imerso de pé na água, e o aposento era aquecido por um forno como os que se encontram nos Países Baixos, e mais de uma vez ele negociou acordos junto à cabeça flutuante e cozida do cardeal. Henrique tomou o lugar agora, e se atira na piscina com cavaleiros favorecidos, que se submetem a ser empurrados para baixo e semiafogados por seu amo, quando seu ânimo o conduz a isso.

O pintor oferece o pincel à menina mais velha. Helen cora. Cuidado, amor, ela avisa. Uma porção de azul é aplicada. Você é uma pequena artista, diz o pintor. *“Gefällt es Ihnen, Herr Cromwell, sind Sie stolz darauf?”*

Thomas diz a Helen: ele me pergunta se estou satisfeito e orgulhoso. Ela responde: Se não está, seus amigos ficarão orgulhosos no seu lugar.

Eu vivo traduzindo, ele pensa: quando não de idioma a idioma, então de pessoa a pessoa. Ana a Henrique, Henrique a Ana; naqueles dias em que ele quer consolo e ela está espinhosa como um arbusto de azevinho. Naqueles momentos — eles de fato existem — em que o olhar do rei se prolonga para outra mulher e ela percebe e parte em disparada para seus próprios aposentos. Ele, Cromwell, perambula como uma espécie de poeta público, levando afirmações de desejo de um lado a outro.

Ainda não são três horas, mas o salão já está em penumbra. Ele pega a criança menor, que se atira sobre seu ombro e cai no sono com a mesma velocidade com que um homem despenca ao ser empurrado de uma muralha. “Helen”, ele diz, “esta casa está cheia de rapazes faceiros, e todos se oferecerão para ensiná-la a ler, trarão presentes e tentarão adocicar seus dias. Aprenda, e aceite os presentes, e seja feliz aqui conosco, mas se alguém for abusado demais, precisa falar comigo ou com Rafe Sadler. É o menino da barbicha ruiva. Bem, eu não deveria mais chamá-lo de menino.” Logo fará vinte anos que ele trouxe Rafe da casa do pai, num dia tenebroso e escuro como este, com chuva desabando dos céus e ele carregando a criança agarrada a seu ombro, e o levou para dentro de seu salão na Fenchurch Street.

A tempestade os prendeu em Calais por dez dias. Navios saídos de Boulogne foram destruídos, a Antuérpia ficou inundada, grande parte dos campos submersos. Ele gostaria de enviar mensagens a seus amigos, indagando sobre suas vidas e propriedades, mas as

estradas estavam intransponíveis, e a própria Calais é uma ilha flutuante governada por um alegre monarca. Ele vai aos aposentos do rei para requisitar uma audiência — os negócios não param por mau tempo —, mas é informado de que “o rei não pode vê-lo esta manhã. Henrique e Lady Ana estão compondo temas para a harpa”.

Rafe troca olhares com ele e os dois se afastam. “Vamos torcer para que eles tenham alguma cançãozinha para apresentar depois.”

Thomas Wyatt e Henry Norris se embebedam juntos numa taverna de quinta categoria. Eles fazem juras de amizade eterna, mas seus seguidores se metem numa briga no pátio do estabelecimento e rolam pela lama.

Ele não vê Maria Bolena em lugar nenhum. Supostamente, ela e Stafford encontraram alguma toca onde pudessem compor juntos.

Ao meio-dia, sob luz de velas, lorde Berners lhe mostra sua biblioteca, coxeando energicamente de mesa em mesa, manuseando com cuidado os velhos tomos dos quais fez traduções eruditas. Ali está um romance do rei Artur. “Quando comecei a ler, quase desisti do projeto. Para mim é óbvio que se trata de um conto fantástico demais para ser verdade. Mas, pouco a pouco, enquanto lia, tive a impressão de que havia uma moral na história.” Ele não diz qual é. “E aqui está uma tradução de Froissart para o inglês, tarefa que sua majestade em pessoa me convidou a empreender. Não pude fazer outra coisa, pois ele acabara de me emprestar quinhentas libras. Gostaria de ver minhas traduções do italiano? São particulares, não as mandei para impressão.”

Ele passa uma tarde com os manuscritos e os dois os debatem ao jantar. Lorde Berners detém um cargo que Henrique lhe concedeu em caráter vitalício, chanceler do Erário, mas como Berners não está em Londres se dedicando ao emprego, a posição não lhe traz muito dinheiro nem a influência que deveria. “Sei que o senhor é um bom homem de negócios. Poderia dar uma olhada nas minhas contas, em sigilo? Não se encontram numa situação que se poderia chamar ordeira.”

Lorde Berners deixa o visitante a sós com a lambança que ele chama de livros contábeis. Uma hora se passa: o vento assovia pelos telhados, as chamas das velas tremulam, o granizo tamborila nas vidraças. Ele ouve o arrastar do pé deficiente de seu anfitrião: um rosto ansioso espreita pela porta. “Quais são as boas?”

Tudo o que ele encontra são dívidas. Isso é o que você ganha por se dedicar à erudição e por servir ao rei nas terras de além-mar, quando poderia estar na corte, dentes, olhos e cotovelos afiados, prontos para agarrar qualquer benefício. “Eu gostaria que o senhor tivesse me convocado antes. Sempre há algo a ser feito.”

“Ah, mas quem o conhecia, mestre Cromwell?”, o velho explica. “Sim, recebi cartas, mencionando negócios de Wolsey, negócios do rei. Mas eu não o conhecia. Até agora, nunca me pareceu provável que eu viesse a conhecê-lo.”

No dia em que estão prontos para embarcar, o garoto da estalagem dos alquimistas aparece. “Finalmente! O que traz para mim?”

O menino mostra as mãos vazias, e desata a falar algo parecido ao inglês. “*On dit* que aqueles magos voltaram a Paris.”

“Pois então estou decepcionado.”

“Monsieur, o senhor é difícil de achar. Fui ao lugar onde *le roi Henri* e a *Grande Putain* estão hospedados, ‘*je cherche milord Cremuel*’, e as pessoas riram de mim e me bateram.”

“Isso porque eu não sou um milorde.”

“Nesse caso, não sei o que seria um milorde no seu país.” Ele oferece uma moeda ao menino por seus esforços, e outra pela surra, mas o garoto recusa. “Pensei em me pôr a seu serviço, monsieur. Decidi sair de viagem.”

“Seu nome é?”

“Christophe.”

“Tem um nome de família?”

“*Ça ne fait rien.*”

“Seus pais?”

Ele dá de ombros.

“Idade?”

“Que idade me daria?”

“Sei que sabe ler. Sabe brigar?”

“Há muitas brigas *chez vous*?”

Christophe é a seu modo atarracado: precisa se nutrir, mas, dentro de um ano ou dois, será difícil de derrubar. Ele lhe dá quinze anos, não mais. “Tem problemas com a lei?”

“Na França”, responde Christophe, debochado: como se dissesse, na distante Catai.

“É ladrão?”

O garoto faz um movimento de golpe, com uma faca invisível na mão.

“Matou alguém?”

“Ele não parecia muito bem.”

Ele sorri. “Tem certeza de que deseja se chamar Christophe? Pode mudar agora, mas não depois.”

“Monsieur me compreende.”

Por Deus, claro que sim. Você poderia ser meu filho. E então ele o observa com atenção, para se certificar de que realmente não é; de que não é um dos moleques arruaceiros de que o cardeal falava, que ele deixou às margens do Tâmis, e quiçá junto a outros rios, em outros climas. Mas os olhos de Christophe são de um azul amplo e imperturbável. “Não tem medo da viagem por mar?”, ele pergunta. “Muitos falam francês na minha casa em Londres. Logo será um de nós.”

Em Austin Friars, Christophe o persegue com perguntas. Aqueles magos, o que é que eles tinham? Era o mapa de um tesouro escondido? Eram — ele agita os braços — instruções para construir uma máquina voadora? Era uma máquina para *faire* grandes explosões, ou um dragão militar, que cospe fogo?

Ele responde: “Já ouviu falar de Cícero?”.

“Não. Mas estou pronto para ouvir. Até hoje, não ouvi nada sobre o bispo Gardineur. *On dit* que o senhor roubou seus campos de morangos e deu para a amante do rei, e agora ele pretende” — o garoto se interrompe e mais uma vez faz sua imitação de um dragão militar — “arruiná-lo completamente e perseguir-lo até a morte.”

“Ah, e até bem depois disso, se conheço meu amigo.”

Já houve descrições piores de sua situação. Ele deseja dizer: ela não é amante do rei, não mais; contudo, esse segredo — que logo se tornará um segredo público — não pertence a ele para passar adiante.

Em 25 de janeiro, 1533, aurora, numa capela em Whitehall, tendo seu amigo Rowland Lee como padre, Ana e Henrique fazem seus votos, confirmam o pacto que fizeram em Calais: quase em segredo, sem qualquer celebração, apenas um punhado de testemunhas, e o casal em silêncio, exceto por pequenas afirmações de boa intenção, arrancadas deles pela cerimônia. Henry Norris está pálido e sério: terá sido misericordioso obrigá-lo a testemunhar duas vezes seguidas que Ana foi dada a outro homem?

William Brereton é uma testemunha, já que serve na câmara privada do rei. “Está mesmo aqui?”, ele lhe pergunta. “Ou está em algum outro lugar? Os cavalheiros me dizem que tem o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo, como os grandes santos.”

Brereton o encara. “O senhor anda escrevendo cartas para Chester.”

“Assuntos do rei. Como não?”

Eles conversam em murmúrios, enquanto Rowland junta as mãos dos noivos. “Eu lhe direi apenas uma vez. Fique longe dos assuntos da minha família. Ou sairá perdendo, mestre Cromwell, mais do que pode imaginar.”

Ana é assistida apenas por uma dama, sua irmã. Quando partem — o rei arrastando a esposa, a mão em seu antebraço, para alguns exercícios de harpa —, Maria se volta e lhe dirige um suntuoso

sorriso. Ela ergue a mão, polegar e indicador a uma unha de distância.

Maria sempre disse, serei a primeira a saber. Serei eu a desatar o corpete dela.

Ele se dirige a William Brereton, delicadamente; e diz, cometeu um erro ao me ameaçar.

Ele volta a seu escritório em Westminster, e se pergunta, será que o rei já sabe? Provavelmente não.

Ele se senta com seu rascunho. Velas são trazidas. Ele vê a sombra de sua própria mão deslizando sobre o papel, o punho despido da luva de veludo. Ele não quer nada entre si e a folha de papel, a linha negra de tinta corrente; assim, ele tira os anéis, a turquesa de Wolsey e o rubi de Francisco — no Ano-Novo, Henrique fez deslizar o anel de seu próprio dedo e o devolveu ao conselheiro, no engaste que o joalheiro de Calais desenhara, e disse, como os governantes fazem, num ímpeto de confiança: agora isso será um sinal entre nós, Cromwell, mande uma correspondência com isso e saberei que vem de sua mão, mesmo que não tenha seu selo.

Um confidente de Henrique que observava o colóquio — Nicholas Carew — comentou, o anel de sua majestade cabe em você sem qualquer ajuste. E ele respondeu, realmente cabe.

Ele hesita, a pena parada. Escreve: “Este reino da Inglaterra é um império”. *Este reino da Inglaterra é um império, e assim é aceito no mundo, governado por um líder e rei supremo...*

Às onze horas, quando o dia chega ao máximo de sua claridade, ele faz a refeição com Cranmer no alojamento dele em Cannon Row, onde o doutor vive até que sua nova posição seja confirmada e possa morar no palácio de Lambeth. Cranmer vem praticando sua nova assinatura, Thomas eleito da Cantuária. Logo ele jantará com toda pompa, mas hoje, ainda como um estudioso esfarrapado, ele põe os papéis de lado para abrir espaço a uma toalha de mesa e um peixe salgado, sobre o qual faz um sinal da cruz.

“Isso não vai melhorar essa coisa”, ele diz. “Quem está cozinhando para você? Vou mandar outra pessoa.”

“E então, o casamento está feito?” É típico de Cranmer, esperar até que alguém lhe conte a notícia: trabalhar seis horas em silenciosa paciência, a cabeça baixa sobre os livros.

“Sim, Rowland fez jus ao ofício. Ele não casou Ana com Norris, nem casou o rei com a irmã dela.” Ele sacode seu guardanapo. “Eu sei de uma coisa. Mas terá que me convencer a contar.”

Ele espera que, a título de persuasão, Cranmer confie o segredo que prometeu em sua carta, o segredo escrito nas margens da folha. Mas deve ter sido alguma indiscrição sem importância, agora esquecida. Já que o eleito da Cantuária apenas se ocupa meticulosamente com escamas e pele, ele diz: “Ela, Ana, já carrega um filho”.

Cranmer ergue os olhos. “Se é nesse tom que conta, o povo vai pensar que está tomando o crédito para si mesmo.”

“Não está impressionado? Não está contente?”

“Eu me pergunto que tipo de peixe isso pretende ser?” Cranmer diz com vago interesse. “Naturalmente, estou maravilhado. Mas veja bem, eu já sabia, porque esse casamento é limpo; por que Deus não o abençoaria com uma prole? E com um herdeiro?”

“Claro, com um herdeiro. Veja.” Ele saca os papéis em que vem trabalhando. Cranmer limpa os dedos e se inclina para a vela.

“Então, depois da Páscoa”, ele diz, lendo a missiva, “fazer um apelo ao papa em qualquer assunto será contra a lei e contra a prerrogativa do rei. Aí está o processo de Catarina, morto e enterrado. E eu, Cantuária, posso decidir a causa do rei nas nossas próprias cortes. Bem, demorou até demais.”

Ele ri. “Você demorou até demais.” Cranmer estava em Mântua quando soube da honra que o rei pretendia lhe conceder. Ele começou um tortuoso regresso: Stephen Vaughan o encontrou em Lyon e o rebocou pelas estradas de inverno e através das nevascas da Picardia até o barco. “Por que demorou? Será que nem todo

rapaz quer ser arcebispo? Bem, agora que estou lembrando, eu não queria. O que eu queria era ter meu próprio urso.”

Cranmer o observa com expressão especulativa. “Estou seguro de que é algo que pode ser arranjado.”

Gregory lhe perguntou: como saber quando Cranmer está fazendo uma piada? Ele respondeu, não dá para saber, elas são raras como botões de macieira em janeiro. E agora ele passará algumas semanas com o vago temor de que um urso seja deixado em sua porta. Quando os dois se despedem naquele dia, Cranmer ergue os olhos da mesa e diz: “Claro, oficialmente, eu não sei de nada”.

“Sobre o filho?”

“Sobre o casamento. Como serei juiz do antigo casamento do rei, não seria apropriado que eu soubesse que o novo já aconteceu.”

“Verdade”, ele concorda. “O que Rowland anda fazendo nas primeiras horas da manhã é assunto dele.” Ele deixa Cranmer com a cabeça baixa sobre os resquícios de sua refeição, como se estudasse uma forma de reconstituir o peixe.

Como a ruptura com o Vaticano ainda não estava completa, não poderia haver um novo arcebispo a menos que o papa o indicasse. Os enviados a Roma estavam autorizados a dizer qualquer coisa, prometer tudo, por enquanto, para induzir Clemente a concordar. O rei diz, horrorizado: “Sabe quanto custam as bulas papais, para Cantuária? E eu tenho que pagar por elas? Sabe quanto custa instaurar Cranmer?”. Ele acrescenta: “Mas isso deve ser feito adequadamente, claro, nada omitido, nada reduzido”.

“Se depender de mim, será o último gasto que vossa majestade terá com Roma.”

“E você sabia”, continua o rei, como se tivesse descoberto algo inacreditável, “que Cranmer não tem um centavo próprio? Ele não pode contribuir com nada.”

Ele pede um empréstimo em nome da Coroa a um rico genovês, um conhecido seu chamado Salvago. Para persuadi-lo a emprestar,

ele manda à sua casa uma gravura que sabe que Sebastian cobiça. Ela mostra um jovem parado num jardim, os olhos erguidos para uma janela vazia, onde é de esperar que logo apareça uma dama; seu perfume já paira no ar, e pássaros intrigados observam dos galhos a ausência dela, prontos para cantar. Em suas mãos, o jovem segura um livro; é um livro em forma de coração.

Cranmer passa o dia inteiro em comitês, em salões privados de Westminster. Ele está redigindo um texto para o rei, para provar que, embora o casamento de seu irmão com Catarina não tenha sido consumado, isso não afeta o argumento pela anulação, pois eles certamente pretendiam estar casados e essa intenção gera afinidade; ademais, nas noites que passaram juntos, sua intenção era gerar filhos, ainda que não tenham cumprido da maneira correta. De modo a não insinuar que nem Henrique nem Catarina estejam mentindo, os homens do comitê pensam em circunstâncias nas quais o casamento talvez tenha sido consumado em parte, ou ligeiramente consumado; para isso, eles imaginam todos os desastres e vergonhas que podem ocorrer entre um homem e uma mulher sozinhos num quarto escuro. Os senhores gostam do trabalho?, indaga Cranmer; observando-os curvados e empoeirados, ele os julga dotados da experiência necessária. Em seus escritos, Cranmer insiste em se referir à rainha como “a mais serena Catarina”, como se para separar o rosto plácido, emoldurado por um travesseiro de linho, das indignidades forçadas na parte inferior de seu corpo: os arranhões do garoto, a bolinação entre suas coxas.

Enquanto isso, ao passear por uma galeria em Whitehall, Ana, a rainha oculta da Inglaterra, se destaca de seu grupo de acompanhantes masculinos; ela ri quando começa a trotar, quase saltitar, e eles estendem os braços para segurá-la, como se fosse perigoso, mas ela afasta as mãos deles, rindo. “Sabem que tenho grande anseio por comer maçãs? O rei diz que isso significa que terei um bebê, mas eu respondi, não, não, não pode ser isso...” Ana

rodopia, uma vez, outra vez. Ela cora, lágrimas saltam de seus olhos e parecem voar de seu rosto como as águas de uma fonte desregulada.

Thomas Wyatt abre caminho entre a aglomeração. “Ana...” Ele segura suas mãos, puxa o corpo dela para o seu. “Ana, controle-se, querida. Calma...” Ela se desfaz numa tempestade de soluços, aninhando-se contra o ombro dele. Wyatt a detém com firmeza; seus olhos passeiam ao redor, como se de repente ele estivesse numa estrada e procurasse algum viajante com uma vestimenta para cobrir suas vergonhas. Entre os observadores, Chapuys; o embaixador faz uma saída rápida e significativa, as perninhas agitadas, um sorrisinho estampado no rosto.

Então essas serão as notícias que o Imperador prontamente receberá. Seria ótimo ter o velho casamento anulado e o novo casamento confirmado para a Europa antes do anúncio do feliz estado de Ana. Entretanto, a vida nunca é perfeita para o servo de um príncipe; como Thomas More costumava dizer, não espere entrar no céu numa cama de plumas.

Dois dias depois, ele está a sós com Ana; ela está instalada diante de uma fresta da janela, olhos fechados, como uma gata que se aquece sob um fraco feixe de sol invernal. Ana estende a mão para o visitante, praticamente sem saber quem chegou; qualquer homem serve? Ele segura a ponta de seus dedos. Ela abre os olhos negros. É como uma loja quando a porta se abre: bom dia, mestre Cromwell, o que temos hoje para oferecer um ao outro?

“Estou cansada de Maria”, ela reclama. “E gostaria de me livrar dela.”

Ela se refere à filha de Catarina, a princesa? “Ela deveria se casar e sair do meu caminho. Não quero ser obrigada a vê-la. Não quero ter que pensar nela. Há muito que imagino Maria casada com alguma pessoa insignificante.”

Ele espera, ainda em dúvida.

“Não acho que ela seria uma má esposa, se o homem estivesse disposto a acorrentá-la à parede.”

“Ah. Maria, sua irmã.”

“O que o senhor pensou? Ah”, ela ri, “achou que eu falasse de Maria, a bastarda do rei. Bem, agora que me deu essa ideia, ela também deveria se casar. Que idade ela tem?”

“Vai fazer dezessete.”

“E ainda é uma anã?” Ela não espera a resposta. “Eu encontrarei algum senhor de idade para ela, um senhor idoso, muito honrado e fraco, que não lhe dará filhos e a quem pagarei para ficar longe da corte. Mas, quanto a Lady Carey, o que fazer? Ela não pode se casar com você. Nós implicamos com ela, dizendo que ela o escolheu. Certas damas têm uma preferência secreta por homens da plebe. Nós dizemos, Maria, ah, como você anseia por se aninhar entre os braços do ferreiro... só de pensar você já fica acalorada.”

“Está feliz?”, ele indaga.

“Sim.” Ana baixa os olhos, e as pequenas mãos descansam sobre suas costelas. “Sim, por causa disso. Veja bem”, ela diz, vagarosamente, “sempre fui desejada. Mas agora sou valorizada. E isso é uma coisa diferente. Acho.”

Ele fica em silêncio por um tempo, para que termine de pensar seus próprios pensamentos: os quais, ele percebe, são preciosos para ela. “Pois bem”, continua Ana, “o senhor tem um sobrinho, Richard, uma espécie de Tudor, embora eu não tenha a menor ideia de como isso sucedeu.”

“Posso desenhar a árvore genealógica dele.”

Ela balança a cabeça, sorrindo. “Eu não lhe daria esse trabalho. Desde que isso aconteceu”, seus dedos deslizam para o ventre, “eu acordo pela manhã e mal lembro meu nome. Sempre me perguntei por que as mulheres ficam tão tolas, mas agora compreendo.”

“Mencionou meu sobrinho.”

“Eu já o vi com o senhor. Parece um rapaz determinado. Ele pode servir para Maria. Ela gosta é de peles e joias. O senhor pode

provê-la dessas coisas, não pode? E um bebê no berço a cada dois anos. E quanto à paternidade, o senhor pode fazer seus próprios arranjos domésticos no assunto.”

“Imaginei que sua irmã tivesse uma relação. Não tem?”

Ele não quer vingança: apenas esclarecimento.

“Ela tem? Ah, bem, as relações de Maria... quase sempre passageiras e por vezes muito estranhas... como já deve saber, não?” Isso não é uma pergunta. “Traga-os à corte, seus meninos. Quero vê-los.”

Ele a deixa, os olhos tornando a se fechar, adentrando o calor periférico, o pequeno raio de sol que é tudo que fevereiro oferece.

O rei lhe concedeu aposentos no velho palácio de Westminster, para as ocasiões em que seu conselheiro trabalha até tarde e não pode voltar para casa. Assim sendo, ele tem de caminhar mentalmente por seus cômodos de Austin Friars, recuperando imagens da memória, onde as deixou em parapeitos de janela, sob banquetas, nas pétalas das flores espalhadas aos pés de Anselma na tapeçaria. Ao fim de um longo dia, ele janta com Cranmer e Rowland Lee, que se agita entre os vários funcionários, incitando-os a trabalhar. Às vezes o lorde chanceler Audley se junta ao grupo, mas eles não se ocupam de qualquer formalidade, apenas se sentam como um bando de estudantes sujos de tinta e conversam até que chega a hora de Cranmer ir para a cama. Ele deseja desvendar essas pessoas, testar até onde pode confiar nelas, e descobrir suas fraquezas. Audley é um advogado prudente que pode peneirar uma frase como um cozinheiro cata pedrinhas numa saca de arroz. Um eloquente orador, ele é obstinado em seus pontos e dedicado à carreira; agora que é chanceler, Audley tem por objetivo obter uma renda que combine com o cargo. Quanto às suas crenças, isso está aberto a negociações; ele acredita no Parlamento e no poder do rei exercido no Parlamento; em relação a assuntos de fé... digamos que suas convicções são flexíveis. Quanto a Lee, ele se pergunta se ele ao menos acredita em Deus — embora isso não

o impeça de almejar um bispado. “Rowland, não gostaria de levar Gregory para sua casa? Creio que Cambridge fez tudo o que podia por ele. E admito que Gregory não fez nada por Cambridge.”

“Eu o levarei comigo para o Norte”, responde Rowland, “quando viajar para confrontar os bispos nortistas. É um bom menino, Gregory. Não é dos mais decididos, mas eu o compreendo. Nós ainda vamos torná-lo útil.”

“Não planeja integrá-lo à Igreja?”, Cranmer indaga.

“Eu disse”, rosna Rowland, “que vamos torná-lo útil.”

Em Westminster, seus secretários entram e saem com notícias, mexericos e papelada, e ele mantém Christophe consigo, teoricamente para cuidar de suas roupas, mas na verdade para fazê-lo rir. Ele sente falta da música que todas as noites é tocada em Austin Friars, e das vozes das mulheres, ouvidas de outros cômodos.

Ele passa a maior parte dos dias da semana na Torre, persuadindo os capatazes a manter seus homens trabalhando mesmo com neve e chuva; verificando as contas do tesoureiro e fazendo um novo inventário das joias e da prataria do rei. Ele convoca os fiscais da casa da moeda e sugere um padrão preciso para as cunhagens de Henrique. “O que eu gostaria de fazer”, ele explica, “é tornar nossas moedas inglesas tão perfeitas que os comerciantes do outro lado do mar nem sequer se deem ao trabalho de pesá-las.”

“O senhor tem autoridade para isso?”

“Por quê? O que está escondendo?”

Ele redigiu um memorando para o rei, explicitando as fontes de seus rendimentos anuais e detalhando por quais gabinetes governamentais eles passam. É notavelmente conciso. O rei lê e relê. Vira o papel para conferir se algo complicado e inexplicável está escrito no verso. Mas não há nada além do que já salta aos olhos.

“Não é algo novo”, explica ele, quase se desculpando. “O falecido cardeal sabia de cor seus memorandos. Eu vou continuar fiscalizando a casa da moeda, se vossa majestade assim desejar.”

Na Torre, ele visita um prisioneiro, John Frith. A seu pedido, que não é o mesmo que nada, o prisioneiro é mantido acima do chão, limpo, com cama quente, comida suficiente e um suprimento de vinho, papel e tinta; contudo, ele aconselhou Frith a esconder seus escritos sempre que escutar a chave girando na tranca. Ele espera enquanto o carcereiro o admite, os olhos no chão, já desgostoso do que verá; mas John Frith se ergue de sua mesa, um jovem educado e esbelto, versado em grego, e diz: mestre Cromwell, eu sabia que viria.

Quando ele toma as mãos de Frith, sente que não passam de ossos, frias, secas e com reveladores traços de tinta. Ele pensa, esse jovem não pode ser tão delicado, se sobreviveu por tanto tempo. Frith estava entre os estudantes que foram trancados no calabouço da universidade de Wolsey, onde os homens do Evangelho eram mantidos porque não havia outro lugar seguro. Quando a praga do verão atingiu o subsolo, Frith ficou no escuro com os cadáveres até que alguém se lembrou de libertá-lo.

“Mestre Frith”, diz ele, “se eu estivesse em Londres quando foi preso...”

“Mas durante sua estada em Calais, Thomas More esteve ocupado.”

“O que o levou a voltar à Inglaterra? Não, não precisa me dizer. Se estava metido com o trabalho de Tyndale, prefiro não saber. Dizem que o senhor se casou, é verdade? Na Antuérpia? A única coisa que o rei não pode tolerar... Não, há muitas coisas que ele não pode tolerar, mas ele odeia padres casados. E odeia Lutero, e o senhor traduziu Lutero para o inglês.”

“O senhor monta o caso com extrema clareza para os meus acusadores.”

“Ajude-me a ajudá-lo! Se eu conseguir uma audiência para o senhor com o rei... O senhor teria que se preparar, ele é um teólogo muito astuto... Acha que poderia abrandar suas respostas, para agradá-lo?”

A fogueira está acesa, mas a cela ainda está fria. Ninguém escapa das névoas e exalações do Tâmis. Frith responde, com a voz quase inaudível: “Thomas More ainda tem crédito com o rei. E ele escreveu uma carta a Henrique, dizendo”, Frith consegue sorrir, “que eu sou Wycliffe, Lutero e Zwingli embolados e amarrados com um barbante; um reformista recheado com outro, como um ganso é recheado com uma galinha que é recheada com um faisão. More pretende me jantar, portanto, não macule sua credibilidade pedindo misericórdia. Quanto às minhas respostas apaziguadoras... Eu acredito, e direi diante de qualquer tribunal...”

“Não faça isso, John.”

“Direi diante de qualquer tribunal o mesmo que direi perante meu último juiz: que a Eucaristia não passa de pão, que não temos necessidade alguma de penitências, que o purgatório é uma invenção sem base nas Escrituras...”

“Se alguns homens aparecerem e disserem: venha conosco, Frith, vá com eles. Serão meus homens.”

“O senhor acha que pode me tirar da Torre?”

A Bíblia de Tyndale diz: com Deus, nada há de impossível. “Se eu não tirá-lo da Torre, então sua chance virá quando for levado para interrogatório. Esteja atento para aproveitá-la.”

“Mas com que propósito?”, Frith fala com gentileza, como se falasse a um jovem pupilo. “Acha que pode me esconder na sua casa e esperar que o rei mude de ideia? Eu teria que fugir de lá e caminhar para a Cruz de São Paulo e proclamar diante dos londrinos aquilo que já disse.”

“Seu testemunho não pode esperar?”

“Não por Henrique. Acabaria aguardando até a velhice.”

“Será queimado.”

“E o senhor acha que não posso suportar a dor? Tem razão, não posso. Mas eles não me darão escolha. Como More diz, um homem dificilmente se transforma em herói se aceita ser queimado depois que já está acorrentado a um poste. Eu escrevi livros e não posso desfazê-los. Não posso desacreditar do que acredito. Não posso retroceder na minha vida.”

Ele o deixa. Quatro horas: o tráfego no rio é esparso, um vapor fino e penetrante paira entre água e ar.

No dia seguinte, um dia claro e frio, o rei chega na barca real para ver o progresso do trabalho, com o novo enviado francês; eles falam num tom confidencial, o rei caminhando com a mão no ombro de De Dinteville, ou melhor, em sua ombreira; o francês usa tantas camadas de roupa que parece mais largo que as portas, mas, mesmo assim, está tremendo. “Nosso amigo aqui precisa de um pouco de exercício para aquecer o sangue”, diz Henrique, “e ele é um desastre com o arco; quando fomos praticar da última vez, ele tremia tanto que achei que flecharia o próprio pé. Ele se queixa de que não somos verdadeiros falcoeiros, e por isso decidi que ele deve sair para falcoar com você, Cromwell.”

Será isso a promessa de uma folga? O rei se afasta e os deixa. “Não se estiver frio desse jeito”, diz o enviado. “Eu não me plantarei num descampado com o vento uivando, seria minha morte. Quando veremos o sol novamente?”

“Ah, por volta de junho. Mas nessa época os falcões estarão trocando as penas. Planejo ter meus animais voando de novo em agosto. *Nil desperandum*, monsieur, nós teremos diversão.”

“Vocês não adiariam essa coroação, adiariam?” É sempre assim; depois de um pouco de bate-papo e brincadeiras, salta de sua boca uma proposta de embaixador. “Pois quando meu senhor fez o tratado, ele não esperava que Henrique ficasse exibindo a suposta esposa e sua barriga. Se ele agisse com mais discrição, seria um assunto diferente.”

Ele balança a cabeça. Não haverá adiamento. Henrique alega ter o apoio dos bispos, dos nobres, dos juízes, do Parlamento e do povo; a coroação de Ana é sua chance de prová-lo. “Não se preocupe”, ele responde. “Amanhã receberemos o núncio papal. O senhor verá como meu amo o manobra.”

Henrique chama os dois, desde as muralhas. “Suba aqui, senhor, admire a vista do meu rio.”

“O senhor se pergunta por que tremo?”, indaga o embaixador francês, em tom passional. “O senhor se pergunta por que trepido diante dele? Meu rio. Minha cidade. Minha salvação, talhada e bordada só para mim. Meu deus inglês feito sob medida.” Ele pragueja entre dentes, e começa a subir.

Quando o núncio papal chega a Greenwich, Henrique o leva pela mão e diz francamente como seus ímpios conselheiros o atormentam, e como ele anseia pela volta da perfeita amizade com o papa Clemente.

Seria possível observar o rei a cada dia de toda uma década e não ver a mesma pessoa. Escolha seu príncipe: a cada dia, ele tem mais admiração por Henrique. Às vezes ele parece infeliz, às vezes fraco, às vezes é um menino, às vezes é mestre em seu ofício. Por vezes ele parece um artista, pela forma como seus olhos passeiam por sua obra; por vezes ele move a mão e parece não perceber seu próprio movimento. Se seu destino fosse uma posição menor na vida, Henrique poderia ser um ator itinerante, e líder de sua trupe.

Por ordens de Ana, ele leva seu sobrinho à corte, e Gregory também; o rei já conhece Rafe, pois o rapaz está sempre ao lado dele. Henrique se detém e observa Richard por um longo tempo. “Eu vejo. De fato, eu vejo.” Até onde ele pode ver, não há nada no rosto de Richard para mostrar que ele tem sangue Tudor, mas o rei examina o rapaz com o olhar de um homem que deseja parentes. “Seu avô Ap Evan, o arqueiro, foi um grande servo de meu pai, o rei. Você tem um belo físico. Eu gostaria de vê-lo na arena. Gostaria de vê-lo defendendo suas cores na justa.”

Richard se curva. E depois, porque é a essência da cortesia, o rei se volta para Gregory e diz: “E você, mestre Gregory, também é um belo jovem”.

Quando o rei se afasta, o rosto de Gregory se abre num simples prazer. Ele pousa a mão no braço, no lugar onde o rei o tocou, como se transferisse a graça real para a ponta dos dedos. “Ele é muito esplêndido. Ele é esplêndido mesmo! Acima de tudo que já imaginei. E falou comigo!” Ele se vira para o pai. “Como o senhor consegue falar com ele todos os dias?”

Richard lança um olhar de soslaio ao primo. Gregory lhe dá um soquinho no braço. “Apesar do seu avô arqueiro, o que ele diria se soubesse que seu pai era *desse* tamanho?” Ele mostra a estatura de Morgan Williams entre o polegar e o indicador. “Por todos esses anos, eu estive treinando no ringue. Investi a cavalo contra o boneco do sarraceno e enterrei minha lança bem no meio, tum, exatamente no coração negro do sarraceno.”

“Sim”, comenta Richard com paciência, “mas você vai descobrir, espertinho, que um cavaleiro vivo é um oponente mais difícil que um infiel de madeira. Você nunca pensa nos custos: uma armadura boa o bastante para ser usada em público, um estábulo de cavalos treinados...”

“Nós podemos pagar”, retruca Gregory. “Ao que me parece, nossos dias como soldados rasos já estão no passado.”

Naquela noite em Austin Friars, ele pede para falar com Richard a sós depois do jantar. É possível que seja um erro de sua parte, apresentar o caso como se fosse uma proposta comercial, soletrando para o rapaz o que Ana sugeriu para seu casamento. “Não crie expectativas. Ainda temos que obter a aprovação do rei.”

“Mas ela não me conhece”, Richard argumenta.

Ele espera mais um pouco, por objeções verdadeiras: não conhecer alguém, isso por acaso é uma objeção? “Eu não vou obrigá-lo.”

Richard ergue os olhos. “Tem certeza?”

Quando, quando é que eu o obriguei a fazer alguma coisa, ele começa a dizer: mas Richard o interrompe: “Não, nunca, eu concordo, só que o senhor é experiente em persuadir, e às vezes é bastante difícil, senhor, fazer a distinção entre ser persuadido pelo senhor e ser derrubado e pisoteado na rua.”

“Sei que Lady Carey é mais velha, mas ela é muito bonita, acho que é a mulher mais bonita da corte, e ela não é estúpida como todo mundo acredita, e não traz em si nem um traço da malícia da irmã.” Ele pensa: de uma estranha maneira, Maria vem sendo uma boa amiga para mim. “E em vez de ser o primo não reconhecido do rei, seria seu cunhado. Todos lucraríamos.”

“Um título, talvez. Para mim e para o senhor. Excelentes casamentos para Alice e Jo. E quanto a Gregory? Para ele, pelo menos uma condessa.” Richard tem a voz impassível. Estaria convencendo a si mesmo? Difícil dizer. Em muitos casos, na maioria dos casos, o coração das pessoas é um livro aberto para ele, mas às vezes é mais fácil ler a alma de estranhos do que de nossa própria família. “E Thomas Bolena seria meu sogro. E tio Norfolk realmente seria nosso tio.”

“Imagine a cara dele.”

“Ah, a cara dele. Sim, eu caminharia descalço sobre brasas para ver sua expressão.”

“Pense a respeito. Não conte a ninguém.”

Richard se retira com uma medida de cabeça, mas sem qualquer outra palavra. Parece que ele interpreta “não conte a ninguém” como “não conte a ninguém, exceto Rafe”, porque dez minutos depois, Rafe entra e se planta diante dele, encarando-o, as sobrancelhas erguidas. Pessoas ruivas podem parecer muito severas quando erguem sobrancelhas que na verdade não existem. Ele diz: “Não precisa contar a Richard que Maria Bolena certa vez se ofereceu a mim. Não existe nada entre nós. Não será como Wolf Hall, se é isso que você está pensando”.

“E se a noiva pensa diferente? Eu me pergunto se o senhor não pensou em casá-la com Gregory.”

“Gregory é jovem demais. Richard tem vinte e três anos, uma boa idade para casar, quando se pode arcar com isso. E você já passou disso; já está na hora de se casar também.”

“Vou me casar mesmo, antes que o senhor arranje uma Bolena para mim.” Rafe dá meia-volta e diz, em voz baixa: “Só um problema, senhor, e acho que isso é o que Richard questiona... todas as nossas vidas e fortunas dependem agora daquela dama, e, além de ser volúvel, ela é mortal, e toda a história do casamento do rei nos mostra que um filho na barriga não é um herdeiro no berço”.

Em março, chega de Calais a notícia de que lorde Berners morreu. A tarde que passou em sua biblioteca, a tempestade rugindo do lado de fora: ele a recorda como um refúgio de paz, a última hora que teve para si. Ele deseja fazer uma oferta pelos livros de Berners — uma oferta generosa, para ajudar Lady Berners —, mas pelo visto os tomos saltaram de suas mesas e partiram, alguns na direção de Francis Bryan, sobrinho do falecido, outros para mais um de seus parentes, Nicholas Carew. “Vossa majestade perdoaria as dívidas de Berners”, ele pergunta a Henrique, “pelo menos durante a vida da esposa? O senhor sabe que ele não deixou...”

“Nenhum filho.” A mente de Henrique saltou à frente: outrora vivi nesse estado infeliz, nenhum filho, mas logo terei meu herdeiro.

Ele leva algumas tigelas de maiólica para Ana. Do lado de fora está pintada a palavra *maschio*, e dentro há imagens de rechonchudos bebês louros, cada um com seu pequenino falo. Ela ri. Ele lhe diz: os italianos recomendam se manter aquecida para gerar um menino. Aqueça o vinho para esquentar seu sangue. Nada de frutas frias nem peixe.

Jane Seymour indaga: “O senhor acha que já está tudo decidido, se será menino ou menina, ou será que Deus decide mais tarde?”

Acha que o próprio bebê já sabe o que ele é? Acha que poderíamos saber se olhássemos dentro da sua barriga?”.

“Jane, eu gostaria que você ainda estivesse em Wiltshire”, diz Mary Shelton.

Ana responde: “Não precisa abrir minha barriga com uma faca, srta. Seymour. É um menino, e ninguém deve dizer ou pensar o contrário”. Ela fecha o cenho, e dá para perceber que está se retorcendo por dentro de tanto esforço, reunindo sua grande força de vontade.

“Eu gostaria de ter um bebê”, diz Jane.

“Tome cuidado”, recomenda Lady Rochford. “Se sua barriga aparecer, jovem dama, vamos emparedá-la viva.”

“Na família dela”, declara Ana, “lhe dariam um buquê. Eles não sabem o que significa moderação, lá em Wolf Hall.”

Jane fica ruborizada e começa a tremer. “Não falei por mal.”

“Deixem-na em paz”, ordena Ana. “É como encurralar um camundongo.” Ela se dirige a ele. “Sua lei ainda não foi aprovada. Diga-me qual é o motivo do atraso.”

Ela se refere à lei que proíbe apelações a Roma. Ele começa a lhe explicar a força da oposição, mas ela ergue as sobrancelhas. “Meu pai fala a seu favor na Câmara dos Lordes, e Norfolk. Portanto, quem ousaria se opor a nós?”

“Na Páscoa já estará aprovada, pode contar com isso.”

“A mulher que vimos na Cantuária, dizem que seu pessoal publicará um livro de profecias dela.”

“Pode até ser, mas farei de tudo para que ninguém o leia.”

“Dizem que no Dia de Santa Catarina, enquanto estávamos em Calais, ela teve uma visão da suposta princesa Maria coroada como rainha.” Sua voz prossegue, fluida, rápida, essa gente, eles são meus inimigos, essa profetisa e os que a rodeiam, Catarina, que trama com o imperador, sua filha Maria, suposta herdeira, a velha governanta de Maria, Margaret Pole, Lady Salisbury, ela e toda a sua família são meus inimigos, seu filho lorde Montague, seu filho

Reginald Pole, que está no exterior, as pessoas falam que é um pretendente ao trono, e então por que ele não pode ser trazido de volta, para examinarmos sua lealdade? Henry Courtenay, marquês de Exeter, ele acredita que tem direito por linhagem, mas quando meu filho nascer, ele perderá sua prepotência. Lady Exeter, Gertrude, ela vive reclamando que os nobres estão perdendo lugar para homens de nascimento inferior, e o senhor sabe a quem ela se refere.

Milady, diz sua irmã, delicadamente, não se angustie.

“Não estou angustiada”, retruca Ana. Com a mão sobre a criança em desenvolvimento, ela conclui, em voz baixa: “Essa gente deseja minha morte”.

Os dias são curtos, e a paciência do rei mais curta ainda. Chapuys se curva e se torce diante de Henrique, dobrando-se e fazendo caras e bocas, como se sua intenção fosse tirar o rei para dançar. “Eu li, com certa perplexidade, algumas conclusões do dr. Cranmer...”

“Meu arcebispo”, diz o rei friamente. Por um altíssimo preço, a posse aconteceu.

“... conclusões relativas à rainha Catarina...”

“Quem? Você se refere à esposa do meu falecido irmão, a princesa de Gales?”

“... pois vossa majestade sabe que as dispensas foram emitidas de forma a permitir que seu próprio casamento fosse válido, com ou sem consumação do antigo casamento.”

“Não quero ouvir a palavra dispensa”, diz Henrique. “Não quero ouvi-lo mencionando o que chama de meu casamento. O papa não tem qualquer poder para tornar lícito o incesto. Sou tão esposo de Catarina quanto o senhor.”

Chapuys se curva. “Se o matrimônio não fosse nulo”, continua Henrique, paciente pela última vez, “Deus não me teria punido com a perda dos meus filhos.”

“Não sabemos se a abençoada Catarina já ultrapassou a idade da concepção.” Chapuys ergue um olhar sorrateiro e cauteloso.

“Diga-me, por que acham que faço isso?” O rei parece curioso. “Por luxúria? É isso que acham?”

Matar um cardeal? Dividir seu país? Cindir a Igreja? “Parece extravagante”, murmura Chapuys.

“Mas é isso que o senhor pensa. Isso é o que diz ao imperador. Está enganado. Eu sou o intendente do meu país, senhor, e se agora tomo uma esposa numa união abençoada por Deus, é para ter um filho com ela.”

“Mas não há garantias de que vossa majestade terá um filho. Ou qualquer bebê vivo.”

“E por que eu não teria?”, Henrique fica vermelho. Ele está de pé, gritando, lágrimas de fúria escorrendo por seu rosto. “Não sou um homem como os outros? Não sou? Não sou?”

Ele é um cãozinho contente, o homem do imperador, mas até ele sabe que, quando você faz um rei chorar, é hora de recuar. Na saída, tirando o pó das roupas com seus habituais floreios cômicos, Chapuys diz a ele: “Há uma distinção a ser feita entre o bem-estar do país e o bem-estar da linhagem Tudor. Ou não concorda?”.

“E então quem é seu candidato preferido ao trono? Favorecem Courtenay ou Pole?”

“O senhor não deveria escarnecer de pessoas de sangue real.” Chapuys sacode as mangas. “Ao menos, agora estou oficialmente informado do estado da dama, ao passo que antes eu só podia deduzi-lo de certos espetáculos imprudentes que testemunhei... Os senhores sabem o quanto estão apostando, Cremuel, no corpo de uma mulher? Rezemos para que nenhum mal se aproxime dela, não?”

Ele pega o embaixador pelo braço e o obriga a encará-lo. “Que tipo de mal? Explique o que quis dizer.”

“Se o senhor fizer o obséquio de largar minha casaca. Obrigado. O senhor recorre mui rapidamente a brutalizar os demais, o que

apenas mostra, como dizem, seu berço.” Suas palavras estão repletas de bravata, mas Chapuys está tremendo. “Olhem à sua volta, vejam como ela ofende a própria nobreza do país, com seu orgulho e sua presunção. O próprio tio não tem estômago para os truques dela. Os mais antigos amigos do rei inventam desculpas para ficar longe da corte.”

“Espere até ela ser coroada”, ele retruca. “Verá que eles voltam correndo.”

No dia 12 de abril, domingo de Páscoa, Ana aparece com o rei em missa solene e é ungida rainha da Inglaterra. A lei passou pelo Parlamento no dia anterior; ele espera uma recompensa modesta e, antes que a comitiva real se recolha para encerrar seu jejum, o rei o chama para perto e lhe dá o antigo posto de lorde Berners, chanceler do Erário. “Berners sugeriu seu nome.” Henrique sorri. Ele gosta de dar presentes; feito uma criança, gosta de ficar imaginando como você vai reagir.

Durante a missa, a mente dele vaga pela cidade. Quantas criações de gansos barulhentos aguardam sua chegada em casa? Quantas brigas de rua, quantos bebês abandonados em degraus de igrejas, quantos aprendizes descontrolados com quem ele poderia ter uma palavrinha? Será que Alice e Jo pintaram ovos de Páscoa? Agora elas já estão bastante crescidas, mas ocupam com alegria o papel de crianças da casa até que a nova geração surja. Já está na hora de pensar em maridos para elas. Se tivesse sobrevivido, Anne Cromwell talvez estivesse casada agora, e casada com Rafe, já que ele ainda não foi requisitado. Ele pensa em Helen Barre; com que rapidez ela aprendeu a ler, e como Austin Friars já não pode viver sem ela. Ele agora acredita que o marido dela esteja morto, e pensa, preciso falar com ela, preciso dizer que ela está livre. Ela é muito modesta para demonstrar qualquer prazer, mas quem não gostaria de saber que não está mais sujeita a um homem daquele tipo?

Durante toda a missa, Henrique conversa sem parar, aos sussurros. Ele revira papéis e os repassa entre seus conselheiros; é só na consagração que se joga de joelhos num fervor de reverência, quando o milagre acontece e um pedaço de pão vira o corpo de Cristo. Assim que o padre diz, "*Ita, missa est*", ele sussurra no seu ouvido: venha ao meu gabinete, sozinho.

Contudo, primeiro os cortesãos reunidos devem se apresentar a Ana. As aias recuam e a deixam só num pequeno espaço iluminado pelo sol. Ele os observa, os cavalheiros e conselheiros, dentre os quais há diversos amigos de infância do rei, neste dia festivo. Particularmente, ele observa Sir Nicholas Carew; nada falta em sua reverência à nova rainha, mas ele não consegue conter um crispar dos lábios. Componha seu rosto, Nicholas Carew, seu antiquíssimo semblante de família. Ele ouve novamente a voz de Ana, estes são meus inimigos: e acrescenta Carew à lista.

Por trás da sala de audiências ficam os próprios aposentos do rei, que apenas seus íntimos conhecem, onde ele é servido por seus cavalheiros e onde pode se ver livre de embaixadores e espiões. Esse é o território de Henry Norris, que educadamente o congratula por sua nova nomeação e se afasta, a passos silenciosos.

"Como você sabe, Cranmer está prestes a convocar uma corte para fazer uma dissolução formal do..." Henrique já disse que não quer mais ouvir falar de seu antigo casamento, e portanto ele nem sequer pronuncia a palavra. "Pedi a ele que fizesse a reunião no mosteiro de Dunstable, pois fica a, quanto?, dez, doze milhas de Amphill, onde *e/a* está alojada; assim ela pode mandar seus advogados, se quiser. Ou comparecer à corte pessoalmente. Eu quero visitá-la, em segredo, apenas conversar com ela..."

E assegurar que Catarina não invente nenhuma surpresa.

"Deixe Rafe comigo enquanto estiver fora." Vendo-se tão facilmente compreendido, o rei está de bom humor. "Posso contar com ele para dizer o que Cromwell diria. Você tem um bom rapaz ali. E ele o supera quando se trata de conservar o rosto impassível.

Quando nos sentamos no conselho, eu vejo você cobrindo a boca com a mão. Às vezes, sabe, eu mesmo quero rir.” Ele tomba numa cadeira, cobre o rosto como se quisesse proteger os olhos. Ele vê que, mais uma vez, o rei está prestes a chorar. “Brandon diz que minha irmã está morrendo. Não há mais nada que os médicos possam fazer por ela. Aqueles cabelos louros que ela tinha outrora, cabelos como prata; minha filha teve cabelos semelhantes. Aos sete anos, Maria era a imagem da minha irmã, como uma santa pintada na parede. Diga-me, o que devo fazer com minha filha?”

Ele espera até ter certeza de que é realmente uma pergunta. “Seja bom para ela, senhor. Faça as pazes com Maria. Ela não deve sofrer.”

“Mas terei que transformá-la numa bastarda. Preciso confiar a Inglaterra aos meus filhos legítimos.”

“O Parlamento resolverá isso.”

“Sim.” Ele funga, e enxuga as lágrimas. “Depois que Ana for coroada. Cromwell, só mais uma coisa, e depois podemos tomar nosso desjejum, porque estou com muita fome. Esse projeto de casamento para meu primo Richard...”

Em sua mente, ele percorre rapidamente os meandros da nobreza da Inglaterra. Mas não, ele percebe que se trata de seu Richard, Richard Cromwell. “Lady Carey...” A voz do rei se abrandava. “Bem, eu pensei sobre o tema, e acho que não. Ou pelo menos, não neste momento.”

Ele assente. Ele compreende seus motivos. E quando Ana compreendê-los, ela cuspirá fogo.

“Às vezes é um alívio para mim”, diz Henrique, “não ter que me explicar o tempo todo. Talvez você tenha nascido para me compreender.”

É um ponto de vista sobre a situação entre eles. Ele estava havia já uns seis anos neste mundo antes que Henrique surgisse nele, anos que usou muito bem. Henrique tira seu gorro bordado e o atira ao chão, passando as mãos pelos cabelos. Como a crina dourada

de Wyatt, seu cabelo está rareando, e expõe a forma de seu enorme crânio. Por um momento, ele parece uma escultura, como uma forma mais simples de si mesmo, ou um de seus ancestrais: exemplar da raça de gigantes que viveu na Bretanha e não deixou traço algum além dos sonhos de seus pequeninos descendentes.

Ele volta para Austin Friars assim que consegue escapar. É claro que ele pode ter um dia de folga, não? As aglomerações do lado de fora de seu portão se dispersaram, pois Thurston alimentou as pessoas com um jantar de Páscoa. Ele desce primeiro às cozinhas, para dar a seu criado um tapa na cabeça e uma moeda de ouro. “Havia umas cem bocas abertas aqui, juro”, descreve Thurston. “E perto do jantar, eles estarão de volta.”

“É uma pena que tenham de haver mendigos.”

“Mendigos, o cacete! O que sai desta cozinha é tão bom que há magistrados lá fora, com os rostos escondidos no capuz, para não os reconhecermos. E eu vivo de casa cheia aqui, com ou sem sua presença; tenho franceses, germânicos, florentinos, todos alegam conhecê-lo e todos querem o jantar segundo seu próprio gosto, eu recebo os criados aqui embaixo, uma pitada disso, uma colherinha daquilo. Ou alimentamos menos gente ou teremos que construir outra cozinha.”

“Eu vou dar um jeito nisso.”

“Mestre Rafe diz que o senhor comprou toda uma pedreira da Normandia para a Torre. Ele diz que os franceses estão todos cavando, caindo um atrás do outro em buracos no chão.”

Pedras tão bonitas. Da cor da manteiga. Quatrocentos homens na lista de pagamento, e qualquer um que reste é imediatamente realocado para as obras em Austin Friars. “Thurston, não deixe ninguém pôr pitadas ou colherinhas nos nossos jantares.” Ele pensa, foi assim que o bispo Fisher quase morreu; a não ser que tenha sido mesmo um caldo mal fervido, no fim das contas. Ninguém poderia achar um defeito no caldo de Thurston. Ele se

aproxima da caldeira e olha o caldo borbulhar. “Onde está Richard, você sabe?”

“Cortando cebolas na escada dos fundos. Ah, o senhor se refere ao mestre Richard? Lá em cima. Comendo. Onde mais vivem todos?”

Ele sobe. Os ovos de Páscoa, ele vê, portam suas próprias e inconfundíveis feições. Jo pintou seu chapéu e seu cabelo como uma coisa só, e assim ele parece usar um chapéu com cobertura de orelha. E Jo deu ao tio pelo menos dois queixos. “Bem, senhor”, explica Gregory, “é verdade que o senhor está ficando robusto. Quando Stephen Vaughan esteve aqui, mal pôde acreditar que era o senhor.”

“Meu lorde cardeal inflou feito a lua”, ele diz. “É um mistério, porque ele mal se sentava para jantar e logo saltava de novo para lidar com alguma exigência, e mesmo quando estava à mesa, ele quase não comia de tanto que falava. Estou com pena de mim mesmo, desde ontem à noite que não como um pão.” Ele parte uma côdea, e diz: “Hans quer me pintar”.

“Espero que ele saiba trabalhar rápido”, Richard brinca.

“Richard...”

“Coma seu jantar.”

“Meu desjejum. Não, esqueça. Venha comigo.”

“O noivo feliz”, diz Gregory, provocando.

“Você”, ameaça o pai, “partirá para o Norte com Rowland Lee. Se pensa que eu sou um homem duro, espere até conhecer Rowland.”

Em seu escritório, ele indaga: “Como anda sua habilidade com as lanças?”.

“Boa. Os Cromwell derrubarão todos os desafiantes.”

Ele teme por seu filho; teme que Gregory caia, que seja mutilado, morto. Teme por Richard também; esses meninos são a esperança de sua casa. “E então, eu sou mesmo? Um noivo feliz?”, pergunta Richard.

“O rei disse não. Mas não pela minha família ou pela sua; ele se refere a você como primo. Neste momento, ele está em boa disposição para conosco, eu diria até excelente. Mas ele precisa de Maria para si. O bebê deve nascer no fim do verão e ele teme tocar Ana. E não deseja voltar à vida celibatária.”

Richard ergue os olhos. “Ele disse isso?”

“Ele me deixou deduzir. E, porque deduzi, agora transmito a informação a você, e ambos estamos pasmos. Mas nos recuperaremos.”

“Acho que seria mais fácil de compreender se as irmãs fossem mais parecidas.”

“Creio que sim.”

“E ele é o líder da nossa Igreja. Não impressiona que os estrangeiros riam de nós.”

“Se ele fosse um modelo de conduta na sua vida privada, seria... surpreendente. Mas quanto a mim, veja bem, só posso me preocupar com seu governo. Se ele fosse opressivo, se pretendesse atropelar o Parlamento, se não desse qualquer atenção aos Comuns e governasse por si mesmo... Mas ele não faz isso. Portanto, não posso me incomodar com o modo como ele se comporta com suas mulheres.”

“Mas se ele não fosse rei...”

“Ah, concordo. Ele seria mandado para a cadeia. Contudo, mais uma vez, Richard: excetuando o caso de Maria, Henrique se comporta muito bem. Ele não encheu um berçário de bastardos, como os reis escoceses. Houve amantes, mas quem pode citá-las? Só a mãe de Richmond e as Bolena. Ele tem sido discreto.”

“Ouso dizer que Catarina sabia os nomes.”

“Que homem pode garantir que será um marido fiel? Você será?”

“Talvez eu não tenha a chance.”

“Pelo contrário, eu tenho uma esposa para você. A filha de Thomas Murfyn? A filha de um lorde governador não é um mau

partido. E sua fortuna será maior que a dela, eu farei questão disso. E Frances gosta de você. Eu sei porque perguntei a ela.”

“O senhor pediu a mão da minha esposa para mim?”

“Uma vez que fui jantar com eles ontem... Não há motivo para postergar, há?”

“Na verdade, não.” Richard ri. Ele se recosta em sua poltrona. Seu corpo (seu admirável corpo, tão capaz, que tanto impressionou o rei) está banhado de alívio. “Frances. Ótimo. Eu gosto de Frances.”

Mercy aprova. Ele não consegue imaginar como ela teria reagido a Lady Carey; ele nem abordou o assunto com as mulheres. Mercy diz: “Não espere demais para arranjar um casamento para Gregory. Ele é muito jovem, eu sei, mas alguns homens jamais amadurecem até que tenham um filho”.

Ele não tinha pensado nisso, mas talvez seja verdade. Nesse caso, há esperança para o reino da Inglaterra.

Dois dias depois, ele está de volta à Torre. O tempo passa rápido entre a Páscoa e Pentecostes, quando Ana será coroada. Ele inspeciona os novos aposentos da rainha e ordena braseiros para ajudar a secar o gesso. Ele quer começar os afrescos — e gostaria que Hans aparecesse, mas o artista está pintando De Dinteville e diz que precisa acelerar o trabalho porque o embaixador pede a Francisco que o chame de volta, com uma carta queixosa em cada barco. Para a nova rainha, não faremos aquelas cenas de caça que se veem em todo lugar, ou as tenebrosas santas virgens com instrumentos de tortura, mas deusas, pombas, falcões brancos, abóbadas de folhas verdes. À distância, cidades situadas em colinas: ao fundo, templos, bosques, colunas desmoronadas e céus azuis firmemente delineados, como se dentro de uma moldura, por limites de cores vitruvianas, mercúrio e cinábrio, ocre queimado, malaquita, índigo e púrpura. Ele desenrola os desenhos dos artesãos. A coruja de Minerva abre as asas sobre um painel. Uma Diana de pés descalços ajusta uma flecha em seu arco. Uma corça

branca a observa das árvores. Ele rabisca uma instrução ao supervisor: *A flecha deve ser realçada em ouro. Todas as deusas têm olhos escuros.* Como uma insinuação do escuro, o pavor o domina: e se Ana morrer? Henrique desejará outra mulher. E a instalará nesses aposentos. Seus olhos talvez sejam azuis. Ele terá de raspar os rostos e pintá-los de novo, com as mesmas cidades ao fundo, os mesmos montes violáceos.

Do lado de fora, ele se detém para acompanhar uma briga. Um pedreiro e o capataz de olaria se atacam com tábuas. Ele se junta ao grupo de pedreiros que assistem à luta. “Por que brigam?”

“Por nada. Quem carrega pedras tem que brigar com quem faz tijolos.”

“Como os Lancaster contra os York?”

“Isso.”

“Já ouviu falar de um campo chamado Towton? O rei me disse que vinte mil ingleses morreram ali.”

O homem fica boquiaberto. “Quem eles estavam combatendo?”

“Uns aos outros.”

Era Domingo de Ramos, no ano de 1461. Os exércitos de dois reis se encontraram na nevasca. O rei Eduardo, avô de Henrique, foi o vencedor, se é que se pode dizer que alguém saiu vitorioso. Os cadáveres formaram uma ponte flutuante através do rio. Incontáveis feridos se arrastavam, rolavam e patinavam em seu próprio sangue: alguns cegos, alguns desfigurados, alguns mutilados para sempre.

A criança no ventre de Ana é a garantia de que não haverá mais guerra civil. É o começo, o início de algo, a promessa de um novo país.

Ele se mete na briga e berra para que os homens parem. Empurra os dois, que tombam de costas: dois ingleses débeis, ossos frágeis, dentes raquíticos. Os vencedores de Agincourt. Fica aliviado por Chapuys não estar presente para ver isso.

As árvores estão completamente em flor quando ele adentra Bedfordshire, com uma pequena comitiva em caráter não oficial. Christophe cavalga a seu lado e o importuna: o senhor disse que vai me contar quem é Cícero e quem é Reginald Pole.

“Cícero foi um romano.”

“Um general?”

“Não, ele deixava essa tarefa para os outros. Como eu, por exemplo, talvez a deixe para Norfolk.”

“Ah, Norferk.” Christophe submete o duque à sua peculiar pronúncia. “É ele quem mijá na sua sombra.”

“Por Deus, Christophe! Eu só tinha ouvido falar em cuspir na sombra de alguém.”

“Sim, mas é de Norferk que estamos falando. E Cícero?”

“Nós advogados tentamos memorizar todos os seus discursos. Se houvesse qualquer homem andando por aí hoje em dia com toda a sabedoria de Cícero, ele seria...” Seria o quê? “Cícero estaria ao lado do rei.”

Christophe não está muito impressionado. “Pole, ele é general?”

“É um padre. Bem, não exatamente... ele tem cargos na Igreja, mas não foi ordenado.”

“Por que não?”

“Sem dúvida para que possa se casar. O que o torna perigoso é seu sangue. Ele é um Plantageneta. Seus irmãos vivem aqui neste reino sob nossos olhos. Mas Reginald está no exterior, e tememos que esteja tramando com o imperador.”

“Mande alguém para matá-lo. Eu posso ir.”

“Não, Christophe, eu preciso que você impeça a chuva de arruinar meus chapéus.”

“Como desejar.” Christophe dá de ombros. “Mas eu matarei um Pole ao seu comando, será um prazer.”

A cidadela de Ampthill, outrora fortificada, tem torres arejadas e uma esplêndida guarida. Fica numa colina com vistas para a campina coberta de bosques; é um sítio agradável, o tipo de casa

que alguém visitaria depois de uma doença, para recuperar as forças. Foi construída com dinheiro ganho nas guerras francesas, na época em que os ingleses costumavam ganhá-las.

Para combinar com a nova posição de Catarina, princesa-mãe de Gales, Henrique reduziu sua criadagem, mas ela ainda é cercada por capelães e confessores, por oficiais da casa real com seus próprios séquitos de subalternos, por mordomos e carpinteiros, médicos, cozinheiros, auxiliares de cozinha, vinheiros, harpistas, alaudistas, criadores de galinhas, jardineiros, lavadeiras, boticários e um exército de aias do guarda-roupa, damas de companhia e suas respectivas criadas. Mas, quando ele entra, Catarina meneia a cabeça para que suas atendentes se retirem. Ninguém avisou Catarina da visita, mas ela decerto tem espiões pelas estradas; daí seu frio espetáculo de ocupação: um livro de preces no colo, e alguma costura. Ele se ajoelha diante dela e aponta as atividades com a cabeça. “Certamente, madame, a senhora não se dedica às duas coisas ao mesmo tempo, não?”

“Então, vamos falar em inglês hoje? Levante-se, Cromwell. Não percamos nosso tempo, como na nossa última entrevista, selecionando que idioma usar. Afinal, hoje em dia o senhor é um homem deveras ocupado.”

Com o fim das formalidades, ela começa: “Primeiro. Eu não comparecerei ao seu tribunal em Dunstable. Isso é o que veio descobrir aqui, não? Eu não reconheço esse júri. Meu caso está em Roma, esperando pela atenção do Santo Padre”.

“Ele é lento, não?” Ele lhe dirige um sorriso intrigado.

“Eu aguardarei.”

“Mas o rei deseja resolver seus assuntos.”

“Ele tem um homem para fazê-lo. Contudo, eu não o chamaria de arcebispo.”

“Clemente emitiu as bulas.”

“Clemente foi ludibriado. O dr. Cranmer é um herege.”

“Talvez a senhora acredite que o rei é um herege?”

“Não. Apenas um cismático.”

“Se um concílio geral da Igreja fosse convocado, o rei se submeteria ao seu julgamento.”

“Será tarde demais, se ele for excomungado e excluído da Igreja.”

“Todos rezamos... e tenho certeza de que madame também reza para que esse dia nunca chegue.”

“*Nulla salus extra ecclesiam*. Fora da Igreja não há salvação. Até os reis são julgados. Henrique sabe disso, e tem medo.”

“Madame, ceda à vontade dele. Por enquanto. Amanhã, quem sabe? Não elimine todas as chances de reaproximação.”

“Ouvi dizer que a filha de Thomas Bolena terá um filho.”

“Realmente, mas...”

Catarina, mais que qualquer outra pessoa, deveria saber que isso não é garantia de coisa alguma. Ela compreende o que ele insinua; pensa a respeito; meneia a cabeça. “Eu vejo circunstâncias em que ele talvez volte para mim. Tive variadas oportunidades de estudar o caráter daquela dama, e ela não é paciente nem amorosa.”

Não importa; ela só precisa ter sorte. “Caso eles não tenham filhos, a senhora deve pensar na sua filha, Lady Maria. Faça as pazes com ele, madame. Talvez o rei confirme Maria como sua herdeira. Se a senhora ceder, ele lhe oferecerá todas as honras e um grande patrimônio.”

“Um grande patrimônio!” Catarina se ergue. Suas costuras deslizam de suas saias, o livro de preces desaba ao chão com a pancada grave do couro, seu dedal de prata estrepita pelas tábuas e rola para um canto. “Antes que me faça mais ofertas ultrajantes, mestre Cromwell, deixe-me lhe oferecer um capítulo da minha história. Depois que lorde Artur faleceu, passei cinco anos na pobreza. Não podia pagar meus criados. Nós comprávamos a comida mais barata que encontrávamos, de pouca qualidade, comida passada, peixe da véspera; qualquer pequeno comerciante

tinha uma mesa melhor que a filha da Espanha. O falecido rei Henrique não me permitia regressar ao meu pai porque dizia que nós lhe devíamos dinheiro. Ele me pressionava como alguém reclama à porta de mulheres que venderam ovos podres. Eu depusitei minha fé em Deus, não me desesperei, mas provei as profundezas da humilhação.”

“E por que desejaria prová-las de novo?”

Face a face. Eles se olham ferozmente. “Supondo”, ele continua, “que tudo que o rei pretende é humilhá-la.”

“Seja direto.”

“Se a senhora for julgada por traição, a lei tomará o curso habitual no seu caso, como se fosse qualquer outra súdita. Seu sobrinho ameaça invadir a Inglaterra em seu nome.”

“Isso não acontecerá. Não em meu nome.”

“Isso é o que venho dizendo também, madame.” Ele abrandava seu tom. “Venho dizendo que o imperador está ocupado com os turcos e, com todo respeito à sua pessoa, não é tão afeiçoado à tia a ponto de erguer um novo exército. Mas outros dizem, ah, cale-se, Cromwell, o que sabe? Dizem que temos de fortificar nossos portos, que temos de convocar tropas, que temos de deixar o país em estado de alerta. Chapuys, como a senhora sabe, está sempre instigando Carlos a bloquear nossos portos e confiscar nossos bens e nossos navios mercantes no exterior. Ele incita a guerra em cada despacho.”

“Não tenho conhecimento algum do que Chapuys escreve nos seus despachos.”

É uma mentira tão assombrosa que ele é obrigado a admirá-la. Após pronunciar essa gigantesca falsidade, Catarina parece enfraquecida; afunda mais uma vez na cadeira, e antes que ele possa se adiantar para ajudá-la, ela se inclina pesadamente para recolher as costuras; seus dedos estão inchados e o movimento parece deixá-la sem fôlego. Ela repousa por um momento, recuperando-se, e quando volta a falar, está calma e recomposta.

“Mestre Cromwell, sei que fracassei com os senhores. Isto é, falhei com seu país, que a essa altura também é meu. O rei foi um bom esposo para mim, mas não pude fazer aquilo para que uma esposa é mais necessária. Ainda assim, eu fui, eu sou, uma esposa; o senhor compreende que me é impossível acreditar que fui uma meretriz por vinte anos, não? Pois bem, a verdade é que eu não fiz grande bem à Inglaterra, mas sinto horror ante a ideia de lhe trazer qualquer mal.”

“Mas é o que está fazendo, madame. Talvez não o deseje, mas o mal está feito.”

“Uma mentira não beneficiará a Inglaterra.”

“É nisso que o dr. Cranmer acredita. Assim, ele anulará seu casamento, com ou sem sua presença na corte.”

“O dr. Cranmer também será excomungado. Isso não o abala nem um pouco? Será ele tão indiferente a tudo?”

“Madame, esse arcebispo é o melhor guardião da Igreja que vimos em muitos séculos.” Ele pensa no que Bainham dissera, antes de ser queimado: na Inglaterra, houve oitocentos anos de mistificação, e apenas seis anos de verdade e luz; seis anos, desde que o Evangelho em inglês começou a chegar a nosso reino.

“Cranmer não é um herege. Ele acredita na mesma coisa que o rei acredita. Ele reformará o que necessita de reforma, só isso.”

“Sei onde isso vai acabar. Vocês tomarão as terras da Igreja e darão ao rei.” Ela ri. “Ah, agora o senhor fica em silêncio? É isso que farão. É o que pretendem.” Ela soa quase bem-humorada, como ficam algumas pessoas ao serem informadas de que estão morrendo. “Mestre Cromwell, pode assegurar ao rei que não erguerei qualquer exército contra ele. Diga-lhe que rezo todos os dias pelo seu bem. Algumas pessoas, que não o conhecem como eu o conheço, dizem: ‘Ah, ele cumprirá sua própria vontade, realizará seu desejo a qualquer preço’. Mas eu sei que ele necessita estar do lado da luz. Ele não é um homem como o senhor, que apenas embala seus pecados em alforjes e os carrega de país a

país, que assovia para convocar uma ou duas mulas quando o peso é demasiado e logo está comandando uma fila de bestas de carga e uma tropa de almocreves. Henrique pode errar, mas ele precisa ser perdoado. Portanto, eu creio, e continuarei a crer, que ele abandonará esse caminho de erro, para que possa ficar em paz consigo mesmo. E a paz é o que todos almejamos, tenho certeza.”

“Que plácida conclusão a sua, madame. ‘A paz é o que todos almejamos.’ Como uma abadessa. Aliás, tem certeza de que não deseja se tornar uma?”

Um sorriso. Um sorriso bastante amplo. “Lamentarei muito se não tornar a vê-lo. O senhor é bem mais rápido que os duques.”

“Os duques voltarão.”

“Estou preparada. Há notícias da minha senhora de Suffolk?”

“O rei diz que ela está morrendo. Brandon não tem ânimo para nada.”

“Nisso eu acredito”, ela murmura. “Suas rendas como rainha viúva da França morrerão com ela, e são a maior parte dos rendimentos do esposo. Mesmo assim, não duvido que o senhor arranjará um empréstimo para ele, com alguma taxa de juros ultrajante.” Ela ergue os olhos. “Minha filha ficará interessada em saber que vi mestre Cromwell. Maria acredita que o senhor foi bondoso com ela.”

Ele só se lembra de ter dado à princesa uma banquetta para se sentar. Maria deve ter uma vida triste, se aquele momento ficou gravado em sua lembrança.

“Segundo a norma, ela deveria ter continuado de pé, esperando pelo meu sinal.”

Sua própria filha, torturada por dores. Catarina pode sorrir, mas não cede nada. Júlio César teria mais compaixão. Ou Aníbal.

“Diga-me”, prossegue Catarina, testando o terreno, “o rei leria uma carta minha?”

Henrique passou a rasgar ou queimar as cartas de Catarina sem ler. Diz que as cartas o repugnam com suas expressões de amor.

Ele não tem coragem de dizer isso a ela. “Então espere por uma hora”, diz Catarina, “enquanto escrevo. A não ser que queira passar a noite conosco? Eu gostaria de ter companhia para o jantar.”

“Eu agradeço, mas preciso voltar; o conselho se reúne amanhã. Além disso, se eu ficasse, onde deixaria minhas mulas? Sem falar na minha equipe de almocreves.”

“Ah, os estábulos estão quase vazios. O rei faz questão de que eu tenha pouca montaria. Ele acredita que vou escapar do meu próprio séquito, partir para a costa e fugir num navio para Flandres.”

“E vai?”

Ele recolhe o dedal e o entrega a Catarina, que sacode o objeto na mão como se fosse um dado e ela estivesse prestes a lançá-lo.

“Não. Eu ficarei aqui. Ou partirei para onde for mandada. Segundo a vontade do rei. Como é o dever de uma esposa.”

Até a excomunhão, ele pensa. Isso a libertará de todos os laços, como esposa, como súdita. “Isso também é seu”, ele diz, abrindo a mão; nela, uma agulha, com a ponta virada para a rainha.

Circula o boato de que Thomas More está na pobreza. Ele ri do assunto com o secretário-mor Gardiner. “Alice era uma viúva rica quando se casou com ele”, comenta Gardiner. “E ela tem terras próprias; como ele pode ser pobre? E as filhas, ele as casou bem.”

“E More ainda recebe uma pensão do rei.” Ele examina certa papelada para Stephen, que se prepara para aparecer como principal advogado de Henrique em Dunstable. Ele arquivou todos os depoimentos das audiências de Blackfriars, coisa que parece ter ocorrido em outra era.

“Que os anjos nos protejam”, exclama Gardiner, “existe alguma coisa que você não guarde nos seus arquivos?”

“Se vasculharmos até os fundos desta cômoda, eu encontrarei as cartas de amor do seu pai para sua mãe.” Ele sopra a poeira do último maço. “Aí estão.” Os papéis caem na mesa. “Stephen, o que

podemos fazer por John Frith? Ele foi seu pupilo em Cambridge. Não o abandone.”

Mas Gardiner balança a cabeça e se concentra nos documentos, folheando, murmurando entre dentes, exclamando, “Ora, quem imaginaria!” e “Esse é um bom argumento!”.

Ele toma um barco para Chelsea. O antigo chanceler repousa em sua sala de estar, com a filha Margaret traduzindo do grego num murmúrio quase inaudível; quando ele se aproxima, ouve More censurando a moça por algum erro. “Deixe-nos, filha”, diz More, quando o vê. “Não quero você na companhia deste demônio.” Contudo, Margaret ergue os olhos e sorri, e More se levanta da poltrona com certa rigidez, como se as costas doessem, e oferece um aperto de mãos.

É Reginald Pole, escondido na Itália, quem diz que ele é um demônio. A questão é que Pole fala com sinceridade; para ele, não é uma alegoria, como numa fábula, mas algo que ele acredita ser real, da mesma maneira em que toma a Bíblia por verdade.

“Bem”, ele começa. “Ouvimos dizer que o senhor não pode participar da coroação porque não tem dinheiro para um novo traje. O bispo de Winchester pagará ele mesmo pela roupa, se comparecer no dia.”

“Stephen? Ele vai pagar?”

“Juro.” Ele se delicia com a ideia de voltar a Londres e pedir dez libras a Gardiner. “Ou os tecelões farão uma coleta a seu favor, se quiser, para um novo chapéu e uma casaca.”

“E como o senhor se vestirá?”, Margaret indaga em tom afável, como se, a pedido de alguém, estivesse cuidando de duas crianças naquela tarde.

“Estão confeccionando algo para mim. Deixo isso a encargo de outros. Se eu puder evitar risadas, já será o bastante.”

Ana disse, o senhor não se vestirá como um advogado no dia da minha coroação. Disse então a Jane Rochford, que fazia anotações

como uma secretária: ele deve vestir carmim. “Sra. Roper”, ele indaga, “não está curiosa para ver a rainha coroada?”

O pai interrompe, falando por Margaret: “É um dia de vergonha para as mulheres da Inglaterra. Basta ouvir o que as pessoas estão dizendo nas ruas — quando o imperador chegar, as esposas terão seus direitos de volta”.

“Pai, estou segura de que elas tomam cuidado para não dizê-lo na presença de mestre Cromwell.”

Ele suspira. Não é muito, saber que todas as jovens putas estão do seu lado. Todas as amantes e todas as filhas fugidas. Entretanto, agora que Ana se casou, ela está decidida a ser um exemplo. Lady Carey contou que Ana estapeou Mary Shelton por escrever uma charada em seu livro de preces, embora nem sequer fosse uma charada indecente. Hoje em dia, a rainha se senta extremamente ereta com a criança se movendo em seu ventre, o bordado em punho, e quando Norris, Weston e seus amigos aristocratas se aglomeram em seus aposentos e depositam elogios a seus pés, ela os encara como se estivessem espalhando aranhas pela barra de sua saia. A menos que você a aborde com uma citação bíblica na ponta da língua, é melhor não abordá-la de forma nenhuma.

“A Donzela apareceu para visitá-los de novo? A profetisa?”, ele pergunta.

“Sim”, responde Meg, “mas nós não a recebemos.”

“Creio que ela tenha ido visitar Lady Exeter. A convite.”

“Lady Exeter é uma mulher tola e ambiciosa”, diz More.

“Pelo que sei, a Donzela disse a Lady Exeter que ela seria rainha da Inglaterra.”

“Repito meu comentário.”

“Os senhores acreditam nas visões dela? Isto é, na natureza sagrada das visões?”

“Não. Acho que é uma impostora. Ela faz tudo para chamar a atenção.”

“Só por isso?”

“Não imagina do que as jovens são capazes. Eu tenho uma casa cheia de filhas.”

Ele faz uma pausa. “O senhor é abençoado.”

Meg ergue os olhos; ela recorda as perdas dele, embora jamais tenha ouvido Anne Cromwell indagando: por que a srta. More deveria ter a preeminência? Ela diz: “Houve donzelas videntes antes desta. Uma em Ipswich. Era apenas uma menina de doze anos. Ela era de boa família, dizem que fazia milagres e não ganhava nada com isso, nenhum lucro pessoal, e morreu jovem”.

“Mas por outro lado houve a Donzela de Leominster”, diz More, com um prazer sombrio. “Dizem que agora é prostituta em Calais e, depois do jantar, ri com seus clientes sobre todos os truques que pregou nos crédulos.”

Quer dizer então que More não gosta de donzelas santas. Mas o bispo Fisher gosta. Ele a visita com frequência. Tem negócios com ela. Como se tirando as palavras de sua boca, More diz: “Claro, Fisher, ele tem suas próprias opiniões”.

“Fisher acredita que ela ressuscitou um homem morto.” More ergue uma sobrancelha. “Mas apenas tempo o bastante para que o cadáver se confessasse e fosse absolvido. Depois ele caiu e morreu de novo.”

More sorri. “Esse tipo de milagre.”

“Talvez ela seja uma bruxa”, sugere Meg. “Não acham? Há bruxas nas Escrituras. Posso citar para os senhores.”

Por favor, poupe-nos. More diz: “Meg, eu lhe mostrei onde deixei a carta?”. Ela se ergue, marcando a página do texto grego com um fio. “Eu escrevi para esta donzela, Barton... madre Elizabeth, é como temos que chamá-la, pois agora ela é uma freira professa. Eu a aconselhei a deixar o reino discretamente, a parar de perturbar o rei com suas profecias, a evitar companhias de homens e mulheres da nobreza, a ouvir seus conselheiros espirituais e, em suma, a ficar em casa e dizer suas preces.”

“Como todos deveríamos, Sir Thomas. Seguindo seu exemplo.” Ele meneia a cabeça vigorosamente. “Amém. E eu suponho que tenha guardado uma cópia?”

“Vá buscar, Meg. Caso contrário, talvez ele não vá embora nunca.”

More dá algumas instruções rápidas à filha. Mas ele fica contente ao constatar que More não está ordenando que a filha forje uma carta na hora. “Eu irei embora no momento certo”, ele responde. “Não vou perder a coroação. Tenho minhas roupas novas para usar. Não pretende comparecer e nos fazer companhia?”

“Os senhores farão companhia uns aos outros, no inferno.”

É isso que esqueço, a veemência de Thomas More, sua capacidade de fazer piadas maldosas, mas não de ser alvo delas.

“A rainha parece bem. Sua rainha, quero dizer, não a minha. Ela parece bastante confortável em Ampthill. Mas o senhor já sabe disso, claro.”

Impassível, More responde, não tenho qualquer correspondência com a... com a princesa viúva. Que bom, ele comenta, porque estou espionando dois freis que levam as cartas dela para o exterior; começo a pensar que toda a ordem dos franciscanos está trabalhando contra o rei. Se eu mandar detê-los e não conseguir persuadi-los a confirmar minhas suspeitas, e você sabe que sou muito persuasivo, talvez eu tenha que pendurá-los pelos pulsos e começar uma espécie de concurso entre eles, para ver qual recobrará primeiro um sentido mais apurado de prudência. Claro, minha própria inclinação seria levá-los para casa, alimentá-los e enchê-los de bebida forte, mas, Sir Thomas, eu sempre o admirei, e portanto o senhor tem sido meu exemplo em tais procedimentos.

Ele precisa dizer tudo antes que Margaret Roper volte. Ele tamborila os dedos na mesa, para obrigar More a erguer a cabeça e prestar atenção. John Frith, ele prossegue. Peça uma audiência a Henrique. Ele o receberá como um filho perdido. Fale com o rei e peça para encontrar Frith cara a cara. Não lhe peço para concordar

com John; o senhor acha que ele é um herege, talvez seja mesmo; eu só lhe peço que faça essa concessão, e diga ao rei que Frith é uma alma pura, um excelente erudito, e portanto deve ter a vida poupada. Se a doutrina de Frith é falsa e a sua, verdadeira, pode convencê-lo a voltar ao seu caminho, o senhor é um homem eloquente, é o grande persuasor do nosso tempo, e não eu. Traga-o de volta a Roma, se puder. Mas, se ele morrer, nunca saberá se podia recuperar sua alma, não é?

Os passos de Margaret. “É esta, pai?”

“Dê a ele.”

“Há cópias da cópia, suponho?”

“Você deveria imaginar”, diz ela, “que tomaríamos todas as precauções adequadas.”

“Seu pai e eu estávamos discutindo sobre monges e freis. Se eles juram fidelidade aos líderes das suas ordens, que vivem em outros países e, por sua vez, são súditos do rei da França ou do imperador, como podem ser bons súditos do nosso rei?”

“Eu imagino que eles ainda sejam ingleses.”

“Conheci poucos que se comportem como tal. Seu pai a esclarecerá sobre o que estou contando.” Ele faz uma medida para Margaret e toma a mão de More, apertando seus sinuosos tendões na palma da mão; as cicatrizes desaparecem, é incrível como somem, e agora sua própria mão é branca, a mão de um cavalheiro, a carne correndo com facilidade sobre as articulações; contudo, outrora ele pensava que as queimaduras, as marcas finas que todo ferreiro adquire no curso de seu ofício, jamais desapareceriam.

Ele volta para casa. Helen Barre o recebe. “Estive pescando”, ele comenta. “Em Chelsea.”

“Pegou More?”

“Não hoje.”

“Seus trajes chegaram.”

“E?”

“Púrpura.”

“Deus do céu.” Ele ri. “Helen...” Ela o observa; parece estar esperando. “Não encontrei seu esposo.”

Helen mantém as mãos no bolso do avental. Ela move as mãos, como se segurasse algo; ele vê que uma de suas mãos aperta a outra. “Então o senhor acha que ele está morto?”

“Seria razoável pensar assim. Falei com o homem que o viu entrando no rio. Parece uma boa testemunha.”

“Desse modo, eu poderia casar de novo. Se alguém me quisesse.”

Os olhos de Helen estão fixos no rosto dele. Ela não diz coisa alguma, só continua parada. O momento parece durar um longo tempo. Por fim: “O que houve com nossa gravura? Aquela que tinha um homem segurando o coração em formato de livro? Ou melhor, o livro em formato de coração?”.

“Dei de presente a um genovês.”

“Por quê?”

“Precisava pagar por um arcebispo.”

Helen se afasta, relutante, vagarosa. Ela desvia o olhar para longe do rosto dele. “Hans está aqui, à sua espera. Ele está irritado. Diz que tempo é dinheiro.”

“Vou recompensá-lo.”

Hans está tirando uma folga em seus preparativos para a coroação. Ele está construindo um modelo vivo do monte Parnaso, na Gracechurch Street, e hoje precisa pôr as Nove Musas em seus pedestais e por isso não gosta de ser obrigado a esperar por Thomas Cromwell. Está fazendo um estardalhaço na sala ao lado. Parece que está arrastando a mobília.

Frith é levado ao palácio do arcebispo, em Croydon, para ser interrogado por Cranmer. O novo arcebispo poderia tê-lo recebido em Lambeth; mas a estrada para Croydon é mais longa, e atravessa a floresta. Nas profundezas desses bosques, eles dizem a Frith: seria um péssimo dia para nós, se você nos passasse a perna.

Afinal, veja só como essa mata é fechada para o lado de Wandsworth. Daria para esconder todo um exército ali. Nós passaríamos dois dias procurando, mais que isso até; e se você fosse para o leste, para Kent e pelo rio, estaria fora do alcance antes que conseguíssemos chegar daquele lado.

Mas Frith conhece sua estrada; ele se encaminha para a morte. Os guardas fazem hora no caminho, assoviando, falando sobre o clima. Um deles urina, despreocupado, contra uma árvore. Outro segue o voo de um pardal entre os galhos. Mas quando eles se voltam, Frith ainda está aguardando, plácido, que sua jornada continue.

Quatro dias. Cinquenta barcas em procissão, providenciadas pelas companhias de guarda da cidade; duas horas de Londres a Blackwall, seus cordames ornados com sinos e bandeiras; uma brisa leve, porém ligeira, exatamente como ele encomendou a Deus em suas preces. Ordem reversa, ancorem nos degraus do palácio de Greenwich, tragam a nova rainha em sua própria barcaça, que é a velha barca de vinte e quatro remos de Catarina, com novos brasões: ela é seguida por suas damas, sua guarda, todos os ornamentos da corte do rei, todas aquelas nobres e orgulhosas almas que juravam que sabotariam o evento. Barcos lotados de músicos; trezentas naveas flutuando, estandartes e bandeirolas ao vento, a música ressoando de uma margem a outra, cada uma delas apinhada de londrinos; eles descem o rio levados pela correnteza, liderados por um dragão aquático cuspidor fogo e acompanhados por figuras fantasiadas como homens dos bosques, soltando rojões. Zarpando para o mar aberto, navios disparam seus canhões em saudação.

Quando chegam à Torre, o sol já saiu. É como se o Tâmis estivesse em chamas. Henrique espera para receber Ana quando ela aporta. Ele a beija sem formalidade, puxa o vestido da mulher

para trás e o ajusta em seus flancos para mostrar sua barriga à Inglaterra.

Em seguida, Henrique nomeia cavaleiros: um enxame de Howards e Bolenas, seus amigos e seguidores. Ana descansa.

Tio Norfolk está perdendo o espetáculo. Henrique o mandou ao rei Francisco, para reafirmar a mais cordial aliança entre os dois reinos. Norfolk, como chefe do cerimonial do Estado, deveria se encarregar da coroação, mas há outro Howard para substituí-lo e, junto dele, Thomas Cromwell comanda tudo, inclusive o clima.

Cromwell conversou com Artur, lorde Lisle, que presidirá o banquete de coroação: Artur Plantageneta, uma doce relíquia de tempos passados. Lisle deve partir para Calais assim que tudo acabar a fim de substituir lorde Berners como governador, e ele, Cromwell, deve orientá-lo antes da partida. Lisle tem uma longa e ossuda cara Plantageneta e é alto como seu pai, o rei Eduardo, que sem dúvida teve diversos bastardos, mas nenhum tão distinto quanto esse ancião que agora dobra o joelho rangente em reverência à filha de Bolena. Sua mulher, Honor, na verdade sua segunda mulher, é vinte anos mais jovem, pequena e delicada, uma esposa de brinquedo. Ela veste seda amarela, braceletes de coral com corações de ouro, e traz no rosto uma expressão de vigilante insatisfação, à beira da impertinência. Honor o examina de alto a baixo. “Imagino que seja Cromwell?” Se um homem falasse com ele nesse tom, o convidaria a encontrá-lo lá fora e teria de pedir a alguém que segurasse sua casaca.

Segundo dia: levar Ana a Westminster. Ele acorda antes da primeira luz, observando do parapeito enquanto as finas nuvens se dispersam sobre a margem de Bermondsey e um frio matutino, claro como a água, é substituído por um calor firme e dourado.

O desfile de Ana é liderado pela comitiva do embaixador francês, seguida pelos juízes em escarlate, os Cavaleiros da Ordem do Banho em azul-violeta de corte antigo, e depois os bispos, o lorde chanceler Audley e sua comitiva, e os grandes lordes em veludo

carmim. Dezesseis cavaleiros carregam Ana numa liteira branca ornada com sinos de prata que tilintam a cada passo, a cada fôlego; a rainha veste branco, o corpo luminoso em sua estranha pele, o rosto congelado num sorriso consciente e solene, os cabelos soltos sob um círculo de gemas. Atrás dela, aias cavalgam em palafréns com rédeas de veludo branco, e viúvas aristocratas vêm em suas carruagens, os rostos carrancudos.

A cada curva do trajeto há desfiles e estátuas vivas; recitações sobre a virtude da nova rainha e presentes de ouro dos cofres da cidade; o emblema de Ana, o falcão branco coroadado e entrelaçado com rosas; botões esmagados e triturados sob os pés dos robustos cavaleiros em marcha, emitindo um perfume que se eleva como fumaça. A rota é decorada com tapeçarias e estandartes pendurados, e, por ordens dele, o chão sob as patas dos cavalos foi coberto por cascalho para evitar escorregões, e as multidões são contidas atrás de grades, em caso de tumulto e empurra-empurra; todos os guardiões da lei que Londres pôde convocar estão misturados à turba, pois ele decidiu que, no futuro, quando este dia for lembrado e recontado àqueles que não estiveram aqui, ninguém poderá dizer, ah, a coroação da rainha Ana, esse foi o dia em que me afanaram. Fenchurch Street, Leadenhall, Cheap, Paul's Churchyard, Fleet, Temple Bar, Westminster Hall. Há tantos chafarizes vertendo vinho que é difícil encontrar algum com água. E, do alto, os outros londrinos observam: aqueles monstros que vivem no ar, a incontável população citadina de homens, mulheres, feras de pedra e coisas que não são nem humanas nem bestas; coelhos com presas e lebres voadoras, pássaros de quatro pernas e serpentes aladas, diabretes com olhos arregalados e bicos de pato, homens coroados com folhas ou que têm cabeça de cabra ou carneiro, criaturas com caudas enroscadas e asas de couro, orelhas peludas, chifres, cascos fendidos no lugar dos pés, plumadas e escamosas, rosnando, algumas rindo, outras cantando, outras arreganhando os lábios para mostrar os dentes; leões e freis, mulas

e gansos, demônios com crianças espremidas entre suas mandíbulas, completamente mastigadas à exceção dos tristes pés, de fora; de calcário ou chumbo, metálicos ou marmóreos, ganindo e gargalhando acima do povo, uivando, rilhando e ofegando sobre pilares, muros e telhados.

Naquela noite, com a permissão do rei, ele vai a Austin Friars. Visita seu vizinho Chapuys, que se retirou dos eventos do dia, trancando as janelas e tapando as orelhas para o som das fanfarras e as salvas de canhão. Ele chega numa procissão cômica liderada por Thurston, levando doces ao embaixador para melhorar seu desânimo e um pouco de fino vinho italiano enviado pelo duque de Suffolk.

Chapuys o recebe com um sorriso. “Bem, o senhor teve sucesso onde o cardeal falhou. Henrique finalmente conseguiu o que queria. Eu digo ao meu senhor, que é capaz de avaliar essas coisas de um ponto de vista imparcial: é uma pena para Henrique que ele não tenha contratado Cromwell há anos. Seus assuntos teriam avançado de maneira muito mais satisfatória.” Ele está prestes a dizer, o cardeal me ensinou tudo, mas Chapuys o atropela: “Quando o cardeal se deparava com uma porta fechada, ele a bajulava: ah, bela e compreensiva porta! Depois tentava ludibriá-la para que se abrisse. E o senhor é igual, exatamente o mesmo”. Ele se serve de um pouco do presente de Suffolk. “Mas, como último recurso, o senhor a arromba com um chute.”

A bebida é um daqueles vinhos fortes e nobres que Brandon aprecia, e Chapuys o bebe com prazer e diz, não compreendo, não compreendo coisa alguma neste país obscurantista. Cranmer agora é papa? Ou Henrique é papa? Talvez o senhor seja papa? Meus homens que estavam entre o povo hoje disseram ter ouvido poucas vozes em favor da concubina, e muitas que clamavam pela bênção de Deus a Catarina, a rainha por direito.

Ouviram mesmo? Não sei em que cidade estavam.

Chapuys bufou: eles têm toda razão em questionar. Hoje em dia não há nada além de franceses em torno do rei, e ela, Bolena, ela mesma é francesa em parte, e completamente comprada por eles; toda aquela família está no bolso de Francisco. Mas o senhor, Thomas, o senhor não é marionete desses franceses, é?

Ele o tranquiliza: meu querido amigo, nem por um segundo.

Chapuys chora; não é de seu feitio. Todo o mérito é do nobre vinho. “Eu falhei com meu amo, o imperador. Fracassei com Catarina.”

“Não se preocupe.” Ele pensa, amanhã será uma nova batalha, amanhã será um novo mundo.

Ele chega à abadia ao amanhecer. O desfile começa a se formar às seis horas. Henrique assistirá à coroação em um camarote guarnecido por treliças, encaixado na parede de afrescos coloridos. Quando ele chegou ao camarote, por volta das oito horas, o rei já estava sentado numa almofada de veludo, em expectativa, e um criado, ajoelhado, servia seu desjejum. “O embaixador francês me acompanhará”, diz Henrique, e ele, ao se retirar, depara-se com o referido cavaleiro.

“Ouvi dizer que fizeram seu retrato, Maître Cremuel. O meu também. Viu o resultado?”

“Ainda não. Hans anda muito ocupado.” Mesmo naquela bela manhã, ali sob a abóbada em leque, o embaixador estava azul de frio. “Bem, pelo visto, com a coroação desta rainha, nossas duas nações alcançaram um estado de perfeita amizade. Como melhorar a perfeição? Eu lhe pergunto, monsieur.”

O embaixador se curva. “Ladeira abaixo, a partir daqui?”

“Sabe, podemos tentar... Tentar manter um estado de proveito mútuo, quando nossos soberanos estiverem novamente se estapeando.”

“Outro encontro em Calais?”

“Talvez dentro de um ano.”

“Não antes?”

“Eu não colocarei meu rei em alto-mar sem motivo.”

“Nós conversaremos, Cremuel.” A mão espalmada, o embaixador o afaga no peito, sobre o coração.

O cortejo de Ana se forma às nove horas. Ela usa um manto de veludo púrpura, com barras de arminho. Tem setecentos metros para percorrer, sobre o pano azul que se prolonga até o altar, e seu rosto está em êxtase. A uma distância considerável, a duquesa-mãe de Norfolk carrega a cauda do vestido; mais perto, erguendo a barra do longo manto, o bispo de Winchester de um lado, o bispo de Londres do outro. Ambos, Gardiner e Stokesley, trabalharam a favor do rei no assunto do divórcio; mas agora eles parecem desejar grande distância do objeto vivo de seu novo casamento, que tem uma fina camada de suor sobre a testa alta e cujos lábios comprimidos parecem desaparecer de seu rosto na hora em que ela alcança o altar. Quem decidiu que os dois bispos deveriam carregar a barra do manto? Tudo está escrito num grande livro, tão antigo que praticamente ninguém ousa tocá-lo ou respirar sobre ele; Lisle parece sabê-lo de cor. Talvez esse livro devesse ser copiado e impresso, ele pensa.

Ele faz uma nota mental e depois se concentra em Ana: que Ana não despenque enquanto verga o corpo para se prostrar com o rosto ao chão, em prece diante do altar, com os atendentes se lançando para ajudá-la nos cruciais momentos finais antes que seu ventre toque o pavimento sagrado. Ele se surpreende ao ver que está orando: este bebê, este coração parcialmente formado, batendo contra o chão de pedras, que ele seja santificado neste momento, e que seja como o pai de seu pai, como seus tios Tudor; que seja duro, alerta, atento às oportunidades, beneficiando-se da mais discreta virada da sorte. Se Henrique viver vinte anos mais, esse Henrique que é criação de Wolsey, e fizer deste bebê seu sucessor, eu construirei meu próprio príncipe: para a glorificação de Deus e da nação da Inglaterra. Pois não estarei tão velho. Veja

Norfolk, ele já tem sessenta anos, e seu pai tinha setenta quando combateu em Flodden. E eu não serei como Henry Wyatt para dizer: agora estou me retirando dos negócios. Afinal, o que há além de negócios?

Trêmula, Ana está outra vez de pé. Cranmer, numa densa nuvem de incenso, pressiona o cetro entre as mãos dela, o bastão de ébano, e poussa brevemente sobre sua cabeça a coroa de são Eduardo, antes de substituí-la por uma coroa mais leve e mais sustentável, como se fora prestidigitação: suas mãos são ágeis como se ele tivesse passado toda a vida trocando coroas. O arcebispo parece um tanto animado, como se alguém lhe tivesse oferecido um copo de leite quente.

Ungida, Ana se afasta, o incenso subindo num turbilhão ao seu redor, engolida em sua névoa: Anna Regina se recolhe a sua própria câmara, de modo a se preparar para o banquete em Westminster Hall. Sem cerimônia, ele abre caminho entre os dignitários — todos os que disseram que não estariam ali — e avista Charles Brandon, condestável da Inglaterra, montado em seu corcel branco e pronto para adentrar o salão a trote entre eles. É uma presença imensa e ofuscante, diante da qual ele desvia o olhar; Charles, ele pensa, tampouco viverá mais que eu. De volta à meia-luz, em direção a Henrique. Só uma coisa o detém: a visão da barra de uma túnica escarlate, desaparecendo num canto. Sem dúvida é um dos juízes, que escapou da procissão.

O embaixador veneziano bloqueia a entrada do camarote de Henrique, mas o rei o afasta com um gesto e diz: “Cromwell, minha esposa não tinha ótima aparência, não estava belíssima? Não deseja vê-la e dar-lhe...”, ele olha em torno para se certificar de que estão a sós, e depois arranca o diamante de um dedo, “dar-lhe isso?”. Ele beija o anel. “E isso também?”

“Espero poder transmitir o sentimento”, ele responde, e suspira, como se fosse Cranmer.

O rei dá uma risada. Seu rosto está iluminado. “Este é o melhor dia”, ele comenta. “É o melhor dia em minha vida.”

“Até o nascimento, majestade”, acrescenta o veneziano, com uma mesura.

É Mary Howard, a jovem filha de Norfolk, quem abre a porta para ele. “Não, o senhor com certeza não pode entrar”, declara ela.

“Absolutamente não. A rainha está despida.”

Richmond tem razão, ele pensa; ela não tem nada de seios. Ainda. Para catorze anos. Vou encantar essa pequena Howard, ele pensa; e começa a bajular a mocinha, elogiando seu vestido e suas joias, até que ouve uma voz de dentro do quarto, abafada como a voz de um túmulo. Num sobressalto, Mary Howard diz: ah, tudo bem, se ela manda, então o senhor pode vê-la.

Os cortinados da cama estão fechados. Ele os puxa. Ana está deitada em sua camisola. Ela parece descarnada como um fantasma, à exceção do volume impressionante de sua criança de seis meses. Em seus mantos cerimoniais, sua condição praticamente não aparecera, e foi só naquele sagrado instante em que ela deitou o ventre na pedra que ele notou seu corpo; corpo que agora jaz, esticado como num sacrifício: os seios inchados sob os lençóis, os pés descalços intumescidos.

“Mãe de Deus”, ela exclama. “Será que o senhor não pode deixar as mulheres Howard em paz? Para um homem feio, o senhor é bem seguro de si. Deixe-me vê-lo.” Ela ergue a cabeça. “Isso é carmim? É um carmim bastante negro. Desobedeceu às minhas ordens?”

“Seu primo Francis Bryan diz que eu pareço um hematoma ambulante.”

“Uma contusão no corpo político”, ri Jane Rochford.

“Consegue mesmo continuar?”, pergunta ele: quase em dúvida, quase terno. “Está exausta.”

“Ah, eu acho que ela aguenta.” Não há qualquer orgulho de irmã na voz de Maria. “Ela nasceu para isso, não foi?”

Jane Seymour: “O rei está assistindo?”.

“Ele tem orgulho da sua esposa”, ele fala com Ana, esticada em seu cadafalso. “Ele disse que nunca a viu mais bela. E lhe manda isto.”

Ana emite um pequeno som, um gemido, algo entre gratidão e tédio: ah, o que é, mais um diamante?

“E um beijo, que eu disse que seria melhor se ele trouxesse em pessoa.”

Ana não faz qualquer menção de pegar o anel. É quase irresistível, deixá-lo sobre a barriga dela e sair. Em vez disso, ele o entrega à irmã. “O banquete aguardará por vossa alteza. Venha apenas quando se sentir preparada.”

Ela se soergue, arfando. “Estou indo agora.” Mary Howard se inclina e esfrega a parte inferior das costas de Ana com uma mão inexperiente, um movimento virginal e delicado como se estivesse afagando um pássaro. “Ah, saia daqui”, rosna a rainha ungida. Ela parece nauseada. “Onde estava na noite passada? Eu precisava de você. As ruas me celebravam. Eu os ouvi. Dizem que o povo ama Catarina, mas na verdade são apenas as mulheres, que têm pena dela. Nós lhes mostraremos algo melhor. Eles terão amor por mim, quando essa criatura estiver fora do meu corpo.”

Jane Rochford: “Ah, madame, mas eles amam Catarina porque ela é filha de dois soberanos coroados. Ponha na sua cabeça, madame, eles nunca vão adorá-la, não mais do que adoram... nosso Cromwell aqui. Não tem nada a ver com seus méritos. É apenas um fato. É inútil tentar contorná-lo”.

“Acho que já basta”, intervém Jane Seymour. Ele se volta para ela e vê algo surpreendente: Jane se tornou adulta.

“Lady Carey”, diz Jane Rochford, “precisamos pôr sua irmã de pé agora e dentro das suas vestes, portanto, queira acompanhar mestre Cromwell e desfrutar da sua confabulação de costume. Hoje não é dia de se romper com tradições.”

À porta: “Maria?”, indaga ele, notando as manchas escuras sob os olhos dela.

“Sim?”, ela responde, num tom de “sim, e o que é agora?”

“Lamento que o casamento com meu sobrinho não tenha acontecido.”

“Não que alguém tenha pedido minha mão, claro.” Ela sorri, rígida. “Nunca verei sua casa. E falam tanto dela.”

“O que ouviu?”

“Ah... que há baús transbordando de moedas de ouro.”

“Jamais permitiríamos isso. Comprariamos baús maiores.”

“Dizem que é dinheiro do rei.”

“É tudo dinheiro do rei. A imagem dele está em cada moeda. Maria, ouça”, ele toma a mão dela, “eu não pude dissuadir Henrique de esquecer o interesse por sua pessoa. Ele...”

“Quanto o senhor tentou?”

“Eu gostaria que estivesse segura conosco. Embora, claro, não se tratasse do grande casamento que poderia esperar, como irmã da rainha.”

“Eu duvido que haja muitas irmãs que esperam pelo que recebo, todas as noites.”

Ela terá outro filho de Henrique, ele pensa. Ana mandará estrangulá-lo no berço. “Seu amigo William Stafford está na corte. Ao menos imagino que ele ainda é seu amigo, não?”

“Imagine o quanto ele apreciava minha situação. De qualquer maneira, ao menos ouço palavras gentis do meu pai. O monsenhor percebe que tem necessidade de mim mais uma vez: Deus nos livre de ter o rei cobrindo uma égua de outro estábulo.”

“Isso acabará. Ele a libertará e lhe dará uma recompensa. Uma pensão. Eu falarei a seu favor.”

“Um trapo sujo de cozinha recebe pensão?” Maria oscila sobre seus pés; parece zonga de infelicidade e fadiga; grandes lágrimas brotam em seus olhos. Ele continua ali, tocando e enxugando as lágrimas, sussurrando e confortando Maria, e desejando estar em

algum outro lugar. Depois que se separam, ao se afastar, ele lhe dirige um olhar sobre o ombro, e Maria continua parada à porta, desolada. Algo precisa ser feito por Maria, ele pensa. Ela está perdendo a beleza.

Henrique assiste de uma galeria, assomando sobre Westminster Hall enquanto sua rainha toma o assento no lugar de honra, as damas em volta, a flor da corte e da nobreza da Inglaterra. O rei se alimentou mais cedo e belisca de um prato de especiarias, mergulhando finas fatias de maçã em canela. Na galeria junto dele, *encore les ambassadeurs*, Jean de Dinteville coberto de peles contra o gelo de junho e seu amigo, o bispo de Lavaur, envolto numa túnica de fino brocado.

“Isso tudo foi deveras impressionante, Cremuel”, diz De Selve; seus astutos olhos castanhos estudam o outro, absorvendo tudo. Ele também absorve tudo: a costura e os enchimentos, os peitilhos e o tingimento; admira o profundo tom de amora do brocado do bispo. Dizem que esses dois franceses favorecem o Evangelho, mas tal tolerância na corte de Francisco não poderia se estender para além de um pequeno círculo de intelectuais que o rei, por sua própria vaidade, deseja patrocinar; Francisco da França jamais conseguiu cultivar seu próprio Thomas More, seu próprio Erasmo, o que naturalmente fere seu orgulho.

“Veja minha esposa, a rainha.” Henrique se inclina sobre a amurada. Seria melhor se ele apenas descesse. “Ela vale o espetáculo, não vale?”

“Mandei renovar todas as vidraças de todas as janelas”, diz ele. “Para uma melhor visão da rainha.”

“*Fiat lux*”, murmura De Selve.

“Ela se saiu muito bem”, comenta De Dinteville. “Hoje ela deve ter passado seis horas de pé. É preciso parabenizar vossa majestade por uma rainha tão forte quanto uma camponesa. Não é minha intenção ofender, claro.”

Em Paris, os franceses estão queimando luteranos. Ele gostaria de discutir o assunto com os enviados, mas é impossível, pois o odor de cisne e pavão assados está subindo do andar de baixo.

“Messieurs”, ele indaga (a música se eleva em torno deles como uma maré, ondas prateadas de som), “conhecem o homem chamado Guido Camillo? Ouvi dizer que ele está na corte do seu amo.”

De Selve e seu amigo se entreolham. Estão impressionados. “O homem que constrói as caixas de madeira”, murmura Jean. “Ah, sim.”

“É um teatro”, ele explica.

De Selve concorda. “Em que o próprio dono é a peça.”

“Erasmus nos escreveu a respeito”, comenta Henrique, sobre o ombro. “Ele ordenou que seus marceneiros criassem pequeninas prateleiras e gavetas, uma dentro da outra. É um sistema de memória para os discursos de Cícero.”

“Se me permite explicar, a intenção é maior que isso. É um teatro que segue a antiga planta de Vitrúvio. Mas não será usado para peças. Como disse meu lorde bispo, o dono do teatro deve se postar no centro e erguer os olhos para o alto. Ao seu redor, há um sistema de conhecimento humano acumulado. Como uma biblioteca, mas como se... vossa majestade consegue imaginar uma biblioteca em que cada livro contém outro livro, e, dentro deste, outro livro menor? Contudo, é mais que isso.”

O rei desliza para a boca um confeito de anis e mastiga. “Já há livros demais no mundo. A cada dia surgem mais. Um homem não pode nem sonhar em ler todos.”

“Não compreendo como sabe tanto sobre o assunto”, exclama De Selve. “O mérito é todo seu, Maître Cremuel. Guido só fala seu próprio dialeto italiano, e ainda por cima gaguejando.”

“Se seu amo se agrada em gastar seu dinheiro...”, comenta Henrique. “Ele não é um feiticeiro, esse Guido, é? Eu não gostaria

de ver Francisco caindo nas mãos de um feiticeiro. Aliás, Cromwell, eu mandarei Stephen de volta à França.”

Stephen Gardiner. Ou seja, os franceses não gostam de negociar com Norferk. Não surpreende. “A missão será de longa duração?”

De Selve o encara. “Mas quem ocupará o papel de secretário-mor?”

“Ah, Cromwell ocupará. Não é mesmo?” Henrique sorri.

Ele desce e, mal chegando ao salão, é interceptado por mestre Wriothesley. É um grande dia para os heraldos e seus funcionários, seus filhos e amigos; haverá polpudas comissões para eles. Ele comenta e Me-Chame-Risley retruca: haverá polpudas comissões para o *senhor*. Ele se desloca para perto das treliças, baixando a voz. Isso era algo que podia ser previsto, diz Wriothesley, porque Henrique estava farto daquilo, da irritante oposição de Winchester a cada passo de seu processo. Está farto de argumentar; agora que é um homem casado, ele busca um pouco mais de *douceur*. Com Ana?, ele indaga, e Me-Chame ri: O senhor a conhece melhor que eu. Se, como dizem, ela é uma dama de língua afiada, então o rei necessita mais ainda de ministros que sejam gentis com ele. Portanto, dedique-se a manter Stephen no exterior, e com o tempo o rei o confirmará no cargo.

Christophe, vestido para a ocasião, paira por perto e lhe faz sinais. Eu peço licença, ele diz, mas Wriothesley toca sua túnica carmim, como se para dar sorte, e diz, agora é o senhor da casa e o senhor das celebrações, é a origem da felicidade do rei, fez o que o cardeal não conseguiu, e muito mais. Mesmo isto — ele gesticula para o salão, onde, depois de engolir suas palavras, a nobreza da Inglaterra trabalha para deglutir vinte e três pratos —, até esse banquete foi soberbamente administrado. Ninguém precisa pedir nada, tudo chega às mãos antes que se pense em requisitar.

Ele inclina a cabeça, Wriothesley se afasta, e ele convoca o garoto. Christophe diz, fui instruído a não transmitir nada

confidencial na presença de Me-Chame, pois Rafe diz que ele vai saltitando a Gardineur para contar tudo o que ouve. Bem, senhor, eu tenho uma mensagem, o senhor deve visitar o arcebispo hoje mesmo. Assim que o banquete terminar. Ele ergue os olhos para a tribuna, onde o arcebispo se vê sentado junto de Ana, sob seu dossel de Estado. Nenhum dos dois come coisa alguma, embora Ana finja; ambos examinam o salão.

“Eu irei saltitando”, diz ele. Ultimamente, anda fascinado pelo verbo “saltitar”. “Aonde?”

“Para seus antigos alojamentos, que, segundo ele, o senhor conhece. Ele gostaria que guardasse segredo. Diz para não trazer nenhum indivíduo.”

“Bem, você pode vir, Christophe. Você não é um indivíduo.”

O rapaz sorri.

Ele fica apreensivo; não gosta nada da ideia de cruzar os arredores da abadia, os grupos de bêbados à noite, sem ninguém para lhe guardar as costas. Infelizmente, um homem não pode ter duas frentes.

Eles estão quase chegando ao alojamento de Cranmer quando a fadiga envolve seus ombros como um manto de ferro. “Vamos parar por um momento”, ele diz a Christophe. Nas últimas noites, ele praticamente não dormiu. Respira fundo, na sombra; aqui está frio, e quando passa à área dos claustros, ele mergulha na noite. Os quartos ao redor estão fechados, vazios, nenhum som vindo de dentro. Às suas costas, gritos emergem das ruas de Westminster, como os urros dos perdidos depois de uma batalha.

Cranmer ergue o olhar; já está à escrivania. “Estes são dias que jamais esqueceremos. Ninguém que perdeu esse evento acreditaria. O rei falou palavras afetuosas a seu respeito hoje. Creio que ele pretendia que eu as transmitisse.”

“Eu me pergunto por que perdi tempo pensando no custo dos tijolos para a Torre. Agora me parece um item tão sem importância.

E amanhã haverá justas. Pensa em comparecer? Meu rapaz Richard está nas listas, combate homem a homem.”

“Ele vencerá”, declara Christophe. “*Paf*, e o sujeito cai duro, e nunca se levanta de novo.”

“Silêncio”, ordena Cranmer. “Você não está aqui, menino. Cromwell, por favor.”

Ele abre a porta nos fundos da câmara. Ele estica o pescoço: emoldurados pela porta, à meia-luz, ele vê uma mesa, um banco, e no banco uma mulher aguarda, jovem, tranquila, a cabeça baixa sobre um livro. Ela ergue os olhos. “*Ich bitte Sie, ich brauch’ eine Kerze.*”

“Christophe, uma vela para a moça.”

Ele reconhece o livro diante dela; é um tratado de Lutero. “Posso?” Ele pede licença e pega o tomo.

Ele lê. Sua mente salta entre as linhas. Seria ela uma fugitiva que Cranmer está abrigando? Será que ele sabe o preço, se ela for capturada? Ele tem tempo de ler meia página antes que o arcebispo adentre pé ante pé, com uma desculpa tardia. “Esta mulher é...?”

Cranmer responde: “Margarete. Minha esposa”.

“Deus do céu!” Ele atira o Lutero sobre a mesa. “O que fez? Onde a encontrou? Na Germânia, é claro. Foi por isso que demorou a voltar. Eu entendo agora. Por quê?”

Cranmer responde, humildemente: “Não pude evitar”.

“Sabe o que o rei fará quando descobrir seu segredo? O carrasco de Paris inventou uma máquina, com uma trave de contrapeso; devo desenhá-la para você? Durante a execução, a máquina mergulha o herege no fogo e o levanta de novo, para que as pessoas possam ver os estágios da sua agonia. Agora Henrique vai querer arranjar uma. Ou ele arranjará um aparelho para serrar sua cabeça do pescoço ao longo de quarenta dias seguidos.”

A jovem ergue os olhos. “*Mein Onkel...*”

“E quem é ele?”

Ela menciona um teólogo, Andreas Osiander: um luterano de Nuremberg. Seu tio e os amigos, ela diz, e os homens cultos de sua cidade, eles acreditam que...

“Pode ser a crença do seu país, madame, que um pastor deva ter uma esposa, mas aqui não. O dr. Cranmer não lhe avisou?”

“Por favor”, implora Cranmer, “diga-me o que ela está falando. Ela me culpa? Ela deseja voltar para casa?”

“Não. Não, ela diz que é bondoso. O que deu no senhor, homem?”

“Eu lhe disse que tinha um segredo.”

Realmente disse. No rodapé de uma carta. “Mas mantê-la aqui, debaixo do nariz do rei?”

“Eu a tenho deixado no campo. Mas não pude recusar seu desejo de ver as celebrações.”

“Ela saiu pelas ruas?”

“Por que não? Ninguém a conhece.”

Verdade. A proteção de uma estranha na cidade; uma jovem de touca e vestido alegre, um par de olhos entre outros milhares: é fácil esconder uma árvore na floresta. Cranmer se aproxima dele e abre as mãos, recém-banhadas com óleo sagrado; belas mãos, dedos longos, os pálidos retângulos de suas palmas cruzados e recruzados por notícias de viagens marítimas e alianças. “Eu o chamei aqui como meu amigo. Pois eu o considero meu melhor amigo neste mundo, Cromwell.”

Assim, não há nada a fazer na amizade além de tomar esses dedos ossudos entre os seus. “Muito bem. Encontraremos um jeito. Manteremos sigilo sobre sua dama. Só me pergunto por que não a deixou com sua própria família, até que tenhamos o rei na nossa causa.”

Margarete os observa, os olhos azuis saltando de rosto para rosto. Ela se ergue e empurra a mesa para longe de si; ele observa como ela executa o movimento e seu coração dá um salto. Pois ele já viu uma mulher fazendo isso antes, sua própria esposa, e recorda

como ela punha a palma das mãos na superfície para se erguer. Margarete é alta, e o volume de seu ventre se revela logo acima do tampo da mesa.

“Jesus!”, exclama ele.

“Eu espero que seja uma menina”, diz o arcebispo.

“Para quando?”, ele pergunta a Margarete.

Em vez de responder, ela toma sua mão. Margarete a deposita sobre sua barriga, apertando-a com a própria mão. No espírito das celebrações, a criança está dançando: a espanholeta, o Estampie Royal. Isso aqui talvez seja um pé; isso, um punho. “Você precisa de uma amiga”, ele diz. “Uma mulher para acompanhá-la.”

Quando ele marcha para fora da sala, Cranmer o segue. “Quanto a John Frith...”, ele começa.

“O que tem?”

“Desde que ele foi trazido a Croydon, eu o vi três vezes privadamente. Um jovem valoroso, uma criatura das mais gentis. Conversei com ele por horas, e não lamento um só segundo, mas não consigo desviá-lo do seu caminho.”

“Ele deveria ter fugido para os bosques. Esse era o caminho dele.”

“Nem todos...” Cranmer deixa cair os olhos. “Perdoe-me, mas nem todos conseguem ver tantos caminhos quanto o senhor.”

“Então deve entregá-lo a Stokesley agora, pois ele foi detido na diocese de Stokesley.”

“Quando o rei me outorgou essa posição, quando insistiu que eu ocupasse esse cargo, jamais pensei que uma das minhas primeiras ações seria confrontar um jovem como John Frith e tentar arrancá-lo da sua fé.”

Seja bem-vindo a este mundo decaído. “Não posso mais adiar”, conclui Cranmer.

“Sua esposa também não.”

As ruas em torno de Austin Friars estão quase desertas. Fogueiras estão acesas por toda a cidade, e as estrelas são obscurecidas pela fumaça. Seus guardas estão aos portões: sóbrios, alegra-se em notar. Ele se detém para trocar algumas palavras; há certa arte em ter pressa sem demonstrá-lo. Depois ele entra e diz: “Quero ver a sra. Barre”.

A maior parte da casa saiu para ver as fogueiras e ficará fora até meia-noite, dançando. Eles têm permissão para isso; quem mais deveria celebrar a nova rainha, senão eles? John Page aparece: algo a fazer, senhor? William Brabazon, pena em punho, um dos antigos membros da equipe de Wolsey: os assuntos do rei nunca param. Thomas Avery, recém-saído de suas contas: sempre há dinheiro entrando, dinheiro saindo. Quando Wolsey caiu, a criadagem o desertou, mas os servos de Thomas Cromwell ficaram para auxiliá-lo até o final.

Uma porta bate no andar de cima. Rafe desce, as botas estrepitando, os cabelos eriçados. Ele parece afogueado e confuso. “Senhor?”

“Não é você que eu quero. Sabe se Helen está aqui?”

“Por quê?”

Naquele momento, Helen aparece. Ela está prendendo os cabelos sob uma touca limpa. “Preciso que faça uma mala e venha comigo.”

“Por quanto tempo, senhor?”

“Não sei dizer.”

“Para sair de Londres?”

Ele pensa, farei algum arranjo. As esposas e filhas dos homens da cidade, mulheres discretas, elas arrumarão criados e uma parteira para Margarete, alguma mulher competente que colocará o filho de Cranmer em suas mãos. “Talvez por um tempo curto.”

“As crianças...”

“Nós cuidaremos das suas filhas.”

Helen assente e se afasta às pressas. Ele gostaria de ter homens tão rápidos quanto ela a seu serviço. Rafe a chama. “Helen...” Ele parece irado. “Para onde ela vai, senhor? O senhor não pode simplesmente arrastá-la no meio da noite.”

“Ah, eu posso”, ele responde, suavemente.

“Eu preciso saber.”

“Acredite em mim, não precisa.” Ele cede um pouco. “Ou, se precisa, este não é o momento. Rafe, estou cansado. Não vou discutir.”

Talvez ele devesse ter deixado para Christophe e outros membros menos questionadores de sua casa a tarefa de levar Helen do calor de Austin Friars ao gelo dos claustros da abadia; ou poderia ter esperado pela chegada da manhã. Mas sua mente está aflita com a solidão da esposa de Cranmer, a estranheza da cidade *en fête*, o aspecto desértico de Cannon Row, onde bandidos certamente espreitam até nos arredores da abadia. Mesmo no tempo do rei Ricardo, o distrito era lar de bandos de ladrões que perambulavam à noite a seu bel-prazer, e quando a manhã chegava, aglomeravam-se novamente para pedir santuário, e também sem dúvida para partilhar os espólios com o clero. Ele pensa, eu farei uma limpa nessa gente. Meus homens irão atrás deles como furões num buraco.

Meia-noite: a pedra exala um hálito musguento, o calçamento está escorregadio com as emanções da cidade. Helen lhe dá a mão. Um criado os admite, olhos baixos; ele lhe passa uma moeda para que seus olhos não se elevem jamais. Nenhum sinal do arcebispo: ótimo. Uma lanterna está acesa. Uma porta entreaberta. A esposa de Cranmer está deitada numa pequena cama dobrável. Ele diz a Helen: “Há aqui uma dama que precisa da sua compaixão. Veja a situação dela. Não fala inglês. De qualquer maneira, nem precisa lhe perguntar o nome”.

“Aqui está Helen”, diz ele. “Ela tem duas filhas. Helen a ajudará.”

De olhos fechados, a sra. Cranmer apenas assente e sorri. Mas quando Helen põe a mão delicada sobre a sua, Margarete estende o braço e a afaga.

“Onde está seu marido?”

“*Er betet.*”

“Espero que esteja rezando por mim.”

No dia da execução de Frith, ele está caçando com o rei nos campos próximos a Guildford. Chove antes do amanhecer, uma violenta borrasca dobra as copas das árvores: chove por toda a Inglaterra, alagando as plantações. O ânimo de Henrique não se deixa abalar. Ele se senta para escrever a Ana, deixada em Windsor. Depois de retorcer a pena entre os dedos, virar e revirar o papel, ele perde a vontade: escreva para mim, Cromwell, eu vou lhe dizer o que colocar na carta.

Um aprendiz de alfaiate será executado com Frith na fogueira: Andrew Hewitt.

Catarina costumava cercar-se de relicários, diz Henrique, quando entrava em trabalho de parto. Um cinturão da Santa Virgem. Eu o aluguei.

Duvido que a rainha deseje essas coisas.

E preces especiais a santa Margarida. Coisas de mulheres.

Melhor se deixadas ao encargo delas, senhor.

Mais tarde, ele ouve que Frith e o rapaz sofreram, que o vento soprou as chamas para longe repetidamente. A morte é uma zombeteira; quando a chamamos, ela não vem. É um coringa e espreita nas sombras, com um véu negro sobre o rosto.

Há casos de suor pestilento em Londres. O rei, que é a síntese de todo o seu povo, sente todos os sintomas todos os dias.

Agora Henrique observa a chuva que cai. Animando-se, ele diz, pode ser que melhore, Júpiter está ascendendo. Bem, diga a ela, à rainha...

Ele espera, a pena preparada.

Não, já é o bastante. Dê cá, Thomas, vou assiná-la.

Ele espera para ver se o rei desenhará um coração. Mas as frivolidades do namoro estão acabadas. O casamento é um negócio sério. *Henricus Rex*.

Acho que estou com cólica, diz o rei. Acho que estou com dor de cabeça. Eu me sinto zozzo, e há manchas negras diante dos meus olhos, isso é um sinal, não é?

Se vossa majestade repousar um pouco..., ele diz. E tomar coragem.

Sabe o que eles dizem sobre os suores. Alegre no desjejum, morto no jantar. Mas sabia que a doença pode matar em duas horas?

Ouvi dizer que algumas pessoas morrem de medo, ele diz.

À tarde, o sol luta para surgir entre as nuvens. Rindo, Henrique esporeia seu corcel de caça sob as árvores gotejantes. Em Smithfield, Frith é recolhido por uma pá, sua juventude, sua graça, seu conhecimento e sua beleza: um compacto de lama, gordura e ossos carbonizados.

O rei tem dois corpos. O primeiro existe nos limites de seu ser físico; pode ser medido, e muitas vezes Henrique se mede, a cintura, a panturrilha, as outras partes. O segundo é seu duplo principesco, que paira, sem amarras, sem peso, e pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Henrique pode estar caçando na floresta, enquanto seu duplo principesco faz leis. Um combate, o outro ora pela paz. Um exhibe o halo do mistério de sua realeza: o outro está devorando um pato com ervilhas.

Agora o papa diz que o casamento com Ana é nulo. Ele excomungará Henrique se ele não voltar para Catarina. A cristandade o abandonará, corpo e alma, e seus súditos se erguerão e o destronarão, para a ignomínia, o exílio; nenhum solo cristão o abrigará, e quando ele morrer, seu corpo será enterrado com ossos de animais numa vala comum.

Ele ensinou Henrique a chamar o papa de “bispo de Roma” e a rir quando seu nome é mencionado. Mesmo quando é uma risada incerta, é melhor que sua antiga genuflexão.

Cranmer convidou a profetisa, Elizabeth Barton, a uma reunião na sua casa em Kent. Ela tem uma visão de Maria, a antiga princesa, como rainha? Sim. De Gertrude, Lady Exeter, como rainha? Sim. Educadamente, Cranmer explica: as duas visões não podem ser verdadeiras. A Donzela responde: só relato o que vejo. Ele escreve que ela é animada e cheia de confiança; que está acostumada a lidar com arcebispos e que o toma por um novo Warham, que se aferrava a cada palavra sua.

Ela é um rato sob a pata do gato.

A rainha Catarina está de mudança, sua criadagem muito reduzida, para o palácio do bispo de Lincoln, em Buckden; uma velha mansão de tijolos vermelhos, com um grande salão e jardins que se derramam em bosques e campinas e assim se precipitam sobre a paisagem pantanosa. Setembro trará as primeiras frutas do outono para ela, assim como outubro trará a neblina.

O rei exige que Catarina entregue, para o filho de Ana, as vestes em que a menina Maria foi batizada. Quando escuta sobre a resposta de Catarina, ele, Thomas Cromwell, ri. A natureza prejudicou Catarina, ele diz, ao não fazer dela um homem; ela teria superado todos os heróis da Antiguidade. A carta, em que ela é tratada de “princesa viúva”, foi apresentada a Catarina; chocados, os emissários lhe mostram como a pena de Catarina rasgou o papel ao rasurar o novo título.

Os rumores abundam nas curtas noites de verão. A aurora os revela como cogumelos na grama úmida: membros da casa de Thomas Cromwell andaram procurando por uma parteira nas primeiras horas da manhã; ele está escondendo uma mulher em alguma de suas casas de campo, uma estrangeira que lhe deu uma filha. Faça o que fizer, ele diz a Rafe, não defenda minha honra. Tenho mulheres assim por todos os lados.

Eles vão acreditar, diz Rafe. O boato na cidade é de que Thomas Cromwell tem uma prodigiosa...

Memória, ele interrompe. Eu tenho um arquivo enorme. Um grande sistema de armazenamento, no qual estão gravados (sob seus nomes, e também suas ofensas) os detalhes de gente que se mete no meu caminho.

Todos os astrólogos dizem que o rei terá um filho. Mas é melhor não lidar com essa gente. Um homem o procurou meses atrás, oferecendo-se para fabricar uma pedra filosofal para o rei e, quando recebeu ordens de sumir das suas vistas, ele se tornou grosseiro e contrariado, como fazem esses alquimistas, e agora prediz que o rei vai morrer este ano. Esperando na Saxônia, ele diz, está o filho mais velho do falecido rei Eduardo. Achavam que ele era um esqueleto oculto sob o pavimento da Torre, e que apenas seus assassinos sabiam onde estava? Pois se enganam, ele é um homem-feito e está pronto para reivindicar seu reino.

Ele faz as contas: Eduardo v, se estivesse vivo, faria sessenta e quatro anos em novembro. Está um pouco atrasado para o combate, ele diz.

Ele manda prender o alquimista na Torre, para que ele repense sua posição.

Nada mais chega de Paris. O que quer que seja que Maître Guido planeja, ele tem sido bastante discreto a respeito.

Hans Holbein diz: Thomas, finalizei suas mãos, mas ainda não dei muita atenção ao seu rosto. Prometo que neste outono vou pôr os últimos retoques em você.

Suponhamos que dentro de cada livro haja outro livro, e dentro de cada letra de cada página haja outro volume que se desdobra constantemente, mas esses volumes não tomam qualquer espaço na mesa. Suponhamos que o conhecimento possa ser reduzido a uma quintessência, contido numa imagem, num símbolo, contido num lugar que é lugar nenhum. Suponhamos que o crânio humano

se expandisse, com espaços se abrindo em seu interior, câmaras ecoantes como colmeias.

Lorde Mountjoy, camareiro de Catarina, enviou uma lista com todas as necessidades para o parto de uma rainha da Inglaterra. Ele se diverte com a discreta e civilizada passagem do bastão; a corte e seu cerimonial continuam, e não importa quem são os encarregados, embora esteja claro que lorde Mountjoy o toma pelo homem à frente de tudo agora.

Ele vai a Greenwich e reorganiza os aposentos, preparando-os para Ana. Redigem proclamações (sem data) a serem feitas ao povo da Inglaterra e aos governantes da Europa, anunciando o nascimento de um príncipe. Ele sugere: em vez de “príncipe”, escrevam apenas “princ.”, assim, se necessário, poderemos completar depois com... Mas eles o encaram como se fosse um traidor, e assim ele não conclui o raciocínio.

Quando uma mulher se recolhe para dar à luz, o sol pode brilhar, mas as janelas de seu quarto são fechadas para que ela possa controlar seu próprio clima. Ela é conservada no escuro, para que possa sonhar. Seus sonhos a levam para longe, da *terra firma* a um pedaço de terra pantanosa, a um ancoradouro, a um rio onde a neblina se fecha sobre a margem oposta, e chão e céu são inseparáveis; ali ela deve embarcar em direção à vida e à morte, com uma figura muda ao leme, marcando o tempo dos remos. Nessa embarcação, são proferidas preces que jamais chegarão aos ouvidos dos homens. Barganhas são seladas entre uma mulher e seu Deus. O rio é caudaloso, e entre uma silenciosa remada e a próxima, a maré pode virar.

A 26 de agosto de 1533, uma procissão escolta a rainha para os aposentos selados em Greenwich. Seu esposo lhe dá um beijo, *adieu* e *bon voyage*, e ela não sorri nem fala. Está muito pálida, solene, uma diminuta cabeça coroada equilibrada na tenda oscilante de seu corpo, seus passos pequenos e circunspectos, um livro de preces nas mãos. No cais, ela volta a cabeça: um olhar prolongado.

Ela o vê; ela vê o arcebispo. Um último olhar e, por fim, com suas aias firmando seus cotovelos, ela pousa o pé sobre o barco.

2. O cuspe do demônio

Outono e inverno de 1533

É magnífico. No momento do impacto, os olhos do rei estão abertos, seu corpo preparado para o *atteint*; ele recebe o golpe perfeitamente, a força é absorvida pelo corpo solidamente couraçado, movendo-se na direção correta, na velocidade ideal. Sua cor não se altera. Sua voz não estremece.

“Saudável?”, ele indaga. “Pois então agradeço a Deus por seu favor a nós. Assim como agradeço aos senhores, milordes, por essa confortável informação.”

Ele pensa, Henrique esteve ensaiando. Creio que todos nós estivemos.

O rei se afasta para os próprios aposentos. Mas diz, sobre o ombro: “Ela se chamará Elizabeth. Cancelem as justas”.

Um balido de um Bolena: “As outras cerimônias correrão como planejado?”.

Sem resposta. Tudo como planejado, até que tenhamos ordem em contrário, decide Cranmer. Eu serei padrinho para a... a princesa. Ele vacila; mal pode acreditar. Para si, Cranmer pediu uma filha, e recebeu uma filha. Seus olhos estão grudados nas costas do rei em retirada. “Ele não perguntou sobre a rainha. Não perguntou como ela está.”

“Isso pouco importa, não?”, diz Edward Seymour, dizendo brutalmente o que todos estão pensando.

Henrique se detém em sua longa e solitária retirada, e dá meia-volta. “Meu lorde arcebispo. Cromwell. Mas só vocês.”

Na câmara de Henrique: “Vocês imaginaram isso?”.

Alguns sorriam. Não ele. O rei desaba numa cadeira. Surge um impulso de pousar a mão em seu ombro, como se faz para qualquer ser inconsolável. Mas ele resiste; apenas dobra os dedos, de forma protetora, formando o punho que segura o coração do rei. “Um dia faremos um grande casamento para ela.”

“Pobre criatura. A própria mãe desejará que ela desapareça.”

“Vossa majestade é bastante jovem”, argumenta Cranmer. “A rainha é forte e sua família é fértil. Logo o senhor poderá ter outro filho. E talvez Deus esteja planejando alguma bênção particular através desta princesa.”

“Meu querido amigo, tenho certeza de que está certo.” Henrique soa dubio, mas olha ao seu redor para extrair força do ambiente, como se Deus tivesse deixado alguma mensagem amigável escrita na parede, talvez: entretanto, só existem precedentes de hostilidade. Ele respira fundo e se ergue, sacudindo as mangas. Henrique sorri: e os outros quase o agarram em pleno voo, como se fosse um pássaro com um coração que bate forte, o ato de vontade que transforma um homem devastado na luz de sua nação.

Mais tarde, ele diz baixinho a Cranmer: “Foi como ver Lázaro ressuscitando”.

Logo Henrique está passeando pelo palácio de Greenwich, tratando de dar andamento às celebrações. Nós somos bastante jovens, e da próxima vez será um menino. Um dia faremos um grande casamento para ela. Acreditem, Deus planeja alguma bênção particular por intermédio desta princesa.

O rosto de Bolena se ilumina. É domingo, quatro horas da tarde. Ele sai e ri um pouco dos escrivães que puseram “príncipe” em suas proclamações e que agora têm de corrigir tudo; depois ele volta a calcular os gastos para o séquito da nova princesa. Ele aconselhou que Gertrude, Lady Exeter, esteja entre os padrinhos da criança. Por

que só a Donzela pode ter uma visão de Gertrude? Fará bem a ela ser vista por toda a corte, ostentando um sorriso forçado e erguendo o bebê de Ana para a pia batismal.

Trazida a Londres, a Donzela é mantida numa casa especial, onde as camas são macias e as vozes à sua volta, as vozes das mulheres Cromwell, quase não perturbam suas preces; onde a chave se volta na tranca oleada com um clique tão discreto quanto um osso de pássaro que se parte. “Ela se alimenta?”, ele pergunta a Mercy, e ela diz: “Com o mesmo apetite que você... bem, não, Thomas, talvez não exatamente com seu apetite”.

“Eu me pergunto o que houve com o projeto da Donzela de se alimentar apenas da hóstia da Comunhão?”

“Aqueles padres e monges que a lançaram nesse curso... eles não podem vê-la jantando, podem?”

Longe do escrutínio dos clérigos, a freira começou a agir como uma mulher comum, reconhecendo as simples necessidades de seu corpo, como qualquer um que deseja viver; mas talvez seja tarde demais. Ele fica contente em ver que Mercy não diz, ahh, pobre alma inofensiva. Que ela não seja inofensiva por natureza, é coisa que fica clara quando eles a levam para o interrogatório no palácio de Lambeth. Alguém imaginaria que o lorde chanceler Audley, com o colar do ofício pendurado em sua esplêndida pessoa, seria o bastante para subjugar qualquer moça do campo. Acrescente-se o arcebispo da Cantuária, e há de supor que uma jovem freira sentiria certo temor. Mas não, nada, nem uma gota. A Donzela trata Cranmer com condescendência — como se ele fosse um noviço na vida religiosa. Quando ele a desafia em qualquer ponto e pergunta, “Como sabe isso?”, ela sorri com benevolência e diz: “Um anjo me contou”.

Para a segunda sessão, Audley traz consigo Richard Riche, que fará anotações para o comitê e acrescentará quaisquer pontos que lhe ocorram. Ele agora é Sir Richard, ungido e promovido a

procurador-geral. Em seus dias de estudante, ele ficou conhecido pela língua afiada e caluniosa, pela irreverência com seus superiores, por beber e fazer apostas altas. Mas se todos fôssemos julgados pelo que éramos aos vinte anos, quem poderia manter a cabeça erguida? No fim das contas, Riche demonstrou um talento para redigir leis que só fica a dever ao dele próprio. Sob os cabelos macios e louros, as feições se crispam em concentração; os meninos o chamam Sir Bolsinha. Vendo Riche organizar seus papéis com precisão, ninguém pensaria que ele já foi a grande desgraça do Inner Temple. Para provocar Riche, ele repete a frase num murmúrio, enquanto eles esperam que a Donzela seja trazida. Bem, mestre Cromwell!, responde Riche, e quanto ao senhor e aquela abadessa em Halifax?

Ele sabe que é inútil negar a história, ou qualquer das anedotas que o cardeal contava a seu respeito. “Ah, aquilo”, ele comenta. “Não foi nada; em Yorkshire, é esperado.”

Ele teme que a moça tenha escutado o fim da conversa, pois, ao tomar o assento designado para ela, a Donzela lhe dirige um olhar particularmente implacável. Ela arruma as saias, cruza os braços e espera que eles a divirtam. A sobrinha dele, Alice Wellyfed, está sentada numa banqueta junto à porta, de prontidão caso haja desmaios ou outros problemas. Entretanto, apenas uma olhada na Donzela já mostra que ela não corre maior risco de desmaiar que o próprio Audley.

“Posso?”, indaga Riche. “Começar?”

“Oh, por que não?”, responde Audley. “O senhor é jovem e corajoso.”

“Essas suas profecias: a senhora vive modificando a época dos desastres que prevê, mas vejo que declarou que o rei não reinaria por mais de um mês depois do seu casamento com Lady Ana. Bem, os meses se passaram, Lady Ana é rainha coroada, e deu uma bela filha ao rei. Portanto, o que tem a dizer agora?”

“Eu digo que aos olhos do mundo ele parece ser rei. Mas aos olhos de Deus”, ela dá de ombros, “não mais. Não é um verdadeiro rei, do mesmo modo que ele”, ela aponta para Cranmer com a cabeça, “não é um verdadeiro arcebispo.”

Mas Riche não se deixa distrair. “Então haveria justificativa para iniciar uma rebelião contra ele? Destroná-lo? Assassiná-lo? Pôr outro no seu lugar?”

“Bem, o que o senhor acha?”

“E entre os pretendentes, sua escolha repousou na família Courtenay, e não nos Pole. Henry, marquês de Exeter, e não Henry, lorde Montague. Ou”, ele pergunta, simpático, “será que a senhora os confundiu?”

“Claro que não.” Ela cora. “Eu conheci ambos os cavalheiros.”

Riche faz uma anotação.

Audley indaga: “Veja bem, Courtenay, que é lorde Exeter, descende de uma filha do rei Eduardo. Lorde Montague descende do irmão do rei Eduardo, o duque de Clarence. Como a senhora mede essas reivindicações? Afinal, já que estamos falando de verdadeiros reis e falsos reis, alguns dizem que Eduardo foi um bastardo e que sua mãe o gerou com um arqueiro. Eu me pergunto se a senhora poderia lançar alguma luz sobre o assunto?”.

“E por que ela faria isso?”, Riche indaga.

Audley revira os olhos. “Porque ela fala com os santos nas alturas! Eles saberiam dizer.”

Ele olha para Riche e é como se pudesse ler seus pensamentos: o livro de Maquiavel diz, o príncipe sábio extermina os cobiçosos, e se eu, Riche, fosse rei, os pretendentes e suas famílias estariam mortos. A moça se prepara para a pergunta seguinte: como pode ser que ela tenha visto duas rainhas em suas revelações? “Imagino que isso se resolverá em batalha?”, ele sugere. “É bom ter alguns reis e rainhas de reserva, caso pretenda começar uma guerra em algum país.”

“Não é necessário haver uma guerra”, responde a freira. Ah? Sir Bolsinha se apruma: isso é novidade. “Em vez disso, Deus está mandando uma praga para a Inglaterra. Henrique estará morto dentro de seis meses. E ela também, a filha de Thomas Bolena.”

“E eu?”

“O senhor também.”

“E todos neste salão? Exceto você, claro. Todos incluindo Alice Wellyfed, que nunca lhe fez mal algum?”

“Todas as mulheres da sua casa são hereges, e a peste apodrecerá seus corpos e almas.”

“E quanto à princesa Elizabeth?”

Ela se vira no assento, para dirigir suas palavras a Cranmer. “Dizem que o senhor aqueceu a água quando a batizou, para poupá-la do choque. Deveria ter derramado água fervente.”

“Ah, Cristo do céu!”, Riche exclama, e atira sua pena sobre a mesa. Ele é um jovem pai amoroso, com uma filha no berço.

Ele pousa a mão confortadora sobre a do procurador-geral. Seria de imaginar que Alice necessitasse de consolo; mas, quando a Donzela a condenou à morte, ele dirigiu o olhar para a sobrinha nos fundos da sala e notou que seu rosto era uma imagem perfeita da zombaria. Ele se dirige a Riche. “Ela não pensou nada disso sozinha, a água fervente. É uma coisa que estão dizendo pela rua.”

Cranmer se encolhe; a Donzela o atingiu, marcou um ponto. Ele, Cromwell, diz: “Ontem eu vi a princesa. Ela está florescendo, apesar dos desejos dos odiosos”. Sua voz sugere calma: temos de pôr o arcebispo de volta na sela. Ele se dirige à vidente. “Diga-me: você localizou o cardeal?”

“O quê?”, indaga Audley.

“Madre Elizabeth disse que procuraria pelo meu antigo amo numa das suas excursões pelo céu, pelo inferno e o purgatório, e, na ocasião, eu propus arcar com os custos da sua viagem. Dei ao seu pessoal um valor de entrada... espero que vejamos algum progresso, não?”

“Wolsey teria vivido mais quinze anos”, declara a moça. Ele assente: ele mesmo disse isso. “Mas Deus o ceifou, como um exemplo. Vi demônios em disputa pela sua alma.”

“E sabe qual foi o resultado?”

“Não houve resultado. Procurei por ele em todos os lugares. Pensei que Deus o houvesse extinguido. E então eu o vi certa noite.” Uma hesitação longa, estratégica. “Vi sua alma aguardando entre os que ainda estão por nascer.”

Há um silêncio. Cranmer murcha em sua cadeira. Riche manuseia com delicadeza a extremidade de sua pena. Audley mexe num botão de sua manga, torce e retorce até que o fio se enrijece.

“Se quiser, posso rezar por ele”, prossegue a Donzela. “Deus geralmente ouve meus pedidos.”

“Antes, quando a senhora tinha conselheiros ao seu redor, o padre Bocking, o padre Gold, o padre Risby e o resto, esse seria o momento em que vocês começariam a barganhar. Eu proporia uma outra soma pela sua boa vontade, e seus diretores espirituais negociariam para aumentá-la.”

“Esperem.” Cranmer pausa a mão nas costelas. “Podemos retroceder? Lorde chanceler?”

“Podemos seguir em qualquer direção que meu lorde arcebispo deseje. Para cima, para os lados, como quiser...”

“Você vê demônios?”

Ela assente.

“Como eles aparecem?”

“Como pássaros.”

“Um alívio”, diz Audley secamente.

“Não, senhor. Lúcifer fede. Suas patas são deformadas. Ele chega como um galo emporcalhado em sangue e excremento.”

Ele ergue os olhos para Alice, pronto para mandá-la para fora. E pensa: o que fizeram com essa mulher?

Cranmer diz: “Deve ser desagradável para você. Mas eu compreendo que é uma característica dos demônios, mostrar-se em

mais de uma forma”.

“Sim, eles fazem isso para confundir. Ele aparece como um jovem.”

“Mesmo?”

“Certa vez, ele trouxe uma mulher para minha cela à noite.” Ela se detém. “Ele a apalpava.”

Riche: “Ele é conhecido pela falta de vergonha”.

“Tanto quanto o senhor.”

“E o que mais, madre Elizabeth? Depois do apalpamento?”

“Levantou as saias dela.”

“E ela não resistiu?”, indaga Riche. “A senhora me surpreende.”

“É o príncipe Lúcifer, não duvido que ele tenha um certo jeito para a coisa”, diz Audley.

“Na minha frente, ele fez o que quis com ela, na minha cama.”

Riche faz uma anotação. “Essa mulher, você a conhecia?” Sem resposta. “E o demônio não tentou o mesmo com você? Pode falar à vontade. Isso não será usado contra sua pessoa.”

“Ele se aproximou para me seduzir. Pavoneando-se na sua casaca de seda azul, é a melhor que ele tem. E calças novas com diamantes descendo pelas pernas, de alto a baixo.”

“Diamantes descendo pelas pernas”, ele repete. “Isso sim deve ter sido uma tentação, não?”

Ela balança a cabeça.

“Mas a senhora é bela e jovem; bela o bastante para qualquer homem, eu diria.”

Ela ergue os olhos; uma centelha de sorriso. “Mas eu não sou para o mestre Lúcifer.”

“O que ele disse quando o recusou?”

“Ele me pediu em casamento.” Audley põe a cabeça entre as mãos. “Eu respondi que fiz voto de castidade.”

“Ele não ficou furioso quando não consentiu?”

“Ah, sim. Ele cuspiu no meu rosto.”

“Eu não esperaria nada melhor dele”, retruca Riche.

“Eu limpei seu cuspe com um lenço. É negro. Tem o cheiro do inferno.”

“E como é isso?”

“Como algo apodrecido.”

“Onde está agora, esse lenço? Imagino que não o tenha mandado para as lavadeiras.”

“Dom Edward ficou com ele.”

“Ele mostra ao povo? Por dinheiro?”

“Por ofertas.”

“Por dinheiro.”

Cranmer tira o rosto das mãos. “Podemos fazer uma pausa?”

“Um quarto de hora?”, sugere Riche.

Audley: “Eu lhe disse que ele era jovem e corajoso”.

“Talvez nos reunamos amanhã”, diz Cranmer. “Preciso orar. E um quarto de hora não será o bastante.”

“Mas amanhã é domingo”, a freira argumenta. “Houve um homem que saiu para caçar num domingo e caiu dentro de um poço sem fundo até o inferno. Imagine só.”

“Como poderia não ter fundo”, retruca Riche, “se o inferno estava lá para recebê-lo?”

“Bem que eu gostaria de sair para caçar”, comenta Audley.

“Cristo sabe que eu correria esse risco.”

Alice se ergue de sua banquetta e faz sinal para sua escolta. A Donzela se põe de pé e abre um largo sorriso. Ela fez o arcebispo se encolher, e ele mesmo gelar, e quase levou o procurador-geral às lágrimas com seu discurso sobre bebês escaldados. Ela pensa que está vencendo: mas está perdendo, perdendo, perdendo sem parar. Alice pousa a mão delicada sobre seu braço, mas a Donzela a enxota.

“Nós deveríamos queimá-la”, Richard Riche sugere do lado de fora.

Cranmer: “Por mais que não gostemos de sua conversa sobre o falecido cardeal aparecendo para ela e sobre os demônios no seu

quarto de dormir, ela fala dessa forma porque foi ensinada a repetir as alegações de certas freiras que vieram antes, freiras que Roma se alegra em reconhecer como santas. Não posso condená-las por heresia, retrospectivamente. Tampouco tenho provas para julgar essa mulher por heresia”.

“Eu quis dizer: deveríamos queimá-la por traição.”

É a pena de morte para as mulheres; ao passo que o homem é enforcado quase até morrer, castrado e vagarosamente estripado pelo executor.

Ele responde: “Não há ação flagrante. Ela só expressou uma intenção”.

“Intenção de provocar uma rebelião e depor o rei, isso não deveria ser traição? As palavras foram pronunciadas como traição, há precedentes, os senhores os conhecem.”

“Ficarei impressionado”, diz Audley, “se tais precedentes houverem escapado a mestre Cromwell”, diz Audley.

É como se pudessem sentir o cheiro do cuspe do demônio; os homens quase se acotovelam para sair ao ar, que é brando, úmido: um leve aroma de folhas, uma luz suave, verde-ouro. Ele percebe que, nos anos vindouros, a traição tomará novas e variadas formas. Quando a última ata sobre traição foi escrita, ninguém podia fazer circular suas palavras em livro ou página impressa porque a prensa móvel ainda não existia. Por um momento, ele sente inveja dos mortos, daqueles que serviram aos reis em tempos mais vagarosos que estes; agora, os frutos de algum cérebro comprado ou envenenado podem ser disseminados pela Europa em um mês.

“Acho que novas leis são necessárias”, Riche sugere.

“Vou dar um jeito nisso.”

“E acho que essa mulher é tratada com demasiada complacência. Somos brandos demais. Estamos apenas brincando com ela.”

Cranmer se afasta, ombros caídos, o hábito roçando nas folhas. Audley vai até ele, vivaz e decidido, um homem ávido por

mudar de assunto. “Então, a princesa, diria que ela vai bem?”

Desembalada, a princesa foi posta sobre almofadas aos pés de Ana: um nó feminino, feio, purpúreo, urrando, com um tufo de cabelos claros eriçados e uma mania de chutar a camisola para cima, como se para exibir sua característica mais infeliz. Ao que parece, foram inventadas histórias de que o bebê de Ana nasceu com dentes, que tem seis dedos em cada mão e pelos por todo o corpo, como um macaco; assim, o pai a mostrou nua aos embaixadores e a mãe a mantém sob as vistas, na esperança de desfazer os boatos. O rei escolheu Hatfield como morada para a princesa, e Ana respondeu: “Creio que poderíamos poupar gastos e fixar a ordem apropriada das coisas se a casa de Mari Espanhola fosse desmontada e ela se tornasse membro da casa da princesa Elizabeth, minha filha”.

“No cargo de...?” A criança está quieta; ele nota que ela acabou de comprimir o punho entre as mandíbulas, como se canibalizasse a si mesma.

“No cargo de serviçal da minha filha. O que mais ela seria? Não pode haver qualquer falsa igualdade. Maria é uma bastarda.”

O breve alívio acabou; a princesa lança um guincho que poderia acordar os mortos. O olhar de Ana desliza de lado, seu rosto é dominado por um meio sorriso de encantamento e ela se inclina em direção à filha; contudo, as mulheres logo invadem o recinto, alvoroçadas e rápidas; aos berros, a criatura é arrebatada, embalada, retirada, e os olhos da rainha seguem lamentavelmente a partida do fruto de seu ventre e sua procissão. Ele explica, com delicadeza: “Acho que ela estava com fome”.

Noite de sábado: jantar em Austin Friars para Stephen Vaughan, em trânsito com tanta frequência: William Butts, Hans, Kratzer, Me-Chame-Risley. A conversa se dá em vários idiomas e Rafe Sadler traduz com destreza e facilidade, a cabeça virando de um lado para

outro: tópicos elevados e corriqueiros, assuntos de Estado e mexericos, a teologia de Zwingli, a esposa de Cranmer. Quanto à última, não foi possível abafar os rumores no Steelyard e na cidade; Vaughan diz: “É possível que Henrique saiba e não saiba ao mesmo tempo?”.

“É perfeitamente possível. Ele é um príncipe de capacidades muito amplas.”

Cada dia mais amplas, diz Wriothesley, rindo; o dr. Butts comenta: ele é um daqueles homens que precisam estar em atividade, e sua perna tem lhe causado problemas ultimamente, aquela velha ferida; mas, pensem bem, não é compreensível que um homem que não se poupa no campo de caça e na arena das justas adquira algum machucado com o tempo, se ele tem a idade do rei? Este ano ele fará quarenta e três, como sabem, e eu ficaria contente em conhecer sua opinião sobre o que os planetas sugerem, Kratzer, para os anos mais avançados de um homem cujo mapa é tão dominado por ar e fogo; aliás, eu sempre adverti sobre a lua do rei em Áries (signo irascível e impulsivo) na casa do matrimônio, não?

Ele comenta, impaciente: ouvimos muito pouco sobre essa lua em Áries enquanto ele esteve firme com Catarina por vinte anos. Não são as estrelas que nos fazem, dr. Butts, e sim a circunstância e a *necessità*, as escolhas que fazemos sob pressão; nossas virtudes nos criam, mas virtudes não são o bastante, às vezes temos que empregar nossos vícios. Ou não concorda?

Ele gesticula para que Christophe encha as taças. Eles falam sobre a casa da moeda, onde Vaughan terá um cargo; sobre Calais, onde Honor Lisle parece mais ocupada com política do que seu esposo, o governador. Ele pensa em Guido Camillo em Paris, perambulando aflito entre as paredes de madeira de sua máquina da memória, enquanto o conhecimento se reproduz sozinho e invisível em suas cavidades e espaços internos ocultos. Ele pensa na Sagrada Donzela — agora já desmascarada como nada sagrada

e nada donzela —, sem dúvida neste momento sentada para jantar com as sobrinhas dele. Ele pensa em seus companheiros de interrogatório: Cranmer ajoelhado em preces, Sir Bolsinha fechando a cara para as transcrições do dia, Audley — o que o lorde chanceler estará fazendo? Polindo seu colar de ofício, ele conclui. Ele pensa em perguntar a Vaughan, sem que os outros ouçam: não havia uma moça na sua casa chamada Jenneke? O que aconteceu com ela? Mas Wriothesley interrompe sua linha de raciocínio: “Quando veremos o retrato do meu amo? Faz algum tempo que vem trabalhando nele, Hans, já é hora de mandá-lo para casa. Estamos ansiosos para ver o que fez dele”.

“Ele ainda está ocupado com os enviados franceses”, responde Kratzer. “De Dinteville quer levar seu retrato consigo para casa, quando for reconvocado...”

Há algumas risadas às custas do embaixador francês, sempre fazendo as malas e tendo que desfazê-las novamente, quando seu amo ordena que fique onde está. “Em todo caso, espero que ele não leve o retrato embora cedo demais”, diz Hans, “porque pretendo mostrá-lo e receber encomendas por ele. Quero que o rei o veja, na verdade eu gostaria de pintar o rei, acham que eu conseguiria?”

“Vou perguntar a ele”, ele responde, com tranquilidade. “Deixe-me escolher o momento.” Seu olhar se dirige ao outro lado da mesa, para ver Vaughan corando de orgulho, como Júpiter numa abóbada pintada.

Depois que eles se levantam da mesa, os convidados comem confeitados de gengibre e frutas cristalizadas, e Kratzer faz alguns desenhos. Ele desenha o sol e os planetas se movendo em suas órbitas de acordo com o plano que aprendeu do padre Copérnico. Mostra como o mundo gira em seu eixo, e ninguém no salão contesta. Sob seus pés, eles podem sentir o puxão e o peso, as pedras rangendo para se deslocar de seus leitos, os oceanos oscilando e se batendo nas praias, o salto vertiginoso das passagens alpinas, as florestas da Germânia rompendo suas raízes

para se libertar. O mundo não é o mesmo de quando ele e Vaughan eram jovens, e nem sequer continua sendo igual ao que era nos dias do cardeal.

Já faz algum tempo que os convivas partiram quando a sobrinha Alice entra, avançando entre as sentinelas, envolta num manto; ela é escoltada por Thomas Rotherham, um dos jovens sob sua tutela, que vive na mansão. “Não tema, senhor”, diz ela, “Jo está sentada com madre Elizabeth, e nada escapa a Jo.”

Não mesmo? Aquela menina perpetuamente às lágrimas por conta de suas costuras estragadas? Aquela garotinha encardida, que às vezes era vista rolando sob a mesa com um cachorro molhado ou perseguindo um mascate pela rua? “Eu gostaria de lhe falar”, prossegue Alice, “se tiver algum tempo para mim.”

Claro, ele responde, tomando-a pelo braço e fechando a mão dela na sua; Thomas Rotherham empalidece — o que o intriga — e se retira.

Alice senta-se no escritório do tio. Ela boceja. “Perdão. Mas ela dá trabalho, e por muitas horas.” Alice enfia uma mecha de cabelos sob a touca. “Ela está prestes a se render. É corajosa na frente dos senhores, mas chora à noite, porque sabe que é uma fraude. E mesmo quando está chorando, ela espia por sob as pálpebras para ver qual efeito está causando.”

“Eu quero que isso acabe de uma vez”, ele responde. “Apesar de todos os problemas que ela causou, creio que não formamos um espetáculo muito edificante, três ou quatro eruditos, versados nas leis e nas escrituras, reunindo-se dia após dia e tentando passar uma rasteira numa menininha atrevida.”

“Por que vocês não a pegaram antes?”

“Eu não queria que ela fechasse a loja de profecias. Queria saber quem viria, quando ela assoviasse. E Lady Exeter veio, e o bispo Fisher também. E um monte de monges e padres tolos, cujos nomes já sei, e talvez uma centena cujos nomes ainda não descobri.”

“E o rei matará todos eles?”

“Bem poucos, espero.”

“O senhor o aconselha a ser misericordioso?”

“Eu o aconselho a ter paciência.”

“O que vai acontecer com ela? Madre Eliza?”

“Vamos indiciá-la.”

“Ela não acabará num calabouço?”

“Não, vou convencer o rei a tratá-la com consideração, ele é sempre... frequentemente respeitoso com qualquer pessoa na vida religiosa. Mas Alice”, ele vê que ela se desfaz em lágrimas, “acho que tudo isso foi pesado demais para você.”

“Não, de jeito nenhum. Nós somos soldados no seu exército.”

“Ela não anda apavorando você, falando sobre as ofertas pífidas do demônio?”

“Não, são as ofertas de Thomas Rotherham... ele quer se casar comigo.”

“Então é esse o problema dele!”, ele se diverte. “Ele não pode pedir pessoalmente?”

“Ele achou que o senhor o examinaria daquele seu jeito... como se o pesasse.”

Como uma moeda cunhada? “Alice, ele é dono de um bom pedaço de Bedfordshire, e sua propriedade vem prosperando muito bem desde que passei a administrá-la. E se gostam um do outro, como eu poderia objetar? Você é uma moça inteligente, Alice. Sua mãe”, ele diz com ternura, “e seu pai ficariam muito felizes por você, se pudessem vê-la.”

É por isso que Alice está chorando. Ela deve pedir a permissão de seu tio porque este último ano a tornou órfã. No dia em que sua irmã Bet morreu, ele estava no Norte com o rei. Henrique se recusava a receber qualquer mensageiro de Londres por medo de contágio, e assim Bet já estava morta e enterrada antes que o irmão soubesse de sua doença. Quando a notícia finalmente atravessou a barreira, o rei falou a ele com afeto, a mão sobre seu braço; falou de

sua própria irmã, a dama de cabelos de prata como uma princesa de fábula, arrebatada dessa vida para aqueles jardins do Paraíso que, segundo o rei, estavam reservados à realeza morta; pois é impossível, disse Henrique, imaginar aquela dama em qualquer lugar de baixo nível, qualquer sítio de escuridão, atrás das barras do purgatório, com as cinzas pairando no ar e o odor do enxofre, piche fervente e turbilhões de furiosas nuvens de granizo.

“Alice”, continua ele, “enxugue suas lágrimas, procure Thomas Rotherham e acabe com o sofrimento dele. Não precisa comparecer a Lambeth amanhã. Jo pode vir, se ela é tão formidável quanto você diz.”

Alice se detém na saída. “Mas eu tornarei a vê-la? Eliza Barton? Eu gostaria de vê-la antes que...”

Antes que eles a matem. Alice não é inocente do mundo. Tanto melhor. Veja como os inocentes terminam; usados por gente mergulhada em pecado e cinismo, destroçados para seus propósitos e triturados sob seus calcanhares.

Ele ouve Alice subindo as escadas às pressas. Ouve sua voz chamando “Thomas, Thomas...”. É um nome que alarmará metade da casa, interrompendo as preces da noite, saltando das próprias camas aos tropeções: sim, está procurando por mim? Ele cerra seu manto de pele em torno do corpo e sai para ver as estrelas. Os pátios de sua casa estão sempre bem iluminados; os jardins à luz das tochas são sítios de escavações, trincheiras abertas para fundações, terra acumulada em carrinhos e montes. A vasta estrutura de mourões da nova ala contrasta com o céu; a meia distância, a nova plantação, um pomar citadino onde Gregory um dia colherá frutas, e Alice, e os filhos de Alice. Ele já tem árvores frutíferas, mas quer cerejas e ameixas como as que comia no exterior, e peras maduras para apreciar à moda toscana, para contrastar sua carne firme e acre com o bacalhau salgado de inverno. Depois, no ano seguinte, pretende construir outro jardim na residência de caça que tem em Canonbury, fazer dele um retiro da

cidade, uma casa de veraneio. Ele também tem obras em andamento em Stepney, expansões: John Williamson supervisiona os construtores em seu lugar. Estranho, mas, como um milagre, a prosperidade da família parece tê-lo curado de sua tosse mortal. Eu gosto de John Williamson, ele pensa, como pude fazer aquilo, com a esposa dele...? Além dos portões, ele ouve gritos e exclamações, Londres jamais silencia ou se aquieta; há tanta gente nos cemitérios, mas os vivos desfilam nas ruas, bêbados arruaceiros brigam na ponte de Londres, fugitivos se esgueiram para roubar, prostitutas de Southwark berram seu preço como açougueiros vendendo carne morta.

Ele entra. Sua mesa o chama de volta. Num pequeno baú, ele guarda o livro de sua esposa, o livro de horas. Ali há preces que Liz inseriu em papéis avulsos. Diga o nome de Cristo mil vezes e ele afastará a febre. Mas na verdade não afasta, não é? A febre vem de qualquer maneira, e mata. Junto ao nome do primeiro marido, Thomas Williams, ela escreveu o nome do segundo, mas ele nota que ela jamais rasurou o nome de Tom Williams. Ela anotou os nascimentos de seus filhos, e ele escreveu junto deles as datas das mortes das filhas. Ele encontra um espaço onde anotar os casamentos dos filhos de suas irmãs: Richard com Frances Murfyn, Alice com seu pupilo.

Ele pensa: talvez eu tenha esquecido Liz. Antes parecia impossível que aquele peso algum dia se levantasse de seu peito, mas o fato é que arrefeceu o bastante para lhe permitir seguir com sua vida. Eu poderia me casar de novo, e não é o que todos vivem me dizendo para fazer? Ele pondera: agora nunca penso em Johane Williamson: não em Johane como ela foi para mim. Seu corpo outrora possuía um significado especial, mas aquele significado agora está desfeito; a carne criada sob os dedos dele, sacralizada pelo desejo, torna-se a substância corriqueira de uma esposa da cidade, uma mulher que se esvanece sem qualquer beleza especial.

Ele diz a si mesmo, nunca penso em Anselma agora; ela é apenas a mulher na tapeçaria, a mulher na trama da tela.

Ele pega sua pena. Eu me recuperei de Liz, diz a si mesmo. Será? Ele hesita, a pena na mão, pesada de tinta. Ele estica a página e rasura o nome do primeiro marido. E pensa, há anos quero fazer isso.

É tarde. No andar de cima, ele fecha as janelas, onde a lua espia com olhos vazios, como um bêbado perdido na rua. Christophe, dobrando roupas, indaga: “Existem *loups*? Neste reino?”.

“Acho que todos os lobos morreram quando as grandes florestas foram derrubadas. Os uivos que você ouve são apenas dos londrinos.”

Domingo: à luz rosácea, eles saem de Austin Friars. Seus homens vestidos com novas librés de cinza marmorizado escoltam a comitiva da casa para onde a freira está detida. Seria conveniente, pensa ele, se eu tivesse a barca de secretário-mor, em vez de fazer arranjos improvisados quando temos que cruzar o rio. Ele já ouviu a missa, mas Cranmer insiste que todos ouçam mais uma. Ele observa a moça e vê suas lágrimas fluindo. Alice tem razão; ela está no limite de seu embuste.

Por volta das nove horas, Elizabeth está desenrolando os fios que passou anos a emaranhar. Confessa, em grande estilo, de forma tão rápida e enérgica que Riche mal consegue acompanhá-la, e apela aos interrogadores como homens do mundo, como gente com poder de decisão: “Os senhores sabem como é. A gente menciona uma coisa e as pessoas pulam em cima, ‘o que quer dizer, o que quer dizer?’. A gente diz que teve uma visão e já não nos deixam em paz”.

“Não se pode decepcionar os outros?”, indaga ele; ela concorda: não, não se pode. Depois que você começou, é preciso seguir em frente. Se tentar recuar, eles massacram vocês.

Elizabeth confessa que suas visões são uma invenção. Ela jamais falou com indivíduos celestiais. Tampouco ressuscitou os mortos; era tudo uma fraude. Jamais teve participação em milagres. Foi o padre Bocking quem escreveu a carta de Maria Madalena, e era um monge quem dourava as cartas, num minuto ela recordará o nome dele. Os anjos saíram de sua própria imaginação, ela parecia vê-los, mas sabe agora que foram apenas clarões de luz contra a parede. As vozes que ela ouvia não eram vozes angélicas, nem sequer eram distintas, mas apenas o ruído de duas irmãs cantando na capela, ou de uma mulher na estrada chorando porque foi espancada e roubada, ou talvez o barulho insignificante de pratos na cozinha; e aqueles rosnados e gritos que pareciam sair da garganta dos condenados eram alguém arrastando uma mesa pelo chão, eram o choro de um cão perdido. “Agora eu sei, senhores, que aqueles santos não eram reais. Não da mesma maneira que os senhores são reais.”

Algo se partiu dentro dela, e ele se pergunta o que foi.

Ela diz: “Existe alguma chance de que eu possa voltar para casa em Kent?”.

“Eu providenciarei para que seja arranjado.”

Hugh Latimer está presente na comitiva e dirige a ele um olhar duro, como se ele estivesse fazendo falsas promessas. Não, estou falando sério, ele diz. Deixem comigo.

Cranmer diz à freira, delicadamente: “Antes que possa partir para qualquer lado, será necessário que faça uma admissão pública da sua impostura. Uma confissão pública”.

“Não tem vergonha de multidões, tem, mocinha?” Em todos esses anos, ela esteve na estrada como um espetáculo itinerante, e logo estará novamente, mas a natureza do espetáculo será outra; ele pretende exibi-la, arrependida, na Cruz de São Paulo, e talvez fora de Londres também. Ele sente que ela assumirá o papel de fraude com o mesmo afínco com que assumiu o papel de santa.

Ele diz a Riche: Nicolau nos diz que profetas desarmados sempre fracassam. Ele sorri e acrescenta: eu repito isso, Ricardo, porque sei que gosta de seguir à risca o manual.

Cranmer se inclina à frente e se dirige à Donzela, aqueles homens que estavam sempre à sua volta, Edward Bocking e o resto, quais deles eram seus amantes?

Ela está chocada: talvez porque a pergunta tenha vindo dele, o mais doce de seus interrogadores. Ela apenas o encara, como se um dos dois fosse idiota.

Ele conclui, murmurando: talvez ela pense que amante não seja a palavra correta.

Já basta. A Audley, Latimer e Riche, ele diz: “Começarei a convocar os seguidores de Elizabeth Barton e seus líderes. Ela entregou vários deles, se nos interessa seguir adiante com sua ruína. Fisher com certeza, Margaret Pole talvez, Gertrude e seu esposo sem dúvida. Lady Maria, a filha do rei, bem possível. Thomas More, não, Catarina, não, mas uma boa leva de franciscanos”.

O júri se levanta, se júri for a palavra certa. Jo fica de pé. Esteve costurando, ou melhor, descosturando, tirando a barra rosada de um painel de tapeçaria — esse resquício de Catarina, do poeirento reino de Granada, ainda sobrevive na Inglaterra. Ela dobra seu trabalho, joga a tesoura no bolso, alisa a manga e enterra a agulha no tecido para uso posterior. Aproxima-se da prisioneira e pousa a mão em seu braço. “Temos que dizer *adieu*.”

“William Hawkhurst”, diz a moça, “eu recordo o nome agora. O monge que dourava as cartas de Maria Madalena.”

Richard Riche anota.

“Não diga mais nada hoje”, aconselha Jo.

“Virá comigo, senhora? Para onde vou?”

“Ninguém irá com a senhora”, Jo responde. “Acho que não compreendeu o sentido de tudo, madre Eliza. A senhora está indo para a Torre, e eu vou para casa jantar.”

O verão de 1533 foi uma estação feita de dias sem nuvens, comilanças de morangos nos jardins de Londres, zumbidos de abelhas ocupadas, noites cálidas para passear sob roseiras e ouvir das aleias o som de jovens cavalheiros batendo boca em seus jogos de boules. A colheita de grãos é abundante até no Norte. As árvores vergam sob o peso de frutas maduras. Como se o rei tivesse decretado que o calor deve continuar, a corte segue iluminada ao longo do outono. O monsenhor, pai da rainha, flameja como o sol, e ao seu redor orbita um planeta diurno menor, mas ainda chamejante, seu filho George Rochford. Mas é Brandon quem lidera as danças, galopando pelos salões com a noiva de catorze anos a reboque. Ela é uma herdeira e foi prometida ao filho de Brandon, mas Charles achou que um homem experiente como ele poderia fazer melhor uso da moça.

Os Seymour superaram o escândalo da família, e sua sorte está melhorando. Olhando para os próprios pés, Jane Seymour diz a ele: “Mestre Cromwell, meu irmão Edward sorriu na semana passada”.

“Não é do feitio dele, o que o levou a isso?”

“Ele ouviu dizer que a esposa está doente. A esposa que ele deserdou. Aquela que meu pai... o senhor sabe.”

“Ela corre risco de vida?”

“Ah, é muito provável. Daí ele arranjará outra. Mas irá conservá-la na sua casa de Elvetham, e jamais deixará que ela chegue a menos de uma milha de Wolf Hall. E quando meu pai visitar Elvetham, ela ficará trancada na lavanderia até que ele vá embora.”

A irmã de Jane, Lizzie, está na corte com o esposo, o governador de Jersey, que é algum tipo de parente da nova rainha. Lizzie chega embalada em seus veludos e rendados, os contornos tão firmes quanto os da irmã são indefinidos e vagos, os olhos audaciosos, acastanhados e eloquentes. Jane murmura no rastro dela; seus olhos são da cor da água, onde seus pensamentos deslizam como peixes dourados, pequenos demais para anzol ou rede.

Jane Rochford — cuja mente, para ele, deveria estar mais ocupada — é quem percebe que ele observa as irmãs. “Lizzie Seymour deve ter um amante”, comenta ela, “não pode ser o marido que deixe suas faces ruborizadas, ele é um velho. Já era velho quando combateu nas guerras escocesas.” As duas irmãs são apenas um pouco parecidas, ela destaca; têm o mesmo hábito de baixar a cabeça e morder o lábio inferior. “Se não fosse por isso”, diz, com um sorrisinho, “daria para imaginar que a mãe fez uso dos mesmos truques que o marido. Sabe, ela era uma beldade no seu tempo, Margery Wentworth. E ninguém sabe o que acontece em Wiltshire.”

“Fico surpreso que não saiba, Lady Rochford. Parece estar por dentro da vida de todo mundo.”

“O senhor e eu, nós mantemos os olhos abertos.” Ela baixa a cabeça, e diz, como se dirigisse as palavras para dentro, para o próprio corpo: “Se assim desejar, eu poderia ficar de olho nos lugares onde o senhor não pode ir”.

Deus do céu, o que ela quer? Não será dinheiro, será? A pergunta é pronunciada com mais frieza do que ele pretendia: “Em troca de que possível incentivo?”.

Ela fixa os olhos nos dele. “Eu gostaria da sua amizade.”

“Nenhuma condição se agrega a isso?”

“Pensei que poderia ajudá-lo. Porque nossa aliada, Lady Carey, partiu para Hever, para visitar a filha. Ela já não é mais necessária agora que Ana voltou aos seus deveres no aposento real. Pobre Maria.” Ela ri. “Deus lhe deu uma ótima mão de cartas, mas ela nunca soube como jogá-la. Diga-me, o que o senhor fará se a rainha não tiver outro filho?”

“Não há razão para temer. A mãe de Ana teve um filho por ano. Bolena costumava reclamar que isso o empobrecia.”

“O senhor já notou que, quando um homem tem um filho, fica com todo o crédito, e quando tem uma filha, ele culpa a esposa? E

se eles não procriam, dizemos que é porque o útero dela é estéril. Ninguém diz que é porque a semente dele é ruim.”

“É o mesmo nos Evangelhos. O chão pedregoso fica com a culpa.”

Os lugares pedregosos, o solo espinhoso e infértil. Depois de sete anos de casamento, Jane Rochford não tem filhos. “Acredito que meu marido gostaria que eu morresse”, ela comenta de bom humor. Ele não sabe como responder. Não pediu para ouvir suas confidências. “Se eu de fato morrer”, ela continua, no mesmo tom animado, “mande abrir meu corpo. Eu lhe peço isso em amizade. Tenho medo de veneno. Meu marido e a irmã passam horas trancados, e Ana conhece toda sorte de veneno, já se gabou de que dará a Maria um jejum do qual ela não se recuperará.” Ele espera. “Eu falo de Maria, a filha do rei. Embora eu não duvide que Ana não teria escrúpulos em se livrar da própria irmã, se bem quisesse.” Ela ergue os olhos novamente. “No seu coração, se for sincero, o senhor sabe que gostaria de conhecer as coisas que sei.”

Ela é solitária, ele conclui, e alimenta um coração selvagem, como Leontina em sua jaula. Jane pensa que tudo lhe diz respeito, cada olhar ou conversa secreta. Teme que as outras mulheres sintam pena de sua situação; e ela odeia que sintam pena dela. Ele pergunta: “O que sabe do meu coração?”.

“Eu sei onde o senhor o deixou.”

“Nem eu sei tanto assim.”

“Não é incomum entre os homens. Eu posso lhe dizer quem ama. Por que não pede por ela, se a deseja? Os Seymour não são ricos. Eles venderão Jane para o senhor e ficarão felizes com o negócio.”

“A senhora se engana com a natureza do meu interesse. Tenho jovens rapazes em casa, tenho pupilos sob minha tutela, seus casamentos são minha responsabilidade.”

“Ah, trá-lá-lá!”, ela zomba. “Cante outra canção. Conte essa para as crianças do berçário. Conte para a Câmara dos Comuns, o

senhor já vive mentindo para eles de qualquer maneira... Mas não pense que pode me enganar.”

“Para uma dama que oferece amizade, tem maneiras bastante rudes.”

“Vá se acostumando com elas, se quer minhas informações. Agora o senhor entra nos aposentos de Ana, e o que vê? A rainha no seu genuflexório. A rainha cosendo um abrigo para uma mendiga, usando pérolas do tamanho de grãos-de-bico.”

É difícil não rir. O retrato é perfeito. Ana enfeitiçou Cranmer. Ele pensa que ela é o modelo de feminilidade religiosa.

“E o senhor acha que isso é o que realmente acontece? Imagina que ela cessou o envolvimento com jovens e destros cavalheiros? Charadas, versos e canções a seu respeito, acha que ela desistiu disso?”

“Ela tem o rei para elogiá-la.”

“Daquele lado, ela não vai ouvir um só elogio enquanto sua barriga não tornar a crescer.”

“E o que impediria que a barriga crescesse?”

“Nada. Se ele for capaz.”

“Cuidado.” Ele sorri.

“Nunca soube que é traição dizer o que ocorre na cama de um rei. Toda a Europa falou de Catarina: qual parte do corpo foi posta em que lugar, se foi penetrada ou não, e se foi, ela percebeu?” Ela ri. “A perna de Henrique lhe dói à noite. Ele teme que a rainha o chute durante os arroubos da sua paixão.” Jane cobre a boca com a mão, mas as palavras se insinuam para fora, espremidas entre os dedos. “Mas se ela fica parada sob o rei, ele diz: o que foi, madame, tem tão pouco interesse em gerar meu herdeiro?”

“Eu não vejo o que ela poderia fazer.”

“Ela diz que não sente nenhum prazer com ele. E ele... como ele brigou por sete anos para tê-la, não consegue admitir que a relação esfriou tão cedo. Entretanto, já estava fria antes que eles voltassem de Calais, é o que eu penso.”

É possível; talvez eles estejam cansados da batalha, exaustos. Entretanto, Henrique dá a ela presentes magníficos. E eles brigam demais. Será que brigariam tanto se fossem indiferentes um ao outro?

“Pois bem”, continua Jane, “entre os chutes e a perna dolorida, a falta de habilidade do rei e a falta de desejo da rainha, será um assombro se um dia tivermos um príncipe de Gales. Ah, ele seria um homem bastante ativo, se tivesse uma mulher diferente a cada semana. Se ele anseia por novidade, quem pode dizer que ela não sente o mesmo? O próprio irmão está a serviço dela.”

Ele se vira para encará-la. “Que Deus a perdoe, Lady Rochford.”

“Dirigindo seus amigos para ela, foi o que quis dizer. O que achou que significava?” Uma risadinha áspera.

“Será que a senhora sabe o que quer dizer? Já faz bastante tempo que está na corte, sabe quais jogos são jogados aqui. Não é problema algum se uma dama recebe versos e elogios, mesmo sendo casada. Ela sabe que o marido escreve versos em outros lugares.”

“Ah, ela sabe disso. Eu sei, pelo menos. Não há uma beldade num raio de trinta milhas que não tenha uma coleção de versos de Rochford. Mas se pensa que a galanteria para à porta do aposento real, é mais inocente do que eu imaginava. Talvez o senhor esteja apaixonado pela filha de Seymour, mas não precisa imitá-la em possuir a astúcia de uma ovelha.”

Ele sorri. “Nesse aspecto, as ovelhas são caluniadas. Os pastores dizem que elas se reconhecem. Que atendem pelo nome. E que fazem amizade por toda a vida.”

“E eu lhe digo uma coisa, quem entra e sai de todos os aposentos é aquele garoto bisbilhoteiro, Mark. Ele serve de intermediário a todos. Meu marido lhe paga em botões de pérolas, caixas de confeitos e plumas para o chapéu.”

“Por quê? Lorde Rochford está sem dinheiro vivo?”

“Está farejando uma oportunidade para a usura?”

“Como não?” Ao menos, ele pensa, há um ponto em que os dois concordam: a antipatia gratuita por Mark. Na casa de Wolsey, Mark tinha ocupações, dava aulas aos meninos do coro. Aqui, ou onde quer que a corte esteja, ele não faz nada além de vagabundear em maior ou menor proximidade dos aposentos da rainha. “Bem, não vejo qualquer mal no garoto”, ele comenta.

“Mark gruda como um carrapicho nos seus superiores. Ele não conhece seu lugar. É um zé-ninguém arrivista, aproveitando sua chance porque estes são tempos desordenados.”

“Suponho que poderia dizer o mesmo de mim, Lady Rochford. E tenho certeza de que diz.”

Thomas Wyatt lhe traz cestas de avelãs e castanhas, sacas de maçãs de Kent, sacolejando na carroça do transportador até Austin Friars. “Os cervos abatidos vêm em seguida”, ele explica, saltando ao chão. “Eu trago as frutas frescas, não as carcaças.” Seus cabelos têm cheiro de maçã, as roupas estão empoeiradas da estrada. “Agora terá que trocar uma palavra comigo”, conclui Wyatt, “por arriscar uma casaca que vale...”

“Os ganhos anuais do carroceiro.”

Wyatt parece constrangido. “Esqueci que o senhor é meu pai.”

“Já censurei você, agora podemos voltar ao papo furado de moleques.” Parado sob um clarão do tímido sol do outono, ele pega uma maçã, descasca com uma faca afiada e a pele se solta da polpa e cai entre seus papéis, como se fora a sombra de uma maçã, o verde destacando-se contra o branco do papel e o negro da tinta. “Viu Lady Carey quando esteve no campo?”

“Maria Bolena no campo: quantos prazeres orvalhados saltam à mente... Imagino que ela esteja acasalando em algum celeiro.”

“Só quero tê-la por perto, para a próxima vez que a irmã fique *hors de combat*.”

Wyatt se senta entre os arquivos, uma maçã na mão. “Mestre Cromwell, imagine se o senhor passasse sete anos longe da

Inglaterra; imagine que fosse um cavaleiro de fábula, preso sob um feitiço. Olharia em torno e se perguntaria, quem são eles, quem é essa gente?”

Neste verão, Wyatt jurou que ficaria em Kent. Que leria e escreveria nos dias chuvosos, caçaria em dias de tempo firme. Mas o outono chega, a noite se aprofunda, e Ana o atrai de volta, mais uma vez. O sentimento de Wyatt é sincero, ele crê: e, se ela é falsa, é difícil descobrir onde está a mentira. Hoje em dia não se pode brincar com Ana. Não se pode rir. Você precisa acreditar que Ana é perfeita, ou ela encontrará um jeito de puni-lo.

“Meu velho pai fala sobre os dias do rei Eduardo. Ele diz: entende agora por que não é bom que o rei despose uma súdita, uma inglesa?”

O problema é: mesmo que Ana tenha remodelado a corte, ainda há gente que a conheceu em outros tempos, na época em que ela chegou da França, quando decidiu seduzir Harry Percy. Tais pessoas competem para dar exemplos do quanto ela não é digna. Ou nem sequer humana. De como ela é uma serpente. Ou um cisne. *Una candida cerva*. Uma única corça branca, escondida entre folhas de prata; trêmula, ela se oculta entre as árvores, esperando pelo amante que a transformará novamente de animal em deusa. “Mande-me de volta à Itália”, pede Wyatt. “Os olhos escuros, lustrosos, oblíquos de Ana: sou assombrado por ela. Ana me procura na minha cama solitária à noite.”

“Solitária? Não creio.”

Wyatt ri. “Tem razão. Eu me alivio quando posso.”

“Você bebe demais. Vinho é água para você.”

“As coisas poderiam ter sido diferentes.”

“Qualquer coisa poderia ter sido diferente.”

“Você nunca pensa no passado?”

“Eu nunca falo sobre o passado.”

Wyatt suplica: “Mande-me para algum lugar distante”.

“Eu vou mandar. Quando o rei precisar de um embaixador.”

“É verdade que os Médici pediram a mão da princesa Maria?”

“Não a princesa Maria, o senhor se refere a Lady Maria. Eu pedi ao rei que pensasse a respeito. Mas eles não são grandiosos o bastante para Henrique. Sabe, se Gregory mostrasse algum interesse em finanças, eu procuraria uma noiva para ele em Florença. Seria agradável ter uma moça italiana em casa.”

“Mande-me de volta para lá. Empregue-me onde eu possa ser útil, para o senhor ou para o rei, pois aqui sou inútil para todos, e mais que inútil para mim mesmo, e não sou necessário ao prazer de ninguém.”

“Ah, pelos ossos desbotados de Becket! Pare de sentir pena de si mesmo.”

Norfolk tem sua própria opinião sobre os amigos da rainha. Ele se chocalha um pouco ao expressá-la, seus relíquias tilintando, as desgrehadas sobancelhas cinza se agitando sobre olhos arregalados.

“Esses homens, esses homens que perdem tempo com mulheres! Norris, eu esperava mais dele! E o filho de Henry Wyatt! Escrevendo versos. Cantando. Papeando, papeando, papeando! Qual é a necessidade de falar com mulheres?”, ele indaga, com sinceridade. “Cromwell, você não conversa com mulheres, conversa? Afinal, qual seria o tópico? O que encontraria para dizer?”

Eu falarei com Norfolk, ele decide, quando o duque voltar da França; pedirei que convença Ana a ser mais cautelosa. Os franceses encontrarão o papa em Marselha, e, em sua ausência, Henrique deve ser representado por seu aristocrata de precedência mais elevada. Gardiner já está lá. Para mim, todo dia é como feriado, ele diz a Tom Wyatt, quando aqueles dois estão longe.

Wyatt responde: “Acho que, quando esse dia chegar, Henrique talvez já tenha um novo interesse”.

Nos dias seguintes, ele vigia os olhos de Henrique, que repousam em várias damas da corte. Talvez não haja nada nesse olhar, a não ser o interesse especulativo de qualquer homem; só

Cranmer pensa que, se você olha duas vezes para uma mulher, tem que casar com ela. Ele observa o rei dançando com Lizzie Seymour, a mão se demorando em sua cintura. Ele vê que Ana observa, a expressão fria, crispada.

No dia seguinte, ele empresta algum dinheiro a Edward Seymour a termos muito favoráveis.

Nas úmidas manhãs de outono, quando só há meia-luz, seus criados saem cedo, entre as árvores úmidas e gotejantes. Eles só podem fazer *torta di funghi* se colherem os ingredientes frescos.

Richard Riche chega às oito horas, o rosto perplexo e alarmado. “Eles me pararam no seu portão, senhor, e perguntaram, onde está sua bolsa de cogumelos? Ninguém entra aqui sem cogumelos.” A dignidade de Riche está ultrajada. “Não creio que eles teriam pedido cogumelos ao lorde chanceler.”

“Ah, teriam sim, Richard. Mas dentro de uma hora você estará comendo os cogumelos com ovos cozidos no creme, e o lorde chanceler não. Podemos começar a trabalhar?”

Ao longo de setembro, ele cerca os padres e monges que estiveram próximos da Donzela. Ele e Sir Bolsinha examinam os papéis e conduzem os interrogatórios. Assim que são trancados, os clérigos já começam a negar a Donzela e a negar uns aos outros: jamais acreditei nela, foi o padre Fulano que me convenceu, nunca quis me meter em problemas. Quanto ao contato deles com a esposa de Exeter, com Catarina, com Maria — cada um nega seu próprio envolvimento e se apressa em implicar seu irmão em Cristo. Os cúmplices da Donzela estiveram em constante contato com a casa de Exeter. A própria moça visitou muitas das principais casas monásticas do reino — a abadia de Syon, a ordem dos cartusianos de Sheen, a casa franciscana de Richmond. Ele sabe disso porque tem muitos contatos com monges insatisfeitos. Em cada casa há alguns, e ele procura os mais inteligentes. Catarina não encontrou a

Donzela em pessoa. Por que deveria? Ela tem Fisher para atuar como intermediário, e Gertrude, esposa de lorde Exeter.

O rei exclama: “É difícil acreditar que Henry Courtenay me trairia. Um cavaleiro da Jarreteira, um grande homem nas justas, meu amigo desde que eu era menino. Wolsey tentou nos separar, mas não aceitei”. Ele ri. “Brandon, lembra de Greenwich, naquele Natal, qual ano foi? Lembra da batalha de bolas de neve?”

Eis a grande dificuldade de lidar com esses homens, que estão sempre falando de linhagens ancestrais, amizades de infância e coisas que aconteceram quando ele mesmo ainda estava negociando lã na Antuérpia. Você coloca uma prova sob os olhos deles, e eles começam a lacrimejar com historinhas sobre brigas de bolas de neve. “Veja bem”, prossegue Henrique, “a culpada é a esposa de Courtenay. Quando ele souber de todas as práticas de Gertrude, desejará se livrar dela. Lady Exeter é volúvel e fraca como todo o seu sexo, facilmente atraída para tramoias.”

“Então, conceda-lhe o perdão”, ele sugere. “Escreva uma absolvição para ela. Ponha essa gente em dívida de gratidão para com vossa majestade, se quer que eles abandonem esse sentimento tolo por Catarina.”

“Acha que pode comprar corações?”, Charles Brandon indaga. Ele soa como se uma resposta positiva fosse entristecê-lo.

Ele reflete, o coração é como qualquer outro órgão, pode ser pesado na balança. “Não é um preço em dinheiro que estamos oferecendo. Tenho provas suficientes para levar a família Courtenay a julgamento, e todos os Exeter. Se nos abstermos de fazê-lo, daremos a eles a posse da sua liberdade e suas terras, e a chance de recobrar a honra do seu nome.”

Henrique diz: “O avô dele deixou o Corcunda para servir meu pai”.

“Se os perdoarmos, vão nos fazer de bobos”, argumenta Charles.

“Não acho, senhor. Tudo que eles fizerem de agora em diante, farão sob minha vigilância.”

“E quanto aos Pole, lorde Montague: o que propõe?”

“Ele não pode supor que será perdoado.”

“Vai obrigá-lo a suar, hein?”, diz Brandon. “Não sei bem se aprecio sua forma de lidar com homens nobres.”

“Vão colher o que plantaram”, diz o rei. “Silêncio, senhor, preciso pensar.”

Uma pausa. A posição de Brandon é complicada demais para ser sustentada. Ele deseja dizer: castigue-os como traidores, Cromwell: mas, entenda, trucidar-os com respeito. De repente, seu rosto se desanuvia. “Ah, agora me recordo de Greenwich. A neve chegou à altura dos joelhos naquele ano. Ah, éramos jovens naquela época, Henrique. Não vemos mais neve como tínhamos quando éramos crianças.”

Ele recolhe seus papéis e pede para ser dispensado. As reminiscências chegaram para ficar naquela tarde e há trabalho a fazer. “Rafe, vá a cavalo para West Horsley. Diga à esposa de Exeter que o rei considera todas as mulheres volúveis e fracas; embora eu pense que ele tenha provas suficientes do contrário. Diga a ela para declarar por escrito que não possui sequer a inteligência de uma pulga. Diga-lhe que alegue ser excepcionalmente influenciável, até mesmo para uma mulher. Aconselhe-a a se humilhar e dê orientação quanto ao palavreado. Sabe como fazer isso. Com Henrique, toda humildade é pouca.”

É a estação da humildade. A notícia que chega dos debates de Marselha é de que o rei Francisco caiu aos pés do papa e beijou suas sapatilhas. Quando ouve a novidade, Henrique berra uma obscenidade e estraçalha o despacho entre as mãos.

Ele recolhe os pedaços, recompõe o papel numa mesa e lê. “No fim das contas, Francisco manteve a palavra dada a vossa majestade”, ele explica. “Para minha surpresa. Ele persuadiu o papa a suspender a bula da sua excomunhão. A Inglaterra tem algum espaço para respirar.”

“Eu quero ver o papa Clemente no túmulo”, rosna Henrique.
“Deus sabe que ele é um homem de vida imunda, e ele está sempre doente, e portanto deve morrer. Às vezes, rezo para que Catarina também seja levada pela glória. Isso é errado?”

“Se vossa majestade estalar os dedos, uma centena de padres entrará correndo para diferenciar o certo do errado.”

“Tenho a impressão de que prefiro ouvi-lo de você.” Henrique pondera, num silêncio sombrio e rijo. “Se Clemente morrer, quem será o próximo rufião no cargo?”

“Eu apostei dinheiro em Alessandro Farnese.”

“É verdade?” Henrique se estende na poltrona. “Estão fazendo apostas?”

“Mas as chances são boas. Ele distribuiu tanta propina à plebe romana por todos esses anos que, quando chegar a hora, seus seguidores vão aterrorizar os cardeais.”

“Refresque minha memória, quantos filhos ele tem?”

“Eu sei de quatro.”

O rei observa a tapeçaria na parede mais próxima, onde mulheres de ombros alvos caminham descalças num tapete de flores primaveris. “Talvez eu tenha mais um filho em breve.”

“A rainha falou sobre isso ao senhor?”

“Ainda não.” Entretanto, ele vê, todos vemos, o rubor das faces de Ana, a sedosa luminosidade da sua pessoa, o tom de comando dominando sua voz quando ela distribui favores e recompensas às pessoas ao redor. Na última semana, houve mais recompensas que olhares negros, e a esposa de Stephen Vaughan, aia no aposento real, diz que Ana está atrasada em suas regras. O rei repete. “Ela está atrasada nas suas...”, então se interrompe, corando como um menino de escola. Ele cruza o salão, abre os braços e o enlaça, luminoso como uma estrela, as mãos imensas com seus anéis flamejantes, dominando grandes pedaços do veludo negro da casaca do conselheiro. “Desta vez é certo. A Inglaterra é nossa!”

É arcaico, aquele grito de seu coração: como se ele estivesse plantado no campo de batalha entre bandeiras ensanguentadas, a coroa num arbusto de espinhos, os inimigos mortos a seus pés.

Ele se desvencilha gentilmente, sorrindo. Desamassa o memorando que esmagou em sua mão quando o rei o agarrou; afinal, não é assim que os homens se abraçam? Não se espremem com os grandes punhos, como se quisessem derrubar um ao outro? Henrique lhe aperta o braço. “Thomas, isso é como abraçar uma muralha. De que você é feito?” O rei toma os papéis e fica boquiaberto. “É isso que temos que fazer esta manhã? Essa lista?”

“Não mais que cinquenta itens. Logo teremos acabado todo o trabalho.”

Por todo o resto do dia, ele não contém o sorriso. Quem se importa com Clemente e suas bulas? Seria mais útil se ele parasse na Cheap e deixasse que o povo o apedrejasse. Faria mais diferença se ele se plantasse sob as guirlandas de Natal — que costumamos polvilhar com farinha quando não há neve — e cantasse, “Ei, na-ni-ná, trá-lá-lá, entre o bosque tão verdinho”.

Num dia frio de fins de novembro, a Donzela e meia dúzia de seus principais cúmplices prestam penitência na Cruz de São Paulo. Algemados e descalços, eles são expostos ao açoite do vento. A multidão é grande e tempestuosa, o sermão é animado, dizendo o que a Donzela fazia em suas caminhadas noturnas, quando suas irmãs de religião estavam dormindo, e quais contos lúbricos sobre demônios ela espalhava para conservar o assombro de seus seguidores. Sua confissão é lida em voz alta, pedindo no fim que os londrinos orem por ela e implorem pela misericórdia do rei.

Se a visse agora, você já não reconheceria a menina esbelta que foi interrogada em Lambeth. Ela parece acabada e dez anos mais velha. Não que tenha sido castigada: ele não admitiria isso para uma mulher, e, na verdade, todos confessaram sem sofrimento; a parte difícil foi impedir que complicassem a história com boatos e

fantasias e que arrastassem meia Inglaterra com eles. Um único padre seguiu mentindo; ele apenas o trancafiou com um informante, detido por assassinato: num piscar de olhos, o padre Rich se decidiu a lhe salvar a alma, interpretar para o outro as profecias da Donzela e impressioná-lo com nomes de gente importante que ele conhecia na corte. Lamentável, mesmo. Mas foi necessário armar aquele espetáculo, e ele o levará para a Cantuária, para que madre Elizabeth se confesse em sua terra natal. É necessário romper a influência da gente que fala em fim dos tempos e nos ameaça com pragas e danações. É necessário dissipar o terror que eles criam.

Thomas More está lá, espremido entre os dignitários da cidade, e se dirige a ele quando os padres descem e os prisioneiros são conduzidos para fora da plataforma. More esfrega as mãos frias e sopra para aquecê-las. “Eis o crime dela: ter sido usada.”

Ele pensa: por que Alice deixou que saísse sem as luvas? “Apesar de todos os testemunhos que tenho, ainda não consigo entender como ela chegou aqui, das margens dos pântanos a um cadafalso da Cruz de São Paulo. Ela certamente não fez nenhum dinheiro com isso.”

“De que pretende acusá-la?” Seu tom é neutro, interessado, de advogado para advogado.

“A lei comum não trata de mulheres que dizem que podem voar ou ressuscitar os mortos. Vou apresentar um pedido de confisco no Parlamento. Acusação de traição para os mentores. Quanto aos cúmplices, prisão perpétua, confisco, multas. Creio que o rei será circunspecto. Ou mesmo misericordioso. Estou mais interessado em desenredar os planos dessas pessoas que em definir suas penas. Não quero um julgamento com multidões de réus e centenas de testemunhas, amarrando as cortes por anos a fio.”

More hesita.

“Ora, vamos, o senhor teria despachado essa gente da mesma maneira, quando era chanceler.”

“Talvez esteja certo. De qualquer maneira, não tenho nada a ver com isso.” Uma pausa. More diz: “Thomas. *Em nome de Cristo, é claro que sabe disso*”.

“O que importa é que o rei saiba. Temos que firmar essa ideia na cabeça dele. Uma carta sua, talvez, indagando sobre a princesa Elizabeth.”

“Eu posso fazer isso.”

“Deixando claro que aceita os direitos e títulos da menina.”

“Isso não é uma dificuldade. O novo casamento está feito e deve ser aceito.”

“Acha que conseguiria se obrigar a elogiar o casamento?”

“Por que o rei deseja que outros homens elogiem sua esposa?”

“Imagine que tivesse de escrever uma carta aberta. Para dizer que viu a luz no assunto da jurisdição natural do rei sobre a Igreja.” Ele dirige o olhar para os prisioneiros, que estão sendo postos nas carroças. “Agora eles serão levados de volta à Torre.” Ele faz uma pausa. “Não fique andando por aí. Venha comigo, jante na minha casa.”

“Não.” More balança a cabeça. “Prefiro ficar à deriva pelo rio e voltar para casa com fome. Se eu pudesse confiar em que apenas colocaria comida na minha boca... mas o senhor também colocará palavras.”

Ele o vê mesclando-se entre a massa de dignitários a caminho de casa, e pensa, More é orgulhoso demais para recuar da sua posição. Ele teme perder a credibilidade entre os eruditos da Europa. Temos que encontrar algum jeito para que ele se retrate, sem que precise se humilhar. O céu agora está limpo, um imaculado lápis-lazúli. Os jardins de Londres estão fervilhando de amoras. Aí vem um árduo inverno. Mas ele pressente uma força prestes a ceder, como a primavera se liberta da árvore morta. À medida que a palavra de Deus se espalha, os olhos do povo se abrem para novas verdades. Como Helen Barre, eles conheciam Noé e o dilúvio, mas não conheciam são Paulo. Eles podiam recitar todos os sofrimentos

de nossa Sagrada Mãe e dizer como os condenados são transportados para o inferno, mas não conhecem os inúmeros milagres e dizeres de Cristo, nem as palavras e os feitos dos apóstolos, homens simples que, como os pobres de Londres, se dedicavam a simples ofícios iletrados. A história é muito maior do que eles jamais imaginaram. Ele diz a seu sobrinho Richard: você não pode contar ao povo apenas parte da história e depois parar, ou lhes contar apenas as partes que escolhe. Eles viram sua religião pintada nas paredes das igrejas, ou talhada em pedra, mas agora a pena de Deus está pronta, e Ele se prepara para escrever suas palavras nos livros dos seus corações.

Mas, nas mesmas ruas, Chapuys vê os sinais da sedição, uma cidade prestes a abrir as portas para o imperador. Ele não estava no saque de Roma, mas há noites em que sonha com o evento como se o tivesse testemunhado: entranhas negras derramadas nos pavimentos ancestrais, os moribundos atirados nas fontes, o badalar de sinos entre a neblina dos pântanos e a chama das tochas dos vândalos lambendo as muralhas. Roma caiu, e tudo que havia nela; não foram invasores, mas o próprio papa Júlio quem derrubou a velha basílica de São Pedro, que sobrevivera por mil e duzentos anos, o sítio onde o imperador Constantino em pessoa cavou o primeiro fosso com doze pás de terra, uma para cada apóstolo; onde os mártires cristãos, aprisionados dentro de peles de feras selvagens, foram destroçados por cães. Sete metros ele cavou para lançar as novas fundações, atravessando uma necrópole, atravessando doze séculos de espinhas de peixes e cinzas, os instrumentos dos trabalhadores despedaçando os crânios dos santos. No lugar onde os mártires sangraram, foram deitados pedregulhos brancos como espectros: mármore, à espera de Michelangelo.

Na rua, ele vê um padre levando a hóstia: sem dúvida há um londrino morrendo. Os passantes descobrem a cabeça e ajoelham, mas um rapaz se inclina para fora de uma janela alta e grita, “Mostre

seu Cristo Ressuscitado! Tire um coelho do chapéu”. Ele olha para o alto; o rosto do rapaz, antes de desaparecer, está vermelho de fúria.

Ele comenta com Cranmer, essa gente precisa de uma boa autoridade, à qual possam obedecer adequadamente. Por séculos, Roma lhes pediu que acreditassem no que apenas crianças podem crer. Com certeza eles julgarão mais natural obedecer a um rei inglês, que exercerá seus poderes sob o Parlamento e sob Deus.

Dois dias depois de ver More tremendo durante o sermão, ele entrega um perdão a Lady Exeter. Vem com algumas palavras ácidas do rei, dirigidas ao esposo. É Dia de Santa Catarina: em honra da santa que foi ameaçada com o martírio numa roda, todos devemos caminhar em círculos até alcançar nosso destino. Ao menos, essa é a teoria. Ele jamais viu qualquer um acima de doze anos fazendo isso.

Há uma sensação de poder em reserva, à espera, um poder que atravessa o osso de lado a lado, como o estremecimento que você sente no cabo do machado quando o segura na mão. Você pode atacar ou não atacar, e se escolhe segurar o golpe, continuará sentindo, dentro de você, a ressonância do que não foi feito.

No dia seguinte, em Hampton Court, o filho do rei, o duque de Richmond, desposa a filha de Norfolk, Mary. Ana arquitetou esse casamento para a glorificação dos Howard; e também para impedir Henrique de casar seu bastardo, para vantagem do rapaz, com alguma princesa estrangeira. Ela persuadiu o rei a abrir mão do magnífico dote que poderia esperar e, triunfante em todos os seus desígnios, participa das danças, o fino rosto afogueado, os cabelos lustrosos trançados com pontas de diamante. Henrique é incapaz de tirar os olhos dela, e o mesmo ocorre a ele.

Richmond atrai para si todos os outros olhos, trotando como um potro, exibindo seus adornos nupciais, rodopiando, saltitando, parando e marchando. Olhem para ele, dizem as damas mais velhas, e verão como o pai foi outrora: aquela cintilação perfeita, a

pele fina como a de uma moça. “Mestre Cromwell”, ele exige, “diga ao rei, o senhor meu pai, que quero viver com minha esposa. Ele diz que eu devo voltar a minha casa e que Mary ficará com a rainha.”

“Ele tem preocupações com sua saúde, alteza.”

“Logo farei quinze anos.”

“Ainda falta meio ano para seu aniversário.”

A expressão alegre do menino desaparece; um olhar pétreo domina seu rosto. “Meio ano não é nada. Um homem de quinze é competente.”

“É o que ouvimos dizer”, diz Lady Rochford, parada por perto, ociosa. “O rei seu pai trouxe testemunhas à corte para dizer que o irmão podia realizar o ato aos quinze anos, e mais de uma vez por noite.”

“Também precisamos pensar na saúde da sua noiva.”

“A esposa de Brandon é mais jovem que a minha, e ele a possui.”

“Sempre que a vê”, acrescenta Lady Rochford, “a julgar pela expressão alarmada no rosto dela.”

Richmond se prepara para uma longa discussão, entrincheirando-se atrás de precedentes: é a forma de argumentação de seu pai. “Minha bisavó, Lady Margaret Beaufort, não deu à luz, aos treze anos, o príncipe que seria Henrique Tudor?”

Bosworth, a moral em frangalhos, o campo sangrento; o lençol manchado da maternidade. De onde viemos todos, pensa ele, senão desse mesmo buraco e dessas mesmas transações: querida, entregue-se a mim. “Nunca ouvi dizer que tenha melhorado a saúde dela”, argumenta, “ou seu temperamento. Ela não teve nenhum filho depois disso.” Ele sente súbita fadiga com a discussão, e a encerra com a voz cansada e monocórdia. “Seja razoável, senhor. Depois que provar, desejará fazê-lo a toda hora. Por cerca de três anos. É assim que funciona. E seu pai tem outros desígnios em mente para vossa alteza. Talvez ele o mande para presidir a corte em Dublin.”

Jane Rochford acrescenta: “Calma, cordeirinho. Há maneiras de arranjar isso. Um homem sempre pode encontrar uma mulher, quando ela está disposta”.

“Posso falar como seu amigo, Lady Rochford? A senhora se arrisca a desagradar ao rei se pretende se intrometer nisso.”

“Ah”, ela responde despreocupada, “Henrique perdoará qualquer coisa vinda de uma mulher bonita. Eles só buscam fazer o que é natural”.

O rapaz diz: “Por que tenho que viver como um monge?”.

“Um monge? Monges fornicam como bodes. Mestre Cromwell aqui pode lhe contar.”

“Talvez”, prossegue Richmond, “seja a madame rainha quem deseja nos afastar. Ela não quer que o rei tenha um neto no berço antes que ela tenha um filho.”

“Ora, não está sabendo?”, Jane Rochford se dirige a ele. “Não chegou aos seus ouvidos a história de que La Ana está *enceinte*?”

Ela dá a Ana o nome que Chapuys lhe deu. Ele vê o rosto do rapaz abrir-se em completo desalento. Jane continua: “Temo que, no verão, já terá perdido seu posto, meu amor. Uma vez que ela tenha um filho nascido dentro do casamento, terá que silenciar os desejos do seu coração. Jamais reinará, e sua prole não herdará”.

Não é sempre que vemos esfaceladas as esperanças de um príncipe, no mesmo tempo que se leva para apagar a chama de uma vela entre os dedos, e com o mesmo movimento calculado, como se brotasse da facilidade do hábito. Ela nem sequer precisou lamber os dedos.

Richmond diz, o rosto desmoronando: “Talvez nasça outra menina”.

“É quase traição esperar por isso”, Lady Rochford retruca. “E se for, ela terá um terceiro bebê, e um quarto. Eu pensei que ela não conceberia novamente, mas estava errada, mestre Cromwell. Agora ela provou seu valor.”

Cranmer está na Cantuária, caminhando descalço numa trilha de areia para sua investidura como primaz da Inglaterra. Ao fim da cerimônia, ele dismantelará o mosteiro da Igreja do Cristo, cujos membros tanto encorajaram a falsa profetisa. Talvez seja um trabalho longo, entrevistar cada monge, separar suas histórias. Rowland Lee chega à cidade para acrescentar alguma força bruta ao assunto, e Gregory vem em seu séquito; assim, ele se senta em Londres lendo uma carta de seu filho, que não é mais longa nem mais informativa que suas cartas de menino de escola: *E agora sem mais, por falta de tempo.*

Ele escreve a Cranmer: seja piedoso com a comunidade local, pois nada pode ser pior que ser enganado. Poupe o monge que dourou a carta de Madalena. Sugiro que eles ofereçam um presente em dinheiro ao rei; Henrique ficará satisfeito com trezentas libras. Limpe a Igreja do Cristo e toda a diocese; Warham foi arcebispo por trinta anos, a família dele está entrincheirada, seu filho bastardo é arquidiácono, passe uma vassourada em todos. Ponha gente de casa: seus tristes funcionários do Centro-Leste, formados sob céus sóbrios.

Há algo sob essa mesa, sob seu pé, em cuja natureza ele evita pensar. Ele empurra a cadeira para trás; é metade de um musaranho, um presente de Marlinspike. Ele o agarra e pensa em Henry Wyatt, comendo insetos em sua cela. Ele recorda o cardeal, resplandecente no Cardinal College. Ele atira o musaranho no fogo. O cadáver sibila e encolhe, os ossos se desfazem com um estalido vazio. Ele toma de sua pena e escreve a Cranmer, livre sua diocese daqueles homens de Oxford e ponha homens de Cambridge, homens que nós conheçamos.

Ele escreve ao filho, venha para casa e passe o Ano-Novo conosco.

Dezembro: em sua angularidade congelada, com uma luz azul às suas costas, refletida de baixo pela neve, Margaret Pole parece ter

saído de um vitral de igreja, com lascas de vidro ainda se derramando de seu vestido; na verdade, aquelas fagulhas devem ser diamantes. Ele pediu que a condessa Margaret o procurasse, ela o observa através das pesadas pálpebras, olha de cima de seu longo nariz Plantageneta, e sua saudação, marcada como gelo, percorre a sala. “Cromwell.” Só isso.

Ela vem a trabalho. “A princesa Maria. Por que ela deve deixar a casa de Essex?”

“Lorde Rochford deseja a mansão para seu uso. É um bom campo de caça, sabe? Maria ingressará no serviço da sua irmã real, em Hatfield. Lá, ela não precisará dos seus próprios atendentes.”

“Eu me proponho a manter meu lugar no serviço dela, as despesas ficam por minha conta. Não podem me impedir de servi-la.”

Quer apostar? “Sou apenas o ministro da vontade do rei, e imagino que a senhora esteja tão ansiosa quanto eu para realizá-la.”

“Esses são os desejos da concubina. Nós não acreditamos, a princesa e eu, que sejam os desejos do próprio rei.”

“Madame, a senhora deveria expandir sua credulidade.”

Ela o observa do alto de seu pedestal: ela é filha de Clarence, a sobrinha do velho rei Eduardo. Em sua época, homens como ele se ajoelhavam para falar com mulheres como ela. “Eu estive na câmara da rainha Catarina no dia em que ela se casou. Para a princesa, sou como uma segunda mãe.”

“Pelo sangue de Cristo, madame, a senhora acha que ela precisa de outra? A mãe que ela já tem acabará por matá-la.”

Seus olhares se enfrentam, através de um abismo. “Lady Margaret, se me permite aconselhá-la... a lealdade da sua família está sob suspeita.”

“É o que os senhores dizem. É por isso que me separam de Maria, como punição. Se têm provas suficientes para me indiciar, então me mandem para a Torre com Elizabeth Barton.”

“Isso seria completamente contrário aos desejos do rei. Ele a reverencia, madame. Sua ancestralidade, sua idade avançada.”

“Ele não tem provas.”

“Em junho do ano passado, pouco depois que a rainha foi coroada, seus filhos lorde Montague e Geoffrey Pole jantaram com Lady Maria. Nem duas semanas depois, Montague jantou com Maria novamente. Eu me pergunto, o que eles debateram?”

“Pergunta mesmo?”

“Não”, responde ele, sorrindo. “O rapaz que servia o prato de aspargos era meu informante. O garoto que fatiou os abricós também. Eles falaram do imperador, da invasão, de como ele poderia ser atraído para algo assim. Portanto, Lady Margaret, veja tudo que sua família deve à minha vasta tolerância. Tenho certeza de que eles retribuirão ao rei com lealdade futura.”

Ele não diz: pretendo usar seus filhos contra seu irmão encenqueiro no exterior. Ele não diz: tenho seu filho Geoffrey na minha lista de pagamento. Geoffrey Pole é um homem violento e instável. Nunca se sabe para que lado ele se inclinará. Recebeu quarenta libras este ano para dançar a dança de Cromwell.

Os lábios da condessa se contraem. “A princesa não deixará sua casa de boca calada.”

“Meu senhor Norfolk pretende cavalgar para Beaulieu e lhe informar sobre a mudança em suas circunstâncias. Claro, talvez ela o desafie.”

Ele aconselhou ao rei: deixe Maria de posse do seu título como princesa, não diminua coisa alguma. Não dê ao primo dela, o imperador, uma razão para fazer guerra.

Henrique respondeu aos gritos: “Não quer fazer o favor de ir à rainha e sugerir a ela que Maria deve conservar seu título? Pois eu lhe digo, mestre Cromwell, não pretendo fazer isso. E se o senhor a deixar muito emotiva, como sei que ficará, e ela cair doente e perder a criança, o senhor será o responsável! E eu não me inclinarei à piedade!”.

Do lado de fora da sala de audiências, ele se apoia contra a parede, revira os olhos e diz a Rafe: “Deus do céu, não surpreende que o cardeal tenha envelhecido antes do seu tempo. Se ele pensa que a insatisfação dela abortará a criança, então é porque o bebê não está bem preso na barriga. Na semana passada, eu era seu irmão de armas, nesta semana ele me ameaça com um fim sangrento”.

Rafe responde: “Ainda bem que o senhor não é como o cardeal”.

Verdade. O cardeal esperava gratidão de seu príncipe; nesse assunto, ele estava fadado a se decepcionar. Apesar de todas as suas capacidades, Wolsey era um homem dominado e exaurido por suas emoções. Ele, Cromwell, já não é mais sujeito às oscilações de humor, e quase nunca se cansa. Os obstáculos serão removidos, os temperamentos serão aplacados, os nós, desatados. No encerramento do ano de 1533, seu espírito é robusto, sua vontade, forte, seu semblante, imperturbável. Os cortesãos veem que ele pode alterar os eventos, moldá-los. Ele pode conter os medos de outros homens, e lhes dar a sensação de solidez num mundo estremecido: essa gente, essa dinastia, essa miserável ilha chuvosa no limiar do mundo.

Como forma de recreação ao fim do dia, ele examina as propriedades territoriais de Catarina e julga o que pode redistribuir. Sir Nicholas Carew, que não gosta dele nem de Ana, fica perplexo ao receber dele um pacote de concessões, incluindo duas grandes cidadelas em Surrey para aumentar suas propriedades no campo. Carew pede uma audiência para expressar sua gratidão; ele tem de pedir a Richard, que agora é quem organiza sua agenda, e após dois dias Richard consegue uma hora. Como o cardeal costumava dizer, deferência significa fazer as pessoas esperarem.

Ao entrar, Carew está compondo as feições do rosto. Gélido, aut centrado, o cortesão completo, ele se esforça em retorcer os cantos da boca. O resultado é um sorrisinho donzelesco, um tanto incongruente em meio à barba luxuriante.

“Ah, tenho certeza de que o senhor merece”, diz ele, dando de ombros. “É amigo de infância de sua majestade, e nada lhe dá mais prazer que recompensar os velhos amigos. Sua esposa tem estado em contato com Lady Maria, não é? Elas são próximas? Peça a ela”, ele diz com polidez, “que dê bons conselhos à menina. Que a advirta a se conformar ao rei em todas as coisas. A paciência dele anda curta ultimamente, e não posso responder pelas consequências de uma indisciplina.”

Deuteronômio nos diz, os presentes cegam os olhos dos sábios. Em sua opinião, Carew não é muito sábio, mas o princípio se prova útil; se não exatamente cego, ao menos ele parece deslumbrado. “Considere como um presente adiantado de Natal”, conclui, sorrindo. E empurra os papéis sobre a mesa.

Em Austin Friars, eles desativam despensas e constroem caixas-fortes. A ceia será realizada em Stepney. As asas de anjo são levadas para lá; ele quer guardá-las até que haja na casa uma nova criança, do tamanho adequado. Ele as vê partindo, agitando-se em sua mortalha de linho fino, e vê a estrela de Natal ser depositada numa carroça. Christophe pergunta: “Como se faz para usá-la, aquela máquina terrível, cheia de pontas?”.

Ele abre parte da capa de lona e mostra o brilho a Christophe. “Jesus, Maria, José”, exclama o rapaz. “A estrela que nos guia para Belém. Eu pensei que fosse uma máquina de tortura.”

Norfolk desce a Beaulieu para dizer a Lady Maria que ela deve se mudar para a propriedade de Hatfield, e pôr-se a serviço da pequena princesa e viver sob a tutela de Lady Ana Shelton, tia da rainha. Quanto ao que aconteceu em seguida, ele o relata na volta, em tons de aflição.

“Tia da rainha?”, diz Maria. “Não há mais que uma rainha, e esta é minha mãe.”

“Lady Maria...”, diz Norfolk, e as palavras a fazem desandar em lágrimas e correr para o quarto e se trancar lá.

Suffolk sobe o país até Buckden, para convencer Catarina a se mudar para outra residência. Ela ficou sabendo que pretendiam mandá-la para algum lugar ainda mais úmido que Buckden, e alega que a umidade a matará; ou seja, ela também se tranca, cerrando todas as travas e berrando em três línguas diferentes que Suffolk vá embora. Catarina diz que não partirá para lugar nenhum, a menos que ele esteja disposto a derrubar a porta e imobilizá-la com cordas e arrastá-la. Coisa que Charles julga um tanto extrema.

Brandon parece sentir muita pena de si mesmo ao escrever para Londres pedindo instruções: um homem com uma noiva de catorze anos esperando por suas atenções, tendo de passar as festas dessa forma! Quando sua carta é lida em voz alta para o conselho, ele, Cromwell, explode em gargalhadas. Essa simples alegria o carrega para o novo ano.

Há uma jovem caminhando pelas estradas do reino, dizendo que é a princesa Maria, e que seu pai a atirou na mendicância. Ela foi vista tão ao norte quanto York e tão a leste quanto Lincoln, e o povo simples desses territórios a abriga e a alimenta, e lhe dá dinheiro para colocá-la novamente na estrada. Ele designou funcionários para procurá-la, mas ainda não a capturaram. Ele não sabe o que faria com ela se de fato a detivesse. Já é punição suficiente ter de carregar o fardo de uma profecia e viver ao relento, desprotegida nas estradas de inverno. Ele a imagina, uma figura minguada e encardida, vadiando ao horizonte sobre as planícies lamacentas.

3. O olhar de um pintor

1534

Quando Hans traz o retrato concluído a Austin Friars, ele se sente encabulado. Lembra-se de quando Walter dizia, olhe na minha cara, moleque, quando me contar uma mentira.

Ele observa a extremidade inferior da pintura e permite que seu olhar se eleve. Um tinteiro, papéis, seu selo numa pequena bolsa, e um pesado volume, encadernado em verde-escuro: o couro adornado com ouro, as páginas de bordas douradas. Hans lhe pedira para ver sua Bíblia, rejeitou-a por ser simples demais, excessivamente manuseada. Ele revirou a casa e encontrou o mais belo volume que havia na mesa de Thomas Avery. É a obra do monge Pacioli, o livro sobre como conservar seus livros, que seus bondosos amigos de Veneza lhe enviaram.

Ele vê sua mão pintada, pousada na mesa à sua frente, segurando um papel num punho folgado. É estranho ver a si mesmo em partes, como se tivesse sido seccionado, dígito a dígito. Hans fez sua pele macia como a de um cortesão, mas o movimento que ele capturou, aquele dobrar dos dedos, é tão firme quanto o do carrasco quando pega a espada de execução. E ele usa a turquesa do cardeal.

Ele teve um anel de turquesa próprio, um dia, presente de Liz quando Gregory nasceu. Era um anel em formato de coração.

Ele ergue os olhos e vê seu rosto pintado. Não é uma grande evolução do ovo de Páscoa que Jo pintou. Hans o encurralou num pequeno espaço, inserindo uma pesada mesa para enquadrá-lo. Ele teve tempo livre para pensar enquanto Hans o desenhava, e seus pensamentos partiram para longe, para outro país. Mas não é possível rastrear aqueles pensamentos através desses olhos.

Ele pediu para ser pintado em seu jardim. Hans respondeu, só a ideia já me causa suores. Que tal fazermos as coisas do jeito mais simples?

Ele usa suas roupas de inverno. Sob as vestes, parece feito de uma substância mais impermeável que a maioria dos homens, mais compacta. Poderia estar usando uma armadura. Ele prevê o dia em que talvez tenha de fazê-lo. Há homens neste e em outros reinos (agora não só em Yorkshire) que o esfaqueariam assim que o vissem.

Ele pensa: duvido que consigam chegar ao coração. O rei indagara, de que você é feito?

Ele sorri. Não há traço de sorriso no rosto de seu duplo pintado.

“Certo.” Ele entra na outra sala. “Podem entrar e ver.”

Eles enxameiam na sala, às cotoveladas. Há um silêncio breve, analítico. Que se prolonga. Alice diz: “Ele lhe deu uma aparência bem robusta, tio. Mais que o necessário”.

“Como Leonardo nos mostrou, uma superfície curva rechaça melhor o impacto das balas de canhão”, brinca Richard.

“Eu não acho que o senhor seja assim”, avalia Helen Barre. “Vejo que as feições estão bastante fiéis. Mas essa não é a expressão do seu rosto.”

Rafe diz: “Não, Helen, ele guarda esse rosto para os homens”.

Thomas Avery informa: “O homem do imperador está aqui, ele pode entrar e dar uma olhada?”.

“Ele é bem-vindo, como sempre.”

Chapuis entra com seu passo pomposo e se posiciona diante da pintura; aproxima-se e saltita para trás. Está usando peles de marta

sobre seda. “Por Deus”, diz Johane por trás da mão, “parece um macaco dançarino.”

“Ah não, não me contenho!”, proclama Eustache. “Ah, não, não, não, não, não. Seu pintor protestante errou a mão dessa vez. Pois ninguém jamais o imagina sozinho, Cremuel, mas acompanhado, estudando o rosto das outras pessoas, como se o senhor mesmo fosse pintá-las. Leva os outros homens a pensar, não ‘como está a aparência dele?’, mas ‘como está minha aparência?’.” Chapuys se afasta num pulo e rodopia, como se para agarrar a semelhança durante o movimento. “Entretanto, olhando para essa pintura, um homem teria pavor de desafiá-lo. Nesse sentido, creio que Hans atingiu sua meta.”

Quando Gregory volta da Cantuária, o pai o leva sozinho para ver a pintura, ainda em seu casaco de montaria, enlameado da estrada; ele quer ouvir a opinião do filho antes que o resto da casa o influencie. “A senhora sua mãe sempre dizia que não havia me escolhido pela beleza. Fiquei surpreso, quando a pintura chegou, por descobrir que sou vaidoso. Eu me imaginava como era quando deixei a Itália, há vinte anos. Antes do seu nascimento.”

Gregory está parado ombro a ombro com o pai. Seus olhos repousam no retrato. Ele não fala.

Ele sabe que seu filho é mais alto do que ele: não que isso seja muito difícil. Ele dá um passo atrás e fica de lado, embora apenas em sua mente, para contemplar seu menino com o olhar de um pintor: um rapaz de bela pele branca e olhos castanhos, um anjo esbelto na segunda fileira de um afresco manchado pela umidade, em alguma aldeia distante na encosta de uma colina. Ele pensa em Gregory como um pajem na floresta cavalgando sobre velino, perfeitos cachos escuros sob uma fina faixa de ouro; ao passo que os jovens que o cercam todos os dias, os garotos de Austin Friars, são musculosos como cães de briga, os cabelos tosados como cerdas, olhos afiados como pontas de espada. Gregory é tudo que deveria ser. É tudo que tenho direito de desejar: sua franqueza, sua

gentileza, a reserva e a consideração com que ele contém seus pensamentos até que os tenha elaborado. Ele sente tanta ternura pelo filho que pensa estar prestes a chorar.

Ele se volta para a pintura. “Temo que Mark tenha razão.”

“Quem é Mark?”

“Um garotinho tolo que vive atrás de George Bolena. Certa vez ouvi Mark dizendo que pareço um assassino.”

Gregory diz: “E o senhor não sabia?”.

Parte 6

1.

Supremacia

1534

Nos dias joviais que se estendem entre o Natal e o Ano-Novo, enquanto a corte se banqueteia e Charles Brandon está nos pântanos gritando com uma porta, ele relê Marsílio de Pádua. No ano de 1324, Marsílio nos apresentou quarenta e quatro proposições. Passada a festa da Epifania, ele se encaminha para demonstrar um punhado delas a Henrique.

O rei conhece algumas dessas proposições, outras lhe são estranhas. Algumas, em sua atual situação, lhe parecem agradáveis; outras lhe foram denunciadas como heresias. A manhã é de um frio intenso de arrepiar os ossos, o vento do rio sopra como uma faca no rosto. Ele entra casualmente para testar sua sorte.

Marsílio nos diz que quando Cristo veio a este mundo não foi como governante ou juiz, mas como súdito: súdito do Estado, como o encontrou. Jesus não buscou governar, tampouco transmitir a seus discípulos uma missão de governo. Ele não concedia mais poder a um seguidor que a outro; se alguém assim crê, que leia novamente os versículos sobre Pedro. Cristo não formava papas. Ele não outorgava a seus seguidores o poder de criar leis ou impor tributos, duas coisas que os clérigos alegam ser direito seu.

Henrique comenta: “Não me recordo do cardeal falando sobre isso”.

“Se fosse cardeal, vossa majestade falaria?”

Uma vez que Cristo não incitava seus seguidores a buscar um poder mundano, como é possível afirmar que os príncipes de hoje recebem sua autoridade do papa? Na verdade, todos os padres são súditos, assim como Cristo os deixou. Cabe ao príncipe governar os corpos de seus cidadãos, definir quem está casado e quem pode se casar, quem é bastardo e quem é legítimo.

De onde o príncipe extrai esse poder, e o poder de impor a lei? Ele os adquire por intermédio de um corpo legislativo, que atua em nome dos cidadãos. É do desejo do povo, expresso pelo Parlamento, que um rei deriva sua majestade.

Quando ele diz isso, Henrique parece forçar a audição, como se captasse o som de uma turba correndo pela estrada para arrancá-lo de seu palácio. Ele o tranquiliza quanto a esse ponto: Marsílio não confere legitimidade alguma a rebeldes. Os cidadãos podem de fato se agrupar para derrubar um déspota, mas ele, Henrique, não é um déspota; é um monarca que governa dentro da lei. Henrique gosta de ser saudado pelo povo quando atravessa Londres, mas o príncipe sábio nem sempre é o príncipe mais popular; e ele sabe disso.

Ele tem outras proposições para apresentar ao rei. Cristo não concedia a seus seguidores lotes de terras ou monopólios, cargos, promoções. Todas essas coisas são assunto do poder secular. Como um homem que fez voto de pobreza pode ter direito à propriedade? Como monges podem ser donos de terras?

O rei diz: “Cromwell, com sua facilidade para grandes números...”. Ele olha à distância. Seus dedos manipulam a renda cor de prata de seu punho.

“O corpo legislativo”, ele prossegue, “deve assegurar a subsistência de padres e bispos. Depois disso, deve ser habilitado a usar as riquezas da Igreja pelo bem público.”

“Mas como libertar essa riqueza?”, indaga Henrique. “Imagino que seja possível derrubar altares...” Com sua própria pessoa

coberta de joias, Henrique pensa na magnitude de riquezas que poderia abarcar. “Se houvesse alguém com coragem.”

É característico de Henrique adiantar-se numa direção à qual o outro não exatamente se encaminhava. Ele planejava persuadi-lo a adotar um intrincado processo legal de desapropriação e reintegração de posse: a afirmação de direitos ancestrais do soberano, a recuperação daquilo que sempre lhe pertenceu. Ele há de lembrar que foi Henrique quem primeiro sugeriu empunhar um formão e desengastar as safiras dos olhos dos santos. Contudo, ele está disposto a seguir o raciocínio do rei. “Cristo nos ensinou como devemos lembrá-lo. Ele nos deixou pão e vinho, corpo e sangue. De que mais precisamos? Não vejo onde ele pediu que erigíssemos altares, ou que fosse instituído um comércio de partes do corpo, de cabelos ou unhas, ou onde nos pediu que construíssemos e venerássemos imagens de gesso.”

“Você teria condições de estipular...”, começa Henrique, “quem sabe... Não, imagino que não teria.” O rei se põe de pé. “Bem, o sol está brilhando, ou seja...”

Melhor aproveitar. Ele reúne os papéis do dia. “Eu posso concluir isso.” Henrique se retira para vestir a casaca de montaria duplamente acolchoada. Ele pensa: não queremos que nosso rei seja o homem pobre da Europa. Espanha e Portugal têm tesouros que se derramam das Américas a cada ano. Onde está nosso tesouro?

Olhe à sua volta.

Sua estimativa é de que o clero possua um terço da Inglaterra. Em breve, Henrique perguntará como essa propriedade pode passar à Coroa. É o mesmo que lidar com uma criança; um dia alguém chega com uma caixa e a criança pergunta, o que tem aí? Depois ela vai dormir e esquece; no dia seguinte ela pergunta de novo, e não descansará enquanto a caixa não for aberta e os presentes distribuídos.

O Parlamento está prestes a se reunir. Ele diz ao rei: em toda a história, nenhum Parlamento trabalhou tão duro quanto pretendo obrigá-los a trabalhar agora.

“Faça o que tiver que fazer; eu o apoiarei”, responde Henrique.

É como ouvir as palavras que você esperou ouvir por toda a vida. É como ouvir um perfeito verso de poesia, num idioma que você já conhecia antes mesmo de nascer.

Ele volta para casa satisfeito; mas o cardeal o aguarda numa esquina. Ele parece estufado como uma almofada em suas vestes escarlate, e seu rosto exibe uma expressão marcial e revoltosa. Wolsey diz: você sabe que o rei tomará o crédito por suas boas ideias e lhe imputará a culpa pelas más ideias que ele tiver, não? Quando a sorte lhe der as costas, você sentirá seu açoite: sempre você; jamais ele.

Ele diz, meu querido Wolsey. (Pois agora que os cardeais estão arruinados neste reino, ele se dirige ao outro como um colega, e não como amo.) Meu querido Wolsey, não é exatamente assim; ele não culpou Charles Brandon por estilhaçar uma lança dentro do seu elmo, ele culpou a si mesmo por não ter baixado a viseira.

O cardeal responde, você acha que isso é uma arena de justas? Acha que há regras, protocolos, juízes para garantir um jogo limpo? Um dia, quando ainda estiver ajustando seus arreios, você erguerá a cabeça e ele já estará galopando morro abaixo na sua direção com lança em riste.

O cardeal desaparece, com uma gargalhada.

Mesmo antes da assembleia dos Comuns, os oponentes se reúnem para combinar suas táticas. Seus encontros não são segredo. Criados entram e saem, e o método que ele utiliza com os conclaves dos Pole merece ser descrito: há jovens na sua casa que não são demasiado orgulhosos para vestir um avental e carregar uma bandeja de linguados ou um pernil de boi. Os fidalgos da Inglaterra agora buscam cargos em sua casa, para seus filhos, sobrinhos e guardas, pensando que aprenderão com ele a arte de

governar, como escrever em linguagem de secretário, como lidar com traduções do exterior e quais livros alguém deve ler para se tornar um cortesão. Ele recebe com seriedade a confiança nele depositada; educadamente, ele tira das mãos desses jovens senhores suas adagas e suas penas, e conversa com eles, descobrindo por trás da paixão e do orgulho dos rapazes de quinze ou vinte anos o que eles realmente valem, quanto valem e quanto valeriam sob provações. Nada se aprende sobre os homens ao desdenhar deles e lhes esmagar o orgulho. É preciso indagar o que podem fazer neste mundo, o que só eles podem realizar.

Os rapazes ficam perplexos com a pergunta, e suas almas se revelam. Talvez ninguém jamais tenha conversado com eles antes. Certamente não seus pais.

Você introduz esses jovens, por violentos e incultos que sejam, em ocupações humildes. Eles aprendem os salmos. Aprendem o uso de uma lâmina de filetar e uma faca de descascar; só assim, por autodefesa e sem aulas formais, eles aprendem o *estoc*, a punhalada mortífera sob as costelas, a simples torção certa do pulso. Christophe se oferece como instrutor. Esses *messieurs*, ele diz, pode ter certeza de que são muito elegantes. Eles cortam a cabeça do cervo ou a cauda do rato, e sabe-se lá o que mais, para enviar a seus queridos papais. Mas só eu e o senhor, e Richard Cremuel, só nós sabemos como derrubar um merdinha e acabar com sua raça sem que ele consiga soltar um pio sequer.

Antes que chegue a primavera, algumas das pobres almas que se plantam diante dos portões conseguem se esgueirar para dentro da casa. Os olhos e os ouvidos dos iletrados são tão afiados quanto os dos aristocratas, e ninguém precisa ser erudito para ter bom juízo. Cavaliços e tratadores de cães entreouvem as confidências de condes. Um menino com lenha e foles escuta os segredos sonolentos do alvorecer, quando entra para acender a lareira.

Num dia de forte luz do sol, de calor súbito e enganoso, Me-Chame-Risley entra a largas passadas em Austin Friars. Ele

vocifera: “Muito bom dia, senhor”. Atira a casaca de lado, senta-se à sua mesa e puxa a banqueta para perto. Toma a pena e observa a ponta. “Muito bem, o que tem para mim?” Seus olhos cintilam e as pontas das orelhas são rosadas.

“Acho que Gardiner talvez esteja de volta”, ele responde.

“Como soube?” Me-Chame larga a pena. Põe-se de pé num salto. Começa a andar de um lado a outro. “Por que ele é desse jeito? Sempre discutindo e batendo boca, e fazendo perguntas quando não se interessa pelas respostas?”

“Você gostava bastante disso quando estava em Cambridge.”

“Ah, naquela época”, diz Wriothsley, com desprezo por seu eu mais jovem. “Supostamente servia para treinar nossa mente. Não sei bem.”

“Meu filho diz que isso o esgotava, a prática do debate erudito. Ele o chama de prática do argumento fútil.”

“Talvez Gregory não seja completamente estúpido.”

“Eu gostaria muito de pensar que não.”

Me-Chame-Risley enrubesce, adquirindo um tom de vermelho intenso. “Não quis ofender. O senhor sabe que Gregory não é como nós. Do jeito que o mundo vai, ele é demasiado bom. Mas o senhor também não precisa ser como Gardiner.”

“Quando os conselheiros do cardeal se reuniam, nós propúnhamos planos, e por vezes surgia alguma discordância, mas resolvíamos em debate; depois, refinávamos nossos projetos e os aplicávamos. O conselho do rei não funciona dessa maneira.”

“E como poderia? Norfolk? Charles Brandon? Eles lhe farão oposição apenas por ser quem é. Mesmo que concordem com você, eles se oporão. Até quando souberem que está certo.”

“Imagino que Gardiner esteja ameaçando você.”

“Com minha ruína.” Ele fecha uma mão na outra. “Eu não levo a sério.”

“Mas deveria. Winchester é um homem poderoso, e se ele diz que vai arruiná-lo, é o que pretende fazer.”

“Ele afirma que sou desleal. Diz que, enquanto estive no exterior, deveria ter cuidado dos interesses dele, e não dos seus.”

“Minha opinião é: você serve ao secretário-mor, a quem quer que esteja atuando no cargo. Se eu...”, ele hesita, “se... Wriothesley, eu lhe faço esta oferta, se eu for confirmado no posto, eu o encarregarei do selo.”

“Eu serei o escrivão-chefe?” Ele percebe que Me-Chame-Risley está calculando a soma das comissões.

“Então agora vá até Gardiner, peça desculpas e faça com que ele lhe apresente uma oferta melhor. Defenda suas apostas.”

Com expressão alarmada, Me-Chame hesita. “Ande logo, rapaz.” Ele agarra a casaca e a enfia nas mãos do outro. “Stephen ainda é secretário. Ele pode ter seus selos de volta. Informe apenas que ele terá que vir aqui e pegá-los pessoalmente.”

Me-Chame ri. Ele esfrega a testa, confuso, como se tivesse saído de uma briga, e joga a casaca nos ombros. “Não temos salvação, temos?”

Rufiões inveterados. Lobos destrinchando carcaças. Leões disputando cristãos.

O rei o convoca, e a Gardiner, para examinar a proposta de lei que ele pretende apresentar ao Parlamento para assegurar a sucessão dos filhos de Ana. A rainha está com eles; muitos cavalheiros sem cargos públicos veem menos suas esposas do que o rei, ele pensa. O rei cavalga, Ana cavalga. Ele caça, Ana caça. Ela toma os amigos de Henrique e os transforma em seus amigos.

Ana tem o hábito de ler por cima do ombro de Henrique; ela o faz agora mesmo, a mão exploradora deslizando pela sedosa corpulência do rei, através das camadas de suas vestes, e uma unha diminuta se infiltra entre o colarinho bordado da camisa real, erguendo um nada de tecido, uma fração apenas, da pele alva do esposo; a ampla palma de Henrique se move para afagar a mão dela, um gesto ausente, distraído, como se estivessem a sós. O

documento rascunhado da proposta se refere reiteradas vezes — e pelo visto de modo apropriado — à “*sua mais querida e absolutamente adorada esposa, rainha Ana*”.

O bispo de Winchester está boquiaberto. Como homem, ele não consegue desgrudar os olhos do espetáculo; contudo, como bispo, ele se obriga a pigarrear. Ana simplesmente não nota, e segue fazendo o que está fazendo, lendo a proposta em voz alta, até que ergue os olhos, abismada: esse texto menciona minha morte! “*Se porventura vossa supracitada querida e absolutamente adorada esposa rainha Ana vier a falecer...*”

“Não posso excluir a possibilidade”, ele explica. “O Parlamento pode fazer qualquer coisa, madame, exceto ir contra a natureza.”

Ela enrubesce. “Não morrerei de parto. Eu sou forte.”

Ele não se recorda de Liz perdendo a compostura durante a gravidez. Quando muito, ela se tornava pouco a pouco mais sóbria e frugal, e passava o tempo fazendo listas dos estoques dos guarda-comidas. Ana, a rainha, arranca o rascunho das mãos de Henrique. Ela o sacode com fúria. Está revoltada com o papel, enciumada da tinta. “Esta proposta decide que, se eu morrer, digamos que eu morra agora, digamos que eu tenha uma febre e morra sem dar à luz, ele então pode pôr outra rainha no meu lugar.”

“Querida”, começa o rei, “não posso imaginar outra no seu lugar. É apenas hipotético. Deve-se fazer uma provisão a respeito.”

“Madame”, diz Gardiner, “se cabe a mim defender Cromwell, ele prevê apenas uma situação costumeira. A senhora não condenaria sua majestade a uma vida como perpétuo viúvo, não é? E nunca conhecemos nossa hora, não é mesmo?”

Ana não lhe dá a mínima atenção; é como se Winchester não tivesse falado. “E se ela tiver um filho, diz aqui, aquele filho herdará. Diz, *herdeiros varões legalmente gerados*. E então o que acontecerá com minha filha e seu direito?”

“Bem”, explica Henrique, “ela continua princesa da Inglaterra. Se você ler um pouco mais abaixo no documento, ele diz isso...”

Henrique fecha os olhos. Deus, dai-me forças.

Gardiner se prontifica a informá-la: “Se o rei não tiver um filho, não em matrimônio legal com mulher alguma, então sua filha será rainha. É o que Cromwell propõe”.

“Mas por que tem que estar escrito dessa forma? E onde está determinado que Mari Espanhola é uma bastarda?”

“Lady Maria está fora da linha de sucessão”, ele explica, “e portanto a inferência é clara. Não precisamos dizer mais que isso. Madame, perdoe alguma frieza de expressão. Tentamos escrever as leis de modo econômico. E de modo que não sejam pessoais.”

“Deus do céu”, exclama Gardiner com prazer, “se isso não é pessoal, então o que seria?”

O rei parece ter convidado Stephen à conferência para esnobá-lo. Claro, no dia seguinte poderia ser o contrário; ele poderia chegar e encontrar Henrique de braço dado com Winchester e passeando entre os flocos de neve. Ele diz: “Nossa intenção é selar este ato com um juramento. Os súditos de sua majestade devem prestar o juramento de endossar a sucessão ao trono, como exposta neste documento e ratificada no Parlamento”.

“Um juramento?”, repete Gardiner. “Que tipo de legislação precisa ser confirmada com um juramento?”

“Há sempre quem diga que um Parlamento é influenciado, ou comprado, ou incapaz de representar a coisa pública de alguma forma. Sempre há aqueles que negarão a competência do Parlamento para legislar sobre certos assuntos, dizendo que devem ser deixados a alguma outra jurisdição; isto é, a Roma. Mas acho que é um erro. Roma não tem voz legítima na Inglaterra. Com minha proposta de lei, pretendo afirmar uma posição. É uma proposta modesta. Eu a redigi, talvez o Parlamento se disponha a passá-la e talvez seja do agrado do rei assiná-la. Depois, pedirei que o país a endosse.”

“Então o que fará?”, Stephen caçoa. “Pretende mandar seus rapazes de Austin Friars correrem o país de cima a baixo, exigindo o

juramento de cada fulano que desenterrem dos fundos das tabernas?”

“E por que eu não deveria fazê-los jurar? Acham que, porque não são bispos, eles são animais? O juramento de um cristão vale tanto quanto o de qualquer outro. Observe qualquer parte deste reino, meu lorde bispo, e encontrará miséria, privação. Há homens e mulheres nas estradas. Os criadores de ovelhas se tornaram tão grandes que os pequenos são enxotados dos seus acres e o lavrador perde sua posse e seu lar. Em uma geração, essa gente pode aprender a ler. O lavrador pode pegar um livro. Acredite, Gardiner, a Inglaterra pode ser outra coisa.”

“Eu o irritei”, observa Gardiner. “Exaltou-se, e não compreendeu a pergunta. Não perguntei se eles são homens de palavra, mas quantos deles pretende fazer jurar. Mas, claro, nos Comuns o senhor apresentou uma proposta de lei contra as ovelhas...”

“Contra os criadores de ovelhas”, ele retruca, sorrindo.

O rei interfere: “Gardiner, é para ajudar o povo; nenhum criador deve manter mais que dois mil animais...”.

O bispo interrompe seu rei como se fosse uma criança. “Dois mil, isso, portanto, quando seus enviados estiverem correndo pelos distritos para contar ovelhas, talvez possam tomar o juramento dos criadores ao mesmo tempo, não? E desses seus lavradores, na sua condição pré-letrada? E de qualquer prostituta que achem numa vala?”

Ele é obrigado a rir. O bispo é tão veemente... “Meu senhor, eu tomarei o juramento de todos que sejam necessários para assegurar a sucessão e unir o país a nosso favor. O rei tem seus funcionários, seus juízes de paz; e confiaremos na idoneidade dos lordes do conselho para fazer o processo funcionar, senão, tomarei satisfações.”

Henrique acrescenta: “Os bispos prestarão o juramento. Espero que sejam obedientes”.

“Precisamos de alguns bispos novos”, diz Ana. Ela indica seu amigo Hugh Latimer. O amigo dele, Rowland Lee. Ao que parece, ela realmente tem uma lista, que leva na cabeça. Liz fazia compotas. Ana faz clérigos.

“Latimer?” Stephen balança a cabeça, mas não pode acusar a rainha de favorecer hereges: não na cara dela. “Rowland Lee, pelo que me consta, jamais subiu num púlpito em toda a sua vida. Alguns homens entram na vida religiosa apenas por ambição.”

“E quase sem qualquer talento para disfarçá-la”, ele retruca.

“Eu faço o melhor que posso na minha estrada”, responde Stephen. “Fui colocado nela. Em nome de Deus, Cromwell, eu o sigo.”

Ele se volta para Ana. Os olhos dela brilham em deleite. Nenhuma palavra lhe escapa.

“Meu lorde de Winchester, estive fora do país por um longo tempo, na sua embaixada”, comenta Henrique.

“Espero que vossa majestade considere que foi para seu benefício.”

“Certamente, mas você não pôde evitar a negligência à sua diocese.”

“Como pastor, o senhor deveria cuidar do seu rebanho”, acrescenta Ana. “Contá-lo, talvez.”

Gardiner faz uma mesura. “Meu rebanho está seguro e sob controle.”

Afora chutar o bispo escada abaixo, ou mandar que os guardas o arrastem para fora, o rei não pode ser mais claro que isso. “Ainda assim, fique à vontade para se ocupar dele”, murmura Henrique.

Um odor feral sempre se ergue dos pelos de um cão prestes a brigar. Esse cheiro se eleva agora na sala, e ele vê Ana se virando de lado, melindrosa, e Stephen espalmando a mão no peito, como se para eriçar o pelo, para exhibir seu tamanho antes de mostrar as presas. “Estarei novamente com vossa majestade dentro de uma

semana”, ele conclui. A dócil frase é pronunciada como um rosnado das profundezas de suas entranhas.

Henrique cai na gargalhada. “Enquanto isso, ficamos contentes com Cromwell. Cromwell nos trata muito bem.”

Depois que Winchester parte, Ana paira acima do rei novamente; seus olhos se agitam de um lado a outro, como se ela o envolvesse em alguma conspiração. O corpete de Ana ainda tem as amarras justas, e apenas um ligeiro intumescimento em seus seios indica sua condição. Não houve nenhum anúncio; nunca há anúncios, pois o corpo das mulheres é uma coisa incerta e erros podem acontecer. Mas toda a corte tem certeza de que ela espera o herdeiro, e ela mesma diz isso; dessa vez, maçãs não são mencionadas, e ela fica repugnada com todas as comidas pelas quais ansiava quando esperava a princesa, e portanto há bons sinais de que será um menino. O projeto de lei que ele levará aos Comuns não é, como Ana pensa, alguma previsão de desastre, mas uma confirmação de seu lugar no mundo. Ela fará trinta e três anos. Por quantos anos ele riu de seu peito chato e de sua pele amarelada? Até ele consegue ver sua beleza, agora que é rainha. Seu rosto parece esculpido na pureza de suas linhas, seu crânio é pequeno como o de um gato; a garganta tem uma luminosidade mineral, como se fosse salpicada com ouropel.

Henrique diz: “Stephen é um embaixador resoluto, sem dúvida, mas não posso mantê-lo próximo a mim. Confiei-lhe meus mais íntimos pensamentos, e agora ele se volta contra minha pessoa”. O rei balança a cabeça. “Eu abomino a ingratidão. Abomino a deslealdade. É por isso que valorizo um homem como você. Você foi bom para seu antigo amo na tribulação. Nada poderia recomendá-lo mais que isso, a meu ver.” Henrique fala como se não tivesse causado o problema pessoalmente; como se a queda de Wolsey tivesse sido resultado de um raio. “Outro que me decepcionou foi Thomas More.”

“Quando redigir sua acusação contra a falsa profetisa Barton, mencione More, junto a Fisher”, diz Ana.

Ele balança a cabeça. “Não passará. O Parlamento não a aceitará. Há provas o bastante contra Fisher, e os Comuns não gostam dele, pois o bispo se dirige a eles como se fossem turcos. Mas More veio a mim mesmo antes da prisão de Barton e me mostrou que estava isento de culpa no caso.”

“Mas isso o assustará”, insiste Ana. “Eu o quero apavorado. O pavor pode derrubar um homem. Já vi acontecer.”

Três da tarde: velas são trazidas. Ele consulta a agenda do dia organizada por Richard: John Fisher o aguarda. É hora de se enfurecer. Ele tenta pensar em Gardiner, mas não contém a risada. “Componha seu rosto”, recomenda Richard.

“Quem imaginaria que Stephen me deve dinheiro. Eu paguei pela sua instauração em Winchester.”

“Peça a devolução, senhor.”

“Mas eu já tomei a casa dele para a rainha. Gardiner ainda está de luto por isso. É melhor não levá-lo a extremos. Devo lhe deixar ao menos um caminho de volta.”

O bispo Fisher está sentado, as mãos esqueléticas pousadas numa bengala de ébano. “Boa noite, meu amo”, ele cumprimenta. “Por que é tão crédulo?”

O bispo parece surpreso por não começarem com uma prece. Mesmo assim, ele murmura uma bênção.

“Melhor seria que pedisse o perdão do rei. Implore por esse favor. Suplique que ele considere sua idade e suas debilidades.”

“Não sei qual foi meu crime. E, apesar do que o senhor pensa, não estou na minha segunda infância.”

“Mas eu creio que esteja. De que outra forma daria crédito àquela mulher, Barton? Se o senhor se deparasse com um espetáculo de marionetes na rua, não acharia graça, não exclamaria: ‘Vejam suas

perninhas de pau caminhando, vejam como mexem os braços? Vejam como eles sopram suas cornetas?'. Não diria?"

"Não creio que já tenha visto um espetáculo de marionetes", responde Fisher, tristemente. "Ao menos não do tipo que menciona."

"Mas o senhor está em um, lorde bispo! Olhe à sua volta. Tudo isso não passa de um grande espetáculo de marionetes."

"E mesmo assim, tantos acreditaram nela", continua Fisher, humilde. "O próprio Warham, isto é, Cantuária. Um exército, uma centena de homens devotos e eruditos. Eles confirmaram os milagres dela. E por que ela não deveria expressar seu conhecimento, sendo inspirada? Sabemos que, antes de agir, o Senhor dá um sinal de si através dos seus servos, pois o profeta Amós afirma..."

"Não me venha com seu profeta Amós, homem. Ela ameaçou o rei. Previu a morte dele."

"Prever não é o mesmo que desejar, e muito menos tramar."

"Ah, mas ela nunca previa coisas que não esperava que acontecessem. Ela se sentava com os inimigos de Henrique e lhes dizia como as coisas se passariam."

"Se está mencionando lorde Exeter", retruca o bispo, "ele já foi perdoado, claro, assim como Lady Gertrude. Se fossem culpados, o rei tomaria providências."

"Isso não é verdade. Henrique deseja a reconciliação. Ele se sente disposto à misericórdia. Pode ser misericordioso até mesmo com o senhor, desde que reconheça seus erros. Exeter não escreveu contra o rei, mas o senhor sim."

"Onde? Mostre-me."

"Sua mão está escondida, senhor, mas não para mim. E agora não tornará a publicar." Os olhos de Fisher se lançam aos céus. Delicadamente, seus ossos se movem sob sua pele; sua mão comprime a bengala, cujo punho é um golfinho dourado. "Seus impressores estrangeiros agora trabalham para mim. Meu amigo Stephen Vaughan lhes ofereceu um pagamento melhor."

“É por causa do divórcio que você me persegue”, Fisher responde. “Não é por Elizabeth Barton. É porque a rainha Catarina pediu meu conselho e eu lhe dei.”

“Diz que eu o persigo, quando tudo que peço é que se mantenha dentro da lei? Não tente me desviar do tema da sua profetisa, ou eu o levarei para onde ela está e o trancarei na cela ao lado. Será que ficaria tão disposto a acreditar nela se Barton tivesse visões de Ana coroada rainha um ano antes do acontecido, e dos céus sorrindo para ela na ocasião? Nesse caso, eu lhe digo, teria afirmado que ela é uma bruxa.”

Fisher balança a cabeça: recua confusamente. “Sabe, eu sempre me perguntei, sempre me intrigou por muitos anos, se Maria Madalena dos Evangelhos era a mesma Maria que foi irmã de Marta. Elizabeth Barton me disse com toda a certeza que era. Nesse assunto, ela não hesitou.”

Ele ri. “Ah, ela conhece todas essas pessoas intimamente. Elizabeth entra e sai das suas casas. Ela já dividiu tigelas de sopa com Nossa Senhora em muitas ocasiões. Meu senhor, ouça bem, a ingenuidade religiosa teve sua época, mas esse tempo acabou. Estamos em guerra. Não se engane por não ver soldados do imperador correndo pelas ruas; é uma guerra e o senhor está no campo inimigo.”

O bispo silencia. Ele se remexe um pouco em sua banquetta, fungando. “Eu compreendo por que Wolsey o manteve. Você é um rufião, como ele foi. Sou padre há mais de quarenta anos, todavia nunca vi homens tão pecaminosos quanto os que hoje prosperam. Nem conselheiros tão malignos.”

“Caia doente”, ele diz. “Fique de cama. É minha recomendação.”

O ato de condenação contra a Donzela e seus aliados é apresentado à Câmara dos Lordes numa manhã de sábado, 21 de fevereiro. Fisher é citado e, por ordem de Henrique, também Thomas More. Ele vai até a Torre para ver a mulher Barton e

verificar se ela tem algo mais a aliviar de sua consciência antes que sua morte seja marcada.

Barton sobreviveu ao inverno, arrastada pelo país em suas confissões a céu aberto, exposta em cadafalsos sob o vento cortante. Ele leva consigo uma vela, e a encontra atirada sobre sua banqueta como uma trouxa de farrapos mal amarrados; o ar está tão frio quanto estagnado. Ela ergue os olhos e diz, como se retomassem uma conversa, “Maria Madalena me disse que eu devo morrer”.

Talvez, ele pensa, ela ande conversando comigo na sua cabeça. “Ela lhe deu uma data?”

“Acharia isso útil?”, ela indaga. Ele se pergunta se Barton sabe que o Parlamento, indignado com a inclusão de More, talvez postergue o decreto contra ela até a primavera. “Fico feliz que tenha vindo, mestre Cromwell. Nada acontece por aqui.”

Nem mesmo seus interrogatórios mais prolongados e mais sutis chegaram a assustá-la. Para implicar Catarina no caso, ele tentou todos os truques que conhecia: nenhum resultado. “Eles a têm alimentado propriamente?”, indaga ele.

“Ah, sim. E também têm lavado minhas roupas. Mas eu sinto falta de quando ia a Lambeth, quando via o arcebispo, eu gostava daquilo. De ver o rio. De todas as pessoas se agitando ao redor, e dos barcos sendo descarregados. O senhor sabe se serei queimada? Lorde Audley disse que eu seria queimada.” Ela fala como se Audley fosse um velho amigo.

“Eu espero que seja poupada disso. Cabe ao rei decidir.”

“Tenho ido ao inferno nas últimas noites”, ela diz. “Lorde Lúcifer me apresenta um trono. É talhado de ossos humanos e acolchoado com almofadas de chamas.”

“É para mim?”

“Que Deus o abençoe, não. Para o rei.”

“Avistou Wolsey alguma vez?”

“O cardeal está onde o deixei.” Sentado entre os não nascidos. Ela se detém; uma pausa longa e oscilante. “Dizem que pode levar uma hora para que o corpo queime. A Virgem Maria me exaltará. Serei banhada em chamas, como alguém que se banha numa fonte. Para mim, elas estarão frescas.” Ela o encara, mas, diante da expressão que encontra, desvia o rosto. “Às vezes eles colocam pólvora entre a lenha, não é? Assim fica mais rápido. Quantos partirão comigo?”

Seis. Ele os nomeia. “Poderiam ser sessenta. Sabia disso? Sua vaidade os arrastou para cá.”

Enquanto fala, ele pensa: também é verdade que a vaidade deles a arrastou para cá. E ele vê que Barton teria preferido que sessenta morressem, ver Exeter e a família Pole caindo em desgraça; isso teria selado sua fama. Sendo assim, por que ela não nomeou Catarina como cúmplice da trama? Que triunfo para uma profetisa, derrubar uma rainha. Aí está, ele pensa, no fim das contas, eu não deveria ter sido tão sutil; deveria ter jogado com sua ambição por alcançar a infâmia. “Eu não o verei novamente?”, indaga ela. “Ou estará lá, no meu suplício?”

“Esse trono”, ele continua. “Essa poltrona de ossos. Seria melhor guardar isso para si. Não deixe que o rei ouça a respeito.”

“Eu acho que ele deveria. O rei deve ser avisado do que o aguarda depois da morte. E o que mais ele pode fazer comigo, pior do que já planeja?”

“Não quer suplicar pela sua barriga?”

Ela cora. “Não estou grávida. O senhor está caçoando de mim.”

“Eu aconselharia qualquer pessoa a buscar mais algumas semanas de vida, por qualquer meio possível. Diga que foi usada na estrada. Diga que seus guardas a desonraram.”

“Mas assim eu teria que dizer quem foi, e esses guardas seriam levados diante de um juiz.”

Ele balança a cabeça, com pena dela. “Quando um guarda estupra uma prisioneira, não lhe diz seu nome.”

De qualquer maneira, Barton não gosta da ideia, isso está claro. Ele a deixa. A Torre é como uma cidadela e sua rotina matinal estrepita ao redor dele; os guardas e homens da Casa da Moeda o saúdam, e o tratador das feras do rei se aproxima para dizer que é hora do almoço — eles se alimentam cedo, os animais —, ele não gostaria de vê-los comendo? Muito grato pelo convite, ele diz, declinando da oferta; em jejum, levemente nauseado, ele sente o cheiro do sangue estagnado e ouve os bufos e rugidos abafados, vindos da direção das jaulas. No alto das muralhas diante do rio, fora da vista, um homem assovia uma velha melodia, e no refrão começa a cantar; ele é um alegre lenhador, diz o homem. O que certamente não é verdade.

Ele olha em torno, em busca de seus barqueiros. Ele se pergunta se a Donzela está doente, e se viverá o bastante para ser executada. Ela jamais foi machucada sob sua custódia, apenas atormentada; mantida desperta por uma ou duas noites, não mais do que os assuntos do rei tiram o sono de seu conselheiro. E, ele pensa, ninguém me vê confessando coisa alguma. São nove horas; na ceia das dez, deve se encontrar com Norfolk e Audley, que, ele espera, não estarão urrando e fedendo como as feras. Há um sol hesitante, gelado; rolos de vapor espiralam pelo rio, um rascunho de névoa.

Em Westminster, o duque enxota os criados. “Se eu quiser uma bebida, eu mesmo me sirvo. Saiam, fora, fora daqui. E fechem a porta! Qualquer espiadela pela fechadura e eu esfolo e salgo todos vocês vivos!” Norfolk se volta, praguejando entre dentes, e toma sua cadeira com um rosnado. “E se eu implorasse a ele?”, indaga o duque. “E se eu caísse de joelhos e dissesse, Henrique, pelo amor de Deus, tire Thomas More do ato de condenação?”

“E se todos nós implorássemos”, acrescenta Audley, “de joelhos?”

“Ah, e Cranmer também”, diz ele. “Nós levaremos Cranmer conosco. Ele não vai escapar desse deleitável interlúdio.”

“O rei jura”, Audley comenta, “que se o ato for reprovado, ele mesmo comparecerá ao Parlamento, a ambas as Câmaras se necessário, e insistirá.”

“Talvez ele sofra uma derrota”, diz o duque. “E em público. Pelo amor de Deus, Cromwell, não deixe que ele faça isso. Henrique sabia que More estava contra ele, e mesmo assim permitiu que rastejasse a Chelsea para apaziguar sua consciência. Mas é minha sobrinha, suponho, quem deseja que More seja punido pela lei. Ela levou as coisas para o lado pessoal. As mulheres fazem isso.”

“Acho que o rei levou para o lado pessoal.”

“O que é uma fraqueza”, diz Norfolk, “do meu ponto de vista. Por que ele se importa com o que More pensa a seu respeito?”

Audley sorri, incerto. “Está chamando o rei de fraco?”

“*Chamando o rei de fraco?*” O duque se atira à frente e grasna na cara de Audley como se fosse um corvo falante. “O que é isso, lorde chanceler, falando por si? Geralmente o senhor espera que Cromwell fale, e depois é piu-piu daqui, piu-piu dali, sim-senhor-não-senhor, tudo que disser, Tom Cromwell.”

A porta se abre e Me-Chame-Risley desponha por ela. “Por Deus”, esbraveja o duque, “se eu tivesse uma balestra, arrancaria sua cabeça fora! Eu disse que ninguém deveria entrar.”

“Will Roper está aqui. Traz cartas do sogro. More quer saber o que o senhor fará por ele, já que admitiu que ele não tem nada a responder na justiça.”

“Diga a Will que estamos ensaiando agora mesmo como suplicar ao rei que tire o nome de More do ato.”

O duque emborça sua bebida, aquela que ele mesmo serviu. Atira sua taça de volta à mesa. “Seu cardeal dizia: Henrique prefere entregar metade do seu reino a ceder, ele não abrirá mão de nenhum detalhe da sua vontade.”

“Mas eu penso que... Não acha, lorde chanceler, que...”

“Ah, sim”, interrompe o duque. “Tudo o que quiser, Tom, ele acha. *Quá, quá.*”

Wriothesley parece alarmado. “Posso mandar Will entrar?”

“Pois bem, todos concordamos? Implorar de joelhos?”

“Só faço se Cranmer fizer”, diz o duque. “Por que um homem laico haveria de desgastar suas juntas?”

“Deveríamos mandar chamar lorde Suffolk também?”, Audley sugere.

“Não. O filho dele está morrendo. Seu herdeiro.” O duque passa a mão na boca. “Ele está a apenas um mês do seu aniversário de dezoito anos.” Seus dedos tremelicam em busca de suas medalhas sagradas, seus relicários. “Brandon tem um filho. E eu também. E Cromwell. E Thomas More. Só um menino. Deus abençoe Charles, ele terá que começar a procriar novamente com a nova esposa; será uma provação para ele, tenho certeza.” Norfolk solta uma gargalhada. “Se eu pudesse dar uma pensão e me livrar da senhora minha esposa, também arranjaria uma garota suculenta de quinze anos. Mas minha mulher não aceitaria.”

É demais para Audley. Seu rosto fica rubro. “Meu senhor, está casado, e bem casado, há vinte anos.”

“E eu não sei? É como enfiar sua pessoa num saco de couro duro.” A mão ossuda do duque arremete para espremer seu ombro. “Arranje-me um divórcio, Cromwell, pode ser? Juntamente com meu lorde arcebispo, inventem algum fundamento. Eu prometo que não haverá nenhum assassinato envolvido.”

“Onde houve assassinato?”, indaga Wriothesley.

“Estamos nos preparando para assassinar Thomas More, não estamos? O velho Fisher, estamos afiando a faca para ele, é ou não é?”

“Deus me livre.” O lorde chanceler se levanta, rodopiando a túnica numa meia-volta. “Não estamos falando de crimes capitais. More e o bispo de Rochester, eles são apenas cúmplices.”

“Algo que, para sermos honestos, já é bastante grave”, diz Wriothesley.

Norfolk dá de ombros. “Podem matá-los agora ou depois. More não prestará seu juramento. Nem Fisher.”

“Eu tenho absoluta certeza de que farão”, contesta Audley. “Usaremos uma persuasão eficiente. Nenhum homem razoável se recusará a jurar respeito à sucessão, pela segurança do reino.”

“Então”, diz o duque, “Catarina deve endossar sob juramento a sucessão da filha da minha sobrinha? E quanto a Maria: ela deve jurar? E se elas se recusarem, o que propõe? Arrastá-las a Tyburn numa jaula e pendurá-las numa forca, estrebuchando, para que seu parente imperial as veja?”

Ele e Audley trocam olhares. Audley diz: “Meu senhor, não deveria beber tanto vinho antes do meio-dia”.

“Ah, *piu, piu*”, diz o duque.

Uma semana antes, ele estivera em Hatfield para ver as duas damas reais: a princesa Elizabeth e Lady Maria, filha do rei.

“Faça o favor de lembrar bem dos títulos”, ele dissera a Gregory enquanto cavalgavam.

“O senhor já está desejando ter trazido Richard”, Gregory respondeu.

Ele não queria deixar Londres durante um período tão agitado no Parlamento, mas o rei o persuadiu, dois dias e pode voltar, quero que dê uma olhada nas coisas. A rota para fora da cidade era um regato de degelo, e em bosques abrigados do sol, as poças ainda estavam congeladas. Um sol fraco tremeluzia para eles quando adentraram Hertfordshire, e lá e cá florescia ameixeiras-bravas, sacudindo ao recém-chegado uma petição contra a extensão do inverno.

“Costumava vir aqui uns anos atrás. Era a residência do cardeal Morton, sabe, e ele saía da cidade quando o tempo começava a esquentar. Quando eu tinha nove ou dez, meu tio John me enfiava numa carroça de provisões com os melhores queijos e tortas, caso alguém tentasse roubá-los quando fôssemos parados.”

“Não tinham guardas?”

“Era dos guardas que ele tinha medo.”

“*Quis custodiet ipsos custodes?*”

“Eu, evidentemente.”

“O que o senhor teria feito?”

“Não sei. Eu os morderia, talvez?”

A bela fachada de tijolos é menor do que em sua lembrança, mas a memória faz essas coisas. Os pajens e cavalheiros que agora acorrem, os criados para conduzir os cavalos, o vinho aquecido que os espera, o barulho e a agitação, é uma chegada diferente daquelas de muitos anos atrás. Transportar lenha e água, acender as fomalhas, essas tarefas estavam acima da força ou da habilidade de uma criança, mas ele não queria abrir mão delas, e trabalhava junto aos homens, sujo e faminto, até que alguém percebesse que ele estava prestes a desmaiar: ou até que desmaiasse de fato.

Sir John Shelton é o chefe dessa estranha casa, mas ele escolheu um momento em que Sir John estivesse ausente; falar com as mulheres, essa é sua ideia, em vez de escutar a conversa de Shelton sobre cavalos, cães e suas proezas da juventude depois do jantar. Contudo, no pórtico, ele quase muda de ideia; descendo as escadas num passo rápido e rangente chega Lady Bryan, mãe do caolho Francis e encarregada da pequenina princesa. É uma mulher de quase setenta anos, bem instalada em sua qualidade de avó, e ele vê a boca dela se movendo antes que esteja ao alcance de sua audição: sua alteza dormiu até as onze, gritou até meia-noite, esgotou-se, a pobre rolinha!, caiu no sono por uma hora, acordou choramingando, as bochechas vermelhas, suspeita de febre, Lady Shelton acordou, médico alarmado, já nascem os dentes, uma época traiçoeira!, suco calmante, pegou no sono ao amanhecer, acordou às nove, comeu... “Ah, mestre Cromwell”, diz Lady Bryan, “este não pode ser seu filho! Deus o abençoe! Que jovem alto, adorável! Que belo rosto ele tem, deve ter puxado a mãe. Que idade ele tem agora?”

“Idade para falar, imagino.”

Lady Bryan se volta para Gregory, o rosto animado como se na expectativa de partilhar com ele uma cantiga de roda. Lady Shelton adentra o recinto. “Bom dia, senhores.” Breve hesitação: a tia da rainha deve se curvar ao guardião da Casa de Joias? No fim das contas, ela decide que não. “Imagino que Lady Bryan tenha lhes feito um relatório completo sobre sua incumbência?”

“Verdade, e talvez possamos ter um relatório seu?”

“Não pretendem ver Lady Maria pessoalmente?”

“Sim, mas temos de ser anunciados...”

“Tem razão. Eu não entro armada, embora minha régia sobrinha recomende que eu use os punhos nela.” Lady Shelton o examina com os olhos; o ar crepita com a tensão. Como as mulheres fazem isso? Talvez seja possível aprender. Mais que ver, ele sente seu filho recuando, até que seu movimento é detido pela cristaleira que exhibe as baixelas de ouro e prata da princesa Elizabeth. Lady Shelton diz: “Minhas instruções são as seguintes: se Lady Maria não me obedecer, eu devo — e aqui cito as palavras da minha sobrinha — esbofeteá-la e espancá-la como a bastarda que ela, de fato, é”.

“Ah, Mãe de Deus!”, geme Lady Bryan. “Eu também fui ama de Maria, e se ela era teimosa quando bebê, não vai mudar agora, por mais que a espanque. Os senhores gostariam de ver a bebê primeiro, não? Venham comigo...” Ela toma Gregory sob custódia, a mão lhe espremendo o cotovelo. E segue tagarelando: veja você, com uma criança daquela idade, uma febre poderia ser qualquer coisa. Pode ser o começo de sarampo, Deus me livre. Poderia ser o começo de varíola. Com uma criança de seis meses, nunca se sabe de que pode ser o começo... Uma artéria pulsa na garganta de Lady Bryan. Enquanto fala, ela lambe os lábios secos, e engole.

Ele compreende agora por que Henrique o enviou para cá. As coisas que estão acontecendo não podem ser descritas numa carta. Ele se dirige a Lady Shelton. “Está dizendo que a rainha lhe escreveu sobre Lady Maria usando esses termos?”

“Não. Ela me passou uma instrução verbal.” Ela avança, tomando-lhe a dianteira. “Acha que eu deveria aplicá-la?”

“Talvez devamos falar em particular”, ele murmura.

“Sim, por que não?”, ela responde: uma torção da cabeça, um breve murmúrio para trás.

A menina Elizabeth está envolta com firmeza nos lençóis, os punhos escondidos: mesmo assim, parece prestes a socar alguém. Cerdas ruivas aparecem sob a touca, e os olhos são vigilantes; ele jamais viu um bebê no berço tão predisposto a se sentir insultado. “Acham que ela se parece com o rei?”, pergunta Lady Bryan.

Ele hesita, tentando ser justo com ambas as partes. “Tanto quanto uma pequena donzela poderia parecer.”

“Oremos para que ela não puxe a cintura dele”, continua Lady Shelton. “Ele vem ganhando corpo, não é mesmo?”

“Só George Rochford diz que não.” Lady Bryan se inclina sobre o berço. “Ele diz que ela é completamente Bolena.”

“Sabemos que minha sobrinha viveu cerca de trinta anos em castidade”, retruca Lady Shelton, “mas nem mesmo Ana poderia arranjar uma gravidez virgem.”

“Mas esses cabelos!”, ele comenta.

“Eu sei”, suspira Lady Bryan. “Com toda consideração à dignidade de sua alteza, e com todo respeito à sua majestade, mas ela poderia ser exibida numa feira como um bebê-porco.” Lady Bryan segura a touca da criança na linha dos cabelos, e seus dedos trabalham com afinco, tentando esconder as cerdas fora das vistas. A menina comprime o rosto e soluça em protesto.

Gregory franze o cenho para o bebê. “Poderia ser de qualquer um.”

Lady Shelton ergue a mão para ocultar o sorriso. “O que você quis dizer, Gregory, é que todos os bebês são parecidos. Venha, mestre Cromwell.”

Ela o puxa pela manga para levá-lo para fora. Lady Bryan é deixada para ajustar as cobertas da princesa, que, ao que parece,

estão desarrumadas em algum detalhe. Sobre o ombro, ele murmura, pelo amor de Deus, Gregory. Houve gente que acabou na Torre por dizer menos que isso. Ele comenta para Lady Shelton: “Não vejo como Maria poderia ser uma bastarda. Seus pais agiam de boa-fé quando a geraram”.

Ela se detém, uma sobrelanceira erguida. “O senhor diria isso à minha sobrinha, a rainha? Quero dizer, na frente dela?”

“Já disse.”

“E como ela reagiu?”

“Bem, Lady Shelton, eu lhe digo que, se ela tivesse um machado à mão, teria tentado cortar fora minha cabeça.”

“Eu lhe direi algo mais, e pode levar à minha sobrinha se quiser. Se Maria fosse realmente uma bastarda, e a bastarda do cavaleiro mais pobre e despossuído que houvesse na Inglaterra, ela não receberia nada além de gentilezas sob meus cuidados, pois ela é uma boa jovem, e seria necessário um coração de pedra para não ter pena da sua situação.”

Ela caminha rápido, a cauda do vestido varrendo as pedras do piso, adentrando o interior da casa. Os antigos servos de Maria estão por ali, rostos que ele já viu antes. Há partes remendadas em suas casacas, onde o emblema de Maria foi cortado e substituído pelo brasão do rei. Ele olha ao redor e reconhece tudo. Detém-se aos pés da grande escadaria. Jamais lhe fora permitido subi-la; havia uma escada de fundos para os garotos como ele, que traziam madeira ou carvão. Certa vez ele quebrou as regras; e quando chegou ao topo, um punho se lançou das sombras e acertou a lateral de sua cabeça. O próprio cardeal Morton, à espreita?

Ele toca a pedra, fria como uma lápide: folhas de videira entrelaçadas com alguma flor sem nome. Lady Shelton o observa sorrindo, intrigada: por que ele hesita? “Talvez devêssemos trocar nossas roupas de montaria antes do encontro com Lady Maria. Ela pode sentir-se desrespeitada...”

“Assim como talvez se sinta com sua demora. Ela criará caso de ambas as formas. Eu digo que tenho pena dela, mas, ah, ela não é fácil! Não partilha da nossa mesa no jantar nem no almoço, pois não se senta num lugar abaixo da pequena princesa. E minha sobrinha real determinou que não devemos levar comida para o quarto dela, a não ser o pouco de pão que todos comemos no desjejum.”

Ela o conduz a uma porta fechada. “Eles ainda chamam esse aposento de câmara azul?”

“Ah, seu pai esteve aqui antes”, ela diz a Gregory.

“Ele esteve em todos os lugares.”

Ela se volta. “Vejam como se saem, cavalheiros. Por falar nisso, ela não responderá a ‘Lady Maria’.”

É um longo aposento, quase despido de mobília, e o frio, como um embaixador dos espíritos, encontra os visitantes no pórtico. As tapeçarias azuis foram arrancadas e as paredes de gesso estão nuas. Maria está sentada junto ao fogo quase extinto: encolhida, minúscula e lamentavelmente jovem. Gregory sussurra: “Ela se parece com Malekin”.

Pobre Malekin, é uma menina-fantasma; ela se alimenta à noite, vive de migalhas e cascas de maçã. Às vezes, se alguém desce de madrugada e faz silêncio nas escadas, encontrará Malekin sentada junto às cinzas.

Maria ergue os olhos; surpreendentemente, seu pequeno rosto se ilumina. “Mestre Cromwell.” Ela se põe de pé, dá um passo na direção dele e quase tropeça, com os pés emaranhados entre a barra de seu vestido. “Quanto tempo faz desde que o vi em Windsor?”

“Não sei ao certo”, diz ele, grave. “Os anos lhe foram generosos, madame.”

Maria ri; ela agora tem dezoito anos. Dá um giro, como se o corpo buscasse cegamente a banquetta onde estava sentada.

“Gregory”, ele alerta, e seu filho se atira para segurar a ex-princesa

antes que ela se sente no ar. Gregory se move como se desse um passo de dança; ele tem sua utilidade.

“Sinto por deixá-los esperando. Sentem-se”, ela gesticula vagamente, “naquele baú.”

“Acho que somos fortes o bastante para ficar de pé. Embora eu não pense que a senhorita seja.” Ele vê que Gregory o observa, como se jamais o houvesse escutado falar naquele tom amável. “Eles não a obrigam a ficar sozinha, e junto a esse fogo miserável, obrigam?”

“O homem que traz a lenha não se dirige a mim pelo meu título de princesa.”

“Você tem que falar com ele?”

“Não. Mas se não falasse, estaria fugindo ao combate.”

Isso mesmo, ele pensa: torne a vida o mais dura possível para si mesma. “Lady Shelton me contou sobre a dificuldade de... a dificuldade do jantar. Imagino que eu deva mandar um médico para vê-la?”

“Nós temos um aqui. Ou melhor, a criança tem.”

“Eu poderia mandar um médico mais útil. Ele pode prescrever um tratamento para sua saúde e ordenar um desjejum maior, a ser tomado no seu próprio aposento.”

“Carne?”, indaga Maria.

“Em quantidade.”

“Mas quem mandaria?”

“O dr. Butts?”

Ela abranda sua expressão. “Eu o conheci na minha corte em Ludlow. Quando era princesa de Gales. O que ainda sou. Como é possível que eu seja excluída da sucessão, mestre Cromwell? Como pode ser legítimo?”

“É legítimo se o Parlamento decidir que é.”

“Existe uma lei acima do Parlamento. É a lei de Deus. Pergunte ao bispo Fisher.”

“Eu penso que os propósitos de Deus são obscuros, e Deus sabe que não vejo Fisher como um intérprete adequado. Por outro lado, acho a vontade do Parlamento bem clara.”

Maria morde o lábio; agora já não olha mais para ele. “Ouvi dizer que o dr. Butts se tornou um herege.”

“Ele acredita no que sua majestade seu pai acredita.”

Ele espera. Ela se vira, os olhos cinzentos fixados no rosto dele. “Eu não chamarei o senhor meu pai de herege.”

“Ótimo. É melhor que tais armadilhas sejam testadas primeiro pelos seus amigos.”

“Não vejo como o senhor possa ser meu amigo, se também é amigo da criatura, isto é, da marquesa de Pembroke.” Ela não dará a Ana o título real.

“Aquela dama se encontra num lugar onde não tem necessidade de amigos, apenas de criados.”

“Pole diz que o senhor é Satã. Meu primo Reginald Pole. Que está no exterior, em Gênova. Ele diz que, quando nasceu, era como qualquer alma cristã, mas que em algum momento o diabo entrou no seu corpo.”

“Lady Maria, sabia que eu costumava vir para cá quando menino, aos nove ou dez anos? Meu tio era cozinheiro de Morton, e eu era um pobre moleque catarrento que atava os ramos de espinheiro pela manhã para alimentar os fornos, e matava as galinhas para a fervura antes que o sol se levantasse.” Ele fala gravemente. “Você imagina que foi naquela época que o diabo entrou em mim? Ou teria sido antes, em torno da época em que as outras pessoas são batizadas? Compreenda que é do meu interesse saber.”

Maria o observa, de soslaio; ela ainda usa uma mantilha de estilo antigo e parece piscar obliquamente, como um cavalo cujo antolho saiu do lugar. Ele continua, em voz baixa: “Não sou Satã. O senhor seu pai não é um herege”.

“E eu não sou uma bastarda, imagino.”

“De fato, não.” Ele repete o que disse a Anne Shelton. “Madame foi concebida em boa-fé. Isso não significa que o casamento dos seus pais tenha sido legítimo. Você compreende a diferença, creio?”

Ela passa o dedo sob o nariz. “Sim, eu posso ver a diferença. Mas na verdade o casamento era válido.”

“A rainha logo virá para visitar a filha. Se você apenas a saudasse com respeito, da forma como é apropriado saudar a esposa do seu pai...”

“... com a diferença de que ela é sua concubina...”

“... então seu pai a levaria de volta à corte, e lhe seria dado tudo que hoje lhe falta, e o calor e o conforto da sociedade. Escute o que digo, falo para seu próprio bem. A rainha não espera sua amizade, apenas um espetáculo externo. Morda sua língua e faça uma mesura para ela. Estará acabado num piscar de olhos e mudará tudo. Faça as pazes com ela antes que o próximo filho de Ana nasça. Se ela der à luz um menino, não terá nenhuma razão depois para se reconciliar com a senhorita.”

“Ela tem medo de mim”, diz Maria, “e continuará com medo, mesmo que tenha um filho. Ela teme que eu me case e que meus próprios filhos a ameacem.”

“Alguém lhe fala sobre casamento?”

Uma risadinha seca, incrédula. “Eu era um bebê de peito quando fui casada com a França. Depois com o imperador, com a França novamente, com o rei, com seu primeiro filho, com seu segundo filho, com tantos filhos que agora já perdi a conta, e mais uma vez com o imperador, ou um dos seus primos. Eu fui prometida em casamento até cansar. Um dia acabo me casando mesmo.”

“Mas não se casará com Pole.”

Ela se retrai, e ele sabe que a proposta foi apresentada: talvez por sua velha governanta, Margaret Pole, talvez por Chapuys, que fica acordado até a aurora estudando as tabelas de descendência da aristocracia inglesa: para fortalecer seu direito, colocá-la acima de questionamento, casá-la com o Tudor meio espanhol, de volta à

velha linhagem Plantageneta. Ele diz: “Eu me encontrei com Pole. Eu o conheci antes que ele deixasse o reino. Pole não é o homem para desposá-la. Qualquer que seja seu marido, ele necessitará de um forte braço armado. Pole é como uma velha esposa sentada diante da lareira, com medo de duendes e do bicho-papão. Ele não tem nada além de água benta nas veias, e dizem que chora copiosamente se seus criados matam uma mosca”.

Ela sorri: mas leva a mão à boca como uma mordação. “Isso mesmo”, ele diz. “Não diga nada a ninguém.”

Ela comenta através dos dedos: “Não enxergo muito bem para ler”.

“Como assim, não lhe fornecem velas suficientes?”

“Não, eu quero dizer que minha visão está piorando. Minha cabeça dói o tempo todo.”

“Tem chorado muito?” Ela assente. “O dr. Butts lhe trará um remédio. Até lá, tenha alguém consigo para ler em voz alta.”

“Elas leem. Elas leem para mim o Evangelho de Tyndale. Sabia que o bispo Tunstall e Thomas More identificaram, juntos, dois mil erros nesse suposto Testamento? É mais herético que o livro sagrado dos muçulmanos.”

Conversa combativa. Mas ele vê que há lágrimas se acumulando. “Tudo pode ser resolvido.” Maria tropeça em sua direção e por um momento ele pensa que ela perderá o controle e se atirá a soluços contra sua casaca de montaria. “O médico chegará aqui dentro de um dia. Agora será providenciado um fogo adequado, e seu jantar. Onde você desejar ser servida.”

“Deixe-me ver minha mãe.”

“Neste exato momento o rei não pode permitir. Mas isso talvez mude.”

“Meu pai me ama. É só ela, é apenas aquela praga de mulher que envenena a cabeça dele.”

“Lady Shelton seria bondosa, se a madame lhe permitisse.”

“E quem é ela, para ser bondosa ou não? Eu sobreviverei a Anne Shelton, pode acreditar. E à sobrinha dela. E a todos os outros que se puserem contra meu título. Façam o pior que puderem. Eu sou jovem. Aguardarei suas mortes.”

Ele pede licença para se retirar. Gregory o segue, o olhar fascinado se prolongando de volta à moça que retoma seu assento junto ao fogo quase morto: que torce as mãos e começa a espera, a expressão fixa.

“Toda aquela pele de coelho em que ela está enrolada”, diz Gregory. “Parece que foi roída.”

“Ela é filha de Henrique, sem dúvida.”

“Por quê? Alguém diz que ela não é?”

Ele ri. “Não falei nesse sentido. Imagine... se a velha rainha tivesse incorrido em adultério, seria fácil se livrar dela, mas como se pode acusar uma mulher que jamais conheceu outro homem que não o seu?” Ele tem um pequeno sobressalto e se corrige: até para os mais devotados apoiadores do rei, é difícil recordar que Catarina supostamente foi mulher do príncipe Artur: “Conheceu dois homens, devo dizer”. Ele dirige um olhar ao filho. “Maria não olhou para você uma única vez, Gregory.”

“Por que achou que ela olharia?”

“Lady Bryan pensa que você é lindíssimo. Não seria da natureza de uma jovem?”

“Não acho que ela tenha uma natureza.”

“Mande alguém alimentar o fogo. Eu mandarei fazer o jantar. Não é possível que o rei deseje que a filha passe fome.”

“Ela gosta do senhor”, Gregory comenta. “É estranho.”

Ele vê que seu filho fala a sério. “É algo impossível? Minhas filhas gostavam de mim, acho. Pobre Grace, nunca tenho certeza de que ela realmente soube quem eu era.”

“Ela gostou quando o senhor fez as asas de anjo para ela. Falava que sempre as guardaria.” O filho vira o rosto; fala como se temesse o pai. “Rafe diz que o senhor será o segundo homem no reino em

breve. Diz que já é, exceto em título. Diz que o rei o colocará acima do lorde chanceler, e todos os demais. Acima de Norfolk, até.”

“Rafe está se apressando demais. Ouça, filho, não fale sobre Maria a ninguém. Nem mesmo a Rafe.”

“Eu ouvi mais do que devia?”

“O que acha que aconteceria se o rei por acaso morresse amanhã?”

“Todos ficaríamos muito tristes.”

“Mas quem governaria?”

Gregory move a cabeça na direção de Lady Bryan, do bebê em seu berço. “Pelo Parlamento, o bebê. Ou o filho ainda não nascido da rainha.”

“Mas o que aconteceria? Na prática? Uma criança ainda não nascida? Ou uma filha que não tem sequer um ano? Ana como regente? Isso agradaria aos Bolena, tenho que concordar.”

“Então, Fitzroy.”

“Há uma Tudor em posição mais alta.”

Os olhos de Gregory se voltam novamente na direção de Lady Maria. “Exatamente”, ele diz. “Veja bem, Gregory, é muito bom ter um plano para o que fará em seis meses, o que fará em um ano, mas não serve de nada se não tem um plano para amanhã.”

Depois do jantar, ele se senta para conversar com Lady Shelton. Lady Bryan foi para a cama, mas depois desceu novamente para persegui-los. “Vocês estarão exaustos pela manhã!”

“Sim”, responde Anne Shelton, gesticulando para dispensá-la. “Pela manhã, não adianta querer que façamos coisa alguma. Vamos atirar o desjejum no chão.”

Eles conversam até que os criados se retirem bocejando para outros aposentos e até que as velas encolham, e assim os dois se recolhem, a aposentos menores e mais quentes, para conversar um pouco mais. Ofereceu bons conselhos a Maria, diz Lady Shelton, espero que ela lhe dê ouvidos, temo que haja tempos difíceis para

ela à frente. Ela fala sobre seu irmão, Thomas Bolena, o homem mais egoísta que já conheci, não surpreende que Ana seja tão voraz, tudo que ela já ouviu dele foram conversas sobre dinheiro e como ter uma vantagem escusa sobre os outros, ele teria vendido aquelas meninas nuas num mercado de escravos bárbaros se achasse que conseguiria um bom preço.

Ele se imagina cercado por criados com cimitarras, fazendo um lance por Maria Bolena; ele sorri, e volta a atenção à tia. Ela conta segredos dos Bolena; e ele não conta segredo nenhum, embora ela pense que sim.

Gregory está dormindo quando ele entra, mas o rapaz se vira e diz: “Querido pai, por onde andou, foi para a cama com Lady Shelton?”.

Essas coisas acontecem: mas não com uma Bolena. “Que sonhos estranhos você deve ter. Lady Shelton está casada há trinta anos”.

“Pensei que eu poderia ter feito companhia a Maria depois do jantar”, murmura Gregory. “Se eu não dissesse nada inadequado. Mas, por outro lado, ela é tão desdenhosa. Eu não poderia acompanhar uma moça tão soberba.” Ele se revira na cama de plumas e cai no sono novamente.

Quando recobra o bom senso e pede perdão, o velho bispo Fisher implora ao rei que considere suas doenças e sua fragilidade. O rei indica que o ato de condenação deve seguir seu curso: mas é seu hábito, ele diz, conceder misericórdia àqueles que admitem suas falhas.

A Donzela será enforcada. Ele não menciona nada sobre o trono de ossos humanos. Diz a Henrique que ela parou de profetizar e espera que ela não o desminta em Tyburn, com o laço em torno do pescoço.

Quando seus conselheiros se ajoelham diante dele e imploram que o nome de Thomas More seja retirado do ato de condenação,

Henrique aceita o argumento. Talvez ele estivesse esperando por isso: ser persuadido. Ana não está presente, ou a coisa poderia ter acontecido de outra forma.

Eles se levantam e partem, tirando o pó das roupas. Ele pensa ouvir o cardeal rindo deles, de algum lugar invisível na sala. A dignidade de Audley não se abalou, mas o duque parece agitado; quando tentou se levantar, os velhos joelhos o traíram e ele e Audley o ergueram pelos cotovelos e o puseram de pé. “Pensei que teria de ficar plantado ali por mais uma hora”, reclama Norfolk. “Implorando e implorando.”

“A piada é”, ele diz a Audley, “que More ainda recebe uma pensão da tesouraria. Imagino que seria melhor que isso acabasse.”

“Agora ele tem espaço para respirar. Rezo a Deus que ele recupere o juízo. Ele organizou seus assuntos?”

“Resolveu o que pôde para os filhos. Foi o que Roper me disse.”

“Ah, advogados!”, exclama o duque. “No dia que eu cair, quem vai cuidar de mim?”

Norfolk está transpirando; ele reduz o passo, e Audley também contém o seu, e assim eles agora caminham devagar, um ao lado do outro, com Cranmer seguindo em seu rastro como uma lembrança tardia. Ele se vira e toma seu braço. Cranmer esteve em todas as sessões do Parlamento: no banco dos bispos que, exceto por ele, estava visivelmente despovoado.

Enquanto ele passa seus grandes decretos pelo Parlamento, o papa escolhe aquele mês para finalmente dar seu parecer sobre o casamento da rai-

nha Catarina — um julgamento tão atrasado que ele chegou a pensar que Clemente desejava morrer antes de uma decisão. As dispensas originais, segundo Clemente, são legítimas; portanto, o casamento é válido. Os defensores do imperador soltaram fogos nas ruas de Roma. Henrique se mostra desdenhoso, sardônico. Expressa esses sentimentos na dança. Ana ainda pode dançar, embora sua barriga já apareça; ela passará o verão em repouso. Ele

recorda a mão do rei na cintura de Lizzie Seymour. Nada saiu disso, a jovem não é nenhuma tola. Agora é com a pequena Mary Shelton que ele rodopia, erguendo-a no ar, fazendo cócegas, apertando seu corpo e tirando-lhe o fôlego com elogios. Essas coisas nada significam: ele vê Ana erguendo o queixo, desviando o olhar e se recostando em sua poltrona, murmurando alguns comentários, a expressão atenta; seu véu roçando, no momento mais fugidio, contra a casaca daquele cão sorridente que é Francis Weston. É claro que Ana pensa que Mary Shelton deve ser tolerada, ou até bem tratada. É mais seguro conservar o rei entre primas, quando não há irmã disponível. Onde está Maria Bolena? No campo, talvez ansiando, como ele próprio, por um clima mais quente.

E o verão chega de repente, sem o interlúdio da primavera, numa manhã de segunda, como um novo criado de sorriso aberto: 13 de abril. Eles estão em Lambeth — Audley, ele mesmo, o arcebispo —, o sol brilhando intensamente através das janelas, de onde ele observa os jardins do palácio. É assim que começa o livro *Utopia*: amigos, conversando num jardim. Nas trilhas abaixo, Hugh Latimer e alguns capelães do rei fingem lutar, puxando-se entre si como garotos de escola, Hugh pendurado no pescoço de dois amigos clérigos e balançando os pés acima do chão. Para transformar aquilo num autêntico feriado, só falta jogarem bola. “Mestre More”, ele diz, “por que não sai e aproveita a luz do sol? Mandaremos chamá-lo novamente em meia hora e lhe apresentaremos o juramento mais uma vez: e o senhor nos dará uma resposta diferente, sim?”

Quando More se levanta, ele ouve suas juntas estalando. “Thomas Howard se ajoelhou por você!”, ele exclama. Parece que foi há semanas. O trabalho por noites adentro e uma nova briga a cada dia o esgotam, mas também aguçam seus sentidos, e assim ele sente que, às suas costas na sala, Cranmer se agita em terrível ansiedade, e ele quer More fora do aposento antes que aquela represa exploda.

“Não sei o que esperam que meia hora possa fazer por mim”, diz More. Seu tom é espontâneo, irônico. “Claro, talvez faça algo por vocês.”

More pediu para ver uma cópia do Ato de Sucessão. Audley o desenrola; deliberadamente, ele inclina a cabeça e começa a ler, embora já tenha lido o documento uma dúzia de vezes. “Muito bem”, diz More. “Mas creio que já me expressei com bastante clareza. Não posso jurar, mas não me pronunciarei contra seu juramento, e não tentarei dissuadir ninguém de fazê-lo.”

“Isso não é o suficiente. E o senhor sabe que não é.”

More assente. Ele se arrasta em direção à porta, trombando primeiro contra o canto da mesa, alarmando Cranmer, que se apressa a segurar o tinteiro. A porta se fecha às suas costas.

“E então?”

Audley torna a enrolar o estatuto. Ele tamborila o rolo suavemente sobre a mesa, olhando para o local onde More se postara. Cranmer diz: “Ouçam, tenho uma ideia: e se deixarmos que ele jure em segredo? Ele jura, mas nós prometemos que não contaremos a ninguém? Ou, se ele não puder prestar esse juramento, podemos perguntar qual juramento ele poderia fazer?”.

Ele ri.

“Isso dificilmente atenderia aos propósitos do rei”, suspira Audley. Tamborilando, tamborilando. “Depois de tudo que fizemos por ele e por Fisher. Seu nome retirado da condenação, Fisher multado e não trancafiado pelo resto da vida, o que mais eles podem querer? Nossos esforços se voltaram contra nós.”

“Que seja. Bem-aventurados os pacificadores”, ele responde. Ele quer estrangular alguém.

Cranmer diz: “Vamos tentar de novo com More. Se ele se negar, deve ao menos expor suas razões”.

Ele pragueja entre dentes e vira as costas para a janela. “Nós conhecemos suas razões. Toda a Europa as conhece. Ele é contra o divórcio. Não acredita que o rei pode ser líder da Igreja. Mas ele dirá

isso? Não, não dirá. Eu o conheço. Sabem o que detesto? Detesto ser parte dessa encenação, que foi inteiramente planejada por ele. Odeio o tempo que se perde e que poderia ser empregado de melhor maneira, bem como nossos esforços, odeio ver nossa vida passando, pois escrevam o que digo, todos sentiremos nossa idade antes que esse espetáculo acabe. E o que detesto mais que tudo é que mestre More se senta na plateia e abafa o riso quando eu tropeço nas minhas frases, pois ele escreveu todos os papéis. E os escreveu durante todos estes anos.”

Cranmer, como um copeiro, enche uma taça de vinho para ele, inclinando-se em sua direção. “Aqui está.”

Na mão do arcebispo, a taça adquire um inevitável ar sacramental: não é água tornada vinho, mas alguma mistura equívoca, este é meu sangue, isto é como meu sangue, isto é mais ou menos parecido com meu sangue, bebam em minha memória. Ele devolve a taça. Os germânicos do Norte fazem um licor forte, *aquavitae*: um trago daquilo seria mais útil. “Tragam More de volta”, ele decide.

Um momento se passa e More aparece à porta, espirrando discretamente. “Ora vamos”, comenta Audley, sorrindo, “não é assim que um herói faz sua entrada.”

“Eu lhe asseguro que não pretendo ser, de forma alguma, um herói”, responde More. “Eles andaram cortando a grama.” Ele aperta o nariz e espirra mais uma vez, e se arrasta na direção dos outros, repuxando o camisão no ombro, sentando-se na cadeira disposta para ele. Antes, More se recusara a sentar.

“Assim é melhor”, diz Audley. “Eu sabia que o ar fresco lhe faria bem.” Audley ergue os olhos, em convite; mas ele assinala que ficará onde está, recostado junto à janela. “Não sei”, continua Audley, de bom humor. “Primeiro, um não quer sentar. Depois é o outro que não senta. Veja”, ele empurra uma folha de papel na direção de More, “estes são os nomes dos padres que vimos hoje, que prestaram juramento pelo ato e que lhe servem de exemplo. E é

do seu conhecimento que todos os membros do Parlamento estão em concordância. Pois bem, por que não o senhor?”

More ergue os olhos, sob as sobrancelhas baixas. “Esta não é uma posição confortável para nenhum de nós.”

“É mais confortável que o lugar para onde o senhor se dirige”, ele diz.

“Não ao inferno”, devolve More, sorrindo. “Eu acredito que não.”

“Pois bem, se o juramento é uma danação, e quanto a todos esses?” Ele se descola da parede, agarra a lista de nomes de Audley, enrola o papel e o bate contra o ombro de More. “Eles estão todos condenados ao tormento eterno?”

“Não posso falar pela consciência deles, só falo por mim. Eu sei que, se fizer seu juramento, serei condenado.”

“Muita gente invejaria sua compreensão dos desígnios da providência”, ele retruca. “Contudo, o senhor e Deus sempre andaram em bons termos, não foi? Eu me pergunto como ousa. O senhor fala do seu criador como se ele fosse algum vizinho com quem você sai para pescar numa tarde de domingo.”

Audley se inclina à frente. “Sejamos claros. O senhor não prestará o juramento porque sua consciência o aconselha contra isso?”

“Sim.”

“Será que poderia ser um pouco mais abrangente nas suas respostas?”

“Não.”

“O senhor objeta, mas não dirá por quê?”

“Sim.”

“Sua objeção é contra a questão do estatuto, a forma do juramento, ou o processo em si de se prestar um juramento?”

“Prefiro não dizer.”

Cranmer faz sua tentativa. “Quando é uma questão de consciência, sempre deve haver alguma dúvida...”

“Ah, mas isso não é um capricho. Eu fiz uma longa e diligente consulta interna. E nesse tema ouço a voz da minha consciência com clareza.” More deita a cabeça de lado, sorrindo. “Não é assim com o senhor?”

“No entanto, deve haver alguma perplexidade, não? Pois precisa indagar de si mesmo, uma vez que é um erudito e acostumado a controvérsias, a debates: como pode ser que tantos estudiosos pensem algo, e eu pense o contrário? Mas uma coisa é certa, ou seja, o senhor deve obediência natural ao seu rei, como todo súdito. Ademais, quando entrou no conselho do rei, há muito tempo, prestou o juramento específico de obedecê-lo. Não pretende cumpri-lo agora?” Cranmer pisca. “Pese suas dúvidas contra essa certeza, e faça o juramento.”

Audley se recosta em sua poltrona. Olhos fechados. Como se dissesse, não vamos avançar mais que isso.

More responde. “Quando foi sagrado arcebispo, apontado pelo papa, o senhor prestou seu juramento a Roma, mas dizem que, durante todo o dia, conservou um papel dobrado no seu punho, dizendo que fazia o juramento sob protesto. Não é verdade? Dizem que o documento foi redigido por mestre Cromwell aqui.”

Os olhos de Audley se abrem: ele achou que More havia se encaminhado para a saída. Mas o rosto de More, sorridente, é uma máscara de malícia. “Eu não conseguiria fazer tal acrobacia”, prossegue More, com suavidade. “Não forçaria o Senhor meu Deus, e muito menos os fiéis da Inglaterra, a assistir a um espetáculo de marionetes desse quilate. Os senhores dizem que têm a maioria. Eu digo que tenho a maioria. Dizem que o Parlamento os apoia, e eu digo que os anjos e santos me apoiam, e toda a união dos cristãos mortos, pois todas as gerações que existiram desde a fundação da Igreja de Cristo, um corpo, indivisível...”

“Ah, pelo amor de Deus!”, ele diz. “Uma mentira não deixa de ser mentira apenas porque tem mil anos. Nada agradou mais a sua indivisível Igreja do que perseguir seus próprios membros,

queimando-os e desmembrando-os quando eles afirmaram sua própria consciência, rasgando-lhes o ventre e atirando suas entranhas aos cães. Você chama a história em seu auxílio, mas o que é a história para você? É um espelho que lisonjeia Thomas More. Porém eu tenho outro espelho, eu o ergo e ele mostra um homem vaidoso e perigoso, e se eu o reviro, ele mostra um assassino, pois só Deus sabe quantos mais arrastará consigo, e para eles só haverá o sofrimento, e não o estranho prazer que você sentirá ao se tornar um mártir. Você não é uma alma simplória, portanto não tente simplificar a questão. Sabia que eu tinha respeito por você? Sabia que eu o respeitava desde que era criança? Eu preferiria ver meu próprio filho morto e decapitado a ver você recusar esse juramento e alegrar o coração de todos os inimigos da Inglaterra.”

More ergue os olhos. Por uma fração de segundo, ele encontra seu olhar e depois desvia o rosto, indecifrável. Seu murmúrio baixo, divertido, ele poderia matá-lo só por isso. “Gregory é um jovem bondoso. Não deseje sua morte. Se ele cometeu algum erro, ele o corrigirá. Eu digo o mesmo do meu próprio filho. Qual é a utilidade dele? Mas ele vale mais que um ponto numa discussão.”

Perturbado, Cranmer balança a cabeça. “Não se trata de um ponto numa discussão.”

“Fala do seu filho”, ele prossegue. “O que acontecerá com ele? Com suas filhas?”

“Eu os aconselharei a prestar o juramento. Não espero que eles partilhem dos meus escrúpulos.”

“Não estou falando disso, e o senhor sabe. É a próxima geração que você está traindo. Quer a bota do imperador no pescoço deles? Você não é um inglês!”

“Também você dificilmente merece esse título”, retruca More. “Guerreou pelos franceses, hein, foi banqueiro para os italianos? Nem bem havia crescido e suas transgressões da juventude o enxotaram deste reino, e fugiu para escapar da cadeia ou da corda.

Não, eu lhe direi o que é, Cromwell. Você é um italiano dos pés à cabeça, e tem todos os vícios, todas as paixões dos italianos.” More se recosta na poltrona: um grunhido de riso sem alegria. “Aquelela sua incansável amabilidade. Eu sabia que se esgotaria no fim. É uma moeda que trocou de mãos por vezes demais. Agora a pouca prata se erodiu, e vemos o metal sem valor.”

Audley sorri. “Parece que não notou os trabalhos de mestre Cromwell na Casa da Moeda. Se sua cunhagem não é perfeita, não sei mais o que seria.”

O chanceler não se contém, pois é de natureza sorridente; alguém precisa manter a calma. Cranmer está pálido e suando, e ele pode ver a pulsação galopando nas têmporas de More. Ele diz: “Não podemos deixar que vá para casa. Contudo, a mim me parece que você hoje não conta com todas as suas faculdades, e por isso, em vez de levá-lo à Torre, nós poderíamos pô-lo sob a custódia do abade de Westminster... Isso lhe pareceria adequado, meu senhor da Cantuária?”.

Cranmer assente. More responde: “Mestre Cromwell, eu não deveria zombar de você, deveria? Você se provou meu mais terno e especial amigo”.

Audley faz um gesto com a cabeça para o guarda à porta. More se ergue com destreza, como se a ideia da custódia tivesse posto uma mola sob seus pés; o efeito só é reduzido pela habitual complicação com suas vestes, a confusão enquanto ele se arruma; e mesmo depois ele parece recuar e se embaralhar com as próprias pernas. Ele pensa em Maria em Hatfield, erguendo-se de sua banquetta e esquecendo onde a deixara. Depois de alguma preparação, More é escoltado para fora da sala. “Agora ele conseguiu exatamente o que queria”, ele diz.

Ele apoia a palma da mão contra o vidro da janela e vê a mancha que se forma no velho vidro riscado. Uma massa de névoa subiu do rio; a maior parte do dia já passou para eles. Audley cruza o salão para se aproximar dele. Hesitante, ele para junto ao ombro do

amigo. “Se More ao menos indicasse qual parte do juramento ele acha objetável, talvez algo pudesse ser redigido para atender a sua condição.”

“Pode esquecer isso. Se ele indicar qualquer coisa, estará acabado. O silêncio é sua única esperança, e tampouco chega a ser grande coisa.”

“O rei talvez aceite algum acordo”, argumenta Cranmer. “Mas temo que a rainha não aceite. E realmente”, ele conclui com voz enfraquecida, “por que deveria?”

Audley pousa a mão em seu braço. “Meu querido Cromwell. Quem pode compreender Thomas More? Seu amigo Erasmo lhe disse para ficar longe do governo, disse que ele não tinha estômago para isso, e estava certo. More jamais deveria ter aceitado o cargo que ocupo agora. Ele só aceitou para afrontar Wolsey, a quem odiava.”

Cranmer comenta: “Erasmo também o aconselhou a ficar longe da teologia. A menos que eu esteja errado?”.

“E como poderia estar? More publica todas as cartas dos seus amigos. Mesmo quando eles o reprovam, ele faz um espetáculo da sua humildade, que usa para seu próprio benefício. Ele passou a vida em público. Qualquer pensamento que lhe cruza a cabeça, ele dedica ao papel. Até hoje, More nunca manteve nada em privado.”

Audley estende o braço à frente dele e abre a janela. O canto de um pássaro rola pelo poial e deságua para dentro da sala, as notas fluidas e líquidas de um melro.

“Imagino que ele esteja redigindo um relato do dia de hoje”, ele diz. “E em breve vai enviá-lo ao exterior para imprimi-lo. Podem ter certeza, aos olhos da Europa somos os tolos e os opressores, e ele será a pobre vítima com a melhor frase de efeito.”

Audley dá uns tapinhas no braço dele, quer consolá-lo. Mas quem poderia fazê-lo? Ele é o inconsolável mestre Cromwell: o incognoscível, o inescrutável, o provavelmente irrevogável mestre Cromwell.

No dia seguinte, o rei manda chamá-lo. Ele supõe que seja para censurá-lo pelo fracasso em tomar o juramento de More. “Quem me acompanhará a esta festa? Mestre Sadler?”

Assim que ele chega à presença do rei, Henrique gesticula com uma peremptória varredura das mãos para que seus acompanhantes abram espaço e o deixem sozinho no círculo. Seu rosto é como um trovão. “Cromwell, não tenho sido um bom amo para você?”

Ele começa a responder... generoso, e mais que generoso... minha própria e lamentável indignidade... se o decepcionei em qualquer particular, imploro por seu mais misericordioso perdão...

Ele poderia fazer isso o dia inteiro. Ele aprendeu com Wolsey.

Henrique explica: “Pois meu lorde arcebispo pensa que não tenho sido bondoso para com você. Mas”, ele prossegue, no tom de alguém que foi mal compreendido, “sou um príncipe conhecido pela minha generosidade.” A situação toda parece intrigá-lo. “Você será secretário-mor. Logo seguirão as recompensas. Não compreendo por que não fiz isso há mais tempo. Mas diga-me: quando lhe perguntei sobre os lordes Cromwell que outrora existiram na Inglaterra, você disse que não tem relação com eles. Pensou melhor a respeito?”

“Para ser honesto, jamais dei grande atenção a isso. Eu não usaria a casaca de outro homem, tampouco me empossaria do seu brasão. Ele poderia se levantar do túmulo e tomar satisfação comigo.”

“Meu lorde Norfolk diz que você gosta de ter berço inferior. Diz que você planejou que fosse assim, para atormentá-lo.” Henrique o toma pelo braço. “Creio que seria conveniente, muito embora não possamos ir longe neste verão, considerando a condição da rainha, que tenha aposentos instalados para você junto aos meus onde quer que nos hospedemos, para que possamos falar sempre que eu necessite de você. E onde for possível, aposentos que se comuniquem diretamente, para que eu não precise de

intermediário.” Ele sorri para os cortesãos; eles se curvam, como uma maré. “Que Deus me fulmine”, diz Henrique, “se já pensei em menosprezá-lo. Eu sei quando tenho um amigo.”

Do lado de fora, Rafe comenta: “Que Deus o fulmine... Que pragas horríveis ele diz”. Rafe abraça seu senhor. “Já não era sem tempo. Mas ouça, tenho algo a lhe contar quando chegarmos em casa.”

“Diga agora. É algo bom?”

Um cavalheiro se adianta e informa: “Secretário-mor, sua barca o aguarda para levá-lo de volta à cidade”.

“Eu deveria ter uma casa junto ao rio”, ele pondera. “Como More.”

“Ah, mas deixar Austin Friars? Pense na quadra de tênis”, Rafe diz. “Nos jardins.”

O rei fez seus preparativos em segredo. O brasão de Gardiner foi raspado da pintura do barco. Uma bandeira com seu brasão é erguida junto da bandeira Tudor. Ele entra na barca pela primeira vez e, no rio, Rafe lhe conta a novidade. O balanço do barco sob seus pés é imperceptível. As bandeiras estão frouxas; é uma manhã parada, enevoadada, de sol incerto, e onde a luz toca a pele, os panos ou as folhas novas, há um lustro como o de uma casca de ovo: todo o mundo está luminoso, os ângulos abrandados, seu aroma aquoso e verde.

“Há meio ano que estou casado”, diz Rafe, “e ninguém sabe, mas agora o senhor saberá. Eu me casei com Helen Barre.”

“Ah, sangue de Cristo”, ele exclama. “Debaixo do meu próprio teto. Por que fez isso?”

Rafe fica mudo enquanto ele não para de falar: ela é uma adorável ninguém, uma pobre mulher sem qualquer vantagem para oferecer, poderia ter desposado uma herdeira. Espere só até contar ao seu pai! Ele ficará ultrajado, dirá que não cuidei dos seus interesses. “E imagine se um dia o marido dela aparecer?”

“O senhor disse a Helen que ela estava livre”, Rafe argumenta. Ele está tremendo.

“E quem é livre entre nós?”

Ele recorda o que Helen disse: “Desse modo, eu poderia me casar de novo? Se alguém me quisesse?”. Lembra agora como ela o encarou, um olhar longo e cheio de significado, mas que ele não leu. Ela poderia ter dado piruetas; ele também não teria notado, pois sua mente se deslocara para outro lado; aquela conversa já havia acabado para ele, que se ocupava de outras coisas. Se eu a quisesse para mim, e a tivesse tomado, quem poderia me reprovar por desposar uma lavadeira sem um tostão, ou mesmo uma mendiga saída da rua? As pessoas teriam dito, então era o que Cromwell queria, uma beldade com carne firme; não surpreende que ele tenha desdenhado as viúvas da cidade. Ele não precisa de dinheiro, não precisa de contatos, ele pode arcar com o preço de atender aos seus apetites: ele é o secretário-mor agora, e o que mais depois?

Ele baixa os olhos para a água, ora castanha, ora límpida quando a luz a toca, mas sempre em movimento; o peixe em suas profundezas, as algas, os homens afogados nadando com suas mãos ossudas. Entre o lodo e o cascalho jazem fivelas de cinto, fragmentos de vidro, pequenas moedas tortas com as faces do rei já desgastadas. Certa vez, quando menino, ele encontrou uma ferradura. Um cavalo no rio? Ele sentiu que era uma descoberta muito afortunada. Mas seu pai dissera, se ferraduras dessem sorte, garoto, eu seria o rei da Cocanha.

Primeiro ele vai à cozinha para contar as novas a Thurston. “Bem”, comenta o cozinheiro tranquilamente, “o senhor já estava fazendo o trabalho mesmo...” Uma risada. “O bispo Gardiner vai queimar por dentro. Seus miúdos vão fritar na sua própria gordura.” Ele tira um pano ensanguentado de cima de uma bandeja. “Está vendo essas codornas? Dá para encontrar mais carne numa vespa.”

“Vinho Madeira?”, ele sugere. “Flambá-las?”

“Como assim, três dúzias? Desperdício de bom vinho. Eu farei algumas para o senhor, se quiser. Vêm de lorde Lisle em Calais. Quando o senhor lhe escrever, diga que, se ele quiser mandar outro lote, queremos mais gordas ou nada. O senhor vai lembrar?”

“Vou fazer uma anotação”, ele responde, sério. “De agora em diante, talvez façamos reuniões do conselho aqui algumas vezes, quando o rei não estiver conosco. Podemos oferecer um jantar primeiro.”

“Certo”, Thurston abafa o riso. “Norfolk bem que poderia ganhar alguma carne naquelas perninhas de graveto.”

“Thurston, não precisa sujar as mãos, você tem uma equipe inteira. Poderia pôr uma corrente de ouro e só passear por aí.”

“É isso que o senhor fará?” O som úmido da carne atirada na mesa; depois Thurston ergue os olhos para ele, limpando penas dos dedos. “Acho que prefiro continuar com a mão na massa. Caso as coisas deem uma virada para pior. Não que eu pense que vão virar. Mas, lembremos o cardeal.”

Ele recorda Norfolk: diga ao cardeal que vá para o Norte, ou aparecerei onde ele estiver e vou destroçá-lo com meus próprios dentes.

Posso substituir por “mordê-lo”?

O ditado lhe vem à mente: *homo homini lupus*, o homem é o lobo do homem.

“Muito bem”, ele diz a Rafe depois do jantar. “Criou sua fama, mestre Sadler. Será lembrado como um exemplo primoroso de como desperdiçar seus contatos. Os pais o apontarão na rua aos filhos.”

“Não pude evitar, senhor.”

“Como assim, não pôde evitar?”

Rafe responde, tão controlado quanto possível: “Estou violentamente apaixonado por ela”.

“Como se sente? É como estar violentamente enfurecido?”

“Acho que sim. Talvez. No sentido de que nos sentimos mais vivos.”

“Eu não acho que poderia me sentir mais vivo do que já estou.”

Ele se pergunta se o cardeal amou um dia. Mas claro que sim, por que ele está duvidando? A paixão avassaladora de Wolsey por Wolsey era ardente o bastante para incendiar toda a Inglaterra.

“Diga-me, naquela noite depois da coroação da rainha...” Ele balança a cabeça, revira alguns papéis sobre a mesa: cartas do prefeito de Hull.

“Eu direi tudo que o senhor perguntar”, Rafe responde. “Não consigo nem imaginar como pude ser menos que franco com o senhor. Mas Helen, minha esposa, ela pensava que era melhor manter segredo.”

“Mas agora ela está esperando um filho, imagino, e por isso têm que se declarar, não?”

Rafe enrubesce.

“Naquela noite, quando cheguei a Austin Friars procurando por Helen, para levá-la à esposa de Cranmer... e ela desceu”, seus olhos passeiam como se ele estivesse vendo a cena, “ela desceu sem a touca, e você logo depois, com os cabelos eriçados, e você ficou furioso comigo por levá-la embora...”

“Bem, sim”, diz Rafe. Sua mão se ergue e ele abaixa os cabelos com a palma, como se fosse ajudar com a situação agora. “Todos estavam fora, nos festejos. Foi a primeira vez que eu a levei para a cama, mas não foi um erro. Ali ela já havia se prometido para mim.”

Ele pensa: fico feliz por não ter criado na minha casa um jovem sem sentimentos, que só calcula vantagens. Quem não tem impulsos, vive, até certo ponto, sem alegria; sob minha proteção, os impulsos são coisa com que Rafe pode arcar. “Ouça, Rafe, isso foi uma... bem, Deus sabe, uma loucura, mas não um desastre. Diga ao seu pai que minha promoção no mundo assegurará a sua. Claro, ele vai bater os pés e berrar. É para isso que servem os pais. Ele vai

gritar, lamento o dia em que entreguei meu menino à casa depravada de Cromwell. Mas nós vamos convencê-lo. Pouco a pouco.”

Até agora, o rapaz ficara de pé o tempo todo; ele desliza para uma banqueta, as mãos nos joelhos, a cabeça inclinada para trás; o alívio domina todo o seu corpo. Rafe realmente tinha tanto medo? De mim? “Veja bem, quando seu pai puser os olhos em Helen, ele compreenderá, a menos que...” A menos que o quê? Um sujeito teria de estar morto e enterrado para não notar: o corpo pujante e belo, os olhos suaves. “Só precisamos tirá-la daquele avental de lona com que ela anda por aí e vesti-la como a sra. Sadler. E, claro, vocês desejarão uma casa própria. Eu ajudarei nisso. Sentirei falta das crianças, acabei me afeiçoando a elas, e Mercy também, todos gostamos delas. Se quiser que seu filho seja a primeira criança na sua casa, podemos mantê-las aqui.”

“É bondade sua. Mas Helen jamais se separaria delas. Isso já está entendido entre nós.”

Ou seja, eu jamais terei crianças em Austin Friars de novo, ele pensa. Bem, não a menos que eu tire uma folga dos assuntos do rei e saia por aí fazendo a corte? A menos que eu realmente dê ouvidos quando uma mulher falar comigo. “O que acalmará seu pai, e pode dizer isso a ele, é que de agora em diante, quando eu não estiver com o rei, você estará. Mestre Wriothesley manobrará os diplomatas e guardará os números, pois é um trabalho ardiloso que ele apreciará; Richard ficará aqui para chefiar a casa quando eu me ausentar e levar meu trabalho adiante, e você e eu serviremos a Henrique, doces como aias, e atenderemos aos seus caprichos.” Ele ri. “Você é filho de cavalheiro. O rei pode promovê-lo a um cargo próximo da sua pessoa, à câmara privada. O que me seria útil.”

“Não procurei por isso. Não planejei nada disso.” Rafe baixa os olhos. “Sei que jamais poderei levar Helen comigo à corte.”

“Não no mundo de hoje. E eu não acho que vá mudar em nosso tempo de vida. Mas ouça, você fez sua escolha. Jamais se

arrependa dela.”

Rafe diz, emocionado: “Como pude pensar em guardar um segredo do senhor? O senhor enxerga tudo”.

“Ah. Só até certo ponto.”

Quando Rafe se retira, ele retoma os trabalhos da noite e começa, metódico, a pôr os papéis no lugar. As propostas são aprovadas, mas sempre há uma nova demanda. Quando escreve leis, ele testa palavras para encontrar seu máximo poder. Como feitiços, elas devem fazer com que coisas aconteçam no mundo real, e como feitiços, só funcionam se as pessoas acreditam nelas. Se sua lei determina uma pena, é preciso ter poder de aplicá-la — tanto sobre ricos quanto pobres, sobre o povo das fronteiras escocesas e os pântanos galeses, sobre os homens da Cornualha e os de Sussex e Kent. Ele escreveu esse juramento, um teste de lealdade a Henrique, e pretende passá-lo por homens de cada burgo e vilarejo, e todas as mulheres de qualquer importância: viúvas com heranças, proprietárias de terras. Seus homens atravessarão florestas e descampados, exigindo que pessoas que mal ouviram falar de Ana Bolena reconheçam a sucessão da criança em seu ventre. Se um homem sabe que o nome do rei é Henrique, que preste o juramento; não importa se ele confunde este rei com o pai ou com algum Henrique que veio antes. Pois, como os outros homens, os príncipes se perdem na memória da gente comum; seus perfis, naquelas moedas que ele peneirava da lama do rio, não passavam de uma ligeira irregularidade sob a ponta de seus dedos, e mesmo quando ele as levava para casa e limpava, não sabia dizer quem eram. Um dia ele perguntou, este é o príncipe César? Walter respondeu, vejamos; depois ele atirou a moeda para longe, revoltado, dizendo, não é mais que um mísero centavo de um daqueles reis que combateram nas guerras da França. Vá para a rua e ganhe dinheiro, disse Walter, esqueça o príncipe César; César já era um velho quando Adão era um pirralho.

Ele costumava cantarolar, “Quando Adão cavava e Eva fiava, a fidalguia onde estava?”; Walter então o perseguia e, se conseguisse agarrá-lo, batia nele; aí está uma cantiga rebelde para você, aqui nós sabemos o que fazer com rebeldes. Eles estão enterrados em covas rasas, os cónicos que chegaram ao país quando ele era menino; mas sempre há mais cónicos. E sob a Cornualha, abaixo e além de todo este reino da Inglaterra, sob os pântanos alagados de Gales e o território difícil da fronteira com os escoceses, há outra paisagem; há um império enterrado, que, ele teme, seus comissários não poderão alcançar. Quem ouvirá o juramento dos duendes e diabretes que vivem em arbustos e nos ocos das árvores, e dos selvagens que se escondem nas florestas? Quem colherá o juramento dos santos em seus nichos, e dos espíritos que se aglomeram em poços milagrosos, crepitando como folhas secas, e dos bebês abortados e enterrados em solo não consagrado: todos aqueles mortos invisíveis que pairam no inverno entre forjas e lareiras das vilas, tentando aquecer seus ossos expostos? Pois eles também são seus compatriotas: as gerações de mortos incontáveis, que respiram através dos vivos, que roubam sua luz dos homens, fantasmas sem sangue, de lorde e rufião, de freira e puta, os fantasmas de padre e frei que se alimentam da Inglaterra viva, e sugam a substância do futuro.

Ele baixa os olhos para os papéis sobre a mesa, mas seus pensamentos estão longe. Minha filha Anne disse: “Eu escolho Rafe”. Ele baixa a cabeça entre as mãos e fecha os olhos; Anne Cromwell se posta diante dele, dez ou onze anos de idade, forte e resoluta como um homem de armas, os pequenos olhos sem piscar, certa de seu poder de decidir seu destino.

Ele esfrega os olhos. Remexe os papéis. O que é isso? Uma lista. Uma meticulosa caligrafia de escrivão, legível, mas que faz pouco sentido.

Dois carpetes. Um cortado em pedaços.

7 lençóis. 2 travesseiros. 1 almofada.

2 bandejas, 4 pratos, 2 tigelas.

Uma bacia pequena, pesando 12 lbs a 4d por libra; em posse da sra. Abadessa, pagou 4 xelins.

Ele vira o papel do avesso, tentando descobrir sua origem. Percebe que está examinando o inventário dos bens de Elizabeth Barton, deixados para trás em seu convento. Tudo está confiscado para o rei, a propriedade pessoal de uma traidora: um pedaço de tábua que serve de mesa, três fronhas, dois castiçais, um casaco avaliado em cinco xelins. Uma velha manta foi doada em caridade à freira mais jovem de seu convento. Outra freira, uma tal de madre Alice, recebeu uma colcha.

Ele dissera a More, as profecias não a tornaram rica. Agora ele faz um memorando para si mesmo: “Madre Elizabeth Barton deve receber dinheiro para pagar o carrasco”. Ela tem cinco dias de vida. A última pessoa que verá quando subir a escada é seu executor, com a garra esticada. Se no último momento ela não puder custear a propina, talvez sofra mais que o necessário. Barton imaginou quanto tempo alguém leva para queimar, mas não quanto tempo leva para que alguém sufoque na ponta de uma corda. Na Inglaterra, não há misericórdia para os pobres. Deve-se pagar por tudo, até por um pescoço quebrado.

A família de Thomas More prestou o juramento. Ele os visitou e Alice não lhe deixou dúvidas de que ela o considera pessoalmente responsável por fracassar em convencer seu esposo a obedecer. “Pergunte a ele o que pretende, em nome de Deus. Pergunte a ele, será que é sábio, ele acha que é sábio deixar sua esposa sem companhia, seu filho sem conselhos, suas filhas sem proteção, e todos nós à mercê de um homem como Thomas Cromwell?”

“Levou uma lição, senhor”, murmurou Meg, com um breve sorriso. A cabeça baixa, ela tomou a mão dele entre as suas. “Meu pai falou com muito afeto sobre o senhor. De como foi cortês com

ele e como foi veemente, coisa que ele julga nada menos que um favor. Ele crê que o senhor o compreende. Assim como ele o compreende.”

“Meg? Certamente pode olhar para mim, não?”

Outro rosto curvo sob o peso de um toucado armado: Meg segura os véus que a envolvem, como se estivesse numa tempestade e eles oferecessem proteção.

“Posso deter o rei por um ou dois dias. Não creio que é desejo dele ver seu pai na Torre, a cada momento Henrique procura por algum sinal de...”

“Rendição?”

“Apoio. E depois... Não haveria honra alta demais.”

“Duvido que o rei possa oferecer o tipo de honra que interessa a ele”, comenta Will Roper. “Infelizmente. Venha, Meg, vamos para casa. Precisamos levar sua mãe ao rio antes que ela comece um bate-boca.” Roper estende a mão. “Sabemos que não é vingativo, senhor. Mas, Deus sabe, ele nunca foi um amigo dos seus amigos.”

“Houve um tempo em que o senhor mesmo era um homem da Bíblia.”

“Homens podem mudar de opinião.”

“Concordo plenamente. Diga isso a seu sogro.”

Essas palavras deixaram uma nota amarga na despedida. Ele pensa, não alimentarei nenhuma ilusão de More, ou da sua família, de que eles me *compreendem*. Como poderiam, quando minhas manobras são obscuras até para mim?

Ele faz uma anotação: Richard Cromwell deve se apresentar ao abade de Westminster para escoltar Sir Thomas More, prisioneiro, à Torre.

Por que hesito?

Vamos dar mais um dia a ele.

É 15 de abril de 1534. Ele convoca um secretário para arrumar e guardar seus papéis, aprontando-os para o dia seguinte, e se demora junto ao fogo, conversando; é meia-noite, as velas estão

baixas. Ele toma uma delas e sobe as escadas; Christophe ronca, espalhado ao pé de sua cama ampla e solitária. Deus do céu, ele pensa, minha vida é ridícula. “Acorde”, ele diz, mas num sussurro; uma vez que Christophe não responde, ele espalma as mãos sobre o garoto e o rola de um lado a outro, como se ele fosse a cobertura para uma torta, até que o garoto acorda, praguejando num francês de baixíssimo calão. “Ai, pelas bolas peludas de Cristo!”, Christophe pisca com força. “Meu bom amo, não sabia que era o senhor, eu estava sonhando que era uma panqueca. Perdão, estou completamente bêbado, nós festejamos a conjunção da bela Helen com o afortunado Rafe.” Ele ergue um braço, fecha o punho e faz um gesto da mais absoluta obscenidade; seu braço se estende mortiço junto ao corpo, as pálpebras deslizam inelutavelmente para as bochechas, e com um gemido final, ele volta ao sono.

Ele arrasta o garoto até seu colchão. Christophe está pesado agora, um rotundo filhote de buldogue; ele resmunga, murmura, mas não torna a despertar.

Ele põe suas roupas de lado, faz suas preces e deita a cabeça no travesseiro: *7 lençóis 2 travesseiros 1 almofada*. Ele dorme assim que a vela se apaga. Mas sua filha Anne o procura num sonho. Ela ergue a mão esquerda, lamentosa, para mostrar que não tem aliança de casamento. Anne torce os longos cabelos e os enrola em torno do pescoço como uma corda.

Alto verão: as mulheres correm aos aposentos da rainha com lençóis limpos dobrados sobre os braços. Seus rostos estão pálidos e perplexos e elas caminham com tanta pressa que todos entendem que não devem pará-las. O fogo é aceso nos aposentos da rainha para queimar o que foi sangrado. Se há algo a enterrar, as mulheres guardam o segredo entre si.

Naquela noite, encolhido junto a uma fresta da janela, o céu aceso por estrelas como adagas, Henrique dirá a seu secretário: eu culpo Catarina. Creio que ela me deseja mal. A verdade é que seu

ventre é enfermo. Por todos aqueles anos, ela me enganou; Catarina não podia gerar um filho, e ela e seus médicos sabiam disso. Ela alega que ainda me ama, mas está me destruindo. Ela vem à noite com as mãos frias e o coração gelado, e se deita entre mim e a mulher que amo; ela põe a palma no meu membro e suas mãos têm cheiro de túmulo.

Lordes e damas dão dinheiro para que aias e parteiras digam de que sexo era a criança, mas, a cada vez, as mulheres dão respostas diferentes. De fato, o que seria pior: que Ana tivesse concebido outra filha, ou que concebesse e perdesse um menino?

Alto verão: fogueiras são acesas por toda Londres, ardendo ao longo das noites curtas. Dragões cruzam as ruas, cuspidos fumaça e estrepitando suas asas mecânicas.

2. O mapa da cristandade

1534-1535

“Quer o cargo de Audley?”, Henrique pergunta. “É seu, se disser que sim.”

O verão acabou. O imperador não veio. O papa Clemente está morto, levando consigo seus julgamentos; o jogo recomeçará do zero, e o papa deixou a porta aberta, só uma fresta, para que o próximo bispo de Roma tenha uma conversa com a Inglaterra. Pessoalmente, ele bateria a porta; mas estes não são assuntos pessoais.

Agora ele pensa com atenção: seria de seu interesse ser chanceler? Seria bom ter um cargo na hierarquia legal; então por que não no topo? “Não tenho desejo algum de perturbar Audley. Se vossa majestade está satisfeito com ele, eu também estou.”

Ele recorda como o cargo atou Wolsey a Londres, quando o rei estava em outros lugares. O cardeal vivia em atividade nas cortes de justiça; mas para isso já temos advogados o bastante.

Henrique responde, diga-me apenas o que considera melhor. Angustiado, como um amante que não consegue pensar nos melhores presentes. O rei diz: Cranmer me aconselha, ouça Cromwell, e se ele precisar de um cargo, uma taxa, um imposto, uma medida do Parlamento ou uma proclamação real, dê o que ele quer.

O cargo de arquivista-mor está vago. É um antigo posto judicial, na chefia de um dos grandes secretariados do reino. Seus predecessores eram homens eminentes em conhecimento, a maioria bispos: aqueles que jazem em suas tumbas com suas virtudes gravadas acima em latim. Ele nunca se sentiu tão vivo quanto ao torcer o cabo de uma fruta madura e arrancá-la da árvore.

“O senhor também tinha razão quanto ao cardeal Farnese”, prossegue Henrique. “Agora temos um novo papa... bispo de Roma, devo dizer... Eu venci minhas apostas.”

“Então?”, ele diz, sorrindo. “Cranmer tem razão. Ouça meus conselhos.”

A corte se diverte em saber como os romanos celebraram a morte do papa Clemente: arrebataram seu túmulo e arrastaram o corpo nu pelas ruas.

A mansão do arquivista-mor em Chancery Lane é a mais curiosa casa em que ele já entrou. Tem cheiro de podridão, mofo e banha, e se prolonga sinuosamente por trás de sua fachada torta, um aglomerado de pequenos cômodos com portas baixas; teriam sido anões todos os nossos predecessores, ou será que não estavam exatamente seguros de como construir um teto com pé-direito alto?

Essa propriedade foi fundada há trezentos anos, pelo Henrique de então; ele a construiu como refúgio para judeus que queriam se converter. Se assim fizessem — o que era aconselhável se desejavam proteção contra violência —, eles tinham de transferir todas as posses para a Coroa. Portanto, era justo que a Coroa os abrigasse e os alimentasse durante sua vida.

Christophe corre à frente dele, para as profundezas da casa. “Veja!” Ele passa o dedo ao longo de uma imensa teia de aranha.

“Destruíu a casa dela, garoto sem coração.” Ele examina os restos da presa de Ariane: uma perna, uma asa. “Vamos partir, antes que ela volte.”

Cerca de cinquenta anos depois que Henrique Ihes concedeu a propriedade, todos os judeus foram expulsos do reino. Contudo, o refúgio jamais ficou exatamente vazio; mesmo hoje, duas mulheres vivem lá. Eu farei uma visita a elas, ele diz.

Christophe batuca nas paredes e pilastras, resoluto como se soubesse o que está buscando. “Você não sairia correndo”, diz ele, deliciando-se, “se alguém batesse de volta?”

“Ah, Jesus!”, Christophe faz o sinal da cruz. “Imagino que cem homens morreram aqui, tanto judeus quanto cristãos.”

Por trás dos lambris, é verdade, ele pode pressentir minúsculos ossos de ratos: uma centena de gerações, as articuladas patas dianteiras fechadas em eterno repouso. Seus descendentes prosperam, ele fareja no ar. Isso é trabalho para Marlinspike, ele comenta, se pudermos agarrá-lo. O gato do cardeal agora está livre, movendo-se à vontade pelos jardins de Londres, atraído pelo aroma das carpas dos lagos dos mosteiros citadinos, tentado — quem sabe — a atravessar o rio para ser espremido contra os peitos das prostitutas, seios frouxos esfregados com pétalas de rosas e âmbar gris; ele imagina Marlinspike se espreguiçando, ronronando, se recusando a voltar para casa. Ele diz a Christophe: “Eu me pergunto como posso ser arquivista-mor, se não guardo nem um gato”.

“Os documentos não têm patas para sair correndo.” Christophe está chutando um rodapé. “Meu pé atravessa isso aqui”, ele comenta, demonstrando.

Ele deixará os confortos de Austin Friars por essas minúsculas janelas com seus bastidores empenados, as passagens rangentes, as correntes de vento ancestrais? “Seria uma viagem curta até Westminster”, ele diz. Suas intenções se inclinam naquela direção. Whitehall, Westminster e o rio, a barca de secretário-mor descendo até Greenwich ou subindo a Hampton Court. Eu voltarei a Austin Friars com frequência, ele diz a si mesmo, quase todos os dias. Ele está montando uma tesouraria, um depósito seguro para todas as peças de ouro que o rei lhe confiar; o que quer que ele deposite

poderá ser rapidamente transformado em dinheiro vivo. Seu tesouro chega pela rua em carroças comuns, para não atrair a atenção, embora haja batedores vigilantes. Os cálices são encaixados em estojos de couro macio feitos para eles. As tigelas e pratos viajam em sacos de lona, entremeados com tecidos de lã branca de sete pence a jarda. As joias são embaladas em seda e guardadas em baús com trancas novas e lustrosas: e ele detém as chaves. Há grandes pérolas com o lustro do oceano, safiras ardentes como a Índia. Há joias como as frutas que são colhidas numa tarde no campo: granadas como ameixas, diamantes rosados como cinórrodos. Alice diz: “Por um punhado destes, eu mesma derrubaria qualquer rainha da cristandade”.

“Sorte que o rei não a conheceu, Alice.”

Jo comenta: “Eu preferiria receber o equivalente em licenças de exportação. Ou contratos de exércitos. Alguém fará uma fortuna nas guerras irlandesas. Grãos, farinha, malte, cavalos...”.

“Verei o que posso fazer por você”, ele responde.

Ele assegura a concessão de Austin Friars por noventa e nove anos. Seus bisnetos a terão: alguns londrinos desconhecidos. Quando lerem estes documentos, seu nome estará lá. Seu brasão estará talhado acima das portas. Ele pousa a palma no corrimão da grande escadaria, ergue os olhos para a luz empoeirada de uma janela alta. Quando fez esse gesto? Em Hatfield, mais cedo neste ano: erguendo os olhos, ouvindo os ruídos da casa de Morton, há muito tempo. Se ele mesmo regressou a Hatfield, Thomas More não teria voltado também? Não seria seu passo leve o que ele esperava ouvir no andar de cima?

Ele começa a pensar de novo naquele punho que surgiu de lugar nenhum.

Sua primeira ideia fora transferir os secretários e papéis ao Arquivo, e assim Austin Friars se tornaria um lar novamente. Mas para quem? Ele retoma o livro de horas de Liz, e na página em que ela mantinha uma lista da família, ele vem fazendo alterações,

adições. Rafe logo se mudará para sua nova casa em Hackney; e Richard está fazendo obras no mesmo bairro, com sua esposa Frances. Alice se casará com o guarda Thomas Rotherham e seu irmão Christopher já foi ordenado e recebe seus benefícios. As roupas do casamento de Jo já estão encomendadas; ela foi pedida por seu amigo John ap Rice, advogado, estudioso, um homem que ele admira e com cuja lealdade conta. Eu fiz bem pela minha gente, ele pensa: nenhum deles está pobre, infeliz ou incerto sobre seu lugar neste mundo de incertezas. Ele hesita, erguendo os olhos para a luz: ora dourada, ora azul quando uma nuvem passa. Quem quer que vá descer as escadas e chamá-lo, que o faça agora. Sua filha Anne com os pés estrondosos: Anne, ele diria, será que não podemos pôr amortecedores de feltro nesses seus cascos? Grace deslizando como pó, embalada numa espiral, um redemoinho de vida... a lugar nenhum, dissipando-se, desaparecida.

Liz, venha para baixo.

Mas Liz guarda silêncio; não fica, não parte. Está sempre com ele, e sempre sem ele. Ele dá meia-volta. Esta casa será, portanto, um lugar de negócios. Como todas as suas casas se tornarão lugares de negócios. Meu lar será onde estiverem meus secretários e os arquivos; senão, meu lar será com o rei, onde ele estiver.

Christophe diz: “Agora que estamos aqui na Casa do Arquivo, eu posso dizer, *cher maître*, como fico feliz por não ter sido deixado para trás pelo senhor. Pois na sua ausência eles me chamariam de cérebro de lesma e cabeça de nabo”.

“*Alors...*” Ele dá uma olhada em Christophe: “Sua cabeça realmente parece um nabo. Obrigado por atrair minha atenção para isso”.

Instalado no Arquivo, ele avalia sua situação: satisfatória. Ele vendeu suas duas quintas em Kent, mas o rei lhe deu outra em Monmouthshire e ele está comprando mais uma em Essex. Está de olho em locais de Hackney e Shoreditch, e adquire propriedades arrendadas em torno de Austin Friars, que pretende acrescentar a

seus planos arquitetônicos, e depois construir uma grande muralha em torno do território. Ele faz pesquisas para se apossar de uma quinta em Bedfordshire, outra em Lincolnshire e duas propriedades em Essex que pretende deixar em testamento para Gregory. Tudo isso é coisa pouca. Não é nada se comparado ao que ele pretende ter, ou o que Henrique lhe deverá.

Enquanto isso, suas despesas assustariam um homem mais fraco. Se o rei deseja algo feito, ele deve ter condições de empregar funcionários e financiar a empreitada. É difícil igualar os gastos de seus nobres conselheiros, e, contudo, há uma horda deles que vive na loja de penhores e o procura mês a mês para remendar os rombos em suas contas. Ele sabe quando deixar essas dívidas correrem; há mais de um tipo de moeda na Inglaterra. O que ele sente é que uma grande rede se prolonga ao seu redor, uma rede de favores oferecidos e favores recebidos. Os que desejam acesso ao rei já sabem que devem pagar por isso, e ninguém tem melhor acesso que ele. E, ao mesmo tempo, a mensagem se espalha: ajude Cromwell e ele o ajudará. Seja leal, seja diligente, seja inteligente pelo bem dele; e receberá uma recompensa. Aqueles que prometem seus serviços a ele serão promovidos e protegidos. Ele é um bom amigo e senhor; é o que se diz a seu respeito em todos os lugares. Fora isso, são as habituais injúrias: seu pai era um ferreiro, um cervejeiro sem caráter, era um irlandês, um criminoso, um judeu, e ele próprio apenas um comerciante de lã, um tosquiador, e agora é um feiticeiro: além de feitiçaria, de que outro modo ele teria tomado as rédeas do poder em suas mãos? Chapuys escreve sobre ele ao imperador; sua vida pregressa continua um mistério, mas ele é excelente companhia e conserva sua casa e seus criados em estilo magnífico. Ele é um mestre da linguagem, escreve Chapuys, um homem da mais eloquente articulação; embora seu francês, ele acrescenta, seja apenas *assez bien*.

Ele pensa, é bom o bastante para você. Um cumprimento de cabeça e uma piscadela já bastam para Chapuys.

Nos últimos meses, o conselho trabalhou sem descanso e sem recessos. Um verão de duras negociações trouxe um tratado com os escoceses. Mas agora há uma rebelião na Irlanda. Só o próprio castelo de Dublin e a cidade de Waterford defendem o rei, ao passo que os lordes rebeldes oferecem seus serviços e portos às tropas do imperador. Aquelas ilhas contêm o território mais miserável do reino, que não paga ao rei o que lhe custa guarnece-lo; mas Henrique não pode dar as costas à região, por temer que outros venham a invadi-la. A lei é quase ignorada por lá, pois os irlandeses creem que podem comprar assassinato com dinheiro, e, como os galeses, põem preço em gado na vida de um homem. O povo é mantido na pobreza por impostos e expropriações, por confiscos e roubo descarado; corre uma piada de que os religiosos ingleses se abstêm da carne nas quartas e sextas, mas os irlandeses são tão devotos que se abstêm em todos os outros dias. Seus grandes lordes são homens brutais e imperiosos, traiçoeiros e volúveis, antagonistas inveterados, extorsionários e sequestradores, e pouco lhes importa a lealdade à Inglaterra, pois não são fiéis a nada e preferem a força das armas à lei. Quanto aos chefes nativos, não reconhecem limite natural a seus territórios. Alegam que em sua terra são donos de cada lago e colina de arbustos, dos bosques, do capim das pastagens e do vento que o agita; possuem cada animal e cada homem, e em tempos de escassez tiram o pão dos homens para alimentar seus cães de caça.

Não surpreende que não queiram ser ingleses. Isso interromperia sua condição de senhores de escravos. O duque de Norfolk ainda tem servos em suas terras, e mesmo que os tribunais de justiça tomem providência para libertá-los, ele espera um pagamento por isso. O rei propõe enviar Norfolk para a Irlanda, mas o duque diz que já passou meses inúteis o bastante por lá e que a única forma de mandá-lo será se construírem uma ponte para que ele possa voltar para casa no fim da semana sem molhar os pés.

Ele e Norfolk se enfrentam na Câmara do Conselho. O duque esbraveja e ele se recosta, cruza os braços e o observa arengar. Vocês deveriam ter mandado o jovem Fitzroy para Dublin, ele diz ao conselho. Um aprendiz de rei; para fazer uma encenação, armar um espetáculo, distribuir algum dinheiro.

Richard diz a ele: “Talvez devêssemos ir à Irlanda, senhor”.

“Acho que meus dias de campanha estão acabados.”

“Eu gostaria de pegar em armas. Todo homem deveria ser um soldado uma vez na vida.”

“Isso é seu avô falando por você. Ap Evan, o arqueiro. Por ora, concentre-se em fazer uma boa figura nos torneios.”

Richard revelou-se um homem formidável nas justas. É mais ou menos como Christophe diz: *paf*, e eles caem duros. Você poderia mesmo imaginar que o esporte está no sangue de seu sobrinho, como está no sangue dos lordes que competem. Richard leva as cores de Cromwell, e o rei o ama por isso, como ama qualquer homem com talento, coragem e força física. Cada vez mais, sua perna problemática o obriga a se sentar entre os espectadores. Quando sente dor, Henrique entra em pânico, você pode ver isso nos olhos deles; e quando está convalescendo, fica inquieto. A incerteza sobre o próprio estado de saúde o torna menos inclinado para as despesas e os problemas de organizar um grande torneio. Quando consegue disputar uma rodada — com sua experiência, seu peso e altura, seus soberbos corcéis e seu temperamento de aço —, Henrique é o provável vencedor. Mas, para evitar acidentes, ele prefere disputar contra oponentes que já conhece.

Henrique diz: “O imperador, há dois ou três anos, quando esteve na Germânia, ele não teve uma indisposição maligna na coxa? Dizem que o clima o afetou. Mas, em contrapartida, seus domínios oferecem uma variedade de climas. Ao passo que, de um lado a outro do meu reino, não se encontra mudança alguma”.

“Ah, suponho que seja pior em Dublin.”

Henrique observa, desesperançado, a chuva pesada. “E quando eu disputo, o povo grita para mim. Eles surgem das valas e gritam sobre Catarina, que eu deveria aceitá-la de volta. Será que gostariam que eu lhes dissesse como organizar suas casas, esposas e filhos?”

Mesmo quando o clima melhora, os temores do rei não diminuem. “Ela escapará e erguerá um exército contra mim. Catarina. Não sabe o que ela seria capaz de fazer.”

“Ela me disse que não entraria em disputa.”

“E acha que ela nunca mente? Eu sei que ela mente. Tenho prova disso. Ela mentiu sobre a própria virgindade.”

Ah, aquilo, ele responde, cansado.

Ao que parece, Henrique não crê na força de guardas armados, em trancas e chaves. Ele pensa que um anjo recrutado pelo imperador Carlos fará com que eles tombem um por um. Quando viaja, ele leva consigo um grande cadeado de ferro, que é afixado à porta de sua câmara por um criado que viaja com ele para esse propósito. Sua comida é provada para prevenir venenos, e sua cama é examinada, última atividade da noite, em busca de armadilhas ocultas, como agulhas; mesmo assim, porém, Henrique teme ser assassinado em seu sono.

Outono: Thomas More está perdendo peso, um homenzinho esquelético emergindo daquilo que jamais chegou a ser uma superabundância de carne. Ele deixa que Antonio Bonvisi lhe mande comida. “Não que vocês, cidadãos de Lucca, saibam comer. Eu mesmo mandaria refeições, mas, se ele adoecer, sabe o que as pessoas diriam. Ele gosta de pratos de ovos. Não sei se aprecia alguma outra coisa.”

Um suspiro. “Pudins de leite.”

Ele sorri. Estes são dias carnívoros. “Não surpreende que ele não tenha saúde.”

“Eu o conheço há quarenta anos”, comenta Bonvisi. “Toda uma vida, Tommaso. Você não o machucaria, não é? Por favor, garanta-me, se puder, que ninguém o machucará.”

“Por que acha que não sou melhor que ele? Ouça, não tenho necessidade alguma de colocá-lo sob pressão. Sua família e os amigos já farão isso. Não é?”

“Será que não poderia simplesmente deixá-lo para lá? Esquecê-lo?”

“É claro. Se o rei permitir.”

Ele arranja uma visita de Meg Roper. Pai e filha passeiam pelos jardins de braços dados. De vez em quando ele os observa de uma janela dos alojamentos do lorde tenente.

Em novembro, fica claro que essa estratégia fracassou. Na verdade, ela se vira e lhe morde a mão, como um cão que, por bondade, alguém tira das ruas. Meg diz: “Ele me contou, e me pediu que dissesse aos seus amigos, que não pretende se envolver mais com juramentos de nenhum tipo e que, se soubermos que ele jurou, devemos concluir que foi forçado, por maus-tratos e brutalidade. E se um documento for exibido ao conselho com a assinatura dele, não foi da sua mão”.

Agora se exige de More que preste juramento ao Ato de Supremacia, um ato que reúne todos os poderes e títulos assumidos pelo rei nos últimos dois anos. O ato não transforma o rei em líder da Igreja, como dizem alguns, mas afirma que o monarca é e sempre foi o chefe da Igreja. Se as pessoas não gostam de novas ideias, que tenham ideias antigas. Se querem precedentes, ele tem os precedentes. Um segundo decreto, que entrará em vigor no ano novo, define o escopo da traição. Será crime de traição negar os títulos ou jurisdição de Henrique, falar ou escrever maliciosamente contra o rei, declará-lo herege ou cismático. Essa lei atingirá os frades que espalham pânico e dizem que os espanhóis aportarão na próxima maré alta a fim de tomar o trono para Lady Maria. Atingirá os padres que esbravejam em seus sermões contra a autoridade do

rei e dizem que ele está arrastando seus súditos consigo para o inferno. Será demais que um monarca espere do súdito que guarde uma língua civilizada dentro da boca?

Esta é nova, os outros lhe dizem, essa traição por palavras, e ele responde, não, pode ter certeza, isso é antigo. O ato fixa em lei estatutária aquilo que os juízes em sua sabedoria já definiram como lei comum. É uma medida de esclarecimento. E eu sou absolutamente a favor da claridade.

Diante da recusa de More em prestar esse segundo juramento, um ato de condenação é redigido contra ele, confiscando seus bens para a Coroa. Ele agora não tem esperança de liberdade; ou melhor, a esperança está em si mesmo. É seu dever visitá-lo e dizer que ele já não terá direito a visitas ou passeios pelos jardins.

“Nada para ver, nesta época do ano.” More lança um olhar aos céus, uma faixa estreita de cinza através da janela alta. “Ainda posso ter meus livros? Escrever cartas?”

“Por enquanto.”

“E John Wood, ele ficará comigo?”

Seu criado. “Sim, claro.”

“Ele me traz algumas notícias de tempos em tempos. Dizem que a doença dos suores irrompeu entre as tropas do rei na Irlanda. E tão tarde no ano.”

A peste também emergiu; ele não contará isso a More, ou que toda a campanha da Irlanda é um desastre e um escoadouro de dinheiro e que ele gostaria de ter feito como Richard sugeriu e partido para combater ele mesmo em pessoa.

“O suor leva tantos”, continua More, “e tão rápido, e também no ápice da vida. E se alguém sobrevive, não tem condições de combater os selvagens irlandeses, isso com certeza. Eu recordo quando Meg teve a doença, ela quase morreu. Já pegou? Não, o senhor nunca adoece, não é?” Ele papeia sem rumo, e depois ergue os olhos. “Conte-me, o que tem ouvido da Antuérpia? Dizem que Tyndale está lá. Dizem que ele vive com limitações. Ele não ousa se

afastar para além do distrito comercial inglês. Dizem que está aprisionado, quase da mesma maneira que eu.”

É verdade, ou parcialmente verdade. Tyndale labutou na pobreza e na obscuridade, e agora seu mundo encolheu até se reduzir a um pequeno quarto; enquanto isso, na cidade lá fora, sob as leis do imperador, os impressores são marcados a ferro e seus olhos são arrancados, e irmãos e irmãs são mortos por sua fé, os homens decapitados, as mulheres enterradas vivas. More ainda tem uma viscosa rede na Europa, uma teia de dinheiro; ele acredita que os homens de More seguiram Tyndale durante os últimos meses, mas todo o seu engenho, e de Stephen Vaughan no próprio local, não foi suficiente para descobrir quais ingleses de passagem por aquela movimentada cidade eram agentes de More. “Tyndale ficaria mais seguro em Londres”, prossegue More. “Sob sua proteção, o protetor do erro. Ora, veja a Alemanha hoje. Entenda, Thomas, para onde a heresia nos leva. Ela nos leva a Münster, não é mesmo?”

Sectários, anabatistas, tomaram a cidade de Münster. Os piores pesadelos — aqueles nos quais você acorda, paralisado, e pensa que morreu — são uma bênção em comparação a isso. Os burgomestres foram expulsos do conselho, e ladrões e lunáticos tomaram seu lugar, proclamando que o fim dos tempos chegou e que todos devem ser rebatizados. Os cidadãos que se negam são enxotados para além das muralhas, nus, para perecer na neve. A cidade está sob o cerco de seu próprio príncipe-bispo, que pretende vencê-la pela fome. Dizem que os defensores são, em sua maioria, mulheres e crianças deixados para trás; elas são mantidas sob terror por um alfaiate chamado Bockelson, que coroou a si mesmo rei de Jerusalém. Os rumores são de que os amigos de Bockelson instituíram a poligamia, como recomendado no Velho Testamento, e que algumas mulheres foram enforcadas ou afogadas por não se submeterem ao estupro, disfarçado sob a lei de Abraão. Esses profetas se dedicam ao roubo à luz do dia, em nome da partilha dos bens em comum. Diz-se que eles tomaram as casas dos ricos,

queimaram suas cartas, retalharam seus retratos, esfregaram o chão com finos bordados e rasgaram os registros que identificam quem possui o quê, de modo que os velhos tempos jamais possam voltar.

“Utopia”, ele diz. “Não é?”

“Ouvi dizer que estão queimando os livros das bibliotecas da cidade. Erasmo foi para as chamas. Que tipo de demônio queimaria o doce Erasmo? Mas sem dúvida, sem dúvida”, More meneia a cabeça, “Münster será restaurada à ordem. Filipe, príncipe de Hesse, amigo de Lutero, não duvido que ele vá emprestar seu canhão e canhoneiros ao bom bispo, e um herege abaterá o outro. Os irmãos acabam se esganando uns aos outros, está vendo? Como cães raivosos espumando pelas ruas, que rasgam suas entranhas quando se encontram.”

“Eu lhe direi como Münster acabará. Alguém de dentro da cidade decretará rendição.”

“Acha mesmo? Parece prestes a me oferecer uma aposta. Mas aí está, jamais fui muito jogador. E agora o rei tem todo o meu dinheiro.”

“Um homem daqueles, um alfaiate, ergue-se por um ou dois meses...”

“Um comerciante de lã, filho de ferreiro, ergue-se por um ano ou dois...”

Ele se levanta, pega sua capa: lã negra, forro de pele de ovelha. Os olhos de More cintilam, ah, veja só, eu o pus para correr. Agora ele murmura, como se estivesse num jantar, precisa ir? Fique mais um pouco, pode ser? More ergue o queixo. “Então não verei Meg de novo?”

O tom do homem, o vazio, a perda, tocam seu coração no íntimo. Ele se vira, para conservar sua resposta calma e contida. “Só precisa dizer algumas palavras. Só isso.”

“Ahh. Só palavras.”

“E se não deseja dizê-las, eu posso escrevê-las para o senhor. Assine embaixo e o rei ficará satisfeito. Eu mandarei minha barca para levá-lo de volta a Chelsea e desembarcá-lo no cais junto ao seu próprio jardim; não há muito para ver, como diz, nesta época do ano, mas pense na recepção calorosa da casa. A sra. Alice aguardando, cozinhando, bem, só isso já bastaria para recuperá-lo; ela se posta a seu lado, observando enquanto come, e no minuto em que estiver limpando a boca, ela o tomará nos seus braços e limpará a gordura de cordeiro aos beijos, ah, esposo, como senti saudades! Ela o carrega para seu quarto de dormir, tranca a porta e enfia a chave no bolso, e arranca suas roupas até que lá está More, de camisa e nada além das suas perninhas brancas de fora... bem, admita, a mulher tem seus direitos. Depois, no dia seguinte, pense, é só acordar antes do alvorecer, arrastar os pés para sua conhecida cela e se acoitar, pedir seu pão e água, e às oito da manhã você torna a vestir seu cilício, e por cima dele joga seu velho camisolão de lã, aquele cor de sangue com o rasgo... pés para cima num banco, seu único filho traz suas cartas... quebra o selo do seu adorado Erasmo... Depois de ter lido suas cartas, pode passear lá fora, imaginemos que seja um dia de sol, e admirar seus pássaros engaiolados, e a raposinha na sua jaula, e pode dizer: eu também fui prisioneiro, mas agora não mais, pois Cromwell me mostrou que eu podia ser livre... Não deseja isso? Não quer sair deste lugar?”

“O senhor deveria escrever uma peça”, retruca More, admirado.

Ele ri. “Talvez eu escreva.”

“É melhor que Chaucer. Palavras. Palavras. Só palavras.”

Ele se vira; encara More. É como se a luz se alterasse. Uma janela se abriu num país estranho, onde bate o vento frio da infância. “Aquele livro... Era um dicionário?”

More franze a testa. “Como?”

“Eu estava subindo ao segundo andar em Lambeth... espere, deixe-me lembrar... Eu subi correndo as escadas, levando sua cerveja e seu pão de trigo, para evitar que sentisse fome caso

acordasse de madrugada. Eram sete da noite. O senhor estava lendo e, quando ergueu os olhos, pousou suas mãos sobre o livro”, ele faz asas com as mãos, “como se o protegesse. Eu perguntei, mestre More, o que há nesse grande livro? E me respondeu, palavras, palavras, apenas palavras.”

More inclina a cabeça. “Isso foi quando?”

“Creio que eu tinha sete anos.”

“Ah, absurdo”, responde More, simpático. “Eu não o conheci quando o senhor tinha sete anos. Ora, era...”, ele fecha o cenho, “deve ter sido... eu estava...”

“Prestes a partir para Oxford. Não recorda. Mas por que recordaria?” Ele dá de ombros. “Pensei que estava caçoando de mim.”

“Ah, é muito provável que estivesse”, responde More. “Se tal encontro realmente aconteceu. Agora contemple os dias presentes, em que você vem aqui e ri de mim. Falando de Alice. E das minhas perninhas brancas.”

“Acho que deve ter sido um dicionário. Tem certeza de que não se lembra? Bem... minha barca está esperando, e não quero deixar os remadores lá fora no frio.”

“Os dias são muito longos aqui”, diz More. “As noites são mais longas. Meu peito está mal. A respiração é curta.”

“De volta a Chelsea então, o dr. Butts o visitará, tsc tsc, Thomas More, o que andou fazendo consigo? Aperte o nariz e beba essa mistura espantosa...”

“Às vezes acho que não verei a manhã.”

Ele abre a porta. “Martin?”

Martin tem trinta anos, os cabelos louros já escassos sob a boina; um rosto agradável com um sorriso enrugado. Sua cidade natal é Colchester, seu pai é alfaiate, e ele aprendeu a ler com o Evangelho de Wycliffe, que seu pai escondia no telhado sob o forro. Esta é uma nova Inglaterra; uma Inglaterra em que Martin pode tirar o pó do velho texto e mostrá-lo a seus vizinhos. Ele tem irmãos,

todos eles homens da Bíblia. Sua esposa está agora recolhida em sua terceira gravidez, já “metida nas palhas”, como ele diz. “Alguma novidade?”

“Ainda não. Mas o senhor será o padrinho? Thomas se for um menino e, se for uma menina, o senhor lhe dará um nome.”

Um breve toque de mãos e um sorriso. “Grace”, ele responde. Um presente em dinheiro fica subentendido; o começo da criança na vida. Ele se volta mais uma vez para o homem doente, agora curvado sobre sua mesa. “Sir Thomas diz que sua respiração fica curta à noite. Traga-lhe almofadas, travesseiros, tudo que encontrar, apoie seu corpo para aliviá-lo. Quero que ele tenha todas as oportunidades de viver para repensar sua posição, mostrar lealdade ao nosso rei e voltar para casa. E agora, eu lhes desejo uma boa tarde.”

More ergue os olhos. “Eu quero escrever uma carta.”

“É claro. Terá tinta e papel.”

“Quero escrever para Meg.”

“Então lhe mande uma palavra humana.”

As cartas de More são pouco afetuosas. Até se endereçam para a filha, mas são escritas para serem lidas por seus amigos da Europa.

“Cromwell...?” A voz de More o chama de volta. “Como vai a rainha?”

More é sempre correto, não é como aqueles que escorregam e dizem: “a rainha Catarina”. Como está Ana?, é o que ele indaga. Mas o que ele poderia responder? Ele já está de saída. Já saiu pela porta. Na estreita janela, um entardecer azul substituiu o cinza.

Ele ouve a voz dela, na sala ao lado: baixa, incansável. Henrique está ganindo de indignação. “Não fui eu! Não fui *eu*.”

Na antecâmara, Thomas Bolena, monsenhor, com seu rosto longo rijo. Alguns adutores dos Bolena se entreolham: Francis Weston, Francis Bryan. Num canto, tentando se tornar inconspícuo,

o alaudista Mark Smeaton; o que ele está fazendo aqui? Não é exatamente um conclave de família: George Bolena está em Paris, em negociação. Foi lançada uma ideia de que a infanta Elizabeth deveria se casar com um filho da França; os Bolena realmente acreditam que isso acontecerá.

“O que pode ter ocorrido”, ele pergunta, “para perturbar a rainha?” Seu tom é perplexo: como se ela fosse a mais plácida das mulheres.

Weston responde: “É Lady Carey, ela está... digamos que ela se encontra...”.

Bryan ri secamente. “Com um bastardo no bucho.”

“Ah. Os senhores não sabiam?” O choque à sua volta é gratificante. Ele dá de ombros. “Eu pensei que fosse um assunto de família.”

O tapa-olho de Bryan, hoje amarelo ictérico, cintila para ele. “Você deve vigiá-la bem de perto, Cromwell.”

“Uma tarefa em que falhei”, comenta Bolena. “Evidentemente. Maria alega que o pai da criança é William Stafford, e se casou com ele. O senhor conhece esse tal Stafford, não?”

“Só um pouco. E então”, ele sugere, achando graça, “podemos entrar? Mark, não vamos resolver esse assunto com música, portanto se retire para onde possa ser útil.”

Só Henry Norris está servindo ao rei: Jane Rochford, à rainha. O grande rosto de Henrique está pálido. “Está me culpando, madame, por algo que fiz antes mesmo de conhecê-la.”

Os recém-chegados amontoaram-se atrás do rei, como se ele fosse um escudo. Henrique diz: “Meu lorde de Wiltshire, não pode controlar nenhuma das suas filhas?”.

“Cromwell sabia”, diz Bryan. Ele ri abafado.

O monsenhor começa a falar, gaguejando — logo ele, Thomas Bolena, diplomata famoso pela finesse de sua lábia. Ana o interrompe. “Por que ela teria um filho de Stafford? Não acredito que seja dele. Por que ele concordaria em se casar com ela, senão por

ambição? Bem, nisso ele deu um passo em falso, pois jamais pisará na corte novamente, e ela tampouco. Ela pode rastejar de joelhos para mim. Não me importa. Ela pode morrer de fome.”

Se Ana fosse minha esposa, ele pensa, acho que eu passaria a tarde fora. Ela parece um trapo, e não consegue ficar quieta; não seria prudente confiar nela junto a uma faca afiada. “O que fazer?”, Norris murmura. Jane Rochford está afastada, perto das tapeçarias, onde ninfas se enroscam em árvores; a barra de sua saia mergulha num fabuloso riacho, e seu véu toca uma nuvem, de onde uma deusa espia. Ela ergue o rosto; sua expressão é de comedido triunfo.

Eu poderia mandar chamar o arcebispo, ele pensa. Ana não esbravejaria ou bateria os pés diante dele. Agora ela agarra Norris pela manga; o que diabos está fazendo? “Minha irmã fez isso para me afrontar. Ela pensa que vai passear pela corte com sua barriga enorme tendo pena e rindo de mim, porque perdi meu próprio filho.”

Thomas Bolena diz: “Eu tenho certeza de que, se o assunto fosse observado sob o...”.

“Fora daqui!”, berra Ana. “Deixe-me, e diga a ela, à sra. Stafford, que ela abandonou todo o direito de figurar em minha família. Eu não a conheço. Ela não é mais uma Bolena!”

“Wiltshire, vá”, acrescenta Henrique, no tom de alguém que promete uma surra a um garoto de escola. “Falarei com você mais tarde.”

Ele diz ao rei, inocente: “Majestade, não vamos trabalhar hoje?”. Henrique ri.

Lady Rochford corre para acompanhá-lo. Ele não reduz o passo, e ela tem de agarrar suas saias. “Sabia mesmo, secretário? Ou só disse isso para ver a cara deles?”

“Você é hábil demais para mim. Conhece todas as minhas tramas.”

“Sorte que conheço as de Lady Carey.”

“Foi você quem detectou o estado dela?” Quem mais?, ele pensa. Com seu marido George em viagem, Jane não tem ninguém a quem espionar.

A cama de Maria está coberta de sedas — vermelho-fogo, laranja, encarnado —, como se um incêndio tivesse irrompido no colchão. Sobre as banquetas e um assento de janela, uma trilha de camisões, fitas emaranhadas e luvas sem par. Seriam aquelas as mesmas meias verdes que certa vez ela revelou até os joelhos, disparando na direção dele no dia em que se ofereceu em casamento?

Ele se detém à porta. “William Stafford, hein?”

Ela se apruma, as faces afogueadas, uma sapatilha de veludo na mão. Agora que o segredo foi descoberto, Maria afrouxou o espartilho. Seus olhos apenas passam por ele. “Minha boa menina, Jane, me ajude aqui.”

“Com licença, mestre.” É Jane Seymour, passando por ele na ponta dos pés com uma braçada de lençóis dobrados. Depois entra um garoto atrás dela, arrastando um baú de couro amarelo. “Bem aqui, Mark.”

“Olhe para mim, senhor secretário”, exclama Smeaton. “Fazendo-me útil.”

Jane se ajoelha diante do baú e o abre. “Cambraia para forrá-lo?”

“Esqueça a cambraia. Onde está meu outro sapato?”

“É melhor partir logo”, aconselha Lady Rochford. “Se encontrá-la, tio Norfolk a espancará com um porrete. A rainha sua irmã pensa que o rei gerou seu filho. Ela diz, por que haveria de ser de William Stafford?”

Maria bufa. “Ela acha que sabe de tudo... O que Ana entende de aceitar um homem por quem ele é? Pode dizer a ela que William me ama. Pode lhe dizer que ele se importa comigo enquanto ninguém mais o faz. Ninguém mais neste mundo.”

Ele se inclina e sussurra: “Senhora Seymour, não sabia que era amiga de Lady Carey”.

“Ninguém mais quer ajudá-la.” Jane mantém a cabeça baixa; sua face está ruborizada.

“Aqueles cortinados de cama são meus”, prossegue Maria. “Arranquem-nos.” Bordado nas cortinas, ele vê, está o brasão do esposo, William Carey, morto há... sete anos? “Eu posso descoser os brasões.” É claro: que utilidade tem um homem morto e seus apetrechos? “Onde está minha bacia dourada, Rochford, você a guardou?” Ela dá um chute no baú amarelo; é estampado de todos os lados com o emblema de falcão de Ana. “Se me virem com isso, vão tirá-lo de mim e derrubar todas as minhas coisas na estrada.”

“Se puder esperar uma hora”, propõe ele, “mandarei alguém trazer outro baú.”

“Ele estará estampado com as armas de Thomas Cromwell? Deus me ajude, eu não tenho uma hora. Eu sei disso!” Ela começa a arrancar os lençóis da cama. “Façam trouxas!”

“Isso seria vergonhoso”, Jane Rochford exclama. “E fugir como uma serva que roubou a prata? Ademais, não precisará dessas coisas em Kent. Stafford tem uma fazenda ou algo do tipo, não tem? Uma pequena propriedade? Mesmo assim, poderia vendê-las. Ou terá que vendê-las, imagino.”

“Meu querido irmão me ajudará quando voltar da França. Ele não me renegará.”

“Com todo respeito, eu discordo. Lorde Rochford compreenderá, como eu compreendo, que Lady Carey desgraçou toda a família.”

Maria se vira para ela, lançando o braço como um gato que mostra a garra. “Isso é melhor que o dia do seu casamento, Rochford! É como ganhar uma montanha de presentes. Não consegue amar, não sabe o que é o amor, e tudo que faz é invejar aquelas que de fato o conhecem, e se deliciar com seus infortúnios. Você é uma mulher desgraçada e infeliz, odiada pelo próprio marido, e eu tenho pena de você, e tenho pena da minha irmã Ana, eu não trocaria de lugar com ela, prefiro estar na cama de um cavalheiro pobre e honesto que só pensa em mim a ser como a rainha, capaz

apenas de segurar seu homem com truques de velhas meretrizes... Sim, eu sei que é assim, Henrique contou a Norris o que ela lhe oferece, e é algo que não conduz a gerar filhos, isso eu lhe garanto. E agora ela teme todas as mulheres da corte; já viu como ela está, já a observou ultimamente? Sete anos ela tramou para ser rainha, e Deus nos proteja das preces atendidas. Ela achou que todos os dias seriam como sua coroação.” Sem fôlego, Maria vasculha o emaranhado de suas posses e atira um par de luvas a Jane Seymour. “Fique com essas, minha querida, com minha bênção. Você tem o único coração bondoso da corte.”

Jane Rochford, ao sair, bate a porta.

“Deixe que ela vá”, murmura Jane Seymour. “Esqueça Rochford.”

“Já vai tarde!”, Maria exclama. “Devo ficar agradecida por ela não ter revirado minhas coisas e oferecido uma soma por elas.” No silêncio, suas palavras se batem, estrepitam, agitam-se na câmara como pássaros aprisionados que se desesperam e fazem cocô nas paredes. Henrique contou a Norris o que ela lhe oferece. À noite, seus engenhosos procedimentos. Ele está recompondo a frase: como certamente se faz necessário, não? Aposto que Norris é todo ouvidos. Cristo do céu, essa gente! O garoto Mark está plantado atrás da porta, a boca escancarada. “Mark, se está aí atrás como um peixe encalhado, vou mandar tirar filés e fritá-lo!” O garoto foge.

Quando a srta. Seymour termina de amarrar as trouxas, elas parecem pássaros de asas quebradas. Ele as toma dela e torna a amarrá-las, não com fitas de seda, mas com um útil barbante.

“Sempre carrega barbante consigo, senhor secretário?”

Maria diz: “Ah, meu livro de poemas de amor! Shelton ficou com ele”. Ela corre para fora do aposento.

“Ela precisará dele”, ele comenta. “Não há poemas em Kent.”

“Lady Rochford diria a ela que sonetos não aquecem ninguém. Não que eu já tenha recebido um soneto”, diz Jane. “Assim, não tenho como saber.”

Liz, ele pensa, tire sua mão morta de cima de mim. Você me censura por essa simples mocinha, tão pequena, tão magra, tão comum? Ele se vira. “Jane...”

“Senhor secretário?” Ela dobra os joelhos e se arrasta de lado pelo colchão: agarrando o poste da cama, ela fica de pé na cama, estende os braços e começa a desamarrar os cortinados.

“Desça daí! Eu farei isso. Mandarei uma carroça depois da partida da sra. Stafford. Ela não pode carregar tudo que possui.”

“Eu posso fazer isso. O secretário-mor não lida com cortinados de cama.”

“O secretário-mor lida com tudo. Fico surpreso por não fazer as camisas do rei.”

Jane oscila suavemente acima dele. Seus pés afundam nas plumas. “A rainha Catarina faz. Ainda.”

“A viúva Catarina. Desça daí.”

Ela salta de volta ao forro do chão, sacudindo as saias. “Ainda hoje, depois de tudo o que aconteceu entre eles. Catarina mandou mais uma carta na semana passada.”

“Pensei que o rei a havia proibido.”

“Ana diz que elas deveriam ser rasgadas e usadas para... bem, o senhor sabe para quê; num cagatório. Ele ficou irritado. Possivelmente porque não gosta da palavra ‘cagatório’.”

“Não mesmo.” O rei abomina linguagem vulgar, e não foram poucos os cortesãos temporariamente afastados por contar alguma anedota suja. “É verdade o que Maria diz? Que a rainha tem medo?”

“Por enquanto, ele anda suspirando pela srta. Shelton. Bem, o senhor sabe disso. O senhor os observou.”

“Mas com certeza é algo inofensivo, não? Um rei é obrigado a ser galante, até alcançar a idade de vestir seu camisolão e se sentar junto ao fogo com seus capelães.”

“Tente explicar isso a Ana, ela não vê dessa forma. Ela queria mandar Shelton para longe. Mas seu pai e seu irmão não aceitaram. Porque os Shelton são primos deles, e se Henrique está buscando

em outro lugar, eles querem que seja perto de casa. O incesto anda tão popular hoje em dia! Tio Norfolk disse... quero dizer, sua graça...”

“Tudo bem”, ele comenta, distraído, “eu também o chamo assim.”

Jane cobre a boca com a mão. É uma mão de criança, com pequenas unhas lustrosas. “Eu me lembrarei disso quando estiver no campo e não houver nada para me divertir. E quando o senhor fala isso, ele responde: meu querido sobrinho Cromwell?”

“Você deixará a corte?” Sem dúvida ela tem um marido em vista: algum lorde rural.

“Já que servi por mais uma temporada, espero que me liberem.”

Maria irrompe no quarto, rilhando os dentes. Segura duas almofadas bordadas acima do volume de seu ventre, que agora parece óbvio, e tem a outra mão livre para sua bacia dourada, onde está o livro de poesias. Joga as almofadas no chão, abre a mão e despeja um punhado de botões de prata, que estrepitam na bacia como dados. “Shelton estava com isso. Maldita seja a gatuna.”

“E parece que a rainha não gosta muito de mim”, continua Jane. “Além disso, já faz muito tempo que não vejo Wolf Hall.”

Para presente de Ano-Novo ao rei, ele encomendou a Hans uma miniatura sobre velino, que mostra Salomão em seu trono recebendo a rainha de Sabá. A obra deve ser uma alegoria, ele explica, do rei recebendo os frutos da Igreja e a homenagem de seu povo.

Hans lhe crava um olhar fulminante. “Eu entendi o ponto.”

Hans prepara esboços. Salomão está sentado, imponente. Sabá se vê diante dele, o rosto erguido fora de vista, de costas para o observador.

“Na sua mente”, ele diz, “consegue ver o rosto dela, ainda que esteja oculto?”

“Quando você paga pela nuca, a nuca é o que você recebe!” Hans coça a testa, e se rende. “Não é verdade. Eu posso vê-la.”

“Vê como uma mulher que encontra nas ruas?”

“Não exatamente. Mais como alguém de quem a gente se lembra. Como alguma mulher que se conheceu quando criança.”

Eles estão sentados diante da tapeçaria que o rei deu a ele. Os olhos do pintor se desgarram para ela. “Essa mulher na parede. Wolsey a teve, Henrique a tinha, e agora é sua.”

“Eu lhe asseguro, ela não tem equivalente na vida real.” Bem, não a menos que Westminster tenha alguma meretriz muito discreta e versátil.

“Eu sei quem ela é.” Hans assente enfaticamente, lábios comprimidos, olhos brilhantes e zombeteiros, como um cão que rouba um lenço para que se corra atrás dele. “Eles falam sobre isso na Antuérpia. Por que não vai até lá e a toma para si?”

“Ela é casada.” Ele está perplexo; e pensar que seus assuntos privados são conversa comum!

“E acha que ela não fugiria com você?”

“Já faz anos. Eu mudei.”

“Ja. Agora você é rico.”

“Mas o que sealaria de mim, se eu surrupiasse uma mulher do seu marido?”

Hans dá de ombros. Eles são tão casuais, os germânicos. More diz que os luteranos fornicam na igreja. “Ademais”, continua Hans, “há o problema de...”

“De quê?”

Hans dá de ombros: nada. “Nada! Você me pendurará pelos punhos até que eu confesse?”

“Eu não faço isso. Eu só ameaço fazer.”

“Eu só quis dizer”, explica Hans, apaziguador, “que há o problema de todas as outras mulheres que querem se casar com Cromwell. As esposas da Inglaterra, todas elas guardam cadernos secretos sobre quem vão arrebatam depois que envenenarem seus maridos. E o senhor está no topo de todas as listas.”

Em seus momentos de ócio — há dois ou três na semana — ele tem estudado os registros da Casa do Arquivo. Embora os judeus sejam proibidos no reino, nunca se sabe que tipo de destroço humano será atirado na costa pela maré da fortuna, e a casa só ficou vazia uma vez, durante um único mês em trezentos anos. Ele passa os olhos pelos registros dos sucessivos guardas e, curioso, revira os recibos de suas dispensas dados pelos habitantes mortos, escritos em caracteres hebraicos. Alguns viveram cinquenta anos entre aquelas paredes, tremendo de pavor dos londrinos do lado de fora. Quando ele atravessa as passagens tortuosas, sente os passos deles sob os seus.

Ele se dirige às duas moradoras que restam. São mulheres silenciosas e vigilantes, de idade indeterminada, e atendem pelos nomes de Katherine Wheteley e Mary Cook.

“O que vocês fazem?” Com seu tempo, ele quer dizer.

“Rezamos.”

Elas o observam para captar suas intenções, boas ou más. Os rostos dizem, somos duas mulheres a quem nada resta além das histórias das nossas vidas. Por que deveríamos entregá-las a você?

Ele lhes envia aves de presente, mas se pergunta se elas comem carne abatida por mãos gentias. Próximo ao Natal, o prior da Igreja de Cristo na Cantuária lhe envia doze maçãs de Kent, cada uma embalada em linho cinza, de um tipo especial que cai bem com vinho. Ele leva as maçãs às convertidas, com o vinho que escolheu. “No ano de 1353”, diz ele, “só havia uma pessoa na casa. Eu me entristeço pensando que ela viveu aqui sem companhia. Seu último domicílio foi a cidade de Exeter, mas eu me pergunto onde antes? Seu nome era Clarícia.”

“Não sabemos coisa alguma dela”, responde Katherine, ou talvez Mary. “Seria de surpreender se soubéssemos.” Ela testa a maçã com a ponta do dedo. É possível que ela não reconheça sua raridade nem que se trata do melhor presente que o prior pôde

encontrar. Se não gostam delas, ele diz, ou mesmo que gostem, também tenho peras em calda. Alguém me enviou quinhentas delas.

“Um homem que tinha intenção de se fazer notar”, diz Katherine ou Mary, e a outra acrescenta: “Quinhentos quilos seria melhor”.

As mulheres riem, mas a risada delas é fria. Ele vê que jamais conseguirá estabelecer termos amigáveis. Ele aprecia o nome Claricia e gostaria de tê-lo sugerido à filha do carcereiro. É um nome de mulher com quem você pode sonhar: uma mulher cuja alma você enxerga.

Quando o presente de Ano-Novo do rei fica pronto, Hans diz: “É a primeira vez que eu faço o retrato dele”.

“Logo fará outro, assim espero.”

Hans sabe que ele prepara uma Bíblia em inglês, uma tradução está quase pronta. Ele pousa o dedo sobre os lábios; é muito cedo para falar sobre isso, talvez no ano que vem. “Se tivesse que dedicá-la a Henrique”, indaga Hans, “ele poderia recusá-la agora? Farei um retrato dele para a folha de rosto, exibido em glória, líder da Igreja.” Hans marcha de um lado a outro, rosnando alguns números. Está pensando em custos de papel e impressão, estimando os lucros. Lucas Cranach faz folhas de rosto para Lutero. “Aqueles imagens de Martinho e esposa, ele vendia gravuras aos cestos. E Cranach deixa todo mundo com cara de porco.”

É verdade. Até aqueles nus argênteos que ele pinta têm graciosas caras de porco, e pés de lavrador, e orelhas medonhas. “Mas se eu pintar Henrique, devo lisonjeá-lo, imagino. Mostrá-lo como ele era há cinco anos. Talvez dez.”

“Fique com cinco. Ou o rei pensará que está caçoando dele.”

Hans passa o dedo pela garganta, afrouxa os joelhos, põe a língua para fora como um enforcado; parece estar imaginando todos os métodos de execução.

“Seria apropriado dotá-lo de uma aura espontânea de majestade”, diz ele.

Hans sorri. “Posso fazer pela dúzia.”

O fim do ano traz frio e uma luz verde e aquosa, que varre o Tâmis e a cidade. Cartas caem em sua escrivaninha sibilando suavemente como grandes flocos de neve: doutores em teologia da Alemanha, embaixadores da França, Maria Bolena de seu exílio em Kent.

Ele rompe o selo. “Ouça isso”, diz ele a Richard. “Maria quer dinheiro. Ela diz que sabe que não deveria ter sido tão apressada. Diz que o amor sobrepujou a razão.”

“Amor, era mesmo?”

Ele lê. Ela não lamenta nem por um minuto que tenha partido com William Stafford. Maria diz que poderia ter conseguido outro esposo, com títulos e fortuna. Mas *“se eu estivesse em liberdade e pudesse escolher, eu lhe asseguro, secretário-mor, testemunhei que tanta honestidade há nele que prefiro implorar pelo meu pão com ele a ser a mais grandiosa rainha ungida”*.

Maria não ousa escrever para a irmã, a rainha. Nem ao pai, nem ao tio, nem ao irmão. Todos são cruéis demais. Portanto, ela escreve a ele... que se pergunta: será que Stafford lia sobre o ombro dela enquanto Maria escrevia? Será que ela deu uma risadinha e disse, Thomas Cromwell, um dia dei esperanças *a ele*.

“Quase nem me recordo de que Maria e eu nos casaríamos”, comenta Richard.

“Isso foi em outros tempos, não estes.”

E Richard está feliz; veja como tudo se arranjou, nós podemos prosperar sem os Bolena. Mas a cristandade foi virada de ponta-cabeça pelo casamento de Ana Bolena, e tudo para colocar a leitoazinha ruiva no berço; e se for verdade que Henrique cansou da esposa, e que a toda essa empreitada está amaldiçoada? “Mande chamar Wiltshire.”

“Aqui nos Arquivos?”

“Basta assoviar que ele virá correndo.”

Ele o humilhará — em seu estilo cordial — e o obrigará a dar uma anuidade a Maria. A moça trabalhou para ele, levou-o nas costas, e agora ele deve lhe conceder uma pensão. Richard se

sentará nas sombras e tomará notas. Isso fará com que Bolena se lembre dos velhos tempos: os velhos tempos de aproximadamente seis, sete anos atrás. Na semana anterior, Chapuys lhe dissera: neste reino agora, o senhor é tudo o que o cardeal foi, e mais.

É véspera de Natal quando Alice More chega para visitá-lo. Há uma luz fina e afiada, como a lâmina de uma velha faca, e nessa luz, Alice parece velha.

Ele a recebe como a uma princesa e a conduz a uma das câmaras que mandou forrar e pintar, onde grandes labaredas saltam numa chaminé reformada. O ar cheira a galhos de pinho. “É aqui que passará suas festas?” Alice fez um esforço para ele; amarrou os cabelos para trás com ferocidade, sob um toucado bordado com minúsculas pérolas. “Bem! Quando estive aqui antes, este era um lugar velho e embolorado. Meu marido costumava dizer”, e ele nota o tempo pretérito, “meu marido costumava dizer, tranque Cromwell nas profundezas de um calabouço pela manhã e, quando voltar à noite, ele estará sentado numa almofada de veludo, saboreando línguas de cotovias, e todos os carcereiros lhe deverão dinheiro.”

“Ele falava muito sobre me trancar em calabouços?”

“Era apenas uma conversa.” Ela está inquieta. “Pensei que você poderia me levar para ver o rei. Eu sei que ele é sempre cortês com as mulheres, e gentil.”

Ele balança a cabeça. Se levar Alice para ver o rei, ela falará sobre os tempos em que o rei costumava frequentar Chelsea e passear pelos jardins. Ela o perturbará: agitará sua mente, fará com que pense em More, coisa que, no presente, Henrique não faz. “Ele anda muito ocupado com os enviados franceses. Deseja reunir uma grande corte nesta estação. Você terá que confiar no meu julgamento.”

“Você foi bom para nós”, diz ela, relutante. “Eu me pergunto por quê. Você sempre tem algum ardil.”

“Nasci ardiloso”, responde ele. “Não posso evitar. Alice, por que seu marido é tão teimoso?”

“Não o compreendo melhor do que compreendo a Santíssima Trindade.”

“Então o que podemos fazer?”

“Acho que ele explicaria suas razões ao rei. Somente para seus ouvidos. E se o rei disser de antemão que o absolverá de todas as punições.”

“Quer dizer, dar-lhe licença para traição? O rei não pode fazer isso.”

“Santa Inês! Thomas Cromwell, dizendo ao rei o que ele pode fazer. Já vi um galo cantando num galinheiro, mestre, até o dia em que chega uma criada e torce o pescoço dele.”

“É a lei da terra. O costume do país.”

“Pensei que Henrique estava acima da lei.”

“Não vivemos em Constantinopla, sra. Alice. Embora eu não tenha nada contra os turcos. Hoje em dia, estamos torcendo pelos infiéis. Contanto que eles mantenham as mãos do imperador atadas.”

“Não me resta muito dinheiro”, ela diz. “Tenho que arranjar quinze xelins toda semana para sustentar meu marido. Eu temo que ele sinta frio.” Ela funga. “Por outro lado, ele poderia me contar essas coisas pessoalmente. Ele não me escreve. É sempre ela, ela, sua querida Meg. Ela não é minha filha. Eu gostaria que a primeira esposa dele estivesse aqui, para me dizer se ela nasceu do jeito que é agora. Ela é fechada, sabe. Guarda para si suas ideias, e as dele. Ela agora me diz que Thomas lhe dava suas camisas para que ela lavasse o sangue, e que ele usava um cilício sob o linho. Ele fazia isso quando nos casamos e eu implorei que parasse, e achei que ele tinha parado. Mas como eu poderia saber? Thomas dormia sozinho e passava a tranca na porta. Se ele tinha uma coceira eu não sabia, ele era obrigado a se coçar sozinho. Bem, não importa, era entre os dois, e eu não tinha parte nisso.”

“Alice...”

“Não pense que não tenho ternura por ele. Thomas não se casou comigo para viver como um eunuco. Nós tínhamos nossas relações, de vez em quando.” Ela cora, mais furiosa que encabulada. “E quando as coisas são assim, uma mulher não consegue evitar a preocupação, pensando se seu homem está com frio, se está com fome, pois os dois são a mesma carne. E a gente sente como se o homem fosse nosso filho.”

“Tire-o de lá, Alice, é algo que está em seu poder.”

“Mais no seu do que no meu.” Ela sorri tristemente. “Seu rapazinho Gregory passará a estação em casa? Às vezes eu dizia ao meu marido, eu gostaria que Gregory Cromwell fosse meu menino. Eu seria capaz de assá-lo com uma cobertura de açúcar e comê-lo inteirinho.”

Gregory chega ao lar para o Natal, com uma carta de Rowland Lee, dizendo que ele é um tesouro e sempre poderá voltar à sua casa.

“Pois então, devo voltar”, indaga Gregory, “ou agora já terminei minha educação?”

“Eu tenho um plano para melhorar seu francês no ano que vem.”

“Rafe diz que sou criado como um príncipe.”

“Por ora, você é tudo o que tenho para praticar.”

“Meu querido pai...” Gregory pega sua cadelinha no colo. Ele a abraça e esfrega o nariz no pelo de sua nuca. Ele espera. “Rafe e Richard dizem que, quando minha educação for suficiente, o senhor pretende me casar com alguma velha viúva com uma grande pensão e dentes pretos, e que ela me sugará com sua depravação e me governará com seus caprichos, e ela deserdará da sua propriedade os filhos que tem e eles me odiarão e tramarão contra minha vida e um dia amanhecerei morto na minha cama.”

O cão se enrosca nos braços de seu filho e volta para ele seus olhos brandos, redondos, indagadores. “Eles estão caçoando de

você, Gregory. Se eu conhecesse uma mulher assim, eu mesmo me casaria com ela.”

Gregory assente. “Ela jamais o governaria, senhor. E me arrisco a dizer que ela teria um bom parque de corças, que seria conveniente para a caça. E os filhos teriam pavor do senhor, mesmo que fossem homens-feitos.” Ele parece parcialmente consolado. “O que é esse mapa? São as Índias?”

“Essas são as fronteiras escocesas”, ele responde delicadamente. “O território de Harry Percy. Olhe, deixe-me mostrar. Estas são terras que ele entregou aos seus credores. Não podemos permitir que continue, pois não podemos abandonar nossas fronteiras à própria sorte.”

“Dizem que ele está doente.”

“Doente ou louco.” Seu tom é indiferente. “Ele não tem herdeiros, e jamais procura a mulher, então é muito improvável que venha a ter um. Ele se desentendeu com os irmãos e deve muito dinheiro ao rei. Portanto, faria sentido decretar o rei como seu herdeiro, não? Faremos com que ele compreenda isso.”

Gregory parece abismado. “Tomarão seu condado?”

“Ele pode conservar o título. Nós lhe daremos algo para viver.”

“Isso é por causa do cardeal?”

Foi Harry Percy quem deteve Wolsey em Cawood, quando ele cavalgava para o Sul. Ele entrou, chaves na mão, salpicado de lama da estrada: senhor, está preso por alta traição. Olhe para meu rosto, respondeu o cardeal: não temo homem nenhum que anda sobre a terra.

Ele dá de ombros. “Gregory, vá se divertir. Leve Bella e pratique com ela seu francês; ela chegou a mim através de Lady Lisle de Calais. Não vou demorar. Tenho que organizar as contas do reino.”

Para a Irlanda, no próximo despacho, canhões de cobre e balas de ferro, aríetes e catapultas, pólvora, concertina e quatro centilibras de enxofre, quinhentos arcos de teixo e dois barris de cordas para arco; pás, pés de cabra, picaretas, couro de cavalo, duzentos cada;

uma centena de machados de lenha, mil cavalos, oito mil pregos. O joalheiro Cornelys não recebeu pagamento pelo berço que fez para o último filho do rei, aquele que nunca viu a luz; ele contabiliza vinte xelins desembolsados para Hans pintar Adão e Eva no berço, e ainda falta lhe dar o cetim branco, as orlas, as franjas douradas e a prata para modelar as maçãs do jardim do Éden.

Ele está em negociações com gente de Florença para a contratação de cem arcabuzeiros para a campanha irlandesa. Ao contrário dos ingleses, os florentinos não jogam as armas no chão quando têm de combater na floresta ou num terreno rochoso.

O rei diz, que o ano-novo lhe traga boa sorte, Cromwell. E os anos seguintes também. Ele pensa, sorte não tem nada a ver com isso. De todos os seus presentes, Henrique fica mais encantado com a rainha de Sabá, com um chifre de unicórnio e um espremedor de laranjas com um grande “H” de ouro aplicado.

No começo do ano novo, o rei lhe confere um título inédito: vice-regente em assuntos espirituais, seu representante em questões eclesiásticas. Os boatos de que as casas religiosas serão demolidas vêm correndo pelo reino há três anos ou mais. Agora ele tem poder de visitar, inspecionar e reformar mosteiros; se necessário, fechá-los. Praticamente não existe abadia de cujos assuntos ele não esteja inteirado, graças a seu treinamento com o cardeal e às cartas que chegam dia a dia — alguns monges reclamando de abusos e escândalos e da deslealdade de seus superiores, outros buscando cargos dentro de suas comunidades, assegurando-lhe que uma palavra do lado certo os deixará para sempre em dívida com ele.

Ele diz a Chapuys: “O senhor já esteve na catedral de Chartres? Você caminha pelo labirinto desenhado no pavimento, e parece não haver sentido nele. Mas se você o segue fielmente, será levado diretamente ao centro. Direto para onde se deve estar”.

Oficialmente, as relações entre ele e o embaixador estão praticamente cortadas. Extraoficialmente, Chapuys lhe envia um

tonel de bom azeite de oliva. Ele retalia com galos capões. O próprio embaixador chega, seguido por um criado carregando um queijo parmesão.

Chapuys parece deprimido e resfriado. “Sua pobre rainha passa a estação com poucos recursos em Kimbolton. Ela tem tanto medo dos conselheiros heréticos em torno do seu esposo que manda que toda a sua comida seja preparada no fogo do seu próprio quarto. E Kimbolton é mais semelhante a um estábulo que a uma casa.”

“Bobagem”, ele responde no mesmo instante. Entrega ao embaixador uma aconchegante taça de vinho temperado. “Só a tiramos de Buckden porque ela reclamou que era úmido. Kimbolton é uma excelente mansão.”

“Ah, o senhor diz isso porque ela tem paredes espessas e um fosso enorme.” O cheiro de mel e canela se eleva na sala, galhos crepitam na lareira, e os troncos verdes que decoram o salão exalam seu próprio aroma resinoso. “E a princesa Maria está doente.”

“Ah, Lady Maria vive doente.”

“Mais um motivo para cuidar dela!” Mas Chapuys abrande seu tom. “Se a mãe pudesse vê-la, seria um grande conforto para ambas.”

“Um grande conforto para seus planos de fuga.”

“O senhor é um homem sem coração.” Chapuys beberica seu vinho. “Sabe, o imperador está pronto para se tornar seu amigo.” Uma pausa, carregada de significado; nela, o embaixador suspira. “Correm boatos de que La Ana está desesperada. Que Henrique está procurando outra dama.”

Ele respira fundo e começa a falar. Henrique não tem tempo para outras mulheres. Está muito ocupado contando seu dinheiro. O rei se torna cada vez mais fechado, não quer que o Parlamento conheça sua renda. Tenho dificuldade em convencê-lo a entregar qualquer quantia para as universidades, ou pagar aos construtores,

ou mesmo doar aos pobres. Ele só pensa em canhões. Munições. Construção de navios. Torres. Fortalezas.

Chapuys entorta a boca em desgosto. Ele sabe quando lhe jogam um anzol; se não soubesse, onde estaria o prazer nisso? “Então eu devo dizer ao meu amo, devo dizer que o rei da Inglaterra está tão obcecado pela guerra que não tem tempo para o amor?”

“Não haverá guerra alguma, a não ser que seu amo a declare. Coisa que, com os turcos nos seus calcanhares, ele tem pouco tempo para fazer. Ah, mas eu sei que os cofres dele são inesgotáveis. O imperador poderia arruinar a todos nós se quisesse.” Ele sorri. “Mas que bem isso faria a ele?”

O destino dos povos se decide desta maneira, dois homens em pequenas salas. Esqueça as coroações, os conclaves de cardeais, a pompa e as procissões. É assim que o mundo se transforma: uma ficha empurrada sobre a mesa, um golpe de pena que altera a força de uma frase, um suspiro da mulher que passa e deixa no ar uma trilha de flor de laranjeira ou água de rosas; a mão dela fechando os cortinados do leito, o sussurro suave de pele contra pele. O rei — senhor das generalidades — agora deve aprender a trabalhar com os detalhes, conduzido por uma ambição inteligente. Como filho de seu prudente pai, ele conhece todas as famílias da Inglaterra e o que elas possuem. Em sua cabeça, tem registrados todos os seus domínios, até o último bosque e curso d’água. Agora que os bens da Igreja estarão sob seu controle, ele precisa conhecer seu valor. A lei sobre quem possui o quê — e toda a lei, em geral — acumulou uma complexidade parasitária — é como um navio coberto de cracas, a madeira pegajosa de limo. Mas há advogados o bastante no país, e quanta habilidade é necessária para simplesmente seguir as ordens e raspar o casco? Os ingleses podem ser supersticiosos, podem ter medo do futuro, talvez não saibam o que é a Inglaterra; mas suas habilidades de somar e subtrair não são pequenas. Westminster tem mil penas em ação, mas ele acredita que Henrique necessitará de novos homens, novas estruturas, novo pensamento. Enquanto isso,

ele, Cromwell, põe seus comissários na estrada. *Valor ecclesiasticus*. Eu o estimarei dentro de seis meses, ele diz. Tal procedimento jamais foi tentado antes, é verdade, mas ele já fez muitas coisas com que ninguém jamais sonhou.

Um dia, no começo da primavera, ele regressa enregelado a Westminster. Seu rosto dói, como se seus ossos estivessem expostos às intempéries, e insistente em sua lembrança está aquele dia em que Walter o esmurrou sobre as pedras do pátio: sua visão lateral da bota do pai. Ele deseja voltar a Austin Friars, pois mandou instalar fornos e toda a casa está quente; a casa da Chancery Lane só é quente em certos cômodos. Ademais, ele quer estar atrás de seus próprios muros.

Richard diz: “Seus dias de dezoito horas não podem continuar para sempre, senhor”.

“O cardeal vivia assim.”

Naquela noite, em seu sono, ele viaja a Kent. Está examinando as contas da abadia de Bayham, que será fechada por ordem de Wolsey. Pairando acima dele, os rostos hostis dos monges o levam a praguejar e dizer a Rafe, embale e carregue esses livros contábeis na mula, vamos examiná-los no jantar com uma taça de Borgonha branco. É alto verão. Na sela do cavalo, com a mula marchando em seu rastro, eles escolhem uma rota através dos vinhedos abandonados do monastério, e ao longo da trilha mergulham na penumbra silvestre, um côncavo verde de largas folhas no fundo do vale. Ele diz a Rafe, somos como duas lagartas deslizando sobre uma salada. Eles saem para uma enchente de luz solar, e diante deles se ergue a torre do castelo Scotney: suas paredes de arenito, ouro pontilhado de cinza, cintilam acima do fosso.

Ele acorda. Sonhou com Kent, ou esteve lá? Ainda sente as ondas de luz solar em sua pele. Ele chama Christophe.

Nada acontece. Ele ainda está deitado. Ninguém chega. É cedo: nenhum ruído no andar de baixo da casa. As janelas estão fechadas, e as estrelas se esforçam para entrar, abrindo passagem

com pontas de aço entre as lascas de madeira. Ele pensa que na verdade não chamou Christophe, apenas sonhou que chamou.

Os muitos tutores de Gregory o presenteiam com um maço de contas. O cardeal está parado aos pés da cama, usando seu traje pontifical completo. O cardeal se transforma em Christophe, abrindo as janelas, movendo-se contra a luz. “Está com febre, mestre?”

De uma maneira ou de outra, ele sempre sabe, não? Eu tenho que fazer tudo, saber de tudo? “Ah, é a febre italiana”, ele responde, como se isso a tornasse menos grave.

“Então deveríamos chamar um médico italiano?” Christophe soa dubio.

Rafe está aqui. Toda a casa está aqui. Charles Brandon está aqui, e ele crê que o duque é real, até Morgan Williams, que está morto, entra, e William Tyndale, que está na Câmara Inglesa na Antuérpia e não ousa se afastar. Das escadas, ele ouve o eficiente e mortífero estampido das pontas de aço nas botas de seu pai.

Richard Cromwell berra, será que dá pra fazer silêncio? Quando ele berra, soa galês; ele pensa: num dia normal, eu não teria notado isso. Ele fecha os olhos. Damas se movem por trás de suas pálpebras: transparentes como pequenos lagartos, estalando suas caudas. As rainhas-serpentes da Inglaterra, de presas negras, altivas, arrastando seus linhos ensanguentados e as saias crepitantes. Elas matam e comem suas próprias crias; isso é bem sabido. Elas sugam o tutano de seus filhos mesmo antes do nascimento.

Alguém pergunta se ele deseja se confessar.

“Eu devo?”

“Sim, senhor, ou pensarão que é um sectário.”

Mas meus pecados são minha força, ele pensa; os pecados que cometi, que outros nem sequer encontraram a oportunidade de cometer. Eu os guardo junto ao peito; eles são meus. Ademais, quando eu for a juízo, pretendo chegar com um memorando na mão: eu direi a meu Criador, tenho cinquenta itens aqui, nada mais.

“Se tenho que me confessar, quero Rowland.”

O bispo Lee está em Gales, eles respondem. Isso poderia levar dias.

O dr. Butts entra, com outros médicos, um enxame deles enviado pelo rei. “É uma febre que peguei na Itália”, explica ele.

“Digamos que seja.” Butts franze a testa, debruçado sobre ele.

“Se estou morrendo, tragam-me Gregory. Tenho coisas a dizer a ele. Mas se não estou, não interrompam seus estudos.”

“Cromwell”, diz Butts, “eu não poderia matá-lo nem se disparasse com um canhão. O mar o recusaria. Um naufrágio o enviaria de volta à costa.”

Eles falam sobre seu coração; ele entreouve. Ele sente que não deveriam: o livro do meu coração é um livro particular, não é um livro de ordens deixado num balcão para os rascunhos de qualquer secretário passageiro. Eles lhe dão uma poção para engolir. Pouco depois, ele volta aos livros contábeis. Os contornos continuam deslizando e os números se mesclando e, assim que ele consegue somar uma coluna, o total se desfaz e todo o sentido é subtraído. Mas ele segue tentando, tentando, somando, somando, até que o veneno ou a poção curativa solta o punho e ele acorda. As páginas dos livros ainda pairam diante de seus olhos. Butts pensa que ele está repousando como ordenado, mas, na privacidade de sua mente, pequenas figuras de pauzinhos com pernas e braços de tinta saltam dos livros e passeiam ao redor. Eles levam lenha para a fornalha da cozinha, mas a carne que chega atada para o corte se transforma novamente em cervos, que se coçam inocentemente nas cascas das árvores. As cotovias do fricassê tornam a se cobrir de plumas, saltitando de volta aos galhos ainda não cortados para lenha, e o mel das caldas voltou mais uma vez à abelha, e a abelha regressou à colmeia. Ele pode ouvir os sons da casa abaixo, mas é alguma outra casa, em outro país: o tilintar de moedas trocando de mãos, e o arrastar de baús de madeira sobre um chão de pedras. Ele ouve a própria voz, contando alguma história no dialeto da

Toscana, no de Putney, no francês de campanha e no latim de um bárbaro. Talvez seja Utopia? No centro daquele lugar, que é uma ilha, há um lugar chamado Amauroto, a Cidade dos Sonhos.

Ele está exausto pelo esforço de decifrar o mundo. Exausto do esforço de sorrir ao inimigo.

Thomas Avery chega da contadoria. Senta-se a seu lado e segura sua mão. Hugh Latimer chega e lê salmos. Cranmer aparece e o observa, dubio. Talvez ele tema que ele pergunte, em sua febre: como anda sua esposa Grete estes dias?

Christophe lhe diz: “Eu gostaria que seu velho amo, o cardeal, estivesse aqui para confortá-lo, senhor. Ele era um homem amável”.

“O que sabe sobre ele?”

“Eu roubei dele, senhor. Não sabia? Eu roubei suas baixelas de ouro.”

Ele luta para se soerguer. “Christophe? Você era aquele menino em Compiègne?”

“Certamente era eu. Subindo e descendo as escadas com baldes de água quente para o banho, e a cada vez uma taça de ouro descia no balde vazio. Sinto por ter roubado dele, pois ele era tão *gentil*. ‘Ora, você de novo com seu baldinho, Fabrice?’ O senhor deve compreender que Fabrice era meu nome em Compiègne. ‘Deem uma janta a essa pobre criança’, ele dizia. Eu provei abricós que nunca tinha experimentado antes.”

“Mas eles não o pegaram?”

“Meu amo foi pego, um grande ladrão. Eles o marcaram a fogo. Houve muito lamento e choro. Mas, está vendo, mestre, eu era destinado a uma fortuna maior.”

Eu recordo, ele diz, recordo Calais, os alquimistas, a máquina da memória. “Guido Camillo a está construindo para Francisco, para que ele seja o rei mais sábio do mundo, mas o tolo nunca aprenderá a usá-la.”

Isso é fantasia, exclama Butts, a febre está subindo, mas Christophe responde: não, eu lhe garanto, há um homem de Paris

que construiu uma alma. É uma construção, mas está viva. Todo o volume é forrado com pequenas prateleiras. Nessas prateleiras se encontram certos pergaminhos, fragmentos de escrita, em essência funcionam como chaves, que levam a uma caixa que contém uma chave que contém outra chave, mas essas chaves não são feitas de metal, e essas caixas entremeadas também não são feitas de madeira.

E o que mais, menino-sapo?, pergunta alguém.

Elas são feitas de espírito. São aquilo que nos restará se todos os livros forem queimados. Elas nos permitirão recordar não apenas o passado, mas o futuro, e ver todas as formas e costumes que um dia habitarão a terra.

Butts comenta, ele está ardendo. Ele pensa no Pequeno Bilney, como ele pôs a mão sobre uma vela na noite anterior à sua morte, testando a dor. A vela queimou sua pele enrugada; à noite, ele gemera como uma criança e lambera sua mão ardida, e pela manhã os conselheiros da cidade de Norwich o arrastaram à arena onde seus antepassados haviam queimado lolardistas. Mesmo quando seu rosto já fora consumido pelas chamas, ainda punham diante dele os emblemas e as bandeiras do papado: o tecido foi chamuscado e as franjas pegaram fogo, as órbitas de seus olhos vazios se ressequiram como arenques e se encarquilharam na fumaça.

Ele pede, polidamente e em diversas línguas, por água. Não muito, diz Butts, pouco a pouco. Ele ouviu falar de uma ilha chamada Ormuz, o reino mais seco do mundo, onde não há nenhuma árvore, nenhuma plantação, apenas sal. Postando-se no centro, você vê mais de trinta milhas em todas as direções da cinzenta planície: para além fica a linha do mar, cravejada de pérolas.

Sua filha Grace vem à noite. Ela traz sua própria luz emaranhada entre os cabelos brilhantes. Ela o observa, firme, os olhos fixos, até

que chega a manhã, e quando eles abrem as janelas, as estrelas estão sumindo e o sol e a lua se veem juntos num céu pálido.

Passa-se uma semana. Agora ele está melhor, e deseja que lhe tragam seus papéis para trabalhar, mas os médicos proíbem. Mas as coisas não podem ficar paradas, ele diz, e Richard responde, o senhor nos treinou a todos, e somos seus discípulos, criou uma máquina de pensar que marcha em frente como se tivesse vida, e não precisa supervisioná-la a cada minuto de cada dia.

Mesmo assim, replica Christophe, dizem que *le roi* Henri está gemendo como se ele mesmo sentisse dor: ah, onde está Cremuel?

Chega uma mensagem. Henrique mandou dizer, estou chegando em visita, é uma febre italiana, portanto tenho certeza de que não a contrairei.

Ele mal pode acreditar. Henrique fugiu de Ana quando ela teve os suores, mesmo no ápice de seu amor por ela.

Ele diz, mandem Thurston subir. Eles o mantiveram numa dieta leve, comida de inválido, como carne de peru. Agora, ele diz, vamos planejar — o quê? — um leitão, recheado e assado da forma como certa vez vi num banquete papal. Precisarás de frango desfiado, toucinho e um fígado de cabra, picadinhos. Precisarás de sementes de funcho, manjerição, menta, gengibre, manteiga, açúcar, nozes, ovos de galinha e um pouco de açafrão. Algumas pessoas colocam queijo, mas não fazemos o tipo certo aqui em Londres, e eu pessoalmente acho desnecessário. Se tiver dúvida quanto a alguma dessas coisas, mande buscar o cozinheiro de Bonvisi, ele lhe dará instruções.

Ele diz: “Mandem mensagem ao nosso vizinho, o prior George, digam-lhe que conserve seus freis fora das ruas quando o rei estiver visitando, senão ele os reformará mais cedo que o devido”. É aquela sua sensação de que todo o processo deveria ir devagar, bem devagar, para que o povo enxergue a justiça nele contida; não há necessidade de chutar os religiosos para o olho da rua. Os frades que vivem plantados diante de seus portões são uma desgraça para

sua própria ordem, mas, para ele, são bons vizinhos. Desistiram de comer no refeitório e, das janelas de suas câmaras à noite, chega o som de alegres ceias. Todos os dias é possível encontrar um monte deles bebendo no Well with Two Buckets, bem ao lado de seus portões. A abadia se assemelha mais a um mercado, ou a um açougue. O distrito é repleto de jovens solteiros das casas comerciais italianas, servindo seu ano em Londres; muitas vezes ele os recebe, e quando eles deixam sua mesa (drenados de informações comerciais), ele sabe que os jovens correrão aos edifícios dos freis, onde audazes garotas de Londres se abrigam da chuva e esperam para negociar termos amigáveis.

É 17 de abril quando o rei faz sua visita. Ao alvorecer, há uma chuvarada. Por volta das dez horas, o ar está úmido como soro de leite. Ele já está fora da cama, sentado numa cadeira, da qual se ergue. Meu querido Cromwell: Henrique o beija com firmeza em ambas as faces, tomando-o pelos braços e (caso ele imaginasse ser o único homem forte do reino) decididamente colocando-o de novo em sua cadeira. “Sente-se aí e não argumente comigo”, diz Henrique. “Uma vez na vida, não argumente comigo, senhor secretário.”

As damas da casa, Mercy e a cunhada Johane, estão arrumadas como madonas de Walsingham num dia de festa. Elas fazem uma profunda mesura, e Henrique desfila acima delas, vestido informalmente, casaca de brocados de prata, vasto colar de ouro sobre o peito, punhos refulgentes com esmeraldas da Índia. Ele não dominou por completo as relações familiares da casa, e ninguém pode culpá-lo por isso. “É a irmã do senhor secretário?”, indaga Henrique a Johane. “Não, perdoe-me. Agora recordo que perdeu sua irmã Bet na mesma época em que minha adorada irmã pereceu.”

É uma frase tão simples e humana, partindo de um rei; à menção de sua mais recente perda, lágrimas se acumulam nos olhos das

duas mulheres, e Henrique, voltando-se a uma delas, e depois à outra, enxuga as gotas de suas faces com um cuidadoso indicador, e as estimula a sorrir. Ele rodopia as jovens noivas Alice e Jo como se fossem borboletas, e as beija na boca, dizendo que gostaria de tê-las conhecido quando era um rapaz. A triste verdade é: quanto mais envelhecemos, mais lindas ficam as mocinhas. Não nota, senhor secretário?

Então, fazer oitenta anos terá suas vantagens, responde ele: qualquer prostituta será uma pérola. Mercy diz ao rei, como se conversasse com um vizinho: desista, majestade, o senhor não tem essa idade toda. Henrique abre os braços e se exhibe para a família: “Quarenta e cinco em julho”.

Ele nota o silêncio incrédulo. Tarefa cumprida: Henrique está lisonjeado.

O rei caminha, dá uma volta pelo recinto, observa todas as pinturas e pergunta quem são aquelas pessoas. Admira Anselma, a rainha de Sabá, na parede. E provoca risos ao pegar Bella e lhe falar no atroz francês de Honor Lisle. “Lady Lisle enviou à rainha uma criatura ainda menor. Ele torce a cabeça para um lado e suas orelhas se eriçam, como se dissesse, por que está falando comigo? Por isso ela o chama de Pourquoi.” Quando ele fala de Ana, sua voz exprime um sentimento verdadeiramente terno: como um mel transparente. As mulheres sorriem, satisfeitas por verem seu rei dando tal exemplo. “Você o conhece, Cromwell, já viu o cão nos braços de Ana. Ela o carrega para todo lado. Às vezes”, e agora ele assente seriamente, “acho que ela o ama mais que a mim. Sim, venho em segundo lugar depois do cãozinho.”

Ele continua sentado, sorrindo, sem apetite, observando enquanto Henrique come das baixelas de prata projetadas por Hans.

Henrique fala gentilmente com Richard, chamando-o de primo. O rei sinaliza para que Richard fique por perto enquanto ele conversa com seu conselheiro, e para que os outros recuem um pouco. E se

o rei Francisco isso ou aquilo, eu deveria cruzar o mar pessoalmente para costurar alguma espécie de acordo, você faria a viagem quando estivesse restabelecido? E se os irlandeses, e se os escoceses, e se tudo fugir ao controle e tivermos guerras como na Germânia e camponeses coroando a si mesmos, e se esses falsos profetas, e se Carlos me derrubar e Catarina tomar o campo, ela tem temperamento combativo e o povo a adora, Deus sabe por que razão, pois eu não sei.

Se isso acontecer, ele responde, eu estarei longe desta cadeira e tomando o campo com minha própria espada em punho.

Uma vez que o rei desfrutou de seu jantar, ele se senta junto ao conselheiro e fala discretamente sobre si mesmo. O fresco e chuvoso dia de abril lhe traz à mente o dia em que seu pai morreu. Henrique fala de sua infância: eu vivia no palácio de Eltham, tinha um bobo chamado Ganso. Quando fiz sete anos, os rebeldes córnicos chegaram, liderados por um gigante, lembra-se disso? Meu pai me mandou à Torre para me salvar. Eu dizia: deixem-me sair, eu quero lutar! Eu não tinha medo de um gigante do oeste, mas tinha pavor da minha avó, Margaret Beaufort, pois seu rosto era como uma máscara mortuária, e sua mão no meu pulso era como a garra de um esqueleto.

Quando éramos jovens, prossegue o rei, sempre nos diziam, sua avó deu à luz o rei seu pai quando era uma criaturinha de treze anos. Seu passado era como uma espada que ela mantinha erguida sobre nossa cabeça. O que é isso, Henrique, rindo na Quaresma? Quando eu, poucos anos mais velha que você, dava à luz um Tudor? O que é isso, Henrique, está dançando, o que é isso, Henrique, brincando com bola? A vida dela era somente dever. Ela mantinha doze miseráveis na sua casa em Woking e uma vez mandou que eu me ajoelhasse com uma bacia e lavasse seus pés amarelos; ela teve sorte porque não vomitei neles. Minha avó tinha por hábito começar as preces a cada manhã às cinco horas. Quando se ajoelhava no genuflexório, ela gemia pelas dores nos

joelhos. E sempre que havia uma celebração, um casamento ou nascimento, um passatempo ou ocasião de festa, sabe o que ela fazia? A cada vez? Sem falta? Ela chorava.

E com ela, tudo girava em torno do príncipe Artur. Sua estrela guia e seu santo de devoção. “Quando me tornei rei no lugar dele, ela se prostrou e morreu, por despeito. E no seu leito de morte, sabe o que ela me disse?” Henrique bufa. “Obedeça ao bispo Fisher em todas as coisas! Uma pena que ela não tenha dito a Fisher para me obedecer!”

Quando o rei parte com seus cavalheiros, Johane vem sentar perto dele. Os dois conversam em voz baixa; embora tudo seja próprio para ser ouvido. “Bem, tudo correu tranquilamente.”

“Temos que mandar um presente às cozinhas.”

“Toda a casa se portou bem. Fico feliz por tê-lo visto.”

“Ele é o que você esperava?”

“Não o imaginava tão carinhoso. Entendo por que Catarina lutou tão bravamente por ele. Isto é, não apenas para ser rainha, que ela pensa ser direito seu, mas para tê-lo como esposo. Eu diria que ele é um homem bastante apto a ser amado.”

Alice se intromete. “Quarenta e cinco! Eu achei que ele fosse mais velho que isso!”

“Você teria caído na cama dele por um punhado de granadas”, zomba Jo. “Você mesma falou.”

“Bem, e você por licenças de exportação.”

“Parem com isso!”, ele ordena. “Meninas! Imaginem se seus maridos as ouvissem!”

“Nossos noivos sabem o que nós somos”, responde Jo. “Somos umas criaturas cheias de si, não? Ninguém vem a Austin Friars procurando por tímidas donzelas. Eu me pergunto por que nosso tio não nos dá armas.”

“Os costumes me impedem. Caso contrário, eu mandaria as duas à Irlanda.”

Johane observa a saída ruidosa das jovens. Quando elas estão fora do alcance de sua voz, ela olha sobre o ombro e murmura, você não vai acreditar no que vou dizer agora.

“Experimente.”

“Henrique tem medo de você.”

Ele balança a cabeça. Quem assustaria o Leão da Inglaterra?

“Sim, eu juro. Você deveria ter visto o rosto dele, quando disse que empunharia sua espada.”

O duque de Norfolk chega para visitá-lo, tilintando desde o jardim onde seus criados ficam segurando seu cavalo plumado. “Fígado, hein? Meu fígado está em pedaços. E meus músculos vêm piorando nestes últimos cinco anos. Olhe para isto!” Ele mostra uma garra. “Eu tentei todos os médicos do reino, mas eles não sabem o que me aflige. Entretanto, nunca falham em me mandar suas contas.”

Ele não tem sombra de dúvida de que Norfolk jamais pagaria por algo tão trivial quanto uma conta de médico.

“E as cólicas e diarreias”, prossegue o duque, “tornam minha vida mortal um purgatório. Às vezes passo a noite inteira numa latrina.”

“Sua graça deveria levar a vida com mais tranquilidade”, comenta Rafe. E não engolindo sua comida num segundo, ele quer dizer. E não ficar correndo o tempo inteiro como um cavalo de mensageiro.

“Eu pretendo, acredite. Minha sobrinha deixa claro que não deseja nem minha companhia nem meus conselhos. Estou me recolhendo a minha casa em Kenninghall, e Henrique pode me encontrar lá se tiver necessidade de mim. Deus o restitua à saúde, secretário. São Guálter é bom, ouvi dizer, quando um trabalho o consome demais. E são Ubaldo contra dor de cabeça, ele resolve o problema para mim.” Norfolk tateia dentro da casaca. “Eu lhe trouxe uma medalha. Abençoada pelo papa. Perdão, o bispo de Roma.” Ele deixa o objeto sobre a mesa. “Imagino que o senhor provavelmente não tenha uma.”

Ele se retira. Rafe pega a medalha. “Deve estar amaldiçoada.”

Nas escadas, ouvem o duque, a voz erguida, queixosa: “Pensei que ele estava quase morto! Eles me disseram que ele estava quase morto...”.

Ele diz a Rafe: “Acompanhe-o até a saída”.

Rafe sorri. “Suffolk também.”

Henrique jamais perdoou a multa de cinquenta mil libras que impôs a Suffolk quanto este se casou com sua irmã. De tempos em tempos o rei recorda aquela multa, e este é um desses tempos; Brandon teve de entregar suas terras em Oxfordshire e Berkshire para pagar suas dívidas, e agora ele conserva pequenas propriedades no campo.

Ele fecha os olhos. É uma bênção imaginar dois duques fugindo dele.

Seu vizinho Chapuys entra. “Eu disse ao meu amo em despachos que o rei o visitou. Meu amo acha impressionante que o rei visite uma casa particular, de alguém que nem sequer é um lorde. Mas eu disse a ele, o senhor deveria ver o trabalho que ele consegue de Cromwell.”

“O imperador deveria ter um criado assim”, ele responde. “Mas Eustache, o senhor é um velho hipócrita, sabe? O senhor dançaria no meu túmulo.”

“Meu querido Thomas, você é sempre o único oponente.”

Thomas Avery contrabandeia para ele o livro de enigmas do xadrez de Luca Pacioli. Logo ele já tem todas as charadas desvendadas e já desenhou alguns enigmas próprios nas páginas em branco do final. Suas cartas são trazidas e ele revisa a última rodada de desastres. Dizem que o alfaiate de Münster, o rei de Jerusalém com dezesseis esposas, teve uma briga com uma delas e cortou fora sua cabeça na praça do mercado.

Ele ressurge no mundo. Derrube-o e ele se levantará. A morte fez uma visita para inspecioná-lo, mediu-o, bafejou em seu rosto: por algum tempo, ele se sente leve, não mais ancorado ao mundo, cada dia fervilhante de possibilidades. Os Bolena o parabenizam

entusiasticamente por seu retorno à saúde, e deveriam mesmo, pois, sem ele, como seriam o que agora são? Quando se encontram, Cranmer não para de se inclinar para lhe dar tapinhas nos ombros e apertar sua mão.

Enquanto ele se recuperava, o rei cortou o cabelo. Henrique usa o corte para disfarçar sua crescente calvície, embora não dê certo, não mesmo. Seus leais conselheiros fizeram o mesmo, e logo o estilo se torna uma marca de lealdade entre eles. “Por Deus, senhor”, comenta Wriothesley, “se eu não tinha medo do senhor antes, eu tenho agora.”

“Mas, Me-Chame”, ele responde, “você já tinha medo de mim antes.”

Não há mudança no aspecto de Richard; comprometido com a arena de justas, ele mantém o cabelo curto para caber sob um capacete. Mestre Wriothesley tosado parece mais inteligente, como se isso fosse possível, e Rafe, mais determinado e alerta. Richard Riche perdeu os vestígios de rapaz que lhe restavam. O grande rosto de Suffolk adquiriu uma estranha inocência. O monsenhor parece enganosamente ascético. Quanto a Norfolk, ninguém nota a mudança. “Que tipo de cabelo ele tinha antes?”, Rafe pergunta. Mechas de cinza-ferro fortificam seu couro cabeludo, como se instaladas por um engenheiro militar.

A moda se espalha pelo país. Quando Rowland Lee irrompe na Casa do Arquivo, ele pensa que uma bala de canhão vem vindo em sua direção. Os olhos de seu filho parecem grandes e calmos, uma tranquila cor dourada. Sua mãe teria chorado por seus cachos de menino, ele diz, esfregando a cabeça do rapaz com afeto. Gregory responde: “Teria mesmo? Eu mal me lembro dela”.

Quando abril acaba, quatro monges são postos em julgamento por traição. O juramento lhes foi repetidamente oferecido, e recusado. Faz um ano que a Donzela foi executada. O rei mostrou clemência aos seguidores de Elizabeth Barton; agora, ele não tem a mesma

disposição. É na Cartuxa de Londres que o delito se origina, aquela casa austera de homens que dormem sobre palha; foi lá que Thomas More testou sua vocação, antes que lhe fosse revelado que o mundo necessitava de seus talentos. Ele, Cromwell, visitou a casa, assim como visitou a comunidade recalcitrante de Syon. Ele falou com delicadeza, falou com rispidez, ameaçou e bajulou; enviou clérigos eruditos para argumentar em prol do rei, entrevistou membros insatisfeitos da comunidade e os pôs para trabalhar contra seus irmãos. Tudo em vão. Todos deram a mesma resposta: vá embora e me deixe com minha morte santificada.

Se eles acham que conservarão a tranquilidade de sua vida de preces até o fim, estão enganados, pois a lei exige pena total por traição, um breve rodopio ao vento sob a força e a estripação pública enquanto estão conscientes, com um braseiro aceso para receber as entranhas humanas. É a mais horrível de todas as mortes: dor, fúria e humilhação tragados até a borra, o medo tão grande que o mais forte dos rebeldes se emascula antes mesmo que o executor faça o trabalho com a faca; antes de morrer, o condenado vê seus companheiros e, desvencilhado do laço, rasteja em círculos sobre as tábuas ensanguentadas, como um animal.

Wiltshire e George Bolena devem representar o rei no espetáculo, e também Norfolk, que, resmungando, foi arrastado do campo e instruído a se preparar para uma embaixada na França. Henrique pensa em assistir pessoalmente à morte dos monges, pois a corte usará máscaras, aproximando-se discretamente ao cadafalso, em seus altos cavalos, em meio aos magistrados da cidade e à turba esfarrapada, que aparece às centenas para ver qualquer espetáculo desse tipo. Mas a corpulência do rei torna muito difícil disfarçá-lo, e ele teme que haja demonstrações em favor de Catarina, que ainda é uma figura favorita entre a parcela mais imunda das multidões. O jovem Richmond comparecerá em meu lugar, seu pai decide; um dia ele talvez tenha que defender, em

batalha, o título da sua meia-irmã, e portanto será útil para ele conhecer as imagens e os sons da matança.

O rapaz o procura à noite, com as mortes programadas para o dia seguinte. “Bom secretário, assumo meu lugar.”

“O senhor tomará o meu, na minha reunião matinal com o rei?” Ele sugere, firme e agradável: “Pense no caso desta forma: se vossa alteza alegar náuseas, ou cair do seu cavalo amanhã, ou vomitar diante do seu sogro, ele jamais deixará que esqueça. Se quer que ele lhe permita partilhar a cama com sua noiva, prove que é um homem. Conserve os olhos no duque e espelhe sua conduta na dele”.

Entretanto, o próprio Norfolk o procura quando a execução acaba. “Cromwell, eu juro pela minha vida que um dos monges falou quando seu coração já tinha sido arrancado. Jesus, ele chamava, Jesus, salve-nos, pobres ingleses.”

“Não, meu senhor. Não é possível que ele tenha feito isso.”

“Tem certeza absoluta?”

“Eu sei por vasta experiência.”

O duque se retrai. Deixe que ele pense que seus feitos passados incluem corações arrancados. “Creio que você deve estar certo.” Norfolk faz o sinal da cruz. “Deve ter sido uma voz da multidão.”

Uma noite antes que os monges encontrassem a morte, ele assinou um salvo-conduto para Margaret Roper, o primeiro em meses. Claro, ele pensou, assim Meg estará com o pai quando os traidores forem levados para a morte; ela certamente cederá em sua resolução e dirá a seu pai, agora basta, o rei está dando asas à sua veia mortífera, o senhor deve prestar o juramento como eu prestei. Faça um protesto mental, cruze os dedos às costas; simplesmente mande chamar Cromwell ou qualquer funcionário do rei, diga as palavras, vá para casa.

Mas a tática falhou. Meg e o pai se plantaram de olhos secos numa janela quando os traidores foram levados, ainda em seus hábitos, em sua jornada a Tyburn. Sempre esqueço, ele reflete, como More não tem piedade de si, e tampouco se apieda dos outros. Já que eu teria protegido minhas próprias meninas de uma visão dessa natureza, imaginei que ele também o faria. Mas ele usa Meg para fortalecer sua decisão. Se ela não cede, ele também não pode; e ela não cederá.

No dia seguinte, ele vai visitar More pessoalmente. A chuva se espatifa e sibila nas pedras do chão; muros e água são indistintos e, correndo por cantos estreitos, o vento uiva como se fosse inverno. Quando se desvencilha de sua capa molhada, ele papeia com o carcereiro Martin, ouvindo notícias da esposa e do novo bebê. Como ele está?, ele finalmente indaga, e Martin responde, já notou como ele tem um ombro para cima e outro para baixo?

É consequência do excesso de escrita, ele responde. Um ombro na mesa, o outro caído. Bem, não importa, responde Martin: ele parece um corcundinha talhado na ponta de um banco.

More tem a barba crescida; está com a mesma aparência que se imagina nos profetas de Münster; mas ele odiaria a comparação. “Secretário-mor, como o rei recebeu as notícias do exterior? Dizem que as tropas do imperador estão em marcha.”

“Sim, mas para Túnis, creio.” Ele lança um olhar à chuva. “Se fosse o imperador, não escolheria Túnis, em vez de Londres? Veja bem, eu não vim para discutir. Vim apenas para ver se está confortável.”

More responde: “Ouvi dizer que você fez meu bobo, Henry Pattinson, prestar juramento”. Ele ri.

“Enquanto isso, os homens que morreram ontem seguiram seu exemplo e se recusaram a jurar.”

“Deixe-me esclarecer. Eu não sou exemplo. Sou apenas quem sou, só. Nada digo contra o ato. Nada digo contra os homens que o

redigiram. Nada digo contra o juramento, ou contra qualquer homem que o presta.”

“Ah, sim”, ele se senta no baú onde More guarda suas posses, “mas esse negócio de não dizer nada, isso não vai ajudá-lo diante de um júri, sabia? Se o caso for levado a júri.”

“Veio para me ameaçar.”

“As proezas militares do imperador encurtam a paciência do rei. Ele pretende lhe enviar uma comissão, que exigirá uma resposta direta quanto ao título dele.”

“Ah, estou seguro de que seus amigos serão ótimos comigo. Lorde Audley? E Richard Riche? Ouça. Desde que cheguei aqui, tenho me preparado para minha morte, nas suas mãos... Sim, nas suas, ou nas mãos da natureza. Tudo que peço é paz e silêncio para minhas preces.”

“Quer ser um mártir.”

“Não, o que quero é ir para casa. Sou fraco, Thomas. Sou fraco como todo mundo. Quero que o rei me aceite como seu criado, seu súdito afetuoso, como jamais deixei de ser.”

“Nunca compreendi onde se delimita a fronteira entre sacrifício e autodestruição.”

“Cristo a delimitou.”

“Não vê nada errado nessa comparação?”

Silêncio. A qualidade estrondosa e combativa do silêncio de Thomas More, que ricocheteia pelas paredes. More diz que ama a Inglaterra, e que teme que todo o país seja condenado. Ele está oferecendo algum tipo de barganha ao seu Deus, um Deus que ama o morticínio: “É necessário que um homem morra pelo povo”. Bem, ele pensa consigo, só lhe digo o seguinte: barganhe o quanto quiser. Entregue-se ao carrasco, se precisa disso. O povo está cagando. Hoje é 5 de maio. Em dois dias, a comissão o visitará. Nós pediremos que se sente e você declinará. Ficará de pé diante de nós com cara de padre do deserto, e nós confortavelmente abrigados contra o vento úmido do verão. Eu direi o que sempre

digo. O senhor dirá o que sempre diz. E talvez eu reconheça que venceu. Eu partirei e o deixarei, o bom súdito do rei — se é assim que se descreve —, até que sua barba cresça além dos joelhos e as teias de aranhas se enredem diante dos seus olhos.

Bem, esse era seu plano. Mas os eventos o sobrepujaram. Ele comenta com Richard, em toda a história daquela jurisdição sifilítica, algum maldito bispo de Roma teria agido em momento mais estupidamente inapropriado quanto este? Farnese anunciou que a Inglaterra deve ter um novo cardeal: o bispo Fisher. Henrique está enfurecido. Ele jura que enviará a cabeça de Fisher pelo oceano para encontrar com seu barrete episcopal.

Em 3 de junho, ele parte em pessoa para a Torre, com Wiltshire em prol dos interesses dos Bolena, e Charles Brandon, que parece estar indo para uma pescaria. Riche para tomar notas; Audley para fazer piadas. Está úmido novamente, e Brandon comenta, este deve ser o pior verão da história, não? Sim, ele responde, ainda bem que sua majestade não é supersticioso. Eles riem: Suffolk, um tanto incerto.

Alguns disseram que o mundo acabaria em 1533. O ano passado também teve seus adeptos. Por que este ano não? Sempre há alguém pronto para alegar que estes são os últimos dias, e nomear seu vizinho como o Anticristo. As notícias de Münster são de que os céus estão caindo rápido. Os sitiados demandam rendição incondicional; os sitiados ameaçam suicídio em massa.

Ele lidera o caminho. “Cristo, que lugar”, comenta Brandon. Goteiras estão estragando seu chapéu. “Não se sentem oprimidos?”

“Ah, nós estamos sempre aqui”, Riche dá de ombros. “Para uma coisa ou outra. O secretário-mor é requisitado na Casa da Moeda ou na Casa de Joias.”

Martin deixa-os entrar. More ergue a cabeça quando eles chegam.

“Hoje é sim ou não”, ele diz.

“Nem mesmo um bom-dia e como vai...” Alguém deu a More um pente para sua barba. “Bem, o que ouço da Antuérpia? Ouvi mesmo dizer que Tyndale foi preso?”

“Esse não é o ponto”, responde o lorde chanceler. “Preste o juramento. Responda sobre o estatuto. É um estatuto legítimo?”

“Dizem que ele se perdeu na rua e que os soldados do imperador o capturaram.”

Ele indaga com frieza: “Tinha conhecimento prévio?”.

Tyndale não foi só capturado, foi traído. Alguém o convenceu a sair de seu refúgio, e More sabe quem foi. Ele imagina a si mesmo, um segundo eu, reencenando uma manhã chuvosa igual a esta: em sua imaginação ele atravessa a sala, pega o prisioneiro pelo cangote, o obriga a ficar de pé, e o espanca até obrigá-lo a dar o nome de seu agente secreto. “Ora, vamos, sua graça”, ele se dirige a Suffolk, “está com uma expressão violenta, por favor, mantenha a calma.”

Eu?, diz Brandon. Audley ri. More diz: “O demônio de Tyndale o abandonará agora. O imperador o queimará. E o rei não erguerá um dedo para salvá-lo, pois Tyndale não apoiou seu novo casamento”.

“Talvez o senhor creia que ele mostrou bom senso no caso?”, indaga Riche.

“Deve responder”, ordena Audley, com suficiente gentileza.

More está agitado, as palavras se atropelando. Ele ignora Audley, falando diretamente a ele, Cromwell. “Não pode me obrigar a me pôr em risco. Pois se eu tivesse uma opinião contra seu Ato de Supremacia, opinião que não expressei, então seu juramento seria uma faca de dois gumes: eu poria meu corpo em risco se dissesse não ao ato, e minha alma se dissesse sim. Portanto, nada digo.”

“Quando interrogou homens que julgava heréticos, não permitia evasivas. Eram obrigados a falar, quando se negavam, você os torturava. Se eles foram forçados a falar, por que não o senhor?”

“Os casos não são os mesmos. Quando eu extraio uma resposta de um herege, tenho todo o corpo da lei ao meu lado, todo o poder

da cristandade. O que me ameaça aqui é uma lei em particular, uma única provisão de existência recente, reconhecida aqui, mas em nenhum outro país...”

Ele vê Riche fazendo uma anotação. Vira o rosto. “O fim é o mesmo. Fogo para eles. Machado para o senhor.”

“Se o rei lhe conceder essa misericórdia”, acrescenta Brandon.

More se retrai; comprime os dedos sobre o tampo da mesa. Ele nota o gesto, apático. Então, aí está uma saída. Instilar em More o medo de uma morte demorada. Mal termina de pensar e já sabe que não vai fazê-lo; é uma ideia infecciosa. “Em números, creio que me vence. Mas andou observando um mapa recentemente? A cristandade não é mais o que costumava ser.”

Riche diz: “Senhor secretário, Fisher é mais homem que esse prisioneiro diante de nós, pois Fisher discorda e assume as consequências. Sir Thomas, eu acho que, se tivesse coragem suficiente, seria abertamente traidor”.

More responde com suavidade: “Não é verdade. Não cabe a mim jogar-me diante de Deus. Cabe a Deus me atrair para ele”.

“Nós notamos sua obstinação”, comenta Audley. “Mas vamos poupá-lo dos métodos que usou com os outros.” Ele se põe de pé. “É da vontade do rei que façamos o indiciamento e o julgamento.”

“Em nome de Deus! Que mal posso causar neste lugar? Eu não faço mal a ninguém. Não digo nada de nocivo. Não penso nada prejudicial. Se isso não é o bastante para manter a vida de um homem...”

Ele o interrompe, incrédulo. “Não faz mal a ninguém? E quanto a Bainham, não se lembra de Bainham? Confiscou seus bens, trancafiou sua pobre esposa na cadeia, viu com seus próprios olhos como ele foi torturado, depois o trancou no calabouço do bispo Stokesley, manteve-o na sua própria casa por dois dias, acorrentado de pé num poste, mandou-o de volta a Stokesley, deu ordens de espancá-lo e humilhá-lo por uma semana, e mesmo assim seu ódio não se exauriu: em seguida, mandou-o de volta à Torre e o torturou

novamente, e por fim ele tinha o corpo tão devastado que tiveram que carregá-lo numa cadeira quando ele foi levado a Smithfield para ser queimado vivo. E Thomas More diz que não faz mal a ninguém?”

Riche começa a recolher os papéis de More da mesa. Há suspeitas de que ele tenha passado cartas a Fisher no andar de cima: o que não é de todo ruim, se puderem provar algum complô na traição de Fisher. More põe as mãos sobre os documentos, os dedos abertos; depois dá de ombros, e os entrega. “Fiquem com eles, se precisam. Já leem tudo que escrevo.”

“A menos que demonstre em breve uma mudança de atitude, ficaremos com sua pena e seus papéis. E seus livros. Mandarei alguém para buscá-los”, ele diz.

More parece encolher. Morde o lábio. “Se precisa levá-los, leve agora.”

“Que acinte”, exclama Suffolk. “Mestre More nos toma por carregadores?”

Ana diz: “Tudo por minha causa”. Ele faz uma mesura. “Quando finalmente arrancar de More aquilo que tem perturbado sua singular consciência, descobrirá que o cerne de tudo é que ele não dobrará o joelho à minha realeza.”

Ela é pequena, branca e furiosa. Longos dedos com pontas que se tocam, dobrando-se para trás; olhos faiscantes.

Antes que prossigam, ele precisa recordar Henrique do desastre do ano anterior; recordá-lo de que o rei nem sempre pode ter a vontade atendida, apenas por pedir. No verão anterior, lorde Dacre, um dos senhores do Norte, foi indiciado por traição, acusado de conluio com os escoceses. Por trás da acusação estava a família Clifford, inimigos e rivais históricos dos Dacre; e por trás deles, os Bolena, pois Dacre apoiou a antiga rainha abertamente. O palco foi montado em Westminster Hall, com Norfolk presidindo sobre o júri, como intendente-geral do Reino, e um júri de vinte outros lordes

para julgar Dacre, como era seu direito. E então... erros foram cometidos. É possível que toda a coisa tenha sido um erro de cálculo, um assunto empurrado com demasiada intensidade e pressa pelos Bolena. É possível que ele tenha errado por não se encarregar pessoalmente da promotoria; ele acreditou que seria melhor ficar nos bastidores, pois muitos aristocratas o odeiam por ele ser quem é, e até se arriscariam se fosse para aborrecê-lo. Ou talvez Norfolk tenha sido o problema, perdendo o controle sobre o tribunal... Quaisquer que tenham sido as razões, as acusações foram retiradas, causando perplexidade e ira ao rei. Dacre foi levado direto à Torre pela guarda do rei, e ele foi mandado até lá para fechar um acordo — acordo que, ele bem sabia, deveria deixar Dacre arruinado. Em seu julgamento, Dacre falou por sete horas em sua própria defesa; mas ele, Cromwell, pode falar por uma semana. Dacre admitiu ocultação de traição, um crime menor. Ele comprou o perdão real por dez mil libras, foi libertado e partiu novamente para o Norte, na miséria.

Mas a rainha ficou doente de frustração; ela desejava fazer de Dacre um exemplo. E as relações com a França não estão caminhando segundo sua vontade; alguns dizem que, à menção do nome dela, Francisco abafa o riso. Ela suspeita, e com razão, que seu braço direito Cromwell esteja mais interessado na amizade dos príncipes germânicos do que numa aliança com a França; mas Ana tem de escolher o momento certo para brigar, e diz que não terá paz até a morte de Fisher, até a morte de More. Assim, ela circula pela sala, agitada, nada régia, e sempre se desviando na direção de Henrique, tocando sua manga, tocando sua mão, e ele a enxota, a cada vez, como se ela fosse uma mosca. Ele, Cromwell, assiste. Os dois nunca são o mesmo casal dia após dia: às vezes apaixonados, às vezes gélidos e distantes. Em geral, os namoricos e mimos são o mais doloroso de presenciar.

“Fisher não me causa nenhuma angústia”, diz ele, “seu crime está claro. No caso de More... moralmente, nossa causa é

impecável. Ninguém duvida da lealdade de More a Roma e seu ódio pelo título de vossa majestade como líder da Igreja. Contudo, legalmente, nosso caso é frágil, e More usará de todos os artifícios e procedimentos legais disponíveis. Não será fácil.”

Henrique volta à vida num rompante. “Eu tenho o senhor para fazer o que é fácil? Jesus perdoe minha simplicidade, eu o promovi a um lugar neste reino que ninguém, ninguém do seu berço já deteve em toda a história do país.” Ele baixa a voz. “Acredita que foi por sua beleza pessoal? O encanto da sua presença? Eu o mantenho, mestre Cromwell, porque é ardiloso como uma sacola de serpentes. Mas não seja uma víbora no meu seio. Conhece minha decisão. Execute-a.”

Quando se retira, ele está cômico do silêncio que se instala às suas costas. Ana caminhando para a janela. Henrique olhando para os pés.

Assim, quando Riche entra, trepidando com segredos ainda por revelar, ele está disposto a esmagá-lo como uma mosca, mas logo se controla e, em vez disso, esfrega as mãos: o homem mais satisfeito de Londres. “Bem, Sir Bolsinha, confiscou os livros? E como ele está?”

“Ele baixou a persiana da janela. Perguntei por que razão, e ele disse, as mercadorias foram levadas, e eu agora estou fechando a loja.”

Ele mal pode tolerar este pensamento: More sentado na escuridão.

“Veja, senhor.” Riche tem um papel dobrado. “Nós conversamos um pouco. Eu anotei.”

“Conte-me como foi.” Ele se senta. “Eu sou More. O senhor é Riche.” Riche o encara. “Devo fechar a janela? É melhor representar isso no escuro?”

“Eu não pude”, explica Riche, hesitante, “deixá-lo sem fazer mais uma tentativa...”

“Entendido. Tem seu método. Mas por que ele falaria com você, se não falou comigo?”

“Porque ele não me dá importância. Ele acha que eu não faço diferença.”

“E olhe que é o procurador-geral”, diz ele, caçoando.

“Pois bem, estávamos apresentando nossos casos.”

“Como assim, como se estivessem no Lincoln’s Inn depois do jantar?”

“Para dizer a verdade, eu tive pena dele, senhor. More anseia por conversar e o senhor sabe que ele fala bastante. Eu disse a ele, imagine se o Parlamento passasse um ato dizendo que eu, Richard Riche, serei rei. Você não me aceitaria como rei? E ele riu.”

“Bem, o senhor admite que isso não é provável.”

“Então eu o pressionei; ele disse, sim, majestoso Richard, eu assim o aceito, pois o Parlamento pode torná-lo rei, e considerando o que já fizeram, eu não ficaria nada surpreso se acordasse sob o reinado do rei Cromwell, pois se um alfaiate pode ser rei de Jerusalém, imagino que a cria de um ferreiro pode ser rei da Inglaterra.”

Riche faz uma pausa: terá se ofendido? Ele sorri. “Quando eu for rei Cromwell, você será um duque. Bem, vamos direto ao ponto, Bolsinha... ou não há um ponto?”

“More disse, bem, você apresentou um argumento, eu lhe apresentarei um argumento melhor. Imagine que o Parlamento passasse um ato dizendo que Deus não deveria ser Deus? Eu diria que não teria efeito algum, pois o Parlamento não tem poder para fazer isso. Então More disse, isso mesmo, meu jovem, pelo menos consegue reconhecer um absurdo. E ali ele parou, e me pregou um olhar, como se para dizer, agora vamos lidar com o mundo real. Eu disse a ele, eu lhe apresentarei um caso intermediário. O senhor sabe que nosso rei foi nomeado líder da Igreja pelo Parlamento. Por que não segue o voto, como seguiria se ele me tornasse monarca? E ele respondeu, como se estivesse ensinando a uma criança, os

casos não são semelhantes. Pois um é uma jurisdição temporal, e o Parlamento pode fazê-lo. O outro é uma jurisdição espiritual, e é isso que o Parlamento não pode exercer, pois a jurisdição está fora deste reino.”

Ele olha fixamente para Riche. “Enforque-o por papista.”

“Sim, senhor.”

“Nós sabemos que é o que ele pensa. Apenas jamais afirmou.”

“Ele disse que uma lei mais alta governa este e todos os reinos, e se o Parlamento ultrapassasse a lei de Deus...”

“A lei do papa, ele quer dizer... Pois ele julga que são a mesma coisa, ele não poderia negar isso, poderia? Por que razão ele vive examinando sua consciência, a não ser para verificar noite e dia que está de acordo com a Igreja de Roma? Esse é seu conforto, esse é seu guia. A mim me parece que, se ele nega abertamente ao Parlamento sua autoridade, ele nega ao rei seu título. O que é traição. Mesmo assim”, ele dá de ombros, “quão longe isso pode nos levar? Podemos mostrar que a negação foi maliciosa? Ele dirá, suponho, que era apenas uma conversa, para passar o tempo. Que você apresentava hipóteses, e que qualquer coisa dita nesse âmbito não pode ser usada contra um homem.”

“Um júri não entenderá dessa forma. Eles o obrigarão a declarar o que quis dizer. Afinal, senhor, ele sabia que não se tratava apenas de um debate entre estudantes.”

“É verdade. Essas coisas não acontecem na Torre.”

Riche lhe oferece o memorando. “Eu o redigi fielmente, usando ao máximo a minha memória.”

“Não tem uma testemunha?”

“Eles estavam entrando e saindo, guardando os livros num caixote, ele tinha muitos livros. Não me culpe pelo descuido, senhor, pois como eu poderia saber que ele conversaria sobre qualquer coisa comigo?”

“Eu não o culpo.” Ele suspira. “Na verdade, Bolsinha, você é a menina dos meus olhos. Confirmará o que ouviu, diante do

tribunal?”

Duvidoso, Richard assente. “Diga-me que sim, Richard. Ou me diga que não. Sejam claros. Se acha que sua coragem pode lhe falhar no momento decisivo, tenha a elegância de dizer agora. Se perdermos mais um julgamento, podemos dar adeus a nossas rendas. E todo o nosso trabalho terá sido em vão.”

“Veja só, ele não conseguiu resistir à chance de me corrigir”, diz Riche. “More não consegue esquecer o que eu fiz quando era menino. Ele usa isso para prolongar seu sermão. Bem, que ele faça seu próximo sermão no cadafalso.”

Na véspera da execução de Fisher, à noite, ele visita More. Leva consigo uma guarda reforçada, mas os deixa na câmara externa e entra sozinho. “Eu me acostumei à janela fechada”, diz More, quase alegremente. “Não se importa de se sentar na penumbra?”

“Não precisa temer o sol. Não há nenhum.”

“Wolsey costumava se gabar de que podia mudar o tempo.” More ri. “É bondade sua me visitar, Thomas, agora que não temos mais nada a dizer. Ou temos?”

“Os guardas virão buscar o bispo Fisher no começo da próxima manhã. Eu temo que eles acordarão você.”

“Eu seria um mau cristão se não pudesse manter vigília com Fisher.” Seu sorriso se desfaz. “Ouvi dizer que o rei lhe garantiu misericórdia quanto à forma da sua morte.”

“Uma vez que ele é um homem velho e frágil.”

More comenta, com brincalhona acidez: “Estou fazendo o melhor que posso, sabe? Um homem só pode definhar no seu próprio ritmo”.

“Ouça.” Ele estende o braço sobre a mesa, toma a mão do outro e a aperta: com mais força do que pretendia. Meu punho de ferreiro, ele pensa, e vê que More se retrai, sente seus dedos, a pele seca como papel sobre ossos. “Ouça. Quando estiver diante do tribunal, apele imediatamente à misericórdia do rei.”

More indaga, intrigado: “Que bem isso me traria?”.

“Ele não é um homem cruel. Sabe disso.”

“Sei? Ele não costumava ser. Henrique tinha uma disposição doce. Mas então ele mudou de companhia.”

“Ele é sempre suscetível a um pedido de misericórdia. Eu não prometerei que ele poupará sua vida, uma vez que o juramento não foi prestado. Mas ele pode lhe conceder a mesma clemência dada a Fisher.”

“O que acontece ao corpo não é tão importante. Levei uma vida abençoada em alguns aspectos. Deus foi bom e não me testou. Agora que ele me testa, não posso decepcioná-lo. Guardei vigilância sobre meu coração, e nem sempre gostei do que encontrei nele. Se no fim ele terminar nas mãos do carrasco, que seja. Logo depois, estará nas mãos de Deus.”

“Você me julgaria sentimental, se eu dissesse que não quero vê-lo morto?” Nenhuma resposta. “Não tem medo da dor?”

“Ah, sim, tenho muito medo, não sou um homem corajoso e robusto como você, não posso evitar ensaiar na minha cabeça. Mas só sentirei dor por um momento, e Deus não permitirá que eu me lembre depois.”

“Fico feliz por não ser como você.”

“Indubitavelmente. Ou estaria sentado aqui no meu lugar.”

“Eu quero dizer, com uma mente obcecada pelo além-mundo. Percebo que não vê nenhuma possibilidade de melhorar este mundo.”

“E você vê?”

Uma pergunta quase petulante. Uma rajada de granizo bate contra a janela. Ambos têm um sobressalto; ele se põe de pé, inquieto. Preferiria saber o que há lá fora, observar os tristes destroços do verão a se encolher atrás de uma persiana e especular quais são os danos. “Outrora eu tinha toda a esperança”, ele diz. “O mundo me corrompe, acho. Ou talvez seja apenas o clima, que me deprime e me faz pensar como você, que uma pessoa deve

encolher por dentro, encolher e encolher até se reduzir a um mínimo ponto de luz, preservando sua alma solitária como uma chama sob um vidro. Os espetáculos de dor e desgraça que vejo à minha volta, a ignorância, os vícios impensados, a pobreza e a falta de esperança, e ah, a chuva: a chuva que cai sobre a Inglaterra e apodrece os grãos, apaga a luz no olhar de um homem e também a chama do saber, pois quem pode raciocinar quando Oxford é um pântano gigante e Cambridge se inunda rio abaixo, e quem aplicará as leis se os juízes estão nadando para salvar suas vidas? Na semana passada o povo estava em revolta em York. Com o trigo tão escasso, e custando o dobro do ano anterior, por que não se revoltariam? Eu preciso incitar juízes a dar exemplos, suponho, caso contrário todo o Norte estará nas ruas com foices e forcado, e a quem massacrarão senão uns aos outros? Realmente acredito que eu seria um homem melhor se o clima fosse melhor. Eu seria um homem melhor se vivesse numa nação onde o sol brilhasse e os cidadãos fossem ricos e livres. Se ao menos isso fosse verdade, mestre More, não teria que orar por mim com tanta intensidade.”

“Como você fala”, diz More. Palavras, palavras, apenas palavras. “Eu realmente oro por você, é claro. Oro com todo o meu coração para que veja que está enganado. Quando nos encontrarmos no céu, como espero que aconteça, todas as nossas diferenças estarão esquecidas. Mas, por ora, não podemos apagá-las apenas com a vontade. Sua tarefa é me matar. A minha é continuar vivo. É meu papel e meu dever. Tudo que possuo é o chão sobre o qual piso, e esse chão se chama Thomas More. Se o quer, terá que arrancá-lo de mim. Não pode realmente acreditar que eu o entregaria.”

“Precisará de pena e papel para redigir sua defesa. Eu lhe concedo isso.”

“Nunca desiste, não é? Não, secretário-mor, minha defesa está aqui em cima”, ele toca a testa, “num lugar onde ficará a salvo de você.”

Como é estranha a cela, quão vazia, sem os livros de More: está repleta de sombras. “Martin, uma vela”, ele clama.

“Virá amanhã? Para buscar o bispo?”

Ele assente. Embora não vá testemunhar o momento da morte de Fisher. O protocolo dita que os espectadores se ponham de joelhos e tirem os chapéus para marcar a passagem da alma.

Martin traz uma vela num castiçal. “Algo mais?” Eles fazem uma pausa enquanto Martin instala o objeto. Quando ele se retira, os dois prosseguem em silêncio: o prisioneiro, curvado, os olhos fixos na chama. Como saber se More começou um longo silêncio ou se está em preparação para um discurso? Há um silêncio que precede a fala, há outro silêncio que toma o lugar da fala. Não é necessário rompê-lo com uma afirmação, pode-se quebrá-lo com uma hesitação: *quicá... hipoteticamente falando... se fosse possível...* Ele diz: “Eu o teria deixado, sabe? Para viver sua vida. Para se arrepender das suas matanças. Se eu fosse rei”.

A luz enfraquece. É como se o prisioneiro tivesse abandonado a sala, deixando em seu lugar apenas uma forma vaga. Uma brisa agita a chama da vela. A mesa nua entre os dois, vazia agora dos rascunhos inflamados de More, assumiu o aspecto de um altar; e para que serve um altar, senão para um sacrifício? More finalmente rompe o silêncio. “Se, no fim de tudo e depois do meu pedido, se o rei não me conceder, se o rigor total da pena... Thomas, como é feito? Seria de imaginar que, quando a barriga de um homem é rasgada, ele morre pela grande efusão de sangue, mas, ao que parece, não é assim... Eles têm algum implemento especial, que usam para cortar sua medula enquanto ele está vivo?”

“Fico triste em ver que me julga um especialista.”

Mas ele não disse a Norfolk, ou praticamente disse, que havia arrancado fora o coração de um homem?

Ele responde: “É o mistério do executor. O segredo é guardado, para nos causar assombro”.

“Que eu seja morto de forma limpa. Não peço nada, só isso.” Oscilando em seu banco, ele é possuído pela agitação corporal, nos intervalos entre as batidas do coração; grita, estremecendo dos pés à cabeça. As mãos batem fracamente sobre o tampo vazio da mesa; e quando ele o deixa — “Martin, entre lá, dê um pouco de vinho a ele” —, More ainda está gritando, trepidando, batendo na mesa.

A próxima vez que o vir será em Westminster Hall.

No dia do julgamento, os rios transbordam pelas margens; o próprio Tâmisa se eleva, borbulhando como algum rio do inferno, e atira seus destroços sobre os cais.

É Inglaterra contra Roma, ele diz. Os vivos contra os mortos.

Norfolk presidirá. Ele lhe diz como deve ser. As primeiras acusações do indiciamento serão retiradas: elas envolvem uma diversidade de palavras ditas, numa variedade de épocas, sobre o ato e o juramento, e a conspiração subversiva de More com Fisher: cartas foram trocadas entre eles, mas, ao que parece, hoje estão destruídas. “Em seguida, na quarta acusação, ouviremos as provas do procurador-geral. Bem, vossa graça, isso distrairá More, pois ele não pode ver o jovem Riche sem ter uma síncope sobre seus delitos de juventude...” O duque ergue uma sobancelha. “Bebida. Briga. Mulheres. Dados.”

Norfolk coça o queixo hirsuto. “Já notei, um rapaz de aparência tão tranquila quanto aquele, mas ele realmente vive brigando. Para provar um ponto, vê? Ao passo que, nós, malditos brutamontes, velhos caras de pau, que nascemos com a armadura posta, não precisamos provar coisa alguma.”

“Verdade”, responde ele. “Somos os mais pacíficos dos homens. Meu amo, por favor, preste atenção. Não queremos outro erro como Dacre. Dificilmente sobreviveríamos a isso. As primeiras acusações serão retiradas. Nas seguintes, o júri estará alerta. E eu lhe dei um belo júri.”

More enfrentará seus iguais; londrinos, os comerciantes das companhias de libré. São homens experientes, com todos os preconceitos da cidade. Eles já viram inúmeros exemplos — todos os londrinos viram — da rapacidade e da arrogância da Igreja, e não aceitam mansamente quando alguém lhes diz que não podem ler as escrituras em sua própria língua. São homens que conhecem More, e já há vinte anos. Eles sabem como More enviuvou Lucy Petyt. Sabem como ele destruiu o negócio de Monmouth, porque Tyndale se hospedara em sua casa. Sabem como ele infiltrou espiões em suas casas, entre seus aprendizes, a quem eles tratavam como filhos, entre criados tão familiares e queridos que ouviam as preces de seus amos ao pé da cama todas as noites.

Um dos nomes leva Audley a hesitar. “John Parnell? Talvez seja interpretado erroneamente. Você sabe que Parnell está atrás de More desde que este o julgou culpado no tribunal de chancelaria...”

“Eu conheço o caso. Mas More meteu os pés pelas mãos, ele nem sequer leu os documentos, ocupado demais em escrever uma cartinha de amor a Erasmo ou trancafiar outra pobre alma cristã nos seus calabouços de Chelsea. O que você quer, Audley, quer que eu vá a Gales para formar um júri, ou a Cumberland, ou a algum lugar em que eles tenham melhor opinião sobre More? Tenho que me contentar com homens de Londres, e a menos que eu emposse um tribunal de recém-nascidos, não posso apagar suas memórias.”

Audley balança a cabeça. “Não sei, Cromwell.”

“Ah, ele é um sujeito esperto”, diz o duque. “Quando Wolsey caiu, eu disse, marquem este aí, ele é um sujeito esperto. Teria que acordar cedo todas as manhãs para estar à frente dele.”

Na noite anterior ao julgamento, enquanto ele está revisando documentos em Austin Friars, uma cabeça aparece atrás da porta: uma pequena cabeça castanha de Londres, um crânio de cabelos tosados e um rosto jovem rústico. “Dick Purser. Pode entrar.”

O olhar de Dick Purser percorre a sala. Ele cuida dos ferozes cães de guarda que defendem a casa à noite, e jamais esteve naquela sala. “Venha e sente-se. Não tenha medo.” Ele serve um pouco de vinho ao rapaz, numa taça veneziana que pertencera ao cardeal. “Experimente isto. Wiltshire me enviou, eu mesmo não achei grande coisa.”

Dick toma a taça e a remexe perigosamente. O líquido é pálido como um fio de palha ou a luz do verão. Ele toma um gole. “Senhor, posso acompanhá-lo no julgamento?”

“Ainda dói, não?” Dick Purser era o menino que More chicoteou diante de toda a casa em Chelsea, por dizer que a hóstia era um pedaço de pão. Naquela época uma criança, hoje ele não é muito mais que isso; quando chegou a Austin Friars, dizem que chorava em seu sono. “Arranje uma casaca de libré”, ele responde. “E lembre-se de lavar as mãos e o rosto pela manhã. Não quero passar vergonha.”

É a palavra “vergonha” que surte efeito no jovem. “Não me importei muito com a dor”, explica ele. “Se me permite dizer, senhor, nossos pais fazem a mesma coisa conosco, ou pior.”

“Verdade”, ele diz. “Meu pai me esmurrava como se eu fosse uma chapa de metal.”

“O problema é que ele me deixou em carne viva. E as mulheres assistindo. A sra. Alice. As meninas. Pensei que alguma delas falaria para me defender, mas quando me viram sem calças, ficaram apenas enojadas de mim. Elas riam. Enquanto o sujeito me chicoteava, elas riam.”

Nas histórias, sempre cabe às mocinhas, às meninas inocentes, deter a mão do homem com o porrete ou o machado. Mas, ao que parece, nós nos desviamos para uma história diferente: as nádegas frágeis de uma criança contraídas pelo frio, seus pequenos testículos magros, seu pênis tímido se encolhendo a um botão, enquanto as damas da casa abafam risadas e os criados zombam, e os lanhos se abrem em sua pele, e sangram.

“Agora está acabado e esquecido. Não chore.” Ele dá a volta na mesa. Dick Purser baixa a cabeça tosada contra o ombro de seu senhor e soluça, por vergonha, por alívio, por triunfo, pois logo terá sobrevivido a seu torturador. More atormentou John Purser até a morte, perseguindo-o pela posse de livros germânicos; ele abraça o garoto, sentindo a pulsação agitada, seus tendões retesados, as fibras de seus músculos, e emite sons de conforto, como fazia com seus filhos quando eram pequenos, ou como faz com um cão que levou uma pisada na cauda. Por vezes, ele lembra, o conforto é transmitido ao custo de uma ou duas pulgas.

“Seguirei o senhor até a morte”, declara o menino. Seus braços, punhos cerrados, prendem o amo: os nós de seus dedos lhe apertam a coluna. Ele funga. “Acho que vou ficar bem com uma casaca de libré. A que horas saímos?”

Cedo. Com sua equipe, ele chega a Westminster Hall antes de todo mundo, para evitar tropeços de última hora. O tribunal se reúne à sua volta, e quando More é conduzido para dentro, o salão fica visivelmente chocado com sua aparência. A Torre jamais foi conhecida por fazer bem a um homem, mas More os espanta com sua figura esquelética e sua barba branca desgrenhada, parecendo mais um homem de setenta do que um homem com sua verdadeira idade. “Ele parece ter sido maltratado”, Audley murmura.

“E ele diz que nenhum truque me escapa...”

“Bem, minha consciência está limpa”, conclui o lorde chanceler, indiferente. “Ele teve todas as considerações.”

John Parnell o cumprimenta com a cabeça. Como funcionário da corte e testemunha, Richard Riche lhe dirige um sorriso. Audley pede um assento para o prisioneiro, mas More se retesa na ponta da cadeira: preparado, combativo.

Ele olha em torno para verificar se há alguém tomando notas por ele.

Palavras, palavras, apenas palavras.

Ele pensa: eu me lembrei de você, Thomas More, mas você não se lembrou de mim. Você nem sequer me viu chegando.

3. Rumo a Wolf Hall

Julho de 1535

No dia da execução de Thomas More, ao entardecer, o tempo abre, e ele caminha pelo jardim com Rafe e Richard. O sol se mostra, uma névoa de prata entre trapos de nuvens. Os canteiros de ervas encharcados não têm aroma, e um vento arredio agita suas roupas, estapeia a nuca deles e depois dá a volta para esbofeteá-los no rosto.

Rafe diz, é como estar no mar. Cada um caminha a um lado dele, bem próximos, como se houvesse o perigo de serem atacados por baleias, piratas ou sereias.

Já se passaram cinco dias desde o julgamento. Desde então, muito trabalho sobreveio, mas eles não podem evitar a lembrança daqueles eventos, trocando entre si as imagens guardadas em suas mentes: o promotor-geral adicionando uma última nota na acusação; More rindo quando algum secretário cometia um erro de latim; os rostos frios e lisos dos Bolena, pai e filho, no banco do júri. More jamais ergueu a voz; permaneceu sentado na cadeira fornecida por Audley, atento, a cabeça inclinada à esquerda, beliscando a própria manga.

Por isso, a surpresa de Riche, quando More se voltou contra ele, foi visível: ele recuou um passo e se firmou na beira da mesa. “Eu o conheço de longa data, Riche, por que haveria de abrir minha mente a sua pessoa?” More, de pé, a voz exalando desprezo. “Eu o

conheço desde sua juventude, um jogador e um apostador, sem qualquer fama louvável nem mesmo na sua própria casa...”

“Por são Juliano!”, exclamou o juiz Fitzjames; essa era sua exclamação habitual. Entre dentes, para ele, Cromwell: “Ele ganha alguma coisa com isso?”.

O júri não gostou: nunca se sabe de que um júri vai gostar. Eles interpretaram a súbita reação de More como choque e culpa ao ser confrontado com suas próprias palavras. Com certeza, todos conheciam a reputação de Riche. Mas beber, jogar e brigar não são geralmente mais naturais num jovem que jejuns, terços e autoflagelação? Foi Norfolk quem interrompeu a explosão de More, a voz seca. “Deixe de fora o caráter do homem. O que o senhor diz do assunto em questão? O senhor pronunciou essas palavras?”

Teria sido ali então que More esgotara seus truques? Ele se recompôs, ajeitando a túnica que lhe escorregava pelo ombro; uma vez ajustada, ele fez uma pausa, conteve-se, encaixou uma mão na outra. “Eu não disse o que Riche alega. Ou, se disse, não pretendi falar com malícia, portanto estou isento segundo o estatuto.”

Ele captou a expressão de escárnio cruzando o rosto de Parnell. Não há nada mais duro que um burguês de Londres que se julga tomado por tolo. Audley ou qualquer outro dos advogados poderia ter explicado ao júri: isso é apenas como nós advogados debatemos. Mas os jurados não querem um debate entre advogados, eles querem a verdade: disse ou não disse? George Bolena se inclinou à frente: o prisioneiro não poderia nos fornecer sua própria versão da conversa?

More se vira, sorrindo, como se para dizer, um excelente ponto este, jovem mestre George. “Não fiz anotação alguma da conversa. Não tenho material para escrever, vê? Eles tomaram tudo. Pois, se o senhor recorda, lorde Rochford, foi por essa mesmíssima razão que Riche me procurou, para retirar de mim quaisquer meios de registro.”

E ele fez nova pausa e encarou o júri como se esperasse aplausos; eles encaravam de volta, rostos como pedras.

Qual foi o divisor de águas? Eles poderiam ter acreditado em More, uma vez que ele foi lorde chanceler em dado momento, e o Bolsinha, como todos sabem, era um grande arruaceiro. Nunca se sabe o que um júri pensará: embora, ao reunir os jurados, ele tenha sido bastante persuasivo, é claro. Ele disse a todos naquela manhã: não sei qual é a defesa de More, mas não tenho esperança de que ele já terá terminado ao meio-dia; imagino que todos tomaram um bom desjejum? Quando se retirarem, os senhores devem ficar à vontade, claro, mas se, segundo meus cálculos, demorarem mais de vinte minutos, eu sairei para ver como estão passando. Para sanar suas dúvidas, ou qualquer ponto da lei.

Eles só precisaram de quinze minutos.

Agora, neste entardecer no jardim, dia 6 de julho, Dia de Santa Godeleva (uma inculpável jovem esposa de Bruges, afogada num lago pelo marido), ele ergue os olhos para o céu, sentindo uma mudança no ar, uma brisa úmida como o outono. O interlúdio do sol fraco está acabado. Nuvens se aproximam e se acumulam em torres e muralhas sopradas de Essex, amontoando-se sobre a cidade, empurradas pelo vento sobre os vastos campos encharcados, sobre os pastos molhados e os rios cheios, atravessando as florestas gotejantes do oeste e se atirando ao mar em direção à Irlanda. Richard recolhe seu chapéu de um canteiro de lavanda e sacode as gotas, praguejando em voz baixa. Uma rajada de chuva os atinge no rosto. “Hora de entrar. Tenho cartas a escrever.”

“Não trabalhe até altas horas esta noite.”

“Não, vovô Rafe. Eu tomarei meu pão e leite e rezarei a Ave-Maria e irei para a cama. Posso levar meu cãozinho comigo?”

“Claro que não! Para ouvir vocês trotando no andar de cima até o amanhecer?”

É verdade que ele não dormiu muito na noite anterior. Passada a meia-noite, ocorreu-lhe que o próprio More sem dúvida estava dormindo, sem saber que era seu último dia sobre a terra. Não é costume, até a manhã, preparar o condenado; assim, pensara, qualquer vigília que faço por ele, faço só.

Eles correm para dentro; o vento bate uma porta às suas costas. Rafe o toma pelo braço. Ele diz, aquele silêncio de More nunca foi realmente silêncio, foi? Ele retumbava com sua traição. Até onde a retórica lhe serviu, usou os palavrórios, as objeções e querelas, as suaves ambiguidades. Era o medo das palavras diretas, ou a afirmação de que as palavras diretas pervertem a si mesmas; o dicionário de More contra nosso dicionário. É possível haver um silêncio cheio de palavras. Um alaúde retém, em seu corpo, as notas que tocou. A viola, em suas cordas, detém um acorde. Uma pétala murcha pode conservar seu perfume, uma oração pode estrepitar com pragas; uma casa vazia, quando os donos partem, ainda pode ressoar com fantasmas.

Alguém — provavelmente não Christophe — pôs sobre sua mesa um lustroso vaso de prata com centáureas. O azul-escuro na base das pétalas rugosas o fez pensar na luz desta manhã; uma aurora tardia para julho, um céu pesaroso. Às cinco horas, o tenente da Torre já terá ido buscar More.

No térreo, ele ouve um fluxo de mensageiros entrando pelo pátio. Há muito a fazer, a organizar depois da morte do homem; afinal, ele pensa, eu me ocupava do mesmo quando criança, fazia as arrumações no rastro dos jovens cavalheiros de Morton, e essa é a última vez que terei de fazê-lo; ele se imagina na aurora, fazendo escorrer para dentro de um odre de couro os restos de cerveja, espremendo as pontas das velas para levar à oficina para serem derretidas de novo.

Ele ouve vozes no corredor, mas as ignora: ele volta às cartas. O abade de Rewley solicita um posto vago para seu amigo. O prefeito

de York lhe escreve sobre redes e armadilhas para peixes; o Humber está correndo limpo e tranquilo, ele lê, assim como o Ouse. Uma carta de lorde Lisle em Calais, trazendo algum emaranhado conto de autojustificação: ele disse, depois eu disse, e então ele disse.

Thomas More aparece diante dele, mais sólido na morte do que fora em vida. Talvez, de agora em diante, ele fique para sempre ali: tão ágil em raciocínio e tão inflexível, como apareceu em seu momento final perante a corte. Audley ficou tão satisfeito com a sentença de culpado que começou a passar o veredicto sem perguntar ao prisioneiro se ele tinha algo a dizer; Fitzjames teve de se esticar e lhe cutucar o braço, e o próprio More se ergueu da cadeira para detê-lo. O condenado tinha muito a dizer, e sua voz era vívida, o tom cortante, e seus olhos, seus gestos, em nada pareciam os de um homem condenado, já morto na lei.

Mas não havia nada de novo no discurso: pelo menos nada de novo para ele. Eu sigo minha consciência, declarou More, os senhores que sigam as suas. Minha consciência me convence — e agora falarei abertamente — de que seu estatuto é falho (e Norfolk rosna para ele) e que sua autoridade não tem fundamento (Norfolk ruge outra vez: “Agora vemos sua malícia em aberto”). Parnell riu e o júri trocou olhares, assentindo uns aos outros; e enquanto todo Westminster Hall sussurrava, More proclamara de novo, exclamando acima do barulho sua matemática subversiva. Minha consciência está com a maioria, o que me leva a saber que ela não está errada. “Contra o reino de Henrique, tenho todos os reinos da cristandade. Contra cada um dos seus bispos, tenho uma centena de santos. Contra seu único Parlamento, tenho todos os concílios gerais da Igreja, remontando a mil anos.”

Norfolk disse: levem-no. Está acabado.

Terça-feira, oito horas. A chuva tamborila contra a janela. Ele rompe o selo de uma carta do duque de Richmond. O menino reclama que, em Yorkshire, onde está situado, ele não tem campos

de caça, e portanto não pode proporcionar diversão alguma a seus amigos. Ah, pobre e pequenino duque, ele pensa, como posso aliviar sua dor? A viúva de Gregory, aquela de dentes pretos, com quem ele se casará; ela tem um campo, então talvez o jovem príncipe deva se divorciar da filha de Norfolk e se casar com ela? Ele deixa a carta de Richmond de lado, tentado a atirá-la ao chão; segue em frente. O imperador deixou a Sardenha com sua frota, partindo para a Sicília. Um padre da St. Mary Woolchurch diz que ele é um sectário e que não tem medo dele: tolo. Harry, lorde Morley, lhe envia um galgo. Há notícias de refugiados em êxodo da região de Münster, alguns rumando para a Inglaterra.

Audley dissera: “Prisioneiro, o tribunal pedirá ao rei que lhe conceda clemência quanto à forma da sua morte”. Audley se inclinou à frente: secretário-mor, o senhor prometeu algo? Por minha vida, não: mas certamente o rei será bondoso com ele, não? Norfolk diz, Cromwell, pode aconselhá-lo nesse sentido? Ele lhe dará ouvidos; mas, caso contrário, eu mesmo vou implorar a ele. Que assombro: Norfolk, pedindo clemência? Ele ergueu os olhos para ver Thomas More sendo levado, mas ele já havia desaparecido, os altos alabardeiros fechando o cerco às suas costas: o barco para a Torre o aguardava nos degraus do cais. Provavelmente era como voltar para casa: a familiar cela com a janela estreita, a mesa vazia de papéis, o toco de vela, a persiana fechada.

A janela sacode; ele se assusta e pensa, eu deveria trancar o quebra-vento. Ele se ergue para fazê-lo quando Rafe entra com um livro na mão. “É o livro de preces de More, que ele tinha consigo no último momento.”

Ele o examina. Por misericórdia, não há manchas de sangue. Ergue-se pela lombada e deixa que as páginas se movam em leque. “Já fiz isso”, diz Rafe.

More escreveu seu nome no livro. Há partes sublinhadas no texto: *Não recorde os pecados de minha juventude*. “Uma pena que ele recordasse os de Richard Riche.”

“Devo mandá-lo a sra. Alice?”

“Não. Ela pode pensar que é um dos pecados.” A mulher já teve de tolerar coisas demais. Em sua última carta, More nem sequer deu adeus a ela. Ele fecha o livro. “Mande para Meg. Provavelmente ele queria que o livro ficasse com ela de qualquer maneira.”

A casa inteira se agita ao seu redor; vento nas calhas, vento nas chaminés, uma corrente penetrante sob cada porta. Está frio o bastante para uma lareira, diz Rafe, devo mandar acender? Ele concorda. “Diga a Richard: amanhã de manhã, vá para a ponte de Londres e encontre o chefe da ponte. A sra. Roper o procurará e pedirá pela cabeça do pai, para enterrá-la. O homem deve aceitar o que Meg oferecer e cuidar para que ela não seja impedida. E ficar de boca fechada.”

Certa vez, em sua juventude na Itália, ele fez parte de um destacamento de enterro. Não é algo a que alguém se voluntaria; apenas se cumpre ordens. Eles ataram panos sobre a boca e enterraram seus camaradas em solo não consagrado; partiram com o cheiro de putrefação em suas botas.

O que é pior, ele pensa, ter suas filhas mortas antes que você, ou deixá-las para recolher seus restos?

“Há algo...” Ele franze a testa para seus papéis. “O que estou esquecendo, Rafe?”

“Seu jantar?”

“Mais tarde.”

“Lorde Lisle?”

“Já lidei com lorde Lisle.” Já lidou com o rio Humber. Com o padre calunioso de Mary Woolchurch; bem, não lidei com ele, mas o deixei numa pilha de assuntos pendentes. Ele ri. “Sabe do que preciso? Preciso da máquina da memória.”

Guido abandonou Paris, dizem. Fugiu de volta para a Itália e deixou o aparelho construído pela metade. Dizem que, antes de fugir, ele passou algumas semanas sem falar nem comer. Seus defensores diziam que ele tinha enlouquecido, aterrado pelas

capacidades de sua própria criatura: perdido no abismo do divino. Seus detratores afirmaram que demônios saíram das fendas e frestas do aparelho, e o apavoraram tanto que ele fugiu à noite vestindo sua túnica sem sequer uma casca de pão ou um pedaço de queijo para a jornada, deixando para trás todos os livros e suas roupas de mago.

Não é impossível que Guido tenha deixado alguns escritos para trás, na França. Por um pagamento, talvez possam ser obtidos. Não é impossível mandar segui-lo até a Itália; mas existe alguma utilidade nisso? É provável, ele pensa, que jamais saibamos o que seu invento realmente era. Uma prensa móvel que pode escrever seus próprios livros? Uma mente que pensa por si? Se eu não a tenho, ao menos o rei da França também não tem.

Ele pega sua pena. Boceja, baixa a pena e torna a erguê-la. Eu serei encontrado morto na minha mesa, ele pensa, como o poeta Petrarca. O poeta escreveu muitas cartas não enviadas: escreveu a Cícero, que morreu mil e duzentos anos antes do nascimento do poeta. Escreveu a Homero, que possivelmente nem sequer existiu; mas eu, eu terei bastante o que fazer com lorde Lisle, e as armadilhas de pesca, e os galeões do imperador ricocheteando pelo mar do Meio. Entre dois mergulhos de pena, Petrarca escreve, “entre dois mergulhos de pena, o tempo passa: e eu me apresso, eu me instigo, eu me arrojando à morte. Estamos sempre morrendo — eu, enquanto escrevo, tu, enquanto lêes, e outros enquanto ouvem ou tapam seus ouvidos; estão todos morrendo”.

Ele recolhe o próximo maço de cartas. Um homem chamado Batcock quer uma licença para importar cem tonéis de anil. Harry Percy está doente mais uma vez. As autoridades de Yorkshire detiveram e dividiram os rebeldes entre os que serão acusados de vandalismo e homicídio culposo, e os que serão indiciados por homicídio doloso e estupro. Estupro? Desde quando protestos por comida envolvem estupro? Mas, eu esqueço, isso é Yorkshire.

“Rafe, traga-me o itinerário do rei. Vou verificá-lo e com isso acabo aqui. Acho que podemos ter alguma música antes de ir para a cama.”

A corte partirá para o oeste neste verão, seguirá até Bristol. O rei está pronto para a viagem, apesar da chuva. Eles sairão de Windsor, passando por Reading, Missenden, Abingdon, cruzando Oxfordshire, os ânimos melhorando — assim esperamos — à medida que se afastam de Londres; ele diz a Rafe, se o ar do campo de fato funcionar, a rainha voltará com uma grande barriga. Rafe responde, eu me pergunto se o rei aguentará a expectativa outra vez. Um homem mais fraco ficaria esgotado com isso.

“Se deixarmos Londres no dia 18, podemos planejar alcançá-los em Sudely. Isso funcionaria?”

“Melhor partir um dia antes. Considere a situação das estradas.”

“Não existe nenhum atalho, existe?” Ele não passará nenhum rio a vau, apenas pontes, e, contra sua inclinação, seguirá apenas pelas estradas principais; mapas melhores seriam úteis. Mesmo nos tempos do cardeal, ele se perguntava: será que podemos verdadeiramente realizar esse projeto? Existem mapas, de certo tipo; castelos cravados pelos campos, com as guarnições detalhadamente representadas, campos de caça e parques marcados por contornos de árvores frondosas, com desenhos de cervos e javalis eriçados. Não surpreende que Gregory tenha confundido a Nortúmbria com as Índias, pois os mapas são deficientes em todos os aspectos práticos; por exemplo, não dizem para que lado fica o Norte. Seria útil saber onde ficam as pontes e tomar nota da distância entre elas e quão longe estamos do mar. Mas o problema é: os mapas sempre são do ano anterior. A Inglaterra vive em remarcação, os penhascos se erodem, os bancos de areia se dissipam, fontes irrompem da terra morta. Elas se reagrupam enquanto dormimos, as paisagens que atravessamos, e até as histórias deixadas em nosso rastro; as faces dos mortos

desaparecem em outros rostos, como uma cadeia de montanhas na bruma.

Quando ele era pequeno, seis anos ou em torno disso, o aprendiz de seu pai estava fazendo pregos com restos de ferro: apenas pregos comuns de cabeça chata, ele dizia, para fechar tampas de caixão. Os bastões dos pregos se iluminavam na chama, um laranja intenso. “Por que trancamos os mortos com pregos?”

O rapaz mal interrompeu seu trabalho, achatando a cabeça de cada prego com duas destros marteladas. “É para que aqueles bichos horrorosos não saltem para fora e venham correndo atrás da gente.”

Mas ele agora compreende a diferença. São os vivos que dão meia-volta e perseguem os mortos. Os longos ossos e os crânios são sacudidos das mortalhas e palavras como pedras são enfiadas entre o tiritar de suas mandíbulas: nós editamos seus escritos, reescrevemos suas vidas. Thomas More espalhou o rumor de que o Pequeno Bilney, acorrentado ao poste, arrependeu-se quando a fogueira foi acesa. Ele não se contentou em tirar a vida de Bilney; ele teve de lhe tirar a morte também.

Hoje, More foi escoltado ao cadafalso por Humphrey Monmouth, que cumpria seu turno como xerife de Londres. Monmouth é um homem demasiado bom para se regozijar com o reverso da fortuna. Mas talvez possamos nos regozijar por ele?

More chega ao cepo, agora ele pode vê-lo. Está envolto numa grosseira capa cinza que ele recorda ter pertencido ao seu criado, John Wood. More está falando com o verdugo, aparentemente lhe fazendo alguma observação irônica, limpando a garoa do rosto e da barba. Despe a capa, cuja barra está ensopada da água da chuva. Ajoelha-se diante do bloco, os lábios se movem numa prece final.

Como todas as outras testemunhas, ele joga sua capa às costas e se ajoelha. Ao som nauseante do machado na carne, ele lança um olhar para o alto. O cadáver parece ter saltado para trás com o golpe, e desabou como uma pilha de roupas velhas — lá dentro, ele

sabe, as veias ainda pulsam. Ele faz o sinal da cruz. O passado se move pesadamente em seu interior, um deslocamento do chão.

“Pois bem, o rei”, ele diz. “De Gloucester, ele parte para Thornbury. Depois para a casa de Nicholas Poyntz em Iron Acton: por acaso Poyntz sabe em que ele está se metendo? De lá para Bromham...”

Nesse mesmo ano que se encerrou, um acadêmico estrangeiro escreveu uma crônica sobre a Bretanha que omite o rei Artur, alegando que ele jamais existiu. Um bom fundamento, se ele puder prová-lo; mas Gregory responde, não, ele está errado. Pois se estiver certo, o que acontecerá com Avalon? O que será da espada na pedra?

Ele ergue os olhos. “Rafe, você é feliz?”

“Com Helen?” Rafe cora. “Sim, senhor. Jamais houve homem mais feliz.”

“Eu sabia que seu pai mudaria de ideia, depois que a visse.”

“Tudo graças ao senhor.”

De Bromham — agora estamos no início de setembro — em direção a Winchester. Depois a Bishop’s Waltham, Alton, e de Alton a Farnham. Ele planeja a jornada, cruzando o país. O objetivo é ter o rei de volta a Windsor no início de outubro. Ele tem seu esboço de mapa cobrindo a página, a Inglaterra como um chuveiro de tinta; seu calendário, anotado com mão rápida, está abaixo. “Ao que parece, tenho quatro, cinco dias livres. Aí está. Quem disse que eu nunca tiro uma folga?”

Antes de “Bromham”, ele faz um ponto na margem e desenha uma longa seta através da página. “Bem, aqui, antes que partamos para Winchester, teremos tempo de sobra, e o que eu acho, Rafe, é que faremos uma visita à família Seymour.”

Ele anota.

Começo de setembro. Cinco dias. Wolf Hall.

Nota da autora

Em partes da Europa medieval, o ano novo oficial começava em 25 de março, Dia da Anunciação, a data em que, segundo a crença, um anjo anunciou a Maria que ela esperava o menino Jesus. Veneza adotou o 1º de janeiro como o começo do ano novo ainda em 1522, e outros países europeus a seguiram em diferentes momentos, mas a Inglaterra só aderiu em 1752. Neste livro, como na maioria das histórias, os anos são datados a partir de 1º de janeiro, que era celebrado como um dos doze dias de Natal e era o dia em que os presentes eram trocados.

Depois da morte de Wolsey, o cavalheiro George Cavendish se recolheu ao campo e, em 1554, quando Maria subiu ao trono, começou um livro, *Thomas Wolsey, falecido cardeal, sua vida e morte*. Foi publicado em muitas edições e pode ser encontrado online numa edição com ortografia original. Não é sempre preciso, mas é um relato muito tocante, imediato e legível sobre a carreira de Wolsey e o papel que Thomas Cromwell desempenhou nela. Sua influência em Shakespeare é clara. Cavendish levou quatro anos para concluir seu livro, e faleceu na mesma época em que Elizabeth subiu ao trono.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Delyth Neil, pelo galês, a Leslie Wilson, pelo alemão, e a uma senhora de Norfolk, pelo flamengo. A Guada Abale, por me emprestar uma canção. A Judith Flanders, por me ajudar quando eu não conseguia ir à British Library. Ao dr. Christopher Haigh, por me convidar para um esplêndido jantar na casa senhorial de Wolsey, em Christ Church. A Jan Rogers, por partilhar comigo uma peregrinação a Cantuária e uma bebida no Cranmer Arms, em Aslockton. A Gerald McEwen, por me conduzir por lá e por ser paciente com minhas preocupações. Ao meu agente, Bill Hamilton, e aos meus editores, pelo apoio e incentivo. Acima de tudo, à dra. Mary Robertson; sua atividade como pesquisadora tem como foco os fatos da vida de Cromwell, mas ela incentivou-me e emprestou-me seus conhecimentos durante a elaboração desta obra de ficção, foi paciente com minhas especulações inconvenientes e foi suficientemente gentil para reconhecer o retrato que eu criei. Dedico este livro a ela, com todo o meu agradecimento e afeto.



George Miles

Nascida em Glossop, Inglaterra, em 1952, **Hilary Mantel** é autora de catorze livros, incluindo o romance *A Place of Greater Safety* e as memórias *Giving Up the Ghost*. *Wolf Hall* é o primeiro volume de sua trilogia sobre Thomas Cromwell. Tanto *Wolf Hall* quanto sua sequência, *Tragam os corpos*, receberam o Man Booker Prize.

Wolf Hall © Tertius Enterprises Ltd., 2009

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa

Elisa v. Randow

imagem de capa

Hans Holbein (1497-1543). *Retrato de Henrique VIII da Inglaterra*, c.

1537 © Museo Nacional Thyssen-Bornemisza/ Scala, Florença,
2020

preparação

José Francisco Botelho

Silvia Massimini Felix

revisão

Jane Pessoa

Tomoe Moroizumi

Versão digital

Antonio Hermida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mantel, Hilary (1952-)
Wolf Hall: Hilary Mantel
Título original: *Wolf Hall*
Tradução: Heloísa Mourão
São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020
544 páginas

ISBN 978-65-5692-062-7

1. Literatura inglesa 2. Romance 3. Wolf Hall I. Mourão, Heloísa II. Título

CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa: Romance 823

todavia

Rua Luís Anhaia, 44
05433.020 São Paulo SP
T. 55 11. 3094 0500
www.todavialivros.com.br

1. Uma das quatro instituições de advocacia de Londres, ou Inns of Court. São escolas e associações de advocacia, dotadas de diversos prédios para alojamento, estudo e prática legal; a filiação é obrigatória a todos os estudantes de direito, advogados praticantes e juízes. [N. T.]

[««]

2. Arquivista-mor (*Master of the Rolls*): cargo que ainda subsiste na Inglaterra, de alta função judiciária. No século xvi, era encarregado de substituir o ministro em suas atribuições legais. [N. E.]

[««]

3. Decreto parlamentar do século xiv que criminalizava o apoio ou obediência à jurisdição “estrangeira”, isto é, papal, em território inglês; o objetivo do ato era reduzir o poder do Vaticano na política inglesa. [N. T.]

[««]

4. “Tal qual brota o azevinho/ E jamais perde a cor/ Sempre fui, eu também,/ Fiel a meu amor.// Verde brota o azevinho, assim também nasce a hera./ Mesmo quando o inverno sopra ventos bravios.// Tal qual brota o azevinho,/ Com a hera tão só,/ Quando flores não se veem/ E as folhas se tornam pó,/ Verde brota o azevinho.” [N. T.]

[««]

5. Durante os banquetes, era comum que se encenassem peças breves, chamadas interlúdios, entre as refeições. [N. T.]

[««]



Suíte Tóquio

Madalosso, Giovana

9786556920665

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

É uma manhã qualquer quando Maju atravessa a praça ao lado de Cora. Puxando a garota pelo braço, ela passa sorrateiramente pelo exército branco, sobe a avenida, pega um ônibus e desaparece. Exército branco foi o nome que Fernanda, mãe de Cora, deu às babás que todos os dias lotam a praça daquele bairro de classe alta com as crianças de seus patrões. Nos últimos tempos, no entanto, a babá e a filha parecem tão anônimas para Fernanda quanto as outras. Afundada numa crise pessoal, ela demora a perceber que Maju e Cora sumiram sem dar notícias. Ao longo do dia, tudo vai desabando. De um lado, Fernanda lida com o fracasso de seu casamento. Apaixonada por uma diretora com quem trabalhou num projeto cinematográfico, ela deixa a relação com o marido definhar. Quer distância de Cacá, mas conforme os primeiros telefonemas aflitos para a babá vão se transformando em desespero, se vê de novo afundando naquele universo. Enquanto isso, Maju vai até a rodoviária e desaparece num ônibus com Cora. Em meio a motéis imundos e paradas insólitas, põe em ação seu plano, que imediatamente sai do controle.

Neste romance pé na estrada, **Giovana Madalosso** coloca para girar, com força e fluidez, a vida dessas personagens que parecem

eternamente em busca — de ternura, redenção, sexo, qualquer coisa que possa movê-las de onde estão. O sequestro de Cora abala as engrenagens do passado e do presente, do desejo e do ressentimento, e a procura desesperada que se segue é também um doloroso acerto de contas com a vida e as expectativas que construímos.

Suíte Tóquio é um romance vertiginoso e tragicômico que fala daquele lugar tênue entre o que as pessoas querem ser e o que de fato são.

[Compre agora e leia](#)

O CADETE

A VIDA
DE JAIR BOLSONARO
NO QUARTEL

LUIZ
MAKLOUF
CARVALHO

E O CAPITÃO

....

O cadete e o capitão

Makloun Carvalho, Luiz

9786580309368

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma investigação sobre um momento controverso na trajetória de Jair Bolsonaro: o abandono da carreira militar e o ingresso na vida política.

Jair Bolsonaro tornou-se uma figura pública em 1986, quando assinou na revista *Veja* um artigo em que reclamava do baixo soldo pago aos militares. Um ano depois, nas páginas da mesma revista, reapareceu numa reportagem que revelava um plano de estourar bombas em locais estratégicos do Rio de Janeiro. A revista publicou um desenho que detalhava o plano. O croqui, supostamente de autoria do capitão, comprovaria a conspiração em curso no Exército. Instado a prestar contas, Bolsonaro foi considerado culpado no primeiro julgamento, e mais tarde inocentado pelo Superior Tribunal Militar (stm). Após a decisão da corte, deixou a farda, passou à reserva e ingressou na política. Esta é a reportagem mais completa já escrita sobre esse período pouco conhecido. O autor examinou a documentação do processo (reproduzida no livro) e escutou as mais de cinco horas de áudio da sessão secreta — ambos disponíveis no stm. Também entrevistou personagens que atuaram no caso, entre jornalistas de *Veja* e militares colegas de Bolsonaro. Além de reunir

indícios suficientes para apontar que a autoria do croqui, como sustentou Veja até o fim, era mesmo do capitão, Maklouf reconstituiu um episódio decisivo não apenas para a trajetória do presidente eleito em 2018, mas também para a redemocratização e o jornalismo no Brasil.

[Compre agora e leia](#)

Novelas completas

LIKISTO

*Felicidade conjugal
A morte de Ivan Ilitch
Sonata a Kreutzer
Padre Siérgui*

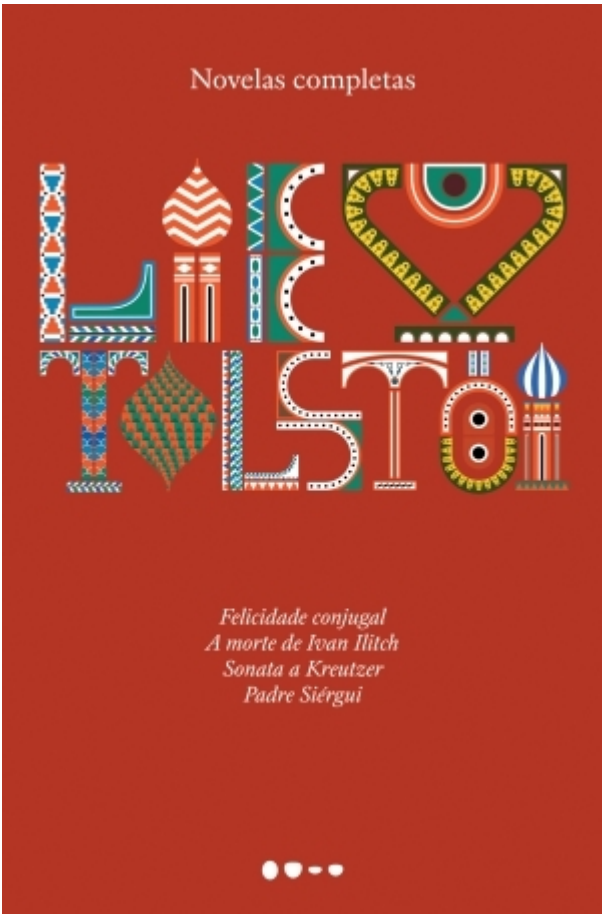
• • • • •

Novelas completas

LIKISTO

*Felicidade conjugal
A morte de Ivan Ilitch
Sonata a Kreutzer
Padre Siérgui*

• • • • •



Novelas completas

Tolstói, Liev

9786556920047

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

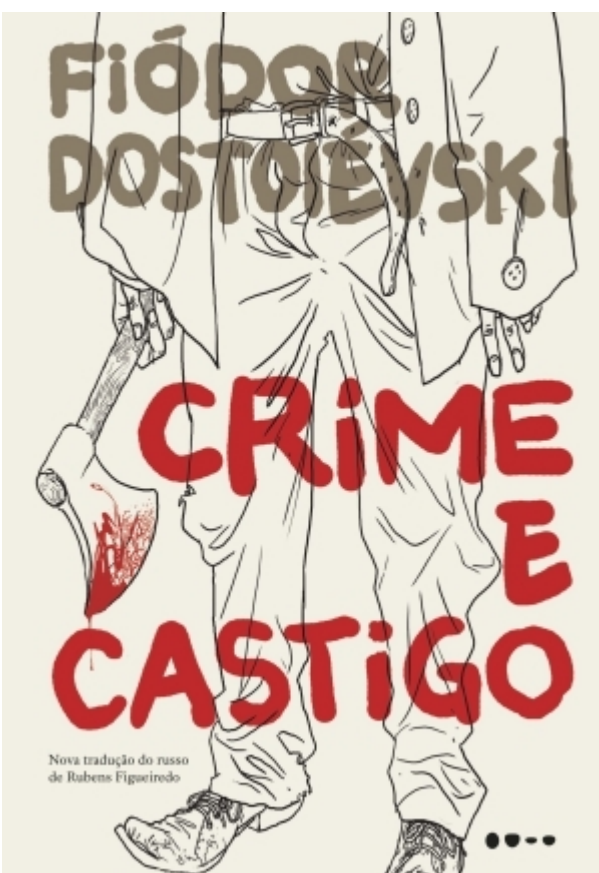
Liev Tolstói não se satisfaz apenas em escrever *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*, caudalosos e imortais romances da literatura universal. Com apenas um desses livros seu lugar já estaria garantido na posteridade. Mas o autor russo também foi um dos grandes praticantes da novela, esse gênero de ficção breve, a meio caminho entre o conto e o romance.

As quatro novelas aqui reunidas, com tradução e textos de apresentação de **Rubens Figueiredo**, são o melhor exemplo dessa arte rigorosa e fascinante. Estão entre os mais formidáveis capítulos da literatura de todos os tempos, pois apresentam, com profundidade e inteligência raras, a vida de seres humanos em sua totalidade.

Publicada quando **Tolstói** tinha 31 anos, *Felicidade conjugal* se concentra no casamento de uma adolescente com um amigo da família. Foi, para o escritor, um verdadeiro *tour de force*: a história é narrada pela jovem personagem Máchenka, algo que naquela época não era nada trivial. Suprema meditação sobre a finitude, *A morte de Ivan Ilitch* foi escrita quando o autor tinha 58 anos, era pai de treze filhos e se encontrava numa profunda crise pessoal. Trata-se da história de um juiz cuja vida é atravessada sem maiores

reflexões, e interrompida pela perspectiva de uma doença terminal. *Sonata a Kreutzer*, baseada em uma história real, foi motivo de controvérsia quando publicada, em 1890, chegando a ser banida de alguns países. O texto expõe, com riqueza de detalhes e longas descrições, um adultério e um crime passionai. Por fim, *Padre Siérgui*, cuja publicação só veio a lume depois da morte do autor, mostra o gosto de **Tolstói** pelas narrativas de vidas de santos. O protagonista, um nobre e militar, homem bem-sucedido também na vida sentimental, abandona tudo para se dedicar à vida monástica.

[Compre agora e leia](#)



Crime e Castigo

Dostoiévski, Fiódor

9788588808850

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nova tradução direto do russo, a cargo de Rubens Figueiredo, de um dos romances mais importantes e influentes de todos os tempos. Crime e castigo é a obra mais célebre de Dostoiévski e um dos romances fundamentais da literatura ocidental. Escrita entre 1865 e 1866, quando Dostoiévski tinha 45 anos, foi publicada em partes na revista Rússki Viéstnik [O Mensageiro Russo], a mesma que vinha publicando, na época, o romance Guerra e paz, de Liev Tolstói. A ideia do livro surgiu quando Dostoiévski propôs a Katkóv, editor da revista, redigir um "relato psicológico de um crime". Na obra, Raskólnikov, um rapaz sombrio e orgulhoso, retraído mas também aberto à observação humana, precisa interromper seus estudos por falta de dinheiro. Devendo o aluguel à proprietária do cubículo desconfortável em que vive, ele se sente esmagado pela pobreza. Ao mesmo tempo, acha que está destinado a um grande futuro e, desdenhoso da moralidade comum, julga ter plenos direitos para cometer um crime – o que fará de uma maneira implacável. Por meio da trajetória de Raskólnikov, Dostoiévski apresenta um testemunho eloquente da pobreza, do alcoolismo e das condições degradantes que empurram para o abismo anônimos nas grandes cidades. O personagem tem a convicção de que fins humanitários

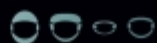
podem justificar um crime, mas conviver com a culpa será um pesadelo permanente. Ainda assim, a tragédia não exclui a perspectiva de uma vida luminosa, e o castigo pelo crime vai lhe abrir um longo caminho em direção à verdade. Thomas Mann julgava Crime e castigo "o maior romance policial de todos os tempos". Como ele, a crítica é unânime em considerar a obra um marco da análise psicológica na ficção ocidental. Em nova tradução do russo por Rubens Figueiredo, o clássico ressurgue em todo seu esplendor, sua originalidade e seu inesgotável caráter moral.

[Compre agora e leia](#)

VINICIUS TORRES FREIRE

Três pragas do vírus

**Política internacional,
dívida e desemprego
na pandemia**



Três pragas do vírus

Freire, Vinicius Torres

9786556920108

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os últimos anos viram mudanças profundas nas relações de trabalho, no papel do Estado e no sempre delicado quebra-cabeça das relações internacionais. A pandemia de Covid-19 lançou uma pedra nessa vidraça, forçando uma reconfiguração acelerada do mundo, que terá novos caminhos e escolhas a traçar. Nestes três ensaios, o jornalista Vinicius Torres Freire mostra como as ideias de cooperação internacional, dívida estatal e trabalho — agora ainda mais intimamente ligadas — estarão no centro do mundo que poderá emergir da pandemia. Com rigor, erudição e urgência, o autor aponta os desafios que teremos daqui para a frente, bem como os erros que cometemos no passado e as maneiras de evitá-los nesse futuro que começa a se anunciar.

[Compre agora e leia](#)